

O FIM DO HOMEM SOVIÉTICO

UM TEMPO DE DESENCANTO



SVETLANA ALEKSIEVITCH



CONSIDERADO EM FRANÇA O LIVRO DO ANO 2013



© Margarita Kabakova

Svetlana Aleksievitch, conceituada escritora e jornalista, nasceu em 1948 em Minsk, na Bielorrússia. Os seus livros estão traduzidos em 22 línguas e foram já adaptados a peças de teatro e documentários. Considerada uma das autoras mais prestigiadas a escrever sobre a URSS, os seus trabalhos têm recebido uma enorme aceitação por parte da crítica, tendo sido galardoados com importantes prémios internacionais, como o Erich Maria Remarque Peace Prize, em 2001, e o National Book Critics Circle Award, em 2006. O seu mais recente livro, *O Fim do Homem Soviético*, recebeu o Prémio Médicis Ensaio, em 2013, e foi considerado o Melhor Livro do Ano pela revista *Lire*.

O Fim do Homem Soviético

Svetlana Aleksievitch

Publicado em Portugal por
Porto Editora
Divisão Editorial Literária – Lisboa
E-mail: dellisboa@portoeditora.pt

Título original:

Время Секонд Хэнд

(Vrémia Second Hand)

© 2012, Svetlana Aleksievitch

Tradução: António Pescada

Design da capa: Manuel Pessoa
Fotografia da capa: © Andrei Liankevich

1.ª edição em papel: abril de 2015

Este livro respeita as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

 **Porto
Editora**

Rua da Restauração, 365
4099-023 Porto | Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-972-0-68565-0

« A vítima e o carrasco eram igualmente abomináveis, e a lição dos campos de trabalhos é que aquilo era uma fraternidade da degradação.»

DAVID ROUSSET, *Os Dias da Nossa Morte*

« Em todo o caso, devemos recordar que a responsabilidade pela vitória do mal no mundo não é em primeiro lugar dos seus executantes cegos, mas dos espíritos lúcidos que servem o bem.»

F. STEPUN, *O Que Foi e o Que Poderia Ter Sido*

Notas de uma cúmplice

Despedimo-nos dos tempos soviéticos. Dessa nossa vida. Tentarei escutar honestamente todos os participantes do drama socialista...

O comunismo tinha um plano louco – transformar o homem « antigo », o vetusto Adão. E isso foi conseguido... foi talvez a única coisa que se conseguiu. Em pouco mais de setenta anos, no laboratório do marxismo-leninismo criou-se um tipo humano especial – o *Homo sovieticus*. Há quem considere que essa é uma personagem trágica; outros chamam-lhe *sovok*¹. Eu acho que conheço esse homem, que o conheço muito bem, estou ao lado dele, vivi muitos anos ombro a ombro com ele. Ele sou eu. São os meus conhecidos, os meus amigos, os meus progenitores. Durante alguns anos viajei por toda a anterior União Soviética, porque o *Homo sovieticus* não são apenas os Russos, são também os Bielorrussos, os Turcomanos, os Ucrânianos, os Cazaques... Agora vivemos em Estados distintos, falamos línguas diferentes, mas somos inconfundíveis.

Imediatamente reconhecíveis! Todos nós, gente do socialismo, somos parecidos com as outras pessoas e diferentes delas – temos o nosso dicionário, a nossa compreensão do bem e do mal, dos heróis e dos mártires. Temos uma relação especial com a morte. Nas histórias que eu escrevo, há palavras que ferem constantemente o ouvido: « disparar », « fuzilar », « liquidar », « pôr em circulação » ou variantes soviéticas de « desaparecimento » como: « detenção », « dez anos sem direito de correspondência », « emigração ». Quanto pode valer uma vida humana, se nos lembramos de que ainda há pouco morreram milhões? Estamos cheios de ódio e de preconceitos. Tudo vem de lá, de onde havia o GULAG² e a guerra medonha. Coletivização, deskulakização, deslocação das populações...

Isto era o socialismo e era simplesmente a nossa vida. Nesse tempo pouco falávamos dela. Mas agora, que o mundo mudou irrevogavelmente, essa nossa vida tornou-se interessante para todos – não importa como ela fosse, era a nossa vida. Escrevo, procuro nos grãosinhos, nas migalhas da história do socialismo

« doméstico» ... « interior» . A maneira como ele vivia na alma humana. Atraí-me sempre esse pequeno espaço – a pessoa... uma pessoa. Na verdade, é aí que tudo acontece.

Porque é que há no livro tantos relatos de suicídios, e não dos soviéticos comuns, com biografias soviéticas comuns? Afinal de contas as pessoas também se suicidam por amor, por velhice, sem mais nem menos, por interesse, pelo desejo de descobrir o segredo da morte... Procurei aqueles em quem cresceu firmemente a ideia, que a interiorizaram de um modo impossível de erradicar – o Estado tornou-se o seu cosmos, substituiu tudo, até a sua própria vida. Não conseguiam sair da grande história, despedir-se dela, ser felizes de outro modo. Mergulhar... perder-se na existência privada, como acontece atualmente, em que o pequeno se tornou grande. O homem quer apenas viver, sem uma grande ideia. Isso nunca aconteceu na vida russa, nem a literatura russa conhece isso. Em geral nós somos gente guerreira. Ou combatíamos, ou preparávamo-nos para a guerra. Nunca vivemos de outro modo. Daí a psicologia militar. E mesmo na vida de paz tudo acontecia de um modo militar. Soava o tambor, soltavam-se as bandeiras... o coração saltava do peito... o homem não notava a sua escravidão, até gostava dela. Também eu me lembro: depois da escola, toda a classe se reunia para ir para as terras virgens, desprezávamos aqueles que se recusavam, lamentávamos até às lágrimas que a revolução, a guerra civil – tudo acontecesse sem a nossa participação. Olhamos para trás: será possível que fôssemos nós? Que fosse eu? E recordei tudo isso juntamente com os meus heróis. Um deles disse: « Só o homem soviético pode compreender o homem soviético.» Éramos pessoas que só tínhamos memória comunista. Vizinhos pela memória.

O meu pai recordava que pessoalmente passou a acreditar no comunismo depois do voo de Gagárin. Somos os primeiros! Podemos fazer tudo! Era assim que ele e a minha mãe nos educavam. Eu fui outubrista³, usava o emblema com o menino de cabelos frisados, fui pioneira, *komsomolka*. A desilusão veio mais tarde.

Depois da *perestroika* esperávamos que abrissem os arquivos. Abriam-nos. Ficámos a saber a história que escondiam de nós.

« Devemos atrair para nós noventa ou cem milhões que povoam a Rússia Soviética. Com os restantes não devemos falar – é preciso exterminá-los» (Zinóviev, 1918).

« Enforcar (sem falta, enforcar, para que o povo veja) não menos de mil *kulaks* presos, que enriquecem... tirar-lhe todos os cereais, designar reféns... De

tal modo que a cem quilómetros em redor o povo veja e trema...» (Lenine, 1918).

« Moscovo está literalmente a morrer de fome» (professor Kuznetsov para Trotski). « Isso não é fome. Quando Tito ocupou Jerusalém, as mães judias comiam os seus filhos. Quando eu forçar as vossas mães a comerem os seus filhos, então pode vir ter comigo e dizer: “Temos fome”» (Trotski, 1919).

As pessoas liam os jornais e as revistas e calavam-se. Sobre elas caiu um horror insuportável! Como viver com isto? Muitos receberam a verdade como um inimigo. E a liberdade também. « Não conhecemos o nosso país. Não sabemos em que pensa a maioria das pessoas, vemo-las, encontramos-las todos os dias, mas não sabemos em que pensam, nem o que querem. Mas temos a ousadia de lhes ensinar. Depressa saberemos tudo, e ficaremos horrorizados», dizia um conhecido meu, com quem muitas vezes me sentava a conversar na minha cozinha. Eu discutia com ele. Isto acontecia em noventa e um... Tempo feliz! Acreditávamos que no dia seguinte, literalmente amanhã, começaria a liberdade. Começaria do nada, dos nossos desejos.

Dos *Cadernos de Apontamentos* de Chalámov: « Participei de uma grande batalha perdida por uma verdadeira atualização da vida.» Isto foi escrito por um homem que passou dezassete anos de detenção nos campos estalinistas. A nostalgia do ideal manteve-se... Eu dividiria as pessoas soviéticas em quatro gerações: estalinista, khrushovista, brejnevista e gorbachovista. Pessoalmente, pertença à última. Para nós era mais fácil aceitar o colapso da ideia comunista, porque não vivemos no tempo em que a ideia era jovem, forte, sem a perda da magia do romantismo fatal e das esperanças utópicas. Crescemos no tempo dos velhos do Kremlin. Nos magros tempos vegetarianos. O grande sangue do comunismo já estava esquecido. O entusiasmo continuava os seus desmandos, mas conservava-se o conhecimento de que não era possível aplicar a utopia na vida.

Isto aconteceu durante a Primeira Guerra da Chechénia... Conheci em Moscovo, numa estação de caminho de ferro, uma mulher que era das proximidades de Tambov e estava de partida para a Chechénia, com o objetivo de tirar o filho da guerra: « Não quero que ele morra. Não quero que ele mate.» O Estado já não dominava a alma dela. Era uma pessoa livre. Eram poucas as pessoas assim. A maioria eram aqueles a quem a liberdade irritava: « Comprei quatro jornais e cada um deles tem a sua verdade. Onde está então a verdade? Dantes líamos de manhã o jornal *Pravda* e sabíamos tudo. Compreendíamos tudo.» As ideias saíam lentamente de sob a narcose. Se eu iniciava uma

conversa acerca do arrependimento, ouvia em resposta: «De que devo eu arrepender-me?» Cada qual se considerava vítima, mas não participante. Um dizia: «Eu também estive preso.» O segundo dizia: «Eu combati.» E um terceiro: «Levantei a minha cidade das ruínas, acartava tijolos dia e noite.» Isto era completamente inesperado: todos bêbedos de liberdade, mas não preparados para a liberdade. E onde estava ela, a liberdade? Só na cozinha, onde por hábito continuavam a criticar o poder. Criticavam Eltsin e Gorbatchov. Eltsin porque traíra a Rússia. E Gorbatchov? Gorbatchov porque traíra tudo. Todo o século XX. E agora, o nosso país será igual aos outros. Será como todos. Pensavam que desta vez se conseguiria.

A Rússia mudara e odiava-se a si mesma por ter mudado. «O Mongol imóvel», escreveu Marx acerca da Rússia.

Civilização soviética... Apresso-me a registar os seus vestígios. As caras conhecidas. Interrogo não acerca do socialismo, mas acerca do amor, do ciúme, da infância, da velhice. Sobre a música, as danças, os penteados. Sobre os mil pormenores da vida que desaparecia. Este é o único meio de dirigir a catástrofe para o quadro do habitual e tentar contar alguma coisa. Adivinhar alguma coisa. Não paro de me espantar com a maneira como a vida humana comum é interessante. Com a interminável quantidade das verdades humanas... A história interessa-se apenas pelos factos, e as emoções ficam fora de bordo. Não é costume admiti-las na história. Mas eu olho para o mundo com os olhos de uma humanista e não de uma historiadora. Fico surpreendida com a pessoa...

O meu pai já não é deste mundo. E eu não posso terminar uma das nossas conversas... Dizia que morrer na guerra era mais fácil para ele do que para os rapazes que agora morrem na Chechénia. Nos anos quarenta, iam de um inferno para outro inferno. Antes da guerra, o meu pai estudou em Minsk, no Instituto de Jornalismo. Lembrava-se de que quando voltavam das férias, muitas vezes já não encontravam um único professor conhecido, estavam todos presos. Eles não compreendiam o que se passava, mas era horrível. Horrível, como na guerra.

Tive poucas conversas francas com o meu pai. Ele tinha pena de mim. E eu, tinha pena dele? Tenho dificuldade em responder a esta pergunta... Éramos implacáveis com os nossos pais. Parecia-nos que a liberdade era uma coisa muito simples. Passou algum tempo, e nós próprios nos curvamos sob o peso dela, porque ninguém nos ensinou a liberdade. Ensinaram-nos apenas como morrer pela liberdade.

Ei-la, a liberdade! É como a esperávamos? Estávamos prontos para morrer pelos nossos ideais, para combater na batalha. Mas começou uma vida

tchekhoviana. Sem história. Ruíram todos os valores, menos o valor da vida. Da vida em geral. Novos sonhos: construir uma casa, comprar um bom carro, plantar uma groselheira... A liberdade revelou-se a reabilitação da pequena burguesia, habitualmente maltratada na vida russa. Liberdade de Sua Majestade o Consumo. Majestade das trevas. Trevas dos desejos, dos instintos – da vida humana oculta, da qual fazíamos uma ideia aproximada. Toda a história sobrevivemos, mas não vivemos. E agora a experiência militar já não era necessária, era preciso esquecê-la. Milhares de novas emoções, estados, reações... De súbito tudo em redor como que se tornou diferente: as tabuletas, as coisas, o dinheiro, a bandeira... E até o próprio homem. Tornou-se mais colorido, solto, explodiram o monólito, e a vida espalhou-se em ilhas, átomos, células.

Como em Dalh⁴: liberdade-vontade, liberdadezinha ampla... vastidão. O grande mal tornou-se uma lenda distante, um romance de suspense político. Já ninguém falava de ideias, falavam de créditos, de juro, de letras, não ganhavam dinheiro a trabalhar, mas «faziam-no» em «jogadas». Seria por muito tempo? «A mentira do dinheiro na alma russa impoluta», escreveu Marina Tsvetáeva. Mas parece que os heróis de Ostrovski⁵ e de Saltikov-Schedrin⁶ ganharam vida e se passeiam pelas nossas ruas.

A todas as pessoas com quem me encontrei, perguntava: «O que é a liberdade?» Pais e filhos respondiam de modos diferentes. Aqueles que nasceram na URSS e os que já não nasceram na URSS têm experiências distintas. São pessoas de planetas diferentes.

Os pais: a liberdade é a ausência de medo; três dias em agosto, quando vencemos o golpe; uma pessoa que escolhe numa loja entre cem variedades de salame é mais livre do que a pessoa que escolhe entre dez variedades; não ser espancado, mas nunca chegaremos às gerações não espancadas; o homem russo não compreende a liberdade, precisa do cossaco e do látigo.

Os filhos: a liberdade é o amor; a liberdade interior, um valor absoluto; quando não temos medo dos nossos desejos; ter muito dinheiro, e nesse caso teremos tudo; quando se pode viver de tal maneira que não se pensa na liberdade. A liberdade é o normal.

Procuro uma linguagem. O homem tem muitas linguagens: a linguagem que usa com os filhos, e mais uma, a do amor... Há ainda a linguagem a que recorremos quando falamos connosco mesmos, quando travamos diálogos interiores. Na rua, no trabalho, nas viagens – por todo o lado se ouve qualquer coisa diferente, mudam não apenas as palavras, mas qualquer coisa mais. Uma

pessoa até de manhã e à tarde fala de modos diferentes. E aquilo que acontece durante a noite entre duas pessoas desaparece por completo da história. Tratamos apenas da história do homem diurno. O suicídio é um tema noturno, a pessoa encontra-se no limite da existência e da não existência. Do sono. Quero entender isto com a precisão da pessoa diurna. Disseram-me: « Não tem medo de que isso lhe agrade?»

Seguimos pela estrada de Smolensk Paramos numa aldeia ao lado de uma loja. Uns conhecidos (eu própria cresci nesta aldeia), uns rostos bonitos, bondosos, e em redor uma vida humilhante, pobre. Conversámos acerca da vida. « Pergunta-me sobre a liberdade? Entre na nossa loja: vodka, há toda a que se queira: *Standart, Gorbachov Putinka*, salame à farta, e queijo, e peixe. Até há bananas. De que outra liberdade precisa? Esta para nós é suficiente.» « E deram-lhes terra?» « Quem é que vai mourejar nela? Se a queres, toma-a. Aqui só o Vaska Krutoi aceitou. O filho mais novo tem oito anos e anda atrás do arado ao lado do pai. Se fores trabalhar para ele, não penses em juntar algum dinheiro, ele nem dorme. É um fascista!»

Na « Lenda do Grande Inquisidor » de Dostoievski⁷ há uma discussão sobre a liberdade. Diz-se que o caminho da liberdade é difícil, sofrido, trágico... « Para quê conhecer esse diabo desse bem e desse mal, se isso custa tanto?» O homem tem sempre que escolher: a liberdade ou o bem-estar e a organização da sua vida, a liberdade com sofrimento ou a felicidade sem liberdade. E a maioria das pessoas segue por esse segundo caminho.

O Grande Inquisidor diz a Cristo, que voltou à Terra:

« Porque vieste cá incomodar-nos? Porque tu vieste incomodar-nos e sabes isso muito bem...»

« Ao respeitá-lo [ao homem], tu procedeste como se tivesses deixado de sentir compaixão por ele, porque existe demasiado dele... Ao respeitá-lo menos, exigias-lhe menos, e isso estaria mais perto do amor, pois o fardo dele seria mais leve. Ele é fraco e vil... Que culpa tem a alma fraca, se é incapaz de juntar em si tão terríveis dons?»

« Não há preocupação mais constante e torturante para o homem do que, ao ficar livre, procurar depressa alguém diante de quem se inclinar... a quem transmitir depressa o dom da liberdade com que esse ser infeliz nasce...»

Nos anos noventa... sim, éramos felizes, e essa nossa ingenuidade já nunca mais volta. Parecia-nos que a escolha estava feita, que o comunismo tinha perdido sem apelo. Mas tudo estava apenas a começar...

Passaram-se vinte anos... « Não nos assustem com o socialismo », dizem os

filhos aos pais.

De uma conversa com um professor universitário meu conhecido: « No final dos anos noventa os estudantes riam-se quando eu recordava a União Soviética; estavam confiantes de que à sua frente se abria um novo futuro. Agora o quadro é diferente... Os estudantes de hoje já descobriram, já sentiram o que é o capitalismo – a desigualdade, a pobreza, a riqueza descarada, têm diante dos olhos a vida dos pais para quem nada restou do país saqueado. Sonham com a sua revolução. Usam camisolas vermelhas com retratos de Lenine e de “Che” Guevara.»

Cresceu na sociedade o interesse pela União Soviética. Pelo culto de Estaline. Metade dos jovens dos dezanove aos trinta anos consideram Estaline « o maior dirigente político ». Num país em que Estaline liquidou tantas pessoas como Hitler, um novo culto de Estaline?! Tudo o que é soviético está outra vez na moda. Por exemplo, os cafés « soviéticos » – com nomes soviéticos e pratos soviéticos. Surgiram os bombons « soviéticos » e o salame « soviético » – com o cheiro e o sabor nossos conhecidos desde a infância. E, é claro, a vodca « soviética ». Na televisão há dezenas de transmissões e na Internet dezenas de *sites* nostálgicos « soviéticos ». Podem fazer-se visitas turísticas aos campos estalinistas – em Solovka, em Magadan. O anúncio promete que para mais completa sensação fornecem um fato do campo e uma picareta. Mostram os barracões restaurados. E no final organizam uma pescaria...

Renascem ideias antiquadas: sobre o Grande Império, sobre a « mão de ferro », « sobre a via russa especial » ... Reapareceu o hino soviético, há o Komsomol, mas chama-se simplesmente « Nachi » (os « Nossos »), há o partido do poder, que copia o Partido Comunista. O presidente tem um poder como o do secretário-geral. Absoluto. Em vez do marxismo-leninismo, a religião ortodoxa.

Antes da revolução de 1917, Aleksandr Grin escreveu: « E o futuro parece ter deixado de estar no seu lugar. » Passaram cem anos, e de novo o futuro não está no seu lugar. Chegou um tempo em segunda mão. A barricada é um lugar perigoso para um artista. Uma armadilha. Ali estraga-se a vista, obscurece a íris, o mundo perde a cor. Na barricada, o mundo é a preto e branco. Dali já não se distingue o homem, vê-se apenas um ponto negro – um alvo. Passei toda a vida nas barricadas e queria sair de lá. Aprender a alegrar-me com a vida. Recuperar a visão normal. Mas dezenas de milhares de pessoas saem de novo para as ruas. Dão-se as mãos, trazem fitas brancas nos blusões, símbolo do renascimento. Há cor. E eu estou com elas.

Encontrei nas ruas jovens com a foice e o martelo e o retrato de Lenine nas

camisolas. Saberão eles o que é o comunismo?

1 Designação depreciativa do regime soviético e de tudo o que com ele se relaciona. *(N. do T)*

2 Ou simplesmente Gulag. Acrónimo da designação russa: Upravlénie Ispravitelno-trudovikh Lagueri (Direção Central dos Campos de Trabalho Correccional). *(N. do T)*

3 Outubrista: primeira forma de organização das crianças, que a seguir entravam para os Pioneiros e mais tarde para o Komsomol, a juventude comunista. *(N. do T)*

4 Vladímir Dalh (1801-1872), autor de um dos maiores e mais conhecidos dicionários da língua russa. *(N. do T)*

5 Aleksandr Ostrovski (1823-1886), grande dramaturgo russo, autor de mais de quarenta peças teatrais. *(N. do T)*

6 Mikhail Saltikov-Schedrin (1826-1889), escritor satírico russo, autor, entre outras obras, do romance *A Família Golovliov*, editado pela Relógio d'Água, com tradução de Manuel de Seabra. *(N. do T)*

7 In *Os Irmãos Karamázov*, Segunda Parte, Livro Quinto, Capítulo V. *(N. do T)*

PARTE I

CONSOLAÇÃO PELO APOCALIPSE

**As vozes da rua
e as conversas na cozinha
(1991-2001)**

O PARVO IVÁNUCHKA E O PEIXINHO DOURADO

« O que eu percebi? Percebi que os heróis de um tempo raramente são heróis de outro tempo. Exceto o parvo Ivánuchka. E o Emilinho. Os heróis preferidos dos contos russos. Os nossos contos são sobre a sorte, sobre um momento de sucesso. Sobre a espera de uma ajuda miraculosa, para que tudo nos venha parar à boca por si mesmo. Ficar deitado em cima do forno e conseguir tudo. Que o forno coza as panquecas por si mesmo, e o peixinho dourado realize todos os nossos desejos. Quero isto e quero aquilo. Quero a Bela Princesa! E quero viver num outro reino – com rios de leite e margens de xarope. Somos uns sonhadores, é claro. A alma esforça-se e sofre, mas o assunto pouco avança, porque as forças já não chegam para ele. O assunto está parado. A alma russa é enigmática... Todos tentam compreendê-la... leem Dostoiévski... Que alma é essa deles? Mas nós, atrás da alma, temos apenas a alma. Gostamos de conversar na cozinha, de ler um livro na cozinha. Principal profissão: leitor. Espectador. E ao mesmo tempo, a sensação de sermos especiais, excepcionais, embora não existam para isso quaisquer fundamentos, além do petróleo e do gás. Por um lado, é isso que nos impede de mudar a vida, mas, por outro, dá uma sensação de significado. Paira sempre no ar a ideia de que a Rússia deve criar, mostrar ao mundo qualquer coisa de extraordinário, que saia do vulgar. Um povo escolhido por Deus. Uma via russa especial. A todo o momento vemos Oblomov, deitados no sofá à espera de um milagre. Mas não vemos Stoltz⁸. Desprezamos os Stoltz ativos, despachados, porque derrubaram o nosso adorado bosque de bétulas, o nosso cerejal. Constroem ali fábricas, fazem dinheiro. Os Stoltz são-nos estranhos...»

« A cozinha russa... A modesta cozinha khrushoviana de nove por doze

(com sorte!) metros quadrados, atrás da fina parede da casa de banho. Planeamento soviético. No parapeito da janelinha, cebola em boiões de maionese, um vaso com aloés contra a constipação. No nosso país, a cozinha não é apenas o lugar para preparar os alimentos, é também sala de jantar, sala de visitas, gabinete, tribuna. O lugar para sessões coletivas de psicoterapia. No século XIX toda a cultura russa vivia nas casas apalaçadas, mas no século XX vivia nas cozinhas. E na *perestroika* também. Toda a vida dos anos sessenta foi uma vida de “cozinha”. Obrigado, Khrushchov! Foi no tempo dele que começámos a sair dos apartamentos comunitários, a ter cozinhas individuais, onde se podia dizer mal do Governo e principalmente não ter medo, porque na cozinha era tudo gente nossa. Ali nasciam ideias, projetos fantásticos. Contavam-se anedotas... As anedotas floresciam! Comunista era aquele que lia Marx, o anticomunista era aquele que o compreendia. Crescemos na cozinha, e os nossos filhos também, ouviam connosco Galitch e Okudjava.

Reproduzíamos Vissotski⁹. Captávamos a BBC. Falava-se de tudo: de como tudo estava horrível, do sentido da vida, da felicidade para todos. Lembro-me de um caso engraçado... Uma vez estivemos até depois da meia-noite e a nossa filha, que tinha doze anos, adormeceu ali mesmo num pequeno sofá. E nós discutíamos em voz alta. Ela, por entre o sono, grita-nos: “Já chega de política! Outra vez Sákharov... Soljenitsin... Estaline...” (*Ri-se.*)

O interminável chá. O café. A vodca. E nos anos setenta bebíamos rum cubano. Todos adorávamos o Fidel! A Revolução Cubana! O “Che” com a sua boina. Um belo homem, hollywoodesco. Uma tagarelice sem fim. O medo de que nos escutassem, por certo que nos escutavam. A meio da conversa era fatal que alguém olhasse para o lustre ou para a tomada de corrente e, rindo-se, dissesse: “Está a ouvir, camarada major?” Como um risco... como um jogo... Tínhamos mesmo alguma satisfação nesta vida fictícia. Um número insignificante de pessoas resistia abertamente, a maioria eram “dissidentes de cozinha”. A fazer figas na algebeira...»

«Agora é vergonha ser pobre, não ser desportivo... Não tens êxito, e pronto. Eu sou da geração dos porteiros e vigilantes. Havia este meio de emigração interna. Vivemos sem reparar no que se passa à volta, como a paisagem para lá da janela. Eu e a minha mulher terminámos a Faculdade de Filosofia da Universidade de Petersburgo (então Leninegrado), ela empregou-se como porteira, eu como fogueiro na casa das caldeiras. Trabalha-se um dia inteiro, e fica-se em casa dois dias. Nesse tempo, um engenheiro recebia cento e trinta

rublos, e eu, como fogueiro, recebia noventa, ou seja, aceitava perder quarenta rublos, mas em contrapartida obtinha uma liberdade absoluta. Líamos livros, líamos muito. Conversávamos. Pensávamos que produzíamos ideias. Sonhávamos com a revolução, mas receávamos não chegar lá. De um modo geral levávamos uma vida fechada, não sabíamos nada do que se passava no mundo. Éramos “plantas de interior”. Pensávamos em tudo, como depois de verificou, fantasiávamos: o Ocidente, o capitalismo e o povo russo. Vivíamos de miragens. Uma Rússia como a que havia nos livros e nas nossas cozinhas nunca existiu. Só nas nossas cabeças.

Com a *perestroika* tudo acabou... Surgiu o capitalismo... Os noventa rublos tornaram-se uma dezena de dólares. Com eles era impossível viver. Saímos das cozinhas para a rua, e então verificou-se que não tínhamos ideias, limitámo-nos a ficar sentados e a conversar todo aquele tempo. Vindas de qualquer parte, apareceram pessoas completamente diferentes – jovens de casaco encarnado e com anéis de ouro. E com novas regras do jogo: se tens dinheiro, és gente, se não tens dinheiro, não és ninguém. A quem interessa que tenhas lido todo o Hegel? “Humanísticas”, soava como um diagnóstico. Como quem diz, não conseguimos mais do que segurar nas mãos um volumezinho de Mandelstam ¹⁰. Descobriu-se muita coisa desconhecida. A intelectualidade ficou reduzida à miséria. No nosso parque, nos dias de descanso, os adeptos de Crixena instalavam uma cozinha de campanha e distribuíam sopa e qualquer coisa mais como simples segundo prato. Formava-se uma tão grande bicha de velhos bem compostinhos que provocava um nó na garganta. Alguns deles escondiam a cara. Por essa altura, nós tínhamos dois filhos pequenos. Passávamos fome de maneira natural. Eu e a minha mulher começámos a fazer negócios. Íamos à fábrica buscar quatro ou cinco caixas de gelados e íamos para o mercado, onde havia muita gente. Não existiam frigoríficos, ao fim de algumas horas os gelados derretiam e escorriam. Então distribuíamo-los aos miúdos famintos. Que alegria! A minha mulher vendia, e eu ora segurava, ora transportava as caixas – estava disposto a fazer tudo o que fosse preciso, mas não a vender. Durante muito tempo sentia-me desconfortável.

Dantes recordava muitas vezes a nossa “vida de cozinha”... Que amor! Que mulheres! Essas mulheres desprezavam os ricos, era impossível comprá-las. Mas agora ninguém tem tempo para os sentimentos – andam todos a ganhar dinheiro. A descoberta do dinheiro foi como a explosão de uma bomba atômica...»

« No tempo de Gorbatchov... Enormes multidões de pessoas de caras felizes. Li-ber-da-de! Era o que todos respiravam. Os jornais vendiam-se em grande quantidade. Era um tempo de grandes esperanças – não tarda temos aí o paraíso. A democracia era um animal nunca visto por nós. Corríamos como loucos para os comícios: agora vamos conhecer toda a verdade acerca de Estaline, do Gulag, vamos ler *Os Filhos da Rua Arbat* de Ribakov e outros bons livros proibidos, e tornamo-nos democratas. Que enganados estávamos! De todos os postos de rádio gritavam a mesma verdade... Depressa, depressa! Leiam! Oçam! Nem todos estavam preparados para isto... A maioria das pessoas não tinha espírito antissoviético, só queriam uma coisa – viver bem. Que fosse possível comprar calças de ganga, um vídeo, e o sonho máximo, um automóvel! Todos queriam roupas coloridas, comida saborosa. Quando cheguei a casa com o *Arquipélago Gulag* de Soljenítsin, a minha mãe ficou horrorizada: “Se não sais imediatamente daqui com esse livro, ponho-te fora de casa.” Antes da guerra fuzilaram o marido da minha avó, mas ela dizia: “Não tenho pena do Vaska. Foi preso justamente. Por ter a língua comprida.” “Avó, porque é que nunca me contaste nada?”, perguntei-lhe. “Deixar que a minha vida acabe comigo, para que vocês não sofram.” Assim viviam os nossos pais e os pais deles. Tudo era como que passado a ferro. A *perestroika* não foi feita pelo povo, foi feita por um homem – Gorbatchov. Gorbatchov e um punhado de intelectuais.»

« Gorbatchov é um agente secreto americano... Um maçónico... Traiu o comunismo. Atirou os comunistas para o lixo, os membros do Komsomol para a estremeira! Odeio Gorbatchov porque me roubou a minha pátria. Conservo o passaporte soviético como a coisa mais preciosa. Sim, ficávamos na bicha para comprar uns frangos azulados e umas batatas podres, mas era uma pátria. Eu amava-a. Vocês viviam no “Alto Volta com mísseis”. Mas eu vivia num grande país. Para o Ocidente, a Rússia é sempre o inimigo, têm medo dela. É um osso atravessado na garganta. Ninguém quer uma Rússia forte, com os comunistas ou sem eles. Olham para nós como para um depósito – de petróleo, de gás, de florestas e metais leves. Trocámos o petróleo por calças de ganga. E tínhamos uma civilização sem trapos, nem essas coisas. A civilização soviética! Fazia jeito a alguém que ela não existisse. Uma operação da CIA. Já somos governados pelos Americanos. Pagaram bem por isso a Gorbatchov... Mais cedo ou mais tarde ele será julgado. Espero que esse judas viva até à ira do povo. De bom grado eu lhe dava um tiro na nuca no polígono de Butovskí. (*Dá um murro na mesa.*) Começou a felicidade, foi? Apareceram os salames e as bananas.

Agitamó-nos na merda e só comemos coisas estrangeiras. Em vez da pátria, um grande supermercado. Se a isto se chama liberdade, eu não quero esta liberdade. Bah! Puseram o povo abaixo do soallo, somos uns escravos. Escravos! Com os comunistas, uma cozinheira, como dizia Lenine, dirigia o Estado: os operários, as ordenhadoras, as tecedeiras – e agora no Parlamento estão os bandidos. Milionários em dólares. Deviam era estar na prisão, e não no Parlamento. Enganaram-nos com a *perestroika!*

Eu nasci na URSS, e gostava de lá estar. O meu pai era comunista, ensinou-me a ler no jornal *Pravda*. Todos os dias de festa ia com ele às manifestações. Com lágrimas nos olhos... Eu fui pioneiro, usava o lenço vermelho. Veio o Gorbatchov, e não cheguei a ser membro do Komsomol, e tenho pena. Eu sou soviético, não sou? Os meus pais são soviéticos, os meus avós são soviéticos. O meu avô soviético morreu junto a Moscovo no ano quarenta e um... e a minha avó soviética andou nas guerrilhas... Os senhores liberais tratam de arrecadar o seu quinhão. Querem que nós consideremos o nosso passado um buraco negro. Odeio-os a todos: gorbatchov, chevardnadze, iákovlev – escreve com letra pequena, é assim que os odeio. Não quero ir para a América, quero ir para a URSS...»

«Foram uns anos bonitos, ingénuos... Acreditámos em Gorbatchov, agora já não acreditamos tão facilmente em ninguém. Muitos russos regressaram do exílio à pátria... com um grande entusiasmo! Pensávamos que íamos derrubar a barraca e construir qualquer coisa nova. Terminei a Faculdade de Filologia da Universidade de Moscovo e iniciei o mestrado. Sonhava dedicar-me à ciência. O nosso ídolo naqueles anos era Averintsev, toda a Moscovo ilustrada acorria às conferências dele. Encontrávamo-nos e apoiávamo-nos uns nos outros, com a ilusão de que em breve haveria outro país, e lutaríamos por isso. Quando soube que uma minha colega de curso ia partir para Israel, fiquei muito surpreendida: “Será possível que não tenhas pena de partir? Aqui está tudo a começar.”

Quanto mais diziam e escreviam “Liberdade! Liberdade!”, mais depressa desapareciam não apenas o queijo e a carne, mas também o sal e o açúcar. As lojas estavam vazias. Era horrível. Era tudo por senhas, como durante a guerra. Salvou-nos a minha avó, que corria dias inteiros pela cidade e conseguia essas senhas. Tínhamos a nossa varanda cheia de detergente, no quarto havia sacos com açúcar e farinha. Quando começaram a distribuir senhas para meias, o meu pai começou a chorar: “É o fim da URSS.” Ele pressentia... O meu pai trabalhava num gabinete de construção numa fábrica militar, ocupava-se de

mísseis e gostava muito. Tinha dois cursos superiores. Em vez dos mísseis, passaram a fabricar máquinas de lavar roupa e aspiradores. Despediram o meu pai. Ele e a minha mãe eram ardentes partidários da *perestroika*: redigiam cartazes, distribuíam panfletos – e eis o resultado... Ficaram perdidos. Não conseguiam acreditar que a liberdade fosse assim. Não conseguiam conciliar-se com isso. Nas ruas já se gritava: “Gorbatchov não vale nada, apoiem Eltsin!” Transportavam-se os retratos de Bréjnev com as condecorações, e os de Gorbatchov com as senhas de racionamento. Começava o reinado de Eltsin: as reformas de Gaidar, e este “compra e vende” que eu odeio... Para sobreviver, fui para a Polónia com sacos de lâmpadas e de brinquedos. Uma carruagem cheia: professores, engenheiros, médicos... Todos carregados de sacos e malas. Ficávamos a noite inteira sentados a discutir o *Doutor Jivago* de Pasternak... as peças de Chatrov... Como em Moscovo na cozinha.

Recordo os meus amigos da universidade... Tornámo-nos gestores de topo de agências publicitárias, empregados bancários, “contrabandistas”... – tudo, menos filólogos. Eu trabalho numa agência imobiliária para uma senhora que veio da província, antiga funcionária do Komsomol. A quem pertencem hoje as firmas? As vivendas em Chipre e em Miami? À antiga *nomenklatura* do Partido. É aí que se deve procurar o dinheiro do Partido... E os nossos chefes... são gente dos anos sessenta... Cheiraram o sangue na guerra, mas eram ingênuos como crianças... Tínhamos de passar dias e noites nas praças. Levar o assunto até ao fim – procurar uma Nuremberga para o PCUS. Dispensámo-nos demasiado depressa para as nossas casas. Os farsistas e os cambistas tomaram o poder. E, ao contrário de Marx, depois do socialismo construímos o capitalismo. (*Silêncio.*) Mas sinto-me feliz por ter vivido esse tempo. O comunismo caiu! Acabou-se, já não voltará. Vivemos noutro mundo e olhamos o mundo com outros olhos. Nunca esquecerei a respiração livre daqueles dias...»

COMO O AMOR CHEGOU E HAVIA TANQUES DEBAIXO DAS JANELAS

« Eu estava apaixonada, não conseguia pensar em mais nada. Vivia só para isso. E de repente a minha mãe acordou-me de manhã: “Há tanques debaixo das janelas! Parece um golpe!” Respondi, ensonada: “Mãe, isso são exercícios!” Uma figa! Por baixo das janelas estavam tanques autênticos, eu nunca tinha visto tanques assim tão perto. Na televisão transmitiam o bailado *O Lago dos Cisnes*...

Chegou uma amiga da minha mãe, muito agitada porque se tinha atrasado nas quotas do Partido durante alguns meses. Dizia que lá na escola havia um busto de Lenine, e que o havia posto debaixo da pia da cozinha, e agora o que havia de fazer com ele? De repente tudo voltou a estar nos seus lugares: isto não se pode e aquilo não se pode. A locutora começou a ler uma declaração sobre o estado de emergência... A cada palavra, a amiga da minha mãe dizia: “Meu Deus! Meu Deus!” O meu pai estava-se nas tintas para a televisão...

Telefonei ao Oleg... “Vamos para a Casa Branca?” “Vamos!” Pus o emblema com a cara de Gorbachov, fiz umas sandes. No metro as pessoas não falavam, toda a gente esperava uma desgraça. Por todo o lado tanques e mais tanques... Sobre a blindagem estavam sentados não assassinos, mas uns rapazes assustados, com expressões culpadas. As velhas davam-lhes a comer ovos cozidos e panquecas. Senti a alma aliviada quando junto à Casa Branca vi dezenas de milhares de pessoas! Todos estavam num excelente estado de ânimo. Havia a sensação de que conseguiríamos tudo. Gritavam: “Eltsin, Eltsin, Eltsin!” Já se constituíam destacamentos de autodefesa. Inscreviam apenas os jovens, recusavam os velhos e estes ficavam descontentes. Um velho indignava-se: “Os comunistas roubaram-me a vida! Deixem-me ao menos morrer dignamente!” “Paizinho, afaste-se...” Agora dizem que nós queríamos defender o capitalismo... Mentira! Eu defendia o socialismo, mas diferente... não soviético... E defendia-o! Estava convencida disso. Todos pensávamos assim... Três dias depois os tanques saíram de Moscovo, eram já tanques bons. Vitória! E beijávamo-nos, beijávamo-nos...»

Estou sentada na cozinha de uns meus amigos moscovitas. Reuniu-se aqui uma grande companhia: amigos, parentes da província. Recordámos que amanhã passa mais um aniversário do golpe de agosto.

- Amanhã é dia de festa...
- O que há para festejar? Uma tragédia. O povo perdeu.
- Enterraram o país dos soviets ao som da música de Tchaikovski.
- A primeira coisa que eu fiz foi pegar no dinheiro e correr pelas lojas. Sabia que acabasse como acabasse, os preços subiriam.
- Fiquei contente: afastaram o Gorby! Estava farto desse tagarela.
- A revolução era decorativa. Um espetáculo para o povo. Lembro-me da completa indiferença com quem quer se falasse. Acabou-se.
- Pois eu telefonei para o emprego e fui fazer a revolução. Levei do bufete

todas as facas que havia em casa. Compreendia que era uma guerra... precisava de armas...

– Eu era a favor do comunismo! Na nossa família éramos todos comunistas. Em vez das canções de embalar, a minha mãe cantava-nos canções revolucionárias. E agora canta-as aos netos. «O que tens, perdeste o juízo?», digo-lhe. E ela: «Não sei outras canções.» E o meu avô era bolchevique... e a minha avó...

– Vocês ainda dizem que o comunismo era uma bonita história. Os pais do meu pai desapareceram nos campos prisionais da Mordóvia.

– Eu fui para a Casa Branca com os meus pais. O meu pai disse: «Vamos, se não, nunca mais haverá salame nem bons livros.» Reunimos blocos do pavimento e construímos barricadas.

– O povo agora está mais lúcido e a atitude para com os comunistas está a mudar. Pode-se não esconder... Eu trabalhava no Comité Distrital do Komsomol. No primeiro dia levei para casa todos os cartões, todos os impressos em branco e os emblemas e escondi-os na cave, e depois não tinha onde guardar as batatas. Não sabia de que me serviriam eles, mas imaginava que viriam destruir tudo aquilo, que eram símbolos importantes para mim.

– Podíamos ter começado a matar-nos uns aos outros... Deus livrou-nos!

– A nossa filha estava na maternidade. Fui visitá-la, e ela: «Mãe, vai haver revolução? Vai começar uma guerra civil?»

– Pois eu concluí a Academia Militar. Servia em Moscovo. Se nos dessem ordem para prender alguém, nós cumpríamos essa ordem sem quaisquer dúvidas. Muitos haviam de cumpri-la com afinco. Estavam fartos da confusão no país. Dantes tudo era claro e preciso, tudo estava previsto. Havia ordem. Os militares gostam de viver assim. De um modo geral as pessoas gostam de viver assim.

– Eu tenho medo da liberdade; chega um mujique bêbedo e queima-nos a datcha.

– Que ideias são essas, meus caros? A vida é curta. Vamos lá beber!

A 19 de agosto de 2001 – décimo aniversário do golpe de agosto, eu estava em Irkutsk, capital da Sibéria. Fiz algumas entrevistas rápidas nas ruas da cidade.

Pergunta:

– O que aconteceria se o GKTP tivesse vencido?

Respostas:

- Teríamos mantido o grande país...
- Olhe para a China, onde os comunistas estão no poder. A China tornou-se a segunda economia do mundo...
- Teriam julgado Gorbatchov e Eltsin como traidores à pátria.
- Inundariam o país de sangue... E encheriam os campos de concentração de gente.
- Não trairiam o socialismo. Não estaríamos divididos em ricos e pobres.
- Não haveria nenhuma guerra na Chechênia.
- Ninguém ousaria dizer que Hitler foi vencido pelos Americanos.
- Eu próprio estive na Casa Branca. E tenho a sensação de que fui enganado.
- O que aconteceria se o golpe tivesse vencido? Mas ele venceu! Derrubaram a estátua de Dzerjinski, mas deixaram a Lubianka. Estamos a construir o capitalismo sob a direção do KGB.
- A minha vida não teria mudado...

COMO AS COISAS FICARAM IGUAIS ÀS IDEIAS E ÀS PALAVRAS

« O mundo fragmentou-se em dezenas de pedaços de várias cores. Como nós gostaríamos de que os cinzentos dias soviéticos se transformassem em doces imagens do cinema americano! Já poucas pessoas se lembram de como nos mantivemos diante da Casa Branca... Aqueles três dias abalaram o mundo, mas não nos abalaram a nós... Duas mil pessoas em comício, mas as restantes passam ao lado e olham para elas como para idiotas. Bebiam muito, no nosso país bebe-se sempre muito, mas naquela altura bebiam particularmente muito. A sociedade ficou interdita. Para onde vamos? Haverá capitalismo, ou haverá um bom socialismo? Os capitalistas são gordos, assustadores – isto foi-nos incutido desde a infância... (*Ri-se.*)

O país cobriu-se de bancos e de lojas comerciais. Apareceram coisas completamente diferentes. Não umas botas malfeitas e uns vestidos de velha, mas coisas com as quais nós sempre sonhámos: calças de ganga, camurcinas... roupa de mulher e boa loiça. Tudo colorido, bonito. As nossas coisas soviéticas eram cinzentas, ascéticas, parecidas com as roupas militares. As bibliotecas e os teatros ficaram vazios. Foram substituídos pelos bazares e pelas lojas de comércio. Todos quiseram ser felizes, obter a felicidade imediatamente. Como crianças, descobriram um novo mundo para si... Deixaram de ficar

desanimados no supermercado... Um rapaz meu conhecido, que se dedicou ao comércio, contou-me: da primeira vez trouxe mil boiões de café solúvel – desapareceram em dois dias; comprou cem aspiradores, também se venderam num instante. Blusões, camisolas, todo o género de miudezas – tudo marchava! Toda a gente mudava de roupa, de calçado. Restauravam as datchas... Queriam colocar vedações bonitas, telhados lindos... Por vezes eu e os meus amigos pomonos a recordar, é de morrer a rir... Selvagens! As pessoas eram completamente indigentes. Era preciso aprender tudo... Nos tempos soviéticos, podia-se ter muitos livros, mas não um carro caro e uma casa. E nós aprendemos a vestir-nos bem, a preparar pratos saborosos, a beber sumo e iogurte de manhã... Eu dantes desprezava o dinheiro, porque não sabia o que isso era. Na nossa casa não se podia falar de dinheiro. Era vergonha. Crescemos num país em que o dinheiro, por assim dizer, não existia. Eu, como toda a gente, recebia os meus cento e vinte rublos e eram suficientes. O dinheiro chegou com a *perestroika*. Com Gaidar. O dinheiro a sério. Em vez de “O nosso futuro é o comunismo”, por toda a parte começaram a surgir os anúncios: “Comprem! Comprem!” Se quiseres, vai viajar. Podes ir ver Paris... Ou a Espanha... A *fiesta*... a corrida de touros... Eu lia sobre isso em Hemingway, lia e pensava que nunca havia de ver essas coisas. Os livros substituíam a vida... Acabaram assim as nossas vigílias noturnas nas cozinhas e começámos a ganhar dinheiro e mais dinheiro. O dinheiro tornou-se sinónimo de liberdade. Isto preocupava toda a gente. Os mais fortes e mais agressivos passaram a dedicar-se aos negócios. Esquecemo-nos de Lenine e de Estaline. Assim nos salvámos da guerra civil, pois de outro modo teríamos de novo os “brancos” e os “vermelhos”. Os “nossos” e os “outros”. Em vez de sangue – coisas... Vida! Escolhemos uma vida bonita. Ninguém queria morrer em beleza, todos queriam viver em beleza. Outra questão, é que não havia pão para todos...»

« Tempos soviéticos... As palavras tinham um estatuto sagrado, mágico. E por inércia, nas cozinhas da gente culta ainda se falava de Pasternak, preparava-se a sopa sem largar das mãos Astafiev e Bikov, mas a vida mostrava constantemente que isso já não era importante. As palavras não significavam nada. Em noventa e um... Internámos a nossa mãe no hospital com uma forte pneumonia, e ela voltou de lá como uma heroína, não conseguia lá estar de boca calada. Falava de Estaline, do assassinio de Kirov¹¹, de Bukhárin¹²... Eram capazes de ouvi-la dia e noite. Na altura as pessoas queriam que lhes abrissem os olhos. Há pouco tempo, foi de novo parar ao hospital e enquanto lá esteve ficou

sempre de boca calada. Tinham passado apenas cinco anos, mas a realidade já havia redistribuído os papéis de outra maneira. Desta vez a heroína era a mulher de um grande empresário... Todas ficaram sem fala com as coisas que ela contava... A casa que ela tinha – trezentos metros quadrados! Quantos criados: cozinheira, ama, motorista, jardineiro... Ela e o marido iam de férias para a Europa... Museus, é claro, e as butikues... As butikues! Um anel de tantos quilates, e outro... E os pingentes... os brincos dourados... Uma casa cheia! Nem uma palavra sobre o Gulag ou qualquer outra coisa. Bem, havia e deixou de haver. Discutir agora o quê com os velhos?

Entreí por hábito num alfarrabista – ali estavam calmamente todos os duzentos volumes da “Biblioteca Universal” e a “Biblioteca de Aventuras”, aquela mesma, cor de laranja, com que eu delirava. Olhava para as lombadas e aspirava longamente aquele cheiro. Havia montanhas de livros! Os intelectuais vendiam as suas bibliotecas ao desbarato. O público empobreceu, é claro, mas não era por isso que retiravam os livros de casa, não era apenas por dinheiro – os livros desiludiam. Uma desilusão completa. Já se tornava deselegante perguntar: “O que andas a ler agora?” Muita coisa mudou na vida e isso não estava nos livros. Os romances russos não ensinam a ter êxito na vida. A maneira de enriquecer... Oblomov está deitado no sofá, e os heróis de Tchêkhov passam o tempo a beber chá e a queixar-se da vida... (*Silêncio*.) “Deus nos livre de viver em tempo de mudanças”, dizem os Chineses. Poucos de nós continuaram a ser como eram. As pessoas decentes desapareceram não se sabe para onde. Por toda a parte só há unhas e dentes...»

«Se falamos dos anos noventa... eu não diria que foi um tempo bonito, foi um tempo repugnante. Deu-se uma viragem de cento e oitenta graus nas mentes... Uns não aguentaram e enlouqueceram, os hospitais para alienados estavam cheios. Fui lá visitar um amigo meu. Um gritava: “Eu sou Estaline!” E outro: “Eu sou Berezovski¹³.” E todo o setor eram só Estalines e Berezovskis. Nas ruas andavam sempre aos tiros. Mataram um enorme número de pessoas. Todos os dias havia ajustes de contas. Arrebataram. Conseguir. Antes que outros conseguissem. Derrubavam uns, colocavam outros. Do trono para a cave. E, por outro lado, tudo acontecia diante dos nossos olhos...

Nos bancos havia filas de pessoas que queriam iniciar os seus negócios: abrir uma padaria, vender artigos eletrónicos... Eu também estive nessa bicha. Fiquei espantado por sermos tantos. Uma tiazinha com um gorro de malha, um rapaz com um blusão desportivo, um homem vigoroso com ar de presidiário... Durante

mais de setenta anos ensinaram-nos: não é no dinheiro que está a felicidade, tudo o que há de melhor na vida, a pessoa recebe-o gratuitamente. O amor, por exemplo. Mas bastou que dissessem de uma tribuna: negoceiem, enriqueçam – e esqueceram tudo. Esqueceram todos os livros soviéticos. Estas pessoas não eram nada parecidas com aquelas com quem eu estivera sentado de manhã a dedilhar a guitarra. Aprendi com dificuldade a tirar três acordes. A única coisa que as ligava às pessoas da “cozinha” era estarem também fartas dessas bandeiras vermelhas e todos esses ouropéis: reuniões do Komsomol, tarefas políticas... O socialismo considerava as pessoas tolinhas...

Eu sei muito bem o que é um sonho. Durante a infância pedi que me comprassem uma bicicleta e não ma compraram. Vivíamos pobremente. Na escola eu forjava calças de ganga, no instituto fazia uniformes do Exército soviético com símbolos variados. Os estrangeiros compravam. Traficância vulgar. Nos tempos soviéticos isto dava prisão de três a cinco anos. O meu pai corria atrás de mim com o cinto e gritava-me: “Especulador! Eu derramei o meu sangue nos arredores de Moscovo, para criar um merdas como este!” Ontem era crime, hoje é negócio. Num lugar comprei pregos, noutra anilhas, embulhei e vendi como artigo novo. Trouxe o dinheiro para casa. Comprei tudo, enchi o frigorífico. Os meus pais estavam à espera de que me viessem procurar e me prendessem. (*Ri-se.*) Negociava em eletrodomésticos. Painéis elétricos, painéis de pressão... Trazia da Alemanha um carro cheio desses materiais. Tudo corria muito bem... Tinha no meu gabinete uma caixa de computador cheia de dinheiro, só então percebi que aquilo era dinheiro. Tirava e voltava a tirar daquela caixa, e nunca mais acabava. Parecia que já tinha comprado tudo: um carrito, um apartamento... um relógio *Rolex*... Lembro-me dessa embriaguez... Pode-se realizar todos os desejos, todas as fantasias secretas. Aprendi muito a meu respeito: em primeiro lugar, que não tinha gosto, e, em segundo lugar, que sou complexado. Não sei relacionar-me com o dinheiro. Não sabia que o muito dinheiro tem de circular, que não pode estar parado. O dinheiro é para o homem uma experiência como o poder, como o amor... Sonhava... e fui para o Mónaco. No Casino de Monte Carlo perdi muito, muitíssimo dinheiro. Fiquei agoniado. Era escravo da minha caixa. A caixa tem dinheiro, ou não? Quanto dinheiro? Devia ser cada vez mais. Deixei de me interessar por aquilo que antes me interessava. A política... os comícios... Morreu Sákharov. Fui-me despedir dele. Havia centenas de milhares de pessoas... Toda a gente chorava, eu também chorei. E há pouco li sobre ele no jornal: “Morreu um grande tolo da Rússia.” E pensei que ele morreu em devido tempo. Soljenítsin regressou da América, todos correram

para ele. Um estrangeiro. Veio para a Rússia, mas para lá da janela estava Chicago...

Quem seria eu sem a *perestroika*? Um engenheiro técnico com um ordenado miserável... (*Ri-se.*) E agora tenho a minha clínica de oftalmologia. Várias centenas de pessoas e suas famílias dependem de mim. Você interroga-se a si mesma, reflete, e eu não tenho esse problema. Trabalho de dia e de noite. Comprei equipamentos novos, mandei cirurgiões estagiarem em França. Mas não sou altruísta, ganho bem. Consegui tudo sozinho... Tinha só trezentos dólares no bolso... Iniciei o negócio com alguns sócios que a fariam desmaiar se entrassem agora nesta sala. Uns gorilas! De olhar tenebroso! Agora já cá não estão, desapareceram como os dinossauros. Andei com um colete à prova de bala, disparavam contra mim. Se alguém tem salame pior do que o meu, isso não me interessa. Todos vocês queriam o capitalismo. Sonhavam com ele! Não gritem que os enganaram...»

CRESCEMOS ENTRE CARRASCOS E VÍTIMAS

«Uma noite, vínhamos do cinema, um homem jazia numa poça de sangue. Nas costas tinha um buraco de bala na gabardina. Ao lado dele estava um polícia. Foi a primeira vez que vi uma pessoa assassinada. Depressa me acostumei a isso. O nosso prédio é muito grande, tem vinte entradas. Todas as manhãs encontravam um cadáver no pátio e nós já nem estremecíamos. Tinha começado o capitalismo a sério. Com sangue. Eu esperava sentir um choque, mas não sentia. Depois de Estaline ficámos com uma atitude diferente em relação ao sangue... Lembramo-nos de como os nossos matavam os nossos... E das mortes em massa de pessoas que não sabiam porque as matavam... Isso manteve-se, está presente na nossa vida. Crescemos entre carrascos e vítimas... Para nós é normal vivermos juntos. Não há fronteira entre o estado de paz e o estado de guerra. Há sempre guerra. Ligamos o televisor – são todos iguais: os políticos, os homens de negócios, o Presidente; recuos, subornos, cortes... A vida das pessoas não vale nada. Como numa zona de ocupação...»

«Porque não condenámos Estaline? Eu dou-lhe a resposta... Para condenar Estaline, era preciso condenar os nossos familiares e conhecidos. As pessoas mais chegadas. Falo-lhe da minha família... O meu pai foi preso em trinta e sete; graças a Deus, voltou, mas cumpriu dez anos. Voltou e tinha muita vontade de

viver... Ele próprio se admirava de querer viver depois de tudo o que tinha visto... Isso não acontecia a todos, nem de longe... A minha geração cresceu com os pais que voltavam das prisões ou da guerra. A única coisa que eles nos podiam contar era acerca da violência. Da morte. Raramente se riam, estavam muito tempo calados. E bebiam... bebiam... No fim de contas tornavam-se alcoólicos. Uma segunda variante... Aqueles que não eram presos recebavam que os prendessem. Tudo isto durava não um mês ou dois, mas anos – anos! E se não os prendiam, punha-se a questão: porque é que prendem todos, e a mim não? O que é que eu faço de errado? Podiam prender, ou podiam mandar trabalhar para o Ministério do Interior... O Partido pede, o Partido ordena. A escolha era desagradável, mas muitos tinham de fazê-la. E agora acerca dos carrascos... Pessoas comuns, não horríveis. O meu pai foi denunciado por um vizinho... o tio Iura... Por uma ninharia, como dizia a minha mãe. Eu tinha sete anos. O tio Iura levava-me à pesca com os filhos dele, levava-me no cavalo. Consertava a nossa vedação. Compreende, temos um retrato completamente diferente do carrasco – um homem comum, até bondoso... Normal... Prenderam o meu pai e alguns meses depois levaram um irmão dele, meu tio. No tempo de Eltsin deram-me o processo dele, havia lá diversas denúncias, uma dela assinada pela tia Ólia... Uma sobrinha... Uma mulher bonita, alegre... Cantava bem... Quando ela já era velha, perguntei-lhe: “Tia Ólia, fala-me do ano de trinta e sete...” “Esse foi um ano feliz na minha vida. Estava apaixonada”, respondeu-me ela... O irmão do meu pai não voltou para casa. Desapareceu. Na prisão ou num campo de detenção, não se sabe. Para mim era difícil, mas mesmo assim fiz a pergunta que me atormentava: “Tia Ólia, porque é que fizeste isso?” “Onde é que viste uma pessoa honesta no tempo de Estaline?!” (*Silêncio.*) E havia ainda o tio Pável, que servia na Sibéria, nas tropas do Ministério do Interior... Compreende, não existe o mal quimicamente puro... Não eram apenas Estaline e Béria... Era também o tio Iura, e a bonita tia Ólia...»

Primeiro de Maio. Neste dia os comunistas desfilam pelas ruas de Moscovo, numa marcha de muitos milhares. A capital volta a estar «vermelha»: bandeiras vermelhas, balões vermelhos, camisolas vermelhas com a foice e o martelo. Transportam retratos de Lenine e de Estaline. Os retratos de Estaline são mais numerosos. Cartazes: «Vimos o vosso capitalismo no caixão!» «A bandeira vermelha ao Kremlin!» A Moscovo comum está no passeio, a «vermelha» desfila em avalanche pela rua. Entre elas há uma constante troca de comentários, que por vezes chegam a vias de facto. A Polícia é impotente para separar essas duas

Moscovos. E eu não consigo registrar tudo aquilo que oiço...

- Enterrem o Lenine, sem quaisquer honrarias.
- Lacaio dos Americanos! Porque é que venderam o país?
- Vocês são uns parvos, meus caros...

– Eltsin e o bando dele roubaram-nos tudo! Bebam! Enriqueçam! Isso vai acabar alguma vez...

– Têm medo de dizer abertamente ao povo que estamos a construir o capitalismo? As armas estão prontas para vos apanhar, até a minha mãe, que é doméstica.

– Com a baioneta podem-se fazer muitas coisas, mas é desconfortável sentar-se em cima dela.

– Pois eu esmagava os malditos burgueses debaixo dos tanques!

– O comunismo foi inventado pelo judeu Marx...

– Só um homem nos pode salvar: o camarada Estaline. Quem no-lo desse por dois dias... Ele fuzilava-os todos, e depois que fosse deitar-se.

– E graças a Deus! Eu rezo a todos os santos.

– Cães do Estaline. Ainda não arrefeceu o sangue nas vossas mãos. Porque é que mataram a família do czar? Nem as crianças pouparam.

– A Grande Rússia não se faz sem Estaline.

– Moeram os miolos ao povo...

– Eu sou um homem simples. Estaline não tocava nas pessoas simples. Na nossa família ninguém sofreu: são todos operários. Voavam as cabeças dos chefes, mas o homem simples vivia tranquilamente.

– Bufaria vermelha! Daqui a pouco estão a dizer que não havia campos, a não ser os dos Pioneiros. O meu pai era porteiro.

– Pois o meu era agrimensor.

– O meu era maquinista...

O comício começou na estação da Bielorrússia. A multidão explodia, ora em aplausos, ora em gritos: «Hurra! Hurra! Viva!» No final, toda a praça atroava uma canção com o tema da Varsovia – A Marselhesa russa, com novo texto: «Sacudamos as cadeias liberais, / Sacudamos o regime sanguinário e criminoso.» Depois disto, enrolando as bandeiras vermelhas, uns apressaram-se para o metro, outros fizeram bicha junto aos quiosques dos gelados e da cerveja. Começaram os festejos populares. Dançavam e divertiam-se. Uma mulher de idade, com um lenço vermelho, rodopiava e batia o pé em torno de um acordeonista. «Dançamos

alegremente / Junto ao grande pinheiro. / Na nossa pátria / Está-se muito bem! / Dançamos alegremente / Em altas vozes cantamos / E a nossa canção / A Estaline a dedicamos...» Mesmo à entrada do metro uns cantadores bêbedos passaram-me à frente: «Foda-se tudo o que está mal, comigo só o que é bom.»

TEMOS DE ESCOLHER: ENTRE UMA GRANDE HISTÓRIA E UMA VIDA BANAL

Junto a uma pequena cervejaria há sempre muito barulho. As pessoas são muito variadas. Encontramos ali o professor, o trabalhador, a estudante, o vagabundo... Bebem e filosofam. Sempre sobre o mesmo – o destino da Rússia. O comunismo.

– Eu sou amigo da pinga. Porque é que eu bebo? Não gosto da minha vida. Quero fazer uma mudança incrível com a ajuda do álcool e transportar-me de alguma maneira para outro lugar. E lá tudo será bonito e bom.

– Para mim a questão é mais concreta: onde é que eu quero viver: num grande país ou num país normal?

– Eu gostava do Império... Depois do Império, a minha vida é enfadonha, chata. Desinteressante.

– Uma grande ideia exige sangue. Hoje ninguém quer morrer onde quer que seja. Numa guerra qualquer. Como naquela canção: « Por toda a parte, dinheiro, dinheiro, dinheiro. / Por toda a parte dinheiro, meus senhores...» E se vocês insistem em que nós temos um objetivo, qual é ele? Um *Mercedes* para cada pessoa e uma passagem para Miami?

– O Russo precisa de acreditar em alguma coisa... Acreditar em qualquer coisa radiosa, elevada. Foi-nos instilado o Império e o comunismo. O que é heroico está mais perto de nós.

– O socialismo obrigou o homem a viver na história... a estar presente em qualquer coisa grandiosa...

– Ora! Nós somos tão espirituais, tão especiais.

– Não havia democracia entre nós. Que democratas somos nós?

– O último grande acontecimento da nossa vida foi a *perestroika*.

– A Rússia só pode ou ser grande, ou não ser nada. Precisamos de um Exército forte.

– Mas para que caralho preciso eu de um grande país? Quero viver num país pequeno, assim como a Dinamarca. Sem armas nucleares, sem petróleo nem gás. E que ninguém me atinja com um revólver na cabeça. Talvez assim

também aprendamos a lavar os passeios com champô...

– O comunismo é uma tarefa acima das forças do homem... No nosso país sempre foi assim: ora queremos uma Constituição, ora queremos esturjão com molho de rábano-silvestre...

– Que inveja que eu tenho das pessoas que tiveram uma ideia! E nós agora vivemos sem ideias. Quero uma Rússia grande! Não me lembro dela, mas sei que ela existiu.

– Existiu um grande país com bichas para comprar papel higiênico... Lembro-me muito bem de como cheiravam as cantinas e as lojas soviéticas.

– A Rússia há de salvar o mundo! E assim salvar-se a si própria!

– O meu pai viveu até aos noventa anos. Dizia que na sua vida não houve nada de bom, apenas guerra. Isso é tudo o que temos.

– Deus é o infinito que temos em nós... Fomos criados à sua imagem e semelhança...

A PROPÓSITO DE TUDO...

«Eu era soviética em noventa por cento... Não compreendia o que se passava. Lembro-me de como Gaidar falou na televisão: aprendam a fazer comércio... é o mercado que nos salvará... Comprar uma garrafa de água mineral numa rua e vendê-la noutra – isso é negócio. As pessoas ouviam com perplexidade. Voltei para casa, fechei a porta e chorei. A minha mãe teve uma apoplexia, de tão assustada que ficou com isto tudo. Talvez eles quisessem fazer alguma coisa boa, mas faltava-lhes compaixão pelo seu próprio povo. Nunca hei de esquecer os velhotes a pedirem esmola, alinhados ao longo dos caminhos. Com os gorros gastos de tanta lavagem, os casaquinhos coçados... Vou a correr para o trabalho e volto a correr, tenho receio de levantar os olhos... Trabalhava numa fábrica de perfumes. Em vez de dinheiro, davam-nos perfumes... cosméticos...

Na nossa aula andava uma menina pobre, cujos pais tinham morrido num desastre de automóvel. Ela ficou com a avó. Andava todo o ano com o mesmo casaquinho e o mesmo vestido. E ninguém tinha pena dela. De repente ser pobre passou a ser uma vergonha...

Não lamento os anos noventa... Foi um tempo agitado, radioso. Eu, que dantes não me interessava por política nem lia os jornais, fui-me candidatar a deputada. Quem foram os obreiros da *perestroika*? Escritores, artistas... Poetas...

No I Congresso dos Deputados do Povo da URSS era possível recolher autógrafos. O meu marido é economista, ficou louco com isto: “Os poetas são capazes de incendiar o coração das pessoas com o verbo. Vocês fazem uma revolução. Mas depois, o que vem depois? Como vão construir a democracia? Quem? Agora compreende-se o que vão conseguir.” Ria-se de mim. Por causa disso divorciámo-nos... Mas, afinal, ele tinha razão...

A situação ficou horrível, e por isso o povo foi para as igrejas. Quando eu acreditava no comunismo, não precisava da Igreja. E a minha mulher vai comigo porque na igreja o padre lhe chama “Pombinha”.

O meu pai era um comunista honesto. Eu não culpo os comunistas, culpo o comunismo. Ainda hoje não sei que atitude hei de ter para com Gorbachov... Com esse Eltsin... As bichas e as lojas vazias esquecem-se mais depressa do que a bandeira vermelha sobre o Reichstag.

Nós vencemos. Mas vencemos quem? Para quê? Pela televisão, num canal, mostram um filme em que os “vermelhos” vencem os “brancos”, e, no outro, os valentes “brancos” derrotam os “vermelhos”. É uma esquizofrenia!

Passamos o tempo a falar de sofrimentos... Esse é o nosso caminho para o conhecimento. Os Ocidentais parecem-nos ingênuos, porque não sofrem como nós, têm medicamentos para qualquer borbulha. Pela nossa parte, nós estivemos nos campos de detenção, durante a guerra cobrimos a terra de cadáveres, arrastámos com as mãos nuas o combustível nuclear em Chernobil... E agora estamos sentados sobre os fragmentos do socialismo. Como depois da guerra. Somos assim triturados, somos assim espancados. Temos a nossa linguagem... A linguagem do sofrimento...

Tentei falar disto com os meus alunos... Riram-se na minha cara: “Nós não queremos sofrer. Para nós, a vida é outra coisa.” Ainda não perceberam nada do nosso mundo recente, e já vivemos num mundo novo. Toda uma civilização foi para o monturo...»

8 Oblomov, personagem do romance homónimo de Ivan Gontcharov (1812-1891). Exemplo de preguiçoso, tem em Stoltz, outra personagem do mesmo livro, a sua antítese. (*N. do T.*)

9 Aleksandr Galitch (1918-1977), Bulat Okudjáva (1924-1977), Vladímir Vissotski (1938-1980), compositores e cantores «dissidentes». (*N. do T.*)

- 10** Ossip Mandelstan (1891-1938), um dos grandes poetas russos do século XX. *(N. do T)*
- 11** Serguei Kírov (1886-1934), dirigente bolchevique, assassinado num atentado terrorista. *(N. do T)*
- 12** Nikolai Bukhárin (1888-1938), um dos principais colaboradores de Estaline, acabou vítima das purgas dos anos trinta. *(N. do T)*
- 13** Boris Berezovski (1946-2013), oligarca russo. Inicialmente apoiante de Pútín, acabou por se exilar em Londres, acusado de fraude. Morreu em circunstâncias pouco claras. *(N. do T)*

DEZ HISTÓRIAS NUM
INTERIOR VERMELHO

A beleza da ditadura e o mistério
da borboleta no cimento

*Elena Iurievna S., 49 anos,
terceira secretária do Comitê Distrital do Partido*

Estavam duas pessoas à minha espera – a própria Elena Iurievna, com quem tinha combinado o encontro, e a sua amiga moscovita Anna Ilínitchna M., que viera passar uns dias em casa dela. Juntou-se imediatamente à conversa: «Há muito que quero que alguém me explique o que se passa connosco.» Naquilo que elas contavam, nada coincidia, para além dos nomes: Gorbatchov, Eltsin... Mas cada uma tinha o seu Gorbatchov e o seu Eltsin. E os seus anos noventa.

Elena Iurievna

Pois será necessário contar alguma coisa acerca do socialismo? A quem? Ainda fomos todos testemunhas. Palavra de honra, estou surpreendida que tenha vindo falar comigo. Eu sou comunista... da *nomenklatura*... Agora não nos dão a palavra... tapam-nos a boca. Lenine é um bandido, Estaline... Somos todos criminosos, embora nas minhas mãos não haja uma gota de sangue. Mas há um estigma sobre todos nós...

Talvez daqui por cinquenta ou cem anos se escreva com objetividade sobre essa nossa vida a que chamávamos «socialismo». Sem lágrimas nem maldições. Começarão a escavar, como na antiga Troia. Ainda há pouco, de um modo geral, não se podia dizer bem do socialismo. Depois da derrocada da URSS, no Ocidente compreenderam que as ideias marxistas não tinham acabado, que era preciso desenvolvê-las, e não rezar por elas. Marx não era ali um ídolo, como entre nós. Sagrado! A princípio endeusámo-lo e depois excomungámo-lo. Riscámos tudo. A ciência também trouxe inúmeras desgraças à humanidade.

Vamos então exterminar os cientistas? Amaldiçoemos os pais da bomba atômica, ou, melhor ainda, comecemos por aqueles que inventaram a pólvora! Por eles... Pois não tenho razão? (*Não me dá tempo para responder à pergunta.*) Ainda bem, ainda bem que saímos de Moscovo. Pode-se dizer que viemos para a Rússia. Quando passeávamos por Moscovo, parecia que estávamos na Europa: automóveis luxuosos, restaurantes... As cúpulas douradas brilhavam! Mas oiça aquilo de que as pessoas falam na província... A Rússia não é Moscovo, a Rússia é Samara, Togliatti, Tcheliábinsk... um qualquer cu do mundo... O que é que se pode aprender sobre a Rússia nas cozinhas de Moscovo? Blablablá... Moscovo é a capital de outro Estado qualquer, e não daquele que fica para lá da estrada circular. É um paraíso turístico. Não acredite em Moscovo...

Chegam aqui e dizem logo: bem, isto é soviético. As pessoas vivem muito pobremente, mesmo pelos padrões russos. Praguejam contra os ricos, enfurecem-se contra todos, dizem mal do Estado. Consideram que foram enganadas, ninguém lhes disse que íamos ter o capitalismo, pensavam que se começava a corrigir o socialismo, aquela vida soviética que todos conheciam. Enquanto nos comícios se esganiçavam: «Eltsin! Eltsin!» – estavam a ser roubadas. Nas suas costas repartiram as fábricas, o petróleo e o gás – aquilo que, como se diz, vem de Deus. E só agora compreenderam isso. Mas em noventa e um foram todos para a revolução, para as barricadas. Queriam a liberdade, e o que é que conseguiram? A revolução dos bandidos de Eltsin... O filho de uma minha amiga, quase o mataram pelas ideias socialistas. A palavra «comunista» era uma ofensa. Os rapazitos do nosso pátio quase mataram um miúdo. Rapazes conhecidos. Estavam sentados num caramanchão com uma guitarra e a conversar. De repente um deles diz: «Bora encostar os comunistas à parede, penduramo-los nos candeeiros.» O Micha Slutser – filho de um funcionário do no nosso Comité Distrital, um rapaz muito lido – citou-lhes o escritor inglês Chesterton: «Um homem sem uma utopia é muito mais horrível do que um homem sem nariz...» E por causa disso agrediram-no a pontapé, com sapatos e botas... «Ah, seu judeuzinho! Quem é que fez a revolução de dezassete?» Lembro-me daquele brilho nos olhos das pessoas no início da *perestroika*, nunca o esquecerei. Estavam prontas a linchar os comunistas, a enviá-los para o desterro sob escolta... Atiravam para os contentores do lixo os livros de Maiakovski, de Gorki... Entregavam as obras de Lenine para reciclagem. Eu apanhava os livros... sim! Pronto! Não me arrependo de nada! Não me envergonho de nada! Não mudei de pelagem, nem passei da cor vermelha para a cinzenta. Há pessoas assim: chegam os «vermelhos», recebem alegremente

os «vermelhos»; chegaram os «brancos», recebem alegremente os «brancos». Faziam-se reviravoltas impressionantes: ontem comunista, hoje ultrademocrata. Diante dos meus olhos, comunistas «honestos» transformavam-se em crentes e liberais. Pois eu gosto e nunca deixarei de gostar da palavra «camarada». É uma boa palavra! *Sovok?* Mordam a língua! O homem soviético era muito boa pessoa, podia ir para lá dos montes Urales, para o deserto – por uma ideia e não por dólares. Não pelas notas verdes alheias. A hidroelétrica do Dniepre, a batalha de Estalinegrado, as viagens ao cosmos – tudo isso foi ele que o conseguiu. O grande *sovok!* Ainda hoje gosto de escrever «URSS». Era o meu país, e agora vivo num país que não é o meu. Vivo num país alheio.

Nasci soviética... A minha avó não acreditava em Deus, mas acreditava no comunismo. E o meu pai, até à morte, esperou que o socialismo voltasse. Já tinha caído o Muro de Berlim, a União Soviética estava desfeita, mas ele continuava a esperar. Zangou-se para sempre com o seu melhor amigo, quando este chamou trapo à bandeira vermelha. A nossa bandeira vermelha! Rubra! O meu pai esteve na Guerra da Finlândia, nem compreendia porque lutavam, mas era preciso ir, e ele foi. Sobre essa guerra não se falava, não lhe chamavam guerra, mas campanha da Finlândia. Mas o papá contava-nos... Em voz baixa, em casa. Raramente, mas recordava-se. Quando bebia... A paisagem da sua guerra, paisagem invernosa: a floresta e a neve de um metro de altura. Os finlandeses combatiam com esquis, vestidos de branco, apareciam de repente por toda a parte, como anjos. «Como anjos», são palavras do papá. Numa noite podiam romper uma barreira, eliminar uma companhia completa. Todos mortos... Nas recordações do papá, os mortos jaziam sempre em poças de sangue, escorre muito sangue de um homem adormecido. Era tanto sangue que atravessava a neve de um metro. Depois da guerra o papá era incapaz até de matar uma galinha. Ou um coelho. Ficava muito transtornado à vista de qualquer animal morto e com o cheiro morno do sangue. Tinha medo das árvores grandes de copa densa, porque era em árvores dessas que habitualmente se escondiam os atiradores finlandeses, aos quais chamavam «cucos». (*Silêncio.*) Quero acrescentar... Pelo meu lado... Depois da vitória, a nossa cidadezinha ficou inundada de flores, um excesso. A principal flor era a dália, cujos tubérculos era preciso preservar no inverno para que não gelassem. Deus nos livre! Agasalhavam-nas, deitavam-se como se fossem crianças pequenas. As flores cresciam ao lado das casas, atrás das casas, junto aos poços e ao longo das cercas. Depois do medo, queremos em especial viver, alegrar-nos. Mas depois as flores desapareceram, isso agora já não existe. Mas eu lembro-me... Lembrei-

me agora... (*Silêncio.*) O papá... O nosso papá combateu durante seis meses e foi feito prisioneiro. Como foi ele feito prisioneiro? Investiram por cima de um lago gelado, e a artilharia do inimigo atacou o gelo. Poucos foram os que conseguiram chegar à margem, e aqueles que chegaram estavam já sem forças e sem armas. Seminus. Os finlandeses estenderam-lhes as mãos. Salvaram-nos. Alguém se agarrou àquela mão, e alguém... Houve muitos que não aceitaram a ajuda do inimigo. Tinham-nos ensinado assim. Mas o papá agarrou a mão de alguém e foi puxado. Lembro-me muito bem do espanto dele: «Deram-me aguardente para eu me aquecer. Vestiram-me roupa seca. Riam-se e davam-me palmadas no ombro: “Estás vivo, Ivan!”» O papá nunca antes tinha visto um inimigo de perto. Não compreendia por que razão eles se alegravam...

Em 1940 terminou a campanha da Finlândia. Os prisioneiros de guerra soviéticos foram trocados pelos finlandeses que eram nossos prisioneiros. Caminhavam em colunas ao encontro uns dos outros. Os finlandeses, quando chegavam junto dos seus, começavam a abraçá-los, a apertar-lhes as mãos... Os nossos não eram recebidos assim, recebiam-nos como inimigos. «Irmãos! Queridos!», gritavam eles aos seus. «Parem! Um passo para o lado, ou disparamos!» A coluna foi rodeada por soldados com cães pastores e conduzida a umas barracas especialmente preparadas. À volta das barracas, arame farpado. Começaram os interrogatórios... «Como é que caíste prisioneiro?», perguntou o inquiridor ao papá. «Os finlandeses retiraram-me do lago.» «Tu és um traidor! Defendeste a tua pele, e não a Pátria.» O papá também achava que era culpado. Foram ensinados assim... Não houve nenhum julgamento. Levaram-nos todos para a praça de armas e leram uma ordem diante da formatura: seis anos de campo de detenção por traição à Pátria. Enviaram-nos para Vorkuta. Ali construíram o caminho de ferro, no gelo eterno. Meu Deus! Em quarenta e um... os Alemães já estavam perto de Moscovo... E a eles não lhes diziam que a guerra tinha começado – eles eram inimigos, eram capazes de se alegrar. Já toda a Bielorrússia estava ocupada pelos Alemães. Smolensk estava ocupada. Quando eles souberam disto, quiseram imediatamente ir para a frente, escreveram cartas ao chefe do campo... A Estaline... Responderam-lhes: «Vocês são uns canalhas, trabalhem para a vitória na retaguarda, na frente não precisamos de traidores.» E eles... o papá... ouvi isto do meu pai... Todos eles choraram... (*Silêncio.*) Com eles é que você se devia encontrar... Mas o papá já cá não está. O campo de detenção encurtou-lhe a vida. E também a *perestroika*. Sofreu muito. Não compreendia o que estava a acontecer. Com o país, com o Partido. O nosso papá... Em seis anos no campo de detenção esqueceu-se do que

era uma maçã ou um repolho de couve... um lençol e uma almofada... três vezes ao dia davam-lhes uma sopa aguada e um pão – para vinte e cinco homens. Dormiam com um lenho debaixo da cabeça, e em vez de colchão, as tábuas do chão. O papá... Era estranho, não era um pai como os dos outros... Era incapaz de bater num cavalo ou numa vaca, de dar um pontapé a um cão. Eu sempre tive pena do papá. E os outros homens riam-se dele: « Mas que homem és tu? Um maricas!» A mamã chorava por ele... bem, por ele não ser como todos. Pegava num repolho de couve e examinava-o... Ou num tomate... Nos primeiros tempos, em geral, estava calado, não partilhava nada connosco. Ao fim de dez anos começou a falar. Não antes disso... não... Durante algum tempo, no campo de detenção, carregava os mortos. Num dia juntavam-se dez a quinze corpos. Os vivos voltavam para as barracas a pé, e os mortos nos trenós. Ordenavam-lhes que tirassem as roupas aos mortos, e os mortos iam nus, deitados em cima dos trenós, como gerbos. Isto são palavras do meu pai... Na minha boca soam incoerentes... Devido ao sentimento... emocio-me... sim... Nos primeiros dois anos do campo de detenção nenhum deles pensava que sobreviveria; aqueles que tinham apanhado cinco ou seis anos recordavam as suas casas, mas os que tinham dez, quinze anos, não falavam disso. Não recordavam ninguém: nem as mulheres, nem os filhos, nem os pais. « Se comesas a recordar, não sobrevives » – palavras do papá. Mas nós esperávamos por ele... « O papá vai voltar... e não me reconhece... O nosso paizinho... » Queria dizer mais uma vez esta palavra, « papá ». E ele voltou. A avó viu um homem desconhecido ao pé da cancela, com um capote de soldado: « Soldadinho, quem procura? » « Mamã, não me reconheces? » A avó, onde estava, ali caiu. Foi assim que o papá voltou... Estava todo enregelado, nunca conseguia aquecer os pés nem as mãos. A mamã? A mamã dizia que o papá voltou bondoso do campo e tinha medo... que de lá voltassem maus. Mas o nosso papá queria alegrar-se com a vida. Para todas as situações tinha só este ditado: « Coragem, o pior está para vir. »

Esqueci-me... Esqueci-me onde isto aconteceu... em que lugar? Talvez num acampamento de passagem? De gatas no grande pátio arrastavam-se e comiam erva. Distróficos, pelagrosos. Na presença do papá uma pessoa não se podia queixar de nada, ele sabia: « Para sobreviver, a pessoa precisa de três coisas: pão, cebola e sabão. » Apenas três coisas... apenas... Pessoas destas, os nossos pais, já não existem... Se ficou alguém, é preciso pô-lo no museu, atrás de uma vidraça, sem lhe tocar com as mãos. As coisas por que eles passaram! Quando reabilitaram o papá, deram-lhe dois salários de soldado por todos os sofrimentos.

Mas em nossa casa o retrato de Estaline esteve pendurado durante muito tempo. Muito tempo... lembro-me bem disso... O papá vivia sem ofensa, achava que aquele tempo era assim. Um tempo cruel. Estavam a construir um país forte. E construíram-no, e venceram Hitler! Palavras do papá...

Eu cresci como uma menina séria, uma autêntica pioneira. Agora todos acham que na organização dos Pioneiros andava tudo a toque de caixa. Não obrigavam a nada. Todas as crianças sonhavam ser pioneiros. Andar juntos. Com o tambor, com o clarim. Cantar as canções dos Pioneiros: « Terra querida, para sempre amada /Onde encontras outra assim!» « A águia do poder tem milhões de aguiotos, e o país orgulha-se de nós...»

Na nossa família havia, no entanto, aquela nódoa de o papá ter estado preso, a mamã receava que não me aceitassem nos Pioneiros ou que não me aceitassem logo. E eu queria estar com todos os outros. Sem falta, sim... « Tu és a favor de quê: da Lua ou do Sol?», perguntavam-me os rapazes na aula. Aqui era preciso estar alerta! « Da Lua.» « Correto! Do lado do país soviético.» Se dissesse « Do Sol» era do lado do maldito japonês. Riam-se, faziam troça. Jurávamos uns aos outros desta maneira: « Palavra de honra de pioneiro» ou « Palavra de honra leninista». A maior jura era: « Palavra de honra estalinista.» Os meus pais sabiam que, se eu dissesse « Palavra de honra estalinista», não estava a enganá-los. Meu Deus! Não é de Estaline que me lembro, mas da nossa vida... Inscrevi-me num círculo e aprendi a tocar acordeão. A minha mãe recebeu uma medalha por trabalho de vanguarda. Nem tudo eram torpezas... nem vida de caserna... No campo de detenção, o papá encontrou muitas vezes homens cultos. Em mais lado nenhum encontrou pessoas tão interessantes. Alguns deles escreviam versos, e era mais frequente sobreviverem. Tal como os eclesiásticos, eles rezavam. E o papá queria que todos os seus filhos obtivessem instrução superior. Era o sonho dele. Todos nós – éramos quatro filhos – terminámos institutos. Mas ele ensinounos também a lavrar com o arado e a ceifar erva. Eu sei carregar feno numa carroça, ou fazer uma meda. « Tudo pode vir a ser útil», dizia o papá. Ele tinha razão.

Agora apetece-me recordar. Quero compreender aquilo que vivemos. Não apenas a minha vida, mas a nossa vida... soviética... Não estou entusiasmada com o meu próprio povo. Nem com os comunistas, nem com os nossos líderes comunistas. Em especial agora. Tornaram-se todos mesquinhos, aburguesaram-se, todos querem viver bem, deliciosamente. Consumir e consumir. Aproveitar-se! Os comunistas também já não são o que eram. Há comunistas no nosso país com rendimento anual de centenas de milhares de dólares. Milionários!

Apartamento em Londres... palacete em Chipre... Que comunistas são estes? Em que é que eles acreditam? Se lhes pergunto, olham-me como a uma parva. «Não nos contem contos soviéticos. Isso não é preciso.» Destruíram um país como este! Venderam-no a preços de saldo. A nossa Pátria... Para que qualquer um possa injuriar Marx e viajar pela Europa. Um tempo tão horrível como no tempo de Estaline... Respondo pelas minhas palavras! Vai escrever isto? Não acredito... (*E eu vejo que ela não acredita.*) Já não há nem comités distritais, nem comités regionais. Abandonaram o poder soviético. E o que obtiveram? Um ringue, uma selva... O poder dos ladrões... Abocanharam, qual deles mais depressa, o grande bolo. Meu Deus! O Tchubais ¹⁴ ... «obreiro da *perestroika*» ... agora vangloria-se, anda a dar conferências por todo o mundo. Como quem diz, nos outros países o capitalismo formou-se ao longo de séculos, enquanto aqui se fez em três anos. Atuaram por um método cirúrgico... E se alguém roubou, pois graças a Deus, talvez os netos deles sejam pessoas decentes. Brrr! E são isto democratas... (*Silêncio.*) Provaram o costureiro americano, escutaram o Tio Sam. E o costureiro americano nunca se farta. Está sentado de esguelha. E pronto! Não correram para a liberdade, mas para as calças de ganga... para os supermercados... Compraram em embalagens vistosas... Agora também entre nós há muito de tudo nas lojas. Uma abundância. Mas os montes de chouriços e salames não têm nada a ver com a felicidade. Com a glória. Éramos um grande povo! Fizeram de nós um povo de vendilhões e especuladores... armazenistas e gestores...

Chegou Gorbatchov... Começaram a falar do regresso aos princípios leninistas. Entusiasmo geral, excitação. Há muito que o povo esperava mudanças. A seu tempo acreditaram em Andrépov... Era tchekista, sim... Como lhe hei de explicar? Já ninguém receava o PCUS. Junto ao quiosque da cerveja os homens podiam dizer mal do Partido, mas nunca do KGB, nunca... Ora essa! Estava gravado na memória... Sabiam que tinha mão de ferro, joelho de ferro, luva eriçada... esses rapazes imporão a ordem. Não quero repetir coisas banais, mas os genes de Gengiscão estragaram-nos... assim como a servidão... Habitúamo-nos a que é preciso espancar toda a gente, sem pancada nada se consegue. Andrépov começou por aí – por apertar os parafusos. Andava toda a gente num grande desleixo: nas horas de trabalho iam ao cinema, à sauna, percorriam as lojas. Passavam o tempo a beber chá. A Polícia começou a efetuar rugas. Verificavam os documentos, apanhavam os gazeteiros nas ruas, nos cafés, nas lojas e informavam no local de trabalho. Multas, despedimentos. Mas Andrépov estava muito doente. Depressa morreu. Enterrávamo-los uns atrás dos outros:

Bréjnev, Andrépov, Chernienko... A anedota mais popular acerca de Gorbatchov: « Transmitimos um comunicado da TASS. Vocês vão-se rir, mas morreu mais um secretário-geral do PCUS...» Ah! Ah! Ah!... O povo ria-se nas suas cozinhas e nós nas nossas. Uns cêntimos de liberdade. Paleio de cozinha... (*Ri-se.*) Lembro-me muito bem de como durante as conversas aumentávamos o som da televisão ou do rádio. Era toda uma ciência. Ensinávamo-nos uns aos outros truques para impedir que os agentes de segurança que escutavam as conversas telefônicas ouvissem alguma coisa: gira-se um pouco o disco – os telefones antigos tinham buracos para os algarismos –, enfia-se um lápis e fixa-se... pode-se segurar com um dedo, mas o dedo não se aguenta... Por certo a si também lhe ensinaram? Lembra-se? Se era preciso dizer alguma coisa « secreta », afastávamo-nos dois ou três metros do telefone. Os bufos estavam por toda a parte, em toda a sociedade, de cima a baixo, e nós no distrito conjeturávamos: « Quem será o bufo? » Como depois se verificou, eu suspeitava de uma pessoa inocente, mas o denunciante não era só um, eram vários. E nesses nunca pensei... Uma delas, era a nossa mulher da limpeza. Uma mulher afável, bondosa. Uma infeliz. O marido era um bêbedo. Meu Deus! O próprio Gorbatchov... secretário-geral do PCUS... Li numa entrevista dele que durante as conversas confidenciais no seu gabinete fazia a mesma coisa – punha o som da televisão ou do rádio no máximo. O á-bê-cê, em suma. Para conversas sérias, convidava para a sua datcha nos arredores da cidade. E mesmo ali eles... Ali saíam para o bosque, passeavam e conversavam. Os passarinhos não denunciavam... Todos tinham medo de alguma coisa, até aqueles que eram temidos, tinham medo. Eu tinha medo. Dos últimos anos soviéticos... de que é que me lembro? O sentimento de vergonha não me abandonava. Pelo Bréjnev, coberto de condecorações e de estrelas, e porque o povo chamava ao Kremlin um confortável asilo de velhos. Pelas lojas vazias. Cumprimos e ultrapassamos os planos, mas não há nada nas lojas. Onde está o nosso leite. A carne? Ainda agora não compreendo onde ia tudo isso parar. O leite desaparecia uma hora depois da abertura das lojas. Depois do almoço, as vendedoras ficavam de pé junto aos balcões lavados. Nas prateleiras havia boiões de três litros de sumo de bétula e pacotes de sal, por qualquer razão sempre húmidos. Latas de anchovas. E era tudo! Punham à venda salame, era tudo varrido num instante. As salsichas e os *pelmeni*¹⁵ eram iguarias. No Comité Distrital repartiam sempre algumas coisas: para tal fábrica, dez frigoríficos e cinco casacos de peles, para aquele *kolkhoz*, duas mobílias jugoslavas e dez malinhas de senhora polacas. Repartiam painéis e roupa interior de mulher... meias-calças... Uma sociedade assim só pelo medo

se podia manter. Num estado de exceção – fuzilar mais e prender mais. Mas o socialismo com Solovki e Bielomorcanal ¹⁶ tinha acabado. Era necessário um socialismo diferente.

A *perestroika*... Houve um momento em que as pessoas eram de novo atraídas por nós. Inscreviam-se no Partido. Todos tinham grandes esperanças. Éramos todos ingênuos, de esquerda e de direita, comunistas e anticomunistas. Todos uns românticos. Hoje sentem vergonha disso, dessa ingenuidade. Rezam a Soljenítsin, o grande velho de Vermont! Não só Soljenítsin, muitos outros já compreendiam que não era possível viver como nós vivíamos. Abusaram das mentiras. E também os comunistas – acredita ou não? – o compreendiam. Havia entre os comunistas muitas pessoas inteligentes e honestas. Sinceras. Eu conhecia pessoalmente pessoas assim, que se encontravam com especial frequência na província. Como o meu pai... Não admitiram o meu pai no Partido, ele sofreu por causa do Partido, mas acreditava nele. Acreditava no Partido e no país. Começava todas as manhãs por abrir o jornal *Pravda* e lê-lo de ponta a ponta. Eram mais os comunistas sem partido do que os que tinham o cartão do Partido, eram comunistas na alma. (*Silêncio.*) Em todas as manifestações levavam a palavra de ordem: «O Povo e o Partido, unidos!» Estas palavras não eram nenhum artifício, era a verdade. Não quero convencer ninguém, conto as coisas como eram. Já todos se esqueceram... Muitos entravam no Partido em consciência, e não para fazer carreira ou por considerações pragmáticas: se eu não sou do Partido e roubo, metem-me na prisão, se entro para o Partido e roubo, expulsam-me do Partido mas não me prendem. Fico indignada quando falam do marxismo com desprezo, com zombaria. Atirá-lo depressa para a retrete! Para o monturo! Trata-se de uma grande doutrina, que sobreviverá a todas as perseguições. E também ao nosso fracasso soviético. Porque... há muitas causas... O socialismo não são apenas os campos de detenção, as escutas e a Cortina de Ferro; é também um mundo justo, luminoso: partilhar com todos, ter piedade pelos fracos e não submeter toda a gente. Dizem-me: não se podia comprar um carro; mas ninguém tinha carro. Ninguém usava fatos *Versace* nem comprava casas em Miami. Meu Deus! Os dirigentes da URSS viviam ao nível dos homens de negócios medianos, nada que se comparasse com os oligarcas. Não mandavam construir iates com duche de champanhe. Imagine-se! Transmitem um anúncio pela televisão: «Comprem banheiras de cobre – pelo preço de um apartamento de duas assoalhadas.» Para quem, não me diz? Puxadores de porta dourados... Isto é liberdade? A pessoa simples, comum, não é ninguém, é um zero. É a escória da vida. E naquele tempo podia escrever para o

jornal, ir apresentar queixa no Comité Distrital: contra o chefe ou contra um mau serviço... contra um marido infiel... Havia disparates, não nego, mas hoje quem é que ouve essa pessoa simples? Quem quer saber dela? Lembre-se dos nomes soviéticos – Rua dos Metalúrgicos, Rua dos Entusiastas... Rua da Fábrica, Rua Proletária... O homem simples era o mais importante, um biombo, como vocês dizem, mas agora ninguém precisa de se esconder. Não tens dinheiro – desaparece! Para debaixo de um banco. Mudam os nomes às ruas: Rua dos Burgueses, Rua dos Mercadores, Rua dos Nobres... Até já vi salame *Principe* e vinho *General*. É o culto do dinheiro e do sucesso. Sobrevive o mais forte, com bicípites de ferro. Mas nem todos são capazes de passar por cima das cabeças, de arrancar o bocado aos outros. Uns são de tal natureza que não podem, e a outros repugna-lhes.

Nós as duas (*indica a amiga com a cabeça*) discutimos, é claro... Ela procura demonstrar que para o verdadeiro socialismo são necessárias pessoas ideais, e que elas não existem. Que a ideia é um delírio... uma quimera... O Russo já não trocará o seu carro estrangeiro usado e o passaporte com visto Schengen pelo socialismo soviético. Mas eu acredito noutra coisa: a humanidade avança no sentido do socialismo, da equidade. Não há outro caminho. Olhe para a Alemanha... Para a França... Há a variante sueca. Mas quais são os valores do capitalismo russo? O desprezo pela «gentinha»... Por aqueles que não têm milhões, que não têm um *Mercedes*. Em vez da bandeira vermelha, temos o ícone da ressurreição de Cristo! E o culto do consumo... O homem adormece a pensar não em qualquer coisa elevada, mas em que neste dia lhe faltou comprar alguma coisa. Pensa que o país se desmoronou porque se ficou a saber a verdade acerca do Gulag? Só aqueles que escrevem livros pensam assim. Mas a pessoa normal não vive da história, vive mais simplesmente: apaixonou-se, casou-se, nasceram os filhos. Construiu uma casa. O país perdeu-se pela falta de botas para mulher e de papel higiénico, e porque não havia laranjas. Agora, as nossas lojas parecem museus, e teatros. Querem-me convencer a mim de que os trapos da Versace e da Armani são tudo aquilo de que a pessoa necessita. Que isso lhe basta. Que a vida são pirâmides financeiras e letras de câmbio. A liberdade é o dinheiro, e o dinheiro é a liberdade. Mas a nossa vida não vale um copeque. Bem, isto... bem, isto... compreende... Eu nem tenho palavras para lhe chamar... Tenho pena dos meus netos pequenos. Tenho pena. É isso que lhes metem na cabeça todos os dias pela televisão. Não concordo. Eu era e continuo a ser comunista.

(Interrompemos por muito tempo. O invariável chá, agora com doce de ginja,

preparado segundo uma receita da própria dona da casa.)

Em 1989... Por essa altura eu já era terceira secretária do Comité Distrital do Partido. Foram-me chamar para o trabalho partidário à escola, onde eu ensinava Língua e Literatura Russa. Os meus escritores preferidos são Tolstoi e Tchêkhov... Quando me fizeram a proposta, assustei-me. Uma responsabilidade tão grande! Mas não hesitei nem um minuto, senti um verdadeiro impulso – servir o Partido. Nesse verão voltei a casa de férias. Habitualmente não uso adornos, mas então tinha comprado um colar barato e a minha mãe, quando me viu, disse: «Pareces uma princesa.» Ficou encantada comigo... mas não por causa do colar. O papá disse: «Nenhum de nós irá pedir-te seja o que for. Deves estar limpa perante as pessoas.» Os meus pais estavam orgulhosos! Estavam felizes! E eu... eu... o que sentia? Acreditava no Partido? Respondo honestamente: acreditava. Nunca me separarei do cartão do Partido, aconteça o que acontecer. Acreditava no comunismo? Digo honestamente, não mentirei: acreditava na possibilidade de uma organização justa da vida. E ainda agora, como já disse... acredito. Estou farta de ouvir dizer como vivíamos mal no socialismo. Orgulho-me dos tempos soviéticos! Não era uma vida de luxo, mas era uma vida normal. Havia amor e amizade... vestidos e sapatos... Ouvíamos avidamente os escritores e os artistas, e agora deixaram de ouvi-los. Nos estádios, o lugar dos poetas foi ocupado pelos feiticeiros e os espíritas. Acreditam nos feiticeiros, como em África. A nossa vida soviética... foi uma tentativa de civilização alternativa, se quiser. Falando com ênfase... O poder do povo! Bem, não consigo sossegar! Onde é que pode ver hoje ordenhadoras, torneiros ou maquinistas do metropolitano? Não os há, nem nas páginas dos jornais, nem nos ecrãs da televisão, nem no Kremlin, na entrega de condecorações e medalhas. Não aparecem em parte nenhuma. Por toda a parte há novos heróis: banqueiros e homens de negócios, modelos e prostitutas caras... gestores... Os jovens ainda se podem adaptar, mas os velhos morrem em silêncio, atrás das portas fechadas. Morrem na miséria, no esquecimento. Eu tenho uma reforma de cinquenta dólares... *(Ri-se.)* E também Gorbachov, segundo li, tem cinquenta dólares... Dizem a nosso respeito: «Os comunistas viviam em mansões, comiam caviar preto à colher. Construíram o comunismo para si próprios.» Meu Deus! Já lhe mostrei a si a minha «mansão», um vulgar apartamento de duas assoalhadas, com uma superfície total de cinquenta e sete metros quadrados. Não escondi nada: cristal soviético, ouro soviético...

– E as policlínicas especiais, e as rações, as «vossas» filas de espera para receber apartamentos e datchas oficiais... os estabelecimentos de saúde do

Partido?

Francamente? Havia disso... mas... mais lá para o alto... (*Levanta a mão.*) Eu estive sempre na base, no elo mais baixo do poder. Em baixo, ao lado das pessoas. Sempre à vista. Se isso existia aqui e ali... não discuto... Não nego! Lia, como você, nos jornais da *perestroika*... que os filhos dos secretários do Comitê Central iam caçar para África. Que compravam diamantes... De qualquer modo isso não se compara com a maneira como vivem agora os « novos russos ». Com os seus castelos e iates. Veja o que eles construíram em volta de Moscovo. Palácios! Cercas de pedra de dois metros, arame farpado eletrificado, videovigilância, guardas armados. Como numa zona ou numa instalação militar secreta.

E então, é o génio dos computadores, Bill Gates, que vive ali? Ou o campeão mundial de xadrez Garry Kasparov? Ali vivem os vencedores. Parece que não houve guerra civil, mas há vencedores. É ali que eles estão, atrás das vedações de alvenaria. De quem é que eles se escondem? Do povo? O povo pensava que afastava os comunistas e começavam os bons tempos. Uma vida paradisíaca. Em vez dos homens livres apareceram esses... com milhões e biliões... *Gangsters!* Andam aos tiros em pleno dia... Mesmo aqui destruíram a varanda de um homem de negócios. Não têm medo de ninguém. Deslocam-se em aviões particulares com sanitas douradas, e ainda se gabam. Eu mesma vi na televisão... um mostrou o seu relógio tão caro como um bombardeiro. E outro, um telemóvel com diamantes. E ninguém, ninguém em toda a Rússia grita que isto é uma vergonha! Uma infâmia. Em tempos tivemos Uspenski¹⁷ e Korolenko¹⁸. Cholokhov¹⁹ escreveu uma carta a Estaline em defesa dos camponeses. Agora quero... Você faz-me perguntas, e eu também lhe quero perguntar: onde está a nossa elite? Porque é que eu leio todos os dias nos jornais a opinião de Berezovski e de Potánin²⁰ sobre qualquer assunto, e não a opinião de Okhudjava... de Iskander²¹... Como aconteceu que vocês cedessem o vosso lugar? A vossa cátedra... E foram os primeiros a correr aos almoços à mesa dos oligarcas. Ao serviço deles? Dantes a intelectualidade russa não prestava serviços. E agora não ficou ninguém – ninguém que fale do espírito, tirando o pope. E onde estão os homens da *perestroika*?

Os comunistas da minha geração tinham pouco em comum com Pável Kortcháguin²². Com os primeiros bolcheviques com pastas em couro e revólveres. Deles ficou apenas o léxico militar: « soldados do Partido », « frente do trabalho », « batalha pelas colheitas ». Já não nos sentíamos soldados do

Partido, éramos funcionários do Partido. Escriturários. Havia esse ritual – o futuro radioso: no salão nobre estava pendurado o retrato de Lenine, a um canto erguia-se a bandeira vermelha. Uma cerimônia, um ritual... Os soldados já não eram necessários, eram precisos os executores: « vamos lá, vamos lá» , e se não, « entrega o cartão do Partido» . Ordenaram-lhe, executou, relatou. O Partido não é um estado-maior militar, mas um aparelho. Uma máquina. Uma máquina burocrática. Raramente aceitavam ao serviço formados em Ciências Humanas. O Partido não confiava neles desde os tempos de Lenine, que escreveu acerca dos intelectuais: « não são o cérebro, mas a merda da nação» . As pessoas como eu eram poucas. Filólogos. Forjavam-se quadros entre os engenheiros, os zootécnicos, aqueles cuja especialidade são as máquinas, a carne e os cereais, mas não as pessoas. A forja dos quadros do Partido eram os institutos de agropecuária. Eram necessários os filhos dos operários e dos camponeses. Do povo. Chegava-se ao ridículo: um veterinário, por exemplo, podia ser admitido no serviço do Partido, mas um médico não. Não encontrei lá nem líricos, nem físicos. E que mais? A subordinação era como no Exército... A ascensão era lenta, degrau a degrau: conferencista do Comitê Distrital do Partido, depois chefe de gabinete do Partido... instrutor... terceiro secretário... segundo secretário... Passei todos esses degraus em dez anos. Agora são os colaboradores científicos subalternos os que dirigem o país, um presidente de *kolkhoz* ou um electricista torna-se presidente. Em vez do *kolkhoz*, chefia logo o país! Estas coisas só acontecem numa revolução... *(Uma pergunta – para mim, ou para si própria.)* Não sei como chamar àquilo que aconteceu em noventa e um...

Revolução, ou contrarrevolução? Ninguém sequer tenta explicar em que país vivemos. Qual é a nossa ideia, para além do salame? O que estamos a construir? ... Vamos avançar – para a vitória do capitalismo? É isso? Durante cem anos maldissemos o capitalismo: uma aberração... um monstro... E agora orgulhamo-nos porque no nosso país será como em todos os outros. Se nos tornamos como todos os outros, seremos interessantes para quem? Povo de Deus, esperança de toda a humanidade progressista... *(Com ironia.)* Sobre o capitalismo todos têm a mesma noção que tinham ainda há pouco sobre o comunismo. Sonhos! Condenam Marx... acusam a ideia... Ideia homicida! Pois eu culpo os executantes. Tivemos o estalinismo, e não o comunismo. E agora nem socialismo, nem capitalismo. Nem o modelo oriental, nem o ocidental. Nem o Império, nem a República. Oscilamos como... Eu calo-me... Estaline! Estaline! Sepultam-no... sepultam-no... Mas não há maneira de enterrá-lo. Não sei como é em Moscovo, mas aqui colocam o retrato dele no para-brisas dos

automóveis. E nos autocarros. Os camionistas de longo curso gostam especialmente dele. Com o uniforme de generalíssimo... O povo! O povo! Mas o que é o povo? O povo dizia para consigo mesmo: dele vem o porrete e o ícone. Como da árvore... Aquilo que fizeres é o que terás... A nossa vida oscila entre a barraca e a desordem. Agora o pêndulo está no meio... Metade do país espera um novo Estaline. Ele virá e restabelecerá a ordem... (*Cala-se de novo.*) É claro que entre nós... no Comité Distrital, também houve muitas discussões sobre Estaline. É a mitologia do Partido, transmitida de geração em geração. Todos gostavam de falar de como viviam no tempo do Patrão... A ordem estalinista era assim: por exemplo, aos chefes de setores distribuíam o chá com sanduiches, aos conferencistas, apenas o chá. Criaram a função de adjunto do chefe de setor. Como proceder? Decidiram servir-lhes o chá sem sanduiche, mas com um guardanapo branco. Já eles se distinguíam... imaginavam-se no Olimpo junto dos deuses, dos heróis. Agora têm de fazer força para chegar à gamela... Assim era no tempo de César, e no tempo de Pedro I. E assim será sempre. Admirem os vossos democratas... Tomaram o poder e deitaram logo a correr – para onde? Para a manjedoura. Para a cornucópia. A manjedoura acabou com mais de uma revolução. Diante dos nossos olhos... Eltsin lutava contra os privilégios e intitulava-se democrata, mas agora adora quando lhe chamam czar Boris. Tornou-se um padrinho...

Voltei a ler *Os Dias Malditos* de Ivan Búnin²³. (*Retira o livro de uma prateleira. Procura um marcador e lê.*) «Lembro-me de um velho operário ao portão da casa onde antes funcionava o *Notícias de Odessa*, no primeiro dia da tomada do poder pelos bolcheviques. De repente saiu pelo portão uma chusma de rapazitos com pilhas de jornais *Izvestia* acabados de imprimir, aos gritos: “Foi imposta aos burgueses de Odessa uma contribuição de quinhentos milhões!” O operário rouquejou, engasgou-se de fúria e de maldosa alegria: “É pouco, é pouco!”» Isto não lhe faz lembrar nada? A mim sim, faz-me lembrar... os anos de Gorbatchov... Os primeiros motins... quando o povo começou a encher as praças e a exigir – ora pão, ora liberdade... ora vodca e tabaco... Um pavor! Muitos funcionários do Partido sofreram apoplexias e enfartes. Vivíamos «num cerco de inimigos», como o Partido nos ensinava, numa «fortaleza assediada». Preparávamo-nos para uma guerra mundial... Receávamos acima de tudo uma guerra nuclear, mas não esperávamos a derrocada. Não esperávamos... de maneira nenhuma... Estávamos habituados aos desfiles de maio e de outubro, aos cartazes: «A causa de Lenine sobreviverá aos séculos!», «O Partido é o nosso timoneiro!». E de repente não há colunas de manifestantes, mas o

elemento desenfreado. Não o povo soviético, mas outro povo, que não conhecíamos. E também os cartazes eram outros: «Julgamento dos comunistas!», «Esmaguemos a canalha comunista!» Lembrei-me logo de Novotcherkassk... A informação era confidencial, mas nós sabíamos... que no tempo de Khrushov, quando os operários famintos saíram para a rua... dispararam contra eles... Aqueles que ficaram vivos foram distribuídos pelos campos prisionais e ainda hoje os familiares não sabem onde eles estão... Mas aqui... agora era já a *perestroika*... Não se podia disparar, nem encarcerar. Era necessário dialogar. Mas quem, de entre nós, era capaz de sair para junto da multidão e manter o discurso? Iniciar o diálogo... convencer... Nós éramos pessoas do aparelho e não oradores. Eu, por exemplo, fazia conferências e verberava os capitalistas, defendia os negros da América. No meu gabinete tinha as obras completas de Lenine... cinquenta e cinco tomos... Mas quem é que verdadeiramente o lia? Folheavam-no nos institutos, antes dos exames: «A religião é o ópio do povo» e «Qualquer divindade é um caso de necrofilia».

Era um medo pânico... Conferencistas, instrutores, secretários dos comitês distritais e dos comitês regionais – todos receávamos ir ter com os operários à fábrica, com os estudantes à residência estudantil. Assustávamo-nos com os telefonemas. E se de repente fazem perguntas sobre Sákharov ou Bukovski... o que é que respondemos? Eles são inimigos do poder soviético, ou já não são? Como apreciar *Os Filhos da Rua Arbat* de Anatoli Ribakov e as peças de Chatrov? Não havia nenhuma ordem de cima... Dantes diziam-nos: «Cumpriste a tua missão, aplicaste na prática a linha do Partido.» E agora: os professores fazem greve, exigem aumento de salário, um jovem encenador, num qualquer clube de fábrica, ensaia uma peça proibida... Meu Deus! Numa fábrica de cartão, os operários meteram o diretor num carrinho de mão e puseram-no dos portões para fora. Gritavam, partiam os vidros. À noite amarraram um cabo de aço e derrubaram a estátua de Lenine. Faziam-lhe figas. O Partido estava desnordeado... Lembro-me do Partido desnordeado... Estávamos sentados nos gabinetes com as cortinas corridas. À entrada do edifício do Comité Distrital mantinha-se dia e noite um destacamento reforçado da Polícia. Tínhamos medo do povo, e o povo, por inércia, ainda tinha medo de nós. Depois deixou de ter medo... Milhares de pessoas reuniam-se nas praças... Lembro-me de um cartaz: «Fora a revolução de 1917!» Fiquei transtornada. Eram uns alunos das escolas técnicas que os empunhavam... muito jovens... Uns pintainhos! Uma vez mandaram uns parlamentares ao Comité Distrital: «Mostrem as vossas lojas especiais! Vocês têm lá tudo com abundância, e os nossos filhos desmaiam nas

aulas com fome.» Não encontraram cá casacos de *vison* nem caviar preto na nossa cantina, mas mesmo assim não acreditaram: « Enganam o povo simples.» Tudo entrou em movimento, tudo oscilou. Gorbatchov era um fraco. Manobrava. Parecia ser a favor do socialismo... e querer o capitalismo... Pensava principalmente em como gostavam dele na Europa. E na América. Lá aplaudiam-no: « Gorby! Gorby! Excelente Gorby!» Só falava da *perestroika*... (Silêncio.)

Anna Ilínitchna

Isto aconteceu há pouco tempo, mas foi noutra época... Noutro país... Ficaram lá a nossa ingenuidade, o nosso romantismo. A nossa credulidade. Há quem não queira recordar isto, porque é desagradável, passámos por muitas desilusões. Mas quem disse que nada mudou? Não se podia passar a fronteira com a Bíblia. Esqueceram-se disso? Eu trazia de Moscovo farinha e macarrão de presente aos meus familiares, e eles ficavam felizes. Já se esqueceram? Já ninguém fica na bicha para o açúcar e o sabão. E não há senhas para comprar um casaco.

Eu gostei logo de Gorbatchov! Agora dizem mal dele: « Traidor à URSS! », « Gorbatchov vendeu o país a troco de comida! ». Eu lembro-me do nosso espanto. Da comoção! Finalmente tínhamos um líder normal. Não nos envergonhava! Contávamos uns aos outros como, em Leninegrado, ele mandou parar o cortejo e saiu para junto do povo, e numa qualquer fábrica recusou um presente dispendioso. Durante um banquete festivo, bebeu apenas um copo de chá. Sorria. Falava sem papel. Era novo. Nenhum de nós acreditava que o poder soviético acabaria alguma vez e que o salame apareceria nas lojas, que não haveria bichas de quilómetros para sutiãs de importação. Estávamos habituados a obter tudo através de conhecidos: assinatura da Internet, bombons de chocolate e fatos desportivos da RDA. Ter amizade com o açougueiro para comprar um pedaço de carne. O poder soviético parecia eterno. Chegaria ainda aos filhos e aos netos! Mas acabou, inesperadamente, para todos. Agora é evidente que o próprio Gorbatchov não esperava isto, que queria mudar alguma coisa mas não sabia como. Ninguém estava preparado. Ninguém! Nem mesmo aqueles que marravam contra esse muro. Eu sou uma simples tecnóloga de base. Não sou nenhuma heroína... nem sou comunista... Graças ao meu marido, que é um artista, achei-me muito cedo no meio boémio. Poetas, pintores... Entre nós não havia heróis, nenhum de nós tinha coragem para ser dissidente, para ir parar à prisão ou a um hospital psiquiátrico pelas suas convicções. Vivíamos fazendo

figas no bolso.

Sentávamo-nos nas cozinhas, dizíamos mal do poder soviético e atacávamos com anedotas. Líamos edições clandestinas. Se alguém conseguia um livro novo, podia aparecer em casa dos amigos a qualquer hora – mesmo às duas ou três da madrugada, era sempre um hóspede bem-vindo. Lembro-me bem dessa vida noturna moscovita... especial... Havia os nossos heróis... os cobardes e os traidores... O nosso arrebatamento! É impossível explicar isto a uma pessoa não iniciada. Não consigo explicar principalmente o nosso arrebatamento. Nem consigo explicar outra coisa... Isso... Essa nossa vida noturna... nada parecia com a vida diurna. Nada parecia! De manhã íamos todos para o trabalho e tornávamo-nos cidadãos soviéticos comuns. Como todos os outros. Trabalhávamos para o regime. Ou uma pessoa era conformista, ou ia para porteiro, para vigilante, não havia outra maneira de se preservar. Voltávamos do trabalho para casa... E de novo bebíamos vodka nas cozinhas, ouvíamos as canções proibidas de Vissotski. Captávamos por entre estalidos a Voz da América. Ainda hoje me lembro dessa magnífica crepitação. Cativavam-nos os intermináveis romances. Apaixonávamo-nos, divorciávamo-nos. E ao mesmo tempo sentíamo-nos a consciência da nação, achávamos que tínhamos o direito de ensinar o nosso povo. Mas o que sabíamos nós do povo? Aquilo que lemos nos *Cadernos de Um Caçador* de Turguéniev e nos nossos escritores «rurais». Raspútín... Biélov... Eu nem o meu pai compreendia. Gritava-lhe: «Papá, se tu não lhes devolveres o cartão do Partido, não volto a falar contigo.» O papá chorava.

Gorbatchov tinha mais poder do que o czar. Um poder ilimitado. E ele chegou e disse a sua célebre frase: «Não se pode continuar a viver assim.» E o país transformou-se num clube de discussão. Discutiam em casa, no trabalho, nos transportes. Por diferenças de opinião, as famílias desintegravam-se, os filhos zangavam-se com os pais. Uma minha conhecida zangou-se de tal maneira com o filho e a nora por causa de Lenine, que os pôs fora de casa, e passaram o inverno nos arredores da cidade, na datcha gelada. Os teatros esvaziaram-se, toda a gente ficava em casa diante da televisão. Transmitiam reportagens diretas do I Congresso dos Deputados do Povo da URSS. Antes disso houve toda uma história sobre o modo como elegemos esses deputados. As primeiras eleições livres! Autênticas! Na nossa circunscrição havia duas candidaturas: um qualquer funcionário do Partido e um jovem democrata, professor universitário. Ainda me lembro do apelido dele – Malichev... Iura Malichev. Fiquei a saber por acaso que se dedica agora a negócios agrícolas, negoceia em tomates e pepinos. Naquele

tempo era um revolucionário! Discursava, dizia coisas tão subversivas como nunca se ouvira! Chamava à literatura marxista-leninista coisa de pequena cilindrada... naftalina... Exigia a supressão do sexto artigo da Constituição, sobre o papel dirigente do PCUS. A pedra angular do marxismo-leninismo... Eu ouvia-o e nem conseguia imaginar. Um delírio! Quem é que deixa... que permite mexer? Desmorona-se tudo... Se isso é o cimento... Estávamos assim, como zombies. Eu espremi durante anos o que havia em mim de pessoa soviética, esvaziava-o aos baldes. (*Silêncio.*) A nossa equipa... Juntámo-nos vinte pessoas, auxiliares voluntários, depois do trabalho percorríamos as habitações no nosso distrito a fazer propaganda. Desenhávamos cartazes: «Vota em Malichev!» E imagine, ele venceu! Com grande vantagem. A nossa primeira vitória! Depois ficámos todos loucos com as reportagens diretas do Congresso – os deputados falavam ainda mais abertamente do que nós nas nossas cozinhas. Ou a não mais de dois metros da cozinha. Estávamos todos pregados ao televisor, como drogados. Não conseguíamos desprender-nos. «Olha, agora o Travkin vai-lhes chegar!» Chegou-lhes! E o Boldirev? «Agora... Olha, valente!»

Uma indescritível paixão pelos jornais e revistas, mais pelos periódicos do que pelos livros. A tiragem das revistas disparou para os milhões de exemplares. De manhã, no metro, era todos os dias o mesmo quadro diante dos olhos: toda a carruagem sentada a ler. Os que iam de pé também liam. Trocavam jornais uns com os outros. Pessoas que não se conheciam. Eu e o meu marido assinámos vinte títulos, gastámos um dos ordenados todo nas assinaturas. Saía do trabalho e corria depressa para casa para vestir o roupão e ler. A minha mãe, que morreu há pouco tempo, dizia: «Estou a morrer, como uma ratazana no monturo.» O apartamento dela, de uma assoalhada, parecia uma sala de leitura: revistas, jornais – às pilhas nas prateleiras dos livros, no armário, no chão e na antessala. A preciosa *Novi Mir*, e a *Známia*... a *Daugaba*... Por todo o lado caixas com recortes. Caixas grandes. Levei tudo para a datcha. Tinha pena de deitar fora, e dar – a quem? Agora vai para a reciclagem! Está tudo lido e relido. Muitos sublinhados – a lápis vermelho e amarelo. A vermelho, o mais importante. Acho que tenho para lá uma meia tonelada. Toda a datcha está atulhada.

A fé era verdadeira... uma fé ingénu... Acreditámos que já estavam ali parados na rua os autocarros que nos iriam levar à democracia. Viveríamos em casas bonitas e não nas pequenas *khrushovkas*²⁴ cinzentas, construiríamos autoestradas em vez das estradas esburacadas, seríamos todos bondosos. Ninguém procurava indícios racionais para isso. Eles não existiam. E para quê? Acreditávamos com o coração e não com a razão. E votávamos com o coração.

Ninguém dizia concretamente o que era preciso fazer: liberdade – e nada mais. Se estamos parados num elevador fechado, só sonhamos com uma coisa – que o elevador se abra. Quando ele se abre, é uma felicidade. Uma euforia! Nem pensamos em que depois é preciso fazer qualquer coisa... finalmente respiramos a plenos pulmões... Já estamos felizes! A minha amiga casou-se com um francês que trabalhava na Embaixada em Moscovo. E ela estava sempre a dizer-lhe: « Vê tu a energia que nós, os russos, temos. » « Então explica-me, para quê essa energia? », respondia-lhe ele. Nem ela nem eu conseguíamos explicar. E eu respondia-lhe: « A energia brota », e pronto. Via à minha volta pessoas vivas, caras vivas. Que bonitos eram todos naquele tempo! De onde vieram aquelas pessoas? Se ainda na véspera não existiam!

Em nossa casa, não se desligava o televisor... Víamos as notícias a todas as horas. O meu filho tinha acabado de nascer, eu passeava com ele no pátio e levava sempre o rádio comigo. As pessoas andavam a passear os cães com os rádios. Agora rimos-nos do nosso filho: está na política desde pequenino – mas ele não se interessa por política. Ouve música, estuda línguas, quer ver o mundo. Vive de outras coisas. Os nossos filhos não se parecem connosco. Com quem se parecem eles? Com o seu tempo, uns com os outros. Mas nós, naquele tempo... Ai! Ai! Sotchak intervém no Congresso... Todos largam o que estão a fazer e correm para o ecrã. Agradava-me que Sotchak usasse um bonito casaco, acho que de veludo, com a gravata « à europeia ». Sákharov estava na tribuna... Quer dizer que o socialismo pode ter « rosto humano » ? Ali está ele... Para mim era o rosto do académico Likhatchov, e não o rosto do general Jaruzelski. Se eu dizia « Gorbachov », o meu marido acrescentava « Gorbachov... e também Raissa Maksimovna ». Pela primeira vez vimos uma mulher do secretário-geral que não nos envergonhava. Uma figura bonita, bem vestida. Gostam um do outro. Alguém nos trouxe uma revista polaca onde se dizia que Raissa era chique! Que orgulhosos ficámos! Intermináveis comícios... Inundavam as ruas de panfletos. Acabava um comício, começava outro. As pessoas não paravam, cada qual pensava que chegava ali e recebia uma qualquer revelação. Agora as pessoas justas vão encontrar as respostas corretas... Pela frente esperava-nos uma vida desconhecida, que atraía toda a gente. Parecia que o reino da liberdade estava já ali à porta...

Mas a vida tornava-se cada vez pior. Em breve, para além de livros, não se conseguia comprar nada. À venda só havia livros.

Dia 19 de agosto de 1991... Chego do Comitê Distrital. Vou pelo corredor e oiço: em todos os gabinetes, em todos os andares, os rádios estão ligados. A secretária do «primeiro» transmite-me o pedido para ir ter com ele. Entro. O «primeiro» tem o televisor com o som muito alto e está sentado, com ar sombrio, a captar ora a Rádio Liberdade, ora a rádio alemã... ora a BBC... tudo o que era possível apanhar. Em cima da mesa há uma lista dos membros do Comitê para o Estado de Emergência... o GKTP²⁵... como depois passam a chamar-lhe. «Só Varénnikov inspira algum respeito», diz-me ele. «Em todo o caso é um general combatente. Combateu no Afeganistão.» Entram o segundo secretário, o chefe da Secção de Organização... Começa a conversa entre nós: «Que horror! Vai haver sangue. Vamos ficar inundados de sangue.» «Não o de todos, apenas os que for preciso.» «Há muito que era tempo de salvar a União Soviética.» «Vão juntar montes de cadáveres.» «Bem, acabou-se, o Gorbachov está arrumado.» «Finalmente pessoas normais, gerais, chegam ao poder. Acaba-se a bagunça.» O «primeiro» disse que tinha decidido não realizar a reunião de trabalho daquela manhã – comunicar o quê? Não chegaram nenhuma orientação. Telefonou para a Polícia na nossa presença: «O que é que consta por aí?» «Nada.» Ainda falámos de Gorbachov – ou estava doente, ou tinha sido preso. Todos nos inclinávamos mais para uma terceira possibilidade – escapuliu-se com a família para a América. Pois para onde mais?

E assim passámos todo o dia junto aos televisores e aos rádios. Na inquietação: quem levará a melhor lá em cima? Esperávamos. Digo-lhe com franqueza, esperávamos. Tudo isto fazia lembrar um pouco o derrube de Khrushchov. Já começavam as memórias... As conversas, naturalmente, eram sobre um só tema... Que liberdade? A liberdade para a nossa gente é como os óculos para o macaco. Ninguém sabe o que fazer com ela. Todos esses quiosques, esses bazares... Não temos inclinação para isso. Lembrei-me de como alguns dias antes tinha encontrado o meu antigo motorista. Toda uma história... Apareceu-nos no Comitê Distrital um jovem, logo depois da tropa, recomendado por alguém. Ficou muito contente. Mas começaram as mudanças, permitiram a formação de cooperativas, e ele foi-se embora. Foi-se ocupar de negócios. Tive dificuldade em reconhecê-lo: cabelo rapado, blusão de cabedal, fato desportivo. Segundo percebi, é entre eles uma espécie de uniforme. Gabouse de ganhar mais num dia do que o primeiro secretário do Comitê Distrital num mês. Um negócio seguro – calças de ganga. Juntamente com outro alugaram uma simples lavandaria, onde fazem os seus «cozinhados». A tecnologia é simples (a necessidade aguça o engenho): lançam umas calças de ganga banais

numa solução de branqueador ou cal clorada, acrescentam um tijolo moído. Deixam a «cozer» um par de horas – e as calças ficam com listras, ramagens, desenhos... Abstracionismo! Secam-nas colam-lhes a marca *Montana*. Ocorreu-me imediatamente: se nada mudar, serão eles, estes vendedores de calças de ganga, que em breve nos vão comandar. Os *nepmen!* E dão de comer e de vestir a todos, por mais ridículo que isso seja. Constroem fábricas nas caves... E assim foi. Ai está! Agora esse rapaz é um milionário ou bilionário (para mim, milhões e biliões são somas igualmente doidas), deputado da Duma. Tem uma casa nas Canárias... outra em Londres... No tempo do czar, em Londres, vivam Herzen e Ogariov; agora são eles... os nossos «novos russos»... Os reis das calças de ganga, dos móveis, dos chocolates. Dos petróleos.

Às nove da noite, o «primeiro» voltou a reunir toda a gente no seu gabinete. Uma comunicação do chefe distrital do KGB. Falou do estado de espírito entre as pessoas. Segundo as suas palavras, o povo apoiava o GKTP. Não se revoltava. Estavam todos fartos de Gorbachov... Senhas para tudo, menos para o sal... não havia vodca... Os rapazes do KGB percorriam a cidade e registavam as conversas. Havia brigas nas bichas: «Uma revolta! O que vai ser do país?», «Mas o que é que se revoltou em tua casa? A cama está no mesmo lugar. A vodca é a mesma», «E acabou-se a liberdade», «Houve quem quisesse pastilhas elásticas. Fumar *Marlboro*», «Há muito que era tempo! O país está à beira da bancarrota!», «O judeu do Gorbachov! Quis vender a Pátria por dólares», «Vai correr sangue...», «Sem sangue não se consegue nada entre nós...», «Para salvar o país... o Partido... são precisas calças de ganga. Roupa bonita para as mulheres, salame, e não tanques», «Queriam uma boa vida? O caralho! Esqueçam!» . (*Silêncio.*)

Numa palavra, o povo esperava... tal como nós... Ao fim do dia já não havia livros policiais na biblioteca do Partido, tinham sido todos requisitados. (*Ri-se.*) Devíamos todos ler Lenine, e não policiais. Lenine e Marx. Os nossos apóstolos.

Lembrei-me da conferência de imprensa do GKTP... As mãos de Ianáev tremiam. Estava de pé e justificava-se: «Gorbachov merece todo o respeito... é meu amigo...» Uns olhos fugidios... uns olhos assustados... Caiu-me o coração aos pés. Não eram aqueles homens que poderiam... que esperávamos... uns pigmeus... vulgares *apparatchiks*... salvar o país! Salvar o comunismo! Não havia quem o salvasse... No ecrã, as ruas de Moscovo – um mar de gente. Um mar! Nos comboios, o povo correu para Moscovo. Eltsin em cima de um tanque. Distribui panfletos... «Eltsin! Eltsin!», repete a multidão. Um triunfo! (*Revira nervosamente a ponta da toalha.*) Esta toalha é chinesa... O mundo está cheio de

artigos chineses. A China é o país onde o GKPT venceu... E em que país estamos nós? Num país do Terceiro Mundo. Onde estão aqueles que gritavam « Eltsin! Eltsin!» ? Pensavam que iam viver como na América e na Alemanha, e vivem como na Colômbia. Nós perdemos... perdemos o país... E nesse tempo, nós, os comunistas, éramos quinze milhões! O Partido era capaz... traíram-no... Em quinze milhões não se achou um único líder. Nem um! E do outro lado havia um líder. Havia Eltsin! Perdemos tudo ingloriamente! Metade do país esperava que vencêssemos. Já não havia um país. Havia dois países.

Aqueles que se intitulavam comunistas de repente começaram a confessar que odiavam o comunismo desde que usavam faldas. Entregavam os cartões do Partido... Alguns traziam os cartões e entregavam-nos em silêncio, outros batiam com a porta. Atiravam-nos durante a noite para o edifício do Comitê Distrital... Como ladrões. Renunciem ao comunismo honestamente. Não em segredo. De manhã os porteiros apanhavam no pátio cartões do Partido e do Komsomol. Traziam-nos em envelopes, em grandes sacos de celofane... O que fazer com eles? Onde entregá-los? Não havia ordens. De cima não havia quaisquer sinais. Um silêncio de morte. (*Fica pensativa.*) Era assim aquele tempo... as pessoas começaram a mudar tudo... Absolutamente tudo. Completamente. Uns partiam, mudavam de pátria. Outros mudavam de convicções e de princípios. Outros ainda mudavam as coisas em casa, mudavam as coisas totalmente. Deitavam fora tudo o que era soviético, compravam produtos importados... Os « traficantes » trouxeram logo chaleiras, telefones, mobílias... frigoríficos... Tudo apareceu aos montes, sabe-se lá de onde. « Tenho uma máquina de lavar Bosch », « Pois eu comprei um televisor Siemens ». Em todas as conversas se ouvia: *Panasonic, Sony... Philips...* Encontrei uma vizinha: « É uma vergonha alegrar-me com um moinho de café alemão... Mas eu estou feliz! » Ela que esteve uma noite... só uma noite na bicha para comprar um livro de Akhmátova, agora ficou doida por causa de um moinho de café. Por uma futilidade assim... E desfez-se do cartão do Partido como de uma coisa inútil. Era difícil acreditar... Mas alguns dias depois tudo mudou. A Rússia czarista, segundo lemos nas memórias, desbotou em três dias, e o comunismo também. Num par de dias. Não nos entrava na cabeça... É certo que também havia aqueles que escondiam os seus caderninhos vermelhos, guardavam-nos para qualquer eventualidade. Recentemente, em casa de uma família, mostraram-me um busto de Lenine tirado das águas-furtadas. Guardam-no... de repente ainda pode ser útil... Se os comunistas voltarem, serão eles os primeiros a pendurar uma fita vermelha. (*Longo silêncio.*) Eu tinha em cima da mesa centenas de declarações de saída do

Partido... Em breve amontoamos tudo isso e deitamos fora como lixo. Apodreceu no monturo. (*Procura qualquer coisa numas pastas em cima da mesa.*) Conservei algumas folhas... Alguma vez mas pedirão para o museu. Hão de procurar... (*Lé.*)

« ... eu era uma dedicada militante do Komsomol... entrei para o Partido de coração aberto. Agora quero dizer que o Partido já não tem qualquer poder sobre mim...»

« ... O tempo induziu-me em erro... Eu acreditava na Grande Revolução de Outubro. Depois de ler Soljenitsin, compreendi que “os belos ideais do comunismo” estão todos ensanguentados. Isso é um engano...»

« ... Foi o medo que me obrigou a entrar para o Partido... Os bolcheviques de Lenine fuzilaram o meu avô. E os comunistas de Estaline exterminaram os meus pais nos campos de detenção da Mordóvia...»

« ... Em meu nome e no do meu falecido marido declaro a minha saída do Partido...»

Era preciso sobreviver a tudo isto... não morrer de horror... Diante do Comité Distrital havia bichas, como numa loja. Bichas de pessoas que queriam devolver os cartões do Partido. Uma mulher simples, uma ordenhadora, veio ter comigo, a chorar: « O que hei de fazer? Como proceder? Escrevem nos jornais que se deve deitar fora o cartão do Partido.» Justificava-se dizendo que tinha três filhos, que receava por eles. Alguém lançou boatos de que os comunistas seriam julgados, desterrados. Que na Sibéria já estavam a reparar as antigas barracas... Que a Polícia já havia recebido as algemas... alguém tinha visto descarregá-las dos camiões com capota de lona. Coisas horríveis, sim! Mas também guardei na memória comunistas verdadeiros. Dedicados à ideia. Um jovem professor... Pouco antes do GKTP foi admitido no Partido, mas não tiveram tempo de lhe entregar o cartão, e ele pedia: « Daqui a pouco vão selar as vossas instalações. Passe-me agora o cartão do Partido, se não nunca o receberei.» Nesse momento as pessoas revelavam-se com especial clareza. Chegou um antigo combatente... Com todas as condecorações de combate. Uma iconóstase no peito! Devolveu o cartão do Partido, que lhe tinha sido entregue na frente, com as palavras: « Não quero estar no mesmo Partido com esse traidor do Gorbachov!» As pessoas mostravam-se claramente... claramente. Estranhos e conhecidos. E até parentes. Dantes, quando me encontravam: « Ah, Elena Iurievna! », « Como vai a sua saúde, Elena Iurievna? » E agora quando me veem ao longe atravessam para o outro lado da rua para não me cumprimentarem. O diretor da melhor escola do distrito... Pouco antes de todos estes acontecimentos promovemos na escola dele

uma conferência científica do Partido sobre os livros de Bréjnev *A Terra Pequena e Ressurgimento*. Nessa altura, ele fez um brilhante discurso sobre o papel dirigente do Partido Comunista nos anos da Grande Guerra Patriótica... e pessoalmente do camarada Bréjnev... Entreguei-lhe o diploma do Comité Distrital do Partido. Um comunista leal! Um leninista! Meu Deus! Não se passou um mês... Encontrou-me na rua e começou a insultar-me: «Acabou-se o vosso tempo! Vão responder por tudo. Em primeiro lugar, por Estaline!» Até me faltou o ar, com o ultraje... Ele, dizer-me isto a mim! A mim? A mim, cujo pai esteve no campo de detenção... (*Demora alguns momentos a acalmar-se.*) Eu nunca gostei de Estaline. O meu pai perdoou, mas eu não. Não lhe perdoei... (*Silêncio.*) Iniciaram a reabilitação dos «políticos» depois do XX Congresso. Depois do relatório de Khrushchov... Mas isto... Isto foi já no tempo de Gorbachov... Nomearam-me presidente da Comissão Distrital para a reabilitação das vítimas da repressão política. Sei que antes propuseram isso a outros: ao nosso procurador e ao segundo secretário do Comité Distrital do Partido. Recusaram. Porquê? Talvez tivessem medo. No nosso país, ainda hoje se tem medo de tudo o que está ligado ao KGB. Mas eu não hesitei nem um minuto: «Sim, aceito.» O meu pai foi vítima. De que havia eu de ter medo? Da primeira vez conduziram-me a uma cave qualquer... Dezenas de milhares de pastas... Um «processo» tinha duas folhas, outro era um tomo. Como em trinta e sete havia um plano... um rateio... para «desmascarar e extirpar os inimigos do povo», também nos anos oitenta foram enviados aos distritos e regiões números para reabilitação. Era preciso cumprir e ultrapassar o plano. Era o estilo estalinista: reunião, distribuição, resolução. E toca a despachar... (*Abana a cabeça.*) Fiquei noites inteiras a ler, a folhear os processos. Digo com toda a franqueza... ficava com os cabelos em pé... O irmão denunciava o irmão, o vizinho escrevia contra o vizinho... Zangavam-se por causa da horta, por causa do quarto no apartamento comunitário. Alguém num casamento cantou uma modinha: «Obrigado ao Estaline georgiano, que nos calça de borracha e de pano.» Isto era o bastante. Por um lado, o sistema esmagava as pessoas, e, por outro, as pessoas não tinham piedade umas das outras. Uma pessoa estava disposta...

Num vulgar apartamento comunitário... Vivem cinco famílias – vinte e sete pessoas. Uma cozinha e uma latrina. Duas vizinhas são amigas: uma delas tem uma filha de cinco anos, a outra vive sozinha. Nos apartamentos comunitários vigiavam-se habitualmente uns aos outros. Aqueles que tinham um quarto de dez metros invejavam os que tinham um quarto de vinte e cinco. A vida... é assim... E à noite chega o «corvo negro»... Prendem a mulher que tem uma menina

pequena. Antes de a levarem, ela conseguiu gritar à amiga: «Se eu não voltar, fica com a minha filha. Não a entregues ao asilo.» E a outra ficou com a criança. Atribuíram-lhe um segundo quarto... A menina passou a chamar-lhe mamã... «mamã Ânía»... Passaram-se dezassete anos... Ao fim dos dezassete anos voltou a verdadeira mãe. Beijou as mãos e os pés da sua amiga. As histórias acabam habitualmente aqui, mas na vida houve outro desfecho. Sem *happy end*. No tempo de Gorbatchov, quando se abriram os arquivos, perguntaram à antiga reclusa do campo de detenção: «Quer ver o seu processo?» «Quero.» Levou o seu dossiê... abriu-o... Em cima estava a denúncia... Letra conhecida... A vizinha... a «mamã Ânía»... escrevera a denúncia... Compreende alguma coisa? Eu não. E aquela mulher também não conseguia compreender. Foi para casa e enforcou-se. (*Silêncio.*) Eu sou ateia. Tenho muitas questões para Deus... Lembro-me... Recordo as palavras do meu pai: «O campo de detenção pode-se suportar, mas as pessoas não.» E também dizia: «Morre tu hoje, e eu amanhã», estas palavras não as ouvi eu pela primeira vez no campo, mas ao nosso vizinho. Ao Karpucha... O Karpucha toda a vida injuriou os meus pais, por causa das nossas galinhas que iam para cima da horta dele. Corria para debaixo das nossas janelas com uma espingarda de caça... (*Silêncio.*)

Dia 23 de agosto... Prenderam os membros do GKTP. O ministro do Interior, Pugo, suicidou-se... antes disso matou a mulher... As pessoas alegraram-se: «Pugo suicidou-se!» O marechal Akhroméiev enforcou-se no seu gabinete no Kremlin. Houve mais algumas mortes estranhas... Nikolai Krutchina, encarregado de negócios no Comité Central, caiu da janela do quinto andar... Suicídio ou homicídio? Ainda hoje se conjectura. (*Silêncio.*) Como viver? Como sair à rua? Sair simplesmente à rua e encontrar alguém. Nesse tempo... Eu já vivia sozinha há alguns anos. A minha filha casou-se com um oficial, partiu para Vladivostoque. O meu marido morreu de cancro. À noite voltava para o apartamento vazio. Não sou uma pessoa fraca... Mas os pensamentos de toda espécie... horríveis... surgiam... Digo com franqueza... Houve, sim... (*Silêncio.*) Durante algum tempo ainda íamos para o trabalho no Comité Distrital. Fechávamo-nos nos nossos gabinetes, víamos as notícias pela televisão. Esperávamos. Tínhamos esperança em qualquer coisa. Onde estava o nosso Partido? O nosso invencível Partido leninista! O mundo desabou... Um telefonema de um *kolkhoz*: os mujiques, com gadanhas, forquilhas e espingardas de caça, cada qual com aquilo que tinha, concentraram-se ao lado do escritório para defender o poder soviético. O «primeiro» ordenou: «Mandem essas pessoas para suas casas.» Assustaram-se... estávamos todos assustados... Mas as

peessoas estavam com uma disposição resoluta. Conheço alguns desses factos. Mas nós estávamos assustados...

E pronto... naquele dia... telefonaram do Comité Executivo do distrito: «Somos obrigados a selar os vossos gabinetes. Têm duas horas para reunir as vossas coisas.» (*A emoção não a deixa falar.*) Duas horas... duas... Os gabinetes foram selados por uma comissão especial... Democratas! Um serralheiro, um jovem jornalista, uma mãe de cinco filhos... Eu já a conhecia dos comícios. Pelas cartas ao Comité Distrital... ao nosso jornal... Vivia com a sua numerosa família numa barraca. Em toda a parte falava e exigia um apartamento. Amaldiçoava os comunistas. Fixei a cara dela... Naquele momento estava triunfante... Quando foram ter com o «primeiro», ele atirou-lhes uma cadeira. No meu gabinete, uma da Comissão chegou à janela e arrancou ostensivamente a cortina. Seria para que eu não a levasse para casa? Meu Deus! Obrigaram-me a abrir a malinha de mão... Alguns anos depois encontrei na rua essa mãe de cinco filhos. Até me lembrei agora do nome dela: Galina Avdei. Perguntei-lhe: «Recebeu um apartamento?» Ela ameaçou com o punho o edifício da Administração Regional: «Aqueles canalhas também me enganaram.» A seguir... A seguir, o quê? À saída do edifício do Comité Distrital esperava-nos uma multidão: «Os comunistas ao tribunal! Agora vão eles para a Sibéria!», «Pegar numa metralhadora e atirar sobre as vossas janelas». Voltei-me: atrás de mim, dois homens bêbedos: foram eles que falaram da metralhadora... Respondi: «Mas tenham em conta que eu disparo.» Ao lado estava um polícia fingindo que não ouviu nada. Era um polícia meu conhecido.

Tinha sempre a sensação de ouvir atrás de mim um Uh! Uh! Uh!... Não era eu a única a viver assim... Na escola, a filha de um instrutor foi abordada por duas meninas da sua turma: «Já não somos tuas amigas. O teu pai trabalhava no Comité Distrital do Partido.» «O meu pai é bom.» «Um pai bom não podia trabalhar ali. Nós ontem estivemos num comício...» Quinta classe... umas crianças... prontas a passar balas. O «primeiro» teve um enfarte. Morreu na ambulância, não conseguiram levá-lo até ao hospital. Eu pensei que haveria, como dantes, muitas coroas de flores, orquestra, mas não havia nada nem ninguém. Algumas pessoas acompanharam o féretro... um grupo de camaradas...

A mulher dele pediu que gravassem na lápide a foice e o martelo e as primeiras linhas do hino soviético: «União indestrutível de repúblicas livres...» Riram-se dela. Eu ouvia constantemente aquele sussurro: «Uh! Uh! Uh!...» Pensava que ia endoidecer... Uma mulher desconhecida disse-me na cara:

« Ora bem, comunas, desgraçaram o país!»

O que é que me salvou? Salvaram-me os telefonemas... telefonemas de amigas: « Se te mandarem para a Sibéria, não tenhas medo. Aquilo lá é bonito.» (*Ri-se.*) Ela tinha ido lá numa viagem turística. Gostou. O telefonema de uma prima de Kiev: « Vem para junto de nós. Eu dou-te a chave. Podes esconder-te na nossa datcha. Lá ninguém te encontra.» « Não sou nenhuma criminosa. Não me escondo.» Os meus pais telefonavam todos os dias: « O que é que tu fazes?» « Faço conservas de pepinos.» Passava dias inteiros a ferver boiões. Fechava-os. Não lia os jornais nem via televisão. Lia livros policiais, terminava um livro e começava logo outro. A televisão horrorizava-me. Os jornais também.

Durante muito tempo não consegui arranjar trabalho... Todos achavam que nós tínhamos dividido o dinheiro do Partido e que cada um de nós possuía um bocado de um oleoduto ou, no pior dos casos, uma pequena estação de abastecimento. Não tenho nem estação de abastecimento, nem loja, nem quiosque. Agora chamam-lhes *komki, tchelnoki*²⁶... A grande língua russa está irreconhecível: *voucher*, flutuação das taxas de câmbio... tranche do FMI... Falamos numa língua estrangeira. Voltei a ensinar na escola. Releio com os alunos os meus queridos Tolstoi e Tchékhev. O que fazem os outros? Os destinos dos meus camaradas foram diversos... Um dos nossos conferencistas suicidou-se. O chefe de gabinete do Partido sofreu um colapso nervoso, esteve muito tempo no hospital. Um ou outro tornou-se homem de negócios... O segundo secretário é diretor de um cineteatro. Um dos instrutores do Comité Distrital é sacerdote. Encontrava-me com ele, conversávamos. Vive uma segunda vida. Senti inveja dele. Lembro-me de estar numa galeria de arte... onde havia um quadro com muita, muita luz e uma mulher em pé sobre uma ponte. Olhava para longe... muita, muita luz... Não me queria afastar daquele quadro. Afastava-me e depois voltava. Senti-me atraída por ele. Também eu podia ter tido outra vida. Mas qual?

Anna Ilínitchna

Acordei com o barulho... Abri a janela... Por Moscovo, a capital, circulavam taques e carros blindados. A rádio! Ligar depressa o rádio. Pela rádio transmitiam uma comunicação ao povo soviético: « Pára sobre a Pátria um perigo mortal... O país está mergulhado num pântano de violência e de ilegalidade... Limpemos as ruas dos elementos criminosos... Ponhamos fim aos tempos confusos...» Não se percebia – ou Gorbatchov se demitiu por motivos de saúde, ou então prenderam-no. Telefone ao meu marido, que estava na datcha.

« Há um golpe de Estado no país. O poder está nas mãos... » « Parva! Desliga o telefone, vão prender-te num instante. » Ligo a televisão. Em todos os canais, transmitem o bailado *O Lago dos Cisnes*. Mas eu tenho outras cenas diante dos olhos, todos nós somos filhos da propaganda soviética: Santiago do Chile... o palácio presidencial a arder... A voz de Salvador Allende... Começaram os telefonemas: a cidade está cheia de máquinas militares, há tanques parados na Praça Púchkin, na praça dos teatros... A minha sogra estava na altura de visita em nossa casa, ficou horrivelmente assutada: « Não saias para a rua. Vivi debaixo de uma ditadura, sei o que isso é. » Mas eu não quero viver numa ditadura!

Depois do almoço o meu marido voltou da datcha. Estávamos sentados na cozinha. Fumávamos muito. Receávamos as escutas telefónicas... pusemos uma almofada em cima do telefone... (*Ri-se*.) Fartámo-nos de ler literatura dissidente. Fartámo-nos de ouvir. E agora isso servia-nos... Deixaram-nos respirar um pouco, e agora fecha-se tudo. Voltam a empurrar-nos para a jaula, esmagam-nos outra vez contra o asfalto... seremos como borboletas no cimento... Recordámos os recentes acontecimentos na Praça de Tiananmen, e de como em Tbilisi os sapadores dispersaram os manifestantes com as pás. O assalto à central de televisão em Vilnius... « Enquanto nós líamos Chalmóv e Platónov », disse o meu marido, « começou a guerra civil. » Dantes discutíamos nas cozinhas, íamos aos comícios, mas agora vamos disparar uns contra os outros. Era este o estado de espírito... aproximava-se algo de catastrófico... Não desligávamos o rádio nem por um instante, sempre a rodar o botão – em toda a parte transmitiam música, música clássica. E de repente – milagre! Começou a funcionar a Rádio Rússia: « O Presidente legitimamente eleito foi afastado do poder... Uma tentativa cínica de golpe de Estado... » Foi assim que soubemos que milhares de pessoas já tinham saído para a rua. Gorbatchov estava em perigo... Nem sequer discutimos se havíamos de ir ou não. Fomos! A princípio, a minha sogra tentou dissuadir-me: « Pensa na criança, tu estás doida, no que é que te vais meter? » Eu ficava calada. Mas ela via que nos estávamos a preparar: « Uma vez que vocês são tão idiotas, então levem ao menos uma solução de soda, se houver ataques com gás, molham uma gaze e põem na cara. » Preparei uma lata de três litros dessa solução, rasguei um lençol aos bocados. Levámos também tudo o que tínhamos de comer, retirei do armário todas as conservas.

Muitas pessoas iam, como nós, para o metro... Mas havia quem estivesse na bicha para comprar gelados... ou para comprar flores. Passámos junto de um grupo alegre... Capsei algumas palavras: « Se eu amanhã não for ao concerto por

causa dos tanques nunca lhes perdoarei.» Ao nosso encontro corre um homem em cuecas com um saco na mão cheio de garrafas vazias. Chegou ao nosso lado: «Não me indicam onde é a Rua dos Construtores?» Indiquei-lhe onde tinha de virar à direita, e depois sempre em frente. E ele: «Obrigado.» Não queria saber de nada, só entregar as garrafas. E então, em 1917 terá sido diferente? Uns disparavam e outros dançavam nos bailes. Lenine em cima de um tanque...

Elena Iurievna

Uma farsa! Representaram uma farsa! Se o GKTP tivesse vencido, hoje estaríamos noutro país. Se Gorbachov não se tivesse acobardado... Não estaríamos agora a pagar os ordenados em pneus e bonecas. Em champô. Se a fábrica produz pregos, é em pregos. Se produz sabão, é em sabão. Digo a toda a gente: «Olhem para os Chineses... Eles têm a sua via. Não dependem de ninguém, não imitam ninguém. E hoje todo o mundo tem medo dos Chineses...» (*Volta a fazer-me uma pergunta.*) De certeza que não vai riscar as minhas palavras?

Prometo-lhe que haverá dois relatos. Quero manter-me a historiadora de sangue-frio, e não ser uma historiadora com uma tocha acesa. Que o tempo seja o juiz. O tempo é justo, mas um tempo distante e não próximo. Sem as nossas paixões.

Anna Ilínitchna

Agora podemos rir-nos desses dias, chamar-lhes opereta. Mas na altura tudo se passava muito a sério. Honestamente. Tudo era autêntico e todos nós éramos autênticos. Pessoas desarmadas mantinham-se diante dos tanques e estavam dispostas a morrer. Eu estive nessas barricadas e vi essas pessoas, que vieram de todo o país. Umas velhotas moscovitas, pessoas inofensivas, trouxeram croquetes, batatas quentes embrulhadas numa toalha. Davam de comer a todos... E também aos tanquistas: «Comam, rapazes. Mas não disparem. Serão capazes de disparar?» Os soldados não compreendiam nada... Quando abriram as escotilhas e saíram dos tanques, ficaram atónitos. Toda a Moscovo estava nas ruas! As raparigas subiam para a blindagem, para junto deles, abraçavam-nos, beijavam-nos. Davam-lhes pãezinhos. Mães de soldados, cujos filhos tinham morrido no Afeganistão, choravam: «Os nossos filhos morreram numa terra estranha, e vocês vieram para morrer na vossa terra?» Um major... Quando as mulheres o rodearam, os nervos cederam-lhe e ele gritou: «Eu próprio sou pai. Não dispararei! Juro-lhes, não dispare! Não iremos contra o povo!»

Aconteceram ali muitas coisas ridículas e tocantes até às lágrimas. De repente ouviram-se gritos entre a multidão: «Alguém tem um *Valium*, há aqui uma pessoa que se sente mal.» Não havia *Valium*. Uma mulher com uma criança no carrinho de bebé (se a minha sogra visse isto!) puxou uma fralda para nela desenhar uma cruz vermelha. Com o quê? «Alguém tem um batom?» Começaram a dar-lhe batom, barato, e *Lancôme...* e *Christian Dior...* e *Chanel...* Ninguém fotografou isto, nem registou em pormenor. É pena. Muita pena. A harmonia do acontecimento, a sua beleza aparente... surgirão mais tarde, aquelas bandeiras e aquela música... e tudo se fundirá em bronze... Mas na vida está tudo fragmentado, sujo e lilás: as pessoas estiveram toda a noite sentadas no chão em volta das fogueiras, em cima de jornais e panfletos. Esfomeadas, furiosas. Praguejavam e bebiam, mas ninguém estava bêbedo. Alguém trouxe salame, queijo, pão, café. Dizia-se que eram membros das cooperativas... negociantes... Uma vez até vi algumas caixas de caviar vermelho. O caviar desapareceu no bolso de alguém. Também distribuía cigarros gratuitamente. Ao meu lado estava sentado um rapaz com tatuagens de presidiário. Um tigre! Motoqueiros, *punks*, estudantes com guitarras. E professores. Estavam todos juntos. O povo! Aquele era o meu povo! Encontrei ali amigos meus, do instituto, que não via havia uns quinze anos, ou talvez mais. Um vivia em Vologdá... outro em Iaroslavl... Mas tomaram o comboio e vieram para Moscovo! Defender qualquer coisa importante para todos nós. De manhã levámo-los para nossa casa. Lavámo-nos, tomámos o pequeno-almoço e voltámos. À saída do metro já entregavam a cada um um bocado de ferro ou uma pedra. «A pedra da calçada é a arma do proletariado», rimo-nos nós. Construimos barricadas. Virávamos os tróleis, derrubávamos árvores.

Havia já uma tribuna e cartazes por cima da tribuna: «Não à junta!», «O povo não é lama debaixo dos pés». Os que intervinham falavam com megafones. Começavam as suas intervenções com palavras normais – as pessoas simples e os políticos conhecidos. Ao fim de alguns minutos as palavras já não chegavam, e então começavam as injúrias e os palavrões. «Vamos mostrar a esses bandalhos...» E palavrões! O bom vernáculo russo! «Acabou-se o tempo deles...» E... a boa, poderosa língua russa! O calão como grito de guerra. E toda a gente compreendia. Correspondia ao momento. Um momento de tanto entusiasmo! De tanta força! As velhas palavras não bastavam, e as novas ainda não tinham nascido... Estávamos sempre à espera de um assalto. Reinava um silêncio incrível, em especial à noite. Estávamos todos horrivelmente tensos. Milhares de pessoas, e silêncio. Lembro-me do cheiro da gasolina que

estavam a deitar nas garrafas. Era o cheiro da guerra...

Estava ali boa gente! Estavam ali pessoas excelentes! Agora escrevem muito sobre vodca e drogas. Como quem diz, que revolução é esta? Uns bêbedos e drogados foram para as barricadas. Mentira! Estavam todos honestamente prontos para morrer. Sabíamos que aquela máquina moera as pessoas durante setenta anos... ninguém pensava que ela se quebrasse tão facilmente... Sem muito sangue... Havia boatos: a ponte estava minada, em breve lançariam gás. Um dos estudantes de Medicina explicava como proceder perante um ataque com gás. A situação mudava a cada meia hora. Uma notícia horrível: três rapazes morreram debaixo de um tanque... Mas ninguém tremeu, ninguém saiu da praça. Era importante para a nossa vida, acontecesse depois o que acontecesse. Quaisquer que fossem as decepções. Mas vivemos aquilo... Éramos assim! (*Chora.*) Ao amanhecer sou sobre a praça: «Hurra! Hurra!» De novo os palavrões... as lágrimas... os gritos... Comunicavam em cadeia: o Exército passou para o lado do povo, o destacamento especial Alfa recusou-se a participar no assalto. Os tanques saíam da capital... E quando declararam que os golpistas tinham sido detidos, as pessoas começaram a abraçar-se – era uma tão grande felicidade! Tínhamos vencido! Defendemos a nossa liberdade. Juntos, havíamos conseguido! Portanto, somos capazes! Sujos, encharcados, à chuva, ainda durante muito tempo não quisemos dispersar e voltar para casa. Escrevíamos os endereços uns dos outros. Jurávamos recordar. Ser amigos. Os polícias no metro eram muito amáveis, nunca antes disso, nem depois, eu vi polícias tão amáveis.

Vencemos... Gorbachov voltou de Foros para um país completamente diferente. As pessoas caminhavam pela cidade e sorriam umas às outras. Vencemos! Este sentimento não me abandonou durante muito tempo... Caminhava e recordava-me... tinha as cenas diante dos meus olhos... Alguém gritou: «Os tanques! Vêm aí os tanques!» Todos se deram as mãos e ergueram-se num cordão. Às duas ou três horas da madrugada. Um homem ao meu lado puxou um pacote de bolachas: «Querem bolachas?» E toda a gente aceita aquelas bolachas. Por qualquer razão rimo-nos às gargalhadas. Queremos bolachas... queremos viver! Mas eu... até agora... sinto-me feliz por ter estado lá. Com o meu marido, com os amigos. Então éramos todos ainda muito sinceros. Tenho pena de todos nós... por já não sermos assim... Dantes tinha muita pena.

Ao despedir-me, pergunto-lhes como conseguiram manter a sua amizade, segundo percebi, desde a universidade?

– Temos um acordo... não abordar estes temas. Não nos magoarmos uma à outra. Em tempos discutíamos, cortávamos relações. Durante anos não falámos

uma com a outra. Mas isso passou.

– Agora falamos só dos filhos e dos netos. Daquilo que cada uma cultiva na datcha.

– Os nossos amigos reúnem-se... Também não dizem uma palavra sobre política. Cada qual chegou a isto à sua maneira. Vivemos juntos: senhores e camaradas. « Brancos » e « vermelhos ». Mas já ninguém quer disparar. Basta de sangue.

14 Anatoli Tchubaiss (nascido em 1955), iniciador da privatização das grandes empresas. *(N. do T)*

15 Pequenos pastéis de massa recheados de carne, típicos da Sibéria. *(N. do T)*

16 Solovki foi um dos primeiros campos de trabalho correcional. Bielomorcanal: canal de ligação entre o mar Branco e o mar Báltico, aberto em 1933. Tem 227 quilómetros de comprimento e foi escavado com o trabalho de presidiários. *(N. do T)*

17 Gleb Uspenski (1843-1902), escritor russo ligado ao movimento « Vontade do Povo ». *(N. do T)*

18 Vladímir Korolenko (1853-1921), escritor e jornalista ucraniano, populista. *(N. do T)*

19 Mikhail Cholókhov (1905-1984), escritor russo, autor do romance *O Dom Tranquilo* e de outras obras. Prémio Nobel da Literatura em 1965. *(N. do T)*

20 Vladímir Potánin (1961), multimilionário russo. *(N. do T)*

21 Fazil Iskander (1929), poeta originário da Abecásia. *(N. do T)*

22 Personagem do célebre romance *Assim Foi Temperado o Aço* de Nikolai Ostrovski (1904-1936). *(N. do T)*

23 Ivan Búnin (1870-1953), romancista e poeta russo. Prémio Nobel da Literatura em 1933. *(N. do T)*

24 Designação dada aos pequenos apartamentos construídos em grande número na era de Nikita Khrushchov. *(N. do T)*

- 25** Acrônimo do nome russo do Comité para o Estado de Emergência: Gossudarstvenni Komitet po Tchrezvitcháinomu Polojéniu. *(N. do T)*
- 26** Komki (singular, komok): lojas de artigos usados; tchelnoki (singular, tchelnok literalmente, canoa), designa o pequeno comércio de contrabando. *(N. do T)*

Irmãos e irmãs, os carrascos
e as vítimas... e o eleitorado

*Aleksandr Porfirievitch Charpilo,
reformado, 63 anos*

RELATO DA VIZINHA, MARINA TÍKHONOVNA ISSAITCHIK

Gente de fora, o que querem daqui? Sempre a passar, a passar... Bem... a morte não acontece sem uma razão, há sempre uma razão. A morte encontra uma razão.

O homem ardeu na horta, no meio dos pepinos... regou a cabeça com acetona e acendeu um fósforo. Estava sentada, liguei o televisor, oiço gritos. Uma voz de velho... uma voz conhecida... Parecia a voz do Sacha, e outra voz nova. Um estudante que ia a passar, há aqui perto um instituto técnico, viu o homem a arder. O que é que se pode dizer? Correu, começou a apagá-lo. Ele próprio se queimou. Quando eu cheguei a correr, o Sacha já estava estendido no chão, gemia... com a cabeça amarela... Gente de fora, o que é que vocês querem... O que é que lhes interessa a desgraça alheia?

Todos gostam de ver a morte. Ai! Ai! Em geral... em geral... Na nossa aldeia, onde eu em pequena morava com os meus pais, havia um velho que gostava de ir ver como as pessoas morriam. As mulheres procuravam envergonhá-lo, mandavam-no embora: «Vai-te embora, seu demónio!», mas ele deixava-se estar. Viveu muitos anos. Talvez fosse mesmo um demónio! Olhar para quê? Para onde... para que lado? Depois da morte não há nada. Morreu e pronto, enterram-no. Enquanto vive, mesmo que seja infeliz, pode caminhar ao ar livre, pelo jardim. Mas, quando o espírito se vai, não há pessoa, há só a terra. O espírito é o espírito, e tudo o resto é terra. Terra, e nada mais. Um morre no

berço, outro vive até ter cabelos brancos. As pessoas felizes não querem morrer... e aquelas... aquelas que têm quem as ame, também não querem. Querem sempre mais. Mas onde estão as pessoas felizes? Em tempos diziam na rádio que depois da guerra todos seríamos felizes, e o Khrushchov, lembro-me, prometeu... que em breve começaria o comunismo. O Gorbatchov jurou, falava tão bem... Corretamente. Agora o Eltsin promete, ameaçou que se deitava nos carris... Toda a vida esperei uma vida boa. Esperava em pequena... e depois de adulta... Agora já sou velha... Resumindo, todos nos enganaram, a vida tornou-se ainda pior. Espera, aguenta e mais espera, aguenta. Espera, aguenta... O meu marido morreu. Saiu à rua, caiu e pronto – o coração falhou. Aquilo que nós passámos não dá para medir com um metro nem pesar com uma balança. Mas estou viva. Vivo. Os filhos partiram: o meu filho está em Novossibirsk, a minha filha ficou em Riga com a família, agora é o estrangeiro. Um país diferente. Ali já nem falam russo.

Tenho um ícone no meu canto, e mantenho um cãozinho, para ter com quem falar. Um tição sozinho não arde à noite, mas eu esforço-me. Pois... Ainda bem que Deus deu ao homem cães, e gatos... e árvores, e pássaros... Deu tudo isso para que o homem se alegre e a vida não lhe pareça longa. Para que não se aborreça. A mim, a única coisa que não me aborrece é ver o trigo amarelecer. Passei tanta fome na minha vida, que a coisa de que mais gosto é ver como o trigo amadurece, como as espigas baloçam. Para mim, isso é como para vocês um quadro no museu... Ainda hoje não dou muito valor ao pãozinho branco, o mais gostoso de tudo é o pão negro com sal e o chá com açúcar. Espera, aguenta... espera, aguenta... Para todas as dores, temos só um remédio – a paciência. Assim se passou a vida. E também o Sacha, o nosso Sacha Porfiritch... Aguentou, aguentou, e já não aguentou mais. Cansou-se. O corpo jazia no chão, e a alma foi responder. (*Limpa as lágrimas.*) É assim! Aqui choramos... e quando partimos, também choramos...

As pessoas começaram outra vez a acreditar em Deus. Visto que não há outra esperança. Em tempos aprendemos na escola que Lenine era um deus, e Marx era um deus. Armazenávamos os cereais e as beterrabas nas igrejas. Era assim antes da guerra. Começou a guerra... Estaline abriu as igrejas para que as orações conduzissem à vitória das armas russas, e dirigiu-se ao povo: «Irmãos e irmãs... meus amigos...» Mas até aí – quem éramos nós? Inimigos do povo... *kulaks* ou favoráveis aos *kulaks*. Na nossa aldeia, todas as famílias remediadas foram *deskulakizadas*; se tinham dois cavalos e duas vacas, já eram *kulaks*. Mandavam-nos para a Sibéria, abandonavam-nos ali na floresta da taiga... As

mulheres estrangulavam os filhos, para que não sofressem. Ai, desgraças... lágrimas humanas... foram mais do que a água que há na Terra. E então Estaline pediu: «Irmãos e irmãs...» Acreditámos nele, perdoámos-lhe. E vencemos o Hitler! O Hitler veio cá todo blindado... coberto de ferro... Mesmo assim vencemo-lo! E agora, quem sou eu? Quem somos nós? O eleitorado... Vejo a televisão, não perco as notícias... Agora somos o eleitorado. A nossa função é ir votar bem – e basta. Uma vez estava doente, não fui votar, e então eles vieram ter comigo de carro. Com uma caixa vermelha. Nesse dia lembram-se de nós... É assim...

Tal como vivemos, assim morremos... Eu também vou à igreja e uso uma cruzinha, mas a felicidade que não conheci e continuo sem a conhecer. Não colhi felicidade e não consigo alcançá-la. Morrer o mais depressa possível... Antes o Reino dos Céus, estou farta de suportar. Assim foi com o Sacha... Agora jaz no cemitério... descansa... (*Persigna-se.*) Enterraram-no com música, com lágrimas. Todos choravam. Nesse dia muitos choram, têm pena. Mas arrependem-se de quê? Depois da morte, quem é que ouve? Ficaram duas salinhas numa barraca, uma pequena horta, diplomas vermelhos e uma medalha «Vencedor da Emulação Socialista». Eu tenho no armário uma medalha igual. Fui stakhanovista²⁷, e deputada. Nem sempre tínhamos que comer, mas davam-nos diplomas vermelhos. Fotografavam-nos. Nesta barraca vivemos três famílias. Viemos morar para aqui em jovens, por um ou dois anos, e passámos aqui a vida toda. E aqui morreremos. Uns vinte anos, outros trinta... estivemos na lista de espera para um apartamento, esperámos... Agora aparece o Gaidar a ri-se – vão comprar. Com que dinheiro? O nosso dinheiro esfumou-se... uma reforma, outra reforma... depenaram-nos! Despejaram um país como este pela sanita! Cada família tem dois quatinhos, um pequeno telheiro e uma hortinha. Somos todos iguais. E o que nós trabalhámos! Ficámos ricos! Toda a vida acreditámos que um dia viveríamos bem. Engano! Um grande engano! E a nossa vida... é melhor nem pensar nisso. Suportámos, trabalhámos e sofremos. E agora já nem vivemos, só nos despedimos dos dias.

Eu e o Sacha somos da mesma aldeia... Ali para os lados de Brest... Por vezes sentávamo-nos num baco e recordávamos. De que mais havíamos de falar? Ele era bom homem, não bebia, não era bêbedo... nã-ã-ã-o... embora vivesse sozinho. O que há de fazer um homem sozinho? Bebia um copo... dormia um pouco... bebia mais um copo... Eu caminho pelo pátio, para lá e para cá. Caminho e penso: a vida terrena não é o fim de tudo. A morte é a libertação da alma... Onde está ele agora? No final pensou nos vizinhos. Não se esqueceu

deles. A barraca é velha, foi construída logo a seguir à guerra, a madeira está seca e teria ardidado como papel, incendiava-se num instante! Num segundo! Ardia até à relva... até à areia... Escreveu um bilhete para os filhos: « Cuidem dos meus netos. Adeus », e colocou-o num lugar visível. Foi para a horta... para os seus canteiros...

Ai! Ai! Em geral... em geral... Chegou a ambulância, deitaram-no numa maca, e ele de repente levantou-se, queria andar sozinho. « O que é que tu fizeste, Sacha? », disse eu, acompanhando-o até à ambulância. « Estou farto de viver. Telefona ao meu filho, que venha ao hospital. » Ainda falou comigo... Tinha o casaco queimado, mas o ombro estava branco, limpo. Deixou cinco mil rublos... Em tempos era muito dinheiro! Retirou-o da Caixa Económica e deixou-o ao lado do bilhete. Poupanças de uma vida inteira. Antes da *perestroika*, com esse dinheiro podia comprar um carro *Volga*. O mais caro! E agora? Chegou para uns sapatos novos e um ramo de flores. Ora veja! Estava deitado na maca e começava a ficar negro... A ficar negro diante dos meus olhos... Os médicos levaram também aquele rapaz que o socorreu, tirou do estendal os meus lençóis molhados (eu tinha acabado de os lavar) e pô-los por cima dele. Um rapaz de fora... um estudante... ia a passar e viu – um homem a arder! Sentado nas leiras, curvado, a arder. Fumegava. Calado! Ele mesmo contou depois: « Estava calado, a arder. » Um homem vivo... De manhã o filho bateu à minha porta: « O meu pai morreu. » Estava deitado no caixão... Negro... negro... Tinha umas mãos de ouro! Sabia fazer tudo: marceneiro e pedreiro. Toda a gente aqui se lembra dele – uma mesa, uma estante para livros... prateleiras... Por vezes ficava no pátio até à noite, a aplinar, parece que o estou agora a ver – de pé, a aplinar. Ele gostava da madeira. Conhecia a madeira pelo cheiro, pelas aparas. Cada madeira, dizia, tem o seu cheiro, o cheiro mais forte é o do pinho: « O pinheiro cheira como o bom chá, e o bordo tem um cheiro alegre. » Trabalhou até ao último dia. É bem verdadeiro o provérbio: « Enquanto nas mãos há correntes, haverá pão para os dentes. » A pensão de reforma não dá para viver. Eu mesma ofereci-me como ama de crianças, cuido de crianças alheias. Pagam-me uns copeques, com eles compro açúcar e salame. O que vale a nossa pensão? Compramos pão e leite, e já não chega para uns chinelos de verão. Dantes os velhos ficavam sentados num banco do pátio, sem cuidados, a bisbilhotar. Mas agora não... Uns recolhem garrafas vazias pela cidade, outros ficam de pé perto da igreja... pedem esmola às pessoas... Alguns vendem sementes ou cigarros nas paragens de autocarro. Ou senhas para vodca. Aqui espezinham um homem na secção de vinhos. Mortalmente. Agora a vodca é mais cara do que

esse, como se chama? Bem, esse dólar americano. Aqui, com vodca compra-se tudo. Pode-se chamar um canalizador, ou um electricista. Sem isso não vêm. Em geral... em geral... A vida passou... Só o tempo não se compra por dinheiro nenhum. Chores ou não chores diante de Deus, não o consegues comprar. É assim...

Mas o Sacha já não queria viver. Recusou-se. Devolveu o cartão a Deus... Ah, Senhor! Agora a Policia anda sempre por aqui, a interrogar-nos... (*Escuta.*) É o comboio a apitar... É o de Moscovo – Brest-Moscovo. Nem preciso de relógio. Levanto-me com o grito do de Varsóvia – às seis da manhã. Depois passa o de Minsk e o primeiro comboio de Moscovo. De manhã e à noite gritam com vozes diferentes. Por vezes oiço-os toda a noite. Com a velhice perdemos o sono... Com quem posso agora conversar? Fico sozinha, sentada no banco... Eu confortava-o: « Sacha, arranja uma boa mulher. Casa-te. » « A Liza há de voltar. Espero por ela. » Estive sete anos sem a ver, desde que ela o deixou. Ligou-se com um oficial qualquer. Era nova... muito mais nova do que ele. Ele gostava muito dela. Batia com a cabeça no caixão: « Fui eu que estraguei a vida do Sacha. » Ai! Ai! Enfim... O amor não é como um cabelo, não se arranca assim depressa. Nem se liga com benzeduras. De que serve chorar depois? Quem nos vai ouvir, debaixo da terra?... (*Silêncio.*) Ah, meu Deus! Até aos quarenta anos pode-se fazer tudo, até se pode pecar. Mas depois dos quarenta é preciso arrepende-se. Então, Deus perdoa. (*Ri-se.*)

Vais escrever isto tudo? Pois escreve, escreve. Ainda te conto mais... Tenho mais do que um saco de desgostos... (*Levanta a cabeça.*) Olha... As andorinhas chegaram... Vai fazer calor. A dizer a verdade, já cá veio um jornalista ter comigo...

Fez-me perguntas sobre a guerra... Eu posso desfazer-me de tudo, contanto que não haja guerra. Não há nada mais horrível do que a guerra! Estávamos de pé sob as metralhadoras alemãs e as nossas casas crepitavam com o fogo. Até os jardins ardiam. Ai! Ai! Eu e o Sacha todos os dias recordávamos... O pai dele foi dado como desaparecido e o irmão morreu com os guerrilheiros. Levaram os prisioneiros para Brest – montes de gente! Conduziam-nos pelos caminhos, como cavalos, mantinham-nos em cercas, morriam e ali ficavam, como lixo. Todo o verão Sacha andou com a mãe à procura do pai... Começava a contar-me e já não conseguia parar... Procuravam-no entre os mortos, entre os vivos. Já ninguém tinha medo da morte, tornou-se uma coisa habitual. Antes da guerra cantávamos: « Desde a taiga ao mar do Norte / o Exército Vermelho é o mais forte... » Cantávamos com orgulho! Na primavera o gelo derreteu... começou a

mover-se... Todo o rio atrás da nossa aldeia estava cheio de cadáveres: nus, enegrecidos, só os cintos brilhavam na cintura. Cintos com estrelas vermelhas. Não há mar sem água, nem guerra sem sangue. A vida é Deus que a dá, mas na guerra qualquer um a tira... (*Chora.*) Ando pelo jardim, a caminhar, e parece-se que o Sacha está atrás de mim. Oiço-lhe a voz. Volto-me – não está ninguém. Enfim, enfim... O que é que tu foste fazer, Sacha? Escolheste um sofrimento tão grande! Mas talvez, como ardeste na Terra, não vás arder no Céu. Sofreste que baste. Todas as nossas lágrimas se conservam em algum lugar... Como o receberão lá em cima? Os aleijados arrastam-se pela Terra, os paralíticos ficam deitados, os mudos vivem. Não nos cabe decidir... não depende da nossa vontade... (*Persigna-se.*)

Nunca hei de esquecer a guerra... Os alemães entraram na aldeia... Jovens, alegres. E um barulho tão grande! Chegaram em carros muito, muito grandes, e as motas deles tinham três rodas. Eu nunca antes tinha visto uma mota. Os carros do *kolkhoz* eram camiões de mil e quinhentos quilos, com carroçarias de madeira, baixinhos. Mas aqueles! Eram como casas! E os cavalos deles, cada cavalo era como uma montanha. Na escola escreveram com tinta: «O Exército Vermelho abandonou-vos!» Começou a ordem alemã... Na nossa aldeia viviam muitos judeus: Avram, Iankel, Mordukh... Reuniram-nos e levaram-nos para um lugarejo. Eles levaram almofadas e cobertores, mas mataram-nos logo todos. Apanharam-nos em todo o distrito e fuzilaram-nos num dia. Atiraram-nos para uma vala... Milhares... milhares de pessoas... Dizia-se que o sangue subiu à superfície durante três dias... A terra respirava... estava viva... Nesse lugar há agora um parque, uma zona de recreio. Não sobem vozes da sepultura. Ninguém grita... Bem... é o que eu penso... (*Chora.*)

Não sei como aquilo aconteceu. Se eles apareceram em casa dela ou se ela os encontrou no bosque. A nossa vizinha escondeu dois judeus num barracão, dois miúdos, muito bonitos. Como uns anjos! Fuzilaram toda a gente, mas eles esconderam-se. Fugiram. Um tinha oito anos, o outro dez. E a nossa mãe levava-lhes leite... «Meninos, cuidado...», pedia-nos ela. «Nem uma palavra a ninguém.» E naquela família havia um avô muito velho, que ainda se lembrava da outra guerra com os Alemães... A primeira... Dava-lhes de comer e chorava: «Ai, meninos, se eles vos apanham, fazem-vos sofrer. Talvez fosse melhor que eu mesmo vos matasse.» Dizia estas coisas... E o Diabo ouviu tudo... (*Persigna-se.*) Chegaram três alemães numa mota preta com um grande cão preto. Alguém denunciou... Há sempre gente assim de alma negra. Vivem como se não tivessem alma... e têm o coração médico, não humano. Não têm pena de

ninguém. Os miúdos fugiram para o campo... pelo meio das searas... Os alemães perseguiram-nos com o cão... As pessoas recolheram-nos depois aos bocados... aos farrapos... Não havia nada para enterrar, e ninguém sabia os nomes deles. Os alemães amarraram a nossa vizinha à mota, ela correu até que o coração lhe rebentou... (*Já nem limpa as lágrimas.*) Na guerra as pessoas tinham medo umas das outras. Dos seus e dos estranhos. Se falamos de dia, os pássaros ouvem, se falamos à noite, os ratos ouvem. A minha mãe ensinava-nos orações. Sem Deus, até uma minhoca nos devora.

No Nove de Maio... na nossa festa... Eu e o Sacha bebíamos um copo cada um... chorávamos... É penoso engolir as lágrimas... Enfim... enfim... Ele ficou dez anos com a família no lugar do pai e do irmão. Quando a guerra acabou, eu tinha dezasseis anos. Fui trabalhar para uma fábrica de cimento, porque tinha de ajudar a minha mãe. Transportávamos sacos de cimento até cinquenta quilos, carregávamos areia, brita e armações num camião. Eu queria estudar... Lavrávamos e gradávamos com uma vaca... avaca berrava com aquele trabalho... E o que comíamos? Triturávamos bolotas, recolhíamos pinhas no bosque. De qualquer maneira eu sonhava... Durante toda a guerra sonhava: termino a escola e vou ser professora. No último dia da guerra... o tempo estava muito bom... eu e a minha mãe fomos para o campo... Passou um polícia a cavalo: «Vitória! Os Alemães assinaram a capitulação!» Cavalgava pelos campos e gritava a toda a gente: «Vitória! Vitória!» As pessoas corriam para a aldeia. Gritavam, choravam, praguejavam. Principalmente choravam. E no dia seguinte começámos a pensar: «Como vamos viver agora?» As casas estavam vazias, nos celeiros fazia vento. Os copos eram feitos de latas de conserva vazias... os soldados alemães tinham deixado muitas latas... Fazíamos velas com os cartuchos vazios. Durante a guerra esquecemo-nos do que era o sal, e os nossos ossos amoleciam. Os alemães, quando retiraram, levaram-nos um porco e as últimas galinhas. E antes disso, uma noite os guerrilheiros levaram a vaca... A minha mãe não queria dar a vaca, de modo que um guerrilheiro disparou para o ar, por cima do telhado. Meteram num saco a máquina de costura e os vestidos da minha mãe. Eram guerrilheiros, ou seriam bandidos? Com armas... Enfim... enfim... Uma pessoa sempre quer viver, e durante a guerra também. Na guerra ficamos a saber muitas coisas... Não há fera pior do que o homem. É o homem que mata o homem, não é a bala. Matam-se uns aos outros... minha querida!

A minha mãe chamou uma vidente... que previu: «Tudo correrá bem.» Mas não tínhamos nada para lhe dar. A minha mãe encontrou duas beterrabas na cave e ficou contente. E a cartomante também ficou contente. Fui-me inscrever numa

escola pedagógica, como sonhava. Era preciso preencher um questionário... Preenchi tudo até chegar à pergunta: «Esteve, ou estiveram os seus familiares presos ou sob a ocupação?» Respondi: «Sim, estivemos.» O diretor da escola chamou-me ao gabinete: «Menina, leva os teus documentos.» Ele havia estado na frente, faltava-lhe um braço. Tinha uma manga vazia. Assim fiquei a saber que todos nós, os que estivemos sob a ocupação... não éramos de confiança. Éramos suspeitos. Já ninguém nos chamava «irmão e irmã»... Só quarenta anos depois retiraram esse questionário. Quarenta anos! A minha vida estava acabada quando o retiraram. «E quem foi que nos deixou sob a ocupação alemã?» «Calma, menina, calma...» O diretor fechou a porta para que ninguém ouvisse. «Fala baixo... fala baixo...» Como se pode vencer o destino? É como cortar a água com uma foice... E o Sacha quis matricular-se numa escola militar... Escreveu no questionário que a sua família esteve sob a ocupação, e que o pai desapareceu sem deixar rasto. Excluíram-no logo... (*Silêncio.*) Não faz mal que lhe conte sobre mim e sobre a minha vida? Vivíamos todos da mesma maneira. Só não quero que me prendam por causa desta conversa. O poder soviético ainda existe, ou já acabou completamente?

Por causa das desgraças, esqueci-me das coisas boas... Como éramos jovens e nos apaixonávamos. Diverti-me no casamento de Sacha... Ele amava muito a Liza, cortejou-a durante muito tempo. Definhava por ela! Para o casamento, trouxe um véu branco de Minsk. Levou a noiva ao colo para dentro da barraca... Velhos costumes nossos... O noivo leva a noiva nos braços, como uma criança, para que o duende da casa não repare nela. Não a veja. O duende não gosta de estranhos, expulsa-os. Ele é o senhor da casa, é preciso agradecer-lhe. A-a-ah!... (*Agita a mão.*) Agora já ninguém acredita em nada. Nem no duende, nem no comunismo. As pessoas vivem sem nenhuma fé! Bem, talvez ainda acreditem no amor... «Amargo! Amargo!», gritávamos nós à mesa do Sacha. E como nós bebíamos, nesse tempo? Uma garrafa para a mesa toda, dez pessoas... Agora põem uma garrafa para cada pessoa. É preciso vender uma vaca para pagar a boda de um filho ou de uma filha. Como ele amava a Liza... Mas o coração não se comanda nem se arrasta pelas orelhas. Enfim... enfim... Ela foliava, como uma gata. Quando os filhos cresceram, abandonou-o completamente, sem olhar para trás. Eu aconselhava-o: «Sacha, arranja uma boa mulher. Se não comesças a beber.» «Bebo um copinho. Vejo a patinagem artística e deito-me a dormir.» A dormir sozinho, nem o cobertor aquece. Até no Paraíso enjoa estar sozinho. Bebia, mas não abusava. Não... não abusava como os outros. Oh! Há aqui um vizinho que até bebe água-de-colónia, e loção, e álcool desnaturado, e produtos

de limpeza... E imaginem, está vivo! Uma garrafa de vodca custa agora tanto como custava antes um sobretudo. E comida? Meio quilo de salame é metade da minha pensão. Bebam a liberdade! Comam a liberdade! Entregaram um país como este! Uma potência! Há uma coisa que não compreendo: Porque é que ninguém nos perguntou nada? Passei toda a minha vida a construir um grande país. Era o que nos diziam. Era o que nos prometiam.

Cortei árvores, carreguei sulipas... Eu e o meu marido fomos para a Sibéria, para uma construção comunista. Lembro-me dos rios: Ienissei, Biriussa, Mana... Construímos a via-férrea Abakan-Taichet. Levaram-nos para lá em vagões de mercadorias: dois andares de tarimbas pregadas a pregos, nem colchões nem lençóis, e como almofada, o punho. Um buraco no chão... Para as necessidades, um balde – isolávamo-lo com um lençol. Quando a composição parava no campo, apanhávamos feno: para as nossas camas! Nos vagões não havia luz. Mas todo o caminho cantávamos canções do Komsomol! De romper as gargantas. Sete dias de viagem... E chegámos! Taiga selvagem, neve da altura de uma pessoa. Ao fim de pouco tempo começou o escorbuto, os dentes abanavam. Apareceram os piolhos. E a norma de trabalho. Oh! Oh! Alguns homens, que eram caçadores, iam caçar ursos. Nesses casos tínhamos carne no caldeirão, mas fora isso, era papas e mais papas. Lembro-me de que aos ursos se lhes dispara só nos olhos. Vivíamos em barracas – nem duche, nem banhos. No verão íamos à cidade e lavávamo-nos no fontanário. (*Ri-se.*) Se queres ouvir, continuo a contar...

Esqueci-me de contar como me casei... Tinha dezoito anos. Nessa altura já trabalhava numa fábrica de tijolos. A princípio trabalhava com argila. Nesse tempo escavava-se a argila à mão, com as pás... Descarregávamos o camião e espalhávamos a argila no pátio numa camada regular, para que «amadurecesse». Seis meses depois já empurrava as vagonetas carregadas da prensa para o forno: para lá com tijolos crus, na volta com os tijolos cozidos, escaldantes. Nós mesmas retirávamos os tijolos do forno... Uma temperatura doida! Num turno tirávamos entre quatro e seis mil tijolos. Até vinte toneladas. Eram só mulheres... e raparigas a trabalhar... Também havia homens, mas eles trabalhavam principalmente com os camiões. Conduziam. Um deles começou a cortejar-me... Aproximava-se, ria-se... punha-me a mão no ombro... Uma vez disse: « Vens comigo? » « Vou. » Nem perguntei para onde. E assim nos alistámos para a Sibéria. Construir o comunismo! (*Silêncio.*) E agora... Oh! Enfim... enfim... Tudo em vão... atormentámo-nos para nada... É duro reconhecer isso e é duro viver com isso. O que nós trabalhámos! Construímos tudo com as nossas

mãos. Um tempo rude! Quando trabalhava na fábrica de tijolos, uma vez deixei-me dormir. Depois da guerra, por chegar atrasado ao trabalho... um atraso de dez minutos dava prisão. O chefe de brigada salvou-me: «Dizes que eu te mandei à pedreira...» Se alguém denunciasse, também ele seria condenado. Depois de 1953 já não castigavam por atraso. Depois da morte de Estaline começámos a sorrir, mas até aí vivíamos com muito cuidado. Sem sorrisos.

Mas... de que serve agora recordar tudo isso? É recolher os pregos depois do incêndio. Ardeu tudo! Toda a nossa vida... tudo o que tínhamos se perdeu... Construámos... construímos... O Sacha foi para as terras virgens. Construiu lá o comunismo! O futuro radioso. Dizia que dormiam nas barracas no inverno, sem sacos de dormir. Com a roupa do corpo. As mãos gelavam... Mas mesmo assim orgulhava-se! «Serpenteia a longa estrada / Bom dia, terra desbravada!» Tinha o cartão do Partido, um caderninho vermelho com Lenine, que ele adorava. Foi deputado e stakhanovista, como eu. A vida passou, voou. Não resta nada, não achamos vestígios... Ontem estive três horas na bicha do leite – e não chegou para mim. Trouxeram-me a casa uma encomenda alemã com presentes: farinha, chocolate, sabão... Dos vencidos para os vencedores. Não quero as encomendas alemãs. Nã-ã-ã... Não aceitei. (*Persigna-se.*) Os alemães com os cães... o pelo dos cães brilhava... Iam pela floresta, e nós no pântano, com a água pelo pescoço. Mulheres, crianças. E as vacas misturadas com as pessoas. Caladas. As vacas, tal como as pessoas, ficavam caladas. Todos compreendiam. Não quero os bombons alemães nem as bolachas alemãs! Onde está o que era meu? Os meus trabalhos? Acreditávamos tanto! Acreditávamos que um dia teríamos uma vida boa. Espera. Tem paciência. Sim, espera, tem paciência... Toda a vida por camaratas, por residências coletivas, por barracões.

Mas que se há de fazer? Pois seja... Podemos sobreviver a tudo, menos à morte. À morte não se escapa... O Sacha trabalhou trinta anos na fábrica de móveis. Ficou corcunda. Há um ano deram-lhe a reforma e ofereceram-lhe um relógio. Mas ele não ficou sem trabalhar. As pessoas estavam sempre a encomendar-lhe coisas. Sim... Mas mesmo assim não andava alegre. Aborrecia-se. Deixou de se barbear. Trinta anos na mesma fábrica, meia vida! Era já como a casa dele. Da fábrica trouxeram-lhe o caixão. Um rico caixão! Todo lúdzio, e por dentro todo veludo. Com caixões daqueles agora só se enterram os bandidos e os generais. Todos lhe tocavam com as mãos, coisa nunca vista! Quando retiraram o caixão da barraca, lançaram trigo na soleira. Deve ser assim, para que as coisas sejam mais fáceis para os que ficam vivos. Costumes antigos nossos... Colocaram o caixão no pátio... Um dos parentes pediu: «Perdoem, boa

gente!» « Deus lhe perdoará », responderam-lhe todos. Perdoar o quê? Vivíamos em boa paz, como uma família. Se tu não tens, eu dou-te, quando se me acabar dá-me tu. Gostávamos das nossas festas. Construíamos o socialismo, e agora dizem na rádio que o socialismo acabou. E nós... e nós ficámos...

Os comboios martelam, martelam... Gente estranha, que é que querem? O quê? Não há mortes iguais... Eu tive o meu primeiro filho na Sibéria, apanhou difteria, e morreu. Em todo o caso continuo a viver. Ontem fui à sepultura do Sacha, estive um pouco sentada com ele. Conte-lhe como a Liza chorava. Batia com a cabeça no caixão. O amor não conta os anos...

Morremos... e tudo se comporá...

27 O stakhanovismo foi um movimento de emulação no trabalho para aumentar a produtividade, iniciado pelo mineiro Aleksandr Stakhánov (1906-1977). (*N. do T*)

Os murmúrios e os gritos... e o entusiasmo

*Margarita Pogrebítskaia,
médica, 57 anos*

A minha festa é o Sete de Novembro²⁸ ... Dia grande, radioso... A mais radiosa impressão da minha infância é a parada militar na Praça Vermelha...

Eu aos ombros do meu pai, com um balão vermelho preso ao braço. No céu, por cima das colunas de manifestantes, enormes retratos de Lenine e de Estaline... de Marx... grinaldas e ramos de balões vermelhos, azuis, amarelos. A cor vermelha, a minha cor preferida. A cor da revolução, a cor do sangue derramado por ela... A Grande Revolução de Outubro! Agora chamam-lhe golpe militar... conspiração bolchevique... catástrofe russa... Lenine era agente alemão, e a revolução foi feita por desertores e marinheiros bêbedos. Eu tapo os ouvidos, não quero ouvir! É superior às minhas forças... Vivi toda a vida nesta fé: nós somos os mais felizes, nascemos num país belo, extraordinário. Não havia outro país igual! Temos a Praça Vermelha, na Torre do Salvador soa o carrilhão que marca as horas no mundo inteiro. Assim me diziam o meu pai... e a minha mãe, e a minha avó... «O dia Sete de Novembro é o dia mais bonito do calendário...» Na véspera deitávamo-nos muito tarde, toda a família fazia flores de papel crepe, recortávamos pequenos corações de cartão e coloríamos-los. De manhã a minha mãe e a minha avó ficavam em casa a preparar um almoço de festa. Nesse dia tínhamos sempre convidados. Traziam num saco de rede uma caixa de cartão com um bolo, e vinho... nesse tempo ainda não havia sacos de plástico... A minha avó preparava os seus famosos pastéis de couve e cogumelos, e a minha mãe fazia maravilhas com a salada Olivier e cozia a inevitável carne em geleia. E eu – ia com o meu pai!

Havia muita gente na rua, todos traziam fitas vermelhas nos sobretudos e nos

casacos. Brilhavam os panos vermelhos, uma banda militar de sopro tocava. Os nossos dirigentes na tribuna... E a canção: « Capital do mundo, capital da pátria / Cintilas como constelação do Kremlin / Todo o universo se orgulha de ti / Beldade de granito, cidade de Moscovo...» Tínhamos vontade de estar sempre a gritar: « Hurra!» Pelo altifalante ouvia-se: « Glória aos trabalhadores da fábrica Likhatchov, duas vezes galardoada com a Ordem de Lenine e a Ordem da Bandeira Vermelha! Hurra, camaradas!» « Hurra! Hurra!» « Glória ao heroico Komsomol leninista... ao Partido Comunista... Aos nossos gloriosos veteranos...» « Hurra! Hurra!» Uma beleza! Um encanto! As pessoas choravam de alegria... A orquestra de sopro tocava marchas e canções revolucionárias: « Enviaram-no para ocidente / A ela para oriente / Partiram os do Komsomol / A caminho da guerra civil...» Sei de cor as letras de todas as canções. Não esqueci nada, canto-as muitas vezes. Canto para mim mesma. (*Cantarola baixinho.*) « Vasto é o meu país natal / Muitas florestas campos e rios. / Não conheço outro país igual / Onde se respire tão livremente...» Há pouco tempo encontrei num armário discos antigos, fui buscar a grafonola à cave e passei toda a tarde a recordar. Canções de Dunaevski, e de Lébedev-Kumatch – como nós gostávamos delas! (*Silêncio.*) E lá vou eu pelo ar, muito alto. É o meu pai que me levanta nas suas mãos... mais alto, mais alto... Chega o momento mais importante – surgem os potentes e ruidosos camiões com os mísseis cobertos, e os tanques, e a artilharia. « Lembra-te disto para toda a vida!», diz o meu pai tentando fazer-se ouvir no meio do barulho. E eu sei que me hei de lembrar! No regresso a casa entramos numa loja e eu recebo uma limonada *Buratino*, a minha preferida. Nesse dia tudo me era permitido: apitos, chupachupas...

Gostava de Moscovo à noite... daquelas luzes... Quando tinha já dezoito anos... dezoito anos!, apaixonei-me. Quando percebi que estava apaixonada, nem imagina aonde fui. Fui para a Praça Vermelha, foi a primeira coisa que me apeteceu fazer – estar aqueles momentos na Praça Vermelha. A muralha do Kremlin, os abetos escuros cobertos de neve e o Jardim Aleksandrovski cheio de montes de neve. Olhava para tudo aquilo e sabia que havia de ser feliz. Seria de certeza!

Há pouco tempo, eu e o meu marido estivemos em Moscovo. E pela primeira vez... Pela primeira vez não fomos à Praça Vermelha. Não nos recolhemos. Pela primeira vez... (*Tem lágrimas nos olhos.*) O meu marido é arménio, casámo-nos quando éramos estudantes. Ele tinha um cobertor, eu uma cama articulada – assim começámos a viver. Depois de acabarmos a Faculdade de

Medicina de Moscovo fomos colocados em Minsk Todas as minhas amigas se dispersaram, cada qual para seu lado: uma foi para a Moldávia, outra para a Ucrânia, outras para Irkutsk Àqueles que foram para Irkutsk chamávamos-lhes «dezembristas». Era um só país, podíamos ir para onde quiséssemos! Nesse tempo não havia fronteiras, nem vistos, nem alfândega. O meu marido queria voltar para a sua pátria, a Arménia. «Vamos ao lago Sevan, verás o monte Ararat. Provas o verdadeiro *lavache* arménio», prometia-me ele. Mas propuseram-nos Minsk E nós: «Vamos lá para a Bielorrússia!» «Vamos!» Era a juventude, tanto tempo ainda pela frente, parece que há de chegar para tudo. Chegámos a Minsk e agradou-nos logo. Viajamos, viajamos: é só lagos e florestas, as florestas dos guerrilheiros, pântanos, matagais e raros campos entre essas florestas. Os nossos filhos cresceram aqui, os pratos preferidos deles são os *draniki* e a *motchanka* bielorrussa. «A batata frita-se, a batata coze-se...») Só depois vem o *khach* arménio... Mas todos os anos íamos a Moscovo, a família toda. Pois então! Eu não podia viver sem isso, tinha de deambular por Moscovo. Respirar-lhe o ar. Esperava, sempre com impaciência, esses primeiros momentos, quando o comboio entrava na estação da Bielorrússia, soava a marcha, e o coração saltava ao ouvir as palavras: «Camaradas passageiros, o nosso comboio chegou à capital da nossa Pátria, a cidade heroica de Moscovo!» «Ardente, poderosa, invencível / Minha Moscovo, meu país, és a mais querida...» Saíamos da carruagem ao som desta música.

Quê?... Onde estamos nós? Fomos recebidos por uma cidade estranha, desconhecida... O vento arrastava pelas ruas embalagens sujas, bocados de jornais, estalavam latas de cerveja vazias debaixo dos pés. Na estação... e junto ao metro... Por toda a parte filas cinzentas de pessoas a vender toda a espécie de coisas: roupa interior feminina e lençóis, sapatos velhos e brinquedos, podiam-se comprar cigarros avulsos. Como nos filmes sobre a guerra. Só nesses filmes eu tinha visto uma coisa assim. No chão, sobre uns papéis rasgados, em caixas de cartão havia salame, carne, peixe. Num lugar, cobertos por celofane rasgado, noutro nem isso. E os Moscovitas compravam. E vendiam. Peúgas de malha, guardanapos. Ali se vendiam pregos e ali mesmo se vendia comida e roupa. Falava-se ucraniano, bielorrusso, moldavo... «Nós somos de Vinnitsa...» «Nós somos de Brest...» Muitos pobres... De onde vieram tantos? Aleijados... Como no cinema... Eu só tinha uma comparação – o velho cinema soviético. Como se estivesse a ver um filme...

Na velha Arbat, na minha adorada Arbat, vi fileiras de vendedores – com *matrioskas*, samovares, ícones, fotografias do czar e da família. Retratos dos

generais da Guarda Branca – Koltachak, Denikin e o busto de Lenine... *Matrioskas* de toda a espécie – *gorbymatrioskas*, *eltsinmatrioskas*. Não reconheci a minha Moscovo. Que cidade é esta? No asfalto estava um velho sentado nuns tijolos a tocar acordeão. Com as condecorações ao peito. Cantava canções da guerra e tinha aos pés o gorro virado com algumas moedas. As nossas canções preferidas: « Arde o lume no fogareiro / Nas achas a resina é como lágrimas... » Quis aproximar-me... mas ele já estava rodeado de estrangeiros... que começaram a tirar fotografias... Gritavam-lhe qualquer coisa em italiano, em francês, em alemão. Davam-lhes palmadinhas no ombro: « Dá-lhe! Dá-lhe! » Achavam divertido, estavam contentes. Ora pois! Tinham tanto medo de nós... e agora... Aí está! Um montão de cacos... Um império de nada! Ao lado das *matrioskas* e dos samovares estavam amontoadas bandeiras vermelhas e galhardetes, cartões do Partido e do Komsomol. E condecorações soviéticas de guerra! A Ordem de Lenine e a Ordem da Bandeira Vermelha! Medalhas! « Por coragem » e « Por mérito em combate ». Toco-lhes... acaricio-as... Não acredito! Não acredito! « Pela defesa de Sebastopol » e « Pela defesa do Cáucaso ». Tudo autêntico. Familiar. O uniforme militar soviético: fardas, capotes... bonés com as estrelas... E os preços em dólares... « Quanto? », perguntou o meu marido indicando a medalha « Por coragem ». « Vendo-a por vinte dólares. » « Bom, está bem, dá cá uma “nota” – mil rublos. » « E a Ordem de Lenine? » « Cem dólares... » « E a consciência?! » O meu marido já estava disposto para a briga. « O que é que tens, és doido? De que buraco saíste? São objetos da época do totalitarismo. » Disse-o assim mesmo... Como quem diz, isto é só ferralha, mas os estrangeiros gostam, lá estão agora na moda os símbolos soviéticos. É artigo que se vende bem. Pus-me a gritar... Chamei um polícia... Gritei: « Olhe! Olhe... a-ah!... » O polícia confirmou-nos. « São artigos da época do totalitarismo... Nós só atuamos em caso de droga e de pornografia... » E um cartão do Partido por dez dólares não é pornografia? A Ordem da Glória... Ou isto – uma bandeira vermelha com o retrato de Lenine... por dólares? Tínhamos a impressão de estar no meio de um qualquer cenário. De que nos pregavam uma partida. Que havíamos chegado a outro lugar qualquer. Eu estava a chorar. Ao meu lado uns italianos provavam capotes e bonés militares com a estrela vermelha. « Karachô! Karachô! » *A la russe...*

Fui ao mausoléu a primeira vez com a minha mãe. Lembro-me de que estava a chover, uma chuva fria, outonal. Estivemos na bicha seis horas. Uns degraus... a penumbra... coroas de flores... Um murmúrio: « Passem. Não parem. » Por causa das lágrimas, eu não distinguia nada. Mas Lenine... pareceu-

me luminoso... Quando era pequena, eu dizia à minha mãe: « Mamã, eu nunca vou morrer. » « Porque pensas isso? », perguntava a minha mãe. « Toda a gente morre. Até Lenine morreu. » Até Lenine... Não sei como contar tudo isto... Mas preciso de contar... e quero. Eu gostaria de falar... falar, mas não sei com quem. Sobre o quê? Sobre a maneira como éramos muito felizes! Agora estou absolutamente convencida disso. Crescemos pobres e ingênuos, mas não percebíamos isso e não invejávamos ninguém. Íamos à escola com estojos pobres e canetas de quarenta copeques. No verão calçávamos sapatilhas de lona, limpávamo-las com pó dentífrico, era bonito! No inverno calçávamos botas de borracha e quando gelava a sola dos pés ficava em brasa. Éramos alegres! Acreditávamos que amanhã seria melhor do que hoje, e depois de amanhã melhor do que ontem. Tínhamos um futuro. E um passado. Tínhamos tudo!

Amávamos infinitamente a nossa Pátria – a melhor de todas! O primeiro automóvel soviético – hurra! Um operário iletrado descobriu o segredo do aço inoxidável soviético – vitória! Só depois ficámos a saber que esse segredo era já conhecido em todo o mundo. Mas nesse tempo fomos os primeiros a sobrevoar o Polo, aprendemos a controlar a aurora boreal... desviámos rios gigantescos... irrigámos desertos eternos... A fé! A fé! Qualquer coisa acima da razão. Eu acordava ao som do hino em vez do despertador: « Indestrutível união de repúblicas livres / Para sempre unida pela grande Rússia... » Na escola cantávamos muito... Lembro-me das nossas canções... (*Cantarola.*) « Os nossos pais sonharam com a liberdade e a felicidade / E mais de uma vez por isso lutaram. / Criada na luta por Lenine e Estaline / A nossa Pátria para nós criada... » Em casa recordávamos... Quando fui admitida nos Pioneiros, no dia seguinte de manhã, ao tocar o hino, saltei e fiquei de pé em cima da cama até ao fim do hino. O juramento dos Pioneiros: « Ao entrar para as fileiras... diante dos meus camaradas prometo: amar ardentemente a minha Pátria... » Em casa fizemos uma festa em minha honra, cheirava a bolos. Não me separava do meu lenço vermelho, lavava-o e passava-o a ferro todas as manhãs, para que não tivesse nem uma ruga. E mesmo no instituto continuei a usar o lenço como os Pioneiros. O meu cartão do Komsomol... ainda hoje o tenho... Dei um ano a mais na minha idade para entrar mais depressa no Komsomol. Gostava de andar na rua, ouvia-se sempre a rádio... A rádio era a nossa vida, era tudo. Abríamos a janela e entrava a música, uma música que nos fazia levantar e caminhar pelo apartamento. Como num desfile... É possível que fosse uma prisão, mas eu sentia-me mais confortável nessa prisão. Estávamos assim habituados... Ainda hoje, nas bichas, ficamos uns ao pé dos outros, encostados, para estarmos juntos.

Já reparou? (*E de novo cantarola baixinho.*) «Estaline é a nossa glória de combate / Estaline é o nosso voo juvenil / Com canções combatendo e vencendo / O nosso povo segue atrás de Estaline...»

Sim! Sim! Sim! O maior sonho era morrer! Sacrificar-se. Dar tudo. O juramento do Komsomol: «Pronto a dar a minha vida, se isso for necessário ao meu povo.» E isto não eram só palavras, era assim que de facto nos educavam. Se passava pela rua uma coluna de soldados, toda a gente parava... Depois da Vitória, o soldado era uma pessoa extraordinária... Quando entrei para o Partido, escrevi no requerimento: «Conheço e aceito o Programa e os Estatutos do Partido. Estou pronta a dar todas as forças e, se preciso for, a vida pela minha Pátria.» (*Olha-me com atenção.*) O que é que pensa disto? Sou uma idiota, é isso? Infantil... Alguns dos meus conhecidos... riem-se abertamente: socialismo emocional, ideais de papel... É isso que eu pareço aos olhos deles. Uma pateta! Atrasada! Você é uma engenheira de almas humanas. Quer confortar-me? No nosso país um escritor é mais do que escritor. É um mestre. Um confessor. Antes era assim, agora já não. Há muitas pessoas na igreja a assistir aos ofícios. Os verdadeiros crentes são poucos, a maioria são pessoas que sofrem, traumatizadas, como eu... Eu não creio segundo o cânone, mas com o coração. Não conheço as orações, mas rezo... Temos cá um padre, antigo oficial, está sempre a fazer sermões sobre o Exército, sobre a bomba atómica. Sobre os inimigos da Rússia e as conspirações dos maçónicos. Mas eu quero outras palavras, umas palavras completamente diferentes... Não essas. Mas é só essas que ouvimos à nossa volta... Há muito ódio... Não há um lugar onde aconchegar a alma. Ligo a televisão, e é a mesma coisa... Só maldições... Todos renegam aquilo que tínhamos. Amaldiçoam. O meu encenador preferido, Mark Zakhárov, agora já não gosto tanto dele nem acredito nele da mesma maneira que antes... queimou o cartão do Partido em público, mostraram isso pela televisão... Mas isto não é teatro! Isto é a vida! A minha vida. É possível tratá-la assim? Tratar assim a minha vida... Não são precisos estes espetáculos... (*Chora.*)

Eu não consigo... Sou daqueles que não conseguem... Todos se mudam à pressa do comboio que corria para o socialismo para o comboio que corre para o capitalismo. Eu atraso-me... Riem-se do «homem soviético»: é um lorpa, um inútil. Riem-se de mim... Os «vermelhos» são já umas feras, e os «brancos» são uns cavaleiros. Sou contra isso de coração e de espírito, não posso aceitar fisiologicamente. Não o posso assimilar. Não posso, não sou capaz... Aceitei bem o Gorbatchov. Embora o criticasse... ele era... isso agora é evidente, como todos nós, um sonhador, um utopista. Pode-se dizer assim. Mas para Eltsin, eu não

estava preparada... Nem para as reformas de Gaidar. O nosso dinheiro desapareceu num dia. O nosso dinheiro... e a nossa vida... Tudo perdeu num instante o seu valor. Em vez do futuro radioso, passaram a dizer-nos: enriqueçam, amem o dinheiro... Adorem esse monstro! O povo não estava preparado para isto. Ninguém sonhava com o capitalismo, por mim posso dizer que não sonhava... Gostava do socialismo. Eram já os anos de Bréjnev... a época vegetariana... Não conheci os anos canibalescos. Cantava as canções de Pakhmútova: « Sob a asa do avião, o verde-mar da taiga canta a sua canção... » Preparava-me solidamente para fazer amizades e construir as « cidades azuis ». Sonhar! « Sei que haverá aqui uma cidade... » « Aqui será uma cidade-jardim... » Gostava de Maiakovski. Canções e poemas patrióticos. Isso era tão importante naquele tempo, significava tanto para nós. Ninguém me convence de que a vida nos é dada apenas para comer bem e dormir. E que o herói é aquele que compra qualquer coisa num lugar e a vende noutra lugar três copeques mais caro. É isso que agora nos querem meter na cabeça... Resulta que os imbecis foram aqueles que deram as suas vidas pelos outros. Pelos grandes ideais. Não! Não! Ontem estava na bicha para a caixa numa loja... À minha frente uma velhinha contava e voltava a contar os copeques no porta-moedas e, finalmente, comprou cem gramas do salame mais barato... e dois ovos. Eu conheço-a... trabalhou toda a vida como professora...

Não me posso alegrar com esta nova vida! Nunca me sentirei bem nela, nunca me sentirei bem sozinha. Em solidão. Mas a vida puxa-me, puxa-me para essa lama. Para a terra. Os meus filhos já vão viver sob essas leis. Eles não precisam de mim, toda eu sou ridícula. Toda a minha vida... Há pouco tempo estava a remexer nos meus papéis e dei com o meu diário de juventude: o primeiro amor, o primeiro beijo e páginas inteiras sobre o meu amor por Estaline; e estava disposta a morrer só para o ver. Diário de uma louca... Quis deitá-lo fora, mas não fui capaz. Escondi-o. O meu medo é que alguém o veja. Vão fazer troça, rir-se de mim. Não o mostrei a ninguém... (*Silêncio.*) Lembrome de muitas coisas que o bom senso não pode explicar. Sou um exemplar raro, sim! Qualquer psicoterapeuta havia de ficar contente... Não é?! Você tem sorte em ter dado comigo... (*Chora e ri ao mesmo tempo.*)

Pergunte-me... Deve perguntar como se conciliava isto: a nossa felicidade e que viessem a meio da noite prender alguém? Alguém desaparecia, alguém soluçava atrás de uma porta. Por qualquer razão não me lembro disso. Não me lembro! Mas lembro-me de como os lilases floriam na primavera, e das festas de massas nas ruas, dos passeios de madeira aquecidos pelo sol. Do cheiro do sol.

Dos deslumbrantes desfiles de ginastas na Praça Vermelha e dos nomes de Lenine e Estaline compostos de flores e corpos humanos vivos entretrecidos. Eu fiz essa pergunta à minha mãe...

Que recordação temos nós de Béria? Da Lubianka? A minha mãe ficou calada... Uma vez recordou como num verão, depois das férias, ela e o meu pai regressavam da Crimeia. Atravessavam a Ucrânia. Isto foi nos anos trinta... anos da coletivização... Na Ucrânia havia uma grande fome, *golodomor* em ucraniano. Morreram milhões... morriam aldeias inteiras... Não havia quem enterrasse os mortos... matavam os ucranianos porque eles não queriam entrar para os *kolkhozes*. Matavam-nos à fome. Agora sei isso. Em tempos tinha havido a fortaleza de Zaporojié, o povo lembrava-se da liberdade... A terra ali é tal que espetamos uma estaca e cresce uma árvore. E morriam à fome... como gado. Tiraram-lhes tudo, até à última migalha. Cercavam-nos de tropas, como num campo de concentração. Agora sei isso... Tenho uma amiga ucraniana no trabalho que ouvia a avó contar... Como na aldeia deles uma mãe matou o seu próprio filho com um machado, para o cozer e dar a comer aos outros. O seu próprio filho... Tudo isso aconteceu... Receavam deixar as crianças saírem de casa. Apanhavam as crianças, como os gatos e os cães. Escavavam na horta, apanhavam minhocas e comiam-nas. Quem podia, arrastava-se até à cidade, até aos comboios. Esperavam que alguém lhes atirasse uma côdea de pão... Os soldados expulsavam-nos a pontapé, à coronhada... os comboios passavam a toda a velocidade. Os condutores fechavam as janelas, cerravam as cortinas. E ninguém perguntava nada a ninguém. Chegavam a Moscovo: traziam vinho, fruta, orgulhavam-se do seu bronzeado e recordavam o mar. (*Silêncio.*) Eu gostava de Estaline... Amei-o durante muito tempo. Amava-o mesmo quando começaram a escrever que ele era pequeno, ruivo, e tinha uma mão seca. Que havia morto a mulher. Mesmo quando o destronaram e o retiraram do mausoléu. Eu amava-o na mesma.

Durante muito tempo fui uma pequena estalinista. Durante muitíssimo tempo. Sim, isso aconteceu! Comigo... conosco... e sem essa vida eu fico de mãos vazias. Sem nada... serei uma indigente! Orgulhava-me do nosso vizinho, o tio Vânia, um herói! Voltou da guerra sem as duas pernas. Deslocava-se no pátio numa cadeira de rodas de madeira, artesanal. Chamava-me «minha Margaritka», consertava as botas de toda a gente. Quando estava bêbedo, cantava: «Queridos irmãos e irmãs... / Combati como um herói na batalha...» Alguns dias depois da morte de Estaline fui ter com ele: «Então, Margaritka, rebentou, aquele...» E era ele que dizia aquilo do meu Estaline! Arranquei-lhe as

botas da mão: « Como se atreve? Um herói! Com uma condecoração.» Andei dois dias a pensar: eu sou uma pioneira, portanto, devo ir ao Ministério do Interior e contar sobre o tio Vânia. Fazer uma declaração. E isto é absolutamente sério – sim! Como o Pavlik Morózov ²⁹ ... Podia denunciar até o meu pai... a minha mãe... Podia... Sim! Estava disposta! Ao voltar da escola, o tio Vânia, bêbedo, arrastava-se na entrada. Caiu da cadeira de rodas e não conseguiu erguer-se. Tive pena dele.

E eu era assim... Ficava sentada de ouvido no altifalante a escutar o boletim de saúde do camarada Estaline, transmitido de hora a hora. E chorava. De todo o coração. Aconteceu! Isso aconteceu! Houve um tempo estalinista... e nós, os estalinistas... A minha mãe era de uma família nobre. Alguns meses antes da revolução casou-se com um oficial, que depois combateu na Guarda Branca. Em Odessa separaram-se – ele emigrou com os restos das unidades de Denikine derrotadas e ela não podia abandonar a mãe paralítica. Levaram-na para a Tcheka, como mulher de um guarda branco. O investigador que conduzia o processo apaixonou-se por ela. Conseguiu salvá-la... Mas obrigou-a a casar-se com ele. Depois do serviço, voltava para casa bêbedo e batia-lhe com o revólver na cabeça. Depois desapareceu para qualquer parte. E esta minha mãe... uma beldade... que adorava música, sabia várias línguas, amava loucamente Estaline. Ameaçava o meu pai, se ele se mostrava descontente com qualquer coisa: « Vou ao Comité Distrital e digo o comunista que tu és.» E o papá... O papá participou na revolução... em 1937 foi reprimido... Mas depressa o soltaram porque um dos destacados bolcheviques, que o conhecia, intercedeu por ele. Deu garantias por ele. Mas não voltaram a admitir o papá no Partido. Um golpe que ele nunca conseguiu superar. Na prisão partiram-lhe os dentes, racharam-lhe a cabeça. Mesmo assim o papá não mudou, continuou a ser comunista. Explique-me isto... Pensa que somos imbecis? Ingênuos? Não, eram pessoas inteligentes e instruídas. A minha mãe lia Shakespeare e Goethe no original, e o meu pai concluiu a Academia Timiriazovski. E Blok.. Maiakovski... Inessa Armand? Os meus ídolos... os meus ideais... Eu cresci com eles... *(Fica pensativa.)*

Em tempos aprendi a voar num aeroclube. Hoje fico espantada com as coisas em que nós voávamos: como é que ficámos vivos?! Não eram planadores, mas aviões artesanais – ripas de madeira revestidas de pano. O leme era um cabo e um pedal. Em contrapartida, quando voamos, vemos os pássaros, vemos a terra lá de cima. Sentimos asas! O céu transforma uma pessoa... a altitude muda... Compreende do que estou a falar? Falo dessa nossa vida... Não é de mim que tenho pena, tenho pena de tudo aquilo que amávamos...

Recordei tudo honestamente... e até nem sei... Por qualquer razão, agora dá vergonha contar tudo isto a alguém...

Aquando do voo de Gagárin... As pessoas saíram para a rua. Riam-se, abraçavam-se, choravam. Pessoas que não se conheciam. Os operários saíam das fábricas em fato-macaco, os médicos atiravam as toucas brancas ao ar: « Nós somos os primeiros! Foi um dos nossos a voar para o espaço!» Estas coisas não se esquecem! Foi uma coisa mirabolante, um assombro. Ainda hoje não consigo ouvir com indiferença a canção: « Não sonhamos com o estrondo do cosmódromo / Não é com esse azul gelado / Sonhamos com a erva ao pé de casa / A erva verde que cresce ao nosso lado...» A Revolução Cubana... O jovem Castro... Eu gritava: « Mamã! Papá! Eles venceram! Viva Cuba!» (*Cantarola.*) « Cuba, meu amor! / Ilha do rubro alvor / A canção ressoa pelo planeta / Cuba, meu amor!» Veteranos combatentes em Espanha visitavam a nossa escola... Cantávamos juntos a canção « Granada » : « Deixe a minha casa e fui combater / Para aos camponeses de Granada a terra devolver...» Eu tinha em cima da mesa uma fotografia de Dolores Ibarruri. Sim... Sonhávamos com Granada... e depois com Cuba... Algumas dezenas de anos depois outras crianças sonhavam com o Afeganistão. Era fácil enganar-nos. Mas mesmo assim... Mesmo assim! Nunca esquecerei isto! Nunca esquecerei como toda a décima classe da nossa escola partiu para desbravar as terras virgens. Caminhavam em coluna, com as mochilas e a bandeira a drapejar. Alguns levavam uma guitarra às costas. « Estes são uns heróis! » , pensava eu. Muitos deles voltaram depois doentes: não foram para as terras virgens, mas foram algures para a taiga construir um caminho de ferro; carregaram carris às costas com a água gelada pela cintura. Havia falta de máquinas... Comiam batatas podres, sofriam todos de escorbuto. Mas eles existiram, esses rapazes! E existiu uma rapariguinha que se foi despedir deles com entusiasmo. Era eu! A minha recordação... Não a cedo a ninguém – nem aos comunistas, nem aos democratas, nem aos corretores. Ela é minha! Só minha! Posso dispensar tudo: não preciso de muito dinheiro, de comida cara, nem de roupa da moda... nem de carro de luxo... Nós percorríamos toda a União nos nossos *Jiguli*: estive na Carélia... no lago Sevan... e no Pamir. Tudo isto era a minha Pátria. A minha Pátria é a URSS. Posso viver sem muitas coisas. Só não posso viver sem aquilo que existiu. (*Longo silêncio. Tão longo que eu a chamo.*)

Não receie... Está tudo bem comigo... já está normal... Por enquanto, fico em casa. Acaricio o meu gato, faço luvas de tricô. Uma ocupação tão simples como o tricô ajuda melhor do que tudo... O que é que me reteve? Não fui até ao

fim... não... como médica, imaginava tudo... em todos os pormenores... A morte é feia, nunca é bonita. Vi enforcados... Nos últimos momentos têm um orgasmo, ou urinam-se, ou evacuam. O gás põe a pessoa azul... violácea... Só essa ideia é horrível, para uma mulher. Eu não podia ter quaisquer ilusões sobre uma morte bonita. Mas... qualquer coisa nos empurra, nos fustiga, obriga a disparar. Temos um arranque de desespero... E aí já é difícil conter-se. Fechar a torneira. *Stop!* Mas eu consegui conter-me. Deitei fora a corda da roupa e fugi para a rua. Fiquei encharcada de tanta chuva, que alegria depois de tudo aquilo ficar encharcada pela chuva! Que agradável! (*Silêncio.*) Estive muito tempo sem falar... Durante oito meses estive de cama com uma depressão. Já não sabia andar. Mas acabei por me levantar. Aprendi outra vez a andar. Aqui estou... de novo firme... Mas estive muito mal... Furaram-me, como um balão... De que estou eu falar? Basta! Bem, já chega... (*Está sentada a chorar.*) Chega...

Ano de 1990... No nosso apartamento de três assoalhadas em Minsk vivíamos quinze pessoas, mais uma criança de peito. Os primeiros a chegar foram os parentes de Baku – a minha irmã com a família e mais dois primos. Não vieram como visitas, traziam consigo a palavra « guerra ». Entraram em casa aos gritos, de olhos mortifícios... Isto foi no outono ou no inverno... já fazia frio. Sim, eles chegaram no outono, porque no inverno já éramos mais. No inverno vieram os do Tajiquistão... Da cidade de Duchambé chegou a minha irmã com a família e os sogros dela. Foi mesmo assim... Dormíamos em toda a parte, no verão, alguns até dormiam na varanda. E... não falavam, gritavam... Como tinham fugido, como a guerra os expulsara a pontapé. Queimava-lhes os calcanhares. E eles... todos eles, tal como eu, eram soviéticos... absolutamente soviéticos. A cem por cento! Orgulhavam-se disso. E, de repente, nada disso existia. Nada. Uma manhã acordaram, olharam pela janela e já estavam sob outra bandeira. Noutro país. Eram já estrangeiros.

Eu escutava, escutava. E eles falavam...

« ... Mas que tempos aqueles! Chegou Gorbatchov... E de repente havia tiroteio debaixo das janelas. Meu Deus! Na capital... Duchambé... Toda a gente colada ao televisor com receio de perder as últimas notícias. Na nossa fábrica havia um coletivo feminino, principalmente russas. Perguntei: “Meninas, o que é que vai acontecer?!” “Começa a guerra, já andam a matar os russos.” Alguns dias depois, uma loja foi assaltada em pleno dia... depois outra...»

« ... Nos primeiros meses, eu chorava, depois parei. As lágrimas acabaram-

se depressa. Tinha medo principalmente dos homens, conhecidos e desconhecidos. Arrastavam-nos para uma casa, para um carro... “És bonita! Menina, vamos foder...” A filha de uma vizinha foi violada pelos colegas de aula. Rapazes tadjiques que nós conhecíamos. A mãe dela foi com a família a casa de um deles. “O que vieste cá fazer?”, gritaram-lhe. “Desanda lá para a tua Rússia. Daqui a pouco não ficará aqui nenhum de vocês, russos. Vão fugir daqui em cuecas.”»

« ... o que fomos lá fazer? Fomos em missão do Komsomol. Construímos a hidroelétrica de Nurek, e uma fábrica de alumínio... Eu apreendi a língua tadjique: *tchaikana, piala, arik, artcha, tchinara*... Chamavam-nos *churavi*. Irmãos russos.»

« ... Eu sonho com montanhas cor-de-rosa – as amendoeiras em flor. E acordo lavada em lágrimas...»

« ... Em Baku... Vivíamos num prédio de nove andares. Uma manhã trouxeram famílias arménias para o pátio... Todos se reuniram à volta deles, e todos os que deles se aproximavam agrediam-nos com o que tinham à mão. Um rapazinho... de cinco anos... aproximou-se e agrediu uma menina com uma pá infantil. Uma velha azerbaijana acariciou-o na cabeça.»

« ... Os nossos amigos, que também eram azerbaijanos, esconderam-nos na sua cave. Taparam-nos com toda a espécie de tralha, caixas. À noite levavam-nos comida...»

« ... De manhã, quando saí para o trabalho, havia cadáveres pelas ruas. Estendidos, ou sentados de encontro às paredes, como se estivessem vivos. Uns cobertos por uma toalha, outros não. Não tiveram tempo. Quase todos estavam nus... homens e mulheres... Os que estavam sentados, não os despiram, não os conseguiram endireitar...»

« ... Eu dantes pensava que os Tadjiques eram como crianças. Não faziam mal a ninguém. Em seis meses, ou talvez menos, Duchambé ficou irreconhecível e as pessoas também. As morgues estavam superlotadas. De manhã havia sangue coagulado no asfalto enquanto não o espezinhavam... como gelatina...»

« ... Durante dias e dias inteiros passavam ao lado da nossa casa com cartazes: “Morte aos Arménios! Morte!” Homens e mulheres. Velhos e novos. Multidão enfurecida, nem um rosto humano. Os jornais estavam cheios de anúncios: “Troco um apartamento de três assoalhadas em Baku por qualquer apartamento em qualquer cidade da Rússia...” Vendemos o nosso apartamento por trezentos dólares. Pelo preço de um frigorífico. Se não vendêssemos por esse preço, podiam matar-nos...»

« ... E nós, com o dinheiro do nosso apartamento, comprámos: para mim, um edredão de penas chinês e para o meu marido umas botas quentes. Os móveis, a loiça... os tapetes... deixámos lá tudo...»

« ... Vivíamos sem luz nem gás... e sem água... Os preços nos mercados eram horríveis. Ao lado do nosso prédio abriram um quiosque. Vendiam flores e coroas fúnebres. Só flores e coroas...»

« ... De noite alguém escreveu a tinta na parede do prédio ao lado: “Treme, russo miserável! Os teus tanquistas não te ajudarão.” Os russos eram despedidos dos cargos dirigentes... disparavam em todas as esquinas... A cidade depressa se tornou tão suja como um *kichlak*³⁰. Uma cidade estrangeira. Não soviética.»

« ... Matavam por qualquer coisa... porque não tínhamos nascido ali, porque não falávamos aquela língua. Porque desagradávamos a um homem com uma metralhadora... Mas como vivíamos antes disso? Nos dias de festa, o primeiro brinde era “Pela amizade”: *Ess kess sirum em* (em arménio: “Gosto de ti”); *Man sani seviram*: (em azerbaijano “Gosto de ti”). Vivíamos juntos...»

« ... Pessoas simples... Os nossos conhecidos tajiques fechavam os filhos à chave, não os deixavam sair de casa, para que não os ensinassem... e não os obrigassem a matar.»

« ... Íamos partir... Já estávamos a embarcar, já saía vapor debaixo das rodas. Últimos minutos. Alguém disparou uma rajada de metralhadora para as rodas. Os soldados formaram um corredor para nos proteger. Se não fossem os soldados, não chegaríamos vivos às carruagens. E, se agora vejo na televisão, sinto logo... aquele cheiro... o cheiro da carne humana queimada... Um cheiro nauseante, açucarado...»

Seis meses depois, o meu marido teve o primeiro enfarte... ao fim de outros seis meses, o segundo... A irmã dele sofreu uma apoplexia. Tudo isso me punha louca... Sabia que os cabelos podem enlouquecer? Tornam-se ásperos como estopa. Os cabelos são os primeiros a enlouquecer... Quem é que pode suportar isto? A pequena Karina... De dia é uma criança normal, mas, quando começa a escurecer lá fora, põe-se a tremer. Grita: « Mamã, não saias! Eu adormeço, e matam-te a ti e ao papá!» De manhã ia a correr para o trabalho e pedia que um carro me matasse. Nunca ia à igreja, e de repente passava horas ajoelhada: « Santa Mãe de Deus! Tu ouves-me?» Deixei de dormir, não conseguia comer. Não sou política, não percebo de política. Simplesmente, tenho medo. Que mais me quer perguntar? Já contei tudo... Tudo!

28 Aniversário da revolução de 1917, chamada Revolução de Outubro, porque aconteceu a 25 desse mês segundo o calendário juliano. *(N. do T)*

29 Jovem camponês que teria denunciado o próprio pai por este esconder cereais durante a coletivização. *(N. do T)*

30 Aldeia caucasiana. *(N. do T)*

Um marechal «vermelho» solitário
e três dias de uma revolução esquecida

Serguei Fiódorovitch Akhroméiev (1923-1991).
Marechal da União Soviética, herói da União Soviética (1982).
Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas da URSS (1984-1988).
Laureado com o Prémio Lenine (1980). Desde 1990
conselheiro militar do Presidente da URSS.

DE UMA ENTREVISTA NA PRAÇA VERMELHA EM DEZEMBRO DE
1991

Eu era estudante...

Tudo aconteceu muito depressa... Ao fim de três dias a revolução acabou... Pela televisão informaram que os membros do GKTP tinham sido presos... o ministro dos Negócios Estrangeiros Pugo suicidou-se com um tiro, o marechal Akhroméiev enforcou-se... Em nossa casa discutimos isto longamente. Lembrome de que o meu pai disse: «São criminosos de guerra. Deviam ter a mesma sorte dos generais alemães Speer e Hesse.» Todos esperavam uma Nuremberga...

Éramos jovens... Uma revolução! Comecei a orgulhar-me do meu país quando as pessoas saíram para a rua contra os tanques. Antes disso já tinha havido acontecimentos em Vilnius, em Riga, em Tbilisi. Em Vilnius, os Lituanos defenderam a estação de televisão, mostravam-nos tudo isso, e nós, éramos o quê? Alguns burros? Saíram à rua pessoas que nunca antes o tinham feito – indignavam-se sentadas na cozinha. E agora saíam... Eu e a minha amiga levámos os guarda-chuvas, contra a chuva e para lutar. (*Ri-se.*) Orgulhei-me de Eltsin quando ele subiu para um tanque, compreendi: este é o meu presidente!

Meu! Autêntico! Havia ali muitos jovens. Estudantes. Todos cresceram a ler a revista *Ogoniok* de Korotitch, e os escritores dos anos sessenta. Parecia um ambiente de guerra... Por um megafone alguém gritava, implorava, uma voz de homem: «Meninas, saiam daqui. Vai haver tiroteio e muitos mortos.» Ao meu lado, um homem mandava a mulher grávida para casa, ela chorava: «Porque é que tu ficas?!» «É preciso.»

Deixei passar uma coisa muito importante... Como começou aquele dia... De manhã acordei porque a minha mãe estava a chorar. Soluçava e perguntava ao meu pai: «O que é o estado de emergência? O que achas que eles fizeram a Gorbatchov?» E a minha avó corria da televisão para o rádio, na cozinha: «Não prenderam ninguém? Não fuzilaram?» A minha avó nasceu em 1922, toda a sua vida disparavam e fuzilavam alguém. E prendiam. Assim passou a vida... Quando ela morreu, a minha mãe revelou-me um segredo de família. Levantou um pano, uma cortina... Em 1956 trouxeram o meu avô de um campo de trabalhos no Cazaquistão. Era um saco de ossos. Veio com um acompanhante, por estar tão doente. E não disseram a ninguém que ele era o pai... o marido... Tinham medo... Diziam que não era ninguém, um parente afastado. Ele viveu com elas durante alguns meses e depois puseram-no no hospital. E ali, ele enforcou-se. Eu preciso... Agora preciso de viver com isto de algum modo, com este conhecimento. Preciso de compreender... (*Repete.*) De viver com isto de algum modo... A minha avó receava mais do que tudo um novo Estaline e a guerra, toda a vida esperou a prisão e a fome. Cultivava cebolas em caixas à janela, conservava couves em grandes panelas. Comprava reservas de açúcar e de óleo. Em nossa casa, o sótão estava sempre atulhado de cereais diversos. De cevadinha. Ensinava-me sempre: «Tu cala-te! Cala-te!» Na escola fica calada... na universidade... Assim cresci, entre estas pessoas. Não tínhamos nenhum motivo para gostar do poder soviético. Éramos todos a favor de Eltsin! A mãe da minha amiga não a deixava sair de casa: «Só por cima do meu cadáver! Então tu não compreendes que tudo voltou?» Estudávamos na Universidade da Amizade entre os Povos Patrice Lumumba. Ali andavam estudantes de todo o mundo. Muitos deles vinham com a ideia de que a URSS era o país das balaicas e das bombas atômicas. Isso ofendia-nos. Queríamos viver num país diferente...

Eu trabalhava numa fábrica como serralheiro...

Estava na região de Vorónej quando soube do golpe... Estava de visita à minha tia. Todos esses clamores acerca da grandeza da Rússia é tudo uma grande balela. Mascarados de patriotas! Sentados diante da caixa de fazer estúpidos.

Deviam deslocar-se a cinquenta quilómetros de Moscovo... Olhar as casas, ver como as pessoas vivem. Os dias de festa de bebedeira... No campo já quase não há homens. Morreram. A consciência está ao nível do gado bovino – bebem até morrer. Até cair. Bebem tudo o que arde: desde a marinada de pepino até à gasolina dos carros. Bebem, e depois engalfinham-se. Em cada família alguém está ou esteve na prisão. A Polícia não consegue dar conta. Só as mulheres não se rendem, cultivam a horta. Se há alguns homens que não bebem, vão-se embora, trabalhar para Moscovo. E o único agricultor da aldeia aonde eu costumava ir, queimaram-lhe a casa por três vezes, até que ele se pôs a andar! Para longe da vista! Odiavam-no naturalmente... fisicamente...

Tanques em Moscovo... barricadas... No campo ninguém se preocupou muito com isso. Não se perturbou. Todos estavam mais inquietos por causa do escaravelho-da-batata e da lagarta-da-couve. Esse doriforo é resistente... E os rapazes novos só pensam na massa e nas miúdas. Aonde ir à noite empinar uma garrafita? Mas o povo, em todo o caso, estava mais a favor do GKTP. Foi o que eu percebi... Nem todos eram comunistas, mas eram todos a favor do grande país. Receavam as mudanças, porque depois de todas as mudanças o mujique era sempre enganado. Lembro-me do que dizia o meu avô: « Dantes vivíamos mal como o c..., e depois foi cada vez pior.» Antes da guerra e depois da guerra vivíamos sem passaportes. Não davam passaporte às pessoas do campo, não as admitiam na cidade. Escravos. Presidiários. Voltavam da guerra com medalhas. Conquistaram meia Europa, e viviam sem passaportes!

Em Moscovo fiquei a saber que os meus amigos tinham ido para as barricadas. Participavam na confusão. (*Ri-se.*) Também eu podia ganhar uma medalha...

Eu sou engenheiro...

Quem é ele, o marechal Akhroméiev? Um « soviético » fanático. Eu vivi entre os « soviéticos », não quero ser « soviético » outra vez. Mas ele era um fanático, um homem sinceramente dedicado à ideia comunista. Era meu inimigo. Inspirava-me ódio, quando ouvia os discursos dele. Compreendia que aquele homem havia de lutar até ao fim. O suicídio dele? É claro que esse não é um ato ordinário, e inspira respeito. É preciso respeitar a morte. Mas eu faço a mim mesmo a pergunta: e se eles tivessem vencido? Pegue num manual qualquer... Nenhuma revolução na história passou sem terror, tudo acabava em sangue. Línguas arrancadas e olhos vazados. Idade Média. Para isto não é preciso ser historiador...

De manhã ouvi na televisão falar da «incapacidade de Gorbatchov para dirigir o país devido a uma doença grave» ... vi tanques debaixo das janelas... Telefonei aos meus amigos – todos são a favor de Eltsin. Contra a Junta. Vamos defender Eltsin! Abri o frigorífico, meti um bocado de queijo no bolso. Havia uns biscoitos em cima da mesa, apanhei-os. E uma arma? É preciso levar alguma coisa... Havia uma faca de cozinha em cima da mesa... agarrei-a, mas voltei a colocá-la no lugar. (*Fica pensativo.*) E se... e se eles vencessem?

Agora mostram imagens na televisão: o maestro Rostropóvitch veio de Paris e está sentado com uma espingarda, raparigas que oferecem gelados aos soldados... Um ramo de flores em cima de um tanque... As minhas imagens são outras... Velhinhas moscovitas que distribuem sanduiches aos soldados e levam-nos às suas casas para urinarem. Levaram uma divisão de tanques para a capital, sem uma bucha, sem retretes. Sobressaem das escotilhas os pescoços magros dos rapazitos e – olhem para eles! – de olhitos assustados. Não compreendem nada. No terceiro dia já se sentam na blindagem – furiosos, esfomeados. Sem dormir. As mulheres rodeiam-nos: «Então, filhos, vão disparar contra nós?» Os soldados calam-se, mas um oficial quase grita: «Se derem a ordem, disparamos.» Os soldados desapareceram nas escotilhas, como levados pelo vento. Ora aí está! As minhas imagens não coincidem com as vossas... Formamos um cordão, à espera do ataque. Correm boatos: vão lançar gás, há atiradores nos telhados... Aproxima-se de nós uma mulher com medalhas no casaquinho: «Quem é que vocês defendem? Os capitalistas?» «Que é isso, avozinha? Nós defendemos a liberdade.» «Pois eu combati pelo poder soviético, pelos operários e camponeses. E não pelos quiosques e as cooperativas. Se me dessem agora uma arma...»

Estava tudo por um fio. Cheirava a sangue. Não me lembro de nenhuma festa...

Eu sou um patriota...

Deixem-me dar a minha opinião. Aproxima-se um homem com a peleja desabotoada e uma grande cruz ao peito. Vivemos a época mais vergonhosa da nossa história. Somos uma geração de cobardes, de traidores. Esta é a sentença que os nossos filhos nos vão dar: «Os nossos pais venderam um grande país por calças de ganga, *Marlboro* e pastilhas elásticas», dirão eles. Não fomos capazes de defender a URSS, a nossa Pátria. Um crime horrível. Vendemos tudo! Nunca me hei de habituar à bandeira russa tricolor, terei sempre diante dos olhos a bandeira vermelha. A bandeira de um grande país! De uma grande vitória! O

que haviam de fazer connosco... com os soviéticos... para que fechássemos os olhos e corréssemos para esse maldito paraíso capitalista? Compraram-nos com cromos, balcões de salame, embalagens vistosas. Cegaram-nos, encheram-nos a cabeça de tolices. Trocámos tudo por carros e fatiotas. E não me venham com histórias... que foi a CIA que destruiu a União Soviética, ou as intrigas de Brzezinski... E porque é que o KGB não destruiu a América? Não foram os obtusos bolcheviques que puseram o país na merda, nem os miseráveis dos intelectuais que o destruíram, para viajarem para o estrangeiro e lerem o *Arquipélago Gulag*... Nem procurem a conspiração judaico-maçónica. Fomos nós que destruímos o país. Com as nossas próprias mãos. Sonhávamos ter aqui os McDonald's com hambúrgueres quentes e que cada um pudesse comprar um *Mercedes* e um leitor de vídeo de plástico. E que nos quiosques se vendessem filmes pornográficos...

A Rússia precisa de uma mão forte. Uma mão de ferro. De um capataz com um bastão. De maneira que – o grande Estaline! Hurra! Hurra! O Akhroméiev poderia tornar-se o nosso Pinochet... ou o nosso Jaruzelski... Foi uma grande perda...

Eu sou comunista...

Era a favor do GKTP, mais propriamente da URSS. Era um defensor apaixonado do GKTP porque gostava de viver num Império. «Vasto país, minha querida Pátria.» Em 1989 enviaram-me em comissão para Vilnius. Antes de partir, o engenheiro-chefe da fábrica (que já lá tinha estado) chamou-me ao gabinete e disse-me: «Não fales russo com eles. Nem fósforos te venderão numa loja se os pedires em russo. Não esqueceste o teu ucraniano? Fala ucraniano.» Não acreditei – que disparate é esse? E ele: «Cuidado na cantina... podem envenenar-te ou deitar-te vidro em pó na comida. Lá, agora, és um ocupante, compreendes?» Mas eu tinha na cabeça a amizade dos povos e todas essas coisas. A fraternidade soviética. Não acreditei até chegar à estação de Vilnius. Saí para a plataforma... Logo no primeiro instante, ao ouvirem falar russo, fizeram-me compreender que tinha chegado a um país estrangeiro. Eu era um ocupante. Da Rússia imunda e atrasada. Um Ivan russo. Um bárbaro.

E de repente, aquela dança dos pequenos cisnes... Em suma, ouvi falar do GKTP de manhã numa loja. Corri para casa, liguei a televisão. Mataram o Eltsin, ou não? Em que mãos está a estação de televisão? Quem comanda o Exército? Telefonou-me um conhecido meu: «Ora, os cães, agora vão apertar as porcas ainda mais. Vamos tornar-nos parafusos e pregos.» Fiquei furioso: «Pois eu sou

a favor, com as duas mãos. Eu sou pela URSS!» Num momento ele fez uma viragem de cento e oitenta graus: « É o fim de Mikhail Gorbatchov! Vai cavar para a Sibéria!» Compreendes? Era necessário falar com as pessoas, fazê-las compreender. Trabalhá-las. Em primeiro lugar ocupar Ostankino e difundir vinte e quatro horas por dia: « Vamos salvar o país! A Pátria Soviética está em perigo!» Livrar-nos rapidamente dos Soltchak, dos Afanássiev e outros traidores. E o povo era a favor!

Não acredito no suicídio de Akhroméiev. Um oficial que combateu não se enforca com um cordel... com a fita de uma caixa de bolos... Como um presidiário.

Nas celas das prisões suicidam-se assim – sentados e dobrando as pernas. Na solidão. Isso não está na tradição militar. Os oficiais desprezam essas coisas. Não é um suicídio, é um homicídio. Mataram-no aqueles que mataram a União Soviética. Tinham medo dele – Akhroméiev gozava de elevado prestígio no Exército, podia organizar a resistência. O povo ainda não estava desorientado, desunido, como agora. Viviam ainda todos da mesma maneira e liam os mesmos jornais. Não era como agora: para uns sopa aguada, para outros pérolas trabalhadas.

Mas isto... ver isto com os meus próprios olhos... Uns jovens encostaram uma escada ao edifício do Comité Central do PCUS na Praça Velha, e já ninguém o defendia. Escadas altas dos bombeiros. Subiram... Com martelos e escopos arrancaram as letras douradas « Comité Central do PCUS» . E outros, em baixo, cortavam-nas e distribuíam os bocados para recordação. Desmontavam as barricadas. O arame farpado também era distribuído como recordação.

É assim que recordo a queda do comunismo...

DOS MATERIAIS DE INVESTIGAÇÃO

« Em 24 de agosto de 1991, às 21h50, no gabinete n.º 19 do edifício n.º 1 do Kremlin de Moscovo, foi encontrado pelo oficial da guarda de serviço Korotéiev, o corpo do marechal da União Soviética Akhroméiev, Serguei Fiódorovitch (nascido em 1923), que exercia as funções de conselheiro do Presidente da URSS.

O cadáver encontrava-se na posição sentada, sob o parapeito da janela do gabinete, com as costas apoiadas na grade de maneira que protege o radiador de

aquecimento. O cadáver estava vestido com o uniforme de marechal da União Soviética. O vestuário não estava danificado. O pescoço do cadáver estava envolvido por um nó corredio feito de um cordel sintético duplo, que o rodeava por completo. A ponta superior do cordel estava fixada ao puxador da janela com fita autocolante do tipo *Scotch*. O corpo não apresentava quaisquer lesões para além das resultantes do enforcamento...»

«No exame do conteúdo da secretária, descobriram-se em cima desta, em lugar bem visível, cinco cartas. Todas manuscritas e cuidadosamente empilhadas. O inventário faz-se de acordo com a ordem em que as cartas se encontravam...

A primeira carta, Akhroméiev pede que seja entregue à sua família e nela informa ter tomado a decisão de se suicidar: “Para mim, o dever de militar e de cidadão foi sempre o mais importante. Vocês estavam em segundo lugar. Hoje coloco pela primeira vez no primeiro lugar o meu dever para convosco. Peço-lhes que vivam estes dias com coragem. Apoiem-se uns aos outros. Não deem aos inimigos motivos para júbilo...”

A segunda carta era dirigida ao marechal da União Soviética S. Sókolov. Contém um pedido a Sókolov e ao general do Exército Lóbov para que ajudem no funeral e que não abandonem os membros da sua família nestes dias difíceis para eles.

A terceira carta contém um pedido para que seja paga uma dívida à cantina do Kremlin no valor de cinquenta rublos.

A quarta carta não tinha endereço: “Não posso viver quando a minha Pátria naufraga e tudo aquilo que eu considerava o sentido da minha vida é destruído. A minha idade e o meu passado dão-me o direito de deixar a vida. Lutei até ao fim.”

A última carta estava à parte: “Sou fraco mestre na preparação do suicídio. A primeira tentativa (às 9h40) falhou – o cordel partiu-se. Reúno forças para repetir...”

O exame grafológico estabeleceu que todas as cartas foram escritas pela mão de Akhroméiev...»

«... a filha mais nova, Natália, em casa de quem Akhroméiev passou a última noite, relatou: “Antes de agosto perguntámos várias vezes ao meu pai: ‘Será possível um golpe de Estado no nosso país?’” Muitos estavam descontentes com a maneira como decorria a *perestroika* de Gorbatchov – com a sua tagarelice, a sua fraqueza, as cedências unilaterais nas conversações soviético-

americanas de desarmamento, a degradação da situação econômica do país. O meu pai não gostava dessas conversas, estava confiante: “Não haverá nenhum golpe de Estado. Se o Exército quisesse desencadear um golpe, conseguia fazê-lo em duas horas. Mas na Rússia nada se consegue pela força. O maior problema não é afastar um dirigente indesejável. O problema é: o que fazer a seguir?”

Em 23 de agosto voltou cedo do trabalho. Jantou em família. Tinham comprado uma melancia grande e ficaram muito tempo sentados à mesa. Segundo as palavras da filha, o pai tinha falado francamente. Reconheceu que esperava ser preso. Ninguém no Kremlin se aproximava dele nem lhe falava. “Compreendo”, dizia ele, “que para vocês será difícil, vão lançar lama sobre a nossa família. Mas eu não podia proceder de outro modo.” A filha perguntou-lhe: “Não lamentas ter vindo para Moscovo?” Akhroméiev respondeu: “Se não o tivesse feito, havia de me arrepender para toda a vida.”

Antes de ir para a cama, Akhroméiev prometeu à neta levá-la no dia seguinte ao parque para andar no baloiço. Preocupava-o quem iria ao aeroporto esperar a mulher, que regressava de Sotchi. Pediu que o informassem imediatamente da sua chegada. Encomendou para ela um carro à garagem do Kremlin...

A filha telefonou ao pai de manhã às 9h35. A voz dele era a habitual... Conhecendo o carácter do pai, a filha não acredita no suicídio...»

DAS ÚLTIMAS GRAVAÇÕES

« ... Prestei juramento à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas... e servi-a toda a minha vida. Que devo fazer agora? A quem devo servir? Portanto, enquanto viver, enquanto respirar, lutarei pela União Soviética...»

Programa televisivo *Vzgliad*, 1990.

« Agora pintam tudo de negro... Rejeita-se tudo aquilo que se passou no país depois da Revolução de Outubro... Sim, houve Estaline, houve o estalinismo. Sim, houve repressões, violência sobre o povo, não nego isso. Tudo isso existiu. Mas é preciso estudar e avaliar isso com objetividade e com justiça. A mim, por exemplo, não há necessidade de me convencerem de nada, porque nasci nesses anos. Eu próprio vi como as pessoas trabalhavam, com que fé... Não se trata de minimizar ou ocultar seja o que for. Não há nada que dissimular, que esconder. Sobre o fundo de tudo o que se passou no país e que todos sabem, que jogo de escondidas pode ser esse? Mas a guerra contra o fascismo vencemo-la, não a

perdemos. Temos a Vitória.

Lembro-me dos anos trinta... Cresceram outros como eu, dezenas de milhões. E construímos o socialismo conscientemente. Estávamos dispostos a todos os sacrifícios. Não concordo em dizer que nos anos anteriores à guerra tenha havido apenas o estalinismo, como escreve o general Volkogónov. Ele é um anticomunista. Mas hoje, no nosso país, a palavra “anticomunista” já não é injuriosa. Eu sou comunista, ele é anticomunista. Eu sou anticapitalista, e ele, não sei quem é: é defensor do capitalismo, ou não? Isto é apenas a constatação de um facto. E uma discussão ideológica. A mim, não só me criticam, mas insultam-me abertamente porque lhe chamo “cata-vento”... Ainda há pouco tempo Volkogónov defendia o regime soviético, os ideais comunistas juntamente comigo. E de repente uma reviravolta brusca. Ele que diga por que razão violou o juramento militar... Muitos perderam hoje a sua fé. O primeiro de entre eles eu diria que é Boris Nikoláevitch Eltsin. Porque o Presidente da Rússia era secretário do Comité Central do PCUS, candidato a membro do Politburo. Mas agora diz abertamente que não acredita no socialismo nem no comunismo, considera errado aquilo que os comunistas fizeram. Tornou-se um anticomunista belicoso. Há outros como ele. Na verdade, não são assim tão poucos. Mas você vem falar comigo... Por princípio, não estou de acordo... Vejo a ameaça à existência do nosso país, ela é bem real. É tão grande como em 1941...»

N. Zenkovitch,

Século XX. O Supremo Generalato nos Anos da Crise,
Olma-Press, 2005.

« Nos anos setenta a URSS produziu vinte vezes mais tanques do que os EUA.

Pergunta de G. Chakhnazárov, ajudante do secretário-geral do PCUS, M. Gorbatchov (anos 1980): “Para que era preciso produzir tanto armamento?”

Resposta do chefe do Estado-Maior, S. Akhroméiev: “Porque, à custa de enormes sacrifícios, criámos fábricas de primeira classe, tão boas como as dos EUA. Quer que elas parem o trabalho e produzam painéis?”»

Egor Gaidar,

A Queda do Império, Enciclopédia Política Russa, 2007.

« No nono dia de trabalhos do I Congresso dos Deputados do Povo da URSS surgiram na sala uns panfletos em que se informava que Sákharov tinha declarado numa entrevista a jornais canadianos: “Durante a Guerra do Afeganistão, os helicópteros soviéticos disparavam contra os seus próprios

soldados cercados, para que não pudessem render-se...”

S. Tchervonopski, primeiro secretário do Komsomol da cidade de Tcherkassi, um veterano do Afeganistão, sobe à tribuna. Sem pernas, é preciso ajudá-lo a dirigir-se à tribuna. Lê uma comunicação dos veteranos do Afeganistão: “O senhor Sákharov afirma que há provas de que os helicópteros soviéticos disparavam sobre os soldados soviéticos... Estamos seriamente preocupados com a difamação do Exército soviético nos meios de informação. Estamos profundamente indignados com essa afirmação irresponsável e provocatória de uma cientista célebre. Trata-se de um ataque malevolente contra o nosso Exército, uma ofensa à sua honra e dignidade, e mais uma tentativa para quebrar a sagrada unidade do Exército, do Povo e do Partido... (*Ovação.*) Há mais de oitenta por cento de comunistas na sala. Mas ninguém, nem mesmo o relatório do camarada Gorbachov, proferiu a palavra “comunismo”. Há, no entanto, três palavras pelas quais, acho eu, todos devemos lutar, e que hoje refiro: “Potência, Pátria, Comunismo...”

Aplausos. Todos os deputados se põem de pé – exceto os democratas e o metropolitano Aleksei.

Uma professora do Usbequistão:

“Camarada acadêmico! Com esse seu procedimento, apagou toda a sua atividade. Insultou todo o Exército, todos os nossos mortos. E eu exprimo-lhe o geral desprezo...”

O marechal Akhroméiev:

“O que o acadêmico Sákharov afirmou é uma mentira. Nada de semelhante se passou no Afeganistão. Afirmo-o com toda a responsabilidade. Em primeiro lugar, servi dois anos e meio no Afeganistão, em segundo lugar, como primeiro vice-chefe e depois como chefe do Estado-Maior ocupei-me todos os dias do Afeganistão, conheço cada diretiva, cada dia de atividade de combate. Isso não aconteceu!”»

V. Kolessov,
Crónica da Perestroika, 1985-1991,
Lib.ru. Sovreménaia literatura.

« – Camarada marechal, quais os seus sentimentos ao saber que recebia o título de Herói da União Soviética pelo Afeganistão? O acadêmico Sákharov apresentou números: as perdas do povo afegão atingiram um milhão de pessoas...

– Pensa que eu fico feliz por receber a Estrela de Herói? Cumri a ordem que

tinha, mas ali tudo é sangue... e lama... Eu disse mais de uma vez que a chefia militar era contra essa guerra, compreendendo que nos arrastavam para ações de combate em condições desconhecidas. Que todo o islamismo oriental se ergueria contra a URSS. Que perdíamos a face na Europa. Disseram-nos com aspereza: “Desde quando é que os generais no nosso país se ocupam de política?” Perdemos a luta pelo povo afegão... Mas a culpa não é do nosso Exército...»

Entrevista a um jornal televisivo, 1990.

«... Este é o relatório sobre o grau da minha participação nas ações criminosas do chamado “Comité para o Estado de Emergência”.

Em 6 de agosto deste ano, obedecendo à sua decisão, parti para férias na casa de repouso do Exército em Sotchi, onde permaneci até 19 de agosto. Antes de partir para a casa de repouso e mesmo enquanto lá estive, até à madrugada do dia 19, não soube nada sobre a conspiração que se preparava. Ninguém, nem mesmo por alusão, me falou da sua organização nem dos seus organizadores, ou seja, não participei de maneira nenhuma na sua preparação nem na sua execução. Na manhã de 19 de agosto, ao ouvir pela televisão as declarações do referido Comité, tomei a decisão de voar para Moscovo. Às oito horas da tarde encontrei-me com G. I. Ianáev. Disse-lhe que concordava com o programa apresentado pelo Comité e com a sua comunicação ao povo, e propus-me para trabalhar com ele na qualidade de conselheiro do Presidente da URSS. G. I. Ianáev concordou, mas, alegando que estava ocupado, fixou um novo encontro por volta das doze horas do dia 20 de agosto. Disse-me que o Comité não tinha a informação organizada sobre a situação e que era bom se eu me ocupasse disso...

Na manhã de 20 de agosto encontrei-me com D. Baklánov, que tinha recebido a mesma tarefa. Decidimos trabalhar juntos sobre essa questão... Reunimos um grupo de trabalho constituído por representantes dos departamentos e organizámos a recolha e análise das informações sobre a situação. Na prática, esse grupo de trabalho elaborou dois relatórios: um para as nove horas da tarde de 20 de agosto, e outro para a manhã de 21 de agosto, que foram examinados nas reuniões do Comité.

Além disso, em 21 de agosto trabalhei na preparação do relatório de G. I. Ianáev à presidência da Soviete Supremo da URSS. Na tarde de 20 de agosto e na manhã de 21 participei nas reuniões do Comité, ou mais precisamente, daquela parte delas que decorreu na presença de convidados. Foi esse o trabalho em que participei em 20 e 21 de agosto. Além disso, em 20 de agosto, por volta das três

horas da tarde, encontrei-me no Ministério da Defesa com D. T. Iazov, a seu pedido, o qual me disse que a situação se agravava e manifestou dúvidas sobre o êxito da empresa. Depois dessa conversa, pediu-me que fosse com ele ter com o vice-ministro da Defesa, general V. A. Atchalov, onde decorria o trabalho sobre os planos de ocupação do edifício do Soviete Supremo da RSFSR. O vice-ministro ouviu V. A. Atchalov durante três minutos apenas sobre a composição das tropas e os prazos da ação. Eu não fiz nenhuma pergunta a ninguém... Por que razão voltei a Moscovo por minha iniciativa – ninguém me chamou a Sotchi – e comecei a trabalhar no Comité? Porque estava convencido de que aquela aventura estava condenada ao fracasso, e ao chegar a Moscovo fiquei ainda mais convencido disso. A verdade é que desde 1990 eu estava certo, como estou hoje, de que o nosso país caminha para a sua perda. Em breve será desmembrado. Procurei uma maneira de declarar isto em voz alta. Esperava que o meu trabalho no Comité e nos debates que se seguiriam me desse a possibilidade de falar abertamente disso. Isto parece sem dúvida pouco convincente e ingénuo, mas foi assim. Não houve quaisquer motivos interesseiros nessa minha decisão...»

Carta ao Presidente da URSS M. S. Gorbatchov,
22 de agosto de 1991.

« ... Gorbatchov é valioso, mas a Pátria é mais valiosa! Que ao menos fique na história registo de que alguém protestou contra a destruição de um tão grande Estado. E a história avaliará quem estava certo e quem estava errado...»

Do bloco de notas, agosto de 1991.

RELATO DE N.

(Pediu que não indicasse o seu nome nem o cargo que ocupava no aparelho do Kremlin.)

Trata-se de uma testemunha excepcional. Do santo dos santos – o Kremlin, principal cidadela do comunismo. Testemunha da vida que nos estava oculta. Demorei muito tempo a convencê-lo. Eis extratos da nossa conversa telefónica.

... O que tem a história a ver com isto? Quer factos «escaldantes», qualquer coisa picante, com cheiro forte? Todos correm ao sangue e à carne. A morte é já uma mercadoria. Levam tudo ao mercado. A gatinha ficará extasiada... terá uma sobrecarga de adrenalina... Não é todos os dias que um Império se

desmorona. Fica de ventos na lama! No sangue! E não é todos os dias que um marechal do Império se suicida... se enforca no Kremlin num radiador...

... Porque é que ele se foi? O país dele foi-se, e ele foi juntamente, já não se via aqui. Ele... eu compreendo assim... já previa tudo o que aconteceria. Como destruiriam o socialismo. A tagarelice acabaria em sangue. Em pilhagens. Que começariam a derrubar as estátuas. Os deuses soviéticos iriam para a sucata. Para a reciclagem. Começariam a ameaçar os comunistas com uma Nuremberga... E quem seriam os juizes? Uns comunistas julgariam os outros – aqueles que saíram do Partido na quarta-feira, julgariam os que saíram na quinta-feira. Como rebatizariam Leninegrado... berço da revolução... Como seria moda injuriar o PCUS e todos iriam injuriá-lo. Como iriam desfilar pelas ruas com cartazes: « Morte ao PCUS! », « Estás certo, Boris! ». Manifestações de milhares... Que entusiasmo nas caras! O país afundava-se e eles estavam felizes! Destruir! Derrubar! Para nós é sempre uma festa... Uma festinha! Bastava darem a ordem: « Ataque! » Começavam logo os *pogroms*... « Judeus e comissários, encostá-los ao muro! » O povo estava à espera disso. Ficaria contente. Armariam uma caça aos velhos, aos reformados. Eu mesmo encontrei nas ruas panfletos com as moradas de funcionários do Comité Central – apelido, número do prédio, do apartamento, e os retratos deles estavam colados por todo o lado. Para que pudessem reconhecê-los. A *nomenklatura* do Partido fugia dos seus gabinetes com sacos de plástico, sacos de rede. Muitos receavam passar a noite em casa, escondiam-se em casa de parentes. Nós tínhamos informações... sabíamos como as coisas se tinham passado na Roménia... Fuzilaram Ceausescu com a mulher e levaram aos magotes os tchekistas e a elite do Partido, encostaram-nos ao muro. Atiraram-nos para as fossas. (*Longa pausa.*) E ele... ele era um comunista idealista, romântico. Acreditava nos « cimos esplendorosos do comunismo ». Em sentido literal. Em que o comunismo chegara para sempre. Esta afirmação é hoje disparatada... idiota... (*Pausa.*) Ele não aceitava aquilo que estava a começar. Via como se agitavam essas jovens feras... os pioneiros do capitalismo... Não era Marx nem Lenine que eles tinham na cabeça, mas o dólar...

... Que golpe é esse, sem tiros? O Exército fugiu cobardemente de Moscovo. Depois da prisão dos membros do GKTP, ele esperava que em breve o viessem prender, que o levassem algemado. De todos os assistentes e conselheiros do Presidente ele foi o único que apoiou os « golpistas ». Apoiou-os abertamente. Os outros ficaram à espera, a ver o que aconteceria. O aparelho burocrático é uma máquina com uma grande capacidade de manobra... De sobrevivência.

Princípios? A burocracia não tem convicções, nem princípios, toda essa metafísica um pouco turva. O principal é manter o lugar, continuar como antes, com as mãos untadas, a receber luvas. A burocracia é uma mania nossa. Já Lenine dizia que a burocracia era mais terrível do que Deníkin. Só se valoriza a dedicação a si próprio, e não esquecer quem é o chefe, a mão que dá de comer. *(Pausa.)* Ninguém sabe a verdade acerca do GKTP. Todos mentem. Portanto... assim... Na realidade, estava a tramar-se um grande jogo, de que não conhecemos nem as forças secretas, nem todos os participantes. O papel de Gorbachov é nebuloso... O que disse ele aos jornalistas quando voltou de Foros? « De qualquer maneira nunca lhes direi tudo.» E não dirá! *(Pausa.)* E talvez essa seja também uma das razões porque ele se foi. *(Pausa.)* As manifestações de centenas de milhares de pessoas... tiveram um enorme efeito... Era difícil manter-se num estado normal... Não era por si que ele tinha medo... Não podia aceitar que em breve tudo seria espezinhado e coberto de betão: o regime soviético, a grande industrialização... a grande Vitória... E acabarão a dizer que o *Aurora* não disparou, e que não houve assalto ao Palácio de Inverno...

... Praguejam contra os tempos... O nosso tempo é infame. Vazio. Está tudo inundado de farpelas e de vídeos. Onde está o grande país? Se acontece alguma coisa, hoje não venceremos ninguém. E Gagárin não voará.

De maneira completamente inesperada, no final da nossa conversa ouvi: «Está bem, venha ter comigo.» No dia seguinte encontrámo-nos em casa dele. Vestia um fato preto com gravata, apesar do calor. O uniforme do Kremlin.

Já estive com... *(Indica vários nomes conhecidos.)* E... *(Mais um nome que toda a gente ouve há muito tempo.)* A versão deles é que o mataram! Eu não acredito nisso. Parece que correm rumores sobre algumas testemunhas... factos... Diz-se que o cordel não era apropriado, que era fino, que com ele só o podiam estrangular, e a chave do gabinete estava do lado de fora... Diz-se toda a espécie de coisas... As pessoas gostam dos mistérios palacianos. Eu digo-lhe outra coisa: as testemunhas também se manipulam. Não são robôs. Ou a televisão manipula-as. Os jornais, os amigos... os interesses corporativos... Quem detém a verdade? Acho que a verdade deve ser procurada por pessoas especialmente preparadas: juizes, cientistas, sacerdotes. Todos os restantes são dominados pelas suas ambições... emoções... *(Pausa.)* Eu li os seus livros... Faz mal em confiar tanto nas pessoas... na verdade do homem... A história é a vida das ideias. Não são os homens que escrevem, é o tempo. A verdade do homem é

um prego no qual toda a gente pendura o chapéu.

... Devemos começar por Gorbatchov... Sem ele ainda viveríamos na URSS. Elstin seria primeiro-secretário do Comité Regional do Partido em Sverdlovsk, e Egor Gaidar corrigiria os artigos sobre economia no jornal *Pravda*, e acreditaria no socialismo. Sobtchak daria aulas na Universidade de Leningrado... (Pausa.) A URSS ainda podia durar muito tempo. Um colosso de pés de barro? Completo disparate! Éramos uma superpotência extremamente poderosa, ditávamos a nossa vontade a muitos países. A própria América nos temia. Havia falta de colãs para as mulheres e de calças de ganga? Para vencer uma guerra atômica não são precisas meias-calças, mas mísseis e bombardeiros modernos. E nós tínhamo-los. De primeira classe. Venceríamos em qualquer guerra. O soldado russo não tem medo de morrer. Nisso somos asiáticos... (Pausa.) Estaline formou um Estado que era impossível destruir na base, era impenetrável. Mas no topo, era vulnerável, sem defesa. Ninguém pensava que começariam a destruí-lo por cima, que a direção suprema do país enveredaria pelo caminho da traição. Renegados! O secretário-geral é o principal revolucionário emboscado no Kremlin. Era fácil destruir esse Estado de cima. A rigorosa disciplina e a hierarquia no Partido funcionaram contra ele. Um caso único na história... Como... se o próprio César começasse a destruir o Império Romano... Não, Gorbatchov não é um pigmeu, nem é um brinquedo das circunstâncias, nem um agente da CIA... Quem é ele então?

« O coveiro do comunismo » e « traidor à Pátria », « laureado com o Prémio Nobel » e « autor da bancarrota soviética », « principal homem do degelo » e « o melhor alemão », « profeta » e « judas », « grande reformador » e « grande comediante », « gentil Gorbi » e « sórdido Gorbach », o « homem do século » e « um Heróstrato » ... Tudo num só homem.

... Akhroméiev preparou-se para o suicídio durante alguns dias: duas cartas foram escritas no dia 22, uma no dia 23 e a última no dia 24 de agosto. E o que aconteceu nesse dia? Precisamente em 24 de agosto transmitiram pela rádio e pela televisão a declaração de Gorbatchov sobre a sua renúncia ao cargo de secretário-geral do Comité Central dos PCUS e o seu apelo à autodissolução do Partido: « É preciso tomar uma decisão difícil, mas honesta. » O secretário-geral saiu sem luta. Não se dirigiu ao povo nem aos milhões de comunistas... Traiu. Abandonou toda a gente. Posso imaginar aquilo que Akhroméiev sofreu nesses momentos. Não é de excluir, é inteiramente provável, que a caminho do trabalho ele tenha visto que arriavam as bandeiras das instituições do Estado. Das torres do Kremlin. Quais poderiam ser os seus sentimentos? Um comunista... um

combatente... A sua vida perdeu o sentido... Não consigo imaginá-lo na nossa vida de hoje. Não soviética. Sentado no Praesidium sob a bandeira tricolor da Rússia, e não sob a bandeira vermelha. Não sob o retrato de Lenine, mas sob a águia czarista. Ele não quadra de modo nenhum na nova decoração. Era um marechal soviético... compreende...? Soviético!! Só assim, e de nenhuma outra maneira. Só...

Ele não se sentia à vontade no Kremlin. Como um « corvo branco » ... um « tarimbeiro » ... Nunca conseguiu adaptar-se, dizia que a « verdadeira camaradagem sincera e desinteressada só existia no meio das tropas ». Toda a sua vida passou-a com o Exército. Com os militares. Meio século. Vestiu o uniforme militar aos dezassete anos. É muito tempo! Uma vida! Mudou-se para o gabinete do Kremlin depois de se demitir do cargo de chefe do Estado-Maior General. Ele próprio redigiu o relatório. Por um lado, achava que devia sair a tempo, dar lugar aos mais novos, mas por outro lado, começaram os seus conflitos com Gorbatchov. Gorbatchov não gostava do Exército, tal como Khrushchov, que só tratava os generais e em geral os militares como parasitas. O nosso país era um país militar, setenta por cento da economia estava, de uma maneira ou de outra, ao serviço do Exército. E também as melhores inteligências... os físicos, os matemáticos... Todos trabalhavam para os tanques e para as bombas. A ideologia também era militar. E Gorbatchov era um homem puramente civil. Os anteriores secretários-gerais tinham feito a guerra, e ele estudara na Faculdade de Filosofia da Universidade de Moscovo. « Vocês tencionam fazer a guerra? », perguntava ele aos militares. « Pois eu não. E os generais e almirantes só em Moscovo são mais do que no resto do mundo. » Dantes ninguém falava assim com os militares, eles eram as pessoas mais importantes. Não era o ministro da Economia, mas o ministro da Defesa quem apresentava o primeiro relatório perante o Politburo: para dizer quanto material de guerra se tinha produzido, e não quantos aparelhos de vídeo. Por isso os leitores custavam tanto como um apartamento. Mas agora tudo mudava... E, é claro, os militares protestaram. Com o território que temos, precisamos de um Exército grande e forte! Temos fronteiras com metade do mundo. Seremos tidos em conta enquanto formos fortes, e, se enfraquecermos, nenhum « novo pensamento » convencerá ninguém. Akhroméiev falou-lhe pessoalmente disso muitas vezes... Era essa a principal divergência entre eles... Não falarei agora dos pequenos conflitos. Dos discursos de Gorbatchov desapareceram palavras que todos os soviéticos conheciam: « as intrigas do imperialismo internacional », « represália », « os magnatas de além-oceano » ... Ele eliminava tudo isso. Para

ele só havia «inimigos da *glasnost*», e «inimigos da *perestroika*». No seu gabinete praguejava (era um grosseirão!) e chamava-lhes imbecis (*Pausa.*) «Dileta», «Gandhi russo»... Não era o mais insultuoso que se ouvia nos corredores do Kremlin. Os «velhos bisontes», é claro, estavam chocados, sentiam aproximar-se a catástrofe: afunda-se ele próprio e afunda-nos a todos. Para a América, nós éramos o «império do mal», ameaçavam-nos com uma cruzada... com a «guerra das estrelas»... E o nosso comandante supremo parecia um monge budista: «a paz como casa comum», «mudanças sem violência nem sangue», «a guerra já não é o prolongamento da política», etc. Akhroméiev lutou muito tempo, mas estava cansado. Nos primeiros tempos pensou que informavam erradamente as chefias, que os enganavam, mas depois compreendeu que aquilo era a traição. E demitiu-se. Gorbatchov aceitou a demissão, mas manteve-o perto de si. Nomeou-o conselheiro militar.

... Era perigoso mexer naquela construção. Estalinista... ou soviética... chame-lhe o que quiser... O nosso Estado sempre existiu num regime de mobilização. Desde os primeiros dias. Não foi concebido para o tempo de paz. Uma vez mais... Acha que não éramos capazes de produzir botas de mulher modernas e sutiãs bonitos? E leitores de vídeo de plástico? Em dois tempos. Mas o nosso objetivo era outro... E o povo? (*Pausa.*) O povo espera coisas simples. Abundância de pãezinhos. E um czar! Gorbatchov não quis ser um czar. Recusou-se. Mas veja o Eltsin... Quando em 1993 sentiu que a cadeira da presidência lhe escapava, não se suicidou mas deu ordem para disparar contra o Parlamento. Em 1991 os comunistas recusaram disparar... Gorbatchov cedeu o poder sem sangue... Mas Eltsin mandou os tanques dispararem. Provocou um massacre. Pronto... aí está... Apoiaram-no. O nosso país tem uma mentalidade czarista, no subconsciente. Está nos genes. Todos precisam de um czar. Ivan IV (que na Europa chamam *o Terrível*), que inundou de sangue as cidades russas e perdeu a guerra com a Livónia, é recordado com temor e admiração. Assim como Pedro I, e Estaline. Mas Alexandre II, *o Libertador*... o czar que deu à Rússia a liberdade... mataram-no... Os Checos podem ter lá o seu Vaclav Havel, mas nós precisamos não de um Sákharov, mas de um czar. Um paizinho-czar! Secretário-geral ou presidente – de qualquer modo para nós é um czar. (*Longa pausa.*)

Mostra-me o seu bloco de notas com citações das obras dos clássicos do marxismo: «Concordo em viver até numa pocilga, desde que nela haja o poder soviético.» Confesso que eu mesma não li Lenine.

... Mas este é outro... outro aspeto... Para desanuviar... A nossa conversa é, como se diz, em círculo restrito, à mesa. O Kremlin tinha o seu próprio cozinheiro. Todos os membros do Politburo encomendavam-lhe arenques, *bacon*, caviar preto, mas Gorbatchov insistia principalmente nas papas de cereais. Nas saladinhas. Pedia que não lhe servissem caviar preto: « O caviar vai bem com a vodca, e eu não bebo.» Ele e Raissa Maksímovna seguiam uma dieta, tinham dias de jejum. Era completamente diferente de todos os anteriores secretários-gerais. Não era nada soviético. Amava muito a sua mulher, passeavam de mãos dadas. E Eltsin, por exemplo, logo de manhã pede o seu copinho e o pepino salgado. Isto sim, é à russa. (*Pausa.*) O Kremlin é um terrário. Eu conto-lhe... Mas publique sem o meu nome... dê a informação anonimamente... Já estou na reforma... Quando Eltsin formou a sua equipa, os gorbatchovistas foram varridos, de um modo ou de outro todos foram excluídos. Se estou aqui consigo, é porque já sou reformado, de outro modo ficaria calado como um guerrilheiro. O gravador não me assusta, mas incomoda-me. Questão de hábito, sabe. Nós éramos radiografados, como passados ao raio X... (*Pausa.*) Parece uma ninharia, mas isso caracteriza uma pessoa... Akhroméiev mudou-se para o Kremlin e recusou de imediato um vencimento várias vezes superior. Pediu para receber o mesmo que já tinha: « Para mim chega.» Quem é aqui o Dom Quixote? E quem, diga-me, considera o Dom Quixote normal? Quando foi promulgado o decreto do Comité Central do PCUS e do Governo (começava a luta contra os privilégios) sobre a obrigação de entregar ao Estado os presentes estrangeiros de valor superior a quinhentos rublos, ele foi o primeiro dos poucos que cumpriram esse decreto. Costumes do Kremlin... Servir, curvar-se, saber a quem engraxar e de quem se rir a tempo. Quem cumprimentar, a quem acenar ligeiramente a cabeça. Calcular tudo com antecipação... Onde fica o seu gabinete? Ao lado do Presidente, no mesmo andar? Se não, você não é um homem... mas uma insignificância... Que telefones tem? Tem uma linha interna? Tem um telefone com a inscrição « Presidente » para ligação direta com « o próprio » ? Tem direito a um carro da garagem especial?...

... Estou a ler *A Minha Vida* de Trotski. Ali se mostra muito bem a cozinha da revolução... Agora todos se entrincheiram atrás de Bukhárin. A sua palavra de ordem « Enriqueçam, acumulem » caiu no gota. Mesmo a calhar. Bukhartchik (como o batizou Estaline) propunha que se « ganhasse raízes no socialismo », e chamava Gengiscão a Estaline. Mas também ele era uma figura ambígua... Também ele, como os outros, estava pronto a lançar as pessoas na fornalha da revolução, sem contar. Educar com fuzilamentos. Não foi Estaline o primeiro a

inventar isso... Todos eles eram homens de guerra, depois da revolução, depois da guerra civil. Depois do sangue... (Pausa.) Lenine tem uma nota onde diz que as revoluções acontecem não quando nós queremos, mas quando elas querem. Pois... sim... A *perestroika*... a *glasnost*... Deixámos escapar tudo das mãos... Porquê? Nos escalões superiores do poder havia muitas pessoas inteligentes. Liam Brzezinski... Mas a sua noção era a seguinte: fazemos algumas reparações, oleamos e tudo continua. Não sabiam até que ponto o nosso povo estava farto de tudo o que era soviético. Eles próprios acreditavam pouco no « futuro radioso », mas acreditavam que o povo acreditava... (Pausa.) Não... Akhroméiev não foi assassinado... Deixemos as teorias da conspiração... O suicídio foi o último argumento dele. Ao partir, disse em todo o caso a coisa mais importante: corremos para o abismo. Havia um país imenso, esse país venceu uma guerra pavorosa e agora está a desmoronar-se. A China não se desmoronou. Nem a Coreia do Norte, onde há pessoas a morrer de fome. Até a pequena Cuba socialista se aguenta, e nós desaparecemos. Venceram-nos não com tanques nem com mísseis, mas destruíram aquilo que tínhamos de mais forte. O nosso ânimo. O sistema decompôs-se, o Partido decompôs-se. E talvez precisamente por isso... essa também é uma das razões por que se foi...

... Nasceu numa obscura aldeia da Mordóvia, perdeu os pais muito cedo. Partiu para a guerra quando era cadete da Marinha. Como voluntário. No dia da Vitória estava no hospital por esgotamento nervoso, pesava trinta e oito quilos. (Pausa.) Foi um Exército esgotado, doente, que alcançou a vitória. Esgotado, a tossir. Com as radiculites, as artrites... As úlceras do estômago... É assim que o recordo... Eu e ele somos da mesma geração – homens da guerra. (Pausa.) De aluno da Academia subiu até ao cimo da pirâmide militar. O poder soviético deu-lhe tudo: o título superior de marechal, a Estrela de Herói, o Prémio Lenine... Não a um príncipe herdeiro, mas a um rapazinho originário de uma família camponesa simples. De uma região remota. E deu a oportunidade a milhares de outros como ele. Pessoas pobres, simples... E ele amava o poder soviético.

Tocam à campainha da porta. Entra alguém seu conhecido. Discutem longamente qualquer coisa na entrada. Quando N. regressa vejo que está um pouco contrariado e já não fala com tão boa vontade, mas depois, felizmente, de novo se deixa entusiasmar.

Era alguém que trabalhou comigo... disse-lhe que se juntasse a nós... Recusou: é segredo do Partido, não se pode revelar. Porquê confiá-lo a estranhos?

(Pausa.) Eu não era amigo de Akhroméiev, mas conheci-o durante muitos anos. Ninguém se sacrificou pelo país. Só ele. E nós andámos atarefados a defender as nossas reformas e conservar as datchas do Estado. Não posso ficar calado...

... Antes de Gorbatchov, o povo só via os nossos líderes na tribuna do mausoléu: gorros de pele de rato-almiscarado e caras de pedra. Há uma anedota: «Porque é que os ratos-almiscarados desapareceram?» «Porque a *nomenklatura* se multiplica mais depressa do que os ratos-almiscarados.» (Rise.) Em nenhum outro lugar se contavam tantas anedotas como no Kremlin. Anedotas políticas... antissoviéticas... (Pausa.) *A perestroika*... Não me lembro com exatidão, mas acho que ouvi essa palavra pela primeira vez no estrangeiro, dita por jornalistas estrangeiros. No nosso país dizia-se mais frequentemente «aceleração» e «via leninista». Mas no estrangeiro começou a moda de Gorbatchov, o mundo inteiro começou a sofrer de *gorbymania*. Chamavam *perestroika* a tudo o que acontecia no nosso país. A todas as mudanças. Se pela rua passava o cortejo de Gorbatchov, milhares de pessoas paravam ao longo do caminho. Lágrimas, sorrisos. Lembro-me de tudo isso... Passaram a gostar de nós! Desapareceu o medo do KGB, e, principalmente, foi declarado o fim da loucura nuclear... E o mundo estava-nos grato por isso. Durante dezenas de anos toda a gente, incluindo as crianças, tinha medo da guerra atómica. Habitúamo-nos a olhar uns para os outros das trincheiras. Através da alça de mira. (Pausa.) Nos países europeus começaram a aprender a língua russa... e nos restaurantes serviam pratos russos: *borsch*, *pelmeni*... (Pausa.) Trabalhei durante dez anos nos EUA e no Canadá. Voltei no tempo de Gorbatchov... Vi muitas pessoas sinceras e honestas que desejavam participar em tudo. Tinha visto pessoas assim... quando Gagárin voou para o espaço... Rostos assim... Muitas pessoas pensavam como Gorbatchov, mas poucas entre a *nomenklatura*. No Comité Central... nos comités regionais... Chamavam-lhe «secretário balnear» porque o mandaram vir de Stavropol, onde os secretários-gerais e os membros do Politburo gostavam de passar férias; «secretário mineral» e *sokin sin*³¹ por causa da campanha antialcóolica. Acumulavam os factos comprometedores: em Londres, não visitou o túmulo de Marx... Coisa nunca vista! Ao regressar do Canadá, elogiava a toda a gente, que bom que era tudo lá. E mais isto, e mais aquilo... mas aqui... Alguém não se conteve: «Mikhail Serguéievitch, cá também será assim dentro de cem anos.» «Bem, tu és otimista.» A propósito, tratava toda a gente por tu... (Pausa.) Li num jornalista «democrático» que a geração da guerra... quer dizer, nós... nos mantivemos demasiado tempo no poder. Vencemos, reconstruímos o país, e devíamos ir embora, porque não tínhamos outra

conceção da vida se não viver em tempo de guerra. E por isso nos atrasámos tanto em relação ao mundo... (Em tom agressivo.) «Chicago boys»... «reformadores de cuecas cor-de-rosa» ... Onde está o grande país? Se tivesse sido uma guerra, teríamos vencido. Se houvesse uma guerra... (Demora a acalmar-se.)

... Mas quanto mais o tempo passava, mais Gorbatchov fazia lembrar um pregador e não um secretário-geral. Tornou-se uma estrela da televisão. Em breve toda a gente se cansou dos seus sermões: « Voltar a Lenine» ... « Um salto para o socialismo desenvolvido» ... Surgia a pergunta: e então, o que se construiu no nosso país – o « socialismo não desenvolvido»? O que é que nós temos... (Pausa.) Lembro-me de que no estrangeiro víamos outro Gorbatchov, pouco fazia lembrar aquele Gorbatchov que aqui conhecíamos. Lá, ele sentia-se livre. Gracejava, formulava os seus pensamentos com exatidão. Mas aqui, fazia intrigas, manobrava. E por isso parecia fraco. Tagarela. Mas ele não era fraco. E também não era covarde. Tudo isso é mentira. É um político frio e experiente. Porquê dois Gorbatchov? Se ele falasse tão francamente aqui como « lá fora» , os « velhos» trincavam-no e devoravam-no num instante. Mas há outra razão... Eu penso que ele tinha deixado de ser comunista há muito tempo... já não acreditava no comunismo... Secretamente ou inconscientemente, era um social-democrata. Não o demonstrava, mas todos sabiam que na juventude ele tinha estudado na Universidade de Moscovo com o líder da « primavera de Praga» , Alexandr Dubcek, e com o seu companheiro de armas Zdenek Mlynarz. Eram amigos. Mlynarz escreveu nas suas memórias que quando lhes leram, numa reunião fechada do Partido, o relatório de Khrushchov ao XX Congresso, ficaram tão chocados que passaram a noite a caminhar por Moscovo. E de manhã, nos montes Lenine, como noutra tempo Herzen e Ogariov, juraram lutar toda a vida contra o estalinismo. (Pausa.) Toda a *perestroika* vem daí... Do degelo de Khrushchov...

... Já abordámos este tema... De Estaline até Bréjnev estiveram à frente do país dirigentes que combateram. Viveram o tempo do terror. A sua psicologia formou-se nas condições da violência. Do medo constante. Também não podiam esquecer o ano de 1941... A desonrosa retirada do Exército soviético até Moscovo. Como enviavam os soldados para o combate dizendo-lhes que conseguissem uma arma na luta. Não contavam as pessoas, mas contavam as munições. É normal... é lógico que homens com esta memória acreditassem que para a vitória sobre o inimigo é preciso fabricar tanques e aviões. Quantos mais, melhor. Acumularam-se tantas armas no mundo que a URSS e os EUA podiam

destruir-se um ao outro umas mil vezes. E continuavam a fabricar armas. E eis que chega uma nova geração... Toda a equipa da Gorbatchov era composta por filhos dos anos de guerra... Na sua consciência estava gravada a alegria da paz... o marechal Jukov a participar na Parada da Vitória montado num corcel branco... Era já outra geração... e outro mundo... Os primeiros desconfiavam do Ocidente, viam nele o inimigo, e os segundos queriam viver como no Ocidente. Por certo que Gorbatchov assustava os «velhos»... Assustavam-nos as suas conversas sobre a «construção de um mundo sem armas nucleares» – era o adeus à doutrina do pós-guerra, do «equilíbrio do terror», e quando ele dizia que «numa guerra nuclear não pode haver vencedores» – o que significava reduzir a indústria de defesa e os efetivos do Exército. As excelentes fábricas militares passarão a fabricar painéis e passe-vites... Não é isso? Houve um momento em que o generalato superior esteve num estado de quase guerra contra a direção política. Contra o secretário-geral. Não podia perdoar-lhe a perda do bloco do Leste, a nossa fuga da Europa. Em especial da RDA. Até o chanceler Helmut Kohl ficou surpreendido com a imprevidência de Gorbatchov: propuseram-nos enormes somas de dinheiro pela saída da Europa, e ele recusou. Ficaram espantados com a ingenuidade dele. Com a singeleza russa. Queria tanto que gostassem dele... que os *hippies* franceses usassem camisolas com o seu retrato... Cediam-se os interesses do país de uma maneira estúpida e vergonhosa. Retiravam o Exército para a floresta, para os campos russos. Os oficiais e os soldados viviam em tendas, em abrigos escavados na terra. A *perestroika*... era como uma guerra... não se parecia nada com um renascimento...

Nas conversações soviético-americanas sobre desarmamento, os Americanos obtinham sempre precisamente aquilo que queriam. Akhroméiev descreve no livro *Pelos Olhos de Um Marechal e Diplomata*, como decorreram os debates sobre o míssil *Oka* (no Ocidente chamavam-lhe SS-23). Um míssil novo, ninguém mais tinha mísseis semelhantes, e o objetivo da parte americana era destruí-lo. Mas o míssil não entrava nas condições do tratado: estavam sujeitos a destruição os mísseis de médio alcance de 1000 a 5500 km, e menos – de 500 a 1000 km. O raio de ação do *Oka* é de 400 km. O chefe do Estado-Maior soviético propôs aos Americanos: está bem, sejamos honestos – proibamos todos os mísseis de alcance não a partir dos 500, mas dos 400 até aos 1000 km. Mas nesse caso os Americanos teriam que sacrificar o seu míssil *Lance-2* modernizado, com alcance de 450-470 km. Houve uma longa batalha de bastidores... Sem conhecimento dos militares, Gorbatchov tomou a decisão de destruir o *Oka*. Foi precisamente então que Akhroméiev disse a sua célebre frase:

« Talvez fosse melhor pedirmos já asilo político à Suíça neutral e não voltar para casa?» Não podia participar no desmantelamento daquilo a que dedicara toda a sua vida... (Pausa.) O mundo tornou-se unipolar, agora pertence à América. Nós tornámo-nos fracos, fomos logo relegados para a periferia. Tornámo-nos um país de terceira categoria, um país vencido. Na Segunda Guerra Mundial vencemos... Na Terceira perdemos... (Pausa.) E para ele... isso era insuportável...

... Dia 14 de dezembro de 1989... Funeral de Sákharov. Milhares de pessoas nas ruas de Moscovo. Pelas estimativas da Polícia, entre setenta e cem mil. Junto à sepultura estão Eltsin, Sobtchak, Starovoitova... O embaixador americano Jack Matlock escreveu nas suas memórias que a presença dessas pessoas no funeral do « símbolo a Revolução Russa », « principal dissidente do país » era normal para ele, mas que se surpreendeu quando « viu um pouco à parte a figura solitária do marechal S. Akhroméiev ». Em vida de Sákharov, eles eram inimigos, adversários irreconciliáveis. (Pausa.) Mas Akhroméiev foi dizer adeus. Do Kremlin não estava mais ninguém além dele, nem do Estado-Maior General...

... Deram um pouco de liberdade, e de todos os lados surgiu logo o focinho do burguês. Para Akhroméiev, um asceta e desinteressado, isso foi um golpe. Mesmo no coração. Ele não conseguia acreditar que pudesse haver capitalismo no nosso país. Com o nosso povo soviético, com a nossa história soviética... (Pausa.) Ainda hoje tenho diante dos olhos algumas cenas: como na datcha do Estado onde Akhroméiev vivia com a sua família de oito pessoas, uma rapariga loura que grita: « Olhem para isto, dois frigoríficos e dois televisores! Mas quem é ele, esse marechal Akhroméiev, para ter dois televisores e dois frigoríficos? » Agora ficam calados... nem um som... E quanto a datchas, apartamentos, carros e outros privilégios, todos os anteriores recordes foram batidos há muito. Automóveis de luxo, móveis ocidentais nos gabinetes, férias não na Crimeia, mas em Itália... Nos nossos gabinetes havia mobiliário soviético e deslocávamo-nos em carros soviéticos. Usávamos fatos e sapatos soviéticos. Khrushchov era de uma família de mineiros... Kossiguin era de origem camponesa... Todos, como já disse, tinham vindo da guerra. A sua experiência de vida era limitada, claro. Não só o povo, mas também os líderes viviam atrás da Cortina de Ferro. Todos vivíamos como num aquário... (Pausa.) Uma vez mais... isto é talvez uma coisa isolada, mas o desfavor em que caiu o marechal Jukov depois da guerra não se deveu apenas à inveja de Estaline pela glória dele, mas também à quantidade de tapetes, móveis, espingardas de caça trazidas da Alemanha, que ele conservava na sua datcha. Embora todas essas riquezas coubessem em duas pequenas camionetas. Mas um bolchevique não pode possuir tantos trastes... No tempo

presente é ridículo... (*Pausa.*) Gorbatchov gostava do luxo... Construíram-lhe uma datcha em Foros... Mármore de Itália, lajes da Alemanha... areia da Bulgária para uma praia... Nenhum líder ocidental tinha nada semelhante. A datcha de Estaline na Crimeia, comparada com a Gorbatchov, fazia lembrar uma residência coletiva. Os secretários-gerais mudaram... e em especial as mulheres deles...

Quem defendeu o comunismo? Não foram os professores nem os secretários do Comité Central... mas a professora de Química de Leninegrado Nina Andréieva assumiu a defesa do comunismo... O seu artigo «Não Posso Renunciar aos Princípios» causou muito barulho. Akhroméiev também escrevia... intervinha em público... Dizia-me: «É preciso dar-lhes troco.» Faziam-lhe chamadas telefónicas, ameaçavam-no: «criminoso de guerra» – por causa do Afeganistão. Poucos sabiam que ele era contra a Guerra do Afeganistão. E não trouxe de Cabul diamantes e outras pedras preciosas, quadros do Museu Nacional, como outros generais. Atacavam-no constantemente na imprensa... porque ele incomodava os «novos historiadores», que precisavam de provar que nós não tivemos nada, atrás de nós era o deserto. Nem houve Vitória. Havia era os destacamentos de barragem e os batalhões punitivos. A guerra foi ganha pelos presidiários, foram eles que chegaram a Berlim sob o fogo das metralhadoras. Qual Vitória? Cobrimos a Europa de cadáveres... (*Pausa.*) Humilhavam e ofendiam o Exército. Poderia um Exército assim vencer em 1991! (*Pausa.*) E poderia o seu marechal suportar isto?...

O funeral de Akhroméiev... Junto à sepultura estavam a sua família e alguns amigos. Não houve honras militares. O jornal *Pravda* não honrou com um necrológio o antigo chefe do Estado-Maior de um Exército de quatro milhões. O novo ministro da Defesa, Chapochnikov (o antigo ministro Iazov estava na prisão com outros «golpistas»), ao que parece, estava nessa altura preocupado com a sua instalação no apartamento de Iazov, do qual tinha expulsado rapidamente a esposa dele. Os interesses da própria pele... Mas... eu digo... isto é importante. Os membros do GKTP podem ser acusados de tudo, mas não de procurarem os seus objetivos pessoais. De interesseiros... (*Pausa.*) Nos corredores do Kremlin murmurava-se sobre Akhroméiev: «Apostou no cavalo errado.» Os funcionários passaram-se para o lado de Eltsin... (*Repete a minha pergunta.*) Noção de honra? Não faça perguntas ingénuas... As pessoas normais estão a passar de moda... O artigo necrológico apareceu na revista americana *Time*. Foi escrito pelo almirante William Crowe, que no tempo de Reagan tinha o cargo de presidente do Comité dos Chefes de Estado-Maior dos EUA (corresponde ao nosso Estado-

Maior General). Eles encontraram-se muitas vezes nas conversações sobre questões militares. E Crowe respeitava Akhroméiev pela sua fé, ainda que esta lhe fosse estranha. O inimigo prestou-lhe homenagem... (*Pausa.*)

Só um soviético pode compreender outro soviético. Não teria contado isto a outra pessoa...

DA VIDA DEPOIS DA VIDA

«Em 1 de setembro, foi sepultado em Moscovo o marechal da União Soviética S. F. Akhroméiev, no cemitério de Troekurovski para altas personalidades (filial do cemitério de Novodevitchi).

Na noite de 1 para 2 de setembro, desconhecidos violaram a sepultura de Akhroméiev e a sepultura vizinha, do coronel-general Srédniev, sepultado uma semana antes. As investigações indicam que a sepultura de Srédniev foi escavada em primeiro lugar, manifestamente por engano... Os saqueadores levaram o uniforme de marechal de Akhroméiev com os galões dourados... e o boné de marechal, que estava fixado ao caixão, segundo a tradição militar. Levaram também as numerosas condecorações e medalhas.

Os investigadores asseguram que a sepultura do marechal Akhroméiev foi profanada não por motivos políticos, mas por motivos comerciais. Os uniformes dos altos chefes militares têm especial procura entre os vendedores. E um uniforme de marechal até lho arrancam das mãos...»

Jornal *Commersant*, 9 de setembro de 1991.

ENTREVISTAS NA PRAÇA VERMELHA EM DEZEMBRO DE 1997

Eu sou projetista de construção...

Até agosto de noventa e um vivíamos num país, depois de agosto passámos a viver noutra. Antes de agosto, o meu país chamava-se URSS...

Quem sou eu? Sou um daqueles idiotas que defenderam Eltsin. Estive diante da Casa Branca disposto a deitar-me debaixo de um tanque. As pessoas saíram à rua numa onda, num entusiasmo. Mas estavam dispostas a morrer pela liberdade e não pelo capitalismo. Considero que fui enganado. Não preciso do capitalismo, para o qual nos arrastaram... que nos impuseram... sob nenhuma forma – nem americana, nem sueca. Não fiz a revolução pelo dinheiro de ninguém.

Gritávamos « Rússia» em vez de gritar « URSS» . Lamento que na altura não nos tenham corrido com os canhões de água e não tenham trazido para a praça um par da metralhadoras. Era preciso prender duzentas ou trezentas pessoas, e as restantes tinham-se escapulado pelas esquinas. (*Pausa.*) Onde estão hoje aqueles que nos chamaram para a praça: « Abaixo a máfia do Kremlin!», « Amanhã, a liberdade!» ? Não têm nada para nos dizer. Fugiram para o Ocidente, e agora dizem mal do socialismo. Estão instalados nos laboratórios de Chicago... E nós... aqui...

A Rússia... Limparam os pés na Rússia. Qualquer um lhe pode agora dar nas ventas. Transformaram-na num monturo do Ocidente, para despejar as roupas usadas e os medicamentos fora de prazo. A quinquilharia! (*Pragueja.*) Reserva de matérias-primas, torneira de gás... O poder soviético? Não era ideal, mas era melhor do que o que temos agora. Mais digno. Em geral, o socialismo convinha-me: não havia pessoas excessivamente ricas, nem pobres... nem gente sem abrigo, nem crianças abandonadas... Os velhos podiam viver das suas pensões, não andavam a apanhar garrafas e restos de comida pelas ruas. Não nos olhavam nos olhos, de mão estendida... Quantas pessoas a *perestroika* matou – ainda estão por contar. (*Pausa.*) A nossa vida de antes foi completamente arrasada, não ficou pedra sobre pedra. Em breve não terei nenhum assunto de que falar com o meu filho. « Papá, o Pavlik Morózov era um patife e o Marat Kazei um pateta», diz-me o meu filho, ao chegar da escola. « E tu ensinaste-me...» Eu ensinei-lhe aquilo que me ensinaram a mim. Eduquei-o corretamente. « Essa horrível educação soviética...» Mas « essa horrível educação soviética» ensinou-me a não pensar apenas em mim, a pensar também nos outros. Naqueles que são mais fracos, naqueles que sofrem. Para mim, um herói era Gastello³², e não estes... de casaquinhos vermelhos... com a sua filosofia de cada qual por si, primeiro estou eu e o meu dinheiro é mais sonante. « Papá, deixa-te da “pregação moralista e da mixórdia humanista”...» Onde é que ensinam estas coisas? As pessoas agora são diferentes... capitalistas... Compreende, ele está impregnado disto, aos doze anos. Eu já não sou exemplo para ele.

Porque é que eu defendia Eltsin? Só o discurso dele a dizer que era preciso retirar os privilégios à *nomenklatura* deu-lhe milhões de partidários. Eu estava disposto a pegar numa espingarda e disparar contra os comunistas. Convenceram-me... Não compreendemos o que nos estavam a preparar em troca. Um grandioso embuste! Eltsin pronunciou-se contra os « vermelhos» e colocou-se ao lado dos « brancos» . É uma catástrofe... Pergunta: o que é que

nós queríamos? Um socialismo suave... humano... O que é que temos? O capitalismo selvagem. Tiroteios, ajustes de contas para decidir quem ficará com um quiosque e quem será o dono de uma fábrica. Foram os bandidos que subiram para o topo... os traficantes e cambistas tomaram o poder... Estamos rodeados de inimigos e rapinantes. De chacais! (*Pausa.*) Não consigo esquecer... não posso esquecer aquele dia em frente da Casa Branca... Para quem tirámos nós as castanhas do lume? (*Palavrões.*) O meu pai era um verdadeiro comunista. Sincero. Trabalhava como secretário do Partido numa grande fábrica. Participou na guerra. Eu dizia-lhe: «É a liberdade! Seremos um país normal... civilizado...» E ele respondia-me: «Os teus filhos vão servir um amo. É isso que queres?» Eu era jovem... e parvo... Ria-me dele... Éramos uns ingénuos insensatos. Não sei porque é que isto aconteceu assim, não sei. Nada como nós queríamos. Tínhamos outras coisas em mente. A *perestroika*... havia nisso qualquer coisa de grandioso... (*Pausa.*) Ao fim de um ano encerraram o nosso gabinete de projetos e ficámos na rua, eu e a minha mulher. Como conseguíamos viver? Levávamos ao mercado todos os objetos de valor. Cristais, ouro soviético e o mais valioso que possuíamos – os livros. Durante semanas comemos só puré de batata. Eu comecei a dedicar-me aos «negócios». Vendia beatas no mercado – cigarros não acabados de fumar. Uma lata de litro de beatas... uma de três litros... Os pais da minha mulher (professores) apanhavam-nas na rua e eu vendia-as. E as pessoas compravam e fumavam-nas. Eu próprio fumava. A minha mulher fazia limpezas em escritórios. Durante algum tempo vendemos *pelmenis* para um tajique. Todos pagámos muito caro pela nossa ingenuidade. Todos nós... Agora, eu e a minha mulher criamos galinhas, ela chora sem parar. Quem nos dera voltar atrás... Isto não é nostalgia pelo salame a dois rublos e vinte copeques...

Eu sou um homem de negócios...

Os comunistas são uns malditos e uns tchekistas... Odeio os comunistas. A história soviética é o KGB, o GULAG, o SMERCH³³. A cor vermelha enjoa-me. Os cravos vermelhos... A minha mulher comprou uma blusa vermelha: «O que é isso, tu estás doida!» Comparo Estaline a Hitler. Exijo uma Nuremberga para esses cães dos «vermelhos». Morte a todos os cães «vermelhos»!

Estamos rodeados de estrelas de cinco pontas por todos os lados. Os ídolos bolcheviques, conforme estavam, assim continuam nas praças. Vou pela rua com o miúdo, e ele pergunta-me: «Quem é aquele?» Esta é a estátua de Rosa Zemliatchka, que inundou a Crimeia de sangue. Adorava executar ela mesma os

jovens oficiais da Guarda Branca... E fico sem saber o que responder à criança.

Enquanto a múmia... o faraó soviético... continuar na Praça Vermelha, no seu tempo pagão, continuaremos a sofrer. Seremos malditos...

Eu sou pasteleira...

O meu marido podia contar... Onde está ele? (*Olha para os lados.*) Mas eu? Faço bolos...

O ano de noventa e um? Que bem estávamos... Bonitos... Não éramos uma multidão. Eu vi um homem a dançar. Dançava e gritava: « A Junta prò c... A Junta prò c... » (*Tapa a boca com as mãos.*) Ai, não grave isto! Ai! Ai! Não se tira a palavra da cantiga, mas é uma palavra feia. Não era um homem novo... dançava... Vencemo-los e estávamos contentes. E diz-se que eles tinham já listas de gente a fuzilar. Eltsin era o primeiro... Há pouco tempo vi-os todos na televisão... essa Junta... São velhos e nada inteligentes. Mas naqueles três dias foi um enorme desespero: seria o fim? Um medo físico. Aquele sopro de liberdade... todos o sentimos... E o medo de o perder. Gorbachov é um grande homem... abriu as comportas... Gostávamos dele, mas não por muito tempo; tudo nele começou a irritar-nos: como falava, o que dizia, os modos dele, a mulher dele. (*Ri-se.*) Pela Rússia corre uma *troika*: Raika, Michka e a *perestroika*. Veja, por exemplo, Naina Eltsina... Gostam mais dela, está sempre atrás do marido. Mas Raissa arranjava maneira de ficar ao lado, ou até mesmo à frente. E no nosso país é assim: ou és czarina, ou não faças sombra ao czar.

O comunismo é como a Lei Seca: a ideia é boa, mas não funciona. É o que o meu marido diz... Santos vermelhos... havia alguns, por exemplo, Nikolai Ostrovski... Era um santo! Mas o sangue que eles fizeram correr. A Rússia esgotou o seu limite de sangue, de guerra e de revolução... Não temos forças, nem uma certa loucura para mais sangue. As pessoas já sofreram que baste. Agora andam pelos mercados, escolhem cortinados e tules, papel de parede, frigideiras de toda a espécie. Gostam de tudo em cores vivas. Porque dantes tudo no nosso país era cinzento e feio. É claro, alegramo-nos como crianças: uma máquina de lavar roupa com dezassete programas. Os meus pais já morreram: a minha mãe há sete, e o meu pai há oito anos, mas eu ainda hoje uso os fósforos que a minha mãe tinha de reserva, e ainda lá tenho cereais. E sal. A minha mãe comprava tudo (nesse tempo não se dizia « comprava », dizia-se « conseguia ») e guardava para os maus dias... Agora andamos pelos mercados e pelas lojas como por exposições, há de tudo em abundância. Apetece mimar-nos um pouco, sentir algum prazer. É uma psicoterapia... estamos todos doentes... (*Fica*

pensativa.) O que era preciso penar para fazer uma reserva de fósforos assim. Não consigo chamar a isso espírito burguês, consumismo. É uma terapia... (*Silêncio.*) Quanto mais tempo passa, menos se recorda o golpe. Começaram a sentir-se incomodados. Já não há um sentimento de vitória. Porque... eu não queria que o Estado soviético fosse aniquilado. A maneira como o destruímos! Com alegria! E eu vivi nele metade da minha vida... Isso não se pode apagar. Há de concordar! Na minha cabeça tudo é ainda soviético. Ainda não consegui superar isso. As pessoas agora pouco se lembram das coisas más, orgulham-se da Vitória e de termos sido os primeiros a voar no espaço. Esqueceram-se de que as lojas estavam vazias... e já nem acreditam...

Logo a seguir ao golpe fui visitar o meu avô à aldeia... Não largava o rádio portátil das minhas mãos. De manhã fomos cavar na horta. Passaram cinco ou dez minutos, e eu larguei a pá: « Avô, escuta... Eltsin está a falar... » E outra vez: « Avô... vem cá... » O meu avô ouviu, ouviu, e depois não se conteve: « Tu cava mais fundo e não oiças a tagarelice deles. A nossa salvação está na terra, se ela dá ou não dá batatas. » O meu avô era sábio. À noite apareceu um vizinho e eu comecei a falar de Estaline. O vizinho: « Era bom homem, mas viveu demasiado tempo. » O meu avô: « Pois eu vivi mais do que esse patife. » E eu sempre com o rádio. Andava encantada. O mal foi quando os deputados foram almoçar. Interrompeu-se a ação.

...O que é que eu tenho, o que me resta? Tenho uma enorme biblioteca e fonoteca, e pronto! A minha mãe, que também é doutorada em Química, também tem livros e uma rara coleção de minerais. Uma vez um ladrão entrou-lhe em casa... Ela acordou de noite e no meio do apartamento (era um apartamento só de uma assolhada) estava um jovem garanhão. Abriu o armário e vá de tirar de lá tudo. Atirava as coisas ao chão e dizia: « Malditos intelectuais... nem sequer têm uma peliça de jeito... » Depois bateu com a porta e saiu. Não encontrou nada que levar. É assim a nossa intelectualidade. Foi com isso que ficámos. E à nossa volta há quem construa vivendas, compre carros de luxo. Eu em toda a minha vida nunca vi um diamante...

A vida na Rússia é literatura. Mas eu quero viver aqui... com pessoas soviéticas... E ver os filmes soviéticos. Mesmo que seja mentira, mesmo tendo sido feitos por encomenda, eu adoro-os. (*Ri-se.*) Deus queira que o meu marido não me veja na televisão.

Eu sou oficial...

Agora... peço eu a palavra. (*Um jovem dos seus vinte e cinco anos.*) Pode

gravar: sou um patriota russo ortodoxo. Sirvo Nosso Senhor. Sirvo com aplicação... com a ajuda das orações... Quem vendeu a Rússia? Os judeus. Gente sem pátria. Até Deus chorou muitas vezes por causa dos judeus.

É uma conspiração mundial... Estamos perante uma conspiração contra a Rússia. Um plano da CIA... E não quero ouvir... Não me digam que isto é falso! Calem-se! Um plano do diretor da CIA, Allen Dulles... « Ao semear o caos, nós substituímos insensivelmente os valores deles por falsos valores. Encontraremos cúmplices e aliados mesmo na Rússia... Faremos dos jovens uns cínicos, uns mesquinhos, uns cosmopolitas. É assim que faremos...» Compreende? Os judeus e os camones são os nossos inimigos. Os estúpidos ianques. O discurso do presidente Clinton no encerramento de uma conferência fechada da chefia política americana: « Nós conseguimos aquilo que o presidente Truman queria fazer através da bomba nuclear... Conseguimos, sem verter sangue, afastar da guerra pelo domínio mundial o Estado que era o principal concorrente da América...» Até quando vão os nossos inimigos elevar-se acima de nós? Jesus disse: « Não receeis nem tenhais medo, sede firmes e corajosos.» O Senhor há de ter piedade da Rússia e conduzi-la, pelo sofrimento, a uma grande glória...

(Não consigo fazê-lo parar.)

... Em noventa e um terminei a Academia Militar, recebi duas estrelas. Alferes. Tinha orgulho no uniforme e não o largava. Um oficial soviético! Um defensor! Mas depois da queda do GKTP passei a ir para o serviço vestido à civil, e mudava-me lá. Qualquer velho podia abordar-me na paragem do autocarro e perguntar: « Porque é que tu não defendeste a Pátria, meu filho? Filho da puta! Tu prestaste juramento.» Os oficiais andavam famintos. Com o ordenado de oficial podia-se comprar um quilo de salame do mais barato. Deixei o Exército. Durante algum tempo fui guarda-costas de prostitutas, à noite. Agora sou segurança numa firma. Todas as desgraças vêm dos judeus... E os Russos não têm saída. Eles crucificaram Cristo... *(Estende-me uma folha qualquer.)* Leia... Nem a Polícia, nem o Exército nem os Sobotchaks e os Tchubais... nem os Nemtsov... os protegerão contra a justa ira do povo. « Caim, ouviste dizer que em breve haverá um pogrom? » « Eu não tenho medo. Sou russo, pelo passaporte. » « Parvo, é pela cara e não pelo passaporte que te vão espancar. » *(Persigna-se.)*

Para a terra russa, a ordem russa! O nome de Akhroméiev, de Makachov... e de outros heróis... nas nossas bandeiras! O Senhor não nos abandonará...

– Eu sou estudante... Akhroméiev? Quem é ele? Que personagem é essa?

- GKTP... a revolução de agosto...
- Desculpe... Não estou informado...
- Que idade tem?
- Dezanove anos. Não me interessa por política. Estou longe desse espetáculo.

Mas gosto de Estaline. Isso é interessante. Compare os governantes de hoje com o Patrão, com o seu capote de soldado. A quem favorece a comparação? Pois é... Mas eu não preciso de uma grande Rússia. Não vou calçar umas botas estúpidas nem pendurar uma automática ao pescoço. Não quero morrer! (*Silêncio.*) O sonho russo: uma maleta nas mãos e da Rússia para o c...! Para a América! Mas partir e trabalhar lá toda a vida como empregado de mesa não quero. E fico a pensar.

31 Literalmente, «filho do sumo». O importante aqui está na proximidade fonética com a expressão *sukin sin*: filho de uma cadela, ou filho da puta. (*N. do T.*)

32 Nikolai Gastello (1907-1941), capitão piloto aviador, herói da União Soviética. (*N. do T.*)

33 Abreviatura de *Smert Chpionam* «morte aos espíões», serviço de contraespionagem. (*N. do T.*)

A esmola das recordações
e o desejo ardente de sentido

*Igor Poglazov,
aluno da oitava classe, 14 anos*

DO RELATO DA MÃE

Acho que isto é uma traição... Estou a trair o meu sentimento, a nossa vida. Traio as nossas palavras... Elas foram ditas apenas a alguns de nós e eu abro o nosso mundo a uma pessoa estranha. Não importa se essa pessoa é boa ou má. Se ela me compreende ou não compreende... Lembro-me de uma mulher que estava no mercado a vender maçãs e contava a toda a gente como tinha enterrado o filho. E então jurei a mim mesma: «Isto a mim não me acontecerá.» De um modo geral, eu e o meu marido não falamos deste tema, cada um de nós chora para o seu lado, para que o outro não veja. Basta uma palavra, e eu começo a uivar. No primeiro ano não conseguia de maneira nenhuma acalmar-me. Porquê, porque é que ele fez isto? Quero pensar... Consolo-me a dizer que ele não nos queria deixar... queria experimentar, espreitar... Na juventude isso preocupa-os: o que haverá ali? Preocupa em especial os rapazes... Depois da sua morte fui remexer nos cadernos dele, nos versos. Farejava como um cão de caça. (*Chora.*) Uma semana antes daquele domingo... eu estava diante do espelho, a pentear-me... Ele aproximou-se, abraçou-me pelos ombros: ficámos os dois de pé, a olhar para o espelho e a sorrir. «Igoriok», disse eu apertando-me a ele, «que bonito que tu és. E és bonito porque nasceste do amor. De um grande amor.» Ele abraçou-me com mais força ainda: «Mãe, tu és incomparável, como sempre.» Sinto um calafrio ao pensar: naquele momento, diante do espelho, ele já pensava nisso, ou não?

Amor... Para mim é estranho proferir esta palavra. Lembrar-me de que o amor existe. E em tempos pensava que o amor era superior à morte... era mais forte do que tudo... Eu e o meu marido conhecemo-nos na décima classe. Os rapazes da escola vizinha vieram ao baile à nossa escola. Não me lembro dessa primeira tarde, porque não vi o Valik, é o nome do meu marido, e ele reparou em mim, mas não me abordou. Nem sequer me viu a cara, apenas a silhueta. E foi como se uma voz lhe dissesse: « Aquela é a tua futura mulher.» Foi assim que ele depois me confessou. (*Sorri.*) Ou talvez tenha inventado? Ele é um fantasista. Mas entre nós houve sempre uma espécie de milagre que me transportava pela terra. Eu era alegre, loucamente alegre, impetuosa, assim era eu. Amava o meu marido, mas gostava de provocar outros homens, era como que um jogo: a gente passa, olham para nós, e agrada-nos que nos olhem, mesmo que seja com um olhar um pouco amoroso. E cantarolava muitas vezes, como a minha querida Maia Kristallinskaia: « E porquê tanta felicidade só para mim?» Corria ligeira pela vida, e ainda hoje lamento não me lembrar de tudo, já nunca mais serei assim tão alegre. Para amar é preciso muita força, e eu agora sou outra. Tornei-me uma mulher vulgar. (*Silêncio.*) Às vezes apetece-me... mas as mais das vezes é desagradável lembrar-me daquela que eu era dantes...

O Igor tinha três ou quatro anos... Eu estava a dar-lhe banho: « Mamã, eu gosto de ti como da Bela Plincesa.» Batalhámos muito tempo por causa do erre... (*Sorri.*) Com estas coisas pode-se viver, é disso que agora vivo. Da esmola das recordações... Apanho todas as migalhas... Sou professora de Língua e Literatura Russa na escola. Uma habitual cena de família: eu de volta dos livros, ele, às voltas com o armário da cozinha. Enquanto ele tira as caçarolas, as frigideiras, as colheres, os garfos, eu preparo-me para as aulas do dia seguinte. Cresceu. Estou sentada a escrever, ele também está sentado à sua mesinha e escreve. Aprendeu muito cedo a ler e a escrever. Aos três anos aprendíamos de cor Svetlov³⁴: « Kakhovka em guarda, querida espingarda... / Voa bala escaldante!» Aqui tenho de parar e contar com mais pormenor... Eu queria que ele fosse corajoso, forte, e escolhia para ele versos sobre heróis, sobre a guerra. Sobre a Pátria. Uma vez a minha mãe fez uma observação que me espantou: « Vera, deixa de lhe ler versos sobre a guerra. Ele só brinca às guerras.» « Todos os rapazes gostam de brincar às guerras.» « Sim, mas o Igor gosta que disparem contra ele, e cai. Morre! Ele cai com tanta vontade, tanto arrebatamento, que me faz medo. Grita aos outros rapazes: “Vocês disparam e eu caio.” Nunca ao contrário.» (*Depois de uma longa pausa.*) Porque é que eu não dei ouvidos à minha mãe?

Oferecia-lhe brinquedos de guerra: um tanque, soldadinhos de chumbo, uma espingarda de *sniper*... Ele era um rapaz, devia tornar-se soldado. A espingarda de *sniper* trazia instruções: um *sniper* deve matar de maneira calma e seletiva... primeiro deve «conhecer» bem o alvo... Por qualquer razão, isto era considerado normal, não assustava ninguém. Porquê? Tínhamos uma psicologia de guerra. «Se amanhã houver guerra, se amanhã entrarmos em campanha...» Não vejo outras explicações. Não tenho outras explicações... Agora é mais raro oferecerem às crianças sabres... pistolas... pum-pum! Mas nós... Lembro-me de como fiquei surpreendida quando um dos professores da escola contou que na Suécia, acho eu, foram proibidos os brinquedos de guerra. Como educar um homem? Um defensor? (*Com a voz quebrada.*) «Pela morte, alinha-te pela morte / pobre cantor e cavaleiro...» Sempre que nos juntamos por qualquer motivo, cinco minutos depois estamos a recordar a guerra. Cantávamos muitas vezes canções da guerra. Haverá em alguma parte pessoas como nós? Os Polacos viveram no socialismo. E os Checos, e os Romanos, mas de qualquer maneira são diferentes... (*Silêncio.*) Agora não sei como viver. A que me agarrar? A quê...

(*Cai num murmúrio, mas a mim parece-me que ela grita.*)

... Fecho os olhos: vejo-o estendido no caixão... mas nós éramos felizes... porque é que ele decidiu que havia muita beleza na morte...

... Uma amiga levou-me a uma costureira: «Deves mandar fazer um vestido novo. Eu, quando estou deprimida, mando fazer um vestido novo...»

... Nos sonhos, alguém me acaricia a cabeça... Durante o primeiro ano fugia de casa para o parque, e gritava... assustava os pássaros...

Quando ele tinha dez, não, onze anos... Eu, com dois sacos nas mãos, mal consigo chegar a casa, depois de um dia inteiro na escola. Entro. Estão os dois no sofá: um com o jornal, o outro com um livro. O apartamento está numa balbúrdia que só o diabo sabe! Um monte de loiça suja! Acolhem-me com entusiasmo! Eu agarro na vassoura. Barricaram-se com cadeiras. «Saíam daí!» «Nunca!» «Então tirem à sorte, qual será o primeiro a apanhar.» «Não te zangues, mamãzinha-mocinha.» Igor é o primeiro a sair, já é tão alto como o pai. «Mamãzinha-mocinha» é o meu nome doméstico. Invenção dele... No verão costumávamos ir para o Sul, «para junto das palmeiras, que vivem mais perto do Sol do que todos». (*Alegremente.*) Recordo as palavras... as nossas palavras... Para tratar a sinusite dele. Depois ficávamos cheios de dívidas até março, fazíamos economias: como entrada comíamos *pelmeni*, como prato principal, *pelmeni*, e com o chá, *pelmeni*. (*Silêncio.*) Lembro-me de um anúncio

muito colorido... Gurfuz muito quente, e o mar... rochas e areia, ondas brancas e o sol... Ficaram muitas fotografias, agora escondo-as para não ver. Tenho medo... Tudo rebenta dentro de mim... é logo uma explosão! Uma vez fomos sem ele. A meio caminho voltámos para trás. « Igoriok! », entramos em casa de rompante. « Tu vens connosco. Não podemos ir sem ti! » Ele, com um grito « Hurra! », pendura-se ao meu pescoço. (*Depois de uma longa pausa.*) Sem ele não conseguimos...

Porque é que o nosso amor não o reteve? Em tempos acreditei que o amor tudo podia. Lá estou eu outra vez...

Isto já me aconteceu... ele já não estava connosco... Durante muito tempo andei como pasmada. « Vera », chama o meu marido. Eu não oiço. « Vera... » Não oiço. E de repente fiquei histérica! Comecei a gritar e a bater os pés, a gritar com a minha mãe, com a minha querida mãezinha: « Tu, monstro, monstro, tolstoiana! E criaste monstros como tu! O que é que nós ouvimos de ti a vida toda? É preciso viver para os outros... por um objetivo elevado... Lançar-se debaixo de um tanque, arder pela Pátria num avião. Revolução fragorosa... morte heroica... A morte era sempre mais bonita do que a vida. Crescemos como monstros e degenerados. E eu também eduquei assim o Igorka. Tu é que és a culpada de tudo! Tu! » A minha mãe encolheu-se toda e de repente ficou pequenina, pequenina. Uma velhinha pequenina. Partiu-se-me o coração. Pela primeira vez em muitos dias senti a dor; antes disso, quando no *trolleybus* me colocaram uma pesada mala em cima de um pé, não senti nada. À noite todos os dedos me incharam e só então me lembrei dessa mala. (*Em lágrimas.*) Aqui tenho de parar e falar da minha mãe. A minha mãe é da geração de intelectuais anterior à guerra. É uma daquelas pessoas em quem brilhavam lágrimas nos olhos quando ouviam tocar *A Internacional*. Viveu a guerra e lembrava-se sempre de que um soldado soviético hasteou a bandeira vermelha no Reichstag: « O nosso país venceu uma guerra como aquela! » Durante dez... vinte... quarenta anos... repetia-nos isto como um exorcismo. Como uma oração... Era a oração dela... « Não tínhamos nada, mas éramos felizes » – isto era nela uma convicção absoluta. Era inútil discutir. Ela gostava de Lev Tolstói, « o espelho da Revolução Russa » por causa da *Guerra e Paz*, e também porque o conde queria distribuir tudo pelos pobres para salvar a alma. A minha mãe não era a única, todos os amigos dela eram assim – os primeiros intelectuais soviéticos, que cresceram com Tchernichevski, Dobroliubov, Nékássov... e com o marxismo... Imaginar a minha mãe sentada a bordar num bastidor ou a enfeitar de alguma maneira a casa: vasilhos de porcelana, pequenos elefantes e essas coisas... qual!

Isso era simples perda de tempo. Coisas de pequeno-burguesa! O mais importante era o trabalho intelectual... os livros... Um fato podia-se vestir durante vinte anos, dois sobretudos chegavam para toda a vida, mas sem Púchkin ou sem as obras completas de Gorki era impossível viver. Participas num projeto grandioso, e o projeto grandioso existe... Era assim que eles viviam...

... Há um velho cemitério no centro da nossa cidade. Com muitas árvores e moitas de lilases. As pessoas passeiam ali como num jardim botânico. Há poucos velhos, e os jovens riem-se, beijam-se. Ligam os gravadores... Um dia ele voltou tarde: «Onde estiveste?» «Andei a passear pelo cemitério.» «Porque é que de repente te vais meter no cemitério?» «É interessante. Olhamos nos olhos pessoas que já não existem.»

... Abro a porta do quarto dele... Estava em pé no parapeito da janela, que nas nossas janelas não é sólido nem regular. No sexto piso! Fiquei paralisada. Não podia gritar, como na infância quando ele subia aos ramos mais finos de uma árvore ou ao alto muro da igreja em ruínas: «Se sentires que não aguentas, deixa-te cair que eu apanho-te.» Não gritei, não chorei, para que ele não se assustasse. Voltei para trás, encostada à parede. Cinco minutos depois, que me pareceram uma eternidade, entrei de novo, e ele já tinha descido do parapeito e caminhava pelo quarto. Então, corri para ele: beijava-o e batia-lhe e abanava-o: «Porquê? Diz-me, porquê?» «Não sei. Para experimentar.»

... Uma manhã vi na entrada do prédio ao lado coroas mortuárias. Alguém tinha morrido. Bem, morreu, está morto. Quando voltei do trabalho, o pai disse-me que ele tinha ido lá. Pergunto-lhe: «Porquê? São pessoas que nós não conhecemos.» «Era uma jovem. Estava tão bonita. E eu pensava que a morte era horrível.» (*Silêncio.*) Andava em volta... era atraído pelo extremo... (*Silêncio.*) Mas essa porta está fechada... não temos acesso.

... Pousa a cabeça nos meus joelhos: «Mamã, como era eu em pequeno?» E eu começo... Como ele esperava o Pai Natal à porta. Perguntava em que autocarro se podia ir ao reino do fim do mundo. Viu no campo um fogão russo, e toda a noite ficou à espera de que o fogão se pusesse a caminhar, como no conto. Era muito crédulo...

Lembro-me de que na rua já havia neve... ele chega a correr: «Mamã! Hoje beijei uma rapariga!» «Beijaste?» «Sim. Tive o meu primeiro encontro.» «E não me disseste nada?» «Não tive tempo. Disse ao Dima e ao Andrei, e fomos os três.» «Então vão três a um encontro desses?» «Ai, eu sozinho não me atrevia.» «E então, como foi o encontro?» «Muito bom. Andei a passear com ela de mãos dadas à volta da colina. E beijávamo-nos. O Dima e

o Andrei montavam guarda.» Oh, meu Deus! «Mãe, um rapaz da quinta classe pode casar-se com uma rapariga da nona classe? Se for um grande amor, é claro...»

... E isto... isto... (*Chora longamente.*) Sobre isto não posso...

... O nosso mês preferido era agosto. Íamos para os arredores da cidade e admirávamos as teias de aranha. Ríamos-nos... ríamos-nos... ríamos-nos (*Silêncio.*) Porque estou eu sempre a chorar? Tivemos catorze anos inteiros... (*Chora.*)

Estou na cozinha a fritar ou assar qualquer coisa. A janela está aberta. Oiço-o a ele e ao pai a conversar na varanda. Igor: «Papá, o que é um milagre? Acho que compreendi. Escuta... Era uma vez um velho e uma velha que tinham uma galinha pedrês. A galinha pôs um ovo, não um ovo qualquer, mas um ovo de ouro. O velho bateu, bateu, e o ovo não se partiu. A velha bateu, bateu, e o ovo não se partiu. Passou um rato a correr, deu-lhe com o rabo, o ovo caiu e partiu-se. O velho chora, a velha chora...» O pai: «Do ponto de vista da lógica, isso é um completo absurdo. Bateram, bateram e não o partiram, e depois, de repente, põem-se a chorar! Mas há quantos anos, quantos séculos, que as crianças ouvem essa história como um poema.» Igor: «Pois eu, papá, dantes pensava que se podia compreender tudo pela inteligência.» O pai: «Há muitas coisas que não se podem compreender pela inteligência. Por exemplo, o amor.» Igor: «E a morte.»

Escrevia versos desde criança... Em cima da mesa, nos bolsos dele, eu encontrava folhas escritas. Perdia-as, deitava-as fora, esquecia-se. Eu nem sempre acreditava que fossem versos dele: «Foste tu que escreveste isto?» «O quê?» Leio-lhos: «As pessoas visitam-se umas às outras, / Os animais visitam-se uns aos outros...» «Bo-o-om. Isso é velho. Já me esqueci.» «E estas linhas?» «Quais?» Leio: «Sobre um ramo escalavrado / Pingaram gotas de estrelas...» E aos doze anos escreveu que queria morrer. Que desejava duas coisas: amar e morrer. «Tu e eu estamos casados / Pela água azul...» Quer mais? Aqui estão: «Eu não sou vosso, nuvens prateadas / Não sou vosso, neves azuis...» Ele mesmo me lia isto. Lia! Mas na juventude escreve-se muitas vezes sobre a morte...

Em nossa casa ouvíamos constantemente versos, como uma maneira de falar: Maiakovski, Svetlov... O meu preferido era Semion Gudzenko³⁵: «Vão para a morte cantando / Quando deviam chorar / Pois na luta o mais nefando / É mesmo antes de atacar.» Reparou? Pois sim, é claro... Para quê perguntar? Todos crescemos no meio disto... A arte gosta da morte, e a nossa arte em

particular. O culto do sacrifício e da morte está-nos no sangue. Viver até romper a aorta. « Ah, povinho russo, não gosta de morrer de morte natural! », escreveu Gógol. E Vissotski cantava: « Ficar um pouco mais à beira do abismo... » À beira! A arte gosta da morte, mas também existe a comédia francesa. Porque é que nós quase não temos comédias? « Avante pela Pátria! » « Pátria ou morte! » Eu ensinava aos meus alunos: consumir-se para iluminar os outros. Falava-lhes da proeza de Danko, que arrancou o seu coração do peito e com ele iluminou o caminho às outras pessoas. Não falávamos da vida... ou falávamos pouco... Herói! Herói! Herói! A vida era constituída por heróis... vítimas e carrascos... Não existiam outras pessoas. (*Grita. Chora.*) O meu tormento agora é ir para a escola. As crianças esperam... querem palavras e sentimentos... Dizer-lhes o quê... o que posso eu dizer-lhes?

Tudo isto aconteceu... e aconteceu precisamente assim... Uma noite, já eu estava na cama e lia o romance *Margarita e o Mestre* (nesse tempo ainda era considerado um romance « dissidente », e tinham-me arranjado uma cópia datilografada). Estava nas últimas páginas... Lembra-se, Margarita pede para libertarem o Mestre, e Woland, o espírito de Satanás, diz: « Não deve gritar nas montanhas. De qualquer modo ele está habituado aos desabamentos e isso não o sobressalta. Não precisa de interceder por ele, Margarita, porque por ele já intercedeu aquele com quem ele tanto desejava falar... » Uma força desconhecida fez-me correr para o outro quarto, para o divã onde o meu filho dormia. Ajoelhei-me e murmurava, como uma oração: « Igoriok, não deves. Não deves, meu pequenino. Não deves! » Pus-me a fazer uma coisa que já não me era permitida, desde que ele era crescido: beijar-lhe as mãos e os pés. Ele abriu os olhos: « Mamã, o que é isso? » Dominei-me: « O cobertor deslizou, estava a recompô-lo. » Adormeceu. E eu... não compreendia o que me tinha acontecido. Quando ele estava alegre, chamava-me « saltadora ferosa ». Eu corria ligeira pela vida.

Estávamos perto do aniversário dele... e também do Ano Novo... Um amigo prometeu arranjar-nos uma garrafa de champanhe; nessa época pouca coisa se podia comprar nas lojas, tudo tinha de ser conseguido por outros meios. Com cunhas. Através de conhecidos, através de conhecidos dos conhecidos... Conseguimos arranjar salame fumado e bombons de chocolate... Conseguir um quilo de tangerinas para o Ano Novo era uma grande vitória! A tangerina não era apenas um fruto, era uma raridade, só o Ano Novo tinha o cheiro a tangerinas. Passávamos meses a reunir iguarias para a mesa de Ano Novo. Desta vez consegui guardar uma caixa de fígado de bacalhau e um bocado de salmão.

Tudo isso foi depois servido à mesa da refeição fúnebre... (*Silêncio.*) Não, não quero terminar a minha história assim tão depressa. Tivemos catorze anos inteiros. Catorze anos menos dez dias...

Um dia estava a arrumar o sótão e encontrei uma pasta com cartas. Quando estava na maternidade, eu e o marido escrevíamos todos os dias um ao outro, cartas, bilhetes, e mesmo várias vezes por dia. Lia-os e ria-me... Igor já tinha sete anos... Como poderia ele não compreender que o pai e a mãe já existissem e ele não? Ou seja, era como se ele existisse, nós escrevíamos sobre ele nas cartas: « O bebé voltou-se, deu-me um pontapé... mexe-se... » « Eu morri uma vez e depois voltei para vocês, foi? » A pergunta dele deixou-me aturdida. Mas as crianças... falam por vezes assim... como os filósofos, como os poetas... Eu devia ter anotado isto... « Mamã, o avô morreu... isso quer dizer que o plantaram e depois ele cresce... »

Na sétima classe já tinha uma namoradina... Apaixonou-se a sério. « Não te casarás com o primeiro amor, nem com uma caixeira! », ameaçava eu. Já começava a habituar-me à ideia de que teria de partilhá-lo com alguém. Preparava-me para isso. Uma amiga minha também tem um filho da mesma idade do Igor, e uma vez confessou-me: « Eu ainda não conheço a minha nora, mas já a odeio. » Assim ama ela o filho. Não pode sequer imaginar que terá de dá-lo a outra mulher. Como seria connosco? Comigo? Não sei... Eu amava-o loucamente... loucamente... Por mais difícil que tivesse sido o meu dia, assim que abria a porta de casa era como uma luz que me chegava de qualquer parte. Não de qualquer parte, mas do amor.

Tenho dois pesadelos horríveis. No primeiro, eu e ele afogamo-nos. Porque ele nadava muito bem, uma vez arrisquei-me a nadar com ele no mar até muito longe. Ao voltar para trás, senti que me faltavam as forças – agarrei-me a ele, com uma energia desesperada. Ele gritava: « Larga-me! » « Não posso! » Agarrei-me a ele e puxava-o para o fundo. De qualquer maneira ele soltou-se e começou a empurrar-me para a margem. Segurava-me e empurrava-me. E assim conseguimos sair os dois. No sonho tudo se repete, mas eu não o largo. Não nos afogamos, mas também não conseguimos sair. É uma luta na água... No segundo sonho, começa a chover, mas eu sinto que aquilo não é chuva, mas terra que cai. Areia. Começa a nevar, mas pelo som percebo que aquilo não é neve, mas terra. Há uma pá a bater, como um coração, tum-tum, tum-tum...

A água... A água enfeitiçava-o... Gostava dos lagos, dos ribeiros, dos poços. Em especial do mar. Tinha muitos versos sobre a água. « Só uma suave estrela branquejava, como a água. A escuridão. » E também: « E a água corre sozinha...

silêncio.» (*Pausa.*) Agora não vamos para a beira-mar.

No último ano... Reuníamos-nos muitas vezes ao jantar. Falávamos, é claro, de livros. Líamos juntos edições clandestinas. *Doutor Jivago*, versos de Mandelstam... Lembro-me de como discutíamos o que é um poeta. Qual o destino do poeta na Rússia? A opinião de Igor: «Um poeta deve morrer novo, de outro modo não é um poeta. Um poeta velho é simplesmente ridículo.» E também isto me escapou... Não lhe dei significado... Habitualmente, saíam-me os versos como de um saco de prendas de Natal, fluíam, fluíam... quase todos os poetas russos têm versos sobre a Pátria. Eu sei muitos deles de cor. Lia o meu querido Lérmontov. «Amo a minha Pátria mas de maneira estranha.» E Essénin: «Amo-te, minha pátria dócil...» Fiquei feliz quando comprei as cartas de Blok.. Um volume completo! Na carta dele à mãe depois de chegar do estrangeiro... escrevia que a Rússia lhe mostrou ao mesmo tempo o seu focinho de porco e o seu rosto divino... (*O marido entra na sala. Abraça-a e senta-se ao lado dela.*) Que mais? Igor foi a Moscovo visitar a sepultura de Vissotski. Deu-lhe para rapar o cabelo, ficou muito parecido com Maiakovski. (*Pergunta ao marido.*) Lembras-te? Ele tinha uns cabelos extraordinários.

No último verão... Estava bronzeado. Grande, forte. Pelo aspeto, davam-lhe dezoito anos. Nas férias fui com ele a Tallin. Era a segunda vez que ele lá ia, conduziu-me por todo o lado, a todos os recantos. Em três dias gastámos um monte de dinheiro. Dormíamos numa residência coletiva. Regressamos de uma passeio noturno pela cidade, de mãos dadas, a rir, abrimos a porta. Aproximamos da porteira, ela não nos deixa entrar: «Não se pode receber homens nos quartos depois das onze horas.» Digo ao ouvido de Igor: «Vai lá, que eu já vou.» Ele subiu e eu disse num murmúrio: «Como não tem vergonha? Aquele é o meu filho!» Éramos assim divertidos... alegres! E de repente ali mesmo... à noite... sinto-me angustiada. Tenho medo de que nunca mais o veja. Medo diante de qualquer coisa nova. E ainda não tinha acontecido nada.

No último mês... O meu irmão morreu. Na nossa família há poucos homens, e eu levei Igor comigo para que ajudasse. Se eu soubesse... E ele olhava, olhava para a morte... «Igor, muda as flores de lugar. Traz cadeiras. Vai buscar pão.» Ocupações habituais em volta da morte... é perigoso... Pode-se confundir a morte com a vida. Agora compreendo isso... Chegou o autocarro. Todos os parentes se sentaram, e o meu filho não estava. «Igor, onde estás? Vem cá.» Entrou, todos os lugares estavam ocupados. Sempre esta espécie de sinais... Talvez devido ao balanço do arranque... o autocarro começou a andar e o meu irmão abriu os olhos um instante. Mau sinal, quer dizer que haverá outra morte na

família. Todos nos assustámos logo por causa da minha mãe, que sofre do coração. Quando baixaram a urna para a cova, qualquer coisa caiu para lá... Outro mau presságio...

No último dia... De manhã. Estou a lavar-me, e sinto que ele está no limiar da porta, com as duas mãos apoiadas na ombreira, a olhar, a olhar para mim. «O que tens? Vai estudar as lições. Eu volto cedo.» Virou as costas em silêncio e foi para o quarto dele. Depois do trabalho eu tinha um encontro com uma amiga, que estava a tricotar um pulôver moderno para ele, o meu presente no dia dos anos. Trouxe o pulôver para casa, o meu marido ainda ralhou: «Não percebes que ainda é cedo para usar essas coisas tão elegantes?» Para o almoço fiz empadas de galinha, as preferidas dele. Habitualmente pedia para repetir, mas desta vez debicou e deixou o resto no prato. «Aconteceu alguma coisa na escola?» Ficou calado. Comecei a chorar, corriam-me as lágrimas em bica. Chorei assim alto pela primeira vez em muitos anos, no funeral do meu irmão não chorei assim. E ele assustou-se. Assustou-se tanto que eu comecei a acalmá-lo: «Experimenta o pulôver.» Ele vestiu-o. «Gostas?» «Muito.» Pouco depois, espreitei para o quarto dele, estava deitado a ler. Na outra sala o pai escrevia à máquina. Eu estava com dor de cabeça e adormeci. Quando há um incêndio, as pessoas dormem mais profundamente do que o habitual... Deixei-o, ele estava ler Púchkin... *Timka*, a nossa cadela, estava deitada no vestíbulo. Não ladrou, nem ganiu. Não sei quanto tempo depois, abri os olhos. O meu marido está sentado ao meu lado. «Onde está o Igor?» «Fechou-se na casa de banho. Está por certo a recitar poemas.» Um medo selvagem, mudo, fez-me saltar da cama. Corro, bato à porta, com as mãos, com os pés. Silêncio. Chamo, grito, imploro. Silêncio. O meu marido procura um martelo, um machado. Arromba a porta... Estava ali, com umas calças velhinhas, uma camisola, de pantufas... Pendurado por um cinto... Agarrei-o, levei-o. Mole, quente. Fizemos-lhe respiração artificial, chamamos uma ambulância...

Como é que eu pude dormir? Porque é que a *Timka* não sentiu? Os cães são tão sensíveis, ouvem dez vezes melhor do que as pessoas. Porque é que... Fiquei sentada, de olhos fixos num ponto. Deram-me uma injeção e eu afundei-me para qualquer parte. De manhã acordaram-me: «Vera, levanta-te. Se não, depois não te perdoarás.» «Bom, vou-te chegar por esses gracejos. Vais apanhar», pensei. E então compreendi que não tinha ninguém a quem chegar.

Ele está deitado no caixão... Com o pulôver que lhe ofereci pelos anos...

Não comecei logo a gritar... só ao fim de alguns meses... Mas não tinha lágrimas. Gritar, gritava, mas não chorava. E só quando uma vez bebi um copo

de vodca comecei a chorar. Passei a beber, para chorar... a agarrar-me às pessoas... Estivemos dois dias em casa de uns amigos, sem sair à rua. Agora compreendo como fomos pesados para eles, como os atormentámos. Fugíamos da nossa casa... A cadeira da cozinha em que ele se sentava, quebrou-se – não lhe mexi, e essa cadeira ali ficou, porque talvez ele não quisesse que eu deitasse fora uma coisa de que gostava. Nem eu, nem o meu marido éramos capazes de abrir a porta do quarto dele. Por duas vezes quisemos trocar de apartamento, já preparávamos os documentos, comprometemo-nos com as pessoas, empacotávamos as coisas. E eu não posso abandonar o apartamento, parece-me que ele está aqui em qualquer parte, simplesmente não o vejo... mas ele está aqui algures... Eu andava pelas lojas, escolhia coisas para ele: estas calças são a cor dele, e esta camisa. Uma vez, na primavera... não me lembro de datas... Chego a casa e digo ao meu marido: « Sabes, hoje um homem interessou-se por mim. Queria marcar um encontro comigo.»

E o meu marido respondeu-me: « Fico muito contente por ti, Vera. Estás de volta... » Fiquei-lhe imensamente agradecida por estas palavras. Agora quero falar do meu marido... Ele é físico, os nossos amigos gracejam: « Vocês tiveram sorte – um físico e uma lírica na mesma embalagem. » Eu amava... Porque digo amava, e não digo amo? Porque ainda não me conheço como esta pessoa nova, que sobreviveu. Tenho medo... não estou pronta... não posso ser feliz, nunca mais...

Uma noite, estou deitada na cama, de olhos abertos. Tocam à campainha. Ouvei claramente o toque da campainha da porta. De manhã disse ao meu marido. E ele: « Não ouvi nada. » Na noite seguinte outra vez a campainha. Não estou a dormir, olho para o meu marido, que também acordou. « Ouviste? » « Ouvi. » Ambos tínhamos a sensação de que não estávamos sozinhos no apartamento. E a *Timka* corria à volta da nossa cama como se seguisse alguém. Caiu em qualquer lugar, em qualquer coisa morna... E tenho este sonho... Não percebo onde Igor vem ter comigo com aquele pulôver que nós lhe oferecemos. « Mamã, tu chamas-me e não compreendes como é difícil, para mim, vir ter contigo. Para de chorar. » Toco-lhe com a mão, é macio. « Sentias-te bem em casa? » « Muito. » « E lá? » Ele não chega a responder, desaparece. Desde essa noite deixei de chorar. E passei a sonhar com ele em pequeno, só em pequeno. Mas esperava que ele viesse ter comigo crescido, para conversarmos...

Isto não foi um sonho. Eu apenas tinha fechado os olhos... A porta do quarto abriu-se de par em par, e ele entrou, adulto, como eu nunca o tinha visto; entrou apenas por um instante. Tinha uma cara que me fez compreender: para ele era

indiferente tudo que se passava aqui. As nossas conversas sobre ele, as recordações. Está já muito longe de nós. E eu não posso suportar que a nossa ligação se tenha quebrado. Não posso... Pensei durante muito tempo... e decidi ter outro filho. Não era aconselhável, era já muito tarde, os médicos receavam, mas eu dei à luz. Tive uma menina. Tratamo-la como se ela não fosse nossa filha, mas filha do Igor. Receio amá-la tanto como o amava a ele... E não posso amá-la tanto. Sou louca! Louca! Choro muito, vou muitas vezes ao cemitério. A menina anda sempre comigo e eu não paro de pensar na morte. Assim não se pode viver. O meu marido acha que nos devíamos ir embora. Para outro país. Para mudar tudo: a paisagem, as pessoas, o alfabeto. Uns amigos chamam-nos para Israel. Telefonam-nos muitas vezes: «O que é vos prende aí?» (*Quase grita*). O quê? O quê?

Tenho um pensamento horrível: e se de repente ele próprio lhe contasse a si uma história completamente diferente? Outra história...

CONVERSAS COM OS AMIGOS

« Tudo se segurava com essa cola formidável...»

Nesse tempo éramos muito novos... A juventude é um período detestável, não sei quem inventou que essa era uma idade maravilhosa. Somos desajeitados, disparatados e vulneráveis de todos os lados. Mas para os pais somos ainda pequeninos, estão ainda a formar-nos. Estamos sempre debaixo de uma espécie de redoma e ninguém nos pode alcançar. Essa sensação... lembro-me muito bem dessa sensação... Como no hospital, quando estive atrás de uma vidraça, com uma infeção qualquer. Os pais fingem (é assim que achamos) que querem estar connosco, mas na verdade vivem noutra mundo. Parecem estar ao nosso lado, mas estão algures muito longe... Os pais não suspeitam até que ponto tudo é tão sério para os filhos. O primeiro amor é horrível. Mortalmente perigoso. Uma amiga minha pensava que Igor se tinha suicidado por amor, por causa dela. Tolice! Uma tolice de rapariguinha. Todas as nossas raparigas estavam apaixonadas por ele. O-oh! Era muito bonito, além disso comportava-se como se fosse mais velho do que todos nós, mas dava a sensação de ser muito solitário. Escrevia versos. E um poeta deve ser reservado e solitário. Morrer num duelo. Todos nós tínhamos muitos disparates juvenis na cabeça.

Era na época soviética... comunista... Éramos educados com base em Lenine, nos revolucionários ardorosos, não considerávamos a revolução um erro

nem um crime, mas também não éramos atraídos pelo marxismo-leninismo. A revolução era já uma abstração... Lembro-me principalmente das festas e da espera por essas festas. Lembro-me muito bem disso... Havia muita gente nas ruas, soavam algumas palavras pelos altifalantes, uns acreditavam firmemente nessas palavras, outros acreditavam em parte, outros não acreditavam nada. Mas todos pareciam felizes. Havia muita música. A mamã era jovem, bonita. Tudo junto... tudo isto recorda-se como a felicidade... Aqueles cheiros, aqueles sons... As batidas das teclas da máquina de escrever, o grito matinal das leiteiras que vinham do campo: «Leite! Leite!» Nem todos tinham ainda frigoríficos, colocavam-se as vasilhas do leite na varanda. E havia frangos em sacos de rede pendurados às janelas.

Entre as duplas vidraças das janelas colocavam algodão com lantejoulas para enfeitar e maçãs Antonov. O cheiro a urina de gato nas caves... E o incomparável cheiro a serapilheira e cloro das cantinas soviéticas? Todas estas coisas pareciam não estar ligadas entre si, mas agora funde-se-me tudo numa única sensação. Num sentimento único. Mas a liberdade tem outros cheiros... e outras imagens... Tudo é diferente... Depois da primeira viagem ao estrangeiro... já no tempo de Gorbatchov... um amigo meu voltou com estas palavras: «A liberdade cheira a um bom molho.» Eu própria lembro-me muito bem do meu primeiro supermercado, que vi em Berlim – cem variedades de enchidos e cem variedades de queijos. Isto era incompreensível. Depois da *perestroika*, esperavam-nos muitas descobertas, muitos novos pensamentos e novas emoções. Elas ainda não foram descritas e ainda não entraram na história. Ainda não existem as fórmulas... Mas eu tenho pressa... salto de uma época para outra... O grande mundo abre-se-nos depois. Mas naquele tempo apenas sonhávamos com ele... com aquilo que não havia e que queríamos ter... Era bom sonhar com um mundo que não conhecíamos. Sonhávamos... Mas vivíamos a vida soviética, em que as regras de jogo eram únicas e todos jogavam por essas regras. Lá está alguém na tribuna. Mente, todos o aplaudem, mas todos sabem que ele mente, e ele sabe que eles sabem que mente. Mas diz tudo aquilo e alegra-se com os aplausos. Não havia dúvidas de que nós também havíamos de viver assim, e era preciso procurar um refúgio. A minha mãe ouvia Galitch, um cantor proibido... e eu também o ouvia...

Lembro-me também do dia em que queríamos ir a Moscovo para o funeral de Vissotski e a Polícia nos expulsou do comboio... E nós gritávamos: «Salvem as nossas almas! / Estamos a delirar de asfíxia...» «Tiro curto. Tiro longo. Tiro curto. A artilharia dispara sobre os nossos...» Escândalo! A diretora da escola

convocou-nos juntamente com os nossos pais. A minha mãe foi comigo e portouse de uma maneira magnífica... (*Fica sonhadora.*) Vivíamos na cozinha... o pai vivia nas cozinhas... Estávamos de visita em casa de alguém, bebíamos vinho, ouvíamos canções, conversávamos sobre poesia. Uma lata de conserva aberta e pão preto cortado às fatias. Sentíamos-nos todos bem. Tínhamos os nossos rituais: canoas, tendas e caminhadas. Canções à volta da fogueira. E tínhamos os nossos sinais, pelos quais nos reconhecíamos uns aos outros. Tínhamos a nossa moda, as nossas referências. Há muito que não existem essas comunidades das cozinhas. E não existe essa amizade que nós pensávamos ser eterna. Sim... havia uma sintonização para a eternidade... Não havia nada acima da amizade. Tudo se segurava com essa cola formidável...

Na realidade, nenhum de nós vivia na URSS, cada qual vivia no seu círculo. O círculo dos caminhantes, o círculo dos alpinistas... Depois das aulas, reuniam-nos nas instalações da administração do prédio, onde nos tinham atribuído uma sala. Fazíamos teatro, eu representava nesse teatro. Havia um círculo literário. Lembro-me de que Igor lia os seus versos, imitava fortemente Maiakovski e era irresistível. A alcunha dele era *o Estudante*. Recebíamos verdadeiros poetas, adultos, que falavam abertamente connosco. Foi por eles que soubemos a verdade acerca dos acontecimentos de Praga. Sobre a Guerra do Afeganistão. E que mais? Aprendíamos a tocar guitarra, isso era obrigatório! Nesses anos a guitarra fazia parte da lista de objetos de primeira necessidade. Estávamos prontos para ouvir de joelhos os nossos poetas e bardos preferidos. Os poetas enchiam estádios, com a Polícia Montada vigilante. A palavra era ação. Levantar-se numa reunião e falar verdade era ação, porque era perigoso. Sair para a praça... era formidável, uma descarga de adrenalina, uma golfada de ar. Extravasava-se tudo nas palavras... Hoje, isso é já inverosímil, hoje é necessário fazer alguma coisa, e não dizer. Pode-se dizer absolutamente tudo, mas a palavra já não tem nenhum poder. Gostaríamos de acreditar, mas não podemos. Todos se estão nas tintas para tudo, e o futuro é uma porcaria. Connosco não era assim... O-oh! Versos, versos... palavras, palavras...

(*Ri-se.*) Na décima classe tive um romance. Ele vivia em Moscovo. Foi passar três dias com ele. De manhã na estação uns amigos dele passaram-nos uma edição copiografada das *Memórias* de Nadejda Mandesltam, que então toda a gente queria ler. E era necessário devolver o livro no dia seguinte às quatro da madrugada. Ir levá-lo a alguém ao comboio. Lemos durante vinte e quatro horas sem parar, só uma vez descemos para ir comprar leite e pão. Até nos esquecemos de nos beijar, passando aquelas folhas um ao outro. Tudo se passava

numa espécie de delírio, de febre... porque tínhamos aquele livro nas mãos... porque o liamos... Vinte e quatro horas depois corríamos pela cidade deserta para a estação, os transportes ainda não circulavam. Lembro-me muito dessa cidade noturna, de como a percorríamos, eu com o livro no meu saco. Levávamo-lo como se fosse uma arma secreta... De tal modo acreditávamos que a palavra pode abalar o mundo.

Os anos de Gorbatchov... A liberdade e as senhas de racionamento. Senhas... cupões... Para tudo: desde o pão até aos cereais e às peúgas. Estávamos na bicha às cinco e seis horas... Mas com um livro que dantes não podíamos comprar, e sabendo que à noite mostraríamos um filme que antes estava proibido e que esteve dez anos numa prateleira. Ou então todo o dia pensávamos que às dez da noite havia o programa *Vzghlad*... Os apresentadores, Aleksandr Liubimov e Vladislav Listiev, tornaram-se heróis populares. Ficávamos a saber a verdade... que não houve apenas Gagárin, que houve também Béria... Na realidade, para mim, parva, bastava-me a liberdade da palavra, porque eu, como depressa percebi, era uma rapariguinha soviética, estávamos mais profundamente impregnados de tudo o que era soviético do que nos parecia. A mim bastava-me que me dessem Doblétov e Viktor Nékrrássov, que me deixassem ouvir Galitch. Isso me bastaria. Não sonhava ir a Paris, passear em Montmartre... ou ver a Catedral da Sagrada Família de Gaudí... Deixem-nos apenas ler e falar. Ler! A nossa pequena Olga, de apenas quatro meses, adoeceu com uma forte obstrução dos brônquios. Fiquei louca de medo. Levaram-me com ela para o hospital, mas não a podia deitar nem um minuto; só de pé, nos meus braços, se acalmava. Assim, direita. Eu caminhava com ela pelos corredores. Se ela adormecia durante meia hora, o que acha que eu fazia? E... sem dormir, atormentada... De que me ocupava? Trazia sempre debaixo do braço o *Arquipélago Gulag*, abria-o imediatamente. Num braço a minha bebé quase a morrer, e no outro Soljenítsin. Para nós, os livros substituíam a vida. Era esse o nosso mundo.

Depois aconteceu qualquer coisa... Descemos à terra. A sensação de felicidade e de euforia quebrou-se de repente. Total e completamente. Compreendi que este novo mundo não é o meu, não é para mim. Precisa de outras pessoas. Os fracos são corridos a pontapé! Os de baixo passaram para cima... Em suma, mais uma revolução... Mas os objetivos desta revolução são bem terrenos: uma moradia e um carro para cada um. Não será mesquinho para uma pessoa? As ruas encheram-se de uns «matulões» em fatos de treino. Uns lobos! Espezinham toda a gente. A minha mãe trabalhava como costureira numa fábrica de vestuário. Depressa encerraram a fábrica, muito depressa... a

minha mãe ficava em casa a costurar roupa interior. As colegas dela também costuravam cuecas em todos os apartamentos. Vivíamos num prédio mandado construir pela fábrica para os seus trabalhadores, e todas faziam cuecas e sutiãs. E fatos de banho. Recortavam em massa rótulos e etiquetas de roupas velhas, de preferência estrangeiras – das suas próprias e das que pediam a pessoas conhecidas – e cosiam-nas nesses fatos de banho. Depois as mulheres reuniam-se em grupos e iam com sacos através da Rússia; chamavam a isso « expedição das cuecas ». Nesse tempo eu fazia já a minha pós-graduação. (*Alegremente.*) Lembro-me... que comédia... na biblioteca da universidade e no gabinete do diretor da faculdade havia caixas de pepinos e tomates salgados, cogumelos e couves. Vendiam-se esses produtos, e com o dinheiro pagavam-se os salários dos professores. Ou de repente toda a faculdade ficava inundada de laranjas. Ou havia pacotes de camisas de homem... A grande intelectualidade russa sobrevivia como podia. Recordavam-se velhas receitas... ou aquilo que comiam durante a guerra... Semeavam-se batatas nos recantos afastados dos parques, nos declives da via-férrea... Comer só batatas durante semanas – isso é ou não é fome? E só couve de salmoura? Fiquei enjoada dela para o resto da vida. Aprendemos a fazer *chips* com as cascas das batatas, e passávamos umas às outras esta receita milagrosa: deitar as cascas das batatas no óleo a ferver e mais sal. Não havia leite, mas vendiam-se gelados, e então usavam os gelados para preparar as papas de cereais. Eu comeria isso agora?

A nossa amizade foi a primeira coisa a desaparecer. Todos estavam de repente muito ocupados, era preciso ganhar dinheiro. Dantes parecia que esse dinheiro... não tinha qualquer poder sobre nós... Mas de repente todos começaram a apreciar os encantos das notas verdes, não dos rublos soviéticos, não o « papel macaco », como se dizia. E nós, as raparigas e rapazes dos livros, éramos umas plantas de estufa... Não estávamos preparados para a nova vida, tão esperada. Estávamos à espera de qualquer outra coisa, mas não disto. Em vez de Vissotski, Kirkorov, música *pop*! E isto diz tudo... Há pouco tempo reunimo-nos na minha cozinha, o que é já raro acontecer, e discutimos: Vissotski cantaria para Abrámovitch? As opiniões dividiram-se. A maioria era dos que diziam que sim: claro que cantaria. Outra pergunta – por quanto?

Igor? Na minha recordação ficou parecido com Maiakovski. Bonito e solitário. (*Silêncio.*) Expliquei-lhe alguma coisa a si? Terei conseguido...

« O bazar tornou-se a nossa universidade... »

Passaram-se muitos anos... Para mim continua a pergunta: porquê? Porque é

que ele decidiu fazer aquilo? Éramos amigos, mas ele decidiu tudo sozinho... O que se pode dizer a um homem que está em cima do telhado? O quê? Na juventude eu próprio pensei no suicídio, mas não compreendo porquê. Gosto da minha mãe e do meu pai... do meu irmão... tudo em casa está bem... Mas qualquer coisa nos puxa. Lá, algures... há qualquer coisa... O quê? Qualquer coisa... há... Todo um mundo mais claro, com mais significado do que este em que vivemos, acontece lá qualquer coisa mais importante. E lá pode-se abordar um qualquer mistério que de outro modo é impossível alcançar, não é possível ligar-se racionalmente a ele. Tem-se vontade de fazê-lo... deixa lá experimentar... Pôr-se em pé no parapeito... saltar da varanda... Mas não há intenção de morrer, a intenção é apenas subir, voar, parece que se conseguirá voar. Age-se como num sonho... num desmaio... Quando volta a si, a pessoa recorda uma qualquer luz, um som... sentia-se muito melhor lá do que aqui...

No nosso grupo havia também o Liochka... Morreu há pouco tempo, de uma *overdose*. O Vadim, que desapareceu nos anos noventa. Dedicava-se ao comércio de livros. Começou como uma brincadeira... uma ideia delirante... Mas quando começou a dar dinheiro, veio a extorsão, apareceram-lhe uns rapazes com pistolas. Ele ora pagava, ora fugia deles – dormia na floresta, em cima das árvores. Naqueles anos deixaram de brigar, preferiam matar. Onde está ele? Desapareceu sem deixar rasto... até agora a Polícia não o achou. Enterraram-no em qualquer parte. O Arkádi partiu para a América: «Antes quero viver em Nova Iorque debaixo de uma ponte.» Ficámos eu e o Iliucha... Ele casou-se por amor. A mulher suportou as excentricidades dele enquanto estavam na moda os poetas e os artistas, mas depois chegou a moda dos corretores e dos contabilistas. A mulher deixou-o. Começou para ele uma grande depressão, quando sai à rua começa logo com um ataque. Põe-se a tremer de medo. Por isso deixa-se ficar em casa. Uma criança crescida em casa dos pais. Escreve versos, gritos da alma... E na adolescência ouvíamos as mesmas cassetes e líamos os mesmos livros soviéticos. Andávamos em bicicletas iguais... Naquela vida tudo para nós era simples: uns sapatos para todas as estações do ano, um blusão, um par de calças. Fomos educados como os jovens combatentes na antiga Esparta: se a Pátria ordenar, sentamo-nos em cima de um ouriço.

... Numa qualquer festa militar, levaram as crianças do nosso jardim infantil a visitar o monumento ao pioneiro herói Marat Kazei³⁶. «Aqui está, meninos», dizia a educadora, «este jovem herói, fez-se explodir com uma granada e liquidou muitos fascistas. Quando vocês forem crescidos, devem ser como ele.» Também nós teríamos de nos explodir com uma granada? Eu próprio não me

lembro disto... mas a minha mãe contou-me... À noite chorei muito: teria de morrer, ficar algures estendido, sem a mamã nem o papá... e se eu chorava, queria dizer que não era herói nenhum... E adoeci.

... Quando já andava na escola, tinha um sonho: fazer parte do destacamento que montava guarda junto à Chama Eterna, no centro da cidade. Para esse destacamento eram escolhidos os melhores alunos. Faziam-lhes capotes militares, gorros com orelheiras e luvas do Exército. Não era nenhum frete, mas uma grande honra fazer parte dele. Ouvíamos música ocidental, procurávamos conseguir calças de ganga, que já começavam a aparecer entre nós... símbolo do século XX, como a espingarda automática *Kalashnikov*... As minhas primeiras calças de ganga tinham a marca *Montana* – era muito fixe! E à noite sonhava que me atirava contra o inimigo com uma granada...

... Quando a minha avó morreu, o meu avô veio viver connosco. Era oficial de carreira, tenente-coronel. Tinha muitas condecorações e medalhas, e eu estava sempre a meter-me com ele: «Avô, porque é que te deram esta condecoração?» «Pela defesa de Odessa.» «E qual foi a proeza que fizeste?» «Defendi Odessa.» E ponto final. Eu ficava ofendido com ele. «Avô, conta qualquer coisa nobre, extraordinária.» «Isso não mo deves perguntar a mim, vai à biblioteca. Pega num livro e lê.» O meu avô era porreiro, havia entre nós uma relação química, dávamo-nos muito bem. Morreu em abril, mas queria viver até maio. Até ao dia da Vitória.

... Aos dezasseis anos, como era devido, chamaram-me ao Centro de Recrutamento: «Em que arma queres servir?» Declarei ao comissário que terminava a escola e depois oferecia-me para o Afeganistão. «Parvo», disse o comissário. Mas eu preparei-me durante muito tempo, estudei a espingarda automática... Nós fomos os últimos pioneiros do país dos soviets. Sempre pronto!

... Um rapaz da nossa turma foi para Israel... Convocaram uma reunião geral da escola e tentaram dissuadi-lo: «Se os teus pais querem partir, deixá-los ir, mas nós temos boas casas para crianças, terminas os estudos e ficas a viver na URSS.» Para nós, ele era um traidor. Expulsaram-no do Komsomol. No dia seguinte toda a aula partiu para um *kolkhoz*, para a apanha da batata. Ele também apareceu, mas fizeram-no sair do autocarro. A diretora da escola avisou-nos a todos que se alguém comesse a corresponder-se com ele, teria dificuldade em acabar a escola. Quando ele partiu, começamos todos a escrever-lhe...

... Na *perestroika*... Aqueles mesmos professores disseram-nos que

esquecêssemos tudo o que nos tinham ensinado antes e lêssemos os jornais. Estudávamos pelos jornais. O exame final de História foi completamente suprimido, não tivemos que marrar a estudar os congressos do PCUS. Na última manifestação pela Revolução de Outubro ainda nos distribuíram cartazes e retratos dos dirigentes, mas para nós isso foi como o Carnaval para os Brasileiros.

... Lembro-me de como as pessoas andavam com sacos cheios de dinheiro soviético pelas lojas vazias...

Entrei para a universidade... Nesse tempo Tchubais fazia propaganda dos títulos de privatização, prometendo que cada um valeria o preço de dois carros *Volga*, enquanto naquele momento custavam dois copeques. Era uma época louca! Eu distribuía panfletos no metro... Todos sonhávamos com uma vida nova... Sonhávamos... Sonhávamos que o salame apareceria em abundância nas lojas, ao preço soviético, e que os membros do Politburo estariam na bicha para o comprar, como toda a gente. O salame é a referência. Temos um amor existencial pelos enchidos. O crepúsculo dos deuses! As fábricas, para os operários! A terra, para os camponeses! Os rios, para os castores! As tocas, para os ursos! As manifestações de rua e a transmissão do Congresso dos Deputados do Povo substituíam muito bem as telenovelas mexicanas... Andei dois anos na universidade, depois abandonei os estudos. Tinha pena dos meus pais, a quem diziam abertamente: « Vocês são uns tristes soviéticos, a vossa vida esfumou-se, os culpados de tudo são vocês desde a arca de Noé, agora ninguém precisa de vocês. Economizar uma vida inteira e acabar sem nada.» Tudo isto os quebrou, destruiu o mundo deles, não conseguiram recompor-se, não puderam fazer a curva apertada. O meu irmão mais novo lavava carros depois das aulas, vendia pastilhas elásticas e toda a espécie de porcarias no metro, e ganhava mais dinheiro do que o pai... O meu pai era cientista. Doutorado em Ciências! A elite soviética! Nas lojas privadas apareceu o salame, toda a gente correu a ver. E viram os preços! Assim entrou o capitalismo na nossa vida...

Tornei-me estivador. Foi uma sorte! Eu e um amigo descarregávamos uma carrada de açúcar, davam-nos dinheiro e um saco de açúcar. E quanto valia um saco de açúcar nos anos noventa? Uma fortuna! Dinheiro! Dinheiro! Era o início do capitalismo... Num dia, uma pessoa podia ficar milionária ou apanhar uma bala na testa. Agora lembram-nos disso, querem assustar-nos: podia ter havido uma guerra civil... Estávamos à beira do abismo! Eu não senti isso. Lembro-me de que as ruas se esvaziaram, não havia ninguém nas barricadas. Deixaram de assinar e de ler os jornais. Os bêbedos injuriavam, primeiro Gorbachov, e depois Eltsin, porque a vodca estava mais cara. Tocaram numa coisa sacrossanta! Toda

a gente estava tomada de um arrebatamento selvagem, inexplicável. Pairava no ar o cheiro do dinheiro. De muito dinheiro. E liberdade absoluta – nem Partido, nem Governo. Todos queriam fazer dinheiro e aqueles que não sabiam fazer dinheiro tinham inveja dos que sabiam. Uns vendiam, outros compravam... alguns «cobriam» outros «davam cobertura»... Quando ganhei os primeiros cobses, fui ao restaurante com uns amigos. Pedimos *Martini* e vodka *Royal* – isso na altura era o máximo! Queríamos segurar um cálice na mão, pavonear-nos. Fumámos *Marlboro*. Tudo como nos livros de Remarque. Durante muito tempo vivemos como nos filmes. As novas lojas... os restaurantes... como o cenário de uma vida alheia...

... Vendia salsichas grelhadas. Fazia umas massas doidas...

Levei um carregamento de vodka para o Turquemenistão... Durante uma semana, eu e um companheiro estivemos fechados num vagão cheio de mercadoria. Montávamos guarda com machados e pés de cabra. Se soubessem o que nós transportávamos, matavam-nos! Na volta trouxemos uma carga de toalhas felpudas...

... Vendi brinquedos... Uma vez compraram-me um carregamento completo e pagaram-me com uma carrada de refrigerantes, que eu troquei por um camião de sementes de girassol, e na fábrica recebi óleo em troca das sementes, óleo de que vendi uma parte e outra troquei-a por frigideiras e ferros de engomar...

... Agora tenho um negócio de flores... Aprendi a «salgar» as rosas... Numa caixa de cartão deita-se sal calcinado, uma camada de pelo menos um centímetro, colocam-se em cima as flores meio abertas e por cima mais sal. Coloca-se a tampa e mete-se num grande saco de plástico. Deve ficar bem fechado. Ao fim de um mês... ao fim de um ano, tiram-se as flores, lavam-se com água... Apareça qualquer dia, a qualquer hora. Aqui tem o meu cartão...

O bazar tornou-se a nossa universidade... Isso é exagero, a universidade; mas a escola primária da vida, isso de certeza. As pessoas vinham aqui como quem vai a um museu. Ou a uma biblioteca. Os rapazes e as raparigas deambulavam como zombies ao lado das vitrinas... com caras de loucos... Um casal parou junto dos depiladores chineses... Ela explicava-lhe a ele como a depilação era importante: «Tu queres, não é? Queres que seja como...» Não me lembro do nome da atriz... bem, como Marina Vladi, por exemplo, ou Catherine Deneuve. Milhões de caixinhas novas, de boiões. As pessoas levavam-nos para casa como objetos sagrados, e depois de utilizar o conteúdo não deitavam os boiões fora, colocavam-nos em lugar destacado nas prateleiras dos livros ou na cristaleira,

atrás do vidro. As primeiras revistas em papel lustroso eram lidas como obras clássicas, com a reverente convicção de que sob aquela capa, debaixo daquela casca, se encontrava uma vida magnífica. Nos primeiros McDonald's havia bichas de quilômetros... Reportagens na televisão. Pessoas adultas, instruídas, guardavam as caixas e os guardanapos que traziam de lá. E mostravam-nos com orgulho às suas visitas.

A mulher de um amigo meu tem dois empregos, mas ele tem o seu orgulho. « Eu sou poeta. Não vou vender panelas. Repugna-me.» Em tempos, eu e ele, como todos, andámos pelas ruas a gritar: « Democracia! Democracia!» – e não fazíamos ideia daquilo que viria depois. Ninguém queria vender panelas. E agora... não há escolha: ou sustentas a família, ou agarras-te aos ideais soviéticos. Ou uma coisa, ou outra... sem alternativas... Escreves versos, dedilhas a guitarra, dão-te palmadinhas no ombro: « Anda lá! Continua!» – e o bolso vazio. Aqueles que saíram do país? Andam lá a vender panelas, a distribuir pizzas... colam caixas numa fábrica de cartão... Lá não é vergonha.

Compreendeu o que eu disse? Falei-lhe do Igor... Da nossa geração perdida – infância comunista e vida capitalista. Odeio a guitarra! Posso oferecer-lha.

34 Mikhail Svetlov (1903-1964), poeta e dramaturgo soviético (russo). (*N. do T.*)

35 Semion Gudzenko (1922-1953), poeta soviético (russo), escreveu muito sobre os jovens que saíam das escolas e iam para a frente da guerra. (*N. do T.*)

36 Jovem pioneiro que se juntou à resistência aos treze anos de idade, durante a ocupação alemã. (*N. do T.*)

Outra Bíblia e outros crentes

*Vassili Petróvitch N.,
membro do Partido Comunista desde 1922, 87 anos*

Pois sim... eu bem queria... No entanto, os médicos fizeram-me voltar... Mas eles sabem lá de onde nos fazem voltar? Eu sou ateu, é claro, mas na velhice sou já um ateu irreversível. Ficamos a sós com isso... com o pensamento de que é preciso partir... para qualquer parte... Pois sim... outro olhar... si-i-im. Para a terra... para a areia. Não posso olhar tranquilamente para a areia vulgar. Já sou velho há muito tempo. Fico sentado à janela com o gato. (*Tem o gato em cima dos joelhos. Afaga-o.*) Ligamos o televisor...

E, evidentemente, nunca pensei que viveria até ver erguer monumentos aos generais «brancos». Quem eram dantes os heróis? Os comandantes «vermelhos»... Frunze, Schors... E agora, é o Deníkin, é o Koltchak.. Embora ainda estejam vivos aqueles que se lembram de que os homens de Koltchak nos penduravam dos candeeiros. Os «brancos» venceram... Não é assim? E eu combati, combati. Para quê? Construí, construí... O quê? Se eu fosse escritor, escreveria as minhas memórias. Há pouco tempo ouvi pela rádio uma transmissão acerca da minha fábrica. Fui o primeiro diretor. Falaram de mim como se eu já tivesse morrido. Mas eu... estou vivo... Eles não podiam imaginar que eu ainda aqui estivesse... Sim! Pois é... (*Rimo-nos os três. O neto dele está conosco. A ouvir.*) Sinto-me como um objeto esquecido no depósito de um museu. Uma caveira poeirenta. Era um grande Império, de um mar a outro mar, do círculo polar até aos trópicos. Onde está ele? Vencido sem bombas... sem Hiroxima... Venceu Sua Majestade o Salame! A boa paparoca venceu! O *Mercedes-Benz*. O homem não precisa de mais nada, não lhe proponham nada mais. Não vale a pena. Só pão e espetáculo! E esta é a maior descoberta do

século XX. A resposta a todos os grandes humanistas e aos sonhadores do Kremlin. Mas nós... a minha geração... tínhamos grandes planos. Sonhávamos com a revolução mundial: « Sobre um monte de burgueses / Faremos o incêndio mundial.» Construiremos um mundo novo, faremos toda a gente feliz Parecíamos que isso era possível, eu acreditava sinceramente! Com toda a sinceridade! (*A tosse sufoca-o.*) A asma atormenta-me. Espere um pouco... (*Pausa.*) E pronto, vivi... vivi até ao futuro com o qual sonhávamos. Morriamos e matávamos por ele. Fez correr muito sangue, nosso e alheio... « Vai e morre sem desdouro! / Não é em vão a tua morte, / O que se constrói sobre o sangue / É uma causa nobre e forte...» « Não aprenderá a amar, o coração cansado de odiar...» (*Surpreendido.*) Lembro-me, não esqueci! A esclerose não me varreu tudo da memória. Não completamente. Aprendíamos estes poemas nas lições de formação política... Quantos anos se passaram? É horrível dizê-lo...

O que me transtorna? O que me deixa desolado? A ideia foi espezinhada! O comunismo foi votado ao anátema! Tudo voou em estilhaços! Eu sou um velho senil, um maníaco sanguinário... um assassino em série... É assim, não é? Vivo há demasiado tempo, não se pode viver tanto tempo. Não, não se pode... Viver muito tempo é perigoso. O meu tempo acabou antes da minha vida. Devemos morrer juntamente com o nosso tempo. Como os meus camaradas... Eles morreram cedo, com vinte ou trinta anos... Morreram felizes... Com a sua fé! Com a revolução no coração, como então se dizia. Tenho inveja deles. Você não compreende... tenho inveja deles... « Morreu o nosso jovem tambor...» Morreu com glória! Por uma grande causa! (*Fica pensativo.*) Eu vivi sempre ao lado da morte, mas pouco pensava na morte. Mas este verão levaram-me para a datcha. Eu olhava e voltava a olhar para a terra... ela estava viva...

– Morte e assassinio serão por acaso a mesma coisa? Você viveu entre assassínios.

(*Com irritação.*) Perguntas como essa... davam para ir parar ao pó de um campo de trabalhos. O Norte ou o fuzilamento – não havia muita escolha. No meu tempo não se faziam essas perguntas. Não tínhamos perguntas dessas! Nós... nós imaginávamos uma vida justa, sem pobres nem ricos. Morriamos pela revolução, morriamos como idealistas... como pessoas desinteressadas... Os meus amigos morreram há muito, fiquei sozinho. Já não tenho os meus interlocutores... à noite converso com os mortos. Mas vocês? Vocês não conhecem os nossos sentimentos nem as nossas palavras: « racionamento de produtos», « destacamento de abastecimento», « privado», « comité de pobres»... « derrotista», « reincidente». Para vocês é escrita sânscrita!

Hieróglifos! A velhice é, antes de mais, a solidão. O último velho meu conhecido, do prédio ao lado, morreu há cinco anos, ou talvez mais... há sete... À minha volta só há gente que eu não conheço. Há pessoas que vêm ter comigo: do museu, do arquivo... da enciclopédia... Sou um centro de informações... um arquivo vivo... Mas não tenho interlocutores... Com quem gostaria eu de falar? Talvez com Lazar Kagánovitch... Já restamos muito poucos, e aqueles que não estão senis são ainda menos. Ele é mais velho do que eu, já tem noventa. Li nos jornais... (*Ri-se.*) Nos jornais escrevem que os velhos no parque se recusam a jogar dominó e às cartas com ele. Mandam-no embora: «Facinora!» E ele chora, da ofensa. Em tempos foi um comissário do povo com mão de ferro. Assinava as listas de fuzilamentos, desgraçou dezenas de milhares de pessoas. Esteve ao lado de Estaline durante trinta anos. E na velhice não tem quem jogue com ele uma partida de cartas... ou de dominó... Os trabalhadores comuns desprezam-no... (*Continua em voz muito baixa. Não consigo perceber. Apenas capto algumas palavras.*) É horrível... viver muito tempo é horrível.

... Não sou historiador, nem versado em ciências humanas. É verdade que durante algum tempo trabalhei como diretor de um teatro, do nosso teatro municipal. Para onde quer que o Partido me enviasse, era aí que eu servia. Era devotado ao Partido. Pouco me lembro da vida, só me lembro do trabalho. O país era uma zona de construção... um alto-forno... uma forja! Agora já não se trabalha assim. Eu dormia três horas por dia. Três horas... Estávamos atrasados cinquenta ou cem anos em relação aos países mais desenvolvidos. Um século inteiro. O plano de Estaline era alcançá-los em quinze ou vinte anos. O célebre salto em frente. E nós acreditávamos que íamos alcançá-los! Agora as pessoas não acreditam em nada, mas nesse tempo acreditavam. Acreditavam facilmente. As nossas palavras de ordem: «Ataquemos com os nossos sonhos a desorganização industrial!», «Os bolcheviques devem dominar a técnica!», «Igualemos o capitalismo!». Eu não vivia em casa... vivia na fábrica... na construção. Sim... o telefone podia tocar às duas... às três horas da madrugada. Estaline não dormia, deitava-se tarde, e por conseguinte nós, os quadros dirigentes, não dormíamos. De cima a baixo. Tenho duas condecorações e três enfartes. Fui diretor de uma fábrica de pneus, chefieei um grupo de empresas de construção, daí passei a um grupo de tratamento de carnes. Dirigi o arquivo do Partido. Depois do terceiro enfarte deram-me o teatro... O nosso tempo... o meu tempo... foi um tempo grandioso! Ninguém vivia para si próprio... Recentemente, uma jovem bonitinha veio entrevistar-me. Começou por me «esclarecer» acerca dos tempos horríveis em que vivíamos. Ela leu nos livros.

Mas eu vivi lá. Nasci lá, é de lá que venho. Desses mesmos anos. E ela pôe-se a contar-me: « Eram escravos. Escravos de Estaline.» A fedelha! Eu não era escravo! Não era! Eu próprio duvido agora de tudo... Mas escravo não era... As pessoas têm muita confusão na cabeça. Confundem tudo: Koltchak e Tchapaiev, Denikin e Frunze... Lenine e o czar... Uma salada branca e vermelha. Uma misturada. Dançam o sapateado em cima dos túmulos! Aquela foi uma época grandiosa! Nunca mais viveremos num país tão poderoso e tão grande. Chorei quando a União Soviética se desagregou... Fomos imediatamente amaldiçoados, caluniados. O burguês venceu. O piolho. A minhoca.

A minha pátria é Outubro, Lenine... o socialismo... Eu amava a revolução! O Partido é para mim a coisa mais querida. Estive setenta anos no Partido. O cartão do Partido é a minha Bíblia. (*Declama.*) « Pela base destruiremos o mundo de antigamente / E o nosso mundo construiremos. / Quem não era nada será gente...» Queríamos construir o Reino de Deus na Terra. Um sonho belo mas quimérico, o homem ainda não está preparado para isso. É imperfeito. Pois sim... Mas desde Pugatchov e dos dezembristas... até Lenine... todos sonhavam com a igualdade e a fraternidade. Sem um ideal de justiça, a Rússia será outra e as pessoas também serão outras. Será um país completamente diferente. Ainda não acabaram com o comunismo. Não contem com isso. E o mundo ainda não o venceu. O homem sonhará sempre com a Cidade do Sol. Ele ainda se vestia de peles, vivia nas cavernas, mas já queria justiça. Lembrem-se das canções e dos filmes soviéticos... Que belo sonho! Que fé... Um *Mercedes* não é um sonho...

O neto mantém-se calado durante toda a conversa. Em resposta às minhas perguntas apenas conta algumas anedotas.

Das anedotas contadas pelo neto

O ano de 1937... Dois velhos bolcheviques estão fechados numa cela. Diz um deles: « Nós não viveremos até ao comunismo, mas os nossos filhos...» E o outro: « Coitados dos nossos filhos! »

Já sou velho há muito tempo... Mas a velhice também é interessante. Compreendemos que o homem é um animal... de repente revelam-se muitas coisas animais... É um tempo em que, como dizia Ranévskaja, as velas do bolo de anos custam mais do que o próprio bolo e metade da urina vai para análise. (*Ri-se.*) Nada nos livra da velhice: nem as condecorações, nem as medalhas... Nã-ã-ão... O frigorífico zumba, o relógio tiquetaqueia. Não

acontece mais nada. (*Falamos do neto, que está na cozinha a preparar o chá.*) É a vez dos filhos... Só têm o computador na cabeça... Este meu neto anda na nona classe, é o mais novo, disse-me: «Quero ler acerca de Ivan, o *Terrível*, mas sobre Estaline não quero. Estou farto do teu Estaline.» Não sabem nada, mas já estão fartos. Deixá-los lá! Todos amaldiçoam o ano de 1917. «Os parvos!», dizem sobre nós. «Porque é que eles fizeram a revolução?» Mas eu tenho na memória... Lembro-me das pessoas com os olhos ardentes. Os nossos corações ardião! Ninguém acredita em mim! Mas eu não estou louco... Lembro-me... sim... Aquelas pessoas não queriam nada para si próprias, o seu «eu» não estava, como agora, em primeiro lugar. Uma malga de sopa... uma casinha... um pequeno jardim... O importante era o «nós». Nós! Nós! Um amigo do meu filho, professor universitário, visita-me de vez em quando. Vai muitas vezes ao estrangeiro, faz conferências. Passamos o tempo a brigar. Eu falo-lhe de Tukhatchevski, e ele responde: «O comandante “vermelho” gazeou os camponeses de Tombov, enforcou os marinheiros de Kronstadt. Primeiro, vocês fuzilaram os nobres e os popes... isso em 1917... mas em 1937 vocês mesmos foram fuzilados...» Chegámos mesmo até Lenine. Mas Lenine não o cedo a ninguém! Morrirei com Lenine no coração! Agora... Espere... (*Um forte ataque de tosse. Devido à tosse, as palavras seguintes são difíceis de decifrar.*) Dantes construía-se uma esquadra, partia-se à conquista do cosmos, mas agora são palacetes, iates... Confesso francamente que muitas vezes não penso em nada... Os meus intestinos funcionarão hoje, ou não? – é o que importa de manhã. É assim que termina a vida.

... De que é que falávamos quando tínhamos dezoito, vinte anos? Falávamos da revolução e de amor. Éramos fanáticos da revolução. Mas também discutíamos muito o livro da Aleksandra Kollontai *O Amor das Abelhas Obreiras*, muito popular naquele tempo. A autora defendia o amor livre, ou seja, o amor sem afetações... «como quem bebe um copo de água»... Sem suspiros e sem flores, sem ciúmes e sem lágrimas. O amor com beijos e bilhetinhos era considerado um preconceito burguês. Um verdadeiro revolucionário devia vencer em si mesmo tudo isso. Até organizávamos reuniões sobre esse tema. As nossas opiniões dividiam-se: uns eram a favor do amor livre, mas com «florezinhas», quer dizer, com sentimentos, e outros sem quaisquer «florezinhas». Eu era a favor das «florezinhas», ao menos para os beijos. Sim! Pois sim... (*Ri-se.*) Precisamente por essa altura eu estava apaixonado, cortejava a minha futura mulher. Cortejava como? Líamos juntos Gorki: «A tempestade! Vai rebentar a tempestade!... O estúpido pinguim esconde timidamente o corpo

gordo nas rochas...» É ingênuo? Mas também excelente. Excelente, cos diabos! (*Ri-se como um jovem. E eu reparo como ele ainda é bonito.*) As danças... as danças vulgares... achávamo-las burguesas. Organizávamos processos contra as danças e puníamos os membros do Komsomol que dançavam ou que ofereciam flores às namoradas. Durante algum tempo até fui presidente do tribunal contra as danças. Devido a essa minha convicção « marxista », não aprendi a dançar. Depois arrependi-me. Nunca consegui dançar com uma mulher bonita. Era um urso! Organizávamos casamentos à Komsomol. Sem velas, sem coroas. Sem popes. Em vez do ícone, os retratos de Lenine e de Marx. A minha noiva tinha os cabelos compridos, cortou-os para o casamento. Desprezávamos a beleza. Isto era errado, é claro. Era um desvio, como se diz... (*Novo ataque de tosse. Faz-me sinal com a mão para que não desligue o gravador.*) Não é nada, não é nada... não posso adiar... Não tarda vou-me desfazer em fósforo, cálcio e tudo o mais. Quem mais lhe poderá dizer a verdade? Só ficaram os arquivos. Papéis. Pois... Trabalhei no arquivo e sei: os papéis mentem ainda mais do que as pessoas.

De que falava eu? Do amor... da minha primeira mulher... Quando nos nasceu um filho, chamámo-lhe Outubro. Em honra do décimo aniversário do Grande Outubro. Eu queria também uma filha. « Se queres um segundo filho de mim, quer dizer que me amas », disse ela, rindo-se. « E como chamaremos à nossa filha? » Eu gostava do nome Liublena, formado das palavras « amo Lenine ». A minha mulher escreveu numa folha de papel todos os seus nomes preferidos: Marxana, Stalina, Engelsina... Iskra... Os que estavam então na moda. Ainda tenho essa lista na secretária...

O primeiro bolchevique que eu vi foi na minha aldeia... Um jovem estudante com um capote de soldado. Falava na praça diante da igreja: « Agora uns andam com botas de couro, outros com alpercatas. Mas quando tivermos o poder bolchevique, todos serão iguais. » Os mujiques gritavam: « Iguais como? » « Chegará um tempo excelente em que as vossas mulheres usarão vestidos de seda e sapatos de salto. Não haverá ricos nem pobres. Todos estarão bem. » A minha mãe usaria um vestido de seda, a minha irmã sapatos de salto. Eu estudaria... Todos os homens passariam a viver como irmãos, todos seriam iguais. Como não gostar de um sonho como este? As pessoas pobres, que nada tinham, acreditaram nos bolcheviques. Os jovens seguiram os bolcheviques. Desfilávamos pelas ruas e gritávamos: « Abaixo dos sinos, viva o trator! » De Deus sabíamos apenas uma coisa: que ele não existe. Trocávamos dos padres, desfazíamos os ícones em casa. Em vez das procissões religiosas, manifestações com bandeiras vermelhas... (*Interrompe-se.*) Parece-me que já contei isto?

Esclerose... Estou velho... há muito tempo... Pois sim... O marxismo tornou-se a nossa religião. Eu era feliz por viver ao mesmo tempo que Lenine. Juntávamo-nos e cantávamos *A Internacional*. Com quinze, dezasseis anos eu já era membro do Komsomol. Comunista. Soldado da revolução. (*Silêncio.*) Não tenho medo da morte... na minha idade... Só é desagradável... É desagradável para mim por uma razão: alguém vai ter que se ocupar do meu corpo. As preocupações com o cadáver... Uma vez entrei numa igreja, travei conhecimento com o sacerdote. O padre: « Deve confessar-se. » Estou velho... E se Deus existe ou não, em breve ficarei a saber. (*Ri-se.*)

Andávamos famintos, seminus... Mas fazíamos os sábados de trabalho o ano inteiro, mesmo no inverno. Com o gelo! A minha mulher tinha um casquinho ligeiro, e estava grávida. Carregávamos carvão, lenha, empurrávamos as vagonetas na estação ferroviária. Uma rapariga desconhecida que trabalhava ao nosso lado perguntou à minha mulher: « Não tens nada mais quente? Isso é um casaco de verão » « Não tenho. » « Sabes, eu tenho dois. Tinha um ainda bom, e recebi um novo da Cruz Vermelha. Diz-me a tua direção que eu à noite levo-to. » E à noite trouxe-nos um casaco, não o seu casaco velho, mas o novo. Ela não nos conhecia, mas éramos membros do Partido e ela também: isso bastava. Éramos como irmãos e irmãs. No nosso prédio vivia uma rapariga cega, cega desde a infância, e chorava se não a levavam aos sábados de trabalho. Não podia ajudar grande coisa, mas cantava as canções connosco. Canções revolucionárias!

Os meus camaradas... jazem sob lajes de pedra... E na pedra está a gravação: « membro do Partido desde 1920... 1924... 1927... » Mesmo depois da morte era importante saber em que é que a pessoa acreditava. Os membros do Partido eram sepultados à parte, com um pano vermelho sobre o caixão. Lembro-me do dia da morte de Lenine... Como? Lenine morreu? Não é possível! Ele era um santo... (*Pede ao neto e este tira de uma prateleira e mostra-me os pequenos bustos de Lenine. De bronze, de ferro fundido, de porcelana.*) Tenho uma coleção. Tudo presentes. E ontem... Transmitiram pela rádio: alguém durante a noite cortou um braço da estátua de Lenine no centro da cidade. Para a sucata. Por alguns copeques... Era um ícone. Um deus! Agora é metal não ferroso. Vende-se e compra-se ao quilo... E eu ainda estou vivo... Amaldiçoam o comunismo! O socialismo é já uma porcaria! Dizem-me: « Quem é que hoje leva o marxismo a sério? O lugar dele é nos manuais de História. » Mas quem de nós pode dizer que leu as últimas obras de Lenine? Que conhece todo o Marx? Há o Marx do início... e há o Marx do fim da vida... Aquilo que hoje se critica como socialismo não tem qualquer relação com a

ideia socialista. A ideia não é culpada (*De novo não se percebe, devido à tosse.*) As pessoas perderam a sua história... ficaram sem fé... O que quer que se lhes pergunte, é o vazio no olhar. Os dirigentes aprenderam a persignar-se, e seguram a vela na mão direita, como um copo de vodka. Retiraram da naftalina a velha águia bicéfala... os pendões com os ícones... (*De súbito, com toda a clareza.*) O meu último desejo é que você escreva a verdade. Mas a minha verdade... não a sua. Para que a minha voz fique...

(Mostra fotografias e de vez em quando comenta-as.)

... Levaram-me à presença do comandante: « Que idade tens? », pergunta-me ele. « Dezasete anos », menti. Ainda não tinha dezasseis anos feitos. E assim me tornei soldado do Exército Vermelho. Deram-nos gorras e estrelas vermelhas para os gorros. Não havia gorros. Mas deram-nos as estrelas. O que é um Exército Vermelho sem estrelas vermelhas? Deram-nos espingardas. E nós sentíamos-nos defensores da revolução. À nossa volta era a fome, as epidemias. O tifo... a febre tifoide... o tifo exantemático... E nós estávamos felizes...

... Alguém retirou um piano da casa de um latifundiário, pilhada... Estava no jardim, à chuva. Os pastores traziam as vacas a pastar ali perto e tocavam nas teclas com as varas. A casa tinha sido incendiada por mujiques bêbedos. Pilharam-na. E para que precisa o mujique de um piano?

... Fizemos explodir uma igreja... Ainda hoje tenho nos ouvidos os gritos das velhas: « Meninos, não façam isso! » Imploravam. Agarravam-se-nos às pernas. A igreja estivera ali duzentos anos. Um lugar sagrado, como se diz. No lugar da igreja construíram-se as casas de banho da cidade. Obrigávamos os sacerdotes a tratar da limpeza. A limpar a merda. Agora... é claro... agora compreendo... Mas na altura... era divertido...

... Os nossos camaradas jaziam no campo... Na testa e no peito tinham estrelas recortadas. Estrelas vermelhas. Os ventres rasgados estavam cheios de terra: « Vocês queriam a terra, aí está! » Os nossos sentimentos eram: vitória ou morte! Talvez morrêssemos, mas sabíamos por que morríamos.

Ao pé do rio vimos oficiais « brancos » trespassados à baioneta. Suas Excelências tinham enegrecido ao sol. Dos ventres pendiam-lhes as dragonas... tinham as barrigas cheias de dragonas... Não senti pena! Tinha visto tantas pessoas mortas como vivas...

– Hoje temos pena de todos: dos « brancos » e dos « vermelhos ». Eu tenho pena.

Tem pena... Pena? (*Pareceu-me que a nossa conversa podia acabar por aqui.*) Pois sim... claro... « Os valores humanos universais » ... « O humanismo

abstrato» ... Eu vejo a televisão, leio os jornais. Mas para nós a piedade era uma palavra de sacerdote. Matem os esses canalhas dos «brancos»! Viva a ordem revolucionária! A palavra de ordem dos primeiros anos da revolução era: «Com mão de ferro, levaremos a humanidade à felicidade!» Se o Partido o disse – eu acredito no Partido! Portanto, acredito.

Na cidade de Orsk, perto de Oremburg. Dia e noite partiam comboios com famílias de *kulaks* para a Sibéria. Nós montávamos guarda à estação. Abro um vagão: a um canto há um homem seminu pendurado por um cinto. Uma mãe embala um bebê nos braços, e um rapazinho mais crescido está sentado ao lado. Come a sua própria merda com as mãos como se fosse papa. «Fecha!», grita-me o comissário. «Isso é canalha *kulak*. Não há lugar para eles na nova vida!» O futuro... devia ser bonito... Depois será bonito... eu acreditava! (*Quase grita*.) Acreditávamos numa vida magnífica. Utopia... era uma utopia... E vocês? Vocês têm a vossa utopia. O mercado. O paraíso do mercado. O mercado fará toda a gente feliz! Uma quimera! Andam os *gangsters* pelas ruas com casacos vermelhos e correntes de ouro até à pança. Uma caricatura do capitalismo, como nos desenhos da revista satírica soviética *Crocodilo*. Uma paródia! Em vez da ditadura do proletariado, a lei da selva: devora aquele que é mais fraco do que tu, e curva-te diante daquele que é mais forte. A mais antiga lei na Terra... (*Um ataque de tosse. Uma paragem*.) O meu filho usava o barrete à Budioni com uma estrela vermelha... Na infância esse foi o melhor presente de aniversário. Há muito tempo que não ando pelas lojas. Ainda lá se vendem *budionovkas*? Usaram-se durante muito tempo. No tempo de Khrushchov ainda se usavam. Qual é agora a moda? (*Tenta sorrir*.) Estou desatualizado... é claro... Sou já antigo... O meu único filho... já morreu... Acabo os meus dias com a minha nora e os meus netos. O meu filho era historiador e um comunista convicto. E os netos? (*Com ironia*.) Os meus netos leem o Dalai-Lama. Em vez d'O *Capital*, têm o *Maabarata*, a Cabala... Agora todos creem em coisas diferentes. Pois é... Agora é assim... O homem quer sempre acreditar em alguma coisa. Em Deus ou no progresso técnico. Na química, nos polímeros, na inteligência cósmica. Agora, é no mercado. Bem, admitamos que haverá comida, e depois? Entro no quarto dos meus netos – tudo ali é estrangeiro: camisas, calças de ganga, livros, música, até a escova de dentes é estrangeira. As estantes estão cheias de latas vazias de *Coca-Cola* e *Pepsi*... Papuas! Vão ao supermercado como quem vai ao museu. Festejar o dia de aniversário no McDonald's, é fixe! «Avô, fomos à Pizza Hut!» É a meca! Perguntam-me: «Tu acreditavas mesmo no comunismo? E porque não nos humanoides?» Eu sonhava: paz nas choupanas, guerra nos palácios, mas

eles querem ser milionários. Aparecem aí os amigos deles, oiço-lhes as conversas: « Quero viver num país fraco, mas com iogurtes e boa cerveja.» « O comunismo é um resíduo!» « O caminho da Rússia é a monarquia. Deus proteja o czar!» Ouvem canções: « Tudo irá bem, tenente Galitsin / Os comissários vão pagar por tudo isto...» Mas eu estou vivo... ainda aqui estou... (*Olha para o neto. Este está calado.*) Nas lojas há muito salame, mas não há pessoas felizes. Não vejo pessoas com os olhos ardentes.

Das anedotas contadas pelo neto

Uma sessão de espiritismo. Conversa entre um professor e um velho bolchevique. O professor: « Na ideia do comunismo insinuou-se desde o início um erro. Lembra-se da canção: “A nossa locomotiva, voa em frente / A paragem é na comuna...”?» O velho bolchevique: « Claro que me lembro. Mas qual é o erro?» O professor: « As locomotivas não voam.»

Primeiro prenderam a minha mulher... Saiu para ir ao teatro e não voltou. Regressei do trabalho: o meu filho estava a dormir com o gato no vestíbulo, em cima do tapete. À espera da mãe, adormeceu. A minha mulher trabalhava como engenheira numa fábrica de calçado. « Passa-se qualquer coisa incompreensível », dizia ela. « Prenderam todos os meus amigos. É uma traição qualquer... » « Tu e eu não somos culpados de nada, a nós não nos prendem. » Eu estava convicto disso... Absolutamente convencido... sinceramente! A princípio eu era leninista, depois estalinista. Até 1937 fui estalinista. Acreditava em tudo o que Estaline fazia e dizia. Sim... era um guia genial... o maior de todos os tempos e de todos os povos. Mesmo quando Bukhárin, Tukhatchev e Bliúkker foram declarados inimigos do povo, eu acreditei nele. Era uma ideia tola, mas eu pensava: « Andam a enganar Estaline, há traidores nas altas esferas. O Partido há de resolver. » Mas prenderam a minha mulher, uma combatente honesta e dedicada ao Partido.

Três dias depois vieram-me buscar... Começaram por farejar no fogão: não cheiraria a fumo, não teria eu queimado alguma coisa? Eram três. Um andava pelo apartamento e escolhia objetos: « Já não vai precisar disto. » Retirou o relógio de parede. Eu estava pasmado... não esperava... E ao mesmo tempo havia naquilo qualquer coisa de humano, incutia esperança. Esta baixeza humana... Si-i-im... Queria dizer que aquelas pessoas tinham sentimentos... A busca durou das duas horas da madrugada até ao amanhecer. Havia muitos livros em casa, folhearam-nos todos. Apalparam as roupas. Rasgaram as almofadas...

Tive bastante tempo para pensar. Tentava febrilmente recordar. Já estavam em curso as prisões em massa. Todos os dias levavam alguém. A situação era bastante assustadora. Prendiam uma pessoa, todos em volta se calavam. Fazer perguntas era inútil. No primeiro interrogatório, o instrutor do processo declarou-me: « Você já é culpado por não ter denunciado a sua mulher.» Mas isto foi já na prisão... Durante a busca eu revia tudo mentalmente. Tudo... Lembrei-me apenas de uma coisa... Lembrei-me da última conferência do Partido na cidade... Recitávamos as saudações ao camarada Estaline, e toda a sala se levantou. Uma tempestade de ovações: « Viva o camarada Estaline, organizador e inspirador das nossas vitórias!», « Viva Estaline!», « Viva o nosso guia!» . Quinze minutos... meia hora... Todos se viravam uns para os outros, mas ninguém queria ser o primeiro a sentar-se. Toda a gente estava em pé. Eu, não sei porquê, sentei-me. Maquinalmente. Dois homens à civil aproximaram-se de mim: « Camarada, porque é que está sentado?» Levantei-me de um salto! Saltei como que escaldado. Durante todo o intervalo passei o tempo a olhar em redor. Esperava que me viessem prender... *(Pausa.)*

A busca terminou ao amanhecer. Uma ordem: « Prepare-se.» A ama acordou o meu filho... Antes de sair consegui murmurar-lhe: « Não digas a ninguém o que aconteceu ao papá e à mamã.» Por isso ele se salvou. *(Aproxima mais o gravador.)* Registe, enquanto eu estou vivo... « E. v.» ... « Enquanto vivo» ... escrevo isto nos cartões de parabéns. É verdade que já não tenho ninguém a quem os mandar... Perguntam-me muitas vezes: « Porque é que estavam sempre calados?» « Era assim naquela época.» Eu achava que a culpa era dos traidores – Iagoda, Ejov – mas não do Partido. Cinquenta anos depois é fácil julgar. Fazer troça... dos velhos parvos... Naquele tempo eu caminhava com todos os outros, mas agora já nenhum deles está cá...

... Estive um mês isolado numa cela. Uma espécie de ataúde de pedra, mais largo em cima, mais estreito em baixo. Um corvo habituou-se a vir à minha janela, dava-lhe a comer a cevada da minha sopa. Desde então o corvo é a minha ave preferida. Na guerra... Terminado o combate, fica o silêncio. Os feridos foram recolhidos, só restam os mortos. Não há mais pássaro nenhum além dos corvos.

... Os interrogatórios começaram ao fim de duas semanas. Se eu sabia que a minha mulher tinha uma irmã no estrangeiro? « A minha mulher é uma comunista honrada.» Em cima da secretária estava uma denúncia, assinada – eu não conseguia acreditar! – pelo nosso vizinho. Reconheci a letra, e a assinatura. Era um meu camarada, pode-se dizer, desde a guerra civil. Um militar... de alta

patente... Estava mesmo um pouco apaixonado pela minha mulher e eu tinha ciúmes. Pois sim... tinha ciúmes... Eu amava muito a minha mulher... a minha primeira mulher... O juiz de instrução repetiu-me em pormenor as nossas conversas. Compreendi que não me tinha enganado... sim, era o vizinho... todas aquelas conversas foram na presença dele... A história da minha mulher é esta: era dos arredores de Minsk Bielorrussa. Depois da Paz de Brest uma parte dos territórios da Bielorrússia passaram para a Polónia. Os pais dela e a irmã ficaram lá. Os pais morreram pouco depois, mas a irmã escrevia-nos: « Antes quero ir para a Sibéria do que ficar na Polónia.» Ela queria viver na União Soviética. Nesse tempo o comunismo era popular na Europa. Em todo o mundo. Muitos acreditavam nele. Não apenas as pessoas simples, mas também a elite ocidental. Escritores: Aragon, Barbusse... A Revolução de Outubro era um « ópio para os intelectuais ». Li isto em qualquer parte... agora leio muito. (*Toma fôlego.*) A minha mulher era « inimiga » ... Portanto, precisavam de uma « atividade contrarrevolucionária » ... Queriam fabricar uma « organização... terrorista clandestina » ... « Com quem se encontrava a sua mulher? A quem passava ela planos? » Quais planos! Neguei tudo. Espancaram-me. Pisavam-me com as botas. Tudo gente nossa. Eu tinha o cartão do Partido, eles também tinham o cartão do Partido. E a minha mulher também tinha o cartão do Partido.

... Meteram-me numa sala comum... Cinquenta pessoas na sala. Levavam-nos duas vezes por dia para as necessidades. E o resto do tempo? Como explicar isto a uma dama? À entrada havia uma enorme cuba... (*Com raiva.*) Experimente sentar-se a cagar diante de toda a gente! Davam-nos arenques e não nos davam água. Cinquenta pessoas... Espiões ingleses... japoneses... Um velho aldeão analfabeto... Prenderam-no por ter incendiado uma cavalaria. Um estudante por ter contado uma anedota... Um retrato de Estaline pendurado na parede. Um conferencista fala sobre Estaline. Um coro canta uma canção sobre Estaline. Um ator declama versos sobre Estaline. O que é isto? Um serão dedicado ao centenário da morte de Púchkin. (*Eu rio-me, mas ele não.*) O estudante apanhou dez anos de trabalhos forçados sem direito a correspondência. Havia um chofer preso por ser parecido com Estaline. E de facto era parecido. O diretor de uma lavanderia, um cabeleireiro sem partido, um polidor... Eram principalmente pessoas simples. Mas havia também um investigador, folclorista. À noite contava-nos histórias... contos para crianças... E todos escutavam. O folclorista tinha sido denunciado pela própria mãe. Uma velha bolchevique. Só uma vez lhe mandou cigarros, antes de ele partir para os trabalhos forçados. Sim... Estava um velho socialista-revolucionário, que se regozijava abertamente:

« Fico muito contente por também vocês, os comunistas, estarem aqui presos sem perceberem nada, tal como eu.» Um contrarrevolucionário! Eu pensava que o poder soviético já não existia. E Estaline também não.

Das anedotas contadas pelo neto

Uma estação ferroviária... Centenas de pessoas. Um homem de casaco de cabedal procura desesperadamente alguém. Encontra-o! Aproxima-se de outro homem com um casaco igual: « Camarada, tu és do Partido ou sem partido? » « Sou do Partido. » « Nesse caso diz-me onde é aqui a retrete? »

Tiravam tudo: cinto, cachecol, atacadores dos sapatos, mas mesmo assim uma pessoa podia matar-se. Tive esse pensamento. Pois sim... pensei nisso... Enforcar-me com as calças ou com o elástico das cuecas. Eles batiam-me na barriga com um saco de areia. Saía tudo de mim como de uma minhoca. Penduravam-me num gancho. Idade Média! Escorremos por todo o lado, já não conseguimos controlar o nosso organismo. Suportar um sofrimento assim... é humilhante! É mais simples morrer... (*Interrompe-se.*) Na prisão encontrei um meu velho camarada, Nikolai Verkhovtsev, membro do Partido desde 1924. Ensinava numa faculdade operária. Conheciam-se todos... era um pequeno círculo... Alguém leu em voz alta o jornal *Pravda*, onde havia a informação de que no gabinete do Comité Central se tinha tratado da questão da fecundação das éguas. E ele, por brincadeira, disse que no Comité Central não tinham mais assuntos a tratar do que a fecundação das éguas. Nessa mesma noite foi preso. Apertaram-lhe os dedos da mão numa porta, quebraram-lhe os dedos, como quem quebra lápis. Mantiveram-no durante dias com uma máscara de gás. (*Silêncio.*) Não sei como contar agora estas coisas... Em suma, uma barbárie. Uma humilhação. Somos um bocado de carne... estendido na urina... Verkhovtsev teve um juiz de instrução sádico. Nem todos eram sádicos... Acima deles fixavam-lhes um limite, um plano sobre inimigos do povo, um plano mensal e anual. Eles revezavam-se, bebiam chá, telefonavam para casa, namoriscavam as médicas que eram chamadas quando uma pessoa perdia os sentidos devido à tortura. Para eles era um serviço... um turno... Mas, para nós, era toda a vida que levava uma reviravolta. Coisas assim... O juiz de instrução que dirigia o meu processo tinha sido antes diretor de uma escola. Dizia-me: « Você é um homem ingénuo. Acabamos consigo e redigimos um auto – tentativa de fuga. Sabe o que Gorki disse: “Se o inimigo não se rende, destruímo-lo.” » « Eu não sou um inimigo. » « Compreenda: nós só não receamos a pessoa

arrependida, destruída.» Discutia com ele sobre este tema... O segundo juiz de instrução era um oficial de carreira. Sentia-se que para ele era uma maçada preencher aqueles papéis. Estavam sempre a escrever. De uma vez, deu-me um cigarro. As pessoas ficavam presas muito tempo, durante meses. Entre os carrascos e as vítimas estabeleciam-se relações, não propriamente humanas, mas umas certas relações. Uma coisa não excluía a outra... « Assine.» Eu leio o auto. « Eu não disse isto.» Espancam-me. Com aplicação. Todos eles foram depois fuzilados, ou enviados para os campos de trabalhos.

Uma manhã abriram a porta da cela. Uma ordem: « Para fora!» Eu estava em camisa, quis vestir-me. « Não!» Levam-me para uma cave... O juiz de instrução já ali estava à minha espera com um papel: « Assina, sim ou não?» Recuso-me. « Nesse caso, para a parede!» Pum! Um disparo acima da cabeça... « Bem, e então, assina?» Pum! E assim três vezes. Conduzem-me de volta, por uma espécie de labirinto... tantos subterrâneos na prisão! Eu não suspeitava. Conduziam o preso de tal maneira que ele não visse nada, nem reconhecesse ninguém. Se visse alguém em sentido contrário, a escolta ordenava: « Focinho para a parede!» Mas eu já tinha experiência. Olhava à socapa. Assim encontrei o meu antigo chefe nos cursos de comandantes « vermelhos ». E o meu antigo professor na escola do Partido... (*Silêncio.*) Eu e Verkhovtsev falávamos francamente: « São criminosos! Arruinam o poder soviético. Terão de responder por isso.» Ele foi algumas vezes interrogado por uma mulher: « Quando me torturam, ela fica bonita. Tu compreendes, nesses momentos ela é bonita.» Era um homem impressionável. Foi por ele que eu soube que Estaline na juventude escrevia versos... (*Fecha os olhos.*) Ainda hoje me acontece acordar com suores frios: também a mim me podiam ter mandado para o serviço do Ministério do Interior. E eu teria ido. Tinha o cartão do Partido no bolso. O caderninho vermelho.

Tocam à porta. Chegou uma enfermeira. Mediu-lhe a tensão, deu-lhe uma injeção. A conversa continuou durante esse tempo, embora entrecortada.

... Um dia tive este pensamento: o socialismo não resolve o problema da morte. Da velhice. Do sentido metafísico da vida. Passa ao lado. Só na religião há uma resposta para isso. Si-i-i-im... Se eu tivesse conversas destas em 1937...

... Leu o livro de Aleksandr Beliáev *O Homem Anfíbio?* Um cientista genial quer fazer o filho feliz e transforma-o num homem anfíbio. Mas o filho depressa se aborrece de estar sozinho no oceano. Quer ser como toda a gente: viver na

terra, amar uma rapariga normal. Isso já não é possível. E ele morre. O pai pensou que tinha penetrado num segredo... Que era um deus! Ai está a resposta a todos os grandes utopistas!

... A ideia era excelente! Mas o que quer fazer com o ser humano? O homem não mudou desde o tempo da antiga Roma ...

(A enfermeira saiu. Ele fecha os olhos.)

Espere... em todo o caso quero acabar... Ainda tenho forças para uma hora. Continuemos... Estive quase um ano na prisão. Já me preparava para o tribunal. Para o campo de trabalhos. Estava admirado: porque é que eles arrastavam o meu caso? Em meu entender, não havia naquilo nenhuma lógica. Milhares de processos... Um caos... Ao fim de um ano fui chamado por um novo juiz de instrução... O meu processo foi revisto. Libertaram-me, tiraram-me todas as acusações. Portanto, foi um erro. O Partido confiava em mim! Estaline era um grande encenador... Precisamente por essa altura eliminou o «anão sanguinário», o comissário do povo Ejov. Foi julgado e fuzilado. Começava a reabilitação. O povo respirou: a verdade chegou a Estaline... Era apenas uma trégua antes de uma nova vaga de sangue... Um jogo! Mas toda a gente acreditou, e eu também acreditei. Despedi-me de Verkhovtsev... Ele mostrou-me os seus dedos quebrados: «Já estou aqui há dezanove meses e sete dias. Ninguém me deixará sair daqui. Têm medo.» Nikolai Verkhovtsev... membro do Partido desde 1924... fuzilado em 1941, quando os Alemães se aproximavam da cidade. O Ministério do Interior fuzilava todos os presos que não conseguia evacuar. Soltaram toda a escumalha dos criminosos, mas todos os «políticos» foram liquidados como traidores. Os Alemães entraram na cidade, abriram os portões da prisão e encontraram um monte de cadáveres. Os habitantes da cidade eram levados à prisão antes que os corpos se corrompessem – para verem o que era o poder soviético.

Encontrei o meu filho com pessoas estranhas, a ama levou-o para o campo. Ele gaguejava, tinha medo do escuro. Passámos a viver os dois. Eu procurava obter algumas informações sobre a minha mulher. E ao mesmo tempo, a reintegração no Partido. Que me devolvessem o cartão. Ano Novo... Tínhamos em casa uma árvore decorada, esperávamos convidados. Tocaram à porta. Fui abrir, no limiar estava uma mulher mal vestida: «Vim trazer-lhe saudações da sua mulher.» «Está viva!» «Há um ano estava viva. Durante algum tempo trabalhei com ela num curral de porcos. Roubávamos batatas geladas aos porcos, e graças a isso não morremos. Não sei se ela agora está viva.» Saiu à pressa. Eu não a retive. Estavam a chegar os convidados... *(Silêncio.)* Toca o carrilhão.

Abrimos uma garrafa de champanhe. E o nosso primeiro brinde foi « Por Estaline! ». É verdade...

Ano de 1941...

Toda a gente chorava... Mas eu berrava de felicidade – a guerra! Ia para a guerra! Ao menos isso era-me permitido. Enviavam-me. Pedi para ir para a frente. Durante muito tempo não me aceitaram. O comandante do recrutamento era meu conhecido. « Não posso. Tenho instruções... não aceitar inimigos ». « Inimigo como? Eu sou um inimigo? » « A tua mulher está num campo de trabalhos pelo artigo 58 – atividade contrarrevolucionária. » Kiev caiu... combates junto a Estalinegrado... Eu invejava todos os que andavam de uniforme militar – defendiam a Pátria! Até raparigas partiam para a frente... E eu? Escrevi uma carta ao Comité Distrital do Partido: « Fuzilem-me ou mandem-me para a frente! » Dois dias depois, recebi a minha guia de marcha – em vinte e quatro horas comparecer no ponto de concentração. A guerra era a salvação... a única possibilidade de recuperar a minha honra. Fiquei contente.

... Lembro-me bem da revolução. Depois, desculpe, já não me lembro tão bem. Mesmo da guerra já me lembro menos, embora esteja mais perto no tempo. Lembro-me de que nada mudou. Só o armamento no final da guerra era já outro – nem sabres, nem espingardas, mas as *katiuchas*. E a vida do soldado? Como antes, podíamos comer sopa de cevada e papas de trigo, andar durante meses com a roupa suja. Não nos lavamos. Dormir no chão. E se não fôssemos assim, como poderíamos vencer?

... Avançávamos para o combate... Disparam metralhadoras contra nós! Todos se deitaram no chão. De repente surge também um morteiro, que desfaz as pessoas em bocados. Ao meu lado caiu um comissário: « Que fazes tu aí deitado, contrarrevolucionário! Em frente! Acabo contigo! »

Junto a Kursk encontrei o meu juiz de instrução. O antigo diretor de escola... Pensei: « Bem, espera aí, seu miserável, estás nas minhas mãos. Na batalha acabo contigo pela calada. » Pensei... Sim... Queria. Não tive tempo. Uma vez até conversei com ele. « Temos a mesma Pátria », foram as palavras dele. Era um homem corajoso, heroico. Morreu perto de Koenigsberg. O que hei de dizer? ... Posso dizer... pensei que Deus fez o trabalho por mim... Não vou mentir...

Voltei com dois ferimentos. E três condecorações e medalhas. Chamaram-me ao Comité Distrital do Partido: « Infelizmente, não lhe podemos devolver a sua mulher. Morreu. Mas a honra restituímo-la... » Entregaram-me o meu cartão do Partido. E eu fiquei feliz! Fiquei feliz...

Digo-lhe que nunca poderia compreender isso. Ele explode.

Não nos podem julgar pelas leis da lógica. Seus contabilistas! Tente compreender! Só nos podem julgar pelas leis da religião. Da fé! Ainda acabará por nos invejar! Que é que vocês têm de grande? Nada. Só o conforto. Tudo para o estômago... para os doze metros de intestinos... Encher a pança e rodear-se de bibelôs... Mas eu... a minha geração... Tudo o que vocês têm fomos nós que construímos. Fábricas, barragens... centrais elétricas... E o que fizeram vocês? E vencemos o Hitler. Depois da guerra... Se nascia uma criança a alguém, era uma alegria! E não era a mesma alegria de antes da guerra. Era outra alegria. Eu até podia chorar... (*Tapa os olhos. Está cansado.*) A-a-ah!... Acreditávamos... E agora leram-nos a sentença. Vocês acreditavam na utopia... Acreditávamos! O meu romance preferido é *Que Fazer?*, de Tchernichesvki... Agora já não o leem. Acham-no enfadonho. Leem apenas o título, a eterna pergunta russa: que fazer? Para nós era um catecismo. Um manual da revolução. Aprendíamos de cor páginas inteiras. O quarto sonho de Vera Pávlovna... (*Recita como se fossem versos.*) «Casas de cristal e de alumínio... Palácios de cristal! Pomares de limoeiros e laranjeiras no meio das cidades. Quase não há velhos, as pessoas envelhecem muito tarde, porque a vida é bela. Tudo é feito pelas máquinas, as pessoas só viajam e dirigem as máquinas... As máquinas ceifam, atam... Os terrenos são densos e férteis. As flores são como árvores. Toda a gente é feliz. Alegre. Vestem roupas bonitas, homens e mulheres. Levam uma vida livre, uma vida de trabalho e de deleite. Há espaço e trabalho para todos. Será possível que sejamos nós? Será esta a nossa terra? E toda a gente viverá assim? Um futuro radioso e magnífico...» Olhe... (*Acena a cabeça para o neto.*) Ele ri-se... Para ele sou um parvinho. Vivemos assim.

– Dostoevski tem uma resposta a Tchernichevski: «Construa, construa o seu palácio de cristal, e eu vou lá atirar pedras... E não será por ter fome e viver numa cave, mas apenas porque sim, porque quero...»

(*Irrita-se.*)

Pensa que o comunismo, essa praga, como agora escrevem nos jornais, nos foi enviado da Alemanha num vagão selado? Que disparate! O povo revoltou-se. Não existiu essa «idade de ouro» no tempo do czar, de que agora se lembraram de repente. Contos! E que alimentávamos a América com o nosso pão, e decidíamos os destinos da Europa. Que o soldado russo morria por todos, isso é verdade. Mas a vida... Na nossa família havia um par de botas para cinco filhos. Comíamos batatas com pão, e no inverno sem pão. Só batatas... E você pergunta: de onde vieram os comunistas?

Lembro-me de tantas coisas... Mas para quê? Para quê? O que hei de eu

fazer agora com isso? Nós amávamos o futuro. Os homens futuros. Discutíamos quando chegaria esse futuro. Dentro de cem anos, por certo. Mas isso parecia-nos demasiado longe... (*Retoma o fôlego.*)

Eu desligo o gravador.

Sem gravador... Está bem... Preciso de contar isto a alguém...

Eu tinha quinze anos. Chegaram à nossa aldeia uns soldados do Exército Vermelho. A cavalo, bêbedos. Um destacamento de abastecimento. Dormiram até à tarde, e à tarde reuniram todos os membros do Komsomol. O comandante falou: «O Exército Vermelho passa fome. Lenine passa fome. E os *kulaks* escondem o trigo. E queimam-no.» Eu sabia que um irmão da minha mãe... o tio Simeon... tinha levado para a floresta sacos de cereais e os havia enterrado. Eu era do Komsomol. Tinha feito um juramento. À noite fui ter com o destacamento e levei-os a esse lugar. Eles carregaram uma carroça. O comandante apertou-me a mão: «Cresce depressa, irmão.» De manhã acordei com os gritos da minha mãe: «A casa do Semion está a arder!» Encontraram o tio Simeon na floresta... os soldados tinham-no cortado aos bocados com os sabres... Eu tinha quinze anos. O Exército Vermelho passava fome... Lenine... Fiquei com medo de sair à rua. Ficava em casa e chorava. A minha mãe adivinhou tudo. De noite pôs-me nas mãos um bernal: «Vai-te, meu filho! Que Deus te perdoe, infeliz.» (*Tapa os olhos com a mão. Mas eu vejo que ele está a chorar.*)

Quero morrer comunista. É o meu último desejo...

Nos anos noventa publiquei apenas uma parte desta confissão. O meu herói deu o seu relato a ler a alguém, aconselhou-se e convenceram-no de que a publicação integral «lança uma sombra sobre o Partido». E isso era o que ele mais receava. Depois da sua morte, encontraram o testamento: o seu grande apartamento de três assoalhadas no centro da cidade deixava-o não aos netos, mas «para as necessidades do querido Partido Comunista, a quem devo tudo». Sobre isso escreveram até no jornal da cidade. Semelhante procedimento era já incompreensível. Todos se riram do velho louco. Ninguém mandou colocar qualquer memorial na sua sepultura.

Agora decidi publicar o relato na íntegra. Tudo isto pertence agora mais a um tempo do que a uma só pessoa.

A crueza das chamas
e a salvação que vem do alto

*Timerian Zinatov,
antigo combatente, 77 anos*

DOS JORNAIS COMUNISTAS

Timerian Khabulevitch Zinatov foi um dos heroicos defensores da fortaleza de Brest, que sofreu o primeiro choque das tropas hitlerianas na manhã de 22 de junho de 1941.

De nacionalidade tártara, antes da guerra era cadete no 42.º Regimento da 4.ª Divisão de Atiradores. Foi ferido nos primeiros dias de defesa da fortaleza e feito prisioneiro. Fugiu duas vezes do campo de concentração alemão, da segunda vez com êxito. Terminou a guerra no Exército ativo, tal como a tinha começado – como soldado raso. Pela defesa da fortaleza de Brest foi condecorado com a Ordem da Guerra Patriótica, de segunda classe. Depois da guerra percorreu todo o país, trabalhou nos estaleiros do extremo norte, na construção do caminho de ferro Baikal-Amur e, quando se reformou, ficou a viver na Sibéria, em Ust-Kut.

Apesar de Ust-Kut ficar a milhares de quilómetros de distância de Brest, Timerian Zinatov viajava todos os anos para Brest e oferecia um bolo aos colaboradores do museu. Todos o conheciam. Por que razão visitava ele tantas vezes a fortaleza? Tal como os seus amigos de regimento, com quem ali se encontrava, só na fortaleza se sentia seguro. Ali nunca ninguém duvidava de que eles eram verdadeiros heróis e não impostores. Na fortaleza ninguém lhes lançava à cara: «Se vocês não tivessem vencido, agora bebíamos cerveja bávara e vivíamos na Europa.» Os papalvos adoradores da *perestroika!* Deviam saber que se os avós deles não tivessem vencido, seríamos um país de criadas e

guardadores de porcos. Hitler escreveu que era preciso ensinar às crianças eslavas a contar apenas até cem...

Zinatov veio a Brest pela última vez em setembro de 1992; tudo se passou como habitualmente: encontrou-se com os seus amigos de combate, passeou pela fortaleza. Notou, é claro, que o fluxo de visitantes tinha diminuído significativamente. Neste tempo, tornou-se moda denegrir o nosso passado soviético e os seus heróis...

Chegou a hora do regresso... Na sexta-feira despediu-se de todos, dizendo que voltava para casa no fim de semana. Ninguém podia pensar que desta vez ele tinha vindo à fortaleza para ali ficar para sempre.

Quando, na segunda-feira, os colaboradores do museu chegaram ao trabalho, receberam um telefonema da direção dos transportes: um defensor da fortaleza de Brest, que sobrevivera aos sangrentos combates de 1941, atirara-se para debaixo de um comboio...

Alguém se lembrou depois de um velho muito bem arranjado, com uma maleta, que estivera longo tempo parado no cais. Encontraram-lhe sete mil rublos, que ele trouxera de casa para pagar o seu próprio funeral, e uma carta em que amaldiçoava o Governo de Eltsin e Gaidar por toda esta vida de humilhação e de miséria pela qual são responsáveis. E pela traição à Vitória. Pedia que o enterrassem na fortaleza.

Da carta escrita antes de morrer:

«... se eu tivesse morrido na guerra, das minhas feridas, sabia que morria pela Pátria. Mas agora morro de uma vida de cão. Que escrevam isto na minha sepultura... Não pensem que estou louco...»

«... prefiro morrer de pé a pedir de joelhos um mísero subsídio para prolongar a minha velhice e andar de mão estendida até à morte! Portanto, meus caros, não me julguem com severidade e coloquem-se no meu lugar. Deixo meios para que me enterrem, assim espero, se não me roubarem... não preciso de caixão... As roupas que tenho vestidas bastam-me, mas não se esqueçam de me meter no bolso o certificado de defensor da fortaleza de Brest – para os nossos descendentes. Nós fomos heróis, e morremos na miséria! Tenham saúde, não lamentem um tártaro que protesta em nome de todos. Morro, mas não me rendo. Adeus, Pátria!»

Depois da guerra, tinha sido encontrada nos subterrâneos da fortaleza de Brest uma inscrição traçada a baioneta: «Morro, mas não me rendo. Adeus, Pátria!»

22.VII.41.» Por decisão do Comité Central, esta frase tornou-se o símbolo da coragem do povo soviético e da dedicação à causa do PCUS. Os defensores da fortaleza de Brest sobreviventes afirmavam que o autor dessa inscrição era o cadete Timerian Zinatov, um tártaro sem partido, mas convinha mais aos ideólogos comunistas que ela pertencesse a um soldado desconhecido morto em combate.

As autoridades municipais de Brest assumiram as despesas do funeral. Enterraram o herói com a verba destinada « à conservação urbanística» ...

Partido Comunista da Federação Russa,
Sistemni vzgliad, n.º 5.

Porque é que o velho soldado Timerian Zinatov se atirou para debaixo do comboio? Começarei de longe... Por uma carta dirigida ao *Pravda* por Víktor Iákovlevitch Iákovlev, da aldeia Leninegrádskaia, da região de Krassnodar. Participante da Grande Guerra Patriótica, defensor de Moscovo em 1941 e da parada em honra do quinquagésimo quinto aniversário da Vitória. Uma enorme afronta fez com que escrevesse à redação...

Recentemente, ele e um amigo (antigo coronel e também veterano da guerra) viajaram para Moscovo. Para essa ocasião, vestiram os melhores casacos com as suas condecorações. Cansados de um dia passado na capital ruidosa, ao chegarem à estação de Leninegrado quiseram sentar-se um pouco enquanto esperavam o comboio. Como não houvesse lugares vagos, entraram numa sala vazia onde havia um bufete e poltronas macias.

Uma rapariga que servia as bebidas na sala aproximou-se logo deles e indicou-lhes grosseiramente a saída: « Não podem entrar aqui. Esta sala é reservada aos negócios!» Segue-se uma citação da carta: « “Portanto, isto aqui é para ladrões e especuladores, e nós não temos direitos? Como em tempos na América: entrada proibida a negros e a cães.” Não havia mais nada a dizer, era tudo claro. Voltámo-nos e saímos. Mas eu consegui notar que alguns daqueles chamados homens de negócios, mas que são simplesmente gatunos, estavam ali a grasnar, a comer e a beber... Já toda a gente se esqueceu de que nós vertemos aqui o nosso sangue... Estes patifes dos Tchubaiss, dos Vekselberg, dos Gref tiraram-nos tudo... O dinheiro e a honra. O passado e o presente. Tudo! E agora arregimentam os nossos netos no seu exército para lhes defender os milhões. Pois eu quero perguntar: para que é que nós combatemos? Estivemos metidos nas trincheiras, no outono, com água pelos joelhos, no inverno, com os gelos cortantes – com a neve pelos joelhos, meses sem mudar de roupa e sem dormir

normalmente. Foi assim em Kalinin, em Iakhroma, em Moscovo... Lá não nos dividíamos em ricos e pobres...»

Pode-se dizer, é claro, que o veterano não tem razão, que nem todos os homens de negócios são « ladrões e especuladores» . Mas olhem os olhos dele o nosso país pós-comunista... A arrogância desses novos senhores da vida, o seu desprezo pelas « pessoas de ontem» , que, como escrevem as revistas de luxo, exalam um « cheiro a pobreza» . Segundo a opinião dos autores dessas publicações, é esse o cheiro das sessões solenes nas grandes salas no dia da Vitória, para onde uma vez por ano convidam os veteranos e proferem discursos hipócritas em honra deles. Mas na realidade, hoje ninguém precisa deles. As suas ideias sobre justiça são ingênuas. E a sua fidelidade ao modo de vida soviético...

No início da sua presidência, Eltsin jurou que se deitaria nos carris, se permitisse baixar o nível de vida do povo. Esse nível de vida não só baixou, como caiu, pode-se dizer, no abismo. Mas Eltsin não se deitou nos carris. Quem se deitou nos carris em sinal de protesto no outono de 1992 foi o velho soldado Timerian Zinatov...

Site do jornal Pravda, 1997.

À MESA DA REFEIÇÃO FÚNEBRE

Segundo o nosso costume: os mortos para a terra, os vivos para a mesa. Reuniu-se muita gente, alguns tinham vido de longe: de Moscovo, de Kiev, de Smolensk... Todos com as suas condecorações e estrelas, como no dia da Vitória. Falavam da morte, como da vida.

– Bebamos pelo nosso camarada defunto! (*Todos se levantam.*)

– Que a terra lhe seja leve...

– Ah, Timerian... Timerian Khabulovitch... Sofreu um ultraje. Todos nós fomos fortemente ultrajados. Estávamos habituados ao socialismo. À nossa Pátria soviética, a URSS. E agora vivemos em países diferentes, num outro regime. Sob outras bandeiras. E não sob a nossa bandeira vermelha da Vitória... Eu fugi de casa aos dezassete anos para me juntar à frente de batalha...

– Os nossos netos perderiam a Grande Guerra Patriótica. Não têm ideias, não têm nenhum grande sonho.

– Leem outros livros e veem outros filmes.

– Aquilo que lhes contamos, para eles já são histórias... Fazem perguntas:

« Porque é que os combatentes morriam para salvar o estandarte do regimento? Podia-se fazer outro estandarte.» Combatiam, matavam, por quem? Por Estaline? Por ti, meu parvo!

– Talvez devêssemos render-nos e lamber as botas aos boches...

– Quando trouxeram a informação da morte do meu pai, pedi logo para ir para a frente.

– Estão a roubar a nossa Pátria soviética... a vendê-la... Se soubéssemos que ia ser assim, talvez tivéssemos pensado...

– A minha mãe morreu na guerra, e o meu pai já antes havia morrido de tuberculose. Quando tinha quinze anos, fui trabalhar. Na fábrica recebíamos meio pão por dia e mais nada, pão com celulose e cola. Desmaiei uma vez de fraqueza... segunda vez... Fui ao Centro de Recrutamento: « Não me deixem morrer. Mandem-me para a frente.» Aceitaram o meu pedido. As que partiram e as que as foram acompanhar tinham uns olhos de alucinadas! Um vagão de gado cheio de raparigas. Cantávamos: « Meninas, a guerra chega aos Urales / Ah, meninas, a nossa juventude está mal.» Nas estações os lilases estavam floridos... algumas raparigas riam-se, outras choravam...

– Éramos todos pela *perestroika*. Por Gorbatchov. Mas não por aquilo que daí resultou...

– O Gorbatchov é um agente...

– Eu não percebia o que Gorbatchov dizia... umas palavras incompreensíveis, que eu nunca antes tinha ouvido... O que eram aqueles rebuçados que ele nos prometia? Mas gostava de o ouvir... No entanto, ele mostrou-se um fraco, entregou o nosso arsenal nuclear sem combate. O nosso Partido Comunista...

– Os Russos precisam de um ideal que lhes faça pele de galinha e um formigueiro na espinha.

– Éramos um grande país...

– Pela nossa Pátria! Pela vitória! Até ao fim! (*Brindam.*)

– Agora põem estrelas nos monumentos... Mas lembro-me de como nós enterrávamos os nossos rapazes... Tapávamos a vala com o que calhava, deitávamos areia por cima, e vinha logo a ordem: « Em frente!» E continuávamos a avançar. Novo combate, e outra vala cheia. Recuávamos e avançávamos entre valas. Traziam reforços, e ao fim de dois ou três dias já eram cadáveres. Poucos homens restavam. Os felizardos! No final de quarenta e três já tínhamos aprendido a combater. Já combatíamos corretamente. Começaram a morrer menos homens... Nessa altura comecei a fazer amigos...

– Passei toda a guerra na primeira linha e nem um arranhão, nada! E sou

ateu. Fui até Berlim... vi o covil da fera...

– Combatíamos com uma espingarda para quatro. Se matavam o primeiro, o segundo agarrava na espingarda, se morria, seguia-se outro... E os Alemães tinham metralhadoras novas.

– A princípio os Alemães eram arrogantes. Já tinha submetido a Europa. Entraram em Paris. Planeavam resolver a questão da URSS em dois meses. Se eram feridos e caíam prisioneiros, cuspiam na cara das nossas enfermeiras. Arrancavam os pensos. Gritavam: «*Heil Hitler!*» Mas para o fim da guerra já diziam: «*Russo, não dispares! Hitler kaput!*»

– O que eu me mais receava era morrer como covarde. Se alguém se acobardava e fugia, o comandante matava-o logo ali... Isso acontecia com frequência...

– Como hei de dizer... Deram-nos uma educação estalinista: vamos combater em território estrangeiro, e «... da taiga até ao mar do Norte / o Exército Vermelho é o mais forte...». Não haverá clemência para o inimigo! Nos primeiros dias da guerra... Lembro-me como de um pesadelo... Ficámos cercados... Todos faziam a mesma pergunta: «O que se passa? Onde está Estaline? Nem um avião nosso no céu...» Enterrámos os nossos cartões do Partido e do Komsomol e vagueámos pelos caminhos da floresta... Pronto, chega... Não tem que escrever sobre isto... (*Afasta o gravador*) Os Alemães faziam propaganda, os altifalantes deles funcionavam dia e noite: «Ivan russo, rende-te! O Exército alemão garante-te a vida e o pão!» Eu estava disposto a dar um tiro na cabeça. Mas se não havia com quê! Não havia cartuchos... Éramos uns soldadinhos de dezoito, dezanove anos... Os comandantes enforcavam-se. Uns com o cinto, outros com o que calhava... Pendurados nos pinheiros... Era o fim do mundo, cos diabos!

– Pátria ou morte!

– Estaline tinha um plano: enviar para a Sibéria as famílias dos que se rendiam. Três milhões e meio de prisioneiros! Era impossível deportar toda a gente! O antropófago bigodudo!

– Maldito ano de quarenta e um...

– Diz tudo... agora pode-se falar...

– Não estamos acostumados...

– Mesmo na frente tínhamos medo de ser francos uns com os outros. Antes da guerra prendiam as pessoas... e durante a guerra também... A minha mãe trabalhava numa panificação, houve controlo e encontraram migalhas de pão dentro das luvas, o que era considerado sabotagem. Apanhou dez anos de prisão.

Eu estava na frente, o meu pai estava na frente, a minha irmã e o meu irmão mais novos ficaram com a avó, e pediam-lhe: « Avó, não morras antes de o papá e de o Sacha (sou eu) voltarem da guerra.» O meu pai desapareceu.

– Que heróis somos nós? Nunca nos trataram como heróis. Eu e a minha mulher criámos os nossos filhos numa barraca, depois deram-nos um apartamento comunitário. Agora recebemos uns copeques... uma miséria, e não uma pensão... Pela televisão mostram como os Alemães vivem. Vivem bem. Os vencidos vivem cem vezes melhor do que os vencedores.

– Deus não sabe o que é ser uma pessoa pequena.

– Eu fui, sou e serei comunista! Sem o Partido de Estaline não teríamos vencido. Democracia o tanas! Tenho medo de usar as minhas condecorações. « Velho senil, onde é que serviste? Na guerra ou nas prisões e nos campos de trabalhos?» – é o que oiço dos jovens. Bebericam cerveja e riem-se.

– Proponho que voltem a colocar as estátuas do nosso guia, do grande Estaline, nos seus anteriores lugares. Escondem-nas ao fundo dos pátios, como lixo.

– Põe uma na tua datcha...

– Querem reescrever a história da guerra. Só estão à espera de que nós morramos todos.

– Nós agora não passamos de *debilus sovietucus*...

– O que salvou a Rússia foi ela ser grande. Os Urales, a Sibéria...

– O mais horrível era começar o ataque. Os primeiros dez... cinco... minutos... O primeiro a levantar-se não tinha hipótese de ficar vivo. Uma bala encontra o seu alvo. Comunistas, em frente!

– Ao poderio militar da nossa Pátria! (*Brindam.*)

– Em suma... ninguém tem vontade de matar. É desagradável. Mas a gente habitua-se... aprende...

– Entrei para o Partido perto de Estalinegrado. Escrevi no pedido: « Quero estar nas primeiras filas dos defensores da Pátria... Não pouparei a minha vida jovem...» Na infantaria raramente davam condecorações. Tenho uma medalha por bravura.

– Os traumatismos de guerra deixaram marcas... Eu fiquei inválido, mas por enquanto aguento-me.

– Lembro-me: fizemos prisioneiros dois soldados de Vlassov³⁷... Um disse: « Eu quis vingar o meu pai...» O pai dele tinha sido fuzilado pelo Ministério do Interior... O outro: « Eu queria morrer num campo de concentração alemão.» Eram rapazes novos, como nós, das nossas idades. Depois de falar com um

homem e olhá-lo nos olhos... é difícil matá-lo... No dia seguinte fomos todos interrogados num departamento especial: «Porque é que entraram em diálogo com os traidores? Porque é que não os fuzilaram logo?» Eu comecei a justificar-me... O do departamento especial pôs a pistola em cima da mesa: «Tu... ainda discutes! Dizes mais uma palavra e...» Ninguém tinha piedade dos homens de Vlassov. Os tanquistas amarravam-nos aos tanques, ligavam o motor e esguichavam para todos os lados... faziam-nos em bocados... Eram traidores! Mas seriam mesmo todos traidores?

– Tínhamos mais medo do departamento especial do que dos Alemães. Até os generais tinham medo dele...

– O medo... houve medo durante toda a guerra...

– Mas se não fosse Estaline... Sem uma mão de ferro a Rússia não teria sobrevivido...

– Eu não combatia por Estaline, mas pela Pátria. Juro pelos meus filhos e netos que não ouvi uma única vez gritar: «Por Estaline!»

– Sem o soldado não se vence uma guerra.

– A tua mãe...

– Só se deve ter medo de Deus. Ele é o juiz.

– Se Deus existe...

(*Num coro desafinado.*) «Precisamos pois de uma vitória / Uma para todos, não nos importa o preço...»

UMA HISTÓRIA DE HOMEM

Passei toda a vida em sentido! Não me atrevia a dar um pio. Agora vou falar...

Quando era pequeno... tanto quanto me lembro... tinha medo de perder o meu pai... Os pais eram presos de noite, e desapareciam não se sabe para onde. Assim desapareceu um irmão da minha mãe, Feliks... Músico. Prenderam-no por uma tolice... por uma bagatela... Numa loja disse em voz alta à mulher: «Já temos vinte anos de poder soviético, e não há umas calças decentes à venda.» Agora escrevem que toda a gente estava contra... Mas eu digo que o povo apoiava as prisões. A minha mãe, por exemplo... O irmão estava preso, e ela dizia: «Houve um engano com o nosso Feliks. Devem esclarecer isso. Mas é preciso prender, vejam todos os horrores que se passam à nossa volta.» O povo

apoiava... A guerra! Depois da guerra, eu tinha medo de recordar a guerra... A minha guerra... Quis entrar para o Partido, não me aceitaram: « Que comunista és tu, se estiveste no gueto?» Calei-me... Calei-me... No nosso destacamento de guerrilheiros havia um bonita jovem judia, a Rozotchka. Dezasseis anos. Os comandantes dormiam com ela à vez... « Tem lá uns pelos ainda infantis. Ah! Ah!...» A Rozotchka engravidou... Levaram-na para o fundo da floresta e abateram-na, como uma cadela. Nasciam crianças, é claro, a floresta estava cheia de homens saudáveis. A prática era a seguinte: nascia uma criança, entregavam-na logo numa aldeia. Ou numa quinta. Mas quem é que aceitava uma criança judia? As judias não tinham o direito de ter filhos. No regresso de uma missão perguntei: « Onde está a Rozotchka? » « Que tens tu com isso? Não está aquela, arranja-se outra.» Centenas de judeus, fugidos dos guetos, vagueavam pelas florestas. Os camponeses caçavam-nos, entregavam-nos aos Alemães por uma arroba de farinha, por um quilo de açúcar. Escreva... eu estive calado muito tempo... O judeu toda a vida tem medo de alguma coisa. Onde quer que vá cair uma pedra, acerta num judeu.

Não conseguimos sair de Minsk incendiada por causa da minha avó... A minha avó tinha visto alemães em 1918 e afirmava que era uma nação culta e não faziam mal às pessoas pacíficas. Em casa dela estivera alojado um oficial alemão; todas as noites tocava piano. A minha mãe começou a duvidar: partir, ou não partir? Por causa desse piano, é claro... E assim perdemos muito tempo. Os motociclistas alemães entraram na cidade. Algumas pessoas com camisas bordadas receberam-nos com o pão e o sal. Com alegria. Muitas pessoas pensaram que com os Alemães iam ter uma vida normal. Muitos odiavam Estaline e deixaram de ocultar isso. Nos primeiros dias da guerra havia tantas coisas novas e incompreensíveis...

A palavra *jid*³⁸ ouvi-a pela primeira vez nos primeiros dias da guerra... Alguns vizinhos nossos começaram a bater à nossa porta e a gritar: « Acabou-se, *jides*, vocês estão arrumados. Vão pagar pelo que fizeram a Cristo!» Eu era um miúdo soviético. Tinha feito a quinta classe, tinha doze anos. Não conseguia compreender porque diziam eles aquilo. Porque falavam assim? Mesmo agora ainda não compreendo... A nossa família era mista: o meu pai era judeu e a minha mãe era russa. Festejávamos a Páscoa de uma maneira diferente: a minha mãe dizia que aquele dia era o aniversário de um homem bom. Preparava um pastelão. E na Páscoa judaica (que é quando o Senhor perdeu aos judeus) o meu pai trazia uma *matza* feita pela minha avó. Mas, naquele tempo, não mostrávamos esse género de coisas... era preciso ficar calado...

A minha mãe coseu-nos estrelas amarelas a todos... Durante alguns dias ninguém pôde sair de casa. Era vergonha... Já sou velho, mas ainda me lembro desse sentimento... Da vergonha que sentia... Havia panfletos por toda a cidade: « Liquidem os comissários e os judeus! », « Salvem a Rússia do poder dos judeo-bolcheviques! ». Meteram um desses panfletos por baixo da nossa porta... Muito depressa... sim... começaram a circular rumores: os judeus americanos reuniam ouro para resgatar todos os judeus e enviá-los para a América. Os Alemães gostam da ordem e não gostam dos judeus, por isso estes têm de passar a guerra no gueto... As pessoas procuravam um sentido para o que se passava... um qualquer fio... As pessoas querem compreender até o Inferno. Lembrome... Lembro-me bem de como nos mudámos para o gueto. Milhares de judeus caminhavam pela cidade... com as crianças, com almofadas... Eu levei comigo, coisa ridícula, a minha coleção de borboletas. Agora é ridículo... Os habitantes de Minsk saíram para os passeios e olhavam para nós, uns com curiosidade, outros com maldade, mas alguns choravam. Eu pouco olhava para os lados, tinha medo de ver algum miúdo meu conhecido. Tinha vergonha... lembro-me do constante sentimento de vergonha...

A minha mãe tirou a aliança de casamento, enrolou-a num lenço de assoar e disse-me aonde devia ir. À noite passei por baixo do arame farpado. Uma mulher estava à minha espera num lugar combinado, entreguei-lhe a aliança e ela deu-me farinha. De manhã vimos que em vez de farinha eu tinha trazido greda branca. Assim se foi a aliança da minha mãe. Não tínhamos mais nada de valor... Começámos a ficar inchados da fome...

Ao lado do gueto havia camponeses com grandes sacos, dia e noite. Estavam à espera de mais um *pogrom*. Quando os judeus eram levados para serem mortos, os camponeses eram autorizados a pilhar as casas abandonadas. Os polícias procuravam objetos valiosos, e os camponeses metiam nos sacos tudo o que encontravam. « Vocês já não vão precisar de nada », diziam-nos eles.

Um dia, o gueto ficou em silêncio, como antes de um *pogrom*. Mas não se ouviu nem um tiro. Nesse dia não mataram ninguém... Chegaram uns camiões... muitos camiões. Deles desceram crianças bem vestidas, com sapatos bonitos, mulheres de aventais brancos, homens com maletas caras. Eram umas maletas elegantes! Todos falavam alemão. Os soldados da escolta estavam desconcertados, em especial os polícias, não gritavam, não batiam em ninguém com os cacetes, não ataçavam os cães contra eles. Um espetáculo... um teatro... Para um espetáculo... Nesse mesmo dia soubemos que tinham trazido judeus da Europa. Passaram a chamar-lhes « judeus de Hamburgo », porque a maioria

vinha daquela cidade. Eram disciplinados, obedientes. Não usavam de astúcias, não tentavam enganar os guardas, nem esconder-se... Estavam resignados... Olhavam para nós com arrogância. Nós éramos pobres, mal vestidos. Éramos diferentes... não falávamos alemão...

Foram todos fuzilados. Dezenas de milhares de « judeus de Hamburgo » ...

Esse dia... é tudo como num nevoeiro... Como nos fizeram sair de casa? Como nos transportaram? Lembro-me de um grande campo ao lado de uma floresta. Escolheram os homens robustos e mandaram-nos cavar duas valas. Profundas. E nós estávamos de pé, à espera. Primeiro atiraram para uma fossa as crianças pequenas... e começaram a tapá-la... Os pais não choravam nem suplicavam. Silêncio. Porquê, perguntam vocês? Eu pensava... Se um homem é atacado por um lobo, não se põe a pedir, a implorar que lhe poupe a vida. Ou se for atacado por um javali... Os alemães olhavam para a vala e riam-se, atiravam para lá rebuçados. Os polícias estavam completamente bêbedos... tinham os bolsos cheios de relógios... Enterraram as crianças... e ordenaram a toda a gente que saltasse para a outra vala. Eu estava com o meu pai, a minha mãe e a minha irmã. Chegou a nossa vez... O alemão que comandava compreendeu que a minha mãe era russa, e indicou-a com a mão: « Tu, vai-te embora. » O meu pai gritou à minha mãe: « Corre! » Mas a minha mãe agarrou-se a ele e a mim: « Eu fico com vocês. » Todos a empurrávamos... pedíamos-lhe que se fosse embora... A minha mãe foi a primeira a saltar para a vala...

É tudo o que me lembro... Recuperei os sentidos porque alguém me bateu com força numa perna com qualquer coisa afiada. Gritei com a dor, e ouvi um murmúrio: « Aqui está um vivo. » Os mujiques escavavam a vala com as pás e tiravam aos mortos as botas, os sapatos... tudo aquilo que podiam tirar... Ajudaram-me a sair da vala. Sentei-me na beira da vala e esperei... esperei... Estava a chover. A terra estava morna... morna. Deram-me um bocado de pão: « Corre, judeuzinho. Pode ser que te safes. »

A aldeia estava deserta. Não havia nem uma pessoa e as casas estavam intactas. Queria comer, mas não havia ninguém a quem pudesse pedir. Assim, fui-me embora sozinho. No caminho havia objetos caídos, uma bota de borracha, umas galochas, um lenço... Atrás da igreja vi umas pessoas queimadas. Cadáveres negros. Cheirava a gasolina e a carne queimada... Voltei a fugir para a floresta. Comia cogumelos e bagas. Uma vez encontrei um velhote que andava a apanhar lenha. O velho deu-me dois ovos e avisou-me: « Não vás para a aldeia. Os mujiques entregam-te aos alemães. Ainda há pouco entregaram dois pequenos judeus. »

Uma vez adormeci e acordei com um disparo por cima da minha cabeça. Saltei: « Alemães?» Eram uns jovens a cavalo. Guerrilheiros! Riram-se e começaram a discutir entre eles: « Para que queremos um judeuzinho? Vá lá...» « Deixa que seja o comandante e decidir.» Levaram-me para o destacamento, sentaram-me num abrigo separado e puseram uma sentinela... Depois interrogaram-me: « Como vieste parar à posição do nosso destacamento? Quem te mandou?» « Ninguém me mandou. Eu escapei-me da vala dos fuzilados.» « Talvez sejas um espião?» Bateram-me duas vezes na cara e voltaram a meter-me no abrigo subterrâneo. Ao fim da tarde meteram lá mais dois homens ainda novos, também judeus, que vestiam bons casacos de cabedal. Por eles fiquei a saber que no destacamento não aceitavam judeus sem arma. Quem não tinha arma, devia dar ouro, qualquer coisa de ouro. Eles tinham relógios e uma cigarreira de ouro – mostraram – e exigiam encontrar-se com o comandante. Levaram-nos pouco depois. Nunca mais os vi... Mas a cigarreira de ouro vi-a depois nas mãos do comandante... e um casaco de cabedal... Salvou-me um conhecido do meu pai, o tio Iacha. Era sapateiro e no destacamento os sapateiros eram tão apreciados como os médicos. Passei a ajudá-lo...

O primeiro conselho do tio Iacha: « Muda o teu apelido.» O meu apelido é Friedman, passei a chamar-me Lomeiko... Segundo conselho: « Fica calado. Se não, apanhas uma bala nas costas. Ninguém terá de prestar contas por um judeu.» E assim era... A guerra é um pântano, é fácil entrar e difícil sair. Outro provérbio judaico: « Quanto mais forte é o vento, mais alto se levanta o lixo.» A propaganda nazi contaminava toda a gente, os guerrilheiros eram antisemitas. Havia onze judeus no destacamento... depois cinco... Na nossa presença tinham de propósito conversas destas: « Que combatentes são vocês? Deixam-se levar para o matadouro como carneiros...» « Os judeus são cobardes...» Eu ficava calado. Tinha um amigo audacioso, um rapaz arrojado... David Griberg... ele respondia-lhes. Discutia. Mataram-no com uma bala nas costas. Eu sei quem o matou. Hoje é um herói, exhibe as suas medalhas. Mostra-se herói! Dois judeus foram mortos pretensamente por terem adormecido de guarda... Outro foi morto por causa de uma *Parabellum* nova... invejaram-na... Fugir para onde? Para o gueto? Eu queria defender a Pátria... vingar a minha família... E a Pátria? Os comandantes guerrilheiros tinham instruções secretas de Moscovo: não confiar nos judeus, não os aceitar no destacamento, eliminá-los. Consideravam-nos traidores. Agora ficámos a saber isto graças a *perestroika*.

Um homem faz pena... Mas como morrem os cavalos? Um cavalo não se esconde, como outros animais: um cão, um gato, até uma vaca foge, mas o

cavalo fica parado à espera de que o matem. Uma cena terrível... Nos filmes os cavaleiros correm a ulular e a agitar o sabre por cima da cabeça. Absurdo! Fantasia! No nosso destacamento houve cavaleiros durante algum tempo, mas depressa dissolveram a cavalaria. Os cavalos não conseguem andar nos montes de neve, e galopar ainda menos – enterram-se na neve e os alemães tinham motas com *sidecar*; no inverno adaptavam-lhes esquis. Avançavam a rir às gargalhadas e disparavam contra os nossos cavalos e cavaleiros. Podiam poupar os cavalos bonitos, pelos vistos havia entre eles muitos camponeses...

Uma ordem: queimar a casa de um *polizei*... Com toda a família... Uma família numerosa: a mulher, três filhos, o avô, a avó. À noite cercaram-nos... pregaram a porta com pregos... regaram a casa com petróleo e lançaram fogo. Lá dentro gritavam, gemiam. Um rapazinho saltou por uma janela... Um guerrilheiro quis disparar contra ele, o outro não deixou. Atiraram-no outra vez para a fogueira. Eu tinha catorze anos... Não compreendia nada... Tudo o que podia fazer era recordar aquilo. E agora contei... Não gosto da palavra «herói» ... na guerra não há heróis... Quando um homem pega numa arma, já não será boa pessoa. Não conseguirá ser.

Lembro-me do cerco do nosso acampamento... Os alemães decidiram limpar a sua retaguarda e lançaram uma divisão das SS contra os guerrilheiros. Penduraram lanternas em paraquedas e bombardeavam-nos dia e noite. Depois do bombardeamento, tiros de morteiro. O destacamento retirou em pequenos grupos, levavam os feridos consigo, mas tapavam-lhes a boca e punham barbilhos especiais nos cavalos. Abandonavam tudo, abandonavam o gado, mas os animais seguiam atrás dos homens. Vacas, ovelhas... Era preciso disparar contra eles... Os alemães estavam muito perto, tão perto que lhes ouvíamos as vozes: «*Oh, mutter! oh, mutter!*» ... sentíamos o cheiro dos cigarros deles... Cada um de nós guardava uma última bala... Mas há sempre tempo para morrer. Uma noite três de nós ficámos para trás do grupo para cobrir a retirada... abrimos o ventre dos cavalos mortos, tirámos tudo para fora, e enfiámos-nos lá. Ficámos ali dois dias inteiros, a ouvir os alemães caminharem para cá e para lá. E a dispararem. Por fim fez-se um silêncio completo. E então saímos: cobertos de sangue, de tripas... de merda... Meio loucos. Era de noite... a lua brilhava...

Pois eu digo-lhes que os pássaros também nos ajudavam... As pegas ouvem uma pessoa desconhecida e gritam logo, sem falta. Dão o alerta. A nós estão habituadas, mas os alemães tinham outro cheiro: tinham água-de-colónia, sabonete, cigarros, capotes de bom pano... e botas bem engraxadas... Nós tínhamos tabaco improvisado, grevas, alpercatas de pele de vaca amarradas aos

pés com correias. Eles tinham roupa interior de lã... Nós despiamos os mortos até às cuecas! Os cães comiam-lhes a cara, as mãos. Até os animais participavam na guerra... Passaram-se muitos anos... meio século... Mas eu não a esqueci... aquela mulher... Tinha dois filhos. Pequenos. Escondeu na sua cave um guerrilheiro ferido. Alguém a denunciou... Enforcaram a família no centro da aldeia. A começar pelas crianças... Como ela gritava! As pessoas não gritam assim... só as feras gritam daquela maneira... Uma pessoa pode passar por tais sacrifícios? Não sei. (*Silêncio.*) Agora escrevem sobre a guerra aqueles que não estiveram lá. Eu não leio... Não se ofendam, mas eu não os leio...

Quando libertaram Minsk para mim foi o fim da guerra. Não me aceitaram no Exército devido à pouca idade. Tinha quinze anos. Onde havia de viver? O nosso apartamento estava ocupado por pessoas estranhas. Expulsaram-me: «Judeu imundo...» Não me quiseram dar nada, nem o apartamento nem as nossas coisas. Habitaram-se à ideia de que os judeus nunca mais voltariam...

Cantam, num coro desafinado.

«Crepita o lume no estreito fogão / Nas achas há lágrimas de resina. / E canta-me no abrigo o acordeão / Sobre os teus olhos de menina...»

– Depois da guerra as pessoas já não eram as mesmas. Eu próprio voltei para casa enfurecido.

– Estaline não gostava da nossa geração. Odiava-a. Porque sentíamos a liberdade. A guerra era a liberdade para nós! Estivemos na Europa, vimos como lá viviam as pessoas. Quando eu ia para o trabalho, passava ao lado da estátua de Estaline e sentia suores frios: e se ele soubesse o que penso?

– «Voltem para trás! Para a cavalaria!» E nós voltámos.

– Os merdocratas! Destruíram tudo... estamos enterrados na merda...

– Esqueci tudo... até o amor esqueci... Mas da guerra lembro-me...

– Estive dois anos com os guerrilheiros. Na floresta. Depois da guerra, durante sete... oito anos, nem podia olhar para os homens. Estava farta de os ver! Estava numa completa apatia. Fui com a minha irmã para uma casa de repouso... Cortejavam-na, ela dançava e eu só queria sossego.

– Casei-me tarde. O meu marido era cinco anos mais novo do que eu. Era como uma criança.

– Fui para a guerra porque acreditava em tudo o que se escrevia no jornal *Pravda*. Disparava. Tinha um desejo ardente de matar! Matar! Dantes queria esquecer tudo, mas não conseguia; agora as recordações vão-se apagando por si mesmas. De uma coisa me lembro: é que na guerra a morte tem outro cheiro...

o cheiro da matança é especial... Quando não há muitos mortos, mas apenas uma pessoa, começamos a pensar: Quem é ele? De onde? Alguém estará à espera dele...

– Perto de Varsóvia... uma velha polaca trouxe-me roupas de homem: «Despe tudo. Eu lavo. Porque é que vocês andam tão sujos e são tão magros? Como é que venceram?» Como é que vencemos?

– Ora tu... deixa-te de lirismos...

– Vencemos, sim. Mas a nossa grande vitória não tornou o nosso país grande.

– Eu hei de morrer comunista... *Aperestroika* é uma operação da CIA para a liquidação da URSS.

– O que ficou na memória? O mais ultrajante era que os Alemães nos desprezassem. A maneira como vivíamos, os nossos costumes... Hitler chamava coelhos aos Eslovacos...

– Os alemães chegaram à nossa aldeia na primavera. No dia seguinte começaram a fazer canteiros de flores e a construir uma casa de banho. Os velhos ainda hoje se lembram de como os alemães plantavam flores...

– Na Alemanha... Entrávamos nas casas: os armários estavam cheios de roupas de boa qualidade, de bibelôs. Montes de loiça. Mas antes da guerra diziam-nos que eles eram infelizes no capitalismo. Nós olhávamos e não dizíamos nada. Experimenta elogiar um isqueiro alemão ou uma bicicleta alemã: apanhas logo com o artigo 58 por antissovietismo. Em dado momento, autorizaram-nos a enviar encomendas para casa: a um general, cinquenta quilos; um oficial, dez, um soldado, cinco. Enchemos os correios. A minha mãe escreveu-me: «Não envies encomendas. Ainda nos matam por causa das tuas encomendas.» Enviei um isqueiro, um relógio, um corte de seda... Grandes bombons de chocolate... eles pensavam que aquilo era sabão...

– Não havia uma alemã, dos dez aos oitenta anos, que não tivesse sido fodida! De tal maneira que as crianças que lá nasceram em quarenta e seis era tudo «povo russo».

– A guerra apaga tudo... apagou tudo...

– Aí a têm, a vitória! Vitória! Durante toda a guerra as pessoas fantasiavam que haviam de viver bem depois da guerra. Festejaram durante dois ou três dias. Depois quiseram qualquer coisa para comer, qualquer coisa de vestir. Quiseram viver. Mas não havia nada. Todos vestiam uniformes alemães. Os adultos e as crianças. Transformavam-nos. O pão era por senhas de racionamento, as bichas estendiam-se por quilómetros. Havia exasperação no ar. Uma pessoa podia ser morta sem mais nem menos.

– Lembro-me... todo o dia ouvia-se um estrondo... Os inválidos deslocavam-se sobre umas pranchas com rolamentos de esferas. E os pavimentos eram de calçada. Viviam em caves e subsolos. Bebiam, arrastavam-se pelas valas. Mendigavam. Trocavam as condecorações por vodca. Aproximavam-se das bichas e pediam: «Deem-me para comprar pão.» Na bicha havia apenas mulheres cansadas: «Tu estás vivo. Mas o meu lá está na sepultura.» Enxotavam-nos. Quando começaram a viver um pouco melhor, em geral desprezavam os inválidos. Ninguém se queria lembrar da guerra. Um dia fizeram-nos desaparecer da cidade. Os polícias apanhavam-nos e metiam-nos nos camiões, como porcos. Praguejavam... gritavam... chiavam...

– Na nossa cidade havia uma Casa dos Inválidos. Jovens sem braços, sem pernas. Carregados de medalhas. Autorizavam as pessoas a recebê-los em casa... era uma autorização oficial. As mulheres sentiam a falta de atenção dos homens e precipitaram-se a recebê-los: umas levavam-nos em carros de mão, outras em carrinhos de bebé. Queriam ter em casa o cheiro a homem, pendurar uma camisa de homem na corda da roupa. Depressa os levaram de volta... Não eram brinquedos... nem era cinema. Experimentem amar um bocado de homem assim. Ele está zangado, ofendido, sabe que o traíram.

– Este dia da Vitória...

UMA HISTÓRIA DE MULHER

Vou contar a minha história de amor... Os alemães chegaram à nossa aldeia em grandes camiões, só se lhes viam os capacetes a brilhar. Eram jovens, alegres, beliscavam as raparigas. Nos primeiros tempos, pagavam tudo: uma galinha, um ovo. Quando conto isto, ninguém acredita. Mas é a pura verdade! Pagavam com marcos alemães... Que me importava a guerra? Estava apaixonada! Só pensava numa coisa: quando é que eu o vejo? Ele chegava, sentava-se num banco e ficava a olhar para mim, a olhar. E a sorrir. «Porque sorris?» «Por nada...» Antes da guerra andávamos juntos na escola. O pai dele morreu de tuberculose, o avô foi desklulakizado e enviado para a Sibéria com toda a família. Lembrava-se de como, quando era pequeno, a mãe o vestia «de menina» e lhe dizia que se eles fossem presos, devia ir à estação, entrar num comboio e partir. Chamava-se Ivan. Ele a mim chamava-me «minha Liubotchka...». Só assim... Não tivemos uma boa estrela, não conhecemos a felicidade. Chegaram os alemães e pouco depois o avô dele voltou da

deportação; vinha cheio de ódio, é claro. Veio sozinho. Toda a família ficou enterrada em terras alheias. Contava como os tinham transportado sobre os rios da Sibéria. Descarregaram-nos no meio da taiga. Deram-lhes uma serra e um machado para cada vinte ou trinta pessoas. Comiam folhas... rilhavam casca de árvores... O avô dele odiava os comunistas! Odiava Lenine e Estaline! Logo no primeiro dia começou a vingar-se. Indicava aos alemães: aquele é comunista... e aquele... Levavam esses homens para qualquer parte... Durante muito tempo não compreendi a guerra...

Íamos juntos lavar o cavalo ao rio. Fazia sol! Secávamos o feno juntos, e cheirava tão bem! Eu não sabia nada daquilo, dantes não sentia assim. Sem amor era uma rapariga simples, vulgar, antes de me apaixonar. Tinha um sonho pressago... O nosso rio é pequeno, mas eu afundava-se nesse rio, era arrastada por uma corrente subaquática, já debaixo de água. Sem que eu compreendesse como, de que maneira, alguém me erguia, me puxava para cima, mas não sei como, eu estava sem roupas. Nadava para a margem. Umhas vezes era de noite, outras vezes era de manhã. Havia pessoas na margem, toda a nossa aldeia. Eu saía da água nua... completamente nua...

Numa das casas havia uma grafonola. Os jovens juntavam-se para dançar. Líamos a sina no Saltério, na resina... com feijões... Para a resina tinha de ser a própria rapariga a ir à floresta, encontrar um pinheiro velho, uma árvore nova não servia, não tem memória. Não tem força. Tudo isto é verdade... Ainda hoje acredito nisto... O feijão, juntávamo-lo num monte e contávamos: par...impar. Eu tinha dezoito anos. É claro, sobre isto não escrevem nos livros... Com os alemães passámos a viver melhor do que com os soviets. Os alemães abriram as igrejas, dissolveram os *kolkhozes* e distribuíram as terras – dois hectares por pessoa, um cavalo para dois donos. Criaram um imposto fixo: no outono entregávamos cereais, ervilhas, batatas e um porco por cada família. Entregávamos e ainda ficava para nós. Todos estavam contentes. Com os soviets era a pobreza. O chefe de brigada traçava uns riscos num caderno – os dias de trabalho. No outono, por esses dias de trabalho não recebíamos nada que se visse! Mas assim tínhamos carne e manteiga. Era outra vida! As pessoas estavam alegres por terem liberdade. Instalou-se a ordem alemã... Quem não alimentava o cavalo, era chicoteado. Ou se não varria a frente da sua porta... Lembro-me das conversas: estávamos acostumados aos comunistas, também nos acostumaremos aos alemães. Aprenderemos a viver à alemã. Era assim... tenho tudo vivo na memória... À noite todos tínhamos medo dos «homens da floresta», que nos visitavam sem convite. Uma vez também entraram em nossa

casa: um deles tinha um machado, outro uma forquilha: «Dá-nos o toucinho, mãe. E a vodca. E não faças barulho.» Conto-lhe tal como aconteceu na vida, e não como escrevem nos livros. Nos primeiros tempos não gostávamos dos guerrilheiros...

Marcámos o dia do nosso casamento... Depois do fim das ceifas. Quando terminam os trabalhos no campo e as mulheres atam a última gavala de flores... (*Silêncio.*) A memória falha, mas a alma lembra-se de tudo. Depois do almoço, começou a chover. Todos voltaram dos campos a correr, e a minha mãe também. A chorar: «Meu Deus! Meu Deus! O teu Ivan foi-se inscrever na Polícia. Vais ser mulher de um *polizei*.» «Não quero!» Chorámos as duas. À noite chegou o Ivan, sentou-se e não levantava os olhos. «Ivan, meu querido, porque é que não pensaste em nós?» «Liuba... Minha Liubotchka...» O avô dele é que o tinha obrigado. O diabo velho! Ameaçou: «Se não te inscreveres na Polícia, mandam-te para a Alemanha. A tua Liuba nunca mais te vê. Esquece-a!» O avô sonhava que ele se casasse com uma alemã... Os alemães mostravam filmes sobre a Alemanha, sobre a bela vida que lá tinham. Muitas raparigas e rapazes acreditavam. Partiam. Antes da partida organizavam uma festa, com uma orquestra de sopro a tocar. Subiam para os comboios de sapatos... (*Tira um comprimido da malinha.*) Isto está mau... Os médicos dizem que a medicina não pode fazer nada... Vou morrer em breve... (*Silêncio.*) Quero que o meu amor fique depois de mim. Eu não estarei cá, mas as pessoas podem ler.

Havia guerra à nossa volta, mas nós éramos felizes. Vivemos um ano como marido e mulher. Eu estava grávida. A estação de caminho de ferro era muito perto de nós. Passavam comboios alemães para a frente, os soldados eram todos jovens, alegres, e cantavam canções. Quando me viam gritavam: «*Mädchen! Kleine Mädchen!*»³⁹ E riam-se. Mas depois começaram a aparecer outros menos jovens, homens de mais idade. Os outros eram alegres, mas estes iam sombrios. Não tinham alegria. O Exército soviético estava a vencer. «Ivan perguntava eu, «o que vai ser de nós?» (*Silêncio.*) «Não tenho as mãos sujas de sangue. Nunca disparei contra ninguém.» (*Silêncio.*) Os meus filhos não sabem nada disto, nunca lhes confessei. Talvez mesmo antes do fim... antes de morrer... Mas digo-lhe uma coisa: o amor é um veneno...

Duas casas depois da nossa vivia um rapaz que também gostava de mim, nos bailes convidava-me sempre. Só dançava comigo. «Vou-te acompanhar.» «Eu já tenho acompanhante.» Era um rapaz bonito... Foi para a floresta, juntou-se aos guerrilheiros. Quem o via dizia que usava um gorro com uma fita vermelha.

Uma noite bateram à porta: «Quem é?» «Guerrilheiros.» Entrou esse rapaz e outro, mais velho que ele. O meu cortejador começou a falar: «Como estás, *polizeika*? Há muito que te queria visitar. E o maridinho, onde está?» «Como é que eu sei? Hoje não voltou. Decerto ficou na guarnição.» Agarrou-me por um braço e encostou-me à parede: «Sua boneca alemã... seu capacho...» e mandava-me para o c... Lacaia dos alemães, que tinha escolhido um filho de *kulak*, e com ele armava-se em santinha. E parecia ir puxar a pistola. A minha mãe caiu de joelhos diante deles: «Disparem, meninos, disparem. Eu andei com as vossas mães em menina. Que elas depois chorem também.» As palavras da minha mãe tiveram efeito. Eles falaram entre si e foram-se embora. (*Silêncio.*) O amor é amargo, amargo...

A frente estava cada vez mais perto. À noite já se ouviam os disparos dos canhões. Uma noite tivemos visitas. «Quem é?» «Guerrilheiros.» Entrou o meu cortejador... e com ele mais outro... O meu cortejador mostrou-me a pistola: «Com esta pistola matei o teu marido.» «Mentira! Mentira!» «Agora não tens marido.» Pensei que ia matá-lo, que lhe arrancava os olhos... (*Silêncio.*) E no outro dia de manhã trouxeram-me o meu Ivan... Num trenó... em cima de um capote... Tinha os olhos fechados, o rosto infantil. Ele que nunca matou ninguém... Eu acreditava nele! E ainda acredito! Rolei-me pelo chão a uivar. A minha mãe tinha medo de que eu perdesse o juízo e que a criança nascesse morta ou anormal, e correu a casa de uma curandeira, a velha Stássia. «Conheço a tua desgraça», disse ela à minha mãe, «mas não posso fazer nada. A tua filha que peça a Deus.» E ensinou-lhe como pedir... Quando levassem Ivan a enterrar, eu devia ir não atrás do caixão, como toda a gente, mas à frente. Até mesmo ao cemitério. Atravessar assim toda a aldeia... Para o fim da guerra já muitos homens iam para a floresta, juntavam-se aos guerrilheiros. Em todas as casas tinha morrido alguém. (*Chora.*) E caminhei à frente do caixão do *polizei*... Eu ia à frente, e a minha mãe atrás. Todas as pessoas saíram das suas casas, estavam de pé às cancelas, mas ninguém disse uma palavra má. Olhavam e choravam.

Voltaram os soviets... Aquele rapaz veio outra vez ter comigo... Veio a cavalo: «Já alguém se interessa por ti.» «Quem?» «Quem...quem? Os organismos.» «A mim tando se me dá onde encontrar a minha morte. Que me mandem para a Sibéria.» «Que mãe és tu? Tens uma criança.» «Tu sabes de quem é...» «Eu caso-me contigo mesmo assim.» E eu casei-me com ele. Com o assassino do meu marido. Dei-lhe uma menina... (*Chora.*) Ele gostava da mesma maneira das duas crianças: do meu filho e da filha dele. Não digo nada

em contrário. Mas eu... eu... andava cheia de nódoas negras, de equimoses sangrentas. De noite batia-me, e de manhã ajoelhava-se, pedia-me perdão. Era devorado por uma paixão... Tinha ciúmes do morto... De manhã, ainda toda a gente dormia e eu já estava levantada. Tinha de me levantar mais cedo, para que ele não acordasse... não me abraçasse... À noite já não havia luz em nenhuma janela, mas eu ainda estava na cozinha. As minhas panelas brilhavam. Esperava que ele adormecesse. Vivi quinze anos com ele, e depois ele adoeceu gravemente. Morreu num outono. (*Chora.*) Eu não tive culpa... não lhe desejava a morte. No último momento... ele estava deitado com a cara voltada para a parede, e de repente voltou-se para mim: « Tu amavas-me? » Fiquei calada. Ele riu-se, como naquela noite em que mostrou a pistola... « Pois eu toda a minha vida só te amei a ti. Amava-te tanto, que te queria matar quando soube que ia morrer. Pedi veneno ao Iacha (um vizinho nosso que preparava peles de animais). Não consigo suportar: eu morro e tu ainda vais ter mais alguém. És bonita.»

Estava deitado no caixão e parecia rir-se... Eu tinha medo de me aproximar dele. Mas tive de lhe dar um beijo.

Coro.

« Ergue-te país imenso, / Ergue-te para o mortal combate... / Que a nobre raiva ferva como uma vaga / Trava-se uma guerra popular, / Uma guerra santa... »

– Partimos com agravo...

– Eu disse às minhas filhas: quando eu morrer, quero que só haja música, e que as pessoas não digam nada.

– Depois da guerra, os prisioneiros alemães carregaram pedras. Reconstruíam a cidade. Esfomeados. Pediam pão. Eu não podia dar-lhes um bocado de pão. Às vezes é esse preciso momento que recordo... esse... É estranho que estas coisas fiquem na memória...

Em cima da mesa havia flores e um grande retrato de Timerian Zinatov. Parecia-me constantemente que naquele coro ouvia também a voz dele, que estava ali connosco.

Eu pouco me lembro dele... A casa, a família... nunca lhe interessaram. Era só a fortaleza, sempre a fortaleza. Não se esquecia da guerra... Ensinava aos filhos que Lenine era bom, que estávamos a construir o comunismo. Uma vez chegou do trabalho com o jornal na mão: «Vamos para uma grande construção. A Pátria chama.» Os nossos filhos eram ainda pequenos. Vamos, e pronto. A Pátria ordena... E assim fomos com ele para o BAM⁴⁰ ... para a construção do comunismo... Construïmo-lo. Acreditávamos que tínhamos tudo pela frente! Acreditávamos firmemente no poder soviético. Com toda a alma. Agora já somos velhos. *A glasnost, a perestroika*... Ficamos sentados a ouvir a rádio. Já não há comunismo... Onde está esse comunismo? E já não há comunistas... não se percebe quem é que está lá no poder... Gaidar depenou-nos completamente... deixam o povo sem abrigo... Roubam nas fábricas, nos *kolkhozes*... Enganam... e é assim que vivem... Mas o meu... vivia nas nuvens... sempre algures lá muito alto... A minha filha trabalha numa farmácia, uma vez trouxe para casa medicamentos deficitários para os vender e ganhar algum dinheiro. Como é que ele soube? Farejou? «Uma vergonha! Que vergonha!», gritava. Pô-la fora de casa. Eu não conseguia acalmá-lo. Outros veteranos aproveitam-se dos privilégios a que têm direito... «Vai lá», pedia-lhe eu. «Talvez te deem alguma coisa.» Pôs-se a gritar: «Eu combati pela Pátria, e não por privilégios.» À noite estava deitado de olhos abertos, calado. Chamava-o, não respondia. Deixou de falar connosco. Afligia-se muito. Não era por nós que se afligia, não era pela família, era por todos. Pelo país. Era um homem assim. Passei muito com ele... Confesso-lhe francamente a si, como mulher e não como escritora... Eu não o compreendia...

Apanhava as batatas, vestia-se melhor e lá ia para a sua fortaleza. Podia ter-nos deixado ao menos um papel. Escreveu ao Estado, a pessoas estranhas. E a nós nada... nem uma palavra...

37 Andrei Vlassov, general soviético que, tendo sido feito prisioneiro pelos Alemães em 1942, se aliou a Hitler, formando um «exército russo de libertação». (*N. do T.*)

38 Termo pejorativo para designar os judeus. (*N. do T.*)

39 Em alemão no original: «Menina, menina pequena.» (*N. do T.*)

40 Abreviatura do nome russo da via-férrea entre o lago Baikal e o rio Amur: Baikal-Amurski Maguistral. (*N. do T.*)

As delícias do sofrimento
e os caprichos do espírito russo

HISTÓRIA DE UM AMOR

Olga Karimova, música, 49 anos

Não, não... isso é impossível... impossível para mim. Eu pensava que algum dia... contaria a alguém... mas não agora... Não agora. Tenho tudo encerrado, emparedado, rebocado. Pois... Dentro de um sarcófago... fechei tudo num sarcófago... ali já não haverá incêndio, mas há uma espécie de reação química, formam-se alguns cristais. Receio tocar-lhes. Tenho medo...

O primeiro amor... Pode-se chamar-lhe assim? O meu primeiro marido... É uma história bonita. Ele fez-me a corte durante dois anos. Eu queria muito casar-me com ele, porque precisava dele completamente, de que nunca desaparecesse. Que fosse todo meu! Nem sei por que razão precisava dele assim, todo. Que nunca se separasse, estar sempre a vê-lo, armar brigas, e depois fornicar, fornicar sem parar. Ele foi o primeiro homem na minha vida. A primeira vez foi apenas... hum... simples curiosidade, para ver o que aconteceria. A vez seguinte também... e em geral... Uma espécie de técnica... Bem, o corpo... o corpo e mais nada! E continuou assim durante seis meses. Para ele não era absolutamente necessário que fosse eu, podia encontrar outra coisa. Mas por qualquer razão casámo-nos... Eu tinha vinte e dois anos. Estudávamos juntos na Escola de Música, fazíamos tudo juntos. E depois aconteceu... qualquer coisa se revelou em mim... Mas não dei por esse momento... em que comeci a amar o corpo masculino... Ali estava ele, e pertencia-me inteiramente a mim... Foi uma história bonita... Podia continuar sem fim, ou podia acabar em meia hora. E pronto... Fui-me embora. Fui eu que o deixei. Ele implorou-me que ficasse. Por qualquer razão decidi que me havia de ir embora. Estava cansada dele... Meu Deus, como estava farta dele! Já

estava grávida. Já tinha uma grande barriga... Para que o queria eu? Fornicávamos, depois brigávamos, depois eu chorava. Ainda não sabia suportar. Não era capaz de perdoar.

Saí de casa, fechei a porta e de repente senti-me alegre por estar a deixá-lo. Porque o deixava para sempre. Fui para casa da minha mãe. Ele apareceu logo lá, à noite, completamente desorientado. «Que é que ela tem? Sempre descontente, falta-lhe sempre mais alguma coisa. Que mais queres tu?» Mas eu virei aquela página... Fiquei muito contente por tê-lo e muito contente por já não o ter. A minha vida foi sempre um mealheiro. Enchia-se e esvaziava-se.

Oh, foi tão bonito ter a Ânia... Gostei tanto disso... Primeiro, rebentaram-me as águas... Tinha andado muitos quilómetros e a certo ponto da floresta rebentaram-me as águas. Eu pouco percebia, se devia ir logo para o hospital ou não. Esperei até ao anoitecer. Era no inverno, agora até me custa acreditar, estavam quarenta graus abaixo de zero. A casca das árvores estalava. No entanto, decidi ir. O médico observou-me: «Vai demorar-te dois dias.» Telefonei para casa: «Mãe, traz-me chocolate. Vou ficar ainda muito tempo de cama.» Antes da visita da manhã apareceu uma enfermeira: «Ouve, já se lhe vê a cabeça. Vou chamar o médico.» E ali estou eu numa poltrona... Diziam-me: «Pronto, pronto. Está quase...» Não me lembro quanto tempo passou. Mas... foi muito depressa... Mostraram-me uma bolinha qualquer: «Tens uma menina.» Pesava quatro quilos. «E nem um arranhão. Poupana a sua mãe.» Oh, quando no dia seguinte ma trouxeram, os olhos dela eram só pupilas, negras, flutuavam. E eu já não via mais nada...

Começou para mim uma vida nova, completamente diferente. Eu gostava do meu novo aspeto. De um modo geral, acho que me tornei de repente mais bonita... Ânia ocupou logo o seu lugar. Eu adorava-a, mas era como se ela não tivesse nenhuma ligação com os homens. Com o facto de ter um pai. Caiu do céu! Do céu. Quando começou a falar, perguntavam-lhe: «Ânetchka, tu não tens papá?» «Em vez do papá tenho uma avó.» «E não tens um cão?» «Em vez do cão tenho um *hamster*.» Somos assim as duas... Toda a vida tive medo de deixar de ser eu. Mesmo quando me tratavam um dente pedia: «Não me deem anestesia. Não se preocupem.» Os meus sentidos são meus, os bons e os dolorosos, não me desliguem de mim mesma. Eu e a Ânia gostamos uma da outra. E foi então que o encontramos. O Gleb...

Se não fosse ele, nunca teria voltado a casar-me. Eu tinha tudo: uma criança, um emprego, liberdade. De repente aparece ele... Desajeitado, quase cego... sofria de asma... Admitir no meu mundo um homem com um passado tão

pesado – doze anos nos campos de trabalho estalinistas... Prenderam-no ainda rapazinho, com dezasseis anos. O pai... era um alto funcionário do Partido... fuzilaram-no, e a mãe tinha morrido metida numa barrica de água gelada. Algures muito longe, nas neves. Antes de o conhecer eu nunca havia pensado nessas coisas... Tinha sido pioneira, membro do Komsomol... A vida era bela! Maravilhosa! Como é que me pude decidir a uma coisa daquelas? Como? Com o passar do tempo, o sofrimento torna-se conhecimento. Também conhecimento. Há já cinco anos que ele morreu... Cinco... E eu tenho pena de que ele não me tenha conhecido como sou agora. Agora compreendo-o melhor, cresci até ao nível dele, mas sem ele. Durante muito tempo não conseguia viver sozinha. Não tinha vontade de viver. Não é que tivesse medo da solidão, a razão era outra – não sei viver sem amor. Preciso dessa dor... dessa piedade... Sem isso... tenho medo, um medo como o que sinto quando estou no mar. Quando nado até muito longe: estou sozinha, e por baixo é a escuridão... Não sei o que há ali...

Estamos sentadas no terraço. As folhas das árvores agitaram-se, começou a chover.

Oh, esses romances de praia... Por pouco tempo. Muito breves. Um modelo de vida tão pequeno. Pode-se começar em beleza e acabar em beleza. É aquilo que não acontece na vida, aquilo que nós quereríamos. Por isso gostamos tanto de partir para qualquer lado... encontrar pessoas... Pronto... Eu tinha duas trancinhas, um vestido azul às bolinhas comprado no armazém Dietski Mir um dia antes da partida. O mar... Eu nadava até muito longe. Nadar é o que eu mais gosto de fazer neste mundo. De manhã fazia exercícios de ginástica debaixo de uma acácia-branca. Passou por ali um homem, um sujeito perfeitamente normal, já não muito novo, e por qualquer razão ficou contente. Parou a olhar: « Quer que eu lhe leia versos logo à noite? » « Pode ser, mas agora vou nadar até muito, muito longe! » « Eu espero por si. » E esperou, durante algumas horas. Recitava os versos muito mal, estava sempre a endireitar os óculos. Mas era enternecedor. Compreendi... Compreendi o que ele sentia... Aqueles movimentos, aqueles óculos, aquele alvoroço. Mas não me lembro absolutamente nada daquilo que ele recitou. E porque havia isso de ser tão importante? Naquele dia também estava a chover. Lembro-me disso... Não esqueci nada... Os sentimentos... os nossos sentimentos – são como entidades separadas –, o sofrimento, o amor, a ternura. Vivem por si mesmos, não dependem de nós. Sem saber porquê, escolhemos de repente aquela pessoa e não outra, que talvez seja melhor. Ou tornamo-nos parte de uma vida alheia, sem ainda suspeitarmos de nada. Mas já nos encontraram... já nos enviaram um

sinal... « Esperei tanto por ti », diz-me ele quando nos encontramos na manhã seguinte. E disse isto com uma voz tal que eu, por qualquer razão, naquele momento acreditei nele, embora não estivesse nada preparada. Pelo contrário. Mas de repente qualquer coisa mudou à minha volta... Não era ainda amor, era uma sensação de que subitamente tinha recebido muito. Uma pessoa ouviu outra pessoa. Bateu à porta e abriram-lhe. Nadei até muito longe. Voltei e ele disse-me: « Tudo correrá bem entre mim e ti. » Por qualquer razão, voltei a acreditar. À noite bebemos champanhe: « Este é champanhe tinto, mas pelo preço é um champanhe normal. » Gostei desta frase. Ele fritou ovos: « Acontece-me uma coisa interessante com estes ovos. Compro sempre dez, frito-os aos dois de cada vez, e sobra-me sempre um. » Pequenas coisas assim, enternecedoras.

Todos olhavam para nós e perguntavam: « Esse é o teu avô? É o teu pai? » Eu com um vestidinho curtinho... Tinha vinte e oito anos... Só depois ele se tornou bonito. Comigo. Acho que sei um segredo... Esta porta só se abre ao amor. Unicamente ao amor... « Eu lembrava-me de ti. » « Como é que te lembravas de mim? » « Queria caminhar contigo para qualquer parte. Para muito longe. E não preciso de mais nada, apenas sentir que tu estás ao meu lado. Esta é a ternura que sinto só de olhar para ti e caminhar ao teu lado. » Passámos momentos felizes, absolutamente como crianças. « Podemos ir os dois para uma ilha qualquer e ficamos deitados na areia. » As pessoas felizes são sempre crianças. É preciso protegê-las, porque são sempre frágeis e ridículas. Indefesas. Conosco era assim, mas não sei como deve ser em geral. Com uns é assim, com outros é de outra maneira. Depende de cada qual... « A infelicidade é a melhor mestra », dizia a minha mãe. Mas nós queremos a felicidade. À noite acordava com este pensamento: O que estou eu a fazer? Sentia-me intranquila, por causa daquela tensão... E... « Tens sempre a nuca contraída », dizia-me ele. O que faço eu, para onde estou a cair? Para um abismo.

... Veja, o cesto do pão... Ele, assim que via pão, começava a comê-lo metodicamente. Qualquer quantidade. Não se podia deixar pão. É uma razão. E ele comia, comia todo o pão que havia. Eu não compreendi logo...

... Falava-me da escola... Nas aulas de História abriam o manual e desenhavam uma grade de prisão sobre os retratos dos marechais Tukhatchevski e Blücher. Era o diretor da escola que mandava. Ao fazê-lo, cantavam e riam-se. Depois das aulas batiam-lhe e escreviam-lhe nas costas a giz: « Filho de um inimigo do povo. »

... Se alguém dava um passo para fora das fileiras, disparavam-lhe, se conseguisse alcançar a floresta, era devorado pelas feras. Na barraca, à noite,

podia-se ser esfaqueado. Sem mais nem menos – esfaqueavam e pronto. Sem uma palavra... nada... Era um campo de trabalhos forçados, cada qual vivia para si mesmo. Tive de compreender isto...

... Depois da brecha no cerco de Leninegrado, chegou lá uma leva de presos do bloqueio. Uns esqueletos... só ossos... pouco parecidos com pessoas... Tinham sido presos por continuarem a receber as senhas de racionamento de cinquenta gramas de pão (a norma diária) de mães ou filhos já mortos... Por isso aplicavam seis anos de prisão. Durante dois dias fez-se no campo um silêncio horrível. Até os guardas se calavam...

... Durante algum tempo trabalhou na caldeira... alguém o salvou quando ele estava já esgotado. O fogueiro era um professor de Moscovo, um filólogo, para quem ele acartava lenha num carrinho de mão. Discutiam entre si: um homem que cita Púchkin é capaz de disparar sobre pessoas desarmadas? Um homem que ouve Bach?

No entanto, porque o escolhi eu, precisamente a ele? As mulheres russas gostam de encontrar estes infelizes. A minha avó amou um, e os pais dela deram-na em casamento a outro. E como ela não gostava dele, como não o queria! Meu Deus! E decidi que quando, na igreja, o sacerdote lhe perguntasse: « Casas-te por tua vontade? » ela recusaria. Mas o sacerdote estava bêbedo e, em vez de lhe fazer a pergunta, como devia, disse: « Não o trates mal, ele ficou com os pés gelados na guerra. » E ela já não pôde deixar de se casar. E assim a nossa avó recebeu para toda a vida o nosso avô, a quem nunca amou. Que excelente vinheta para toda a nossa vida: « Não o trates mal, ele ficou com os pés gelados na guerra. » Se a minha mãe foi feliz? A minha mãe... O meu pai voltou da guerra em quarenta e cinco... Destruído, esgotado. Doente dos ferimentos. Vencedores! Só as mulheres deles sabem o que era viver com os vencedores. A minha mãe chorava muitas vezes depois do regresso do meu pai. Os vencedores demoraram anos a entrar na vida normal. A habituar-se. Lembro-me do meu pai contar como a princípio as palavras « Vamos aquecer o banho », ou « Vamos à pesca » o punham como louco. Os nossos homens são uns mártires, estão todos traumatizados, ou pela guerra, ou pela prisão. Ou pelos campos de trabalhos. « Guerra » e « prisão » são as duas palavras russas mais importantes. A mulher russa nunca teve um homem normal. Ela é como médica, trata-o um pouco como herói, um pouco como criança. Salva-o. Ainda hoje é assim. Continua a ter o mesmo papel. A União Soviética desfez-se... Agora temos as vítimas da queda do Império. Do fracasso. Até o Gleb era mais corajoso depois do Gulag. Tinha arrogância. Pois eu sobrevivi! Eu suportei! Vi muita coisa, mas escrevo livros,

beijo mulheres... Tinha orgulho. Mas estes têm o medo nos olhos... Apenas o medo... O Exército reduz-se, as fábricas estão paradas... Engenheiros, médicos e cientistas tornam-se vendedores no mercado. Tantos à nossa volta que foram atirados para fora do comboio. Ficam sentados na berma, à espera não se sabe de quê. O marido de uma amiga minha era aviador, comandava uma esquadrilha. Passaram-no à reserva. Quando ela perdeu o trabalho, tratou de arranjar outra coisa – era engenheira, passou a ser cabeleireira. E ele fica em casa e bebe para esquecer o agravo, bebe porque ele, um aviador de combate – que esteve no Afeganistão –, tem de preparar a papa das crianças. E pronto... Está ofendido com toda a gente. Cheio de ódio. Foi ao Centro de Recrutamento, pediu que o enviassem para a guerra em qualquer parte, em missão especial. Recusaram-no. Os voluntários são muitos. Temos milhares de militares no desemprego, daqueles que só sabem de metralhadoras e de tanques. Que não se adaptam a outra vida. As nossas mulheres têm de ser mais fortes do que os homens. Percorrem o mundo com os seus sacos aos quadrados. Desde a Polónia até à China. Compram e vendem, carregam com a casa, com os filhos, com os pais velhos e com os maridos. E o país. É difícil explicar isto a pessoas de fora. Impossível. A minha filha casou-se com um italiano... Chama-se Sergio e é jornalista... Quando me vêm visitar, temos grandes discussões na cozinha. À maneira russa... até de madrugada... Sergio acha que os Russos gostam de sofrer, que é esse o centro do espírito russo. Para nós, o sofrimento é « uma batalha pessoal », « o caminho da salvação ». E eles, os Italianos, não são assim, não querem sofrer, amam a vida, que nos foi dada para a alegria e não para o sofrimento. Mas no nosso país não é assim. Raramente falamos de alegria... de que a felicidade é um mundo. Um mundo formidável! Com tantos recantos, tantas janelas, portas, e que são precisas outras tantas chaves para elas. E nós somos sempre atraídos para as sombrias alamedas de Búnin. Quando vêm do supermercado, é ele quem traz os sacos. À noite ela pode tocar piano, e ele preparar o jantar. Comigo era tudo diferente: se ele pegava nos sacos, eu tirava-lhos: « Eu levo. Tu não podes. » Ele entrava na cozinha: « Aqui não é o teu lugar. Vai lá para a escritaninha. » Eu era sempre um reflexo da luz dele.

Ao fim de um ano, ou talvez mais... Ele devia vir a casa comigo... bem, conhecer a minha família. Avisei-o de que a minha mãe era boa pessoa, mas que a minha filha não era lá muito... não era como as outras... Não garantia que ela o recebesse bem. Oh, a minha Ánia!... Levava tudo ao ouvido: um brinquedo, uma pedra, uma colher... As crianças levam tudo à boca, mas ela era ao ouvido, para saber que som tinha! Comecei muito cedo a dar-lhe música a ouvir, mas ela

era uma criança estranha: assim que eu punha um disco, ela virava costas e saía. Não gostava de nenhuma música, só se interessava por aquilo que soava dentro de si mesma. Pois Gleb chegou, muito emocionado, tinha cortado o cabelo demasiado curto, e não era especialmente bonito. Trouxe discos, e pôs-se a contar como tinha comprado aqueles discos... E a Ânia tem ouvido... ela não ouve as palavras, mas ouve outra coisa... as entoações... Pegou logo nos discos: « Que discos “intelessantes?” » Assim mesmo... Algum tempo depois colocou-me num impasse: « Não lhe vá eu chamar papá por engano! » Ele não tentava agradar-lhe, achava simplesmente interessante estar com ela. O amor entre eles foi imediato... Eu até tinha ciúmes por eles gostarem mais um do outro do que de mim. Depois convenci-me de que o meu papel era outro... (*Silêncio.*) Ele perguntou-lhe: « Ânia, tu gaguejas? » « Agora já gaguejo mal, mas dantes gaguejava muito bem. » Uma pessoa não se aborrecia. Podia-se registar tudo o que ela dizia. Portanto: « Não lhe vá eu chamar papá por engano! » Estávamos sentados no parque. Gleb afastou-se para ir comprar cigarros e quando voltou: « De que é que as meninas estavam a falar? » Eu pisquei o olho a Ânia: « Não digas nada, é uma tolice. » E ela: « Então diz tu. » O quê? O que havia eu de fazer? Confessei: « Ela tem receio de te chamar papá por acaso. » E ele: « É claro que o caso não é simples, mas, se queres muito, podes chamar. » « Mas tu vê bem », diz Ânia, muito séria, « eu tenho outro papá, mas não gosto dele. E a mamã não gosta dele. » Com ela era sempre assim. Queimávamos as pontes. A caminho de casa ele já era papá. Ela corria aos gritos: « Papá, papá! » No dia seguinte, no jardim infantil, explicou a todos: « O meu papá ensina-me a ler. » « E quem é o teu papá? » « Chama-se Gleb. » Um dia depois a amiguinha dela trouxe de casa uma novidade: « Ânia, tu és mentirosa, tu não tens papá. Aquele não é o teu pai verdadeiro. » « Não, o outro não era verdadeiro, e este é que é verdadeiro. » É inútil discutir com Ânia, ele passou a ser « papá », e eu? Eu ainda não sou a mulher dele... não...

Fui de férias... outra vez. Ele correu atrás da carruagem e ficou muito tempo a agitar a mão. Mas já no comboio começava para mim uma aventura romântica. Dois jovens engenheiros de Kharkov viajavam também para Sotchi, como eu. Meu Deus! Eu era tão nova! O mar! O sol! Os banhos, os beijos, as danças. Tudo para mim era fácil e simples, porque o mundo é simples, um pouco de dança e pronto – sinto-me no meu elemento. Alguém gosta de mim... levame nos braços... Na montanha levou-me ao colo durante duas horas... Músculos jovens, um riso jovem. Em volta da fogueira até de manhã... Tive um sonho... Abriu-se o teto... O céu era azul... E eu via Gleb... Eu e ele íamos para qualquer

parte, caminhávamos à beira-mar, onde não havia seixos arredondados pelas ondas, mas pedras muito afiadas, como pregos. Eu ia calçada, mas ele estava descalço. «Descalço», explicava-me, «sente-se melhor.» Mas eu sabia que aquilo o magoava. E devido às dores, ele começou a erguer-se no ar... a planar sobre a terra... Eu via-o voar. Mas por qualquer razão tinha as mãos postas, como uma pessoa morta... (*Interrompe-se.*) Meu Deus! Eu sou louca... Não devia confessar isto a ninguém... A maior parte das vezes tinha a impressão de que era feliz naquela vida... Feliz! Fui visitá-lo ao cemitério... Lembro-me de que caminhava e tinha a sensação de que ele estava ali algures. E sentia uma felicidade tão intensa que tinha vontade de chorar. Dizem que os mortos não nos visitam. Não acredite.

Acabaram-se as férias, voltei para casa. O engenheiro acompanhou-me mesmo até Moscovo. Prometi contar tudo a Gleb... Fui ter com ele... Em cima da mesa estava uma agenda, toda riscada, o papel de parede todo escrevinhado, até os jornais que ele lia, e por toda a parte só três letras: E... T... A... Letras grandes, letras pequenas, caracteres de imprensa, manuscritas. Reticências... Perguntei-lhe: «O que é isto?» E ele decifrou: «Está tudo acabado?» E pronto, vamos separar-nos, será preciso explicar a Ânia. Fomos buscá-la. Antes de ir para casa, ela tinha de fazer um desenho! Não conseguiu acabar, ia sentada no carro a chorar. Ele já estava habituado às loucuras dela e achava que isso era um talento. Era já uma cena de família: Ânia a chorar, ele a acalmá-la, e eu entre os dois... Ele a olhar para mim, a olhar... E eu... de repente, num minuto, num segundo... compreendi: ele era um homem horrivelmente solitário. Horrivelmente! E que me ia casar com ele... Devia fazê-lo... (*Chora.*) Que felicidade não nos termos deixado. Eu não o ter perdido. Que felicidade! Ele ofereceu-me uma vida! (*Chora.*) Portanto, casámo-nos... Ele estava assustado, sentia medo porque já tinha sido casado duas vezes. As mulheres traíam-no, cansavam-se dele... e não se podia culpá-las. O amor é um trabalho difícil. Para mim é antes de mais um trabalho. Foi um casamento sem boda, sem vestido branco. Tudo decorreu com simplicidade. E eu que sempre tinha sonhado que seria um casamento de vestido branco, que atiraria da ponte para a água um ramo de rosas brancas. Tinha sonhos desses.

Ele não gostava de que o interrogassem... Fazia sempre alguma bravata... para rir... um costume de presidiário, de esconder atrás disso tudo o que era sério. Num outro plano. Por exemplo, nunca dizia «liberdade», mas sempre «liberdadezinha». «E lá estava eu na liberdadezinha.» Por vezes, em raros momentos, contava com gosto e com graça... Eu até sentia as alegrias que ele lá

tinha passado: como quando conseguiu uns bocados de pneu e os aplicou às botas de feltro; depois foram transferidos para outro campo e ele ficou muito contente por ter aqueles bocados de pneu. Uma vez conseguiu meio saco de batatas e algures na «liberdadezinha», quando estavam a trabalhar, alguém lhe deu um grande bocado de carne. À noite, na caldeira, fizeram sopa: «E, sabes, era tão saborosa! Excelente!» Quando o libertaram, pagaram-lhe uma compensação por causa do pai. Disseram-lhe: «Devemos-lhe pela casa, pelos móveis...» E deram-lhe uma elevada quantia de dinheiro. Comprou um fato novo, uma camisa, sapatos, uma máquina fotográfica e foi ao melhor restaurante de Moscovo, o Nacional. Pediu os pratos mais caros, conhaque, café e bolo. No fim, quando já estava satisfeito, pediu que lhe tirassem uma fotografia daquele momento mais feliz da sua vida. «Voltei para o apartamento onde vivia, e dei por mim a pensar que não sentia nenhuma felicidade. Com aquele fato, com aquela máquina fotográfica... Porque é que não sentia felicidade? E lembrei-me daqueles bocados de pneu, daquela sopa na caldeira – e lá sentia felicidade.» E tentávamos compreender... onde é que está essa felicidade? Ele não trocaria o campo de trabalhos por nada... Era o seu tesouro secreto, a sua riqueza. Dos dezasseis anos até quase aos trinta estivera no campo de trabalhos... Faça as contas... Eu perguntava-lhe: «E se não tivesses sido preso?» Respondia com uma piada: «Seria um parvo que andava por aí num carro vermelho de corrida. O mais moderno.» Só mesmo para o fim... Já no fim... quando estava no hospital... falou comigo a sério pela primeira vez: «Isto é como no teatro. Da sala vêes uma bonita história, o palco está arrumadinho, os atores são brilhantes, a iluminação é misteriosa, mas quando vamos aos bastidores... Logo atrás da cortina, há bocados de tábuas, trapos, telas não acabadas de pintar e abandonadas... garrafas de vodca... restos de comida... E nenhuma história. Está escuro... sujo... A mim levaram-me para os bastidores... tu compreendes?»

... Tinham-no juntado aos ladrões. Um rapazinho... Nunca ninguém saberá o que lá acontecia...

... A indescritível beleza do Norte! A neve silenciosa... que irradia luz mesmo de noite... E as pessoas são animais de trabalho. Arrastam-nas para o meio da natureza, depois levam-nas de volta. «Tortura pela beleza», chamava ele a isso. A frase preferida dele: «Deus saiu-se melhor com as flores e as árvores do que com as pessoas.»

... Sobre o amor... Como aconteceu com ele a primeira vez... Estavam a trabalhar na floresta. Ali ao lado conduziam uma coluna de mulheres para o

trabalho. Estas viram os homens, e pararam... e não saíam do lugar. O chefe da guarda gritava: «Vamos lá para a frente! Para a frente!» E elas paradas. «Para a frente, suas filhas da mãe!» «Cidadão chefe, deixe-nos ir ter com os homens, não aguentamos mais. Vamos começar a uivar!» «O que é que lhes deu? Estão endiabradas!» E elas paradas: «Não vamos a lado nenhum.» Uma ordem: «Têm meia hora. Dispersar!» Num instante a coluna desfez-se. Mas elas voltaram todas a tempo. Com exatidão. Voltaram felizes. (*Silêncio.*) Onde está essa felicidade?

... Na prisão, ele escrevia versos. Alguém o denunciou ao chefe do campo: «Ele escreve.» O chefe chamou-o: «Escreve-me uma carta de amor em verso.» E pedia isto com ar envergonhado. Tinha uma amante algures nos Urales.

... Voltou para casa no beliche superior. O comboio arrastou-se durante duas semanas, através de toda a Rússia.

La sempre deitado no beliche de cima, tinha medo de descer. Saía para fumar à noite. Tinha receio de que os companheiros de viagem lhe oferecessem de beber... desataria a chorar. Punham-se a tagarelar e ficariam a saber que ele vinha de um campo de trabalhos... Foi recebido por uns vagos parentes do pai, que tinham uma menina pequena. Abraçou-a e ela começou a chorar. Havia nele qualquer coisa... Era incrivelmente solitário... Mesmo comigo. Eu sei: comigo também...

Agora anunciava com orgulho a toda a gente: «Tenho uma família.» Todos os dias se surpreendia com a vida familiar normal e parecia orgulhar-se disso. Mas o medo... em todo o caso o medo... não sabia viver sem aquele medo. Acordava de noite a suar de horror: não conseguia acabar de escrever o livro (estava a escrever um livro sobre o pai), não recebia encomendas de novas traduções (era tradutor técnico do alemão), não conseguia alimentar a família. E se de repente eu o deixasse... Primeiro o medo, depois a vergonha por esse medo. «Gleb, eu amo-te. Se quiseres que eu dance num bailado, eu danço. Por ti sou capaz de tudo.» Consegui sobreviver ao campo de trabalhos, mas na vida normal qualquer polícia que o mandasse parar o carro podia provocar-lhe um enfarte... Ou mesmo um telefonema da administração do prédio... «Como é que tu conseguiste sobreviver lá?» «Fui muito amado na infância.» O que nos salva é a quantidade de amor que recebemos, é a nossa reserva de solidez. É isso... Só o amor nos salva. O amor é uma vitamina sem a qual uma pessoa não consegue viver, o sangue coagula-se-lhe, o coração para. Eu já fui enfermeira... ama de crianças, atriz... Já fui tudo.

Acho que tivemos sorte... A época foi importante... A *perestroika*! A sensação de festa, é claro. Parecia que íamos levantar voo. A liberdade flutuava no ar. «Gleb, este é o teu tempo! Pode-se escrever tudo. E publicar.» Em primeiro lugar, era o tempo deles... da geração dos anos sessenta... O seu triunfo. Eu via-o feliz: «Vivi até à completa vitória do anticomunismo.» Aconteceu a coisa mais importante com que ele sonhava: o comunismo desmoronou-se. Agora iam retirar os monumentos bolcheviques e o sarcófago de Lenine da Praça Vermelha, as ruas não teriam os nomes de assassinos e carrascos... Um tempo de esperanças! Esta geração dos anos sessenta, podem dizer agora tudo e que queiram sobre eles, mas eu gosto de todos eles. Ingênuos? Românticos? Sim!!! Ele passava dias inteiros a ler os jornais. Ia de manhã ao quiosque ao lado do nosso prédio. Com um grande saco das compras. Ouvia a rádio e via televisão. Sem parar. Nessa altura éramos todos assim doidos. Liberdade! Só esta palavra embriagava. Todos crescemos a ler *samizdat* e *tamizdat*⁴¹. Crescemos com as palavras. Com a literatura. Como nós falávamos! Como toda a gente falava bem nesse tempo! Eu estava preparar o almoço ou o jantar, ele estava sentado ao lado, com um jornal, e citava para mim: «Susan Sontag: o comunismo é o fascismo de rosto humano... E mais... mais, ouve...» Lemos juntos Berdiáiev, Hayek... Como é que nós vivíamos antes sem estes jornais e estes livros? Se soubéssemos isto antes... Tudo teria sido diferente... Jack London tem um conto sobre este tema: pode-se viver até com uma camisa de forças, só é preciso amolecer, encolher-se e habituar-se. E até se pode sonhar. Era assim que vivíamos. Como vamos viver agora? Não sei. Mas imaginava que todos viveríamos bem. Não tinha quaisquer dúvidas... Depois da morte dele encontrei no caderno de notas: «Estou a reler Tchékhev... o conto *O Sapateiro e o Diabo*. Um homem vende a alma ao Diabo em troca da felicidade. O que é a felicidade, segundo a ideia do sapateiro? É deslocar-se numa caleça, com um sobretudo novo e botas de couro, com uma mulher gorda de grande peito sentada ao seu lado, e levando numa mão um presunto e na outra uma garrafa de vodka de cereais. Não é preciso mais nada...» (*Fica pensativa.*) Pelos vistos, ele tinha dúvidas... Mas desejávamos tanto qualquer coisa nova. Qualquer coisa boa, luminosa e justa. Corríamos felizes para todas as manifestações e comícios... Antes disso, eu tinha medo das multidões. Dos aglomerados. Tinha fobia das multidões, daqueles desfiles festivos. As bandeiras. E agora tudo me agradava... Rostos tão caros à nossa volta... Nunca esquecerei aqueles rostos! Tenho saudades desse tempo e sei que muitos têm saudades. A nossa primeira viagem turística ao estrangeiro foi a Berlim. Duas jovens alemãs, ao ouvirem falar russo,

aproximaram-se de nós: «São russos?» «Somos.» «*Perestroika!* Gorby!», e abraçaram-nos. E eu penso: «Onde estão aquelas caras? Onde estão aquelas pessoas bonitas que eu via nas ruas nos anos noventa? Que é delas, foram-se todas embora?»

... Quando fiquei a saber que ele tinha um cancro, passei a noite inteira a chorar e de manhã fui ter com ele ao hospital. Estava sentado no parapeito da janela, amarelo e muito feliz; ficava sempre feliz quando alguma coisa mudava na vida. Foi o campo de trabalhos, foi o desterro, depois começou a liberdade, e agora havia mais qualquer coisa... A morte como mais uma mudança... «Tens medo que eu morra?» «Tenho.» «Mas, em primeiro lugar, eu não te prometi nada. Em segundo lugar, isso não será em breve.» «É verdade?» Eu, como sempre, acreditei nele. Limpei logo as lágrimas e convenci-me de que precisava outra vez de o ajudar. Nunca mais chorei... até mesmo ao fim, não chorei... Ia de manhã à enfermaria, e assim começava a nossa vida. Dantes vivíamos em casa, e agora vivíamos no hospital. Ainda vivemos seis meses no serviço de oncologia.

Ele lia pouco. Passava mais o tempo a contar...

Sabia quem o tinha denunciado. Um rapaz que participava com ele num círculo da Casa dos Pioneiros. Escrevera numa carta, por si mesmo ou obrigado: «Injuriou o camarada Estaline, justificou o pai, “inimigo do povo”.» Durante o interrogatório, o juiz de instrução mostrou-lhe essa carta. Gleb teve medo durante toda a sua vida... Tinha medo de que o denunciante soubesse que ele sabia... Quando lhe disseram que esse homem tinha um filho deficiente, assustou-se... e se isso fosse um castigo? Aconteceu que a dada altura esse homem vivia ao nosso lado, encontrávamo-lo muitas vezes na rua. Na loja. Cumprimentávamo-nos. Quando o Gleb morreu, eu contei isto a uma nossa amiga comum... Ela não acreditou: «O N.? Não pode ser, ele fala sempre tão bem do Gleb. De como eram amigos de infância.» Compreendi que devia calar-me. Esse conhecimento é perigoso para uma pessoa... Ele sabia isso... Raramente algum dos antigos detidos do campo vinha a nossa casa, ele não os procurava. Quando eles apareciam em nossa casa, eu sentia-me estranha, eles vinham de um lugar onde eu ainda não existia. Sabiam dele mais coisas do que eu. Descobri que ele tinha uma outra vida... Compreendi que uma mulher pode contar as suas humilhações, mas um homem não. Para uma mulher é mais fácil reconhecer, porque algures no mais íntimo de si mesma está preparada para a violência, mesmo no ato sexual... Todos os meses a mulher começa a vida de novo... esses ciclos... A própria natureza a ajuda. Entre as mulheres que estiveram nos campos de

detenção há muitas solitárias. Vi muito poucos casais em que ambos – ele e ela – tivessem vindo de lá. Havia um segredo que não os unia, antes os separava. A mim chamavam-me « miúda » ...

« É interessante para ti estar connosco? », perguntava-me Gleb quando as visitas saíam. « Que pergunta é essa? », dizia eu, vexada. « Sabes de que é que tenho medo? Quando isso era interessante, nós tínhamos uma mordaça na boca, e agora, que podemos falar, já é tarde. Parece que já ninguém ouve. Nem lê. Levam novos manuscritos sobre os campos aos editores e eles devolvem-nos sem os lerem: “Outra vez Estaline e Béria? Não é tema comercial. O leitor já está farto.” »

... Habitou-se a morrer... Não tinha medo da pequena morte... Os chefes de equipa ladrões vendiam as rações de pão dos presos políticos, perdiam-nas ao jogo, e eles comiam betume. Betume negro. Muitos morriam, o estômago ficava colado. E ele limitou-se a deixar de comer, só bebia.

... Um rapazinho fugiu... fugiu sobretudo para que disparassem contra ele... Pela neve... com sol... A visão era excelente. Acertaram-lhe na cabeça, amarraram-lhe uma corda e arrastaram-no para o lado da barraca... para que vissem! Ficou ali muito tempo... até à primavera...

... Em dia de eleições... Havia um concerto na secção de voto, em que atuava um coro de detidos do campo. Havia presos políticos, soldados de Vlassov, prostitutas, carteiristas. E cantavam uma canção sobre Estaline: « Estaline é a nossa bandeira! Estaline é a nossa felicidade. »

... Na deportação, ele tinha conhecido uma rapariga. Ela contou-lhe como durante a investigação o juiz de instrução a convenceu a assinar uma confissão: « Vais para o inferno... Mas és bonita, podes agradar a qualquer chefe. E assim salvas-te. »

... Na primavera era particularmente horrível. Tudo na natureza muda... tudo começa a viver... Era melhor não perguntar a nenhum deles quanto tempo ainda tinha de cumprir. Na primavera, qualquer pena é uma eternidade! Os pássaros voam... ninguém levanta a cabeça. Na primavera não se olha para o céu...

À porta olhei, ele agitou a mão. Voltei algumas horas depois, já estava inconsciente. Delirava, pedia a alguém: « Espera. Espera. » Depois parou, ficou simplesmente deitado. E mais três dias. Eu até a isso me habituei. Mas ele estava ali deitado, e eu vivia ali. Puseram-me uma cama ao lado da dele. E pronto... Ao terceiro dia... era já difícil dar-lhe injeções intravenosas... Tinha trombozes... Eu tinha de autorizar os médicos a acabarem com tudo, ele não teria dores, não

sentiria. E ficámos os dois a sós, eu e ele. Nem aparelhos, nem médicos, já ninguém vinha ter com ele. Encostei-me ao lado. Estava frio. Meti-me debaixo do cobertor junto dele e adormeci. Acordei... durante um segundo pareceu-me que estávamos a dormir em nossa casa, que a janela da varanda se abrira... e que ele ainda não tinha acordado... Era horrível abrir os olhos... Abri-os, lembrei-me de tudo... E então fiquei agitada... Levantei-me, pousei-lhe a mão na cara: «A-a-ah!...», ouviu-me. Começava a agonia... e eu fiquei assim sentada... segurando a mão dele, senti o último ataque do coração. Fiquei ainda muito tempo assim sentada... Chamei uma enfermeira, ela ajudou-me a vestir-lhe a camisa, uma camisa azul-clara, a cor preferida dele. Perguntei: «Posso ficar ainda mais um pouco?» «Sim, faça favor. Não tem medo?» Havia de ter medo de quê? Conhecia-o como uma mãe conhece o filho... De manhã ele ficou bonito... O medo desaparecera-lhe da cara, passara a tensão, todo o rebuliço da vida. E apercebi-me dos traços finos e elegantes. A cara de um príncipe oriental. Ele era então assim! Era então assim, na verdade! E eu não o conhecera assim.

Só tinha feito um pedido: «Escreve na pedra que há de ficar por cima de mim que eu fui um homem feliz. Fui amado. O mais horrível tormento é quando não nos amam.» (*Silêncio.*) A nossa vida é tão curta... Um instante! Vejo como a minha velha mãe olha, à tarde, no jardim... com que olhos...

Ficamos muito tempo sentadas, em silêncio.

Não posso... não sei viver sem ele... E andam outra vez a cortejar-me. Oferecem-me flores.

No dia seguinte, um telefonema inesperado.

Chorei toda a noite... a gemer de dor... Estava sempre a sair... a sair. Fugia para o outro lado. Mal começava a sobreviver... Mas ontem voltei lá... fizeram-me voltar... Estava toda enfaixada, pus-me a arrancar essas ligaduras, e afinal nada sarou. Pensava que debaixo dessas ligaduras havia já pele nova, mas não há. Nada cicatrizou. Nada desapareceu... está cá tudo o que havia... Tenho medo de entregar isto a alguém. Ninguém suportará. Não é possível segurar isto com umas mãos normais...

HISTÓRIA DE UMA INFÂNCIA

Maria Voitechonok, escritora, 57 anos

Eu sou uma colona. Nasci na família de um oficial polaco (um *osadnik*, que em polaco significa um «colono» que recebeu terras nos territórios orientais,

depois do fim da Guerra Polaco-Soviética em 1921). Em 1939 (no protocolo secreto Molotov-Ribbentrop) a Bielorrússia Ocidental foi anexada à URSS, e milhares de colonos foram enviados com as famílias para a Sibéria como « elemento político perigoso » (segundo a nota de Béria a Estaline). Mas essa é a grande história, e a minha é a pequena história ...

Não sei em que dia nasci... e nem sequer em que ano... Tudo em mim é aproximativo. Não encontrei documentos nenhuns. Existo, e não existo. Não me lembro de nada, e lembro-me de tudo. Penso que a minha mãe estava grávida de mim quando partiu. Porquê? Sempre me perturbaram os apitos das locomotivas... o cheiro das sulipas... e o choro das pessoas nas estações... Posso viajar num excelente comboio, num expresso, mas se ouvir ao lado vagões de mercadorias, vêm-me as lágrimas aos olhos. E não posso ver os vagões para gado, ouvir os mugidos dos animais... Transportaram-nos nesses vagões. Eu ainda não era nascida, e já existia. Nos meus sonhos não há caras... nem assuntos... há apenas sons e cheiros...

Região do Altai. Cidade de Zmeinogorsk, rio Zemeiovka... Os deportados foram descarregados fora da cidade, junto de um lago. Passaram a viver na terra, em abrigos escavados no chão. Nasci debaixo da terra e ali cresci. Desde a infância, para mim a terra cheira como a casa. Pinga água do teto, solta-se uma bola de terra, cai e salta para cima de mim. Era uma rã. Mas eu era pequena, ainda não sabia de quem devia ter medo. Dormia com dois cabritinhos, na cama quentinha das « bolinhas » de cabra... A minha primeira palavra foi « mé-é-é » ... os primeiros sons... não foi « mãe », nem « mamã ». Vladia, a minha irmã mais velha, recordava como eu ficava admirada porque os cabritos não falavam como nós. A minha perplexidade. Para mim eram como iguais. O mundo era um todo, indivisível. Ainda hoje não sinto essa diferença entre nós. Entre as pessoas e os animais. Falo sempre com eles... e eles compreendem-me... E os besouros, as aranhas... também viviam ao nosso lado... uns escaravelhos muito coloridos, muito pintados. Eram os meus brinquedos. Na primavera saíamos juntos para o sol, rastejávamos pelo chão, buscávamos comida. Aquecíamos-nos. E no inverno hibernávamos, como os ursos, caíamos na sonolência devido à fome. Tive a minha própria escola, não foram só as pessoas que me ensinaram. Oíço também as árvores e as ervas. O que mais me interessa na vida são os animais, são verdadeiramente interessantes. Como separar-me daquele mundo... daqueles cheiros. Não posso. E chega finalmente o sol! O verão! Estou cá fora, tudo em redor é de uma beleza ofuscante e ninguém prepara comida para ninguém. Por todo o lado há sons e cores. Eu provo o sabor de cada erva, de cada folha, de

cada flor... de todas as raízes... uma vez enchi a barriga de meimendros, por pouco não morri. Tenho quadros inteiros na memória... Lembro-me da montanha de Barba Azul e da cor azul dessa montanha... Da iluminação... A luz vinha precisamente do lado esquerdo, da encosta. Vinha de cima para baixo... Que espetáculos aqueles! Receio que não me chegue o talento para transmitir isto. Para o ressuscitar. As palavras são apenas um complemento para completar um estado. Para os nossos sentimentos. As papoilas vermelhas, os lírios, as peónias... Tudo isto se estendia diante dos meus olhos, debaixo dos pés. Ou outra cena... Estou sentada ao lado de uma casa qualquer. Pela parede desliza uma sombra... tem cores diferentes... que estão sempre a mudar. Fico sentada naquele lugar durante muito tempo. Se não fossem aquelas cores eu por certo tinha morrido. Não teria sobrevivido. Não me lembro daquilo que comíamos... se tínhamos alguma comida de gente...

À tarde via passar pessoas negras. Roupas negras, caras negras. Eram os deportados que regressavam das minas. Eram todos parecidos com o meu pai. Não sei se o meu pai gostava de mim. Alguém gostava de mim?

Tenho muito poucas recordações... Sinto falta delas. Procuo na escuridão, tento arrancar de lá o mais possível. Raramente... muito raramente recordo de súbito alguma coisa de que não me lembrava. Sinto amargura, mas fico feliz. Nesses momentos sou extremamente feliz.

Não me consigo lembrar de nada do inverno... De inverno ficava todo o dia no abrigo. O dia era parecido com a noite. Estava tudo na penumbra. Sem uma mancha de cor... Nós possuíamos algumas coisas para além de escudelas e colheres? Nenhumas roupas... o que se chama roupas de vestir... Enrolávamo-nos nuns trapos quaisquer. Nem uma mancha de cor. Calçado... Qual calçado? Galochas... lembro-me das galochas... eu também tinha galochas, grande e velhas, como as da minha mãe. Certamente eram dela... O meu primeiro casaco deram-mo no orfanato, e também as primeiras luvas. E um gorro. Lembro-me de que na penumbra mal se via o rosto branco de Vladia... Ela passava os dias inteiros deitada a tossir, tinha adoecido nas minas, sofria de tuberculose. Eu já conhecia esta palavra... A mamã não chorava... Não me lembro de que a mamã chorasse, ela falava pouco, e depois, acho que depois deixou completamente de falar. Quando a tosse acalmava, Vladia chamava por mim: « Repete comigo... isto é Púchkin. » E eu repetia: « Geada e sol, dia admirável! Tu ainda dormes, amigo amável! » E eu imaginava o inverno como em Púchkin.

Sou uma escrava das palavras... tenho uma fé absoluta nas palavras...

Espero sempre palavras de uma pessoa, mesmo de uma pessoa desconhecida, e mais até das pessoas desconhecidas. De uma pessoa desconhecida ainda se pode esperar alguma coisa. Como se eu própria quisesse dizer alguma coisa... e decido-me... Estou pronta. Quando começo a contar alguma coisa a alguém, depois já não encontro nada nesse lugar de que falei. Fica um vazio, perco essas recordações. Num instante, fica apenas um buraco. E é preciso esperar muito tempo para que essas recordações voltem. Por isso fico calada. Dou voltas a tudo isso dentro de mim. Abro passagens, labirintos, covis...

Farrapos... De onde vieram aqueles farrapos e retalhos de pano? De várias cores, muitos vermelhos. Alguém os trouxera. Com esses farrapos eu fazia figurinhas, cortava os meus cabelos e fazia-lhes perucas. Eram as minhas amiguinhas... Nunca tinha visto bonecas, não sabia nada de bonecas. Nessa altura já morávamos na cidade, não num apartamento, mas numa cave. Com uma janelinha cega. Mas já tínhamos um endereço: Rua Estaline, 17. Como as outras pessoas... como toda a gente... já tínhamos um endereço. Ali brincava com uma menina... que não vivia na cave, mas no prédio. Tinha vestidos e sapatos, e eu andava com as galochas da minha mãe... Levei aqueles trapos para lhe mostrar, e na rua eram ainda mais bonitos do que na cave. A menina queria que lhos desse, queria trocar qualquer coisa por eles. Eu não os trocava por nada! Chegou o pai dela: « Não quero que andes com essa indigente », disse ele. Percebi que me afastavam. Que me devia ir embora discretamente, o mais depressa possível. É claro que isto já são palavras de adulta, e não de criança. Mas o sentimento... lembro-me desse sentimento... É tão doloroso que já nem nos ofendemos nem temos pena de nós, mas sentimos de repente muita, muita liberdade. E não temos pena de nós mesmos... Quando faz pena, é porque a pessoa ainda não viu mesmo o fundo, ainda não se afastou completamente das outras pessoas. Mas se já se separou, já não precisa nada das pessoas, basta-lhe aquilo que tem em si própria. Eu vi demasiado fundo... É difícil ofender-me. Raramente choro. Acho ridículas as pequenas desgraças habituais, os agravos de mulher... Isso para mim é espetáculo... a farsa da vida... Mas se oiço uma criança chorar... Nunca passo ao lado de um mendigo... Nunca passo ao lado. Lembro-me desse cheiro, o cheiro da desgraça... Produz uma espécie de ondas, e eu continuo ligada a essas ondas. É o cheiro da minha infância. Dos meus cueiros.

Fui com a Vladia... entregar um xaile de lã... Uma coisa muito bonita para um mundo diferente. Uma encomenda. Vladia sabia tricotar, e vivíamos desse dinheiro. A mulher pagou-nos e depois disse: « Esperem que eu vou cortar umas

flores para vocês.» Como, um ramo de flores para nós? Ali estamos nós, duas mendigas, enfiadas nuns panos de linhagem... famintas, cheias de frio... E oferecem-nos flores! Sempre pensávamos apenas em pão, e aquela pessoa adivinhava que nós éramos capazes de pensar em mais alguma coisa. Estamos fechadas, emparedadas, e abrem-nos um postigo... uma janela... Afinal, além do pão, além de comida... podem dar-nos um ramo de flores! Quer dizer que não somos em nada diferentes dos outros. Éramos como eles... Era uma violação das regras: «Esperem que vou cortar umas flores para vocês.» Não arrancar, nem apanhar, mas cortar. A partir desse momento... É possível que essa tenha sido a minha chave... deram-me uma chave... Aquilo transformou-me completamente... Lembro-me daquele ramo de flores... um grande ramo de cosmos. Agora planto-os sempre na minha datcha. (*Estamos na sua datcha. Só ali crescem flores e árvores.*)

Há pouco tempo fui à Sibéria... À cidade de Zmeinogorsk... voltei lá... Procurei a nossa rua, o nosso prédio... a nossa cave... Mas o prédio já não existe, demoliram-no. Perguntava a toda a gente: «Lembra-se?» Um velho lembrou-se, sim, na cave vivia uma rapariga bonita, doente. As pessoas lembram-se mais da beleza do que do sofrimento. E ofereceram-nos o ramo de flores porque a Vladia era bonita.

Fui ao cemitério... Mesmo junto ao portão havia uma guarita com as janelas pregadas com tábuas. Bati durante muito tempo. Saiu o guarda, que era cego... Que sinal era este? «Não me diz onde enterraram os deportados?» «Ah... alé-é-ém...» e indicou com a mão, não sei se para baixo, se para cima. Umas pessoas que ali estavam conduziram-me ao canto mais afastado... Ali só havia ervas, nada mais que ervas... À noite não dormi, porque me faltava o ar. Tinha espasmos e a sensação de que alguém me estrangulava... Fugi do hotel para a estação. Atravessei a pé toda a cidade deserta. A estação estava fechada, sentei-me nos carris e esperei até de manhã. No aterro da linha, um rapaz e uma rapariga beijavam-se. Amanheceu. Chegou um comboio, uma carruagem vazia... Subimos: eu e quatro homens de blusões de cabedal, com as cabeças rapadas, ar de criminosos. Ofereceram-me pepinos e pão. «Uma partidinha de cartas.» Não tive medo.

Há pouco tempo recordei... Ia no *trolleybus* e recordava-me de uma canção que Vladia cantava: «Procurei a campá da minha amada, / Mas era difícil de encontrar...» Parece que era a canção preferida de Estaline... quando a cantavam, ele chorava... Deixei logo de gostar dessa canção. Vladia tinha umas amigas que a vinham buscar para ir dançar. Lembro-me disso tudo. Eu já tinha

seis ou sete anos... Vía como elas punham arame no lugar do elástico das cuecas, para que não lhas pudessem arrancar... Ali viviam só deportados... presidiários... Havia muitos assassínios. Eu também já sabia tudo sobre o amor. Havia um rapaz bonito que vinha visitar Vladia, quando ela estava doente, deitada sobre uns trapos quaisquer. A tossir. E ele olhava-a de uma maneira...

Isto é doloroso, mas é meu. Não fujo disto para lado nenhum... Não posso dizer que tenha aceitado tudo nem que estou grata pela dor, aqui é necessária outra palavra qualquer. Agora não a encontro. Sei que neste estado estou longe de todos, e sozinha. Tomar o sofrimento nas próprias mãos, dominá-lo completamente e sair dele, trazer de lá alguma coisa. Isso é uma grande vitória, só isso faz sentido. Não saímos de mãos vazias... De outro modo, para quê descer ao inferno?

Alguém me levou à janela e disse: «Olha, levam ali o teu pai...» Uma mulher desconhecida arrastava qualquer coisa num trenó. Alguém ou alguma coisa... enrolado num cobertor e amarrado com uma corda... Depois eu e a minha irmã enterrámos a nossa mãe. E ficámos sozinhas. Vladia já mal conseguia andar, as pernas não lhe obedeciam. A pele caía-lhe, como papel. Trouxeram-lhe uma garrafinha... Eu pensava que aquilo era um remédio, mas era um ácido qualquer. Um veneno. «Não tenhas medo...», disse-me ela e entregou-me aquela garrafinha. Queria que nos envenenássemos juntas. Aceitei a garrafinha... aceitei-a e atirei-a para o fogão. O vidro quebrou-se... O fogão estava frio, havia muito que nele não se cozia nada. Vladia começou a chorar: «Tu és mesmo igual ao pai.» Alguém nos encontrou... Talvez as amigas dela? Vladia estava deitada, inconsciente... Levaram-na para o hospital e a mim para um orfanato. O meu pai... Quero recordar-me dele, mas por mais que tente não lhe vejo a cara, a cara dele não está na minha memória. Depois vi uma fotografia dele, jovem, em casa da minha tia. É verdade que sou parecida com ele... É a minha ligação com ele. O meu pai casou-se com uma camponesa bonita, de uma família pobre. Queria fazer dela uma senhora, mas a mamã usou sempre um lenço puxado até às sobrancelhas. Não era uma dama. Na Sibéria o meu pai não viveu muito tempo connosco... deixou-nos por outra mulher... E eu já havia nascido... Eu era um castigo! Uma maldição! Ninguém tinha forças para me amar. Nem a mamã tinha essas forças. Isso está inscrito nos meus genes: o desespero dela, o seu ultraje... e a falta de amor... Sinto sempre falta de amor, mesmo quando me amam não acredito, exijo sempre que me deem provas. Sinais. Preciso deles todos os dias. A cada minuto. É difícil amar-me... eu sei... (*Longo silêncio.*) Gosto das minhas recordações... Gosto das minhas

recordações porque nelas todos estão vivos. Tenho lá tudo: a mamã... o papá... Vladia... Sinto necessidade de me sentar a uma mesa comprida. Com uma toalha branca. Vivo sozinha, mas tenho na cozinha uma mesa grande. Talvez eles estejam todos comigo... Posso ir a andar e de repente repetir um gesto de outra pessoa. Um gesto que não é meu. Um gesto de Vladia... ou da mamã... Tenho a impressão de que nos tocamos com as mãos...

Fui para o orfanato... Os órfãos dos deportados eram mantidos lá até aos catorze anos, e depois mandavam-nos para as minas. E aos dezoito anos estavam tuberculosos... como Vladia... Era o destino. Vladia dizia que algures muito longe tínhamos uma casa. Mas era muito longe. Tinha ficado lá a tia Marília, irmã da mamã... Uma camponesa analfabeta. Ia pedir a pessoas estranhas que escrevessem cartas. Ainda hoje não compreendo como é que ela se desenvencilhou. Chegou uma ordem ao orfanato: que me enviassem, juntamente com a minha irmã, para determinado endereço. Na Bielorrússia. Da primeira vez não chegámos a Minsk, em Moscovo fizeram-nos descer do comboio. Tudo se repetiu. Vladia, que já estava com febre, foi para o hospital, e eu fiquei de quarentena. Do isolamento fui para uma casa de acolhimento. Numa cave, cheirava a cloro. Pessoas estranhas... Tenho vivido sempre entre pessoas estranhas... Toda a vida. E a minha tia escrevia, escrevia... Seis meses depois encontrou-me na casa de acolhimento. Ouvi de novo as palavras «casa», «tia»... Levaram-me para o comboio... Uma carruagem escura, só no corredor havia luz. Sombras de pessoas. Ia comigo uma educadora. Chegámos a Minsk e comprámos bilhete para Postav... conheço todos esses nomes... Vladia pedia: «Tu lembra-te: a nossa propriedade chama-se Sovtchino.» De Postav fomos a pé para Gridki... a aldeia da minha tia... Sentámo-nos ao pé de uma ponte para descansar. Nesse momento passou um vizinho, de bicicleta, que regressava do trabalho. Perguntou quem éramos. Respondemos que vínhamos para casa da tia Marília. «Sim», disse ele, «vão no bom caminho.» E pelos vistos avisou a minha tia de que nos tinha visto... ela correu ao nosso encontro... Eu vi-a e disse: «Esta tia é parecida com a minha mamã.» E nada mais.

De cabelo cortado «à máquina zero», estava sentada num banco comprido em casa do tio Stakh, irmão da minha mãe. A porta estava aberta e viam-se pessoas a chegar, a chegar... paravam e olhavam para mim em silêncio... Era como numa pintura! Não falavam, ficavam parados e choravam. Silêncio absoluto. Toda a aldeia acorreu... E as lágrimas deles cobriam as minhas, todos choravam comigo. Todos conheciam o meu pai, alguns tinham trabalhado para ele. Depois ouvi dizer diversas vezes: «No *kolkhoz* inscrevem-nos “riscos” num

caderno, mas o Antep (o meu pai) pagava-nos sempre.» Ai está a minha herança. A nossa casa foi transformada de habitação em sede do *kolkhoz*, ali está ainda hoje o soviete da aldeia. Eu sei tudo acerca das pessoas, sei mais do que queria saber. Naquele mesmo dia em que os soldados do Exército Vermelho meteram a nossa família numa telega e a levaram à estação, aquelas mesmas pessoas... a tia Ajbeta... Iuzefa... o tio Matei... levaram para suas casas tudo o que havia na nossa. Desmontaram os pequenos anexos e levaram todas as tábuas. E arrancaram o jovem pomar de macieiras. A minha tia foi a correr... e levou apenas um vaso da janela como recordação... Não quero lembrar-me disto. Expulso-o da memória. Lembro-me de como a aldeia me mimava, andava comigo em braços. «Vamos, Mánetchka, para a nossa casa, preparámos cogumelos...» «Vem, que te dou leite...» No dia seguinte à minha chegada, toda a minha cara se cobriu de bolhas. Os olhos ardiavam-me, não podia erguer as pálpebras. Levavam-me pela mão para me lavar. Todo o corpo me doía, ardia, purgava, para que eu olhasse o mundo com outros olhos. Era a passagem daquela vida para esta... Depois, quando eu andava na rua, toda a gente me fazia parar: «Que rapariga bonita! Ai, que rapariga!» Sem estas palavras eu teria os olhos como os de um cão que alguém retirou de uma fenda no gelo. Não sei como olharia para as pessoas...

A minha tia e o meu tio viviam numa arrecadação. A casa deles tinha ardido na guerra. Ergueram aquela arrecadação, pensando que era para os primeiros tempos, e acabaram por ficar ali. Tinha o telhado de colmo e uma pequena janela. A um canto estavam as batatas, no outro um porco que grunhia. Não havia soalho, o chão era de terra batida, coberto com junco e palha. Pouco tempo depois trouxeram também a Vladia. Viveu ali um pouco e depois morreu. Estava contente por morrer em casa. As suas últimas palavras: «O que vai acontecer à Mánetchka?»

Tudo o que aprendi sobre o amor, aprendi-o na cabana da minha tia...

«Minha pintainha...», chamava-me ela. «Minha carochinha... abelhinha...» Eu andava sempre a balbuciar, a tocar-lhe. Não conseguia acreditar... Alguém gostava de mim! Gostavam de mim! A gente cresce e as pessoas olham-nos com amor – e isto é uma coisa maravilhosa. Todos os nossos ossos se endireitam, todos os músculos. Eu dançava para ela danças russas. Tinham-me ensinado essas danças no desterro... Cantava-lhe canções... «Na estrada de Tchuiski há um percurso / Por onde viajam muitos motoristas...» «Quando eu morrer enterram-me em terra estrangeira / A minha mãe chorará, / A minha mulher arranja outro, / Mas a minha mãe já não terá filho...» Eu corria

tanto durante o dia que à noite tinha os pés negros, esfolados... não havia sapatos. À noite deitava-me a dormir e a minha tia envolvia-me os pés na barra da sua camisa de dormir, para os aquecer. Enfaixava-me. Ficava deitada junto ao ventre dela... como se estivesse nas suas entranhas... Por isso não me lembro do mal que me fizeram... Esqueci o mal... ficou escondido algures, muito longe... De manhã acordava ao som da voz da minha tia: « Fiz umas panquecas. Vai comer.» « Tia, quero dormir.» « Comes, e depois dormes.» Ela compreendia que a comida... as panquecas... para mim eram como um remédio. Gosto de panquecas. O nosso tio Vitalik era pastor, trazia ao ombro um chicote e uma longa flauta de bétula. Usava uma túnica e calças militares. Ao voltar do pastoreio trazia-nos no seu bernal queijo, um bocado de toucinho, tudo o que as donas do gado lhe ofereciam. Santa pobreza! Ela não significava nada para eles, não os ofendia, não os humilhava. Tudo isto é tão importante para mim... tão precioso... Uma amiga minha queixa-se: « Não tenho dinheiro para um carro novo... » E uma outra: « Toda a vida sonhei com um casaco de *vison*, e acabei por comprá-lo... » Oiço isto como que através de um vidro... A única coisa que lamento é já não poder usar uma saia curta... (*Rimo-nos as duas.*)

A minha tia tinha uma voz extraordinária... fremente, como a de Édith Piaf... Chamavam-na para cantar nos casamentos. E quando morria alguém. Eu ia sempre com ela, corria ao seu lado... Lembro-me... Ali estava ela junto do caixão... muito tempo... A dada altura parecia desligar-se de toda a gente, aproximava-se mais. Aproximava-se devagar... via que ninguém podia dizer as últimas palavras àquele defunto. As pessoas queriam, mas não eram capazes. E então começava: « Aonde foste tu, Ánetchka, para longe de nós... deixaste a luz do dia e a escuridão da noite... quem irá agora andar pelo teu pátio... quem beijará os teus filhos... quem esperará à noite pela vaca... » Escolhia as palavras lentamente... Tudo coisas do dia a dia, simples, mas profundas. Tristes. Havia como que uma verdade última naquela simplicidade. Uma verdade definitiva. A voz dela tremia... e toda a gente começava a chorar. Todos se esqueciam que a vaca não era ordenhada, que o marido ficava em casa, a morrer de bêbedo. As pessoas mudavam, desapareciam as preocupações, os rostos iluminavam-se. Todos choravam. Eu sentia vergonha... e tinha pena da minha tia... Voltava para casa doente: « Ai, Mánetchka, tenho um zumbido na cabeça. » Mas era assim o coração da minha tia... Eu voltava da escola... ela estava à janelinha, de agulha na mão, a remendar os nossos trapos e cantava: « O fogo apaga-se com água / O amor nada o apaga... » Sinto-me iluminada por estas recordações.

Da nossa propriedade... Da nossa casa, restavam apenas algumas pedras.

Mas eu sentia-lhes o calor, elas atraíam-me. Ia lá como quem visita uma sepultura. Era capaz de dormir lá, no campo. Caminhava com cuidado, com receio de pisar. Não havia ali ninguém, mas havia vida. O rumor da vida... de vários seres vivos... Caminhava receosa de destruir a casa de alguém. Eu mesma sou capaz de me instalar em qualquer parte, como uma formiguinha. Tenho o culto da casa. Que haja flores, que tudo seja bonito... Lembro-me de como no orfanato me levaram ao quarto onde ia viver. Camas brancas... Procurei com os olhos: a cama ao pé da janela não estará ocupada? Terei uma mesinha de cabeceira? Procurava onde seria a minha casa.

Agora... Há quanto tempo estamos aqui sentadas a conversar? Durante este tempo já houve uma tempestade... veio cá uma vizinha... o telefone tocou... Tudo isso teve influência em mim, reagi a tudo isso. Mas no papel ficarão apenas palavras... Não haverá mais nada: nem a vizinha, nem os toques do telefone... aquilo que eu disse, mas que cintilava na minha memória, que estava presente. Amanhã talvez eu conte tudo isto de maneira diferente. As palavras ficaram, mas eu levanto-me e continuo o meu caminho. Aprendi a viver com isso. E sei. E avanço.

Quem me deu isto? Tudo isto... Deus ou as pessoas? Se foi Deus que mo deu, sabia a quem o dar. O sofrimento fez-me crescer... É obra minha... A minha prece. Quantas vezes eu quis contar tudo isto a alguém. Desabafei. Mas nunca ninguém me perguntou: «E depois, o que vem depois?» E eu esperei sempre pessoas, boas ou más, não sei, mas estive sempre à espera de pessoas. Toda a vida tenho esperado que alguém me encontre. E conto-lhe tudo... e ele pergunta: «Bem, e depois?» Agora começaram a dizer que a culpa é do socialismo... de Estaline... Como se Estaline tivesse um poder divino. Cada pessoa tinha o seu Deus. Porque é que estava calado? A minha tia... a nossa aldeia... Lembro-me também de Maria Petrovna Aristova, uma professora emérita, que visitava a nossa Vladia no hospital em Moscovo. Era uma estranha... e foi ela quem nos trouxe Vladia para a aldeia, trouxe-a nos braços... Vladia já não podia andar... Maria Petrovna enviava-me lápis e rebuçados. Escrevia-me cartas. E na casa de acolhimento, onde me lavavam, e desinfetavam... Eu estava em pé sobre um banco alto... toda ensaboada... podia escorregar, magoar-me no cimento. Escorreguei... escorreguei... Uma mulher desconhecida... uma ajudante de enfermagem... agarrou-me e apertou-me ao seu peito: «Minha pintainha.»

Eu vi Deus.

41 Edições clandestinas. *Samizdat* eram edições privadas de livros proibidos. *Tamizdat* eram livros editados no estrangeiro em língua russa e introduzidos clandestinamente no país. (*N. do T.*)

Um tempo em que todos aqueles
que matam pensam que servem Deus

*Olga V.,
topógrafa, 24 anos*

Era de manhã. Eu estava de joelhos... e pedia: « Senhor! Agora estou pronta! Quero morrer agora!» Apesar de ser de manhã... e o dia estar a começar...

Era um desejo tão grande... Morrer! Fui até à praia, sentei-me na areia. Procurava convencer-me de que não devia ter medo da morte. A morte é a liberdade... O mar batia... batia na margem... e caiu a noite, depois novamente a manhã. Da primeira vez não me decidi. Caminhei, caminhei. Escutava a minha voz: « Senhor, eu amo-te! Senhor...» « *Sara bara bzia bzoi...*» Isto é em língua abecásia... De repente havia tantas cores, tantos sons em volta... E eu queria morrer.

Eu sou russa. Nasci na Abecásia e vivi lá durante muito tempo. Em Sukhumi. Vivi lá até aos vinte e dois anos. Até 1992... Até começar a guerra. « Se a água se incendiar, como é que se pode apagá-la? », dizem os Abecásios. É assim que eles falam da guerra... As pessoas andavam nos mesmos autocarros, liam os mesmos livros, viviam no mesmo país e todas aprendiam uma língua: o russo. E agora matam-se umas às outras: o vizinho mata o vizinho, o colega de aula mata o colega. O irmão mata a irmã! Combatem ali mesmo, ao lado da casa... E há quanto tempo? Há um ano... ou dois... viviam como irmãos, todos pertenciam ao Komsomol e eram comunistas. Eu escrevia nas redações da escola: « irmãos para sempre... » « união indestrutível... ». Matar uma pessoa! Isso não é heroísmo e nem sequer um crime... É um horror tão grande! Eu vi isso... Não é possível compreender... não compreendo... Vou-lhe falar da Abecásia... Eu gostava muito dela. (*Interrompe-se.*) E ainda gosto, apesar de tudo... Gosto... Em

cada casa abecásia há um punhal pendurado na parede. Quando nasce um menino, os parentes oferecem-lhe um punhal e ouro. E ao lado do punhal há um chifre para o vinho. Os Abecásios bebem o vinho pelo corno, como copo, e não se pode pousá-lo na mesa enquanto não se beber até ao fim. Segundo os costumes abecásios, o tempo passado com os convidados à mesa não se inclui no tempo de vida, porque a pessoa bebeu vinho e está alegre. Mas como contar o tempo que a pessoa passa a matar? A disparar contra outras pessoas... Como é? Agora penso muito na morte.

(Começa a murmurar.) Da segunda vez... já não recuei... Fechei-me na casa de banho... Fiquei com todas as unhas arrancadas e em sangue. Arranhava. Cravava as unhas na parede, na argila, no gesso, mas no último momento quis de novo viver. E o fio partiu-se... No fim de contas, estou viva, consigo tocar-me. A única coisa... é que agora não consigo parar de pensar nela... na morte.

O meu pai morreu quando eu tinha dezasseis anos. Desde então odeio os funerais... aquela música... Não compreendo porque é que as pessoas representam aquele espetáculo. Estava sentada junto à urna, já nesse tempo compreendia que aquilo não era o meu pai, que o meu pai não estava ali. Era o corpo frio de outra pessoa qualquer. Um invólucro. Durante nove dias tive o mesmo sonho... Alguém me chamava... chamava-me constantemente para junto de si... E eu não compreendia: ir para onde? Para junto de quem? E comecei a pensar nos meus familiares... muitos deles nunca os vi nem os conhecia, morreram antes de eu nascer. Mas de repente vi a minha avó... A minha avó morreu há muito, muito tempo, nem sequer temos fotografias dela, e eu reconheci-a no sonho. Lá, entre eles, é tudo diferente... É como se existissem e ao mesmo tempo não existissem, não têm nada a envolvê-los; nós estamos envolvidos por um corpo, mas eles não têm nada que os proteja. Depois vi o meu pai... O meu pai ainda estava alegre, era ainda terrestre, inteiramente familiar. E todas as outras pessoas eram assim... assim esquisitas... como se as conhecesse e as tivesse esquecido. A morte é o princípio... o princípio de qualquer coisa... Nós é que não sabemos de quê... Penso e torno a pensar. Queria arrancar-me deste cativeiro, queria esconder-me. Mas há pouco tempo, uma manhã em que dançava diante do espelho: sou bonita, sou jovem! Hei de divertir-me! Hei de amar!

O primeiro... Era um bonito rapaz russo... De uma beleza rara! Sobre homens assim, os Abecásios dizem: «É homem para semente.» Estava um pouco polvilhado de terra, calçava sapatilhas e vestia uniforme militar. De manhã, alguém lhe tirou as sapatilhas. E ali estava ele, assassinado... E depois, o

que há lá, depois? Na terra, o quê? Debaixo dos nossos pés... das nossas solas... Lá em baixo, ou no céu?... O que é que há lá no céu? E à nossa volta o verão, e o ruído do mar. E as cigarras. A minha mãe mandou-me à loja, às compras. E ele tinha sido morto. Pelas ruas circulavam camiões com armas e distribuíam espingardas automáticas como quem distribui pão. Vi uns refugiados, indicáramos como refugiados, e eu recordei essa palavra esquecida. Lembrei-me dela dos livros. Os refugiados eram muitos: uns de carro, outros em tratores, outros a pé. (*Silêncio.*) Vamos falar de outra coisa qualquer? Por exemplo, de cinema... Gosto de cinema, mas dos filmes ocidentais. Porquê? Não há neles nada que nos lembre a nossa vida. Posso imaginar tudo o que queira... fantasiar... Pôr outra cara, porque estou farta da minha cara. Do meu corpo. Até das mãos... Não me sinto bem no meu corpo, estou demasiado limitada em tudo isto. Tenho sempre o mesmo corpo, sempre o mesmo, mas eu sou diferente, modifico-me... Oiço as minhas palavras e penso que não podia dizer isto, porque não conheço estas palavras e porque sou tola e gosto de pãezinhos com manteiga... Porque ainda nunca ameí. Não tive nenhum filho. Digo estas palavras e não sei porquê. De onde me vem tudo isto? Outro... Era um jovem georgiano... Estava estendido no parque. Havia ali um lugar com areia, e ele estava estendido na areia. Deitado, a olhar para cima... Durante muito tempo ninguém o retirou, ninguém o levou dali. Eu vi-o... e compreendi que precisava de fugir para qualquer parte... Precisava... Mas fugir para onde? Fugí para a igreja... Não estava lá ninguém. Ajoelhei e rezei por todos. Nesse tempo ainda não sabia rezar, ainda não tinha aprendido a falar com Ele... (*Remexe na malinha de mão.*) Onde estão os comprimidos... Eu não posso! Não me posso emocionar... Depois de tudo aquilo fiquei doente e levaram-me ao psiquiatra. Vou a andar pela rua, e de repente tenho vontade de gritar...

Onde é que eu queria viver? Eu queria viver na infância... Lá estava com a mamã, como num ninho. Deus acuda às pessoas confiantes e cegas! Quando andava na escola, gostava de livros de guerra, e dos filmes sobre a guerra. Imaginava que aquilo lá seria bonito. Era vistoso... uma vida brilhante... Até tinha pena de ser rapariga e não rapaz: se houver guerra, a mim não me mobilizam. Agora não leio livros de guerra. Nem mesmo os melhores... Os livros sobre a guerra são todos enganosos. Na realidade a guerra é suja e horrível. Agora não tenho a certeza... pode-se escrever sobre isto? Não descrever toda a verdade, mas em geral, escrever sobre o tema? Falar disto... Como se pode ser feliz depois? Não sei... estou desorientada. A minha mãe abraçava-me: « O que estás tu a ler, filhinha? » *« Morreram Pela Pátria de*

Chólokhov. É sobre a guerra...» «Porque é que lês esses livros? Eles não são sobre a vida, minha filha. A vida é outra coisa...» A minha mãe gostava de livros de amor... A minha mamã! Nem sei se ela ainda está viva ou não. (*Silêncio.*) A princípio pensei que já não podia viver lá, em Sukhumi... Mas de um modo geral já não posso viver. E os livros de amor não me salvarão. Mas o amor existe, sei que existe. Sei... (*Sorri pela primeira vez.*)

Na primavera de 1992... Os nossos vizinhos, Vakhtang e Gunala: ele é georgiano, ela abecásia venderam a sua casa, os móveis e preparavam-se para partir. Vieram despedir-se: «Vai haver guerra. Vão para a Rússia, se têm lá alguém.» Não acreditámos. Os Georgianos riam-se sempre dos Abecásios, e os Abecásios não gostavam dos Georgianos. Oh... não! (*Ri-se.*) «Um georgiano pode voar para o cosmos?» «Não.» «Porquê?» «Todos os georgianos morreriam de orgulho, e todos os abecásios morreriam de inveja.» «Porque é que os Georgianos são tão pequenos?» «Os Georgianos não são pequenos, as montanhas dos Abecásios é que são muito altas.» Riam-se uns dos outros, mas viviam juntos. Cultivavam as vinhas... faziam vinho... Para os Abecásios a vinicultura é como uma religião. Cada proprietário tem o seu segredo... Passou o mês de maio, chegou junho... Começou a época balnear... Apareceram os primeiros frutos... Qual guerra! Eu e a minha mãe não pensávamos em guerra... fazíamos compotas, doces. Todos os sábados íamos ao mercado. O mercado abecásio! Aqueles cheiros, aqueles sons... Cheira a pipas de vinho e a broa de milho, a queijo de ovelha e a castanhas assadas. Um cheiro subtil a ameixas e a tabaco, a folhas de tabaco prensadas. Há queijos pendurados... o meu preferido, o *matsoni*... Os vendedores apregoam as mercadorias em abecásio, em georgiano, em russo. Em todas as línguas: «Vai-vai, meu doce. Se não queres, não leves, mas prova!» Desde junho já não se vendia pão na cidade. A minha mãe decidiu abastecer-se de farinha ao sábado... Íamos no autocarro, e ao nosso lado ia uma vizinha com uma criança. A criança brincava, mas depois começou a chorar, tão alto como se a tivessem assustado. E de repente a nossa conhecida perguntou: «Estão a disparar? Ouvem: há tiros!» Pergunta disparatada! Ao aproximar-nos do mercado, uma multidão de gente corria apavorada. Penas de galinha pelo ar... Coelho debaixo dos pés... patos... Nunca ninguém se lembra dos animais... de que eles sofrem... Mas eu lembro-me de um gato ferido. E de um galo que gritava, com um estilhaço pendurado debaixo de uma asa... Eu não serei mesmo normal? Penso demasiado na morte... agora é só disso que me ocupo... E a seguir, gritos... não eram gritos de uma pessoa, mas de uma multidão. E uns homens à civil, armados com espingardas

automáticas, perseguiram as mulheres, tiravam-lhes as malas, as roupas: « Dá cá isso... Despe isso...» « São criminosos», murmurou a minha mãe. Soldados russos saíram de um autocarro. « O que é isto?» , perguntou-lhes a minha mãe. « Então, não compreende? É a guerra», respondeu-lhe o tenente. A minha mãe é muito medrosa, caiu desmaiada. Arrastei-a para um pátio interior. De um apartamento qualquer trouxeram-nos uma garrafinha de água... Algures havia bombardeamento, som de explosões... « Mulheres! Mulheres! Precisam de farinha?» Um rapaz com um saco de farinha vestia uma bata azul como as que os carregadores usam, mas estava todo branco, todo enfarinhado. Eu comecei a rir, mas a minha mãe disse: « Vamos levar. Talvez isto seja mesmo uma guerra.» Comprámos-lhe a farinha. Demos-lhe o dinheiro e só depois percebemos que tínhamos comprado farinha roubada. A um salteador.

Eu vivia entre aquelas pessoas... conheço-lhes os costumes, a língua... Gosto delas. Mas de onde surgiram aqueles? Com tanta rapidez! Uma coisa inumana! Onde estava aquilo antes? Onde... quem é que me sabe responder? Tirei a minha cruz de ouro e escondi-a na farinha, e também escondi o porta-moedas. Como uma velha... já sabia tudo o que havia a fazer. Como é que eu sabia? A farinha... pesava dez quilos... Levei-a às costas até à nossa casa... cinco quilómetros. Caminhava calmamente... Se me matassem naquele momento, não chegaria a sentir medo... Mas as pessoas... muitas vindas da praia... veraneantes... Em pânico e em lágrimas. Eu estava calma... Estava por certo em estado de choque? Seria melhor que gritasse, como toda a gente... Agora penso que sim... Parámos para descansar junto à linha do caminho de ferro. Havia alguns rapazes sentados nos carris: uns tinham uma fita preta amarrada à cabeça, outros uma fita branca. E todos tinham armas. Ainda se meteram comigo, riram-se. E perto deles havia um camião a fumar... O condutor estava morto, sentado ao volante... de camisa branca... Quando vimos aquilo, deitámos a correr através de um pomar de tangerineiras... Eu estava toda enfarinhada... « Larga! Deixa!», pedia a minha mãe. « Não, mamã, não deixo. Começou a guerra e nós não temos nada em casa.» E aí estão estas cenas... Passavam alguns carros *Jiguli*... Nós gritámos. Um carro aproxima-se, tão devagar como num funeral. No banco da frente, um rapaz e uma rapariga, no detrás, o cadáver de uma mulher. Horrível... Mas por qualquer razão, não tão horrível como eu imaginava antes... (*Silêncio.*) Sinto constantemente vontade de pensar nisto. Pensar e voltar a pensar. Mesmo junto ao mar estava outro *Jiguli* com o para-brisas partido... E uma poça de sangue... Sapatos de mulher no chão... (*Silêncio.*) É claro que estou doente... doente... Porque é que não esqueço nada? (*Silêncio.*) Depressa! Queria ir

depressa para casa, para um qualquer lugar conhecido. Fugir para qualquer parte... De repente um ruído de motores... E a guerra lá em cima! Helicópteros militares, verdes... E em terra, avistei os tanques, que avançavam não em coluna, mas isolados, e em cima dos tanques iam soldados com espingardas automáticas. Flutuavam bandeiras georgianas. A coluna avançava em desordem: alguns tanques iam muito depressa, outros paravam junto das lojas de comércio. Os soldados desciam dos tanques e quebravam os cadeados com as coronhas. Tiravam champanhe, bombons, *Coca-Cola*, cigarros. Atrás dos tanques vinha um camião *Ikarus*, carregado de colchões e cadeiras. Para quê as cadeiras?

Em casa corremos logo para o televisor... Estava uma orquestra sinfónica a tocar. E onde era a guerra? Não a mostravam pela televisão... Antes de ir ao mercado, eu tinha preparado tomates e pepinos para conservar. Tinha fervido os boiões. Precisava de fazer alguma coisa, de me ocupar com alguma coisa. À noite vimos a telenovela mexicana *Os Ricos também Choram*. Sobre o amor.

De manhã, muito cedo, fomos acordadas por um estrépito. Pela nossa rua estavam a passar veículos militares. As pessoas saíam à rua para ver. Um camião abrandou ao lado do nosso prédio. A tripulação era russa. Compreendi que eram mercenários. Chamaram a minha mãe: «Mãe, dá-nos água.» A minha mãe trouxe água e maçãs. Beberam a água, mas não aceitaram as maçãs. Disseram: «Ontem envenenaram um de nós com maçãs.» Na rua encontrei uma amiga: «Como estás? Onde está a tua família?» Ela passou ao meu lado com ar de que não me conhecia. Corri atrás dela, agarrei-a por um ombro: «O que tens tu?» «Ainda não percebeste nada? É perigoso falar comigo... tenho marido... O meu marido é georgiano.» E eu... nunca pensei se o marido dela era abecásio ou georgiano. Que diferença fazia isso para mim? Ele era um excelente amigo. Abracei-a com todas as forças! À noite o irmão foi a casa dela, e queria matar-lhe o marido. «Mata-me a mim», disse-lhe a irmã. E eu tinha sido colega de escola do irmão dela. Éramos amigos. Pensei: «Como podemos nós agora encontrar-nos? O que podemos dizer um ao outro?»

Alguns dias depois toda a rua foi enterrar Akhrik.. Akhrik era um rapazinho abecásio nosso conhecido. Tinha dezanove anos. Ao fim da tarde ia ter com a namorada e espetaram-lhe uma faca nas costas. A mãe ia atrás do caixão: ora chorava, ora se voltava e ria-se. Enlouqueceu. Há um mês éramos soviéticos, e de repente: éramos georgianos, ou abecásios, ou russos.

Numa rua vizinha havia outro rapaz que eu conhecia, mas só de vista, não sabia o nome dele. Cumprimentávamo-nos. Era um rapaz de aspeto normal. Alto, bonito. Matou o seu velho professor, um georgiano, porque este lhe ensinava

a língua georgiana na escola e lhe dava notas baixas. Mas o que é isto? Você compreende? Na escola soviética ensinavam a toda a gente: os homens são amigos, camaradas e irmãos... Quando a minha mãe ouvia estas coisas... os olhos dela ficavam pequeninos, e depois muito grandes... Salva, Senhor, os crédulos e os cegos! Fico de joelhos na igreja durante horas. Ali há sossego (*Silêncio.*)... Embora esteja lá sempre muita gente, e todos peçam a mesma coisa... (*Silêncio.*) Acha que consegue? Espera poder escrever sobre isto? Sim... bem vejo que espera... Mas eu não.

À noite acordava, chamava a minha mãe... Ela também estava deitada de olhos abertos: «Nunca fui tão feliz como na velhice. E de repente, a guerra.» Os homens falam sempre da guerra, gostam das armas, tanto os novos como os velhos... Mas as mulheres pensam no amor... As velhas contam como foram jovens e bonitas. As mulheres nunca falam da guerra... apenas rezam pelos seus homens... A minha mãe ia a casa dos vizinhos e voltava sempre assutada: «Em Gagri incendiaram um estádio cheio de georgianos.» «Mamã!» «E também ouvi dizer que os Georgianos castram os Abecásios.» «Mamã!» «Bombardearam as jaulas dos macacos... À noite georgianos perseguiram alguém pensando que era um abecásio. Feriram-no, ele gritava. E alguns abecásios descobriram-no e pensaram que era um georgiano. Perseguram-no, dispararam contra ele. E ao amanhecer viram que era um macaco ferido. E todos, georgianos e abecásios, declararam uma trégua e foram salvar o macaco. Se fosse um homem, matavam-no...» Não sabia o que responder à minha mãe. Eu rezava por todos, pedia: «Eles andam como zombies. Acreditam que estão a praticar o bem. Mas será possível praticar o bem com uma metralhadora ou com um punhal? Entram numa casa e se não encontram ninguém, disparam contra os animais e contra os móveis. Uma pessoa sai à rua e encontra uma vaca estendida com as tetas perfuradas por balas... boiões de compota fuzilados... Uns disparam para este lado, outros disparam para aquele. Chama-os à razão!» (*Silêncio.*) O televisor já não funcionava, só dava som... sem imagens... Moscovo era algures, longe, muito longe.

Eu ia à igreja... e ali falava, falava... Se via alguém na rua, fazia-o parar. Depois comecei a falar comigo mesma. A minha mãe estava sentada ao meu lado, a ouvir-me, mas depois via que ela estava a dormir, estava tão cansada que adormecia, até a andar adormecia. Estava a lavar alperces e adormecia. E eu, era como se estivesse ligada... não parava de contar aquilo que ouvia de outras pessoas ou que eu mesma via... Como um georgiano... um jovem georgiano deitou fora a arma e gritou: «O que viemos nós aqui fazer? Eu vim morrer pela

Pátria, e não para roubar frigoríficos! Porque é que vocês entram em casas alheias e levam um frigorífico? Eu vim morrer pela Geórgia...» Agarraram-no por um braço e levaram-no para qualquer lado, acariciando-lhe a cabeça. Outro georgiano ergueu-se em toda a sua estatura e foi ao encontro daqueles que disparavam contra ele: «Irmãos abecásios! Eu não quero matá-los, não disparem contra mim.» Abateram-no pelas costas. E também... Não sei se era um russo ou um georgiano, atirou-se para debaixo de um camião militar com uma granada. Gritava qualquer coisa. Ninguém ouviu o que ele gritava. No camião estavam uns abecásios... também eles gritavam... (*Silêncio.*) A mamã... a mamã punha vasos de flores nos parapeitos de todas as janelas. Para me salvar... Pedia-me: «Olha para as flores, filha! Olha para o mar!» A minha mãe é uma pessoa rara, tem um grande coração... Confessava-me: «Acordo de manhã muito cedo, o sol irrompe por entre as folhas... E eu penso: “Agora vou-me ver ao espelho... quantos anos terei eu?”» Ela sofre de insónias, tem dores nas pernas; trabalhou durante trinta anos numa fábrica de cimento, mas de manhã não sabe que idade tem. Depois levanta-se, lava os dentes, vê-se ao espelho e é uma mulher velha que olha para ela... Começa a preparar o pequeno-almoço e esquece-se disso. E eu oiço-a cantar... (*Sorri.*) A minha mãe... a minha amiga... Há pouco tempo tive um sonho: saí do meu corpo... ergui-me até muito alto... Sentia-me muito bem.

Já não me lembro do que aconteceu antes, e do que aconteceu depois. Não me lembro... Nos primeiros dias, os salteadores andavam com máscaras... enfiavam meias pretas na cabeça. Mas em breve tiraram as máscaras. Passavam com um vaso de cristal numa mão e a automática na outra, e às costas levavam um tapete. Levavam televisores, máquinas de lavar roupa, casacos de pele... loiça... Não desprezavam nada, apanhavam brinquedos de criança nas casas destruídas... (*Passa a murmurar.*) Agora, quando vejo uma simples faca numa loja, fico fora de mim... Dantes nunca pensava na morte. Estudava, primeiro na escola, depois no instituto médico. Estudava e apaixonei-me. Acordo à noite e fico a meditar. Quando foi isto? Foi há tanto tempo... Já não me lembro nada dessa vida. Lembro-me de outras coisas... Cortaram as orelhas a um rapazinho para que não ouvisse canções abecásias. E a um jovem cortaram-lhe aquilo... sabe... para que a mulher dele não tivesse filhos... Há misseis nucleares algures, há aviões e tanques, e mesmo assim cortavam um homem com uma faca. Espetavam forquilhas, rachavam cabeças à machadada... Mais me valia enlouquecer completamente... para não me lembrar de nada... Uma rapariga da nossa rua... enforcou-se... Amava um rapaz, e ele casou-se com outra.

Enterraram-na de vestido branco. Ninguém conseguia acreditar: neste tempo, morrer por amor? Se a tivessem violado... Lembro-me da tia Sónia, uma amiga da minha mãe... Uma noite mataram os vizinhos dela... uma família georgiana de quem ela era amiga. E duas crianças pequenas. Durante dias inteiros a tia Sónia ficava deitada na cama com os olhos fechados e não queria sair à rua: « Minha menina, para quê viver depois disto? », perguntava-me ela. Eu dava-lhe a sopa à colher, mas ela não conseguia engolir.

Na escola ensinavam-nos a gostar de um homem com uma arma... Um defensor da Pátria! Mas aqueles não eram nada disso... E não era essa guerra... Todos eles eram rapazinheiros, rapazinheiros com armas automáticas. Vivos são assustadores, mas mortos fazem impotentes e metem dó. Como é que eu sobrevivi? Eu... eu... Gosto de pensar na minha mãe. Como à noite penteávamos os cabelos durante muito tempo... « Um dia », prometia-me a mamã, « hei de falar-te do amor. Mas conto-te como se tudo isso não tivesse acontecido comigo, mas com outra mulher. » Ela e o meu pai amavam-se. Era um grande amor. Primeiro a minha mãe teve outro marido; uma vez ela estava a passar-lhe a camisa a ferro, e ele estava a jantar. E de repente (só à minha mãe podia acontecer uma coisa assim), ela disse-lhe: « Não vou ter filhos teus. » Pegou nas suas coisas e foi-se embora. Depois apareceu o meu pai... Andou atrás dela, esperava-a durante horas na rua, no inverno ficou com as orelhas geladas. Seguiu-a e olhava. E um dia beijou-a...

O meu pai morreu pouco antes da guerra... Morreu de um ataque do coração. Uma noite sentou-se a ver televisão e morreu. Como se tivesse saído para qualquer parte... « Pois, filhinha, quando tu fores crescida... » O papá tinha grandes planos para mim. E... (*Começa a chorar.*) Ficámos sozinhas, eu e a mamã. A mamã, que tem medo dos ratos... não consegue dormir sozinha em casa. Por causa da guerra tapava a cabeça com a almofada... Vendemos todas as coisas de valor que tínhamos: o televisor, a cigarreira de ouro do papá, que era sagrada, guardámo-la durante muito tempo, e a minha cruzinha de ouro. Decidimos partir, e para partir de Sukhumi era preciso subornar. Era preciso pagar aos militares, aos polícias, era muito dinheiro! Os comboios já não circulavam. Os últimos barcos tinham partido há muito, os refugiados amontoavam-se nos porões e nas cobertas como sardinhas em lata. Conseguimos dinheiro só para um bilhete de avião... para um bilhete e só de ida... Até Moscovo. Eu não queria partir sem a mamã. Ela andou um mês a suplicar-me que partisse: « Vai, minha filha! Vai! » Mas eu queria ir para o hospital... tratar dos feridos... (*Silêncio.*) No avião não me deixaram trazer nada, só a malinha de

mão com os documentos. Nem sequer os pastéis que a minha mãe tinha preparado: « Compreenda, estamos em estado de guerra.» E ao meu lado passou um homem à civil, mas a quem os soldados tratavam por « camarada major»; carregaram as malas dele e qualquer coisa em grandes caixas de cartão. Passaram caixas de vinho, caixas de tangerinas. Eu chorava... chorei durante toda a viagem... Uma mulher procurava consolar-me; viajava com dois rapazinhos, o seu e outro de uma vizinha. Os rapazinhos estavam inchados da fome... Eu não queria, nem por nada queria partir... A minha mãe arrancou-me de si, empurrou-me para o avião. « Mamã, para onde vou eu?» « Vais para casa. Para a Rússia.»

Moscovo! Moscovo... Vivi duas semanas na estação. Como eu, há milhares... Em todas as estações de Moscovo... na da Bielorrússia, na de Savelovo, na de Kiev... Famílias inteiras, com crianças e velhos. Da Arménia, do Tajiquistão... de Baku... Dormem nos bancos, no chão. Cozinham, ali mesmo. E lavam a roupa. Há tomadas elétricas nas casas de banho, e também ao lado das escadas rolantes. Deita-se água numa bacia, mete-se-lhe dentro uma resistência elétrica. Juntam-lhe massinhas, carne... E está a sopa feita! Ou a papa para as crianças! Acho que todas as estações de Moscovo ficaram impregnadas do cheiro a conservas, a sopa e a *plov*. A urina de criança e a cueiros sujos. Secavam-nos nos radiadores, às janelas. « Mamã, para onde vou eu?» « Vais para casa. Para a Rússia.» E pronto, cá estava eu, em casa. Em casa ninguém nos esperava. Ninguém nos recebeu. Ninguém nos prestava atenção, ninguém nos interrogava. Hoje toda a Moscovo é uma estação, uma grande estação ferroviária. Um caravançarái. O dinheiro depressa se acabou. Por duas vezes quiseram violar-me. A primeira vez foi um soldado, de outra vez um polícia. O polícia levantou-me uma noite do chão: « Os teus documentos?» Pôs-se a puxar-me para o posto da Polícia. Tinha uns olhos furiosos... eu comecei a gritar. E ele, pelos vistos, assustou-se... Fugiu: « És uma parva, tu!» Durante o dia, andava pela cidade... parava na Praça Vermelha... E à tarde andava pelas lojas de produtos alimentares. Tinha muita fome, e uma mulher comprou-me um pastel de carne. Eu não pedi... Ela estava a comer, eu olhava... E ela teve pena de mim. Uma vez... Mas essa « uma vez» ficou de recordação para toda a vida. Era uma mulher muito velha. Pobre. Ir para qualquer lado... não ficar na estação... Não pensar em comida, não pensar na minha mãe. E assim durante duas semanas. (*Chora.*) Na estação, era possível encontrar um bocado de pão nos contentores do lixo... um osso de frango meio roído... Vivi ali enquanto não chegou a irmã do meu pai, da qual não sabíamos nada há muito tempo, se estava viva ou não. Tem

oitenta anos. Eu só tinha o número do telefone dela. Todos os dias telefonava, e ninguém respondia. A tia estava no hospital. E eu já acreditava que ela tivesse morrido.

Aconteceu um milagre! Eu tinha esperado tanto por ela... e aconteceu... A minha tia veio procurar-me. «Olga... está no posto da Polícia a sua tia de Vorónej, à sua espera.» Toda a gente se mexeu, se agitou... Toda a estação: Quem? De quem? Que apelido? Apresentámo-nos duas: havia ali outra rapariga com o mesmo apelido, mas com outro nome. Vinha de Duchambé. Como ela chorava, por não ser a sua tia... não era a ela que vinham buscar...

Agora vivo em Vorónej... Trabalho em tudo o que aparece: lavar loiça num restaurante, vigilância numa construção, vendi fruta para um azerbaijano, até que ele começou a assediá-lo. Agora sou topógrafa. Trabalho temporário, é claro, mas tenho pena, é um trabalho interessante. Na estação de Moscovo roubaram-me o diploma de curso do instituto médico. E todas as fotografias da minha mãe. Vou à igreja com a minha tia. Ajoelho-me e peço: «Senhor! Agora estou pronta! Quero morrer agora!» Pergunto-lhe de todas as vezes: «A minha mãe está viva, ou não? Obrigada... Obrigada por não ter medo de mim.» Não desvia os olhos, como os outros. Escuta-me. Eu aqui não tenho amigas, ninguém me corteja. Eu falo... falo... Como eles estavam ali estendidos... jovens, bonitos... (*Um sorriso louco no rosto.*) De olhos abertos, muito abertos...

Seis meses depois recebi uma carta dela: «Vou para um convento. Quero viver. Rezarei por toda a gente.»

Uma bandeirinha vermelha
e o sorriso do machado

*Anna M-ia,
arquiteta, 59 anos*

A MÃE

A-ah... eu... Eu assim não posso mais... A última coisa de que me lembro é de um grito. De quem? Não sei. Meu? Ou foi talvez a minha vizinha que gritou, quando sentiu o cheiro do gás no patamar da escada. Chamou a Polícia. *(Levanta-se e vai à janela.)* É outono. Ainda há pouco era amarelo... agora está negro por causa da chuva. E mesmo de dia a luz parece estar muito longe. De manhã já está escuro. Ligo todas as lâmpadas em casa e ficam acesas o dia inteiro. Falta-me a luz... *(Regressa e senta-se à minha frente.)*

A princípio sonhava que tinha morrido. Em criança vi morrer muitas pessoas, mas depois esquecia-me disso... *(Limpa as lágrimas.)* Não percebo porque choro. Mas eu sei tudo... Sei tudo sobre a minha vida... No meu sonho, volteavam muitos pássaros por cima de mim. Chocavam contra a janela. Eu acordava e tinha a sensação de que estava alguém de pé junto à minha cabeceira. Que tinha ficado ali alguém. Queria virar-me para ver quem era e sentia como que um medo, um pressentimento de que o não devia fazer. Que era interdito! *(Silêncio.)* Mas era de outra coisa... era de outra coisa que eu queria falar... Ainda não... Perguntou-me sobre a minha infância... *(Tapa a cara com as mãos.)* Pois já sinto... Já sinto o cheiro doce da mãe e madrastra... E vejo as montanhas, e a torre de vigia de madeira, e um soldado em cima dela... no inverno com uma peliça, na primavera com um capote. E camas de ferro, muitas camas de ferro, alinhadas ao lado umas das outras. Uma ao lado da outra... Dantes parecia-me

que se contasse isto a alguém teria vontade de fugir dessa pessoa para nunca mais voltar a vê-la. Tudo isto é tão íntimo... está tão profundamente oculto... Nunca vivi sozinha, vivi num campo de trabalhos no Cazaquistão, que se chamava Karlag, e depois desse campo vivi no desterro. Num orfanato, numa residência, num apartamento comunitário... Havia sempre muitos outros corpos, muitos outros olhos. Tive a minha própria casa quando já tinha quarenta anos. Deram-nos, a mim e ao meu marido, um apartamento de duas assoalhadas, já os nossos filhos eram crescidos. Eu corria a casa das vizinhas por hábito, como na residência coletiva, a pedir-lhes ora pão, ora sal, ora fósforos e por isso não gostavam de mim. Mas nunca tinha morado sozinha... e não conseguia habituar-me... E também queria sempre receber cartas. Esperava envelopes, envelopes! E ainda hoje espero... Uma amiga minha que foi para Israel ter com a filha escreve-me de lá a perguntar o que se passa aqui, como é a vida depois do socialismo. Mas que vida é a nossa? Vamos por uma rua conhecida, e há uma loja francesa, uma loja alemã, uma loja polaca... tudo escrito em línguas estrangeiras. Meias, blusas, botas estrangeiras... biscoitos e salame estrangeiros... Em parte nenhuma se encontra nada nosso, soviético. Por toda a parte só oíço dizer que a vida é uma luta, que o forte vence o fraco, e que isso é a lei natural. É preciso ganhar cornos e cascos, arranjar uma couraça de ferro, ninguém precisa dos fracos. Por toda a parte é preciso usar os cotovelos. Isto é fascismo, é a suástica! Eu vivo em estado de choque... e ando desesperada! Isto não é meu. Não é o meu mundo! (*Silêncio.*) Se tivesse alguém ao meu lado... tive alguém... O meu marido? Deixou-me. Mas eu amo-o... (*De repente sorri.*) Casámo-nos na primavera, quando a cerejeira-brava estava florida e os lilases em botão. Foi-se embora também na primavera. Mas vem visitar-me... vem visitar-me nos sonhos e não chega a despedir-se... Fala, fala, diz qualquer coisa. Mas durante o dia... o silêncio deixa-me surda. E cega. A minha relação com o passado é como com uma pessoa, com alguém vivo... Lembro-me de que quando na revista *Novi Mir* publicaram *Um Dia na Vida de Ivan Deníssovitch* de Soljenítsin, toda a gente lia. E toda a gente andava emocionada! Tantas conversas! E eu não compreendia a razão de tanto interesse e tanto espanto. Tudo para mim era conhecido, absolutamente normal: os detidos, o campo, a selha... E a zona.

Em 1937 prenderam o meu pai, que trabalhava nos caminhos de ferro. A minha mãe corria, atarefava-se, a tentar provar que ele não era culpado e que se tratava de um equívoco. Esqueceu-se de mim. Quando se lembrou, quis livrar-se, mas já era tarde. Bebia toda a espécie de porcarias... tomava banhos

escaldantes. E... eu nasci prematura... Mas sobrevivi. Por qualquer razão, sobrevivi muitas vezes. Muitas vezes! Em breve prenderam também a minha mãe, e eu com ela, porque não podiam deixar uma criança sozinha no apartamento... eu tinha só quatro meses. A minha mãe conseguiu enviar as minhas duas irmãs mais velhas para casa de uma irmã do meu pai, mas chegou uma ordem do Ministério do Interior: trazer as crianças de volta a Smolensk. Levaram-nas diretamente da estação: «As crianças vão para um orfanato. Talvez venham a ser membros do Komsomol.» Nem sequer deram o endereço. Encontrámos as crianças quando elas já eram casadas e já tinham os seus próprios filhos. Ao fim de muitos, muitos anos... No campo de detenção vivi com a minha mãe até aos três anos. A minha mãe contava-me que era frequente as crianças muito pequenas morrerem. No inverno metiam os mortos em grandes tonéis, e ficavam ali até à primavera. As ratazanas roíam-nos. Na primavera enterravam-nos... enterravam o que restava deles... A partir dos três anos as crianças eram tiradas às mães e instaladas numa barraca infantil. Lembro-me de algumas coisas a partir dos quatro... não, por certo dos cinco anos... Alguns episódios... De manhã víamos as nossas mães através do arame farpado: contavam-nas e levavam-nas para o trabalho. Levavam-nas para fora da zona, aonde nós não podíamos ir. Quando me perguntavam: «De onde és tu, menina?» eu respondia: «Sou da zona.» «Fora da zona» era outro mundo, qualquer coisa incompreensível, assustadora, que para nós não existia. Um deserto, areia, barba de bode seca. Parecia-me que o deserto ia até ao fim do mundo e que não existia outra vida além da nossa. Éramos guardados pelos nossos soldados e orgulháamo-nos deles. Usavam estrelas nos bonés... Eu tinha um amiguinho, o Rubik Tsirinski... que me levava a ver as mamãs através de uma passagem por baixo do arame farpado. Todos se punham nas filas para ir ao refeitório, e nós escondíamo-nos atrás da porta. «Tu não gostas das papas?», perguntava-me Rubik. Eu estava sempre com fome e gostava muito das papas, mas estava disposta a tudo para ir ver a mamã. E esgueirávamo-nos para a barraca das mamãs, mas a barraca estava vazia, todas as mamãs estavam no trabalho. Nós sabíamos, mas mesmo assim íamos, farejávamos lá tudo. As camas de ferro, um recipiente de ferro com a água de beber, um púcaro preso por uma corrente, tudo isto tinha o cheiro das mamãs. Cheirava a terra... e a mamãs... Às vezes encontrávamos lá algumas mamãs, estavam deitadas nas camas e tossiam. Uma cuspiu sague. O Rubik disse-me que era a mamã da Tomotchka, a mais pequenina de nós. Essa mamã morreu pouco tempo depois. A seguir morreu a própria Tomotchka, e eu pensei durante muito tempo: a quem se deve dizer que a

Tomotchka morreu? Porque a mamã dela também tinha morrido... (*Silêncio.*) Muitos anos mais tarde, contei isto à minha mãe... Ela não acreditou: « Tu tinhas só quatro anos.» Então eu disse-lhe que ela usava sapatos de lona com solas de madeira, e fazia umas grandes blusas com bocadinhos de pano. Ela ficou outra vez espantada e começou a chorar. Lembro-me... Lembro-me do cheiro de um pedacinho de melão que a mamã me levou. Do tamanho de um botão, embrulhado num trapo qualquer. E como uma vez os meninos me chamaram para brincar com um gato e eu não sabia o que era um gato. Trouxeram o gato de fora da zona. Na zona não havia gatos, não sobreviviam porque não havia quaisquer restos de comida, nós apanhávamos tudo. Andávamos sempre a olhar para o chão, para encontrar alguma coisa de comer. Comíamos algumas ervas, algumas raízes, lambíamos os calhaus. Queríamos muito dar alguma coisa para o gato comer, mas não tínhamos nada; dávamos-lhe a nossa saliva depois do almoço, e ele comia. Ele comia-a! Lembro-me de que uma vez a minha mãe me quis dar um rebuçado. « Anetchka, toma um rebuçado!», chamou-me ela através do arame farpado. Os guardas empurraram-na... ela caiu... e arrastaram-na pelo chão, pelos longos cabelos negros... Fiquei aterrada, não fazia ideia do que fosse um rebuçado. Nenhuma das crianças sabia o que era um rebuçado. Todos se assustaram e compreenderam que me deviam esconder, empurraram-me para o meio deles. As crianças punham-me sempre no meio: « Porque a nossa Anetchka cai.» (*Chora.*) Não sei porque estou a chorar. Sei tudo... eu sei tudo acerca da minha vida... Mas olhe... Esqueci-me... do que estava eu a falar? Não acabei a ideia. Não é verdade? Não acabei?

O susto não foi só um... Houve muitos sustos, grandes e pequenos. Tínhamos medo de crescer, tínhamos medo de ter cinco anos. Aos cinco anos levavam-nos para o orfanato, percebíamos que isso era longe... muito longe das mães... Lembro-me de que me puseram no orfanato número oito da aldeia número cinco. Tudo era numerado, e em vez de ruas havia linhas: primeira linha, segunda linha... Meteram-nos num camião e levaram-nos. As mães corriam, agarravam-se aos taipais, gritavam, choravam. Lembro-me de que as mães choravam sempre, e os filhos era raro chorarem. Não tínhamos caprichos, não fazíamos birras. Nem nos ríamos. Só comecei a chorar no orfanato. No orfanato batiam-nos muito. Diziam-nos: « A vocês podemos bater-lhes e até matá-los, porque as vossas mães são inimigas.» Não conhecíamos os nossos pais. « A tua mãe é má.» Não me lembro da cara da mulher que me repetia isto muitas vezes. « A minha mamã é boa. A minha mamã é bonita.» « A tua mamã é má. É nossa inimiga.» Não me lembro se ela dizia mesmo a palavra « matar », mas

era qualquer coisa assim... Palavras deste gênero. Umhas palavras horríveis... Palavras dessas... sim... Eu até tinha medo de me lembrar delas. Não tínhamos educadoras, nem professoras, não conhecíamos essas palavras, tínhamos comandantes. Comandantes! Traziam sempre nas mãos umas régulas compridas... Batiam-nos com elas por qualquer coisa, ou sem motivo... apenas por bater... Eu queria que me batessem de tal maneira que só ficassem buracos, e depois paravam de me bater. Não tinha buracos, mas em contrapartida todo o meu corpo ficou coberto de fistulas purulentas. Fiquei contente... A minha amiguinha Oletchka tinha grampos metálicos na coluna vertebral, não lhe podiam bater. Todas tínhamos inveja dela... (*Olha longamente pela janela.*) Nunca contei isto a ninguém. Tinha medo... Mas de que é que eu tinha medo? Não sei... (*Fica pensativa.*) Gostávamos da noite... Esperávamos que a noite chegasse depressa. Uma noite muito escura. À noite vinha ter connosco a tia Fróssia, que era a vigilante da noite. Era bondosa, contava-nos o conto do Capuchinho Vermelho, trazia trigo no bolso e dava alguns bagos aos que choravam. Quem chorava mais do que todos era a Lilechka, chorava de manhã, chorava à noite. Todas tínhamos sarna e grandes furúnculos vermelhos na barriga, e a Lilechka tinha também bolhas debaixo dos braços, que rebentavam e deitavam pus. Lembro-me de que as crianças se denunciavam umas às outras, o que era encorajado. A Lilechka era quem denunciava mais do que todos... O clima do Cazaquistão é rude: no inverno quarenta graus negativos, e no verão quarenta graus positivos. Lilechka morreu no inverno. Se ela tivesse vivido até haver ervas... Na primavera não teria morrido... Não... (*Interrompe-se a meio da frase.*)

Tínhamos aulas... Aprendíamos principalmente a amar o camarada Estaline. A primeira carta da minha vida foi a ele que a escrevi, para o Kremlin. Foi assim: quando já sabíamos escrever, distribuíram-nos folhas brancas, e ditavam-nos uma carta para o nosso guia, o mais bondoso e o mais amável. Nós amávamo-lo muito, acreditávamos que receberíamos uma resposta e que ele nos mandaria presentes. Muitos presentes! Olhávamos para o retrato dele e achávamo-lo muito bonito. O mais bonito do mundo! Até discutíamos para ver quem de nós daria mais anos da sua vida por um dia da vida do camarada Estaline. No Primeiro de Maio distribuíam bandeirinhas vermelhas a todos, nós desfílávamos e agitávamos alegremente as bandeirinhas. Como eu era a mais pequena, ficava no fim da fila e tinha sempre receio de que não houvesse uma bandeirinha para mim. De repente podiam não chegar! Estavam sempre a ensinar-nos, a dizer-nos: «A Pátria é a vossa mãe! A Pátria é a vossa mamã!» E nós perguntávamos a todos os adultos que encontrávamos: «Onde está a minha

mãe? Como é a minha mãe?» Ninguém as conhecia... A primeira mãe que veio foi a de Rita Mélnikova. Tinha uma voz maravilhosa. Cantou-nos uma canção de embalar: «Dorme, minha linda, descansada / Já em casa a luz está apagada... / Não range porta nem portão, / O ratinho dorme atrás do fogão...» Não conhecíamos esta canção e ela ficou-nos na memória. Pedimos mais, mais. Não me lembro quando acabou ela de cantar, porque adormecemos. Ela dizia-nos que as nossas mães eram bondosas, que eram bonitas. Todas as mamãs são bonitas. Que todas elas cantavam aquela canção. Nós esperávamos... Depois sofremos uma horrível desilusão... ela tinha-nos mentido. Vieram outras mães, eram feias, doentes, não sabiam cantar. E nós chorámos... chorámos a bom chorar. Chorámos não de alegria pelo encontro, mas de desgosto. Desde então nunca mais gostei das mentiras... não gosto de sonhar... Não deviam consolar-nos com mentiras, não deviam enganar-nos: «A tua mamã está viva, não morreu.» Depois sabia-se... que não havia mãe bonita, ou que nem sequer havia mãe... Não! Éramos todos muito calados. Não me lembro das nossas conversas... lembro-me dos contactos físicos... A minha amiga Vália Knorina tocava-me e eu sabia no que ela estava a pensar, porque todos pensávamos nas mesmas coisas. Sabíamos as coisas íntimas uns dos outros: quem fazia chichi à noite, quem gritava no sono, quem ceceava. Eu endireitava sempre um dente com a colher. Numa única sala, quarenta camas de ferro... Ao deitar, uma ordem: juntar as mãos debaixo da face, e todos sobre o lado direito. Devíamos fazer todos ao mesmo tempo. Todos! Aquilo era uma comunidade, nem que fosse animal, nem que fosse de baratas, mas foi assim que me educaram. Ainda hoje sou assim... (*Volta-se para a janela, para que eu não lhe veja a cara naquele momento.*) Depois de deitados, à noite, começávamos a chorar... Todos ao mesmo tempo: «As mamãs boas já vieram...» Uma menina dizia: «Não gosto da minha mamã! Porque é que ela está tanto tempo sem me vir ver?» Eu também estava zangada com a minha. E de manhã cantávamos em coro... (*E começa a cantarolar.*) «A luz da manhã, delicada / As muralhas do Kremlin acaricia. / Assim desperta cada dia / A terra soviética animada...» Bonita canção. Ainda hoje a acho bonita.

Primeiro de Maio! Gostávamos mais do Primeiro de Maio do que de todas as festas do mundo. Nesse dia davam-nos casacos e vestidos novos. Todos os casacos e todos os vestidos eram iguais. Começávamos a habituar-nos a eles, fazíamos uma marca, nem que fosse um pequeno nó ou uma dobra, a indicar que aquilo era nosso... uma parte de nós... Diziam-nos que a Pátria era a nossa família, que ela pensava em nós. Diante da formatura do Primeiro de Maio

traziam para o pátio uma grande bandeira vermelha. Rufava um tambor. Uma vez – maravilha! – veio um general felicitar-nos. Nós dividíamos todos os homens em soldados e oficiais, mas aquele era um general. Com bandas nas calças. Subimos para o parapeito da janela para o ver entrar para o carro e agitar a mão para nós. «Tu não sabes o que é um papá?», perguntou-me à noite a Vália Knorina. Eu não sabia. E ela também não. (*Silêncio.*) Havia o Stiopa... que estendia os braços e rodopiava pelo corredor, como se estivesse a dançar com alguém. Dançava consigo mesmo. Nós achávamos ridículo, mas ele não dava atenção a ninguém. E uma vez, de manhã, sem estar doente, morreu. Morreu de repente. Durante muito tempo não nos esquecíamos dele... Diziam que o pai dele era um grande chefe militar, também um general. Depois apareceram-me bolhas debaixo dos braços, que rebentavam. Era tão doloroso que eu chorava. O Igor Koroliov beijou-me dentro de um armário. Andávamos na quinta classe. Comecei a curar-me. Sobrevivi... outra vez! (*Quebra-se-lhe a voz num grito.*) Mas isto interessa agora a alguém? Diga-me, a quem? Há muito que ninguém se interessa nem quer saber. O nosso país já não existe e nunca mais existirá, mas nós existimos... velhos e repugnantes... com recordações horríveis e olhos de animais acuados... Existimos! Mas o que resta hoje do nosso passado? Só que Estaline inundou o país de sangue, que Khrushchov semeou o país de milho, e que toda a gente se ria de Bréjnev. E os nossos heróis? Nos jornais escrevem que Zoia Kosmodemiánskaia⁴² sofria de esquizofrenia depois de ter tido meningite na infância e que tinha a mania de incendiar casas. Doente mental. E que Aleksandr Matrósov se lançou para a frente de uma metralhadora alemã porque estava bêbedo e não para salvar os camaradas. E Pável Kortcháguin já não é um herói... São zombies soviéticos! (*Acalma-se um pouco.*) Ainda hoje sonho com o campo de trabalho... Ainda hoje não consigo ver um pastor-alemão sem tremer... tenho medo de todas as pessoas de uniforme... (*Por entre as lágrimas.*) Não posso continuar assim... Abri o gás... liguei as quatro bocas do fogão... Fechei os postigos e as cortinas completamente. Já não há nada que... que me faça ter medo de morrer... (*Silêncio.*) Quando alguma coisa ainda nos retém... Bem... o cheiro de um bebé, por exemplo... Eu nem sequer tenho árvores debaixo da janela... Só telhados... telhados... (*Silêncio.*) Pus um ramo de flores em cima da mesa... Liguei o rádio... E por fim estava deitada... estendida no chão... e os pensamentos continuavam a ser todos de lá... do campo de trabalho... Saía pelos portões do campo... portões de ferro que se fechavam atrás de mim com um rangido. Estava livre, tinham-me libertado. Andava e dizia a mim mesma: «Não olhes para trás!» Estava a morrer de medo de que alguém

me perseguisse e me fizesse voltar para trás. Teria que voltar. Andei um pouco e vi uma bétula à beira do caminho... Uma simples bétula... Corri para ela, abracei-a, apertei todo o meu corpo de encontro a ela; ao lado havia um arbusto qualquer, também o abracei. Durante o primeiro ano era tanta a felicidade... por tudo! (*Fica muito tempo em silêncio.*) Uma vizinha sentiu o cheiro a gás... A Polícia arrombou a porta... Recuperei os sentidos no hospital, e o primeiro pensamento foi: «Onde estou eu? Outra vez no campo?» Como se não tivesse outra vida e não tivesse acontecido mais nada. Primeiro voltaram os sons... depois as dores... Tudo me causava dor: qualquer movimento, respirar, mexer a mão, abrir os olhos. O mundo inteiro era o meu corpo. Depois o mundo deslocou-se e ficou mais alto: vi uma enfermeira de bata branca... o teto branco... Demorei muito tempo a voltar. Ao meu lado estava uma rapariga a morrer, demorou vários dias a morrer, estava toda cheia de tubos, até na boca tinha um, nem podia gritar. Por qualquer razão não a conseguiram salvar. E eu olhava para aqueles tubos e imaginava tudo em pormenor: estou aqui deitada... morri... mas não sei que morri e já não existo. Já fui lá parar... (*Interrompe-se.*) Ainda não está farta de me ouvir? Não? Diga... eu posso calar-me...

A minha mãe... A minha mãe veio buscar-me quando eu passei para a sexta classe. Tinha passado doze anos no campo; durante três anos estivemos juntas, e nove separadas. Agora enviaram-nos para a aldeia e permitiram que fôssemos juntas. Era de manhã... Eu caminhava pelo pátio... alguém me chamou: «Anetchka! Aniútotchka!» Ninguém me chamava assim, ninguém me chamava pelo nome. Vi uma mulher de cabelos negros e gritei: «Mamã!» Ela abraçou-me com o mesmo grito horrível: «Papá!» Eu era muito parecida com o meu pai. Que felicidade! Quantas emoções diferentes, quantas alegrias! Durante alguns dias andei de cabeça perdida de tanta felicidade, nunca mais voltei a sentir tanta felicidade. Tantos sentimentos diferentes... Mas em breve... muito em breve se verificou que eu e a mamã não nos compreendíamos. Éramos pessoas estranhas uma para a outra. Eu queria entrar para o Komsomol, para lutar contra não sei que inimigos invisíveis, que querem destruir a nossa vida maravilhosa. A mamã olhava para mim, chorava... e ficava calada... Tinha sempre medo de qualquer coisa. Em Karagandá deram-nos documentos e enviaram-nos em desterro para a cidade de Biélovo. Fica muito longe, para lá de Omsk, no mais profundo da Sibéria... Demorámos um mês na viagem. As longas distâncias, as esperas, as mudanças de comboio. De caminho apresentávamo-nos no Ministério do Interior, e ordenavam-nos sempre que continuássemos para mais longe. Não nos podíamos instalar em zonas fronteiriças, nem perto de instalações militares,

nem nas grandes cidades, uma longa lista dos lugares aonde não podíamos ir. Ainda hoje não suporto ver as luzes acesas nas casas, ao anoitecer. À noite expulsavam-nos das estações, e caminhávamos pela rua. Tempestades de neve, um frio gélido. Havia luzes acesas nas casas, havia ali gente que vivia no quente, faziam o chá. Nós tínhamos de bater à porta... isso era o mais horrível... Ninguém nos queria deixar pernoitar... «Cheiramos a presidiárias...», dizia a mamã. (*Chora. E não repara que está a chorar.*) Em Biélovo habitámos num «apartamento» escavado no chão. Depois voltámos a viver num abrigo de terra, que já era nosso. Eu adoeci com tuberculose, estava tão fraca que não me podia manter de pé, com uma tosse horrível. Era setembro... Todas as crianças se preparavam para a escola, e eu não podia andar. Levaram-me para o hospital. Lembro-me de que no hospital estava sempre a morrer alguém. Morreu a Sónetchka, a Vánetchka... morreu o Slávik... Eu não tinha medo dos mortos, mas não queria morrer. Sabia bordar e desenhar muito bem, todos me elogiavam: «Que rapariga tão talentosa. Deves estudar.» E eu pensava: nesse caso porque é que tenho de morrer? E, por um milagre qualquer, sobrevivi... Uma vez abri os olhos e na mesa de cabeceira estava um ramo de cerejeira-brava. De quem? Mas compreendi que viveria... E vivi! Voltei para casa, para o abrigo de terra. Entretanto, a mamã teve mais um ataque do coração. Eu não a reconhecia... Vi uma mulher velha. Levaram-na para o hospital nesse mesmo dia. Em casa não encontrei nada de comer, nem o cheiro. Tinha vergonha de falar disso a alguém... Encontraram-me estendida no chão, mal respirava. Alguém me trouxe uma caneca de leite de cabra morno... Tudo, tudo... Tudo o que me lembro de mim... tantas vezes que estive quase a morrer e sobrevivi... (*Volta-se outra vez para a janela.*) Recuperei um pouco as forças... e a Cruz Vermelha comprou um bilhete e meteu-me no comboio. Enviaram-me para a minha Smolensk natal, para o orfanato. Foi assim que voltei para casa... (*Chora.*) Não sei porque estou a chorar... porque é que eu choro? Se já conheço tudo... Sei tudo da minha vida... E fiz lá os dezasseis anos... Arranjei amigos, começaram a cortejar-me... (*Sorri.*) Era cortejada por rapazes bonitos. Adultos. Mas eu tinha uma particularidade: se alguém gostava de mim, ficava assustada. Era horrível que alguém me prestasse atenção. A minha tia reparou. Não era possível cortejar-me, porque eu levava uma amiga comigo para os encontros. Se me convidavam para ir ao cinema, também não ia sozinha. No primeiro encontro com o meu futuro marido fui com duas amigas. Ele depois recordou isso durante muito tempo...

Dia da morte de Estaline... Puseram todo o orfanato em formatura e

arriaram a bandeira vermelha. Todo o tempo que durou o funeral, ficámos na formatura em sentido, seis ou oito horas. Havia quem caísse desmaiado... Eu chorava... Já sabia o que era viver sem mãe. Mas como viver sem Estaline? Como viver... Por qualquer razão, tinha medo de que comesse a guerra. (*Chora.*) Ao fim de quatro anos, quando eu já andava na Faculdade de Arquitetura, a minha mãe voltou do desterro. Voltou para sempre. Chegou com uma maleta de madeira dentro da qual havia uma tigela de zinco (ainda a conservo, não posso deitá-la fora), duas colheres de alumínio e um monte de meias esburacadas. « Tu és má dona de casa », ralhava-me a mamã, « não sabes passar. » Eu sabia passar, mas compreendia que aqueles buracos nas meias eram impossíveis de passar. Nem a mais hábil costureira! Eu tinha uma bolsa de dezoito rublos, e a minha mãe uma pensão de catorze rublos. Para nós, era o paraíso. Comíamos o pão que queríamos e ainda chegava para o chá. Eu tinha um fato desportivo e um vestido de chita, que eu própria tinha feito. No inverno ia para o instituto com o fato de treino. E parecia-me... era essa a minha impressão... que nós tínhamos tudo. Se ia visitar uma casa normal, uma família normal, andava-me a cabeça à roda. Porquê tantas coisas? Tantas colheres, garfos, chávenas... As coisas mais simples deixavam-me acabrunhada... Porquê, por exemplo, dois pares de sapatos? Ainda hoje sou indiferente em relação às coisas, aos objetos da vida quotidiana. Ontem a minha nora telefonou-me: « Ando à procura de um fogão a gás castanho. » Está a remodelar a cozinha e quer tudo em tons de castanho: móveis, cortinas, loiça, como nas revistas estrangeiras. Passa horas ao telefone. Tem o apartamento cheio de folhetos e jornais, lê tudo onde há anúncios de compra e venda. « Quero isto. E mais isto... » Dantes toda a gente tinha mobiliário simples, e as pessoas em geral viviam com simplicidade. E agora? O homem transformou-se num estômago... Numa pança... Quero! Quero! Quero! (*Agita a mão.*) Raramente visito o meu filho... Eles têm tudo novo, tudo caro. Como um escritório. (*Silêncio.*) Somos uns estranhos... familiares estranhos... (*Silêncio.*) Quero recordar a minha mãe em jovem. Mas não me recordo dela jovem... só me lembro dela doente. Nem uma única vez nos abraçámos, nos beijámos, não houve entre nós palavras ternas. Não me lembro... As nossas mães perderam-nos duas vezes: a primeira vez, quando lhes fomos tiradas em crianças, e a segunda vez quando elas, velhas, voltaram para junto de nós, já adultos. Os filhos eram estranhos... os filhos substituíram-nas... Foram educados por outra mãe: « A Pátria é a vossa mãe... A vossa mamã... » « Menino, onde está o teu pai? » « Ainda está na prisão. » « E onde está a tua mãe? » « Já está na prisão. » Imaginávamos os nossos pais só na

prisão. Algures, muito, muito longe... nunca ao nosso lado... Durante algum tempo eu queria fugir da minha mãe e voltar para o orfanato. Ora pois! Ora pois... Ela não lia os jornais nem ia às manifestações, não ouvia rádio. Não gostava das canções que me faziam palpitar o coração no peito... (*Trauteia baixinho.*) «Nenhum inimigo por mal, / Te verá de cabeça inclinada. / Minha querida capital, / Minha Moscovo adorada...» Sentia-me atraída pela rua. Ia às paradas militares, gostava dos festivais desportivos. Ainda me lembro desse ímpeto! Uma pessoa marcha com toda a gente, faz parte de qualquer coisa grande... imensa... Ali sentia-me feliz, e com a minha mãe, não. E nunca conseguirei emendar isso. A minha mãe morreu pouco depois. Só a abracei e acariciei quando ela estava morta. Já estava deitada no caixão, e despertou em mim essa ternura! Esse amor! Estava ali com as suas velhas botas de feltro... Não tinha nem sapatos, nem pantufas, e os meus não serviam nos pés inchados dela. Disse-lhe tantas palavras ternas, fiz-lhe tantas declarações, ela ouviu-as, ou não? Beijava-a e voltava a beijá-la. Dizia-lhe que a amava... (*Chora.*) Sentia que ela ainda ali estava... Acreditava nisso...

(Vai à cozinha. Pouco depois chama-me: «O almoço está na mesa. Estou sempre sozinha, quero ao menos uma vez almoçar com alguém.»)

Nunca se deve voltar ao passado... porque... Mas eu andava sempre a correr para lá! Tinha tanta vontade! Cinquenta anos... há cinquenta anos que volto àquele lugar... em pensamento estive lá, dia e noite...

Sonhava principalmente com o inverno... Fazia tanto frio na rua que não se viam cães nem pássaros. O ar era como vidro e o fumo saía das chaminés para o céu, como uma coluna. Ou com o fim do verão, quando a erva já não cresce e está coberta por um pó pesado. E... decidi ir até lá. Era já durante a *perestroika*. Gorbatchov... os comícios... Toda a gente andava alegre pelas ruas. Cada um escrevia o que queria, gritava o que queria, onde queria. Li-ber-da-de! Li-ber-da-de! O que quer que nos esperasse no futuro, o passado acabara. Esperava-se qualquer coisa diferente... havia impaciência... E outra vez o medo. Durante muito tempo tive medo de ligar o rádio de manhã: e se de repente tudo tivesse acabado? Se tivessem posto fim a tudo? Durante muito tempo não acreditei. Vêm à noite e levam-nos para um estádio. Como aconteceu no Chile... Um estádio para os «espartalhões», e os outros calavam-se por si mesmos. Mas não vieram... Nos jornais começaram a publicar memórias de antigos presos do Gulag. E fotografias. Aqueles olhos! Os olhos daquelas pessoas! Pareciam olhar do outro mundo... (*Silêncio.*) E eu decidi: quero... devo lá ir! Para quê? Eu própria não sei... mas devia ir... Tirei umas férias... Passou uma semana... duas

semanas... e eu sem me decidir; arranjava sempre alguma desculpa: ou tinha de ir ao dentista, ou tinha de pintar a porta da varanda. Disparates. Uma manhã... foi de manhã... Estava a pintar a porta da varanda e disse a mim mesma: « Amanhã vou para Karagandá.» Disse assim mesmo, em voz alta, compreendi que iria. Vou, e pronto! O que é Karagandá? É uma estepe nua e vazia de centenas de quilómetros, queimada no verão. No tempo de Estaline construíram naquela estepe dezenas de campos de trabalho: o Steplag, o Karlag, o Aljir... o Pestchanlag... Levaram para lá centenas de milhares de detidos... Escravos soviéticos. Quando Estaline morreu, destruíram as barracas, retiraram os arames farpados, e ficou uma cidade. A cidade de Karagandá... É lá que eu vou... A viagem é longa... No comboio conheci uma mulher... uma professora da Ucrânia. Ela procurava a sepultura do pai e era a segunda vez que ia a Karagandá. « Não tenhas medo », disse-me ela. « As pessoas lá já estão habituadas a que apareçam estranhos de todo o mundo, que falam com as pedras. » Ela tinha consigo uma carta do pai, a única carta enviada por ele do campo: « ... de qualquer modo não há nada melhor do que a bandeira vermelha... » Assim terminava a carta... com estas palavras... (*Fica pensativa.*) Esta mulher... contou-me como o pai tinha assinado um papel a confessar que era um espião polaco. O juiz de instrução virou um tamborete, pregou um prego numa das pernas do tamborete, sentou nele o pai dela e fê-lo girar sobre o eixo. E assim conseguiu o que queria: « Está bem, sou espião. » E o juiz: « Espião de quem? » O pai, por seu lado, perguntou: « De quem costumam ser os espiões? » Deram-lhe a escolher: alemão ou polaco. « Escreva polaco. » Ele sabia quatro palavras de polaco: *dziekuje bardzo* e *wszystko jedno*⁴³. Quatro palavras... E eu... Eu não sei nada sobre o meu pai... Uma vez a minha mãe deixou escapar que ele tinha enlouquecido na prisão devido às torturas. Passava o tempo a cantar... Ia um jovem no nosso compartimento. Nós passámos a noite a conversar, a chorar... E de manhã esse jovem olhou para nós: « Que horror! É como um filme de terror! » Teria uns dezoito ou vinte anos. Senhor! As coisas que nós passámos, e sem ninguém a quem as contar. Contamo-las uns aos outros...

E cá está Karagandá... Alguém se pôs a gracejar: « Toca a sair! Todos com as suas coisas! » Alguns riam-se, outros choravam. Na estação, as primeiras palavras que ouvi: « Rameira... puta... panilas... » A conhecida linguagem dos presidiários. Recordei logo todas essas palavras... Logo! Senti calafrios. Não conseguia reprimir a tremura interior, e em todo o tempo que lá estive tudo dentro de mim tremia. É claro que não reconheci a cidade, mas logo depois dela,

passados os últimos prédios, começava uma paisagem conhecida. Reconheci tudo... A mesma barba de bode seca e o pó branco... e uma águia no céu, lá muito alto... E os nomes de aldeias conhecidas: Volni, Sangorodok.. Tudo lugares de antigos campos. Pensava que me tinha esquecido, mas lembrava-me de tudo. Um velho sentado ao meu lado no autocarro compreendeu que eu não era dali. « Quem é que procura? » « Pois... », comecei eu. « Aqui havia um campo... » « Ah, as barracas? As últimas foram demolidas há dois anos. Com os tijolos das barracas as pessoas construíram telheiros, casas de banho. Os terrenos foram vendidos para construir datchas. O arame farpado foi usado para vedar as hortas... O meu filho tem aqui um terreno... Sabe, é tão desagradável... na primavera, com a fusão da neve e a chuva, aparecem ossos no meio das batatas. Ninguém sente repugnância, porque estão habituados, toda a terra aqui está cheia de ossos como de pedras. Atiram-nos para as extremas, empurram-nos com as botas. Pisam-nos. Já estamos habituados. Basta escavar na terra... e é um fervilhar... Até me faltou o ar, como se fosse desmaiar.» E o velho voltou-se para a janela, a mostrar-me: « Além, para lá daquela loja, cobriram um cemitério. E atrás dos balneários.» E eu ali sentada, sem respirar. Mas que é que eu esperava? Que houvesse ali pirâmides erguidas? Túmulos de glória? « A primeira linha... é agora a rua de... A segunda linha... » Eu olhava pela janela mas não via nada. As lágrimas cegavam-me. Nas paragens do autocarro, cazaques vendiam pepinos, tomates... groselhas em baldes. « Acabados de apanhar das leiras. Das minhas hortas. » Senhor! Meu Deus... Devo dizer que... tinha dificuldade em respirar, que se passava qualquer coisa comigo. Ao fim de poucos dias toda a minha pele ficou seca e as unhas quebradiças. Qualquer coisa se passava dentro de mim. Apetecia-me cair no chão e ficar ali, quieta. Não me levantar. A estepe... é como o mar... Caminhei, caminhei, e acabei por cair... Caí ao lado de uma pequena cruz de ferro, enterrada no chão até à travessa. Gritava, tive uma crise de histeria. Em redor não havia ninguém. Apenas pássaros... *(Depois de uma breve pausa.)* Fiquei num hotel. À noite no restaurante havia uma enorme algazarra... vodka... Jantei lá uma vez... à minha mesa, dois homens começaram a discutir, até ficarem roucos... O primeiro: « Eu continuo a ser comunista. Devíamos construir o socialismo. Quem teria quebrado a espinha ao Hitler sem Magnitka⁴⁴ e sem Vorkuta? » O segundo: « Eu conversei com os velhotes daqui... Todos eles serviram ou trabalharam no campo... não sei como chamar-lhes... cozinheiros, guardas, tropas especiais. Aqui não havia outro trabalho, esse era satisfatório: um ordenado, comida e uniforme. E é isso que dizem: “trabalho”. Para eles, o campo era trabalho!

Serviço! E vocês vêm falar de crimes. Da alma e do pecado. Os que estavam presos eram o povo. E os que os prendiam e os vigiavam eram também povo, não forasteiro, nem ocupante, mas o mesmo povo. Nosso. O nosso povo. Agora todos vestiram as camisolas às riscas. São todos vítimas. O único culpado é Estaline. Mas você pense... simples aritmética... Era preciso vigiar milhões de prisioneiros, prendê-los, interrogá-los, transportá-los, disparar contra eles se saíam da linha. Alguém fazia isso... havia milhões de executantes...» O empregado trouxe-lhes uma garrafa, pouco depois outra... Eu ouvia... ouvia! Eles bebiam muito, mas não estavam embriagados. Sentia-me como que paralisada e não conseguia sair dali. O primeiro: «Disseram-me que quando as barracas já estavam vazias, encerradas, à noite o vento trazia de lá gritos e gemidos...» O segundo: «Delírio. Começa uma mitologia. E toda a nossa desgraça é que no nosso país os carrascos e as vítimas são as mesmas pessoas.» E de novo: «Estaline encontrou a Rússia com um arado, e deixou-a com a bomba atômica...» Não preguei olho durante três dias e três noites. De dia caminhava pela estepe. Arrastava-me, até escurecer, até às primeiras luzes.

Uma vez, um homem levou-me de carro para a cidade, um homem de cinquenta anos, ou talvez mais, como eu. Estava bebido. Era muito falador. «Anda à procura de sepulturas? Compreendo, vivemos num cemitério, pode-se dizer. Mas nós... Em suma, não gostamos de lembrar o passado. É tabu! Os velhos morreram, eram os nossos pais, e aqueles que ainda vivem estão calados. Sabe, tiveram uma educação estalinista. Gorbachov, Eltsin... Isso é hoje. Mas quem sabe como será amanhã? Para onde vai isto virar...» Palavra atrás de palavra, fiquei a saber que o pai dele era um oficial, «de alta patente». No tempo de Khrushchov quis partir daqui, mas não o autorizaram. Toda a gente assinava um compromisso de não revelar segredos de Estado: os que estavam presos, os que os prendiam e os que os guardavam. Não se podia deixar ninguém partir, porque todos sabiam demasiado. Não deixavam partir, segundo ele ouvira dizer, aqueles que acompanhavam os comboios com prisioneiros. Aqui como que escapavam à guerra, mas da guerra ainda podiam voltar, e daqui não. A zona, o sistema, absorvia-os para sempre. Só podiam partir destes lugares malditos, depois de cumprida a pena, os vadios e os criminosos. Os bandidos. Os restantes viviam depois juntos, ou num mesmo prédio, num mesmo pátio. «Ah, a nossa vida é muito dura!», repetia ele. Recordou um caso da sua infância... Como uns ex-detidos que combinaram estrangular um antigo carcereiro... porque era uma fera... Com a bebedeira armavam desordens, avançavam uns contra os outros em bloco. O pai dele bebia como uma esponja. Quando se embebedava,

chorava: « Puta que os pariu! Toda a vida de boca calada. Somos uns grãos de areia...» A noite. A estepe. Os dois no carro – a filha de uma vítima e o filho de... como dizer... de um carrasco? De um pequeno carrasco... Os grandes carrascos nunca podem dispensar os pequenos carrascos. São precisos muitos daqueles que fazem o trabalho sujo... E pronto, encontrámo-nos... E de que falámos? De que não sabemos nada dos nossos pais, que ficaram calados até à morte. Levaram com eles os seus segredos. Mas, pelos vistos, impressionei aquele homem, transtornei-o fortemente por qualquer coisa. Contou-me que o pai nunca comia peixe, porque o peixe podia alimentar-se de carne humana. Quando se atira um homem nu para o mar, dentro de alguns meses ficam apenas os ossos limpos. Branquinhos. Como sabia ele isso? Quando estava sóbrio, ficava calado. Mas bêbedo jurava que sempre trabalhara com papéis, nos escritórios. Que tinha as mãos limpas... O filho queria acreditar nisso. Mas, nesse caso, porque é que não comia peixe? O peixe causava-lhe náuseas... Depois da morte do pai, encontrou documentos segundo os quais ele tinha servido junto ao mar de Okhotsk. Ali também havia colónias penais... (*Silêncio.*) Estava bebido... dava-lhe para falar... E olhava para mim de uma maneira que até ficou sóbrio e assustou-se. Percebi que ele se tinha assustado. De repente pôs-se a gritar com raiva... como que a dizer: basta de desenterrar os mortos! Basta! Compreendi... Eles... os filhos... não tinham assinado nada, mas eles próprios compreendiam que deviam manter a boca fechada. À despedida, estendeu-me a mão. Mas eu não lhe estendi a minha... (*Chora.*)

Procurei, procurei até ao último dia... E no último dia disseram-me: « Vá ter com Katerina Demtchuk. É uma velha de quase noventa anos, mas lembra-se de tudo.» Levaram-me até à casa dela. Vi uma casa de tijolo com uma cerca alta. Bati à cancela... Ela saiu... muito velha... meio cega. «Disseram-me que trabalhou no orfanato?» «Era professora.» «Nós não tínhamos professoras, tínhamos comandantes.» Não deu resposta. Afastou-se e começou a regar os canteiros com uma mangueira. Fiquei parada... não me ia embora! Então ela, de má vontade, fez-me entrar em casa: à entrada um crucifixo e ao canto um ícone. Lembrei-me da voz... não me lembrava da cara, mas da voz... «A vocês podemos bater-lhes e até matá-los, porque as vossas mães são inimigas.» Reconheci-a! Ou queria muito reconhecê-la? Podia não ter perguntado, mas perguntei: «Talvez se lembre de mim?... Talvez...» «Não... não... não me lembro de ninguém. Vocês eram pequeninos, cresciam muito pouco. E nós seguíamos instruções.» Serviu o chá, trouxe umas bolachinhas... Eu estava sentada a ouvir as lamentações dela: o filho era alcoólico, os netos também se

embebedavam. O marido morrerá há muito, e ela tinha uma pequena pensão. Sofria das costas. É enfadonho viver na velhice. Ora bem! Pensei: ora bem. Ora bem! Encontrámo-nos ao fim de cinquenta anos... Eu achava que era ela... imaginava para comigo... encontrámo-nos, e depois? Eu também já não tenho marido, e a minha pensão também é pequena. E também tenho dores nas costas. Velhice e nada mais. (*Longo silêncio.*)

No dia seguinte vim-me embora... Que me restava? Perplexidade... e raiva... Mas não sei contra quem. E continuo a sonhar com a estepe, ora coberta de neve, ora de papoilas vermelhas. Num lugar onde havia barracas, há um café, e mais adiante há datchas. Há vacas a pastar. Não devia ter voltado cá. Não! Choramos tanto, sofremos tanto, e para quê? Para que foi tudo isto? Vão passar mais vinte... mais cinquenta anos... Tudo estará espezinhado, reduzido a pó, como se nós não tivéssemos existido. Ficam duas linhas no manual de História. Um parágrafo. Já está a passar a moda de Soljenítsin e da história segundo Soljenítsin. Dantes ia-se parar à prisão por causa do *Arquipélago Gulag*. Liam-no em segredo, batiam-no à máquina, copiavam-no à mão. Eu acreditava... acreditava que se mil pessoas o lessem, tudo mudaria. Chegaria o tempo dos arrependimentos e das lágrimas. E o que se passou? Publicaram e disseram tudo o que havia sido pensado em segredo. E daí? Esses livros estão nos alfarrabistas a cobrirem-se de pó. E as pessoas passam ao lado a correr... (*Silêncio.*) Nós estamos aqui... não existimos... até a rua onde eu antes morava já não existe. Era a Rua Lenine. Agora está tudo diferente: as roupas, as pessoas, o dinheiro. Novas palavras. Havia « camaradas », agora há « senhores », mas parece difícil habituarmo-nos aos « senhores ». Andam todos à procura das suas raízes nobres. É moda! Príncipes e condes surgem não se sabe de onde. Dantes as pessoas orgulhavam-se das suas origens operárias e camponesas. Agora todos se batizam e jejuam. Discutem com ar sério se a monarquia salvará ou não a Rússia. Gostam do czar, do qual em 1917 qualquer aluna se ria. Este país é estranho para mim. Estrangeiro! Dantes, quando se reuniam convidados, discutíamos livros, espetáculos... E agora fala-se daquilo que cada um comprou. Do curso dos câmbios. E contam-se anedotas. Não se poupa nada, pode-se rir de tudo. Tudo é motivo de riso. « Papá, quem é Estaline? » « Estaline era o nosso chefe. » « Eu pensava que só os selvagens tinham chefes. » Alguém pergunta à rádio da Arménia: « O que resta de Estaline? » A rádio arménia responde: « De Estaline restam duas mudas de roupa interior, um par de botas, várias túnicas militares, uma delas de cerimónia, quatro rublos e quarenta copeques soviéticos. E um Império gigantesco. » Segunda pergunta: « Como é que o soldado russo chegou a

Berlim?» «O soldado russo não tem coragem bastante para recuar.» Eu deixei de visitar pessoas. E raramente saio à rua. O que vejo eu lá fora? A festa de Mamona! Não restam valores nenhuns além do porta-moedas. E eu? Sou pobre, todos nós somos pobres, toda a minha geração... Os antigos soviéticos... Nem contas bancárias nem propriedades imobiliárias. As nossas coisas também são soviéticas, ninguém dá um copeque por elas. Onde está o nosso capital? Tudo o que temos são os nossos sofrimentos, aquilo que vivemos. Eu tenho dois atestados escritos em folhas de caderno escolar: «... reabilitado...» e «reabilitada... por ausência de corpo de delito...». Para o meu pai e para a minha mãe. Em tempos... em tempos tinha orgulho no meu filho... Era piloto militar, serviu no Afeganistão. Agora... compra e vende no mercado... Um major, duas vezes condecorado, é comerciante! Dantes chamava-se a isso especulação, hoje chama-se *business*. Leva para a Polónia vodka, cigarros, esquis, e de lá traz roupas. Trastes! Leva âmbar para a Itália e traz de lá equipamento para casas de banho: sanitas, torneiras, desentupidores. Na nossa família nunca houve comerciantes! Desprezavam-os! Sou talvez um resíduo «soviético»... mas isso é melhor do que a compra e venda...

Confesso-lhe que dantes gostava mais das pessoas... Aquelas pessoas... eram gente nossa... Vivi com aquele país toda a sua história. Mas para este, de agora, sou indiferente, não é o meu. (*Vejo que está cansada, desligo o gravador. Entregame uma folha de papel com o telefone do filho.*) Aqui tem, tinha-me pedido... O meu filho há de contar a sua versão... a sua história... Sei que há um abismo entre nós... Eu sei... (*Por entre as lágrimas.*) Mas agora deixe-me. Quero ficar sozinha.

O FILHO

Durante muito tempo não me deixou ligar o gravador. Depois foi ele próprio que, inesperadamente, propôs que o ligasse: «Isto pode gravar... Isto já é história, e não conflitos familiares, de pais e filhos. Não indique o meu apelido. Não tenho medo, mas não gosto.»

... Já sabe tudo... Mas... o que podemos nós dizer sobre a morte? Nada de sensato... um sentimento totalmente desconhecido...

... Ainda hoje gosto dos filmes soviéticos, há neles qualquer coisa que não se encontra nos filmes atuais. E também gostava dessa «qualquer coisa». Gostava

desde pequeno. Mas não sei definir o quê. Gostava de história, lia muito, nesse tempo toda a gente lia muito, eu lia sobre o *Tcheliuskin*⁴⁵ e sobre Tchkalov... sobre Gagárin e sobre Koroliov⁴⁶... mas durante muito tempo não soube nada acerca do ano de 1937. Uma vez perguntei à minha mãe: «Onde morreu o nosso avô?» Ela caiu desmaiada. O meu pai disse-me: «Nunca mais faças perguntas sobre isso à mamã.» Fui outubrista, pioneiro, não importa se acreditava ou não. Talvez acreditasse. O mais certo é que não pensasse nisso... Fui membro do Komsomol. As canções à volta da fogueira: «Se um amigo fica de repente / nem amigo, nem inimigo, mas assim...» etc. (*Acende um cigarro.*) Sonho? Sonhava ser militar. Voar! Era uma coisa de prestígio, bonita. Todas as raparigas sonhavam casar com um militar. O meu escritor preferido era Kúprin. Ser oficial, ter um uniforme bonito!... Uma morte heroica! As bebedeiras entre homens, a amizade. Isso era atraente, aceitava-se com entusiasmo juvenil.

E os pais apoiavam. Fui educado pelos livros soviéticos: «o homem acima de tudo», «o homem impossível», «o homem, soa com orgulho». Falavam de um homem que não existe... que não existe na natureza... Ainda hoje não compreendo porque é que naquele tempo havia tantos idealistas. E agora desapareceram. Que idealismo pode haver na geração da *Pepsi*? São pragmáticos. Terminei o instituto militar e servi no Kamtchatka. Na fronteira. Onde só há neve e montes. A única coisa de que sempre gostei no meu país foi da natureza, da paisagem. Isso sim! Dois anos depois mandaram-me para a Academia Militar, que terminei com distinção. Mais estrelas! Uma carreira! Teria direito a um enterro em carreta militar com salva de tiros... (*Num desafio.*) E agora? Mudança de cenário... Do major soviético saiu um comerciante. Negoceio em equipamento sanitário italiano... Se alguém me tivesse profetizado isto há dez anos, eu nem sequer me daria o incómodo de dar um sapapo nesse Nostradamo, levava o caso para a brincadeira. Eu era absolutamente soviético – era vergonha amar o dinheiro, devia-se amar os sonhos. (*Acende um cigarro e fica calado.*) Esquecemos muitas coisas, e é pena... Esquecemos porque tudo acontece demasiado depressa. É um caleidoscópio. A princípio gostei de Gorbachov, depois fiquei desiludido com ele. Ia às manifestações e gritava como toda a gente: «Eltsin, sim! Gorbachov, não!» Gritava: «Fora o artigo sexto!» E até coleei alguns cartazes. Falávamos e líamos, líamos e falávamos. O que é que nós queríamos? Os nossos pais queriam dizer tudo e ler tudo. Sonhavam viver num socialismo humano... de rosto humano... E os jovens? Nós também sonhávamos com a liberdade. Mas o que era isso? Só teorias... Queríamos viver como no Ocidente. Ouvir a música deles, vestir-nos como eles, viajar pelo

mundo. «Queremos mudanças... mudanças...», cantava Viktor Tsoi. Não compreendíamos para onde íamos a correr. Toda a gente sonhava... mas nas lojas de alimentação havia apenas boiões de três litros com sumo de bétula e couve marinada. Pacotes de folhas de louro. Senhas de racionamento para o macarrão, para a manteiga, para os cereais... para o tabaco... Numa bicha para a vodka podíamos ser mortos! Mas publicavam Platónov e Grossman, antes proibidos... Retiravam as tropas do Afeganistão. Eu fiquei vivo, pensava que todos nós, os que lá tínhamos estado, éramos heróis. Voltámos à Pátria, e não havia Pátria! Em vez da Pátria, um novo país que não queria saber de nós! O Exército desfazia-se, começaram a denegrir os militares, a injuriá-los. A chamar-lhes assassinos! De defensores transformaram-se em assassinos. Culpavam-nos de tudo: Afeganistão, Vilnius, Baku. De todo o sangue. À noite era perigoso andar pela cidade com o uniforme militar, podiam espancar-nos. As pessoas estavam furiosas porque não havia comida, nem roupas. Ninguém percebia nada. Na nossa unidade, os aviões não voavam porque não havia combustível. As tripulações estavam em terra, jogavam às cartas, bebiam vodka. Com o ordenado de oficial podia-se comprar dez pães de forma. Um amigo meu deu um tiro na cabeça... depois outro fez o mesmo... Saíam do Exército, debandavam, cada qual para seu lado. Todos tinham famílias, eu tenho dois filhos, um cão e um gato. Como viver? O cão passou a comer requeijão em vez de carne, nós, durante semanas, só comíamos papas. Tudo isto se vai apagando da memória... Sim, é preciso registar enquanto ainda nos lembramos de algumas coisas. Nós, os oficiais, descarregávamos vagões à noite, trabalhávamos como seguranças. Assentávamos asfalto. Comigo trabalhavam no duro cientistas, médicos, cirurgiões. Lembro-me até de um pianista da orquestra filarmónica. Aprendi a instalar fornos de cerâmica e portas blindadas. E assim por diante... Começavam os negócios... alguns importavam computadores... outros «coziam» calças de ganga... *(Ri-se.)* Dois combinaram: um comprava uma cisterna de vinho, o outro vendia-a. Negócio feito! Um vai procurar dinheiro, e o outro fica a pensar onde conseguir uma cisterna de vinho. É anedótico, e é verdade. A mim também me apareceram alguns: andavam de sapatilhas rotas a vender helicópteros... *(Pausa.)*

Mas sobrevivemos! Sobrevivemos... E o país sobreviveu! Mas o que sabemos nós da alma? Apenas que ela existe. Eu... os meus amigos... para nós está tudo normal. Um tem uma empresa de construção, outro uma loja de produtos alimentares: queijo, carne, salame; outro ainda negocia em mobiliário. Uns têm capital no estrangeiro, outros têm uma casa em Chipre. Um era candidato a

doutoramento em Ciência, o outro era engenheiro. São pessoas inteligentes, instruídas. Nos jornais é que apresentam os «novos russos» com uma corrente de ouro de dez quilos ao pescoço, num carro com para-choques de ouro maciço e rodas de prata. Isso é folclore! Há toda a espécie de gente com negócios de sucesso, mas não gente imbecil. Reunimo-nos de vez em quando... Levamos conhaque caro, mas bebemos vodca. Bebemos vodca e ao amanhecer, bêbedos, abraçamo-nos e berramos canções do Komsomol: «Voluntários do Komsomol... / A nossa amizade é a nossa força...» Recordamos como íamos apanhar batatas quando éramos estudantes e os casos cómicos da vida no Exército. Em suma, recordamos os tempos soviéticos. Compreende? E as conversas acabam sempre assim: «Isto está uma confusão. Precisamos de Estaline.» Embora, como lhe digo, conosco esteja tudo bem. O que é que isto quer dizer? Veja o meu caso... Para mim, o Sete de Novembro é uma festa. Festejo qualquer coisa grandiosa, e lamento essa qualquer coisa, lamento mesmo muito. A dizer a verdade... Por um lado, é a nostalgia, mas por outro é o medo. Todos querem partir, abandonar o país. Juntar umas massas e pôr-se a andar. E os nossos filhos? Todos sonham estudar para contabilistas. Mas pergunte-lhes alguma coisa sobre Estaline... Não sabem absolutamente nada! Dei Soljenítsin a ler ao meu filho... ele estava sempre a rir-se. Eu ouvia-o rir-se. Para ele a acusação de que uma pessoa pertencia a três serviços de espionagem já é ridícula. «Papá... Não há um único juiz de instrução capaz de escrever bem, em cada palavra um erro ortográfico. Até a palavra fuzilar eles escrevem com erro...» Ele nunca me compreenderá a mim nem à minha mãe, porque não viveu nem um único dia no país dos soviets. Eu... o meu filho e a minha mãe vivemos em países diferentes, embora para todos seja a Rússia. Mas ligados uns aos outros de maneira aberrante. Aberrante! Todos nos sentimos enganados...

... O socialismo é alquimia. Uma ideia alquímica. Correram para a frente, e chegaram não se sabe aonde. «A quem devemos dirigir-nos se queremos entrar para o Partido Comunista?» «Ao psiquiatra.» Mas eles... os nossos pais... a minha mãe querem ouvir dizer que a vida que viveram era importante e não medíocre e acreditavam naquilo em que valia a pena acreditar. E o que ouvem eles? Ouvem dizer de todos os lados que a vida deles era uma merda, que não tinham nada além dos seus horríveis mísseis e tanques. Estavam prontos para repelir qualquer inimigo. E repeliriam! Mas tudo ruiu sem nenhuma guerra. Ninguém consegue compreender porquê. Aqui é preciso pensar... mas não nos ensinaram a pensar. Todos se lembram apenas do medo... e falam do medo... Li em qualquer parte que o medo é também uma forma de amor. Ao que parece,

eram palavras de Estaline... Hoje os museus estão vazios... E as igrejas estão cheias, porque toda a gente precisa de um psicoterapeuta. Sessões de psicoterapia. Pensa que Tchumak e Kaspirovski tratam o corpo? Eles tratam a alma. Centenas de milhares de pessoas sentam-se diante do televisor e ouvem-nos como hipnotizados. É um narcótico! Há um horrível sentimento de solidão... de abandono... Em toda a gente, desde o taxista até ao empregado de escritório, ao artista do povo e ao académico. Todos se sentem horrivelmente sós. E assim por diante... A vida mudou completamente. O mundo está agora dividido de outra maneira: não entre « brancos » e « vermelhos », não entre os que estiveram presos e aqueles que os prenderam, entre os que leram Soljenitsin e os que não o leram, mas entre os que podem comprar e os que não podem. Isto agrada-lhe? Não agrada... é evidente... E a mim também não... Você, e até eu, éramos uns românticos... E os ingênuos dos anos sessenta? Seita de pessoas honestas... Acreditavam que o comunismo cairia e os Russos começariam a aprender a liberdade. Mas eles começaram a aprender a viver. A viver! A experimentar tudo, lamber tudo, provar tudo. Comida saborosa, roupas à moda... viagens... Queriam ver as palmeiras e o deserto. Os camelos... E não arder e consumir-se, não correr constantemente para qualquer parte com um facho e um machado. Não, simplesmente viver, como os outros vivem... Em França e no Mónaco... Porque pode não se conseguir! Deram-nos a terra, mas podem voltar a tirá-la; permitiram-nos fazer negócios, mas podem prender-nos. Confiscar a fábrica, a loja. Esse medo continua a trespassar o cérebro. A verrumar. Qual é a história?! É preciso ganhar dinheiro o mais depressa possível. Ninguém pensa em nada assim tão importante... grandioso... Fartaram-se do grandioso! Querem coisas humanas. Normais. Vulgares... bem vulgares, compreende? Pode-se pensar no grandioso... depois de beber uma pinga de vodca... Os primeiros a voar no cosmos... fabricávamos os melhores tanques do mundo, mas não havia detergente para lavar a roupa nem papel higiénico. Essas malditas sanitas que estavam sempre a pingar! Lavávamos os sacos de plástico e secávamo-los na varanda. E o leitor de vídeo em casa era uma espécie de helicóptero pessoal. Um rapaz de calças de ganga não suscitava inveja, mas apenas um interesse decorativo... Era exótico! Era o pagamento. Era esse o pagamento pelos mísseis e pelas naves cósmicas. Pela grande História! (Pausa.) Já está farta de me ouvir... Hoje todos querem falar, mas ninguém escuta ninguém...

... No hospital... havia uma mulher ao lado da minha mãe... Quando eu entrava na enfermaria, era a ela que via em primeiro lugar. Uma vez notei que ela queria dizer qualquer coisa à filha e não consegui: « M-ma... m-mm... »

Chegou o marido, ela tentou falar com ele, e não foi capaz. Voltou-se para mim: «M-ma...» E então agarrou na sua muleta e começou a bater na perfusão, na cama... Não tinha consciência de que estava a bater, a quebrar... Queria falar... Mas com quem se pode hoje falar? Diga-me, com quem? E uma pessoa não pode viver no vazio...

... Toda a vida amei o meu pai... Ele era quinze anos mais velho do que a minha mãe, esteve na guerra. Mas a guerra não o esmagou, como a outros, não ficou apegado a ela como o acontecimento mais importante da sua vida. Continua a ir à caça, à pesca. É bom dançarino. Foi casado duas vezes, ambas com mulheres bonitas. Uma recordação de infância... Íamos ao cinema, o meu pai fez-me parar: «Olha como a nossa mamã é bonita!» Nunca teve aquela arrogância animal dos homens que combateram: «Disparei. Ele desabou. Parecia que lhe saía carne picada.» Recorda apenas coisas inócuas. Tolices. Como no dia da Vitória ele e um amigo foram a uma aldeia às miúdas e capturaram dois alemães. Tinham-se enfiado na latrina da aldeia, na vala, até ao peçoço. Dava pena matá-los! A guerra tinha acabado. Já havia mortos suficientes. Mas era impossível aproximarem-se... O meu pai teve sorte: podiam tê-lo morto na guerra, não mataram; antes da guerra podia ter sido preso, não foi. Tinha um irmão mais velho, o tio Vânia. Com este as coisas foram diferentes: nos anos trinta, no tempo de Ejov, mandaram-no para as minas de Vorkuta. Dez anos sem direito a correspondência. A mulher, perseguida pelos colegas, atirou-se do quinto piso. O filho cresceu com a avó. Mas o tio Vânia voltou... Voltou com uma mão mirrada, sem dentes e com o fígado inchado. Voltou a trabalhar na sua fábrica, no mesmo posto, e no mesmo gabinete, à mesma mesa... (*Acende outro cigarro.*) E à frente dele estava aquele que o tinha denunciado. Toda a gente sabia... e o tio Vânia sabia que aquele o tinha denunciado... Tal como antes, iam juntos às reuniões e às manifestações. Liam o jornal *Pravda*, aprovavam a política do Partido e do Governo. Nos dias de festa bebiam vodca à mesma mesa. E assim por diante... Isto somos nós! É a nossa vida! Somos assim... Imagine um carrasco e uma vítima em Auschwitz sentados no mesmo gabinete e a irem receber o salário à mesma tesouraria. Com as mesmas condecorações depois da guerra. E agora com pensões iguais... (*Silêncio.*) Sou amigo do filho do tio Vânia. Ele não lê Soljenítsin e não tem em casa nenhum livro sobre os campos de trabalhos. O filho esperou pelo pai, mas foi outra pessoa que voltou... voltou um despojo humano... Amarfanhado, curvado. Depressa se apagou. «Tu não sabes como se pode ter medo», dizia ele ao filho. «Não sabes...» Diante dos olhos dele, um juiz de instrução... um homem robusto...

meteu a cabeça de um detido num balde de excrementos e segurou-o até que ele sufocou. E ao tio Vânia penduraram-no do teto, nu, e enfiaram-lhe amoníaco no nariz, na boca, em todos os orifícios do corpo. O juiz urinava-lhe para o ouvido e dizia: « Anda, diz os nomes dos espertinhos, dos espertinhos!» E o tio Vânia dizia... Dizia tudo. E se não dissesse nem assinasse, também a ele lhe enfiavam a cabeça no balde. Depois encontrou nas barracas alguns daqueles de quem tinha falado... « Quem denunciou? », interrogavam-se eles. Quem denunciou? Quem... Eu não sou juiz, e você também não. Levaram o tio Vânia para a cela numa maca, encharcado de sangue e de urina. Sujo da sua própria merda. Não sei onde termina o ser humano... Você sabe?

... Os nossos velhos fazem pena, é claro... Apanham garrafas vazias nos estádios, à noite vendem cigarros no metro. Remexem nas lixeiras. Mas os nossos velhos não são inocentes... Pensamento horrível! Faccioso. Até para mim é horrível. Nunca posso falar disto com a minha mãe... Já experimentei... Fica histérica!

(Quer pôr fim à nossa conversa, mas por qualquer razão muda de ideias.)

... Se eu tivesse lido em alguma parte ou tivesse ouvido de alguém, não acreditava. Mas na vida acontecem coisas como num mau livro policial... Um encontro com Ivan D... Precisa do apelido? Porquê? Ele já não existe. E os filhos? O filho não é responsável pelo pai, é um velho provérbio... Sim, e os filhos agora também já são velhos. Os netos, os bisnetos? Sobre os netos não digo nada, mas os netos já não sabem quem foi Lenine... O avô Lenine está esquecido. É já uma estátua. *(Pausa.)* Portanto, falando desse encontro... Eu tinha acabado de ser promovido a tenente, ia-me casar... com uma neta dele. Já tínhamos comprado as alianças de casamento e o vestido para a noiva. Anna... assim se chamava ela... é um nome bonito, não é verdade? *(Mais um cigarro.)* Ela era neta... uma neta adorada... Toda a gente em casa lhe chamava por brincadeira « Abojaba ». Invenção dele, queria dizer que era « Adorada »... E era exteriormente parecida com ele, muito, muito parecida. Eu sou de uma família soviética normal, que se arrastava toda a vida entre um ordenado e o seguinte, e eles tinham lustres de cristal, porcelana chinesa, tapetes, *Jigulis* novos. Tudo chique! Tinham também um carro *Vólga* antigo, que o velho não queria vender. E assim por diante... Eu já vivia em casa deles, de manhã bebíamos o chá em copos com suporte de prata. Era uma família numerosa... genros, noras... Um dos genros era professor. Quando o velho se zangava com ele, dizia sempre a mesma frase: « Tipos como ele fazia-os eu comerem a sua própria merda... » Pois, uma característica dele. Mas eu nesse tempo não compreendia... Não

compreendia! Depois lembrei-me... mais tarde... Vinham pioneiros visitá-lo, anotavam as memórias, levavam fotografias dele para os museus. No meu tempo ele já estava doente, ficava em casa; mas antes falava nas escolas, punha lenços vermelhos ao pescoço dos melhores alunos. Um veterano respeitável. Em todas as festas, havia um grande cartão de felicitações na sua caixa de correio, todos os meses recebia uma ração especial de produtos. Uma vez fui com ele buscar essa encomenda... Numa cave, deram-nos um salsichão, um boião de pepinos e tomates búlgaros marinados, conservas de peixe de importação, uma lata de fiambre húngaro, ervilhas, fígado de bacalhau... Nesse tempo, tudo aquilo eram produtos deficitários! Um privilégio! A mim adotou-me de imediato: «Gosto dos militares e desprezo os paisanos.» Mostrou-me a sua valiosa espingarda de caça: «Deixo-ta a ti.» Nas paredes do enorme apartamento havia chifres de veado, animais empalhados nas estantes. Troféus de caça. Era um caçador apaixonado, durante dez anos presidira à associação de caçadores e pescadores da cidade. E que mais? Contava muitas coisas sobre a guerra... «Uma coisa é disparar contra um alvo à distância, durante uma batalha... Todos disparam... Mas levar um homem para fuzilar, um homem que está à distância de três metros...» Saía-se sempre com coisas deste género. Com ele uma pessoa não se aborrecia, eu gostava do velho.

Vim de férias. Aproximava-se a data do casamento, para meados do verão. Estavam todos a viver na grande datcha. Uma datcha das antigas... Não os regulamentares quatrocentos metros quadrados de terreno, já não me lembro exatamente quantos, mas havia até um pequeno bosque. Atribuía-se datchas daquelas aos altos funcionários, por serviços especiais. A académicos e a escritores. E a ele... Quando eu acordava, já o velho estava na horta. «Tenho alma de camponês. Fui de Tver a Moscovo a pé, calçado de alpercatas.» Ao fim da tarde ficava muitas vezes sentado no terraço a fumar. Não era segredo para mim: deram-lhe alta do hospital para morrer... sofria de cancro dos pulmões, incurável. Não parou de fumar. Voltou do hospital com a Bíblia: «Toda a vida fui materialista, e antes de morrer volto-me para Deus.» A Bíblia fora-lhe oferecida por umas freiras que no hospital cuidavam dos doentes graves. Lia-a com uma lupa. Antes do almoço lia os jornais, depois da sesta lia memórias de guerra. Tinha uma biblioteca de memórias: Jukov, Rokossovski... Ele próprio gostava de recordar... que tinha visto Gorki e Maiakovski... e os heróis do *Tcheliuskin*... Repetia muitas vezes: «O povo quer amar Estaline e festejar o Nove de Maio.» Eu discutia com ele: estava a começar a *perestroika*... a primavera da democracia russa... Eu era ainda um frangote! Uma vez ficámos os dois

sozinhos em casa, toda a gente tinha ido à cidade. Dois homens numa datcha vazia, com uma garrafa de vodca. «Estou-me nas tintas para os médicos! Já vivi bastante.» «Vai uma pinga?» «Deita.» E começou... Mas eu não atingi logo... Não compreendi imediatamente que o que fazia falta ali era um padre. Um homem pensa na morte... Não de imediato... primeiro foi uma conversa habitual para aqueles anos: o socialismo, Estaline, Bukhárin... o testamento político de Lenine, que Estaline escondeu do Partido... Acerca de tudo aquilo que se ouvia, que se escrevia nos jornais. Bebemos. Bebemos muito bem! Exaltou-se com qualquer coisa: «És um fedelho! Jovem e verde... Ouve o que eu te digo! Não se pode dar a liberdade à nossa gente. Vão fazer uma cagada!» E um chorrilho de palavrões. Um russo não pode convencer outro russo sem palavrões. Eu retiro os palavrões. «Tu presta atenção...» Eu..., é claro, estava em choque! Em estado de choque! E ele desenfreadou-se: «Era pôr-lhes as algemas e mandá-los abater floresta, a esses fanfarrões. De picareta nas mãos. O medo é necessário. Sem medo, no nosso país tudo se desagrega num instante.» (*Longa pausa.*) Nós pensamos que um monstro deve ter cornos e cascos. Mas aqui parece que temos à nossa frente um ser humano, um homem normal... Assoa-se... é doente... bebe vodca... e então pensei... Foi a primeira vez que pensei nisto... São sempre as vítimas que ficam e prestam testemunhos, e os carrascos calam-se. Desaparecem para qualquer parte, para um buraco invisível. Não têm nomes, nem vozes. Desaparecem sem deixar rasto, não sabemos nada acerca deles.

Nos anos noventa ainda havia alguns carrascos que continuavam vivos... Ficaram assustados... Apareceu nos jornais o nome de um juiz de instrução que torturou o académico Vavilov. Fixei o nome: Aleksandr Khvat. Publicaram ainda mais alguns nomes. E eles entraram em pânico, com medo de que abrissem os arquivos, retirassem o selo «secreto». Ficaram agitados. Ninguém investigou o assunto, não há estatísticas especiais, mas houve dezenas de suicídios. Por todo o país. Levou-se tudo à conta da queda do Império... do empobrecimento... mas a mim falaram-me de suicídios de velhos eméritos e bem providos. Sem motivo aparente. Tinham uma coisa em comum: todos eles haviam sido funcionários dos órgãos de segurança. Alguns terá sido pela voz da consciência, outros com medo de que a família soubesse. Acobardaram-se, tiveram um momento de pânico. Não conseguiam compreender o que se passava à sua volta... e por que razão se formava um vácuo em torno deles... Cães fiéis! Serviçais zelosos! É claro que nem todos tremeram... No *Pravda* ou no *Ogoniok*, pode ser que a memória me atraíçoe, publicaram uma carta de um membro da guarda especial de segurança

dos campos. Este não teve medo! Descreveu o ramallete das suas doenças, adquiridas em serviço na Sibéria, onde durante quinze anos vingou os « inimigos do povo ». Não poupou a saúde... Queixava-se de que o serviço era duro: no verão eram devorados pelos mosquitos e atormentados pelo calor, e no inverno eram os gelos. Os capotezinhos, lembro-me de que escrevia assim mesmo, « capotezinhos », que distribuíam aos soldados eram fracos, mas os grandes chefes tinham sobretudos de pele e botas de feltro. E agora, os inimigos que não tinham sido exterminados levantavam a cabeça... É a contrarrevolução! A carta estava cheia de raiva... (Pausa.) Alguns antigos detidos responderam-lhe logo... Já não tinham medo. Não se calavam. Contavam como nos campos despiam completamente um detido e o amarravam a uma árvore, e como em vinte e quatro horas os mosquitos o devoravam de tal maneira que só ficava o esqueleto. No inverno, com quarenta graus abaixo de zero, quem não tivesse cumprido a norma diária de trabalho era regado com água. Havia dezenas de estátuas geladas que ficavam ali até à primavera, para assustar. (Pausa.) Não julgaram ninguém! Ninguém! Os carrascos acabaram os seus dias como honrados pensionistas... Que digo eu? Não os chamem ao arrependimento. Não idealizem o povo: que bom que ele é, o nosso povo. Ninguém está disposto a arrepender-se. É um grande trabalho, arrepender-se, confessar-se. Eu próprio vou à igreja, mas não me decido a ir à confissão. É difícil... E na verdade o homem só tem pena de si mesmo. De mais ninguém. De modo que... O velho corria pelo terraço... gritava... Eu estava com os cabelos em pé... devido às palavras dele. Naquele tempo não sabia muita coisa... Tinha lido Chalmóv... Mas ali havia uma taça com bombons, um ramo de flores em cima da mesa... Um quadro absolutamente pacífico. E esse contraste tornava tudo mais intenso. Era horripilante e interessante. Digo com franqueza que o interesse era maior que o horror. Temos sempre vontade de lançar uma olhadela à fossa. Porquê? Somos assim feitos.

« ... Quando entrei para o serviço do Ministério do Interior, senti-me terrivelmente orgulhoso. Com o meu primeiro salário comprei um belo fato...

« ... É um trabalho difícil... Compará-lo com o quê? Pode-se comparar com a guerra. Mas na guerra eu descansei. Quando se mata um alemão, ele grita em alemão. Mas estes... estes gritavam em russo... eram como que gente nossa... Era mais fácil disparar contra os lituanos ou os polacos. Mas estes gritavam em russo: “Seus brutamontes! Seus idiotas! Acabem depressa!” F...! Estávamos todos sujos de sangue... limpávamos as palmas das mãos aos cabelos... Por vezes davam-nos aventais de couro... Era este o trabalho. Era serviço. Tu és

ainda novo... *A perestroika! A perestroika!* Acreditas nessas tagarelas... Deixá-las gritar: liberdade! Liberdade! Que corram pelas praças. O machado continua aí... um machado sobrevive ao seu dono... Lembra-te! F...! Eu sou um soldado! Davam-me ordens, e eu cumpria. Disparava. Se te dessem a ordem, também tu o farias! Fa-ri-as! Eu matava inimigos, sabotadores! Havia um documento: condenado “à medida suprema de defesa social”... Uma sentença do Estado... Era um trabalho... que Deus me livre! Se o tipo não morre logo, cai e grita como um porco... escarra sangue... É especialmente difícil disparar contra um homem que se ri. Ou perdeu o juízo, ou despreza-nos. Os gritos e os palavrões choviam de ambos os lados. Não se pode comer antes daquele trabalho... Eu não podia... Temos sempre vontade de beber. Água! Água! Como depois de uma bebedeira... F...! No final do turno traziam-nos dois baldes: um balde de vodca e um balde de água-de-colónia. Davam-nos a vodca depois do trabalho, e não antes. Leste em qualquer parte? Ora... ora... Agora escrevem tudo... inventam muito... Lavávamo-nos com água-de-colónia até à cintura. O cheiro do sangue é acre, é um cheiro especial... parece-se um pouco com o cheiro do esperma... Eu tinha um pastor-alemão, e depois do trabalho ele nunca se aproximava de mim. F...! Porque estás calado? Ainda estás verde... não tirocinado... Ouve! Era raro... mas acontecia termos alguns soldados que gostavam de matar... retiravam-nos da equipa de fuzilamento para outro lugar. Não gostávamos desses. Muitos eram rapazes do campo, como eu, os camponeses são mais sólidos que os da cidade. Mais resistentes. Estão habituados à morte. Uns matavam o porco em casa, outros matavam uma vitela, e galinhas todos eles as matavam. É preciso acostumar-nos à morte... Nos primeiros dias levavam-nos para ver... Os soldados apenas assistiam às execuções ou escoltavam os condenados. Havia casos em que enlouqueciam imediatamente, não suportavam. É um assunto delicado... Até para matar uma lebre é preciso habituar-se, nem toda a gente consegue. F...! Coloca-se a pessoa de joelhos, dispara-se com a pistola quase à queima-roupa na têmpora esquerda... perto da orelha... No fim do turno o braço pendia, como um látego. Era em especial o dedo indicador que sofria. Também tínhamos um plano a cumprir, como em qualquer outro lugar. Como numa fábrica. Nos primeiros tempos não conseguíamos cumprir o plano. Não conseguíamos suportar fisicamente. Então chamaram os médicos. Reuniram-se em conselho e foi decidido: duas vezes por semana faziam massagens a todos os soldados. Massagem ao braço direito e ao dedo indicador. Era obrigatório massajar o dedo indicador, era ele que suportava a maior carga ao disparar. Eu apenas fiquei um pouco surdo do ouvido direito, porque se disparava com a mão

direita...

« ... Passavam-nos diplomas “pelo cumprimento de tarefas especiais do Partido e do Governo”, “por devoção à causa do Partido de Lenine e de Estaline”. Tenho um armário cheio desses diplomas, passados em excelente papel. Uma vez por ano, enviavam-me com a minha família para uma boa casa de repouso. Excelente comida... muita carne... tratamentos... A minha mulher não sabia nada sobre o meu trabalho. Era um trabalho secreto, responsável... e pronto. Casei-me por amor.

« Durante a guerra economizávamos cartuchos. Se estávamos perto do mar, enchíamos uma barçaça, como uma barrica de arenques. Do porão não saíam gritos, mas um rugido selvagem: “O nosso orgulhoso *Variag* nunca se renderá ao inimigo / Ninguém deseja misericórdia...” Amarravam as mãos a todos com arames, e uma pedra aos pés. Se o tempo estava calmo... e o mar chão... víamo-los afundarem-se durante muito tempo... Estás a olhar para quê? Rapazola! Estás a olhar para quê?! F...! Deita mais um copo! O trabalho era aquele... um serviço... Estou a contar-te para que compreendas: o poder soviético custou-nos muito caro. É preciso protegê-lo. Defendê-lo! Voltávamos à noite com as barcas vazias. Um silêncio sepulcral. Todos tinham o mesmo pensamento: quando chegarmos à margem, também a nós nos vão... F...! Durante anos tive debaixo da cama uma maleta de madeira preparada: uma muda de roupa interior, escova de dentes, navalha de barba. E uma pistola debaixo da almofada... Estava disposto a meter uma bala na testa. Naquele tempo vivíamos todos assim! O soldado e o marechal. Nisso havia igualdade.

« ... Começou a guerra... Pedi logo para ir para a frente. Não é assim tão horrível morrer em combate. Sabemos que morremos pela Pátria. Tudo é simples e compreensível. Libertei a Polónia, a Checoslováquia... F...! Terminei a guerra ao pé de Berlim. Tenho duas condecorações e várias medalhas. Vitória! E... depois foi assim... Depois da Vitória prenderam-me. As unidades especiais tinham listas preparadas... Um tchekista só tem duas maneiras de morrer: ou às mãos do inimigo ou às mãos do Ministério do Interior. Apanhei sete anos. Cumpri-os todos. Ainda hoje... compreendes... acordo como se estivesse no campo, às seis da manhã. Porque é que estive preso? Não me disseram porquê. Porquê?! F...!»

(Amachuca nervosamente o maço de cigarros vazio.)

É possível que estivesse a mentir. Não... não mentia... não parece... Penso que não mentia... De manhã arranjei um pretexto, um disparate qualquer e fui-me embora. Fugiu! O casamento não se fez. Pois sim... pois si-i-im... Qual

casamento? Eu já não podia voltar àquela casa. Não podia! Regressei à minha unidade. A minha noiva... não podia compreender, escrevia-me cartas... sofria... E eu também... Mas não é disso que agora se trata... não é do amor... Essa é outra história. Eu quero compreender... e você também quer compreender: que gente era aquela? Não é verdade? Em todo o caso... Um assassino é interessante, digam o que disserem, um assassino não pode ser uma pessoa normal. Suscita curiosidade... O mal hipnotiza... Há centenas de livros sobre Hitler e sobre Estaline. Como eram na infância, em família, as suas mulheres... o vinho e os cigarros... Todos os pormenores nos interessam. Queremos compreender... Tamerlão, Gengiscão, quem eram eles? E milhões de cópias deles... pequenas coisas... também fizeram coisas horríveis, e apenas alguns enlouqueceram. Todos os outros viviam normalmente: beijavam mulheres e jogavam xadrez... compravam brinquedos para os filhos... Cada um deles pensava: « Não fui eu. » Não fui eu que o pendurei na estrapada, que lhe esmaguei cérebro com um martelo, e não fui eu que enfiei lápis bem afiados nos mamilos das mulheres. Não fui eu, foi o sistema. O próprio Estaline... até ele dizia: « Não sou eu que decido, é o Partido... » Ensinava ao filho: « Tu pensas que Estaline sou eu. Não! Estaline é ele! » E indicava o seu retrato na parede. Não apontava para si próprio, mas para o seu retrato! A máquina da morte... A máquina da morte funcionou sem parar... dezenas de anos... A lógica era genial: a vítima, o carrasco, e no final o carrasco também era vítima. Como se não tivesse sido inventada por homens... Semelhante perfeição só existe na natureza. A roda gira, e já não há culpados. Não! Todos querem que tenham pena deles. São todos vítimas. No final da cadeia são todos vítimas! Na altura eu era muito jovem, assustei-me, fiquei calado; hoje teria perguntado mais... Precisava de saber isso... Porquê? Tenho medo... Depois de tudo o que sei sobre as pessoas, temo por mim. Tenho medo. Sou um homem vulgar, fraco... Sou preto, branco e amarelo... todas as cores... Na escola soviética ensinavam-nos que o homem é em si mesmo bom, belo, e a minha mãe ainda hoje acredita que são as circunstâncias horríveis que o tornam horrível. Mas que o homem é bom! Mas não é assim... não é assim! Toda a sua vida o homem oscila entre o bem e o mal. Ou espetas um lápis nos mamilos... ou espetam-te a ti... Escolhe! Escolhe! Tantos anos que já passaram... e não consigo esquecer... Como ele gritava: « Vejo televisão, oiço a rádio. Há outra vez ricos e pobres. Uns enchem-se de caviar, compram ilhas e aviões, e outros não têm com que comprar um pão branco. Isso não durará muito tempo! Ainda chamarão o grande Estaline... O machado continua aí... um machado sobrevive ao seu dono... Lembra-te das

minhas palavras... Tu perguntaste... (e eu tinha perguntado) se um homem acaba depressa, quanto tempo dura? Eu digo-te: uma perna de cadeira no traseiro ou uma sovela no escroto, e já não há homem. Ah! Ah!... não há homem... É só trampa! Ah! Ah!...»

(Já a despedir-se.) Bem, remexeram toda a história... Milhares de revelações, toneladas de verdade. Para uns, o passado é uma arca de carne e um tonel de sangue, para outros é uma grande época. Todos os dias lutamos nas nossas cozinhas. Mas em breve os jovens terão crescido... os «lobinhos», como lhes chamava Estaline... Em breve crescerão...

(Mais uma vez se despede, mas de repente começa de novo a falar.)

Há pouco tempo vi na Internet uma fotografia curiosa... Uma vulgar fotografia militar, se não se souber quem está nela. Uma equipa das SS de Auschwitz... Oficiais e soldados. Muitas raparigas. Foram fotografados em festinhas, em passeios. Jovens, alegres. *(Pausa.)* E as fotografias dos nossos tchekistas nos museus? Quando puder, olhe-as com atenção. Vemos rostos bonitos... inspirados... Durante muito tempo ensinaram-nos que eles eram santos...

Eu queria deixar este país ou ao menos que os meus filhos partissem. Havemos de ir. O machado sobrevive ao dono... Não me esqueci...

Alguns dias depois telefonou-me e não permitiu que publicasse o seu texto. Porquê? Recusou-se a explicar. Depois fiquei a saber que ele tinha emigrado com a família para o Canadá. Encontrei-o pela segunda vez ao fim de dez anos, e ele concordou com a publicação. Disse: «Estou contente por ter partido a tempo. Houve um momento em que por toda a parte gostavam dos Russos, mas agora têm outra vez medo. E você, não tem medo?»

42 Jovem resistente de dezoito anos de idade, enforcada pelos Alemães durante a guerra. *(N. do T)*

43 «Muito obrigado», «é indiferente». *(N. do T)*

44 Nome dado ao complexo metalúrgico de Magnitogorsk, construído por presidiários. *(N. do T)*

45 Navio que ficou prisioneiro do gelo no Antártico e se afundou. Alusão à

lendária epopeia dos aviadores para salvar a tripulação. *(N. do T)*

46 Serguei Koroliov (1907-1966), engenheiro aeronáutico. Preso em 1938, saiu em liberdade em 1940; desenvolveu o projeto que conduziu ao primeiro voo cósmico da história, com Iúri Gagárin. *(N. do T)*

PARTE II

O ENCANTO DO VAZIO

**As vozes da rua
e as conversas na cozinha
(2002-2012)**

SOBRE O PASSADO

– Como recordamos nós os anos noventa, os anos de Eltsin? Foi um tempo feliz.. uma década louca... uns anos horríveis... o tempo da democracia sonhadora... os desastrosos anos noventa... um tempo feroz e infame... um tempo luminoso... agressivo... tempestuoso... foi o meu tempo... não foi nada o meu tempo!!!

– Lixámos os anos noventa! Uma hipótese como a que tivemos na altura não se repetirá tão depressa. E, no entanto, tudo tinha começado tão bem em 1991! Nunca esquecerei as caras das pessoas com as quais estive diante da Casa Branca. Nós vencemos, éramos fortes. Queríamos viver. Deliciávamo-nos com a liberdade. Mas agora... agora penso de maneira diferente sobre isso... Fomos de uma ingenuidade repugnante! Corajosos, honestos e ingénuos. Pensávamos que o salame nasceria da liberdade. Em tudo o que aconteceu depois, também nós somos culpados... Eltsin, é claro, tem a responsabilidade, mas nós também... Penso que tudo começou em outubro. Em outubro de 1993... O «outubro sangrento», «outubro negro», o «GKTP-2»... É assim que lhe chamam... Metade da Rússia corria para a frente, a outra metade puxava para trás. Para o socialismo cinzento. Para o maldito sovietismo. O poder soviético não se rendia. O Parlamento «vermelho» recusou submeter-se ao Presidente. Foi assim que na altura compreendi... A nossa porteira, que era da região de Tver e que eu e a minha mulher ajudámos várias vezes com dinheiro (demos-lhe toda a mobília quando fizemos obras no apartamento), nessa manhã em que tudo começou viu-me com o emblema de Eltsin e em vez de «Bom dia!», disse maldosamente: «Não tarda aí o vosso fim, burgueses», e desviou-se. Eu não estava à espera. De onde vinha todo aquele ódio contra mim? Porquê? A situação era a mesma que em 1991... Na televisão via a Casa Branca a arder, os tanques a disparar... balas

tracejantes no céu... O ataque à estação de televisão de Ostankino... O general Makáchov, de boina negra, gritava: « Não haverá mais presidentes de câmaras, nem lordes, nem merdas.» E um ódio... um ódio... Cheirava a guerra civil, a sangue. Da Casa Branca, o general Rutskoï apelava abertamente à guerra: « Pilotos! Irmãos! Ponham os aviões no ar! Bombardeiem o Kremlin! Está ocupado por um bando!» Num instante a cidade encheu-se de blindados, de homens de uniforme camuflado. E então Egor Gaidar dirigiu-se « aos moscovitas, a todos os russos que prezam a democracia e a liberdade» ... Tudo como em 1991... E nós fomos... eu fui... Havia milhares de pessoas... Lembrome de ter corrido para qualquer parte juntamente com toda a gente. Tropecei, caí em cima de um cartaz que dizia: « Pela Rússia sem burgueses!» Imaginei logo o que nos aconteceria se o general Makáchov vencesse... Vi um jovem ferido, que não conseguia andar, arrastei-o comigo. « Tu és por quem? », perguntou-me. « Por Eltsin ou por Makáchov? » Ele era por Makáchov... Portanto, éramos inimigos. « Ora, desaparece! », e despachei-o com palavras. E que mais? Depressa nos dividimos outra vez em « brancos » e « vermelhos ». Ao lado de uma ambulância havia dezenas de feridos estendidos... Por qualquer razão reparei claramente que todos eles tinham sapatos cambados, eram tudo pessoas simples. Pessoas pobres. Alguém ali me perguntou uma vez mais: « Aquele que trouxeste é dos nossos ou não é dos nossos? » Os que não eram « dos nossos » eram os últimos a ser levados, estavam estendidos no asfalto a perder sangue... « O que é isso? Vocês estão loucos! » « Mas eles são nossos inimigos! » Qualquer coisa aconteceu às pessoas naqueles dois dias... de um modo geral, qualquer coisa mudou no ar. Ao meu lado havia pessoas completamente diferentes, pouco parecidas com aquelas que tinham estado diante da Casa Branca dois anos antes. Tinham nas mãos bocados de ferro aguçados... de um camião distribuíam autênticas espingardas automáticas... Era a guerra! Era tudo muito a sério. Empilhavam mortos ao pé de uma cabina telefónica... e também ali os sapatos eram cambados... Não muito longe da Casa Branca estava um café aberto, onde, como habitualmente, se bebia cerveja. Havia basbaques nas varandas a observar o que se passava, como no teatro. E ali mesmo, diante dos meus olhos, dois homens saíram da Casa Branca com um televisor nas mãos e telefones a saírem dos bolsos dos casacos... De cima alguém disparava alegremente contra os saqueadores. Por certo atiradores especiais. Acertariam no homem, ou no televisor... Nas ruas soavam constantemente disparos... (*Silêncio.*) Quando tudo acabou e voltei para casa, fiquei a saber: mataram o filho da nossa vizinha, um jovem de vinte anos. Estava

do outro lado das barricadas... Uma coisa é discutirmos com eles nas cozinhas, outra coisa é disparar contra eles... Como aconteceu isto? Eu não queria semelhante coisa... Porque na multidão... A multidão é um monstro, um homem na multidão já não é aquele homem com quem nos sentávamos a conversar na cozinha. Com quem bebíamos vodca, ou chá. Nunca mais irei a coisas destas, nem deixarei os meus filhos irem... (*Silêncio.*) Não sei o que aquilo foi: nós defendíamos a liberdade ou participávamos num golpe militar? Hoje tenho dúvidas... Morreram centenas de pessoas... Ninguém, além dos familiares, se lembra delas. «Ai daquele que constrói sobre o sangue...» (*Silêncio.*) E se tivesse sido o general Makáchov a vencer? O sangue seria ainda mais. A Rússia desmoronava-se. Não tenho respostas... Acreditei em Eltsin até 1993... Nesse tempo os meus filhos eram pequenos, mas já são crescidos há muito. Um deles até já é casado. Tentei diversas vezes... sim... fiz tentativas... Queria falar-lhes de 1991... de 1993... Isso a eles já não lhes interessa. Têm os olhos vazios. Só têm uma pergunta: «Porque é que não enriqueceste nos anos noventa, quando isso era fácil?» Como quem diz, só os desajeitados e os tolos não enriqueceram. Os velhos débeis... os impotentes das cozinhas... Andavam a correr para os comícios. A aspirar o cheiro da liberdade, quando as pessoas inteligentes partilhavam entre si o petróleo e o gás...

– Os Russos entusiasmam-se com facilidade. Em tempos entusiasmaram-se com as ideias do comunismo, levaram-nas à prática com ímpeto, com um fanatismo religioso; depois cansaram-se, desiludiram-se. E decidiram renunciar ao mundo antigo, sacudir dos pés a poeira desse mundo. Isso é muito russo: recomeçar tudo a partir do zero. E de novo nos entusiasmamos com ideias que nos pareciam novas. Avante, para a vitória do capitalismo! Em breve viveremos como no Ocidente! Sonhos cor-de-rosa...

– Mas vive-se melhor.

– Para alguns está mil vezes melhor.

– Eu tenho cinquenta anos... Esforço-me por não ser uma soviética. Mas não me saio lá muito bem. Trabalho para um empresário privado e detesto-o. Não concordo com a partilha do grande bolo que é a URSS, com as «apropriações». Não gosto dos ricos. Ufanam-se na televisão dos seus palacetes, das suas garrafeiras... Que tomem banho em tinas de ouro cheias de leite. Mas para que me mostram isso a mim? Não sei viver ao lado deles. É insultuoso. Vergonhoso. E já não vou mudar. Vivi muito tempo no socialismo. Hoje vive-se melhor, mas a vida é mais repugnante.

– Espanta-me que haja ainda tanta gente saudosa do poder soviético.

– Mas de que serve discutir com os soviéticos? É esperar que eles morram e fazer tudo à nossa maneira. A primeira coisa é tirar do mausoléu a múmia de Lenine. Que asiatismo este! Para ali está a múmia, como uma maldição por cima de nós... Um enguiço...

– Calma, camarada. Sabe, agora fala-se muito melhor da URSS do que há vinte anos. Ainda há pouco tempo fui ao túmulo de Estaline, e havia lá um monte de flores. Cravos vermelhos.

– Mataram só o Diabo sabe quantas pessoas, mas tínhamos uma grande época.

– Não gosto do que temos agora, não me entusiasma. Mas não quero voltar ao «soviético». Não me atrai voltar ao passado. Infelizmente não me lembro de nada bom.

– Pois eu quero voltar ao passado. Não é do salame soviético que preciso, preciso de um país em que uma pessoa era uma pessoa. Dantes falava-se de «pessoas simples», agora diz-se «povo simples». Sentem a diferença?

– Eu cresci numa família de dissidentes... Numa cozinha de dissidentes... Os meus pais conheciam pessoalmente Sákharov, difundiam publicações ilegais. Com eles li Vassili Grossman, Evguénia Guinsburg, Dóvlátov... Ouvia a Rádio Liberdade. E em 1991, é claro, estava na cadeia humana que se formou em volta da Casa Branca, pronto para sacrificar a vida para não voltar ao comunismo. Entre os meus amigos não havia comunistas. O comunismo no nosso país esteve ligado ao terror, ao Gulag. A uma jaula. Pensávamos que ele estava morto. Morto para sempre. Passaram-se vinte anos... entro no quarto do meu filho, e vejo: tem em cima da mesa *O Capital* de Marx, e na estante *A Minha Vida* de Trotski... Nem acredito nos meus olhos! O Marx está de volta? É um sonho, ou é realidade? O meu filho estuda na universidade; tem muitos amigos, comecei a escutar as conversas deles. Bebem chá na cozinha e discutem o *Manifesto do Partido Comunista*... O marxismo é outra vez de lei, está na moda, no ar do tempo. Eles usam camisolas com os retratos de «Che» Guevara e de Lenine. (*Com desespero.*) Isso não deu em nada. Foi tudo em vão.

– Conto uma anedota para descontraír... Na revolução, a um canto de uma igreja estão uns soldados do Exército Vermelho a beber e a pandegar. Noutro canto os seus cavalos comem aveia e urinam. O sacristão vai a correr ter com o padre: «Padre, o que estão eles a fazer no templo sagrado?» «Isso não é nada horrível. Ficam aí um pouco e depois vão-se embora. Horrível vai ser quando os netos deles crescerem.» Pois aí está, já cresceram... Só temos uma saída: voltar ao socialismo, mas um socialismo religioso ortodoxo. A Rússia não pode viver

sem Cristo. Para o Russo, a felicidade nunca esteve ligada ao dinheiro. Nisso se distingue a « ideia russa» do « sonho americano» .

– Berezovski propôs o príncipe Harry ...

– A monarquia é um delírio! Uma velharia caduca!

– Um coração sem fé é fraco e irrefletido perante o pecado. O povo russo salvar-se-á pela busca da verdade divina.

– Só gostei da *perestroika* no princípio. Se alguém nos tivesse dito então que o Presidente do país viria a ser um tenente-coronel do KGB...

– Não estávamos preparados para a liberdade...

– Liberdade, igualdade, fraternidade... Estas palavras fizeram correr um mar de sangue.

– Democracia! Palavra ridícula na Rússia. Putinocrata é a anedota mais curta que há.

– Nestes vinte anos aprendemos muita coisa sobre nós mesmos. Descobrimos muita coisa. Ficámos a saber que Estaline é o nosso herói secreto. Saíram dezenas de livros e de filmes sobre Estaline. As pessoas leem os livros, veem os filmes. Discutem. Metade do país sonha com Estaline... Se metade do país sonha com Estaline, ele há de aparecer por força, podem ter a certeza. Foram buscar ao inferno todos os mortos sinistros: Béria, Ejev... Sobre Béria, começaram a escrever que era um administrador talentoso, querem reabilitá-lo, porque foi sob a direção dele que criaram a bomba atômica russa...

– Abaixo os tchekistas!

– O que se segue: um novo Gorbachov ou um novo Estaline? Ou então começa a suástica? « *Sieg Heil!*» A Rússia, que estava de joelhos, levantou-se. É um momento perigoso, porque não se devia humilhá-la durante tanto tempo.

SOBRE O PRESENTE

– Como foram os anos dois mil, os anos Pútín? Nebulosos... cinzentos... brutais... tchekistas... glamorosos... estáveis... soberanos... ortodoxos...

– A Rússia sempre foi, é e será um Império. Não somos simplesmente um país grande, somos uma civilização russa, à parte. Temos a nossa própria via.

– O Ocidente ainda hoje tem medo da Rússia...

– Todos precisam dos nossos recursos naturais, e em especial a Europa. Abram a enciclopédia. Estamos em sétimo lugar para as reservas de petróleo, e para o gás estamos em primeiro lugar na Europa. Ocupamos um dos primeiros

lugares em reservas de ferro, minério de urânio, estanho, cobre, níquel, cobalto... E diamantes, ouro, prata e platina... Possuímos toda a Tabela Periódica de Mendeléiev. Um francês disse-me o seguinte: « Porque é que tudo é vosso, se a Terra é comum? »

– Apesar de tudo, eu sou um imperialista, sim. Pútin é o meu presidente! Agora é vergonha dizer-se liberal como ainda há pouco era vergonha dizer-se comunista. Ao pé de uma cervejaria até nos podiam dar nas ventas.

– Odeio o Eltsin! Acreditámos nele, e acabou por nos levar numa direção completamente desconhecida. Não fomos parar a nenhum paraíso democrático. Vimos parar a uma coisa ainda pior do que tínhamos.

– Isso não se deve a Eltsin nem a Pútin, deve-se a que nós somos uns escravos. Alminha de escravo! Sangue de escravo! Olhem-me para esses « novos russos » ... Andam de *Bentley*, têm os bolsos a abarrotar de dinheiro, mas são uns escravos. Lá em cima está um chefe, e se ele diz: « Tudo para o curral! », todos entram.

– Ouvi na televisão... « Tu tens mil milhões? », perguntou o senhor Polonski. « Não?! Então vai levar no cu! » Eu sou um daqueles que o senhor oligarca mandaria levar no cu. Sou de uma família normal: o meu pai tornou-se alcoólico, a minha mãe trabalha num jardim infantil a troco de alguns copeques. Para eles, nós somos merda, estrume. Eu frequento toda a espécie de grupos. Patriotas, nacionalistas... Oiço. Há de chegar o tempo em que alguém me porá uma espingarda nas mãos. E eu aceito.

– O capitalismo não pega no nosso país. O espírito do capitalismo é completamente estranho para nós. Até agora não se propagou para além de Moscovo. O clima não é bom para ele, e o homem também não. O Russo não é racional, não é mercantilista, é capaz de dar até a última camisa, mas por vezes também rouba. É espontâneo, mais dado à observação do que à ação, e é capaz de se contentar com pouco. A acumulação não é o seu ideal e acumular aborrece-o. Tem um agudo sentido da justiça. O povo é bolchevique. Além disso os Russos não querem simplesmente viver, querem viver para um objetivo. Querem participar numa causa grandiosa. No nosso país é mais fácil encontrar um santo do que um homem honesto e bem-sucedido. Leiam a literatura clássica russa...

– Porque é que os Russos, quando vão para o estrangeiro, se integram normalmente na vida capitalista? E aqui toda a gente gosta de falar de « democracia soberana », de uma civilização especial russa e de que « na vida russa não há bases para o capitalismo » ?

– O capitalismo no nosso país é mau...

– Não esperem vir a ter outro capitalismo...

– Até parece que na Rússia há capitalismo, mas não há capitalistas. Não há novos Demíдов, nem Morózov... Os oligarcas russos não são capitalistas, são simples ladrões. Não tenho pena do Khodorkovski. Deixá-lo lá estar na tarimba. Só tenho pena de que seja ele o único a estar preso. Alguém deveria responder por aquilo que sofreu nos anos noventa. Despojaram-me até ao último fio. Provocaram o desemprego. Revolucionários capitalistas: Gaidar, o «Ursinho Pooh de ferro»... o ruivo Tchubais... A fazerem experiências com a vida das pessoas, como os naturalistas...

– Eu fui visitar a minha mãe à aldeia. Os vizinhos contavam como, durante a noite, alguém tinha deitado fogo à propriedade de um agricultor. As pessoas salvaram-se, mas os animais morreram queimados. Durante dois dias, as pessoas da aldeia embebedaram-se de alegria. E vocês falam de capitalismo... No país há capitalismo, mas as pessoas são socialistas.

– No socialismo prometeram-me que haveria um lugar ao sol para toda a gente. Agora dizem outra coisa: temos de viver segundo as leis de Darwin, e então haverá abundância. Abundância para os fortes. Mas eu sou dos fracos. Não sou uma lutadora... Eu tinha um esquema, estava habituada a viver segundo esse esquema: escola, instituto, família. O meu marido e eu poupávamos para comprar um apartamento cooperativo, e depois do apartamento, um carro... Quebraram-me o esquema. Atiraram-nos para o capitalismo... Sou engenheira por formação, trabalhava num projeto do instituto, ainda lhe chamavam «instituto das mulheres», porque nele quase só havia mulheres. Passávamos o dia inteiro a classificar papéis, eu gostava de que tudo estivesse feito com esmero, bem arrumado. E teria passado assim a vida. Mas de repente começaram a reduzir pessoal... Não tocavam nos homens, eles eram poucos, nem nas mães sós, nem naquelas a quem faltava um ano ou dois para a reforma. Afixaram listas, e vi o meu nome... Como ia eu viver? Fiquei desorientada. Não me ensinaram a viver segundo Darwin. Durante muito tempo tive esperança de encontrar trabalho na minha especialidade. Era uma idealista, no sentido em que não conhecia o meu lugar na vida, nem o meu valor. Ainda hoje sinto falta das raparigas da minha secção, precisamente das rapariguinhas, das nossas conversas. Para nós o trabalho estava em segundo plano, e no primeiro plano estavam as relações, essas conversas cordiais. Tomávamos chá três vezes por dia, e cada qual contava as suas coisas. Assinalávamos todas as festas, todos os aniversários... E agora... ando a caminho da Bolsa de Emprego. Sem qualquer

resultado. Procuram pintores, estucadores... Uma amiga minha, com quem estudei no instituto, faz limpeza em casa de um homem de negócios, vai passear o cão... É uma criada. Nos primeiros tempos chorava de humilhação, mas agora está habituada. Eu não sou capaz.

– Vota pelos comunistas, isso é que é.

– Em todo o caso, uma pessoa normal não pode compreender os estalinistas. Um século de vida da Rússia deitado fora, e eles a darem vivas aos carrascos soviéticos!

– Os comunistas russos há muito que não são comunistas. A propriedade privada, que eles aceitaram, é incompatível com a ideia do comunismo. Posso dizer deles aquilo que Marx disse dos seus seguidores: « Só sei uma coisa, que eu não sou marxista.» E melhor ainda se expressou Heine: « Semeei dragões, e colhi pulgas.»

– O comunismo é o futuro da humanidade. Não há alternativa.

– Nos portões do campo de Solovetski havia uma palavra de ordem bolchevique: « Com mão de ferro, empurraremos a humanidade para a felicidade.» Uma das receitas de salvação da humanidade.

– Não tenho qualquer vontade de sair à rua e fazer seja o que for. O melhor é não fazer nada. Nem bem, nem mal. Aquilo que hoje é bom, amanhã será mau.

– As pessoas mais temíveis são os idealistas...

– Amo a minha Pátria, mas não vou viver aqui. Aqui não posso ser tão feliz como quero.

– Talvez eu seja parva... mas não quero partir. E, no entanto, tenho essa possibilidade.

– Eu também não me vou embora. É mais divertido viver na Rússia. Na Europa não há esta pressão.

– É melhor amar a Pátria de longe...

– Hoje é vergonha ser russo...

– Os nossos pais viviam num país de vencedores, e nós vivemos num país que perdeu a Guerra Fria. Não há de que se orgulhar!

– Não tenciono ir-me embora... Aqui tenho um negócio. Posso dizer que é possível viver normalmente na Rússia, só não devemos meter-nos na política. Todos esses comícios pela liberdade de expressão, contra os homófobos, estou farta disso...

– Toda a gente fala em revolução... O bairro de Rubliovka está deserto... Os ricos fogem, os capitais saem para o estrangeiro. Fecham os seus palacetes à chave, está tudo cheio de anúncios: « Vende-se... » Sentem que o povo está

determinado. E ninguém entregará nada voluntariamente. E então, serão as *Kalashnikov* a falar.

– Uns gritam: « A Rússia está com Pútin!», outros gritam: « A Rússia sem Pútin!»

– E o que acontecerá quando o petróleo ficar mais barato ou for absolutamente desnecessário?

– Em 7 de maio de 2012 mostram pela televisão: o cortejo solene de Pútin dirige-se ao Kremlin para a investidura, através de uma cidade completamente vazia. Nem pessoas, nem carros. Uma limpeza exemplar. Milhares de polícias, militares e combatentes do destacamento especial da Polícia, guardavam as saídas do metro, as entradas dos prédios. A capital estava limpa de moscovitas e dos eternos engarrafamentos. Uma cidade morta. Porque o czar não é autêntico!

SOBRE O FUTURO

Há cento e vinte anos, Dostoievski terminou Os Irmãos Karamázov. Aí escreveu sobre os eternos «rapazes russos», que discutem sempre «as questões universais, que só podem ser: Deus existe, a imortalidade existe? E os que não acreditam em Deus, bem, esses falarão do socialismo e do anarquismo, da transformação de toda a humanidade segundo um novo padrão, de modo que vai tudo dar ao mesmo, às mesmas questões, mas apenas de outro ângulo».

O espectro da revolução percorre de novo a Rússia. Em 10 de dezembro de 2011 realizou-se um comício com cem mil pessoas na Praça Bolótnaia. Desde então as ações de protesto não pararam. De que falam então os «rapazes russos»? O que escolhem eles desta vez?

– Vou aos comícios porque já chega de nos tomarem por tansos. Devolvam as eleições, seus canalhas! Da primeira vez, juntaram-se na Praça Bolótnaia cem mil pessoas, ninguém estava à espera que viesse tanta gente. Aguentaram, aguentaram, e em dado momento a mentira e o excesso ultrapassaram os limites: pronto, já chega! Toda a gente vê os noticiários ou lê as notícias na Internet. Falam de política. Passou a ser moda estar na oposição. Mas eu tenho medo... Tenho medo de que tudo seja só conversa... Passamos algum tempo na praça, gritamos e voltamos aos nossos computadores e à Internet. Só resta uma coisa: «Divertimo-nos à grande!» Já me confrontei com isso: quando era necessário desenhar cartazes para mais um comício, distribuir panfletos, todos

dispersaram rapidamente...

– Eu dantes andava muito afastada da política. Bastava-me o trabalho e a família, achava que era inútil desfilar pelas ruas. Atraía-me mais a teoria das pequenas ações: trabalhava num hospício, no verão, quando as florestas em volta de Moscovo arderam, levava produtos e roupas às vítimas dos incêndios. Foi uma experiência variada... A minha mãe passava o tempo em frente da televisão. Mas também parece que se fartou das mentiras e dessa ladroagem com um passado tchekista; ela contava-me tudo. Fomos juntas ao primeiro comício, e a minha mãe tem setenta e cinco anos. É atriz. Comprámos flores, para qualquer eventualidade. Não iam disparar contra pessoas com flores!

– Eu já não nasci na URSS. Se alguma coisa não me agrada, saio à rua e protesto. Não fico a falar disso na cozinha antes de ir para a cama.

– Tenho medo da revolução... Sei que será uma revolta à russa, absurda e impiedosa. Mas já é vergonha ficar sentado em casa. Não preciso de uma « nova URSS », de uma « URSS renovada », de uma « verdadeira URSS ». Comigo não se pode agir assim: estivemos os dois a pensar, e decidimos que hoje será ele o presidente, e amanhã serei eu – o *pipol* engole. Não somos bestas de carga, somos o povo. Nos comícios vejo pessoas que dantes nunca lá estavam: pessoas dos anos sessenta a setenta, temperadas na luta, e muitos estudantes que ainda há pouco se estavam nas tintas para o que nos impingiam na caixa de adormecer... E vejo damas de casacos de peles, e rapazes novos que vão ao comício de *Mercedes*. Ainda há pouco só se interessavam por dinheiro, pelas roupas, pelo conforto, mas descobriram que isso não era tudo. Isso já não lhes chega. Como a mim também não me chega. Já não são os esfomeados, mas os saciados que vão aos comícios. Os cartazes... são arte popular... « Pútin, sai por ti mesmo! » « Eu não votei por estes patifes, votei por outros patifes! » Gostei do cartaz com a palavra de ordem: « Vocês nem imaginam quem nós somos. » Não nos preparávamos para tomar o Kremlin de assalto, queríamos só dizer quem somos. Fomo-nos embora escandindo: « Ainda voltaremos. »

– Eu sou uma soviética, tenho medo de tudo. Ainda há dez anos não sairia para a praça nem por nada. E agora não perco um comício. Estive na Avenida Sákharov e em Novi Arbat. E no Círculo Branco⁴⁷. Aprendo a ser livre. Não quero morrer sendo como agora sou: uma soviética. Esvazio-me do soviétismo aos baldes...

– Eu vou aos comícios porque o meu marido vai...

– Eu já não sou uma pessoa nova. Mas ainda quero viver na Rússia sem Pútin.

– Chega de judeus, tchekistas, homossexuais...

– Eu sou de esquerda. Estou convencido de que não se consegue nada por meios pacíficos. Tenho sede de sangue! Sem sangue não se faz nada de grande no nosso país. Porque é que saímos à rua? Eu vou e fico à espera de que avancemos para o Kremlin. Isto já não é nenhuma brincadeira. Há muito que devíamos ter tomado o Kremlin, e não andar só a gritar. Deem a ordem para agarrar forquilhas e pés de cabra! Estou à espera.

– Eu vou com os meus amigos... Tenho dezassete anos. O que eu sei de Pútín? Sei que ele é judoca, ganhou o oitavo *dan* de judo. E acho que é tudo o que sei sobre ele...

– Não sou «Che» Guevara, sou medrosa, mas não perco nem um comício. Quero viver num país do qual não sinta vergonha.

– Não posso deixar de ir às barricadas. É do meu carácter. Educaram-me assim. O meu pai foi como voluntário para desentulhar os escombros do terramoto de Spitak. Por causa disso morreu cedo. De enfarte. Desde pequena que não vivo com o meu pai, mas com a fotografia do meu pai. Ir ou não ir, deve ser decisão de cada um. O meu pai foi por si mesmo... e podia não ter ido... Uma amiga também queria ir comigo para a Praça Bolótnaia, depois telefonou-me: «Compreendes, eu tenho um filho pequeno.» E eu tenho uma mãe velha. Quando saio, ela toma tranquilizantes. Mas vou na mesma...

– Quero que os meus filhos se orgulhem de mim...

– Eu preciso disso por uma questão de autorrespeito...

– Devemos tentar fazer alguma coisa.

– Acredito na revolução... A revolução é um trabalho longo e persistente. Em 1905, a Revolução Russa terminou em fracasso e em desordem. Mas doze anos depois, em 1917, arrancou de tal maneira que desfez o regime czarista em cacós. Também nós teremos a nossa revolução.

– Eu vou ao comício, e tu?

– Pessoalmente, estou cansado do ano de 1991... de 1993... Não quero mais revoluções! Em primeiro lugar, só muito raramente as revoluções são de veludo; e em segundo lugar, tenho experiência: mesmo que nós vençamos, será como em 1991. A euforia passa depressa. O campo de batalha é ocupado pelos saqueadores. Chegam os Gússin, os Berezovski, os Abrámovtich...

– Eu sou contra as manifestações anti-Pútín. Esse movimento é sobretudo na capital. Moscovo e Petersburgo são da oposição, mas a província é a favor de Pútín. Então nós vivemos mal? Não vivemos melhor do que antes? Faz medo perder isso. Todos se lembram daquilo que passámos nos anos noventa. Ninguém quer voltar a partir tudo e a derramar sangue.

– Não sou fanático do regime de Pútín. Estou farto do «pequeno czar», queremos dirigentes amovíveis. São necessárias mudanças, é claro, mas não uma revolução. E também não gosto que atirem as pedras da calçada contra os polícias...

– Foi tudo pago pelo Departamento de Estado. Os manipuladores de marionetas ocidentais. Fizemos a *perestroika* pela receita deles, e qual foi o resultado? Metemo-nos neste buraco! Não vou a esses comícios, vou aos comícios a favor de Pútín! Por uma Rússia forte!

– Nos últimos vinte anos o quadro mudou completamente várias vezes. E qual o resultado? «Pútín, rua! Pútín, rua!» Um novo mantra. Eu não vou a esses espetáculos. Suponhamos que Pútín sai. Outro autocrata se sentará no trono. Continuarão a roubar como têm roubado. Continuarão as entradas dos prédios escarradas, os velhos abandonados, os funcionários cínicos e os polícias de trânsito arrogantes... e o suborno continuará a ser considerado normal... Que sentido faz mudar o Governo, se nós próprios não mudarmos? Não acredito em nenhuma democracia no nosso país. Somos um país oriental... Um feudalismo... Popes em vez de intelectuais...

– Não gosto da multidão... do rebanho... A multidão nunca decide nada, são os indivíduos que decidem. O poder procurou que não houvesse personalidades fortes no cimo. Os opositores não têm nem Sákharov, nem Eltsin. A revolução «de neve» não criou os seus heróis. Onde está o programa? O que se preparam eles para fazer? Desfilam, gritam... E o próprio Nemtsov... e Navalni escrevem no Twitter que foram de férias para as Maldivas ou para a Tailândia. Que estão a admirar Paris. Imaginem que Lenine, em 1917, depois de mais uma manifestação, ia para Itália ou praticar esqui nos Alpes...

– Eu não vou aos comícios e não quero votar. Não tenho ilusões...

– Mas sabem que para além de vocês há também a Rússia? Até à Sacalina? Pois ela não deseja nenhuma revolução – nem «laranja», nem «rosa», nem «de neve». Basta de revoluções! Deixem a Rússia em paz!

– Não quero saber o que acontecerá amanhã...

– Eu não quero ir a nenhum desfile com os comunistas e os nacionalistas... com os nazis... Vocês iriam a uma manifestação com o Ku Klux Klan, com os capuchos e as cruzes? Por mais notável que fosse o objetivo dessa manifestação. Nós não sonhamos com a mesma Rússia.

– Não vou... Tenho medo de apanhar com um cassetete na cabeça...

– Devemos rezar e não ir aos comícios. Foi o Senhor que nos enviou Pútín...

– Não gosto de ver bandeiras revolucionárias debaixo da janela. Eu sou pela

evolução... pela construção...

– Não vou... E não me quero justificar por não ir a espetáculos políticos. Esses comícios são espetáculos baratos. Devemos viver por nós mesmos, como ensinou Soljenitsin, e não pela mentira. Sem isso não avançaremos nem um milímetro. Andaremos em círculo.

– Eu amo a minha Pátria, mesmo assim...

– Excluí o Estado da minha zona de interesses. As minhas prioridades são a família, os amigos e o meu negócio. Expliquei-me com clareza?

– E tu não serás inimigo do povo, cidadão?

– Vai por força acontecer qualquer coisa. E em breve. Por enquanto ainda não é a revolução, mas já se sente o cheiro do ozono. Estão todos à espera: quem, onde, quando?

47 Cadeia humana formada em 2012, em Moscovo, contra Pútín. (*N. do T*)

DEZ HISTÓRIAS
SEM DECORAÇÃO DE INTERIORES

Romeu e Julieta... mas que se
chamavam Margarita e Abdulfaz

Margarita K., refugida arménia, 41 anos

Ai! Não quero falar disso... Não é disso... É de outra coisa...

Ainda hoje durmo com as mãos debaixo da cabeça, hábito dos anos em que era feliz. Gostava tanto de viver! Sou arménia, mas nasci e cresci em Baku. À beira do mar. O mar... o meu mar! Vim-me embora, mas amo o mar; as pessoas e tudo o resto desiludiram-me, só amo o mar. Sonho com ele muitas vezes: cinzento, negro, violáceo. E com os relâmpagos! Os relâmpagos dançam com as ondas. Gostava de olhar ao longe, ver como à tarde o Sol se punha, tão vermelho que parecia ferver ao mergulhar na água. As pedras aquecidas pelo Sol estavam mornas, como que vivas. Gostava de olhar para o mar de manhã, durante o dia, ao entardecer e à noite. À noite apareciam os morcegos e eu tinha muito medo. As cigarras cantavam, o céu estava cheio de estrelas... em nenhum outro lugar há tantas estrelas... Baku é a cidade de que mais gosto... A minha preferida, apesar de tudo! Em sonhos, passeio muitas vezes pelo Jardim do Governador e pelo Parque Nagorni... subo à muralha da fortaleza... E de todos os lugares se vê o mar, os navios e as torres petrolíferas... Eu e a minha mãe gostávamos de entrar numa *tchaikana*⁴⁸ e tomar chá vermelho. (*Tem lágrimas nos olhos.*) A mamã está na América. Chora e tem saudades. E eu estou em Moscovo...

Em Baku vivíamos num prédio grande... Um pátio enorme, onde havia uma amoreira, uma amoreira-amarela. As amoras eram saborosas! Vivíamos todos juntos, como uma família – azerbaijanos, russos, arménios, ucranianos, tártaros... A tia Klara, a tia Sara... Abdulla, Ruben... A mais bonita era a Silva, que trabalhava como hospedeira de bordo nos voos internacionais, voava para

Istambul; o marido dela, Elmir, era taxista. Ela era arménia, ele azerbaijano, mas ninguém se preocupava com isso, não me lembro de que houvesse conversas sobre isso. O mundo dividia-se de outra maneira: boa pessoa ou má pessoa, sovina ou generoso. O vizinho e o convidado. De uma mesma aldeia... uma cidade... Todos tinham uma só nacionalidade – éramos todos soviéticos, todos falávamos russo.

A festa mais bonita, aquela de que todos mais gostávamos, era o Navruz. Navruz Bairan, o dia da chegada da primavera. Esperávamos todo o ano pela festa, festejávamos durante sete dias. Durante sete dias não se fechavam os portões nem as portas... dia e noite, não havia fechaduras nem chaves... Acendiam-se fogueiras... As fogueiras ardiam nos telhados e nos pátios. Toda a cidade cheia de fogos! Atirávamos para o lume arruda aromática e pedíamos felicidade, repetindo: «*Sariliguin sene, guirmiziliguin mene.*» «Todos os meus infortúnios para ti, e a minha alegria para mim.» «*Guirmiziliguin mene...*» Qualquer um podia entrar em casa de qualquer um, em toda a parte era recebido como um convidado, ofereciam-lhe *plov* com leite e chá vermelho com canela ou anis. E no sétimo dia, o dia principal da festa, todos se reuniam... a uma mesma mesa... Cada qual trazia a sua para o pátio, e formavam uma mesa muito, muito comprida. Sobre essa mesa havia *khinkali* georgianos, *boraki* e *basturma* arménios, *blinis* russos, *etchpotchmak* tártaros, *vareniki* ucranianos, carne com castanhas à azerbaijana... A tia Klava trazia o seu arenque «albardado», e a tia Sara o seu peixe recheado. Bebia-se vinho, conhaque arménio e azerbaijano. Cantavam-se canções arménias e azerbaijanas. E a famosa *Katiucha* russa: «Floriram macieiras e pereiras... Há muito nevoeiro sobre o rio...». Chegava por fim o momento dos doces: *pakhlava*, *chekertchurek*... Para mim, ainda hoje, não há nada mais saboroso! Os melhores doces eram os da minha mãe. «Que mãos que tu tens, Knarik! Que massa tão leve!» As vizinhas elogiavam-na sempre.

A minha mãe era amiga de Zeinab, que tinha duas filhas e um filho, Anar, que andava na mesma classe que eu. «Dás a tua filha ao meu Anar», dizia Zeinab a rir-se, «tornamo-nos parentes.» (*Fala consigo mesma.*) Não vou chorar... Não é preciso chorar... Quando começaram os *pogroms* contra os Arménios... A tia Zeinab, a nossa bondosa tia Zeinab, com o seu Anar... nós fugimos, escondemo-nos em casa de umas pessoas boas... à noite levaram da nossa casa o frigorífico e o televisor... o fogão a gás e um armário jugoslavo novo... Um dia Anar e os seus amigos encontraram o meu marido na rua e espancaram-no com barras de ferro: «Tu não és azerbaijano! És um traidor!

Vives com uma arménia, uma inimiga!» Uma amiga levou-me para sua casa, e eu vivia no sótão deles... Todas as noites abriam o sótão e davam-me de comer... eu voltava a subir e eles pregavam a entrada com pregos. Pregavam-na solidamente. Se me encontrassem, matavam-me! Quando saí de lá a minha franja estava toda grisalha... (*Muito baixo.*) Digo aos outros que não vale a pena chorarem por mim... Mas eu própria choro... Na escola gostava do Anar, ele era um rapaz bonito. Uma vez até nos beijámos... «Olá, princesa!» Esperava por mim aos portões da escola. «Olá, princesa!»

Lembro-me daquela primavera... é claro que agora me lembro dela mais raramente... não muitas vezes... primavera! Eu tinha terminado os estudos e arranjei emprego no telégrafo central. As pessoas faziam bicha diante do guichê: uma chorava – a mãe tinha morrido, outra ria-se – ia-se casar. Feliz aniversário! Os melhores votos! Telegramas e mais telegramas. Para Vladivostoque, Ust-Kut, Achkhabad... Um trabalho alegre, nada aborrecido. E à espera do amor... aos deztoito anos espera-se sempre o amor... Eu pensava que ele chegaria só uma vez, e que se compreendia logo que aquilo era amor. Mas tudo se passou de uma maneira patusca. Não gostei da forma como nos conhecemos. De manhã passava ao lado do guarda, todos me conheciam, ninguém me pedia o livre-trânsito: «Olá!», olá, sem perguntas. «Mostre o seu livre-trânsito.» Fiquei pasmada. À minha frente estava um rapaz alto e bonito que não me deixava passar. «Você vê-me todos os dias...» «Mostre o livre-trânsito.» E eu nesse dia tinha-me esquecido dele, procurei na malinha, não tinha nenhum documento. Chamaram o meu chefe... apanhei uma repreensão... Fiquei furiosa com aquele rapaz! Mas ele... Eu estava no turno da noite e ele veio com um amigo tomar chá. Imaginem! Trouxeram bolos com doce de fruta, agora já não se fazem bolos daqueles, saborosos, mas é assustador mordê-los, nunca se sabe de que lado vai sair o doce. Rimo-nos às gargalhadas! Mas não falei com ele, estava zangada. Alguns dias mais tarde veio ao meu encontro depois do trabalho: «Comprei bilhetes para o cinema, queres ir?» Os bilhetes eram para a minha comédia preferida, *Mimino*, com Vakhtang Kikabidze no papel principal, vi-o dez vezes, sabia todo o texto de cor. Afinal, ele também. No caminho íamos trocando réplicas, a testar-nos um ao outro: «Tu não te ofendas, mas eu vou dizer-te uma coisa inteligente.» «Como vou eu vender esta vaca, se aqui toda a gente a conhece?» E... assim começou o amor... Um primo dele tinha umas grandes estufas, vendia flores. E Abulfaz aparecia sempre nos nossos encontros com rosas vermelhas e brancas... Até há rosas cor de lilás, que parecem pintadas, mas são verdadeiras. Eu sonhava... Sonhava muitas vezes com o amor, mas não

sabia como o meu coração podia bater, saltar-me no peito. Deixávamos as nossas cartas escritas na praia... na areia molhada... Com letras grandes: «Amo-te!!!» Dez metros mais adiante, outra vez «Amo-te!!!» Nesse tempo havia por toda a cidade máquinas de venda automática de água gaseificada, com um copo para toda a gente. Lava-se o copo e bebe-se. Fomos a uma máquina, não havia copo. E eu cheia de sede! Cantámos, gritámos e rimo-nos tanto junto ao mar, que eu estava com muita sede! Durante muito tempo aconteceram-nos coisas mágicas, incríveis, e depois isso deixou de acontecer. Ah, eu sei isso... É verdade! «Abulfaz, tenho sede! Faz qualquer coisa!» Ele olhou para mim, ergueu as mãos para o céu e falou, falou, durante muito tempo. E não sei de onde... detrás de uma vedação coberta de ervas, apareceu um homem bêbedo e estendeu-me um copo: «Para uma jovem bo-ni-ta, damos sem lástima!»

E aquele amanhecer... Nem vivalma em lado nenhum, só nós dois. E o nevoeiro que se erguia do mar. Eu ia descalça, o nevoeiro subia do asfalto como vapor. Outra vez um milagre! O sol aparece de repente! A luz... a iluminação... como a meio de um dia de verão... O meu vestido húmido do orvalho secou num instante. «Estás tão bonita agora!» E tu... tu... (*Tem lágrimas nos olhos.*) Digo sempre aos outros: não vale a pena chorar... Mas eu... Recordo-me de tudo... recordo-me... Mas cada vez há menos vozes, e os sonhos também são cada vez menos. Nesse tempo eu sonhava... voava! Mas... não houve! Não houve para nós um *happy end*: nem vestido branco, nem marcha de Mendelssohn, nem viagem de núpcias... Em breve, muito em breve... (*Interrompe-se.*) Queria dizer qualquer coisa... Qualquer coisa... esqueço-me das palavras mais simples... comecei a esquecer... Queria dizer que em breve, muito em breve... Esconderam-me em caves, vivi em sótãos, transformei-me numa gata... num morcego... Se você pudesse compreender... se pudesse... Se soubesse como é horrível quando à noite alguém grita. Um grito solitário. Se à noite grita uma ave solitária, toda a gente se arrepiá. Mas se é uma pessoa?

Eu vivia com um único pensamento: amo... amo... amo. De outra maneira não poderia, não teria suportado. Com um tão grande horror! Só à noite descia do sótão... as cortinas eram grossas como um cobertor... Um dia de manhã o sótão abriu-se: «Sai! Estás salva!» As tropas russas tinham entrado na cidade...

Penso nisso... Penso nisso até a dormir. Quando foi que tudo começou? Em 1988... Reuniram-se algumas pessoas na praça, todas vestidas de preto, a dançar e a cantar. Dançavam com facas e punhais. O edifício do telégrafo é ao lado da praça, tudo se passava diante dos nossos olhos. Fomos para a varanda e ficámos a ver. «O que estão eles a gritar?» , perguntei. «Morte aos infiéis! Morte!» Isto

prolongou-se por muito, muito tempo... muitos meses... Começaram a afastar-nos das janelas: « Meninas, isso é perigoso. Fiquem sentadas nos vossos lugares e não se distraiam. Trabalhem. » À hora do almoço tomávamos habitualmente chá juntas; e de repente, um dia: as azerbaijanas sentaram-se a uma mesa, as arménias a outra. De um momento para o outro, compreende? Eu não conseguia compreender, de maneira nenhuma. Ainda não estava a par do que se passava. Estava apaixonada, ocupada com os meus sentimentos... « Meninas! O que aconteceu? » « Tu não ouviste? O chefe disse que em breve para ele só trabalharão muçulmanos puros. » A minha avó sobrevivera a um *pogrom* de arménios em 1915. Lembro-me... Ela contava-me quando eu era pequena: « Quando eu era assim pequena como tu, mataram o meu pai. E a minha mãe, e uma tia. Todas as nossas ovelhas... » Os olhos da minha avó estavam sempre tristes. « Foram os vizinhos que os mataram... Antes disso eram pessoas normais, até se pode dizer que eram boas pessoas. Nos dias de festa sentávamo-nos juntos à mesa... » Eu pensava que isso tinha sido havia muito tempo... pois poderia acontecer agora uma coisa dessas? Perguntei à minha mãe: « Mamã, tu viste os rapazes no pátio a brincar não às guerras, mas ao massacre de arménios? Quem lhes ensinou? » « Está calada, filha. Os vizinhos podem ouvir. » A minha mãe não parava de chorar. Ficava sentada e chorava. As crianças arrastavam pelo pátio uma boneca de trapos e espetavam-lhe paus, punhais infantis. « Quem é essa? », chamei o pequeno Orkhan, neto de Zeinab, a amiga da minha mãe. « É uma velha arménia. Estamos a matá-la. Tia Rita, e tu quem és? Porque é que tens um nome russo? » O meu nome foi-me dado pela minha mãe... Gostava dos nomes russos e toda a vida sonhou viver em Moscovo. O meu pai abandonou-nos, vivia com outra mulher, mas de qualquer modo era o meu pai. Fui procurá-lo para lhe dar a notícia: « Papá, vou-me casar! » « E ele é bom rapaz? » « Muito bom. Mas chama-se Abulfaz... » O meu pai ficou calado, ele queria a minha felicidade. E eu apaixonei-me por um muçulmano... que tinha outro Deus... O meu pai calado. E depois... Abulfaz veio a nossa casa: « Quero pedir a tua mão. » « E porque é que vens sozinho, sem casamenteiros? Sem parentes? » « Eles estão todos contra, e eu não quero ninguém além de ti. » E eu... Eu também não quero mais ninguém. O que havemos de fazer do nosso amor?

O que se passava à nossa volta não tinha nada a ver com o que se passava no íntimo... Absolutamente nada a ver... À noite a cidade era silenciosa e medonha... Não sou capaz, é demasiado horrível! De dia as pessoas não se riam, não gracejavam, deixaram de comprar flores. Dantes havia sempre alguém na rua com flores. Por toda a parte as pessoas beijavam-se. E agora... eram as

mesmas pessoas... e não olhavam umas para as outras... Qualquer coisa pairava por cima de tudo e de todos... esperava-se qualquer coisa... Já não sou capaz de me lembrar de tudo com precisão... Mudava tudo de dia para dia... Agora já toda a gente sabe o que se passou em Sumgait... Sumgait fica a trinta quilómetros de Baku... O primeiro *pogrom* aconteceu lá... Conosco trabalhava uma rapariga de Sumgait. No fim do turno toda a gente ia para casa, e ela ficava no telégrafo. Dormia num cubículo de arrumações. Andava chorosa, nem olhava para a rua, não falava com ninguém. Quando lhe perguntavam, ficava calada. Mas quando começou a falar... quando se pôs a contar... Eu queria não a ter ouvido! Não ouvir nada! Mas o que vem a ser isto? Como é isto possível? Não é possível! «O que aconteceu em tua casa?» «Saquearam-na.» «E os teus pais?» «Levaram a minha mãe para o pátio, despiram-na toda e meteram-na na fogueira! E a minha irmã grávida obrigaram-na a dançar à volta da fogueira... E, quando a mataram, arrancaram-lhe o bebé da barriga com barras de ferro...» «Cala-te! Cala-te!» «Retalharam o meu pai... com um machado... Os familiares só o reconheceram pelos sapatos...» «Cala-te! Por favor!» «Reuniram-se uns homens, novos e velhos, uns vinte ou trinta, e invadiam as casas onde viviam famílias arménias. Matavam e violavam a filha à frente do pai, a mulher à frente do marido...» «Cala-te! É melhor que chores.» Mas ela não chorava... de horrorizada que estava... «Queimavam os automóveis. No cemitério arrancavam as lápides que tinham nomes arménios... odiavam os mortos...» «Cala-te! Mas como é possível as pessoas fazerem coisas dessas?!» Todas passámos a ter medo dela... Mas na televisão, na rádio e nos jornais... nem uma palavra sobre Sumgait... Havia apenas rumores... Mais tarde perguntavam-me: «Como é que vocês viviam? Como viveram depois de tudo isso?» Chegou a primavera. As mulheres começaram a vestir roupas de verão... Tantos horrores, e em redor tanta beleza! Compreende? E o mar.

Eu ia-me casar... A minha mãe pediu-me: «Pensa bem, minha filha.» O meu pai não dizia nada. Ia com Abulfaz pela rua e encontrámos as irmãs dele: «Porque é que disseste que ela era feia? Olha que rapariga tão bonita.» Isto eram elas a murmurar entre si. Abulfaz! Abulfaz! Pedi-lhe: «Vamos casar-nos no registo, e não fazemos boda.» «Que é isso? Aqui diz-se que a vida de um homem é constituída por três datas: o dia em que nasceu, o dia em que se casou e o dia em que morre.» Ele não podia dispensar a boda, sem boda não haveria felicidade. Os pais dele estavam totalmente contra... categoricamente! Não lhe deram dinheiro para a boda e nem sequer lhe devolveram o dinheiro que ele tinha ganho. E tudo devia ser feito segundo os ritos... segundo os costumes

antigos... Os costumes azerbaijanos são bonitos, gosto deles... A primeira vez que os casamenteiros vêm a casa da noiva, limitam-se a ouvi-los, mas logo no dia seguinte recebem a aceitação ou a recusa. Nessa altura bebem vinho. Compete ao noivo comprar o vestido branco e a aliança, que levará à casa da noiva, obrigatoriamente de manhã... e que seja num dia de sol... porque é de manhã que se deve cativar a felicidade e afastar as forças obscuras. A noiva aceita a dádiva e agradece ao noivo, beija-o na presença de todos. Tem pelos ombros um lenço branco, sinal de pureza. No dia da boda... De ambas as partes levam à boda muitos presentes, um montão de presentes, colocam-nos sobre grandes bandejas, amarrados com fitas vermelhas. Enchem-se centenas de balões de várias cores, que voam por cima da casa da noiva durante alguns dias, e quanto mais tempo flutuarem mais forte e recíproco será o amor. O meu casamento... o nosso casamento... Todos os presentes, da família do noivo e da casa da noiva, foi a minha mãe que os comprou... E o vestido branco, e a aliança de ouro... À mesa, os parentes da noiva devem, antes do primeiro brinde, levantar-se e fazer o elogio da rapariga, e os parentes do noivo elogiam o rapaz. Por mim falou o meu avô, que ao terminar perguntou a Abulfaz: « E quem nos vai falar a nós? » « Eu falo por mim mesmo. Amo a vossa filha. Amo-a mais do que à vida. » Disse isto de tal maneira que toda a gente gostou. Espalharam na soleira da porta algumas moedas pequenas e arroz – para a felicidade e a riqueza. Depois há um momento... Há durante a boda um momento em que os parentes de cada parte devem levantar-se e fazer uma vênica à outra parte, que retribuí. Abulfaz levantou-se sozinho... como se não tivesse família... « Hei de dar-te um filho, e já não estarás sozinho », pensei eu. Como um juramento. Ele sabia, eu tinha-lhe revelado há muito, que havido estado gravemente doente e que os médicos decretaram que era perigoso para mim ter filhos. Ele também isso aceitava, desde que estivéssemos juntos. Mas eu... Decidi que havia de dar à luz. Mesmo que eu própria morresse, a criança ficaria.

Minha Baku... o mar... o mar... o mar... o sol... o sol... o sol... Não és minha, Baku...

... Não havia portas na entrada, os grandes buracos das portas estavam tapados com bocados de celofane...

... Uns homens, ou adolescentes, era tão horrível que já não me lembro, estavam a agredir, a matar uma mulher a golpes de pértiga (onde encontraram eles aquelas pértigas na cidade?)... a mulher estava estendida no chão, calada. Ao ver aquilo, as pessoas viravam para outra rua. Onde estava a Polícia? Tinha desaparecido... durante dias não vi um único agente da Polícia... Abulfaz estava

em casa, doente. Ele é bondoso, muito bondoso. Mas de onde apareceram aqueles... ali na rua? Direito a nós vinha um homem a correr, coberto de sangue... o sobretudo, os braços... trazia nas mãos uma grande faca de cozinha, como as que se usam para cortar as hortaliças... Tinha no rosto uma expressão triunfante, talvez até feliz... « Eu sei quem é », disse-me uma rapariga conhecida que estava comigo na paragem à espera do autocarro.

... Qualquer coisa em mim desapareceu naquele instante... qualquer coisa que já não há em mim...

... A minha mãe despediu-se do emprego... Era já perigoso andar pelas ruas, era imediatamente reconhecida. Mas eu não. Com uma condição – não trazer nenhuns documentos comigo. nenhuns! Abulfaz ia ter comigo depois do trabalho, íamos juntos, ninguém suspeitava de que eu fosse arménia. Mas qualquer um podia vir ter comigo e exigir: « Mostra o passaporte! » « Esconda-se. Vá-se embora! », tinham-me avisado umas velhas russas minhas vizinhas. Os jovens russos partiam, abandonavam os apartamentos, boas mobílias. Ficaram as velhas... as boas avozinhas russas...

... E eu já estava grávida... Trazia uma criança debaixo do coração...

Em Baku, o massacre durou várias semanas... uns dizem que foi assim, outros que foi mais tempo... Matavam não só arménios, matavam também aqueles que escondiam arménios. A mim escondeu-me uma amiga azerbaijana, com a família dela, o marido e dois filhos. Um dia... juro, hei de regressar a Baku com a minha filha, levo-a àquela casa e digo-lhe: « Esta é a tua segunda mãe, minha filha. » Os cortinados eram grossos... como um sobretudo... uns cortinados feitos de propósito para mim, por minha causa. À noite eu descia do sótão... por uma ou duas horas... Falávamos num murmúrio, porque era preciso falar comigo. Todos compreendiam: era preciso falar comigo para que eu não emudecesse, não ficasse louca. Não perdesse a criança e não comesse a uivar durante a noite como uma fera.

Lembro-me das nossas conversas, lembro-me bem. Eu ficava todo o dia no sótão e repassava-as na memória. Estava sozinha... Via uma fina tira de céu... por uma fresta...

« ... Detiveram o velho Lazar na rua e começaram a bater-lhe... “Eu sou judeu!”, dizia ele. Mas, antes que encontrasse o passaporte, estropiaram-no... »

« ... Matam por dinheiro e simplesmente por matar... Procuram em especial as casas onde vivem arménios ricos... »

« ... Numa casa mataram toda a gente... A menina mais pequena subiu para uma árvore... Dispararam contra ela, como um pássaro... À noite via-se mal,

durante muito tempo não lhe acertaram. Irritavam-se, visavam... Ela caiu-lhes aos pés...»

O marido da minha amiga era pintor. Eu gostava dos quadros dele, pintava retratos de mulheres e naturezas-mortas. Lembro-me de como ele se aproximava das estantes dos livros e batia nas lombadas: «É preciso queimar tudo! Queimar! Já não acredito nos livros! Pensávamos que o bem havia de vencer, mas não é nada assim! Discutíamos sobre Dostoievski... Sim, esses heróis continuam aqui! Entre nós. Ao nosso lado!» Eu não compreendia de que estava ele a falar, sou uma rapariga simples, vulgar. Não andei na universidade. Só conseguia chorar... e limpar as lágrimas... Durante muito tempo acreditei que vivia no melhor país do mundo, entre as melhores pessoas. Assim nos ensinaram na escola. Mas ele sofria horrivelmente, estava muito perturbado. Teve um ataque apoplético e ficou paralisado... (*Interrompe-se.*) Tenho de me calar um pouco. Estou toda a tremer... (*Passados alguns minutos continuámos.*) As tropas russas entraram na cidade. Eu já podia voltar para casa... Ele estava deitado, só podia mover um pouco uma das mãos. E abraçou-me com essa mão. «Toda a noite pensei em ti, Rita, e na minha vida. Muitos anos... Toda a vida lutei contra os comunistas. E agora tenho dúvidas: que essas velhas múmias tivessem continuado a governar-nos, a atribuir uns aos outros medalhas de heróis, e não fôssemos ao estrangeiro, não lêssemos livros proibidos e não comêssemos piza, comida dos deuses. Mas aquela menina... continuaria viva, ninguém dispararia contra ela como contra um pássaro... E tu não ficarias metida num sótão, como um rato...» Ele morreu pouco tempo depois... Naquela altura morria muita gente, morriam as pessoas boas. Não conseguiam suportar tudo aquilo...

Na rua, por toda a parte havia soldados russos. Veículos militares. Os soldados russos... eram rapazinhos... desmaiavam com as coisas que viam... Eu estava no oitavo mês de gravidez... Em breve daria à luz. Uma noite senti-me mal, telefonámos a chamar uma ambulância. Assim que lá ouviram o meu apelido arménio desligaram o telefone. Nas maternidades também não me aceitaram, nem mesmo na da zona de residência... em parte nenhuma... Assim que abriam o meu passaporte, já não havia lugares. Não há lugares! Em lado nenhum, de maneira nenhuma. A minha mãe encontrou uma velha parteira russa que a tinha assistido, há muitos anos... Encontrou-a numa aldeia nos arredores da cidade. Chamava-se Anna... não me lembro de mais nada. Vinha à nossa casa uma vez por semana, observava-me e dizia que o parto seria difícil. As contrações começaram durante a noite... Abulfaz correu a buscar um táxi, não conseguia pelo telefone. O taxista chegou e viu-me: «O quê, é arménia?» «É a minha

mulher.» «Não, eu não a levo.» O meu marido começou a chorar. Pegou no porta-moedas e mostrou o dinheiro, todo o seu salário: «Toma... Dou-te tudo... Salva-me a mulher e a criança.» Fomos... fomos todos... A minha mãe também. Chegámos à aldeia onde Anna vivia, ao hospital onde ela trabalhava a meio-tempo para arredondar a pensão. Ela já estava à nossa espera, e colocaram-me logo na marquesa. O parto demorou muito tempo... sete horas... Éramos duas ao mesmo tempo: eu e uma azerbaijana; havia só uma almofada e essa almofada deram-lha a ela; eu fiquei com a cabeça muito baixa. Era desconfortável e doloroso. A minha mãe estava de pé à porta. Mandavam-na embora, e ela não saía. E se de repente roubam a criança... de repente? Tudo era possível... Dei à luz uma menina... Trouxeram-ma uma vez para ma mostrar, e não voltaram a trazê-la. Às outras mães (azerbajjanas) traziam as crianças para que as alimentassem, e a mim não. Esperei dois dias. Depois... apoiando-me à parede... arrastei-me até à sala onde estavam os bebês. Não havia uma única criança, só a minha filha, as portas e janelas estavam abertas. Toquei-lhe, estava a arder, cheia de febre. Nesse momento chegou a minha mãe... «Mamã, levamos a criança e vamos embora. Ela já está doente.»

A minha filha esteve doente durante muito tempo. Era tratada por um velho médico judeu, há muito reformado. Mas ele ajudava as famílias arménias. «Matam os arménios porque são arménios, como em tempos matavam os judeus por serem judeus», dizia. Era muito, muito velho. Pusemos à minha filha o nome de Ira... Irina... Decidimos dar-lhe um nome russo, porque isso a protegeria. Quando Abulfaz tomou a criança nos braços a primeira vez, chorou. Soluçava... De felicidade... Também havia felicidade... A nossa felicidade! Por essa altura a mãe dele adoeceu... Ele começou a ir muitas vezes visitar os pais. Voltava de lá... não encontro palavras para dizer como ele vinha. Voltava como que estranho, com uma cara desconhecida. Eu tinha medo, é claro. Na cidade havia já muitos refugiados, famílias azerbaijanas que fugiam da Arménia. Fugiam com as mãos vazias, sem nada, da mesma maneira que os arménios fugiam de Baku. E contavam exatamente as mesmas coisas. Ai, ai, tudo exatamente igual. De Khodjala, onde houve um *pogrom* de azerbaijanos. Como os arménios matavam lá os azerbaijanos – atiravam as mulheres pelas janelas... cortavam cabeças... urinavam sobre os mortos... Agora não há nenhum filme de terror que me impressione! Vi e ouvi tantas coisas... tantas coisas de todo o género! Passava as noites sem dormir. Pensava e voltava a pensar – temos que partir. É preciso partir! Assim não se pode viver, eu assim não posso. Fugir... fugir para esquecer... E se tivesse ficado, teria morrido... sei que teria

morrido...

A minha mãe foi a primeira a partir... Depois foi o meu pai, com a sua segunda família. Depois fui eu com a minha filha. Partimos com documentos falsos... passaportes com apelidos azerbaijanos... Durante três meses não conseguimos comprar bilhetes. Porque as listas de espera eram muito grandes! Entrámos no avião; os caixotes de fruta e as caixas de cartão com flores eram mais do que os passageiros. Negócios! Os negócios floresciam. À nossa frente iam uns jovens azerbaijanos, que toda a viagem beberam vinho e diziam que se iam embora porque não queriam matar. Não queriam fazer a guerra e morrer. Era em 1991... A guerra em Nagorno-Karabakh estava no auge... Aqueles rapazes confessavam abertamente: « Não nos queremos deitar debaixo de um tanque. Não estamos prontos para isso.» Em Moscovo, um primo meu veio esperar-nos ao aeroporto... « Onde está Abulfaz? » « Ele vem daqui por um mês. » À noite todos os parentes se reuniram... Todos me pediam: « Tu fala, fala, não tenhas receio. Aqueles que se calam começam a ficar doentes. » Um mês depois comecei a falar, mas pensava que nunca mais falaria. Calava-me, e pronto.

Esperei... esperi... esperi... Abulfaz não veio ter connosco ao fim de um mês... nem ao fim de seis meses, mas ao fim de sete anos. Ao fim de sete anos... A-a-ah!... Se não fosse a minha filha, eu não teria sobrevivido. Foi ela que me salvou. Graças a ela mantive-me com todas as forças. Para sobreviver, é necessário encontrar ao menos um fiozinho... Para sobreviver... e esperar... Uma manhã, depois outra manhã... Quando ele entrou no apartamento, abraçou-me a mim e à filha. E ficou de pé. Ficou de pé ainda na entrada... e eu via-o cair, lentamente, diante dos meus olhos. Um minuto depois já estava estendido no chão, com o sobretudo e o gorro. Arrastámo-lo até ao divã, deitámo-lo. Assustámo-nos: era preciso chamar um médico, ou não? Não tínhamos autorização de residência em Moscovo, nem seguro de saúde. Éramos refugiados. Enquanto assim refletíamos, a minha mãe chorava... a minha filha estava sentada a um canto com uns olhos enormes... Esperávamos o papá, o papá chegou e está a morrer. Nesse momento ele abriu os olhos: « Não é preciso chamar o médico. Não tenham medo. Acabou-se! Estou em casa. » Agora vou chorar... aqui vou... (*Chora pela primeira vez durante a nossa conversa.*) Como não chorar? Durante um mês ele andou atrás de mim de joelhos pelo apartamento, beijava-me e voltava a beijar-me as mãos: « O que é que tu queres dizer? » « Amo-te. » « Onde é que estiveste estes anos todos? »

Tinham-lhe roubado um passaporte... Depois mais outro... E sempre as

peessoas da família dele...

... Chegaram a Baku uns primos dele... Tinham sido expulsos de Erevan, onde viviam ainda os avós e os pais deles. Todas as noites contavam... para que ele ouvisse... como esfolaram vivo um rapazinho e o penduraram numa árvore. E como marcaram uma vizinha na testa com um ferro em brasa... E como... E como... « E tu para onde ias? » « Ter com a minha mulher. » « Vais-te juntar ao nosso inimigo. Não és nosso irmão. Não és nosso filho. »

... Eu telefonava-lhe... Respondiam-me: « Não está em casa. » E a ela diziam-lhe que eu telefonava e dizia que me ia casar. Eu telefonava e voltava a telefonar. Atendia-me a irmã: « Esquece este número de telefone. Ele tem outra mulher. Uma muçulmana. »

« ... O meu pai... Queria a minha felicidade... Tirou-me o passaporte e deo não sei a que rapazes para que me pusessem o carimbo de divorciado. Falso. Pintaram qualquer coisa, depois raspam e emendaram, e agora ficou um buraco. “Papá! Porque é que fizeste isto? Tu bem sabes que eu a amo!” “Tu amas o nosso inimigo.” O meu passaporte ficou estragado... agora não é válido... »

... Eu lia *Romeu e Julieta* de Shakespeare... Sobre a inimizade entre dois clãs familiares, os Montéquios e os Capuletos. Tudo aquilo era a meu respeito... eu percebia cada palavra...

Já não reconhecia a minha filha. Começou a sorrir... Desde o primeiro momento em que o viu: « Papá! Paizinho! » Em pequenina... tirava da maleta a fotografia dele e beijava-a. Mas de maneira que eu não visse... E não chorasse...

Mas isto não acabou... Pensa que isto é tudo? O fim? Ui, nunca mais acaba...

... Também aqui vivemos como na guerra... Por toda a parte gente estranha. A mim, o mar é que me curava. O meu mar! Mas não há mar aqui perto...

... Andei a lavar o metro, as casas de banho. Carreguei tijolos e sacos de cimento na construção. Agora faço limpezas num restaurante. Abulfaz faz reparações em apartamentos de gente rica. As pessoas boas pagam, as más enganam: « Desaparece, seu meteco! Vamos telefonar à Polícia. » Não temos autorização de residência... não temos quaisquer direitos... As pessoas como nós aqui são tantas como a areia no deserto. Centenas de milhares de pessoas fugiram de casa: tadjiques, arménios, azerbaijanos, georgianos, chechenos... Fugiram para Moscovo, para a capital da URSS, mas agora já é a capital de outro Estado. E o nosso Estado já não figura no mapa...

... A minha filha acabou a escola há um ano... « Mamã... papá... Quero

estudar!» Ela não tem passaporte, vivemos em trânsito. Vivemos em casa de uma velhota, que foi para casa do filho e nos aluga o apartamento de uma assoalhada. A Polícia vem bater à porta para verificação dos documentos... Nós escondemo-nos, como ratos. Outra vez como ratos. Se nos mandarem embora... Mas embora para onde? Para onde podemos ir? Expulsam-nos em vinte e quatro horas! Não temos dinheiro para os subornar... E já não encontramos outro apartamento. Por toda a parte há anúncios: «Aluga-se apartamento a família eslava...» «Aluga-se apartamento... a família russa ortodoxa. Outros é favor absterem-se...»

... À noite nunca saímos de casa! Se o meu marido ou a minha filha se demoram em qualquer parte, eu tomo um calmante. Peço à minha filha: «Não pintes as sobrancelhas, não uses vestidos de cores vivas.» Além mataram um rapaz arménio, noutra lugar esfaquearam uma rapariga tajique... espetaram uma faca a um azerbaijano... Dantes éramos todos soviéticos, mas agora temos uma nova nacionalidade: «pessoa de nacionalidade caucasiana». De manhã corro para o trabalho e nunca olho para as caras dos jovens, tenho os olhos negros, os cabelos negros. Ao domingo, se saímos à rua em família, passeamos no nosso bairro, ao lado do nosso prédio. «Mãe, quero ir a Arbat. Quero passear na Praça Vermelha.» «Para aí não vamos, minha filha. Estão lá os *skinheads*. Com a suástica. A Rússia deles é só para os Russos. Sem nós.» (*Silêncio.*) Ninguém sabe quantas vezes eu quis morrer.

... A minha filha... desde a infância que ouve chamarem-lhe meteca... e outros nomes... Em pequenina não percebia nada. Quando volta da escola eu beijo-a. Beijo-a para que ela esqueça todas essas palavras.

Todos os arménios de Baku partiram para a América... um país estrangeiro aceitou-os... A minha mãe também foi, e o meu pai, e muitos dos nossos parentes. Eu também fui à Embaixada americana. «Conte a sua história», pediram-me. Contei-lhes sobre o nosso amor... Ficaram calados, durante muito tempo. Eram jovens americanos, muito jovens. Depois começaram a falar entre si: que o passaporte estava estragado, e em todo o caso era estranho, porque é que o marido esteve sete anos sem partir? E será mesmo o marido? É uma história demasiado bonita e demasiado horrível para se acreditar. Assim falaram eles. Eu percebo um pouco o inglês... Compreendi que não acreditavam em mim. Mas eu não tenho outras provas além do facto de amar... Você acredita em mim?

– Acredito... – respondi-lhe. – Eu cresci no mesmo país que você. Acredito! (*E chorámos as duas.*)

48 Salão de chá na Ásia Central. (*N. do T.*)

Sobre as pessoas que de repente se tornaram
diferentes « depois do comunismo»

Liudmila Malikova, tecnóloga, 47 anos

DO RELATO DA FILHA

Do tempo em que todos viviam da mesma maneira

Conhece bem Moscovo? O bairro de Kuntsevo... Era lá que nós vivíamos, num prédio de cinco pisos, num apartamento de três assoalhadas, onde nos instalámos quando fomos morar com a minha avó. O meu avô morreu, ela viveu sozinha durante muito tempo, mas começou a ficar fraca e nós decidimos que devíamos viver juntos. Fiquei contente, gostava muito da minha avó. Andávamos juntas de esquí, jogávamos xadrez. Era uma avó formidável! O meu pai... Havia um papá, mas o papá não viveu muito tempo connosco. Começou a beber muito, e a mamã pediu-lhe que se fosse embora... ele trabalhava numa fábrica militar secreta... Lembro-me de que quando era pequena ele nos vinha visitar aos fins de semana, trazia-me presentes, bombons e fruta – procurava sempre conseguir a maior pera, a maior maçã. Queria surpreender-me: «Fecha os olhos, Iúletchka... aqui está!» Tinha um riso bonito... Depois o papá desapareceu... A mulher com quem ele vivia depois de nós, uma amiga da mamã, também o mandou embora, fartou-se das bebedeiras dele. E eu nem sei se ele está vivo, mas se estivesse vivo procurava-me...

Até aos meus catorze anos vivemos tranquilamente. Até à *perestroika*... Vivemos uma vida normal até que começou o capitalismo, até que na televisão começaram a falar de «mercado». Toda a gente percebia pouco o que era isso, e ninguém explicava. Começou por se poder dizer mal de Lenine e de Estaline. Os jovens injuriavam-nos, os velhos calavam-se, saíam do *trolleybus* se ouviam

alguém criticar os comunistas. Na nossa escola, um jovem professor de Matemática era contra os comunistas, mas o velho professor de História era a favor. Em casa, a minha avó dizia: « Em vez dos comunistas agora estarão os especuladores.» A minha mãe discutia com ela: não, dizia, haverá uma vida bonita, justa; a mamã ia às manifestações, contava-nos entusiasmada os discursos de Eltsin. Era impossível convencer a avó: « Trocaram o socialismo por bananas. Por pastilhas elásticas...» A discussão começava de manhã, depois a mamã saía para o trabalho, e à tarde continuavam a discutir. Quando mostraram Eltsin pela televisão, a minha mãe sentou-se depressa na poltrona: « Um grande homem!», e a avó persignava-se: « Um criminoso, Deus me perdoe.» Ela era comunista até aos ossos. Votava por Ziugánov. Toda a gente ia à igreja, e a minha avó também ia, começou a persignar-se e a jejuar, mas só acreditava no comunismo... (*Silêncio.*) Gostava de me contar coisas da guerra... Aos dezassete anos foi como voluntária para a frente de batalha, e foi ali que o nosso avô se apaixonou por ela. Sonhava ser telefonista, mas na unidade a que ela foi parar precisavam de um cozinheiro, e ela tornou-se cozinheira. E o meu avô também era cozinheiro; alimentavam os feridos no hospital. Os feridos, em delírio, gritavam: « Vá, lá! Vá, lá! Avante!» Que pena, ela contava tantas coisas, e eu só me lembro de fragmentos... As enfermeiras tinham sempre à mão um balde com giz, e quando se acabavam os comprimidos e os pós, ela faziam pílulas com esse giz para que os feridos não lhes gritassem nem lhes batessem com as muletas... Nesse tempo não havia televisão, e ninguém via Estaline, mas todos o queriam ver. E a minha avó também. Ela venerou-o até à morte: « Se não fosse Estaline, hoje estávamos a lambar o cu aos Alemães.» E também dizia palavrões. A minha mãe não gostava de Estaline, chamava-lhe « malvado» e « facinora» ... Seria uma hipocrisia se eu dissesse que pensava muito nisso... Vivia, alegrava-me. O primeiro amor...

A minha mãe era coordenadora num instituto de investigação científica de geofísica. Éramos muito amigas. Eu partilhava com ela todos os meus segredos, até aqueles de que habitualmente não se fala com as mães. Com a minha mãe isso era possível, porque ela não era verdadeiramente uma adulta. Era como uma irmã mais velha. Gostava de livros... de música... Vivia disso. Mas quem mandava em casa era a avó... A minha mãe recordava que eu em pequena era uma menina de ouro, não tinha de me pedir nem convencer de nada. Na verdade, eu adorava a mamã... Gosto de ser parecida com ela, e cada vez mais parecida, com o passar dos anos. Quase a mesma cara. Isso agrada-me... (*Silêncio*). Não éramos ricas, mas vivíamos bem. Toda a gente à nossa volta vivia

como nós. Até era divertido, os amigos vinham visitar a mamã, conversavam, cantavam canções. Lembro-me de Okhudjava desde a infância: « Era uma vez um soldado, / bonito e bravo era ele, / mas era um brinquedo infantil, / um soldado de papel...» A minha avó colocava na mesa uma travessa cheia de panquecas, ela fazia uns pastéis muito saborosos. Muitos homens cortejavam a mamã, ofereciam-lhe flores, compravam gelados para mim. Um dia ela perguntou-me: « Eu posso casar-me? » Eu não me opunha, porque a mamã era bonita e eu não gostava que ela estivesse sozinha, queria uma mamã feliz. Na rua os homens reparavam sempre nela, um homem voltava-se para olhar, depois outro. « O que é que eles querem? », perguntava eu, quando era pequena. « Vamos! Vamos! », dizia a mamã e ria-se, um riso que não era habitual. Na verdade, vivíamos felizes. Mais tarde, quando fiquei sozinha, ia à nossa rua e olhava para as nossas janelas. Uma vez não me contive e fui bater à porta – ali vivia já uma família georgiana. Por certo pensaram que eu era uma pedinte, quiseram dar-me dinheiro e um pouco de comida. Desatei a chorar e fugi...

A minha avó em breve adoeceu, com uma doença que lhe dava vontade de comer constantemente; a cada cinco minutos, saía para o patamar da escada e gritava que nós a matávamos à fome. Partia os pratos... A minha mãe podia interná-la numa clínica especial, mas decidiu que havia de tratar dela, ela também gostava muito da avó. Tirava muitas vezes do aparador o álbum de fotografias, olhava-as e chorava. Nas fotografias havia uma rapariga nova, nada parecida com a avó, mas era a nossa avó. Como se fosse outra pessoa... Acontece assim, é verdade... Até morrer, a minha avó lia os jornais, interessava-se pela política... E quando adoeceu, tinha só um livro em cima da mesa de cabeceira... a Bíblia... Chamava-me e lia: « E que o pó regresse à terra, de onde saiu, e o espírito regresse a Deus... » Pensava constantemente na morte: « É tão difícil para mim, netinha! É tão fastidioso... »

Foi num dia de descanso... estávamos todos em casa... Espreitei para o quarto da avó, ela já tinha dificuldade em andar, estava deitada a maior parte do tempo, e vi-a sentada e a olhar pela janela. Dei-lhe água a beber. Passados momentos, voltei a entrar no quarto, chamei-a, ficou calada, peguei-lhe na mão, mas a mão estava fria, os olhos abertos olhavam pela mesma janela. Antes disso eu nunca tinha visto a morte, assustei-me e gritei. A mamã acorreu, começou a chorar, e fechou os olhos da avó. Era preciso chamar a ambulância... Na verdade eles vieram depressa, mas a médica exigiu dinheiro à mamã pela certidão de óbito e por levarem a avó para a morgue: « O que é que quer? É o mercado! » Não tínhamos nenhum dinheiro em casa... Precisamente por essa

altura a mamã tinha sido despedida do trabalho, havia dois meses que procurava, mas onde quer que fosse diziam-lhe que já havia uma lista de espera. A mamã terminou o instituto tecnológico com diploma vermelho de distinção. Encontrar trabalho na especialidade dela estava fora de questão – mulheres com diplomas dos institutos trabalhavam como vendedoras, lavadoras de loiça... Limpavam escritórios. Tudo estava diferente... Eu não reconhecia as pessoas na rua, parecia que todos se tinham disfarçado de qualquer coisa cinzenta. Não havia cor. É assim que me recordo... « Isso é tudo obra do teu Eltsin... do teu Gaidar... », dizia a avó a chorar, quando ainda vivia. « O que fizeram eles de nós? Um pouco mais e será como no tempo da guerra. » A mamã não dizia nada, para minha surpresa, ficava calada. Olhávamos para os objetos que tínhamos em casa com um único pensamento: isto pode-se vender? Não havia nada para vender... Vivíamos da pensão da avó. Já só comíamos macarrão... Em toda a sua vida, a avó tinha economizado cinco mil rublos, que estavam na caderneta de poupança e que deviam chegar, como ela dizia, para viver nos « maus dias » e para o seu enterro. Mas agora era o preço de um bilhete de carro elétrico... De uma caixa de fósforos... O dinheiro de toda a gente desapareceu de um dia para o outro. Depenaram o povo... Aquilo que a avó mais temia era que a enterrássemos num saco de plástico, ou enrolada em papel de jornal. Um caixão custava um dinheirão louco, e enterravam as pessoas de qualquer maneira... Uma amiga da avó, a tia Fénia, que tinha sido enfermeira na frente da guerra, a filha enterrou-a enrolada em papel de jornal... enrolou-a em jornais velhos... As medalhas meteram-nas simplesmente na cova... A filha era inválida, andava pelas lixeiras... Tudo isto era tão injusto! Eu ia com as minhas amigas às lojas privadas, ficávamos a olhar os salames. Umhas embalagens brilhantes. Na escola, aquelas que tinham *leggings* faziam troça daquelas cujos pais não lhas podiam comprar. Faziam troça de mim... (*Silêncio.*) Mas a mamã havia prometido à avó que a enterraria num caixão. Tinha jurado.

A médica viu que não tínhamos dinheiro. Voltaram costas e foram-se embora. Deixaram-nos a avó...

Passámos uma semana com a avó... A mamã esfregava-a várias vezes ao dia com permanganato e cobria-a com um lençol molhado. Calafetou todas as janelas e postigos, tapava a porta com um cobertor molhado. Fazia isto sozinha; eu tinha medo de entrar no quarto da avó, corria depressa à cozinha e voltava. Havia cheiro... já começava a sentir-se... É verdade que ainda tivemos sorte na nossa desgraça: durante a doença, a avó havia emagrecido muito, tinha só os ossos... Começámos a telefonar aos parentes... Tínhamos parentes – meia

Moscovo, e de repente não havia ninguém –, não é que se recusassem, vinham com boiões de três litros cheios de curgetes e pepinos marinados, compotas, mas dinheiro não ofereciam. Ficavam um pouco, choravam e iam-se embora. Ninguém tinha dinheiro líquido. É o que eu acho... Um primo da minha mãe que trabalhava numa fábrica e a quem pagavam o ordenado em conservas, trazia-nos algumas. Aquilo que podia... Na altura era considerado normal oferecer no dia dos anos um bocado de sabão, uma pasta de dentes... Nós tínhamos bons vizinhos, bons de verdade. A tia Ania e o marido... Estavam em mudanças, iam para casa de uns parentes na aldeia, já haviam mandado os filhos para lá – tinham mais com que se preocupar. A tia Vália... Como podia ela ajudar-nos, se o marido e o filho andavam sempre bêbedos? A mamã tinha tantos amigos... Mas eles também não tinham nada em casa, a não ser livros. Metade deles já estava sem trabalho... O telefone estava morto. As pessoas ficaram de repente diferentes depois do comunismo. Viviam todos de portas fechadas... (*Silêncio.*) Eu sonhava: adormeço, e de manhã, quando acordar, a avó está viva.

Quando os bandidos andavam pelas ruas e nem escondiam as pistolas

Quem eram eles? Apareceram umas pessoas que não sabíamos quem eram, mas que estavam informadas de tudo: «Sabemos da vossa desgraça. Vamos ajudá-las.» Telefonaram para qualquer parte, e veio logo um médico que passou a certidão de óbito; veio também um polícia. Compraram um caixão caro, e veio um carro funerário, e muitas flores – tudo como deve ser. A minha avó tinha pedido para ser enterrada no cemitério de Khovanskoie, mas sem suborno era impossível entrar lá, é um cemitério velho, conhecido; mas assim fizeram, levaram um padre, e ele rezou. Foi tudo muito bonito. Eu e a mamã limitávamo-nos a olhar e a chorar. Tudo aquilo era dirigido pela tia Irina, que era a chefe daquela companhia; andava sempre acompanhada por uns sujeitos espadaúdos, os guarda-costas. Um desses rapazes tinha combatido no Afeganistão, o que por qualquer razão tranquilizava a mamã. Ela achava que um homem que esteve na guerra ou num campo de trabalhos no tempo de Estaline não podia ser má pessoa: «Ele sofreu tanto!» E, de um modo geral, no nosso país não se deixa cair uma pessoa em desgraça – era uma convicção dela, lembrávamo-nos das histórias da avó sobre como na guerra as pessoas salvavam a vida umas das outras. As pessoas soviéticas... (*Silêncio.*) Mas as pessoas eram já diferentes. Não eram nada soviéticas... Falo destas coisas como as entendo agora, não como as entendia na altura. Fomos dominadas por um bando, mas nesse momento eles eram para mim como tios e tias – tomavam chá connosco na cozinha,

ofereciam-nos bombons. A tia Irina trazia produtos alimentares quando via o nosso frigorífico completamente vazio, ofereceu-me uma saia de ganga – toda a gente queria roupas de ganga! Andaram assim talvez durante um mês, habituámo-nos a eles, e fizeram uma proposta à mamã: «Podemos vender o seu apartamento de três assoalhadas e comprar-vos um de uma assoalhada. E assim terão dinheiro.» A mamã concordou... Já trabalhava num café: lavava a loiça, limpava as mesas, mas, quanto a dinheiro, era um desastre. Já começávamos a discutir para onde nos mudaríamos, para que bairro. Eu não queria mudar de escola. Procurávamos qualquer coisa nas proximidades.

Nesse momento apareceu outro bando. Este era chefiado por um homem... o tio Volódia... Ele e a tia Irina começaram a lutar entre si pelo nosso apartamento. «Para que querem vocês um apartamento de uma assoalhada?», gritava o tio Volódia à minha mãe. «Eu compro-vos uma casa nos arredores de Moscovo.» A tia Irina chegava num velho *Volkswagen*, e o tio Volódia num luxuoso *Mercedes*. Ele tinha uma pistola verdadeira... Nos anos noventa... os bandidos andavam pelas ruas sem esconder as pistolas. Toda a gente que podia instalou portas blindadas. No nosso prédio foram de noite a casa de um comerciante com uma granada... Ele tinha um quiosque – de tábuas pintadas, contraplacado – onde vendia de tudo: produtos alimentares, cosméticos, roupas, vodca. Exigiram-lhe dólares. A mulher não queria dar, e então eles aplicaram-lhe um ferro de engomar quente na barriga, e ela estava grávida... Ninguém recorria à Polícia, toda a gente sabia: os bandidos tinham muito dinheiro e compravam qualquer um. Respeitavam-nos, não sei porquê. Não havia ninguém a quem nos pudéssemos queixar...

O tio Volódia não tomava chá connosco, ameaçava a mamã: «Se não me vendes o apartamento a mim, levo a tua filha e nunca mais na vida a vêes. Nem saberás o que lhe aconteceu.» Uns nossos conhecidos esconderam-me em sua casa, e durante alguns dias não fui à escola. Chorava dia e noite, receava pela mamã. Os vizinhos viram que eles por duas vezes andaram à minha procura. Praguejavam com palavrões. A mamã acabou por ceder...

Despejaram-nos logo no dia seguinte. Vieram de noite: «Depressa! Depressa! Vão viver noutra lugar enquanto procuramos uma casa para vocês.» Trouxeram latas de tinta, papel de parede, já se preparavam para restaurar. «Vamos! Vamos!» A mamã, assustada, levou apenas os documentos, o seu perfume polaco preferido *Talvez*, que lhe tinham oferecido no aniversário e alguns livros; eu levei os manuais escolares e mais um vestido. Meteram-nos num carro e levaram-nos para um apartamento praticamente vazio: duas camas,

uma mesa e algumas cadeiras. Ordenaram-nos severamente que não saíssemos nem abrissemos as janelas, nem falássemos alto. Para os vizinhos não ouvirem! Era visível que naquele apartamento as pessoas estavam constantemente a mudar... Havia muita sujidade! Passámos vários dias a lavar tudo. E depois, lembro-me, eu e a mamã estivemos num lugar oficial, mostraram-nos uns papéis impressos... Como se tudo fosse legal... Disseram-nos: « Devem assinar aqui.» A mamã assinou, mas eu comecei a chorar, parecia-me que antes não havia percebido, mas agora compreendia que nos iam mandar para o campo. Tinha pena de deixar a minha escola, as minhas amigas, que nunca mais veria. Aproximou-se o tio Volódia: « Assina depressa, se não levamos-te para um orfanato, e a tua mãe vai na mesma para o campo. Ficas sozinha.» Lembro-me de que havia outras pessoas... até havia um polícia... Todos estavam calados. O tio Volódia deu dinheiro a cada um deles. Eu era uma criança... o que podia fazer?... (*Silêncio.*)

Vivi muito tempo calada... Tudo isto é muito íntimo, muito mau, mas muito íntimo. Não tenho vontade de o mostrar a ninguém... Lembro-me de quando me levaram para o orfanato – isso foi muito mais tarde, quando fiquei sem a mamã –, levaram-me e meteram-me num quarto: « Esta é a tua cama. Estas são as tuas prateleiras no armário...» Fiquei pasmada... Ao anoitecer caí doente, com febre... Isso fez-me recordar o nosso apartamento... (*Silêncio.*) Foi no Ano Novo... Havia uma árvore de Natal iluminada... toda a gente fazia máscaras... Preparavam-se danças... Danças? Quais danças? Tinha-me esquecido de tudo isso... (*Silêncio.*) Naquele quarto viviam, além de mim, mais quatro raparigas: duas irmãs, muito pequenas, de oito e dez anos, e outras duas raparigas mais velhas – uma moscovita, que sofria muito de sífilis, e a outra era uma ladra, que me roubou os sapatos. Esta rapariga queria voltar para a rua... O que estava eu a dizer? Que estávamos sempre juntas, de dia e de noite, mas não contávamos nada umas às outras... Não queríamos. Eu estive muito tempo sem falar... Comecei a falar quando encontrei o meu Jénia. Mas isso foi mais tarde... (*Silêncio.*)

A nossa epopeia, minha e da minha mãe, estava apenas a começar... Depois de termos assinado os papéis, levaram-nos para a região de Iaroslavl: « Não faz mal ser longe. Em contrapartida terão uma boa casa.» Enganaram-nos... Aquilo não era uma casa, era uma velha isba com uma única sala e um grande fogão russo, que eu e a mamã nunca tínhamos visto antes. Não sabíamos como aquecê-lo. A isba estava em ruínas, havia rachas por todo o lado. A mamã teve um choque. Entrou na isba, ajoelhou-se à minha frente, pediu-me perdão por me ter

feito viver assim. Batia com a cabeça na parede... (*Lágrimas.*) Tínhamos algum dinheiro, mas depressa se acabou. Trabalhávamos nas hortas de algumas pessoas, que nos davam um cesto de batatas, ou alguns ovos. Aprendi o significado da palavra « barganha » ... A mamã trocou o seu perfume *Talvez* por um bom bocado de manteiga, quando eu fiquei muito constipada... Eu pedia-lhe que não fizesse isso, porque nós tínhamos muito poucas coisas que nos lembrassem a nossa casa. Disso recordo-me... Uma vez, a diretora da quinta, uma mulher bondosa, teve pena de mim, deu-me um balde de leite; eu tive medo e fui para casa pelo meio das hortas. Encontrei uma ordenhadora que se riu: « Porque é que te escondes? Vai pela aldeia. Aqui toda a gente se serve, tanto mais se te autorizaram. » As pessoas roubavam tudo o que não estivesse pregado com pregos, e o presidente do *kolkhoz* mais do que todos. Para ele era aos camiões carregados. Ele veio ter connosco... aliciar-nos: « Venham trabalhar para mim! Se não morrem de fome. » Vamos, não vamos? A fome obrigava. Para a ordenha da manhã tínhamos de nos levantar às quatro horas. Ainda toda a gente dormia. Eu ordenhava as vacas, a mamã lavava as vasilhas, porque tinha medo das vacas. Eu gostava delas. Cada uma tinha o seu nome... *Dimka*, *Tcheremuchka*... Tinha a meu cargo trinta vacas e duas vitelas... Transportávamos serradura em carrinhos de mão, enterradas em estrume até aos joelhos. Mais alto que as botas. Os bidões de leite eram carregados numa telega... Quantos quilos pesavam? (*Silêncio.*) Pagavam-nos com leite e carne, se alguma vaca morria asfixiada ou afogada no estrume. As ordenhadoras bebiam tanto como os homens, e a minha mãe começou a beber com elas. As relações entre nós já não eram como antes, ou seja, éramos amigas, mas eu gritava com ela cada vez mais. Ela ficava ofendida. Raramente, quando estava bem-disposta, lia-me versos... a sua querida Tsvetáieva: « Num cacho vermelho / A sorveira se acendeu / As folhas caíam / E nasci eu... » E então eu reconhecia a minha mamã de antes. Mas era raro.

Já era inverno. Chegaram de repente os grandes frios. Naquela isba não teríamos sobrevivido ao inverno. Um vizinho teve pena de nós e levou-nos a Moscovo de graça.

Um tempo em que o homem não soa com dignidade, mas de diferentes maneiras

Pus-me a falar consigo e esqueci-me de que tinha medo de recordar... (*Silêncio.*) Qual é a minha atitude para com as pessoas? As pessoas não são más nem são boas, e pronto. Na escola aprendi pelos manuais soviéticos, ainda não

havia outros, diziam-nos: « O homem soa com dignidade.» Mas o homem não soa com dignidade, soa de maneiras diferentes. Eu também sou como toda a gente, tenho um pouco de tudo... Mas, se vejo um tajique – eles agora no nosso país são como escravos, pessoas de segunda categoria –, e se tenho tempo, paro e falo com ele. Não tenho dinheiro, mas falo um pouco com ele. Essas pessoas são como eu, estão na minha situação, sei o que é ser estranho para todos, estar completamente só. Eu também vivi nas entradas dos prédios, também dormi nas caves...

A princípio uma amiga da minha mãe aceitou-nos em sua casa, receberam-nos bem, e eu gostava de lá estar. Era um ambiente conhecido: livros, discos, o retrato de «Che» Guevara na parede. Como em nossa casa em tempos... os mesmos livros, os mesmos discos... O filho da tia Olga estava a estudar para o mestrado, de dia não saía das bibliotecas, à noite descarregava vagões numa estação ferroviária. Não havia nada para comer. Na cozinha um saco com batatas, e nada mais. Acabadas as batatas, tínhamos um pão de forma para um dia. Bebíamos chá o dia inteiro. E nada mais. Um quilo de carne custava trezentos e vinte rublos e o ordenado da tia Olga eram cem rublos – era professora numa escola primária. Todos se agitavam como possessos para ganhar algum dinheiro em qualquer parte. Faziam o que podiam... Estragou-se uma velha torneira na cozinha, chamámos os canalizadores, que eram afinal cientistas, doutorandos em Ciências. Todos nos rimos. Como dizia a nossa avó: «Tristezas não pagam dívidas...» As férias eram um luxo, poucos eram os que se podiam permitir esse luxo... A tia Olga, no tempo de férias, ia para Minsk, onde vivia uma irmã dela, professora na universidade. Faziam almofadas de pele artificial, enchiam-nas de poliéster até meio – e no espaço vazio, antes de se meterem no comboio, enfiavam um cachorrinho, depois de lhe aplicarem uma injeção de sonífero. Iam à Polónia... Levavam assim o cachorrinho de pastor-alemão... e coelhos... Nas feiras da ladra só se falava russo... Enchiam as garrafas térmicas de vodca em vez de chá, debaixo das roupas, nas maletas, escondiam pregos e cadeados... A tia Olga voltava para casa com um saco de saborosos enchidos polacos. O cheiro era estonteante!

Em Moscovo, à noite, havia disparos e até explosões. Havia quiosques e mais quiosques... quiosques por todo o lado... A mamã foi trabalhar para um azerbaijano, que tinha dois quiosques: um de frutas, outro de peixe. «Há trabalho, sem dias de folga. Não se pode descansar.» Mas veja que novidade – a minha mãe tinha vergonha de vender. Não conseguia, de maneira nenhuma! No primeiro dia, expôs a fruta e escondeu-se atrás de uma árvore a ver. Puxou o

gorro até às orelhas para que ninguém a reconhecesse. No dia seguinte deu uma ameixa a uma cigarinha... O patrão viu e gritou com ela. O dinheiro não gosta de piedade nem de vergonha... Pouco tempo se manteve ali, o comércio não se dava com a mamã... Eu vi um anúncio numa vedação: « Procura-se mulher a dias com instrução superior.» A mamã foi ao endereço indicado, e aceitaram-na. Pagavam-lhe normalmente. Era uma fundação americana qualquer... Já começávamos a poder alimentar-nos mais ou menos, alugámos um quarto num apartamento de três assoalhadas; um outro quarto era ocupado por azerbaijanos. Rapazes novos. Andavam sempre a comprar e a vender qualquer coisa. Um deles queria casar-se comigo, prometia levar-me para a Turquia: « Eu rapto-te. Nós temos esse costume, deve-se raptar a noiva.» Eu tinha medo de ficar em casa sem a mamã. Ele oferecia-me frutos e alperces secos... O dono do apartamento bebia muito, passava semanas bêbedo. Bebia tanto que lhe saltava a tampa: agredia a mulher a pontapé: « Ah, tu, vadia! Sua cadela!» Foi levada numa ambulância... Depois disso, à noite, começou a importunar a mamã. Queria arrombar a porta do nosso quarto...

Ficámos outra vez na rua...

Na rua e sem dinheiro... Encerraram a fundação da mamã, ela ia arranjanando trabalhos ocasionais. Vivíamos nas entradas dos prédios... nas escadas... Algumas pessoas limitavam-se a passar ao lado, outras gritavam, algumas até nos expulsavam para a rua. Mesmo de noite. Com chuva e com neve. Ninguém oferecia ajuda, nem perguntavam nada... (*Silêncio.*) As pessoas não são más nem boas. Cada qual tem a sua vida... (*Silêncio.*) De manhã íamos a pé para a estação (não tínhamos dinheiro para o metro), lavávamo-nos lá, nas casas de banho. E lavávamos a roupa. De verão, ainda vá, quando faz calor, em qualquer parte se pode viver... Dormíamos nos bancos do parque, no outono juntávamos montes de folhas e dormíamos dentro das folhas – estava quentinho. Como num saco de dormir. Na estação da Bielorrússia... disso lembro-me bem... encontrávamos muitas vezes uma mulher muito velha, sentada ao lado das bilheteiras, que falava consigo mesma. Contava sempre a mesma história... Como durante a guerra os lobos tinham entrado na sua aldeia, porque sentiam que ali não havia homens. Todos os homens estavam na guerra. Se eu e a mamã tínhamos algum dinheiro, dávamos-lhe. « Que o Senhor as proteja », dizia ela, persignando-se. E eu lembrava-me da minha avó...

Uma vez deixei a mamã sentada num banco, e quando voltei ela não estava sozinha, mas com um homem qualquer. Um homem de aspeto agradável. « Apresento-te o Vítia », disse a mamã. « Ele também gosta de Brodski. » Era

tudo claro. Já se sabe... Se alguém gostava de Brodski, para a mamã isso era como um passe, queria dizer que era dos nossos! «Como? Ele não leu *Os Filhos da Rua Arbat*? Ora, isso é um homem selvagem! Da selva! É um estranho, não é dos nossos.» Era assim que ela dividia as pessoas, e assim continuou. E eu mudei muito naqueles dois anos em que vagabundeámos, tornei-me séria, talvez até demasiado para a idade. Compreendi que a mamã não me podia ajudar em nada, pelo contrário, comecei a ter o sentimento de que era eu que tinha de cuidar dela. Tinha simplesmente esse sentimento... O tio Vítia era inteligente, e perguntou-me a mim, e não à mamã: «Então, meninas, vamos?» Levou-nos para casa dele, um apartamento de duas assoalhadas. Nós trazíamos sempre as nossas coisas connosco, e com aqueles dois sacos aos quadrados, rotos... fomos ter ao paraíso... A um museu! Havia quadros nas paredes, uma excelente biblioteca, uma cómoda antiga abaulada... Um relógio até ao teto com um pêndulo... Uma coisa de pasmar! «Meninas, não sejam tímidas. Dispam os casacos.» Nós tínhamos vergonha, já andávamos esfarrapadas... O cheiro das estações, das entradas dos prédios... «Meninas, animem-se!» Sentámo-nos a beber chá. O tio Vítia falou-nos de si... Em tempos tinha sido joalheiro, possuía a sua oficina. Mostrou-nos uma mala com os instrumentos, saquinhos com pedras semipreciosas, lingotes de prata... Tudo tão bonito, tão interessante, caro. Era difícil acreditar que íamos viver ali. Choviam milagres...

Formou-se uma verdadeira família. Voltei a ir à escola. O tio Vítia era muito bondoso, fez para mim um anel com uma pedra. Infelizmente, ele também bebia... E fumava como uma locomotiva. Nos primeiros tempos a mamã ralhava com ele, mas em breve já bebiam os dois. Levavam livros ao alfarrabista, lembro-me do cheiro das antigas encadernações de pele... O tio Vítia tinha também algumas moedas raras... Eles bebiam e viam televisão. Programas políticos. O tio Vítia filosofava. Falava comigo como com uma adulta... perguntava-me: «O que é que vos ensinam na escola, depois do comunismo? O que fazer agora da literatura soviética e da história soviética... esquecer?» Na verdade, eu pouco compreendia... Isto é interessante para si? Pois... Eu pensava que estava longe de tudo isso, e afinal... lembro-me...

«... A vida russa deve ser dura, insignificante, só assim a alma se eleva, toma consciência de que não pertence a este mundo... Quanto mais sujidade e mais sangue, mais espaço para ela...

No nosso país, a modernização só é possível através das *charachkas*⁴⁹ e dos fuzilamentos...

... Os comunistas... O que podem eles fazer? Introduzir novamente as senhas

de racionamento e reconstruir as barracas de Magadan...

... As pessoas normais hoje parecem loucas... Esta nova vida manda para o refugio as pessoas como eu e a tua mãe...

... No Ocidente, o capitalismo está velho, mas no nosso país está fresco, com dentes caninos novos... E o poder é um completo bizantinismo...»

Uma noite, o tio Vítia sentiu-se mal do coração. Chamámos uma ambulância. Não chegou ao hospital. Um terrível enfarte. Apareceram uns parentes dele: « Quem são vocês? Donde é que vieram? Não têm nada a fazer aqui.» Um homem gritou-nos: « Ponham estas mendigas daqui para fora! Toca a andar!» Revistou-nos os sacos quando saímos...

E ficámos na rua...

Telefonámos a um primo da mamã... A mulher dele atendeu: « Venham.» Viviam perto da estação fluvial, num apartamento de duas assoalhadas do tempo de Khrushchov, com um filho casado. A nora estava grávida. Decidiram: « Ficam aqui, até a Aliona ter a criança.» Puseram uma cama articulada no corredor para a mamã, e eu dormia na cozinha, num velho divã. Alguns amigos do tio Liocha, colegas da fábrica, vinham visitá-lo. Eu adormecia ao som das conversas deles. Tudo se repetia: a garrafa de vodka em cima da mesa, as cartas. Na verdade, as conversas eram outras...

« ... Lixaram tudo... Liberdade... Liberdade uma ova, onde está a liberdade? Comemos as papas de cereais sem manteiga...

... Esses judeus... mataram o czar, e Estaline, e Andrópov... Introduziram o liberalismo! É preciso apertar-lhes as porcas, e rapidamente. Nós, os Russos, devemos agarrar-nos à fé...

... Eltsin rasteja diante da América... Afinal fomos nós que vencemos a guerra...

... Vais à igreja, e estão lá todos a benzer-se, mas duros como pedras...

... Em breve isto vai aquecer e vai ser divertido... Os primeiros liberais penduramo-los nos candeeiros, pelo que nos fizeram nos anos noventa. É preciso salvar a Rússia...»

Ao fim de dois meses a nora deu à luz. Já não havia lugar para nós.

Ficámos outra vez na rua... estação... entradas dos prédios... estação... entradas dos prédios...

Na estação... Os policias de turno... tanto os mais velhos como os mais novos: ou nos punham na rua, e isto era no inverno, ou queriam que fôssemos com eles para o local de serviço... tinham um recanto especial, atrás de um biombo, com um divã... A mamã lutou com um polícia quando ele me quis

arrastar para lá... Espancaram-na e prenderam-na durante alguns dias... (*Silêncio.*) Eu... Apanhei frio, fiquei com uma forte constipação. Pensámos, pensámos, e eu estava cada vez pior... Decidimos que eu iria para casa de uns parentes e a mamã ficava na estação. Alguns dias depois ela telefonou-me: «Precisamos de nos encontrar.» Fui ter com ela, que me disse: «Conheci aqui uma mulher que me propôs ir viver para casa dela. Há lá espaço. Tem a sua própria casa. É em Alabino.» «Então eu vou contigo.» «Não, tu cura-te. Depois vais.» Levei-a ao comboio, ela sentou-se à janela e olhou para mim como se não me visse há muito tempo. Não resisti e subi para a carruagem: «O que é que tens?» «Não faças caso.» Acenei-lhe com a mão, e ela lá foi. À noite telefonaram-me: «Você é Iúlia Borissovna Malikova?» «Sou Malikova.» «Telefonamos-lhe da Polícia. Diga, o que lhe é Liudmia Malikova?» «É a minha mãe.» «A sua mãe foi atropelada por um comboio. Em Alabino...»

Ela tinha sempre muito cuidado a ver se vinha algum comboio... tinha muito medo... Aquilo que ela mais receava era ficar debaixo de um comboio. Virava a cabeça cem vezes: vem um comboio, não vem? E afinal... Não, isto não foi um acaso... não foi um infeliz acidente... Comprou uma garrafa de vodca... para que não fosse tão doloroso e tão horrível, e atirou-se... Estava cansada... simplesmente estava cansada... Cansou-se desta vida... «de si mesma»... Estas não são palavras minhas, são dela. Depois recordei cada palavra sua. Recordei cada palavra... (*Chora.*) O comboio arrastou-a durante muito tempo... Levaram-na para o hospital, ainda estive uma hora na reanimação, mas foi impossível salvá-la. Foi isto que me disseram... Vi-a já no caixão, já vestida. Era tudo horrível... Eu ainda não conhecia o Jénia... Se eu fosse pequenina, ela não me tinha deixado. Nunca... isso nunca aconteceria... Nos últimos dias dizia-me muitas vezes: «Tu já és crescida. Já cresceste.» Porque é que eu cresci? (*Chora.*) Fiquei sozinha... E assim vivi... (*Depois de um longo silêncio.*) Se eu tiver um filho, terei de ser feliz... para que ele se recorde de uma mãe feliz...

O Jénia... O Jénia salvou-me... Estive sempre à espera dele... No orfanato, nós sonhávamos: vivíamos ali, mas aquilo era temporário, em breve viveríamos como toda a gente, teríamos uma família – marido, filhos. Havíamos de comprar bolos, não só nos dias de festa, mas quando quiséssemos. Eu queria muito... Dezassete anos... fiz dezassete anos... O diretor chamou-me: «Já te tiraram da lista de alimentação.» E calou-se. Depois dos dezassete anos, punham-nos fora. «Vai-te!» Mas eu não tinha para onde ir. Não tinha trabalho, não tinha nada. E não tinha mãe... Telefonei à tia Nádía: «Sem dúvida vou ter consigo. Já me vão pôr fora do orfanato.» A tia Nádía... se não fosse ela... é o meu anjo da

guarda... Não era minha tia verdadeira, mas agora tornou-se mais próxima de mim do que a família verdadeira e deixou-me o seu quarto no apartamento comunitário. Agora... sim... Em tempos ela vivera com o meu tio, mas ele tinha morrido há muito, não eram casados, viviam em união de facto. Mas eu sabia que eles se amavam. A uma pessoa assim podemos recorrer... Se a pessoa conheceu o amor, podemos sempre recorrer a ela...

A tia Nádia nunca teve filhos e estava habituada a viver sozinha, era-lhe difícil viver com alguém. O quarto tinha dezasseis metros quadrados. Eu dormia numa cama articulada. A vizinha, é claro, começou logo a queixar-se: «Ela que se vá embora?» Ameaçou chamar a Polícia. A tia Nádia manteve-se firme: «E para onde é que ela vai?» Já tinha passado um ano e a tia Nádia perguntou: «Tu disseste que vinhas por dois meses. E já passou um ano desde que vives comigo.» Eu fiquei calada... a chorar... E ela também se calou... e chorava... (*Silêncio.*) Passou-se mais um ano... Todos se tinham mais ou menos habituado a mim... Eu esforçava-me... E também a vizinha se acostumou... A tia Marina não era má pessoa, a vida dela é que era má. Tinha tido dois maridos, e ambos morreram da bebedeira, como ela dizia. Um sobrinho dela visitava-a muitas vezes, eu e ele cumprimentávamo-nos. Era um rapaz bonito. E isto... Isto aconteceu assim: eu estava sentada no quarto a ler um livro, e a tia Marina entrou, pegou-me na mão e levou-me à cozinha: «Deixem-me apresentá-los: esta é a Iúlia, e este é o Jénia. E agora toca a ir dar um passeio!» Eu e o Jénia passámos a encontrar-nos. Beijávamo-nos. Mas nada sério. Ele trabalha como motorista, viaja muitas vezes em serviço. Uma vez voltou, e eu não estava. «Onde está ela? O que se passa?» Eu há muito que tinha ataques – ora sufocava, ora caía de fraqueza... A tia Nádia obrigou-me a ir ao médico, fizeram exames, descobriram esclerose difusa. Certamente sabe o que isso é... Uma doença incurável... Devido à tristeza, essa doença era da tristeza. Tinha muitas saudades da mamã. Muitas. (*Silêncio.*) Fizeram o diagnóstico e internaram-me no hospital. Jénia encontrou-me lá e passou a visitar-me. Vinha todos os dias. Ora me trazia uma maçã, ora uma laranja... Como o papá noutro tempo... Era já no mês de maio... Apareceu-me com um ramo de flores, fiquei de boca aberta – um ramo de flores assim custava metade do ordenado dele. Vinha com um fato de festa... «Casa-te comigo.» Eu hesitei. «Não queres?» Que havia eu de responder? Não sei mentir, e não queria enganá-lo. Há muito que estava apaixonada por ele... «Quero casar-me contigo, mas tens de saber a verdade... eu tenho uma invalidez de terceira categoria. Daqui a pouco tempo vou ser como um pequeno hamster, será necessário trazer-me em braços.» Ele não percebia nada, mas

ficou transtornado. No dia seguinte veio e disse-me: « Não importa. Havemos de nos arranjar.» Eu saí do hospital e casámo-nos. Ele levou-me a casa da mãe. A mãe dele é uma simples camponesa, toda a vida trabalhou no campo. Em casa não há um único livro. Mas eu senti-me lá muito bem. É sossegado. Também lhe contei a ela... « Não importa, minha filha» , disse ela abraçando-me, « onde há amor também há Deus.» (*Silêncio.*)

Agora quero viver, com todas as forças, porque tenho o meu Jénia... Até sonho ter uma criança... Os médicos são contra, mas eu sonho... Quero que tenhamos uma casa, toda a vida tenho sonhado com uma casa. Soube que há pouco saiu uma lei... Segundo essa lei posso recuperar o nosso apartamento... Eu apresentei um requerimento... Disseram-me que pessoas como eu são milhares, que conseguem ajudar muitas, mas o meu caso é bastante complexo, o nosso apartamento já foi revendido três vezes. E aqueles bandidos que nos roubaram há muito que estão no cemitério, mataram-se uns aos outros...

... Fomos visitar a minha mãe. Há um retrato na lápide dela, parece viva. Arrumámos tudo. Limpámos. Ficámos lá muito tempo, eu não conseguia sair dali; e em dado momento pareceu-me que ela sorriu... estava feliz... Ou foi apenas o sol que incidiu...

49 Ou *charagas*, institutos de investigação em que trabalhavam cientistas sob vigilância policial. (*N. do T.*)

Uma solidão muito parecida com a felicidade

*Alissa Z-er,
diretora de publicidade, 35 anos*

Fui a Petersburgo em busca de outra história, e voltei com esta. Conversa no comboio com uma companheira de viagem...

Uma amiga minha suicidou-se... Era uma pessoa forte, bem-sucedida. Tinha muitos admiradores, muitos amigos. Todos ficámos bastante abalados. O que é o suicídio? Uma cobardia ou uma saída corajosa? Um plano radical, um grito a pedir socorro ou um autossacrifício? Uma saída... uma armadilha... um castigo... Eu quero... Quero contar-lhe porque é que eu nunca farei isso...

Amor? Essa é uma variante que nem discutirei... Não tenho nada contra essa palavra bonita, brilhante e sonora, mas você é certamente a primeira pessoa, em dez anos, que a pronuncia à minha frente. O século XXI é o século do dinheiro, do sexo e da espingarda de dois canos, e você fala de sentimentos... Todos começaram a correr atrás do dinheiro... Eu não tive pressa de me casar, ter filhos, sempre quis fazer uma carreira, isso estava em primeiro lugar. Conheço o meu valor, o valor do meu tempo e da minha vida. E quem lhe disse que os homens procuram o amor? O *ámmorrr*... Os homens acham que a mulher é uma presa, um troféu de guerra, uma vítima, e eles são os caçadores. Regras elaboradas ao longo de séculos. E as mulheres procuram um príncipe montado não num cavalo branco, mas num saco de ouro. Um príncipe de idade indeterminada... Pode ser um «paizinho»... E daí? É a bagalhoça que rege o mundo! Mas eu não sou uma vítima, sou eu mesma uma caçadora...

Vim para Moscovo há dez anos... Estava cheia de raiva e de energia, disse a mim mesma: «Nasci para ser feliz, as pessoas fracas é que sofrem, a modéstia é

um adorno dos fracos.» Vim de Rostov... Os meus pais trabalham numa escola: o meu pai é professor de Química, a minha mãe de Língua e Literatura Russa. Casaram-se quando ainda eram estudantes, o meu pai tinha só um fato decente, mas um monte de ideias, e nesse tempo isso era suficiente para dar a volta à cabeça de uma rapariga. Ainda hoje gostam de recordar que durante muito tempo se remediaram com um jogo de roupa de cama, uma almofada e um par de chinelos de quarto. À noite recitavam um para o outro versos de Pasternak De memória! «O paraíso pode ser o amor e uma cabana», dizia eu, rindo-me. «Até aos primeiros gelos.» «Tu não tens imaginação», dizia a mamã, indignada. Éramos uma família soviética normal: de manhã comíamos trigo-sarraceno ou macarrão com manteiga, laranjas uma vez por ano, no Ano Novo. Até me lembro do cheiro delas. Não o cheiro de agora, mas o daquele tempo... Era um cheiro de uma outra vida... uma vida bonita... Nas férias íamos para o mar Negro. Íamos para Sochi como veraneantes «selvagens», ficávamos todos no mesmo quarto em casa de moradores locais – um quarto de nove metros quadrados. Mas tínhamos orgulho em algumas coisas... tínhamos orgulho... Orgulhávamo-nos dos nossos livros preferidos, que obtínhamos ilegalmente, através de conhecidos, e outra alegria! – convites gratuitos para as estreias (uma amiga da minha mãe trabalhava num teatro). O teatro! Eterno tema para conversas em boa companhia... Agora falam do campo de trabalhos soviético, do gueto comunista. Um mundo de canibais. Não me lembro de nada horrível... Lembro-me de que era um mundo ingénuo, muito ingénuo e absurdo. Eu sempre soube que não viveria dessa maneira! Não queria! Por causa disso quase me expulsaram da escola. Oh! Pois sim... nascer na URSS era como uma doença... Um estigma! Tínhamos lições de economia doméstica, aos rapazes ensinavam-lhes a conduzir automóveis, às raparigas ensinavam-nas a fritar almôndegas, e as malditas almôndegas saíam-me sempre queimadas. A professora, que era a nossa «responsável», começou a repreender-me: «Tu não sabes fazer nada! Quando te casares, como vais alimentar o teu marido?» Eu reagi imediatamente: «Não faço tenções de fritar almôndegas. Terei uma empregada doméstica.» Foi em 1987... eu tinha treze anos... Qual capitalismo, qual empregada doméstica?! Estávamos ainda em pleno socialismo! Os meus pais foram chamados ao diretor da escola. Deram-me uma repreensão diante de toda a aula, diante do conselho da escola. Queriam expulsar-me dos Pioneiros. Os Pioneiros, o Komsomol, era coisa séria. Eu até chorei... Embora nunca tivesse canções na cabeça, apenas fórmulas... canções nenhuma... Quando ficava sozinha em casa, vestia um vestido da mamã, calçava os sapatos dela e sentava-me no sofá a ler *Anna*

Karénina. Os bailes mundanos, os criados, as suíças... os encontros amorosos... Tudo me agradava, até ao momento em que Anna se atirou para debaixo do comboio. Porquê? Bonita, rica... Por amor? Nem mesmo Tolstoi me conseguia convencer... Gostava mais dos romances ocidentais, gostava das lascivas, das belas lascivas, pelas quais os homens sofriam e se suicidavam. Se arrastavam aos pés delas. Aos dezassete anos, foi a última vez que chorei por um amor não correspondido – chorei toda a noite na casa de banho, com a torneira aberta. A mamã consolava-me com versos de Pasternak... ainda me lembro deles: « Ser mulher é um grande passo / Perder o juízo é um heroísmo.» Não gosto da minha infância nem da minha juventude. Estava sempre à espera de que isso acabasse. Trabalhava com afinco, treinava-me num ginásio. Mais rápida que todas, mais alto que todas, mais forte que todas! Em casa ouvíamos cassetes com canções de Okudjava: « De mãos dadas, amigos... » Não! Esse não é o meu ideal.

Para Moscovo... Moscovo! Sempre entendi essa cidade como uma rival, desde o primeiro momento ela suscitou em mim uma espécie de fúria desportiva. A minha cidade! Um ritmo doido – é o máximo! Uma amplitude à medida das minhas asas! Tinha no bolso duzentos dólares em notas verdes, e alguns rublos. E pronto! Nos duros anos noventa... Há muito que não pagavam os salários aos meus pais. Miséria! Todos os dias o meu pai tentava convencer-me a mim e à minha mãe: « É preciso aguentar. Esperar. Eu confio em Gaidar.» As pessoas como os meus pais ainda não tinham tomado consciência de que já estávamos no capitalismo. O capitalismo russo... jovem e casca-grossa, o mesmo que se desmoronou em 1917... (*Fica pensativa.*) Compreenderão isso agora? É difícil responder... De uma coisa estou certa: os meus pais não queriam o capitalismo. Em qualquer variante. Queria-o eu e queriam-nos outros como eu, aqueles que não queriam continuar na gaiola. Jovens, fortes. Para nós, o capitalismo é interessante... Uma aventura, um risco... E não é apenas o dinheiro. O senhor dólar! Vou-lhe revelar o meu segredo! Gosto mais de ler sobre o capitalismo, o capitalismo contemporâneo – não o dos romances de Dreiser –, do que sobre o Gulag ou o défice soviético. Ou sobre os denunciante. Ui! Ui! Ah, toquei numa coisa sacrossanta! Não posso falar disto com os meus pais. Nem uma palavra. Ora essa! O meu pai continua a ser um romântico soviético. Em agosto de 1991... houve o golpe! Na televisão passavam desde manhã *O Lago dos Cisnes*... e os tanques nas ruas de Moscovo, como em África... E o papá, mais outros sete homens, amigos dele, largaram o trabalho e foram para a capital. Apoiar a revolução! Eu fiquei em frente da televisão... Lembro-me de Eltsin em cima do tanque. O Império desmoronava-se... Deixá-

lo desmoronar-se... Esperávamos o papá como se ele regressasse da guerra – voltou como um herói! Penso que ainda hoje ele vive disso. Ao fim de tantos anos compreendo que aquilo foi o mais importante que aconteceu na vida dele. Como o meu avô... Este durante toda a vida contava como tinham vencido os Alemães em Estalinegrado. Depois do Império, o meu pai aborrece-se, não tem de que viver. De um modo geral, estão desiludidos... A geração dele... Têm o sentimento de uma dupla derrota: a própria ideia comunista fracassou. E aquilo que veio depois também não o compreendem nem o aceitam. Queriam outra coisa, talvez o capitalismo, mas de rosto humano e com um sorriso encantador. Este mundo não é o deles. É um mundo desconhecido. Mas é o meu mundo! Meu! Fico feliz por ver os soviéticos só no Nove de Maio... (*Silêncio.*)

Fui para a capital à boleia, assim era mais barato, e quanto mais olhava pela janela mais furiosa ficava e já sabia que não voltaria de Moscovo. Por nada deste mundo! De ambos os lados da estrada, era um autêntico bazar... Vendiam serviços de chá, pregos, bonecas – pagavam os ordenados às pessoas em espécie. Podia-se trocar um ferro de engomar ou uma frigideira por salame (nas fábricas de enchidos pagavam com salame), por bombons, por açúcar. Ao lado de uma paragem de autocarro estava uma mulher gorda coberta de brinquedos. Como num filme de animação! Em Moscovo estava a chover, mas mesmo assim fui à Praça Vermelha, para ver as cúpulas de São Basílio e a muralha do Kremlin – era uma potência, uma força, e eu estava ali! No próprio coração! Caminhava a coxear, porque antes da partida tinha fraturado o dedo mínimo do pé no ginásio, mas estava de saltos altos e com o meu melhor vestido. É claro que o destino é uma lotaria, uma carta, mas eu tenho intuição e sei o que quero. O mundo não nos dá nada assim, sem mais nem menos... de graça... Toma lá tu! E toma lá tu! É preciso querer muito. E eu queria! A minha mãe levava-me pastéis feitos em casa e contava-me que ia com o meu pai aos comícios dos democratas. Com as senhas de racionamento cada pessoa tinha direito, por mês, a dois quilos de cereais, um quilo de carne e duzentos gramas de manteiga. Eram bichas e mais bichas, com o número escrito na palma da mão. Não gosto da palavra «soviético»! Os meus pais não são «soviéticos», são uns românticos! Crianças do pré-escolar na vida normal. Eu não os compreendo, mas amo-os! Abri caminho na vida sozinha... solitária... sem facilidades. E tenho razão para gostar de mim! Sem explicadores, sem dinheiro e sem cunhas entrei para a Universidade de Moscovo. Na Faculdade de Jornalismo... No primeiro ano, um colega apaixonou-se por mim e perguntou-me: «E tu, estás apaixonada?» Ao que eu respondi: «Estou apaixonada por mim.» Consegui tudo sozinha. Eu

mesma! Os colegas de curso não me interessavam. As aulas eram enfadonhas, dadas por professores soviéticos, com manuais soviéticos. E em redor fervilhava uma vida que já não era soviética – uma vida selvagem, louca! Apareceram os primeiros jipes estrangeiros – um encanto! O primeiro McDonald's na Praça Púchkin... Cosméticos polacos... e o horrível boato de que eram maquiagem para defuntos. O primeiro anúncio publicitário na televisão era sobre chá turco. Dantes tudo era cinzento, e agora havia cores vivas, anúncios vistosos. Queríamos tudo! Podíamos ter tudo! Podia-se ser quem se quisesse: corretor, assassino, gay... Os anos noventa... para mim foram uma bênção... inesquecíveis... Tempo de charlatães da política, de bandidos e de aventureiros! Só as coisas continuavam a ser soviéticas, mas as pessoas já tinham outro programa na cabeça... Se uma pessoa se atrefasse e esforçasse, conseguia tudo.

Qual Lenine? Qual Estaline? Tudo isso é passado, abria-se à nossa frente uma vida fantástica: podia-se ver o mundo inteiro, viver num belo apartamento, andar num carro luxuoso, comer carne de elefante ao almoço... A Rússia tinha os olhos a sair das órbitas... Aprendia-se mais depressa na rua e nos convívios, e eu mudei para o Departamento de Cursos por Correspondência. Arranjei trabalho num jornal. Adorava a vida desde o momento em que acordava de manhã.

Olhava para o alto... para o topo da elevada escada da vida... Não sonhava que me fornicassem nas entradas dos prédios ou nos banhos públicos e me levassem por isso a restaurantes caros. Eu tinha muitos admiradores... Não ligava aos da minha idade, com eles podia ter relações de amizade, ia com eles à biblioteca. Nada de sério e sem qualquer perigo. Mas a mim... (*Ri-se.*) Tive durante muito tempo o rótulo de rapariga de boa família, de uma casa em que havia muitos livros, a coisa mais importante na casa era a estante dos livros, e eram principalmente escritores e artistas que me dedicavam atenção. Génios não reconhecidos. Mas eu não estava disposta a dedicar a minha vida a um génio que seria reconhecido depois da morte e muito apreciado pelos nossos descendentes. E além disso, em casa já tinha ficado farta de todas essas conversas: sobre comunismo, sobre o sentido da vida, sobre a felicidade para os outros... acerca de Soljenítsin e de Sákharov... Não, esses não eram heróis do meu romance, eram heróis da minha mãe. Aqueles que liam e sonhavam voar, como a gaiivota de Tchékhov, eram substituídos pelos que não liam, mas podiam voar. Toda a anterior panóplia do cavalheirismo era apenas um sedimento: o *samizdat*, as conversas sussurradas na cozinha. Que vergonha... os nossos tanques estiveram em Praga! Mas se eles já estiveram em Moscovo! Quem é que se espanta com isso? Em vez dos versos em edições clandestinas, um anel de diamante, roupas de

marcas caras... Revolução dos desejos! Das vontades! Eu gostava... gosto dos altos funcionários e dos homens de negócios... O vocabulário deles entusiasmava-me: *offshore, caution, barter. Marketing* em rede, abordagem criativa... Nas reuniões da redação, o redator-chefe dizia: «São necessários capitalistas. Ajudaremos Eltsin e o Governo de Gaidar a fazer capitalistas. Com urgência!» Eu era jovem... bonita... Mandavam-me ir entrevistar esses capitalistas. Como tinham eles enriquecido? Como haviam ganho o primeiro milhão? Os socialistas transformavam-se em capitalistas? Era preciso descrever isso... Por qualquer motivo a palavra «milhão» dominava as imaginações. Ganhar um milhão! Estávamos habituados a pensar que o homem russo não queria ser rico, e até receava ser rico. O que quer ele então? Mas ele quer sempre a mesma coisa: que outro qualquer não enriqueça. Não se torne mais rico do que ele. Os casacos carmesim, as correntes de ouro... Isso é dos filmes, dos espetáculos televisivos... Aqueles com quem me encontrei tinham uma lógica obstinada e mão de ferro. Pensamento sistemático. Todos tinham estudado inglês. Gestão. Os académicos e cientistas saíam do país... os físicos e os líricos também... Mas estes... novos heróis... não queriam ir para lado nenhum, gostavam de viver na Rússia. Era a hora deles! A sua chance! Queriam ser ricos, queriam tudo. Tudo!

E foi então que o encontrei... Acho que amei aquele homem. Isto soa como uma revelação, não é? (*Ri-se.*) Era vinte anos mais velho do que eu, tinha uma família, dois filhos. Uma mulher ciumenta que lhe observava a vida ao microscópio... Mas estávamos loucos um pelo outro, num arrebatamento, numa embriaguez, que ele confessou: de manhã, para não chorar no trabalho, tomava dois antidepressivos. Eu também tinha comportamentos loucos, pouco faltou para saltar de paraquedas. Houve tudo isso... como acontece... o período dos bombons e das flores... Ainda não queríamos saber quem engana quem, quem andava atrás de quem, quem queria o quê. Eu era jovem, vinte e dois anos... Apaixonei-me... apaixonei-me... Agora compreendo que o amor é uma espécie de negócio, cada qual tem a sua parte de risco. É preciso estar preparada para novas combinações... Sempre! Hoje é raro quem se deixe pascar de amor. Consagram todas as forças a saltar! À carreira! Entre nós, na sala de fumo, as raparigas novas agitam-se, e se alguém tem um sentimento verdadeiro, têm pena dela: coitada, é parva, está lixada. (*Ri-se.*) Parva! Eu era assim uma parva feliz! Ele dispensava o motorista, apanhava outro carro e rolávamos pela cidade noturna num qualquer *Moskvitch* a feder a gasolina. Não parávamos de nos beijar. Ele dizia: «Obrigado, fizeste-me voltar cem anos atrás.» Episódios

relâmpagos... relâmpagos... O ritmo dele aturdiava-me... a energia... Telefonava-me à noite: « Amanhã voamos para Paris.» ou: « Damos um salto às Canárias. Tenho três dias.» Viajávamos de avião em primeira classe, quarto no hotel mais caro – chão de vidro sobre os pés, e em baixo peixes a nadar. Um tubarão vivo! Mas a recordação para toda a vida é outra... Recordo o *Moskvitch* a cheirar a gasolina nas ruas de Moscovo. E... os nossos beijos... loucos... ele fazia-me ver o arco-íris num fontanário... Apaixonei-me... (*Silêncio.*) E ele organizava para si a festa da vida. Para si próprio... sim! Talvez eu o compreenda, quando fizer os quarenta... um dia hei de compreendê-lo... Por exemplo, ele não gostava dos relógios que funcionavam, só gostava deles quando estavam parados. Tinha a sua própria relação com o tempo... Po-o-o-is... Si-i-i-im... Eu adoro gatos. Gosto deles porque não choram... Nunca ninguém lhes viu lágrimas. Se alguém se cruza comigo na rua, pensa: « Rica e feliz!» Tenho tudo; uma casa grande, um carro caro, mobília italiana. E uma filha que adoro. Tenho uma criada, não faço as minhas almôndegas nem lavo a roupa, posso comprar tudo o que quero... montes de bugigangas... Mas vivo sozinha. E quero viver sozinha! Nunca me sinto tão bem com ninguém como comigo mesma, gosto de falar comigo mesma... principalmente de mim... Excelente companhia! Aquilo que penso... que sinto... Como via isso ontem, e como o vejo hoje? Ora gosto da cor azul, mas agora gosto do lilás... Tantas coisas que acontecem em cada um de nós. Em nós. Conosco. Há um cosmos cá no íntimo. Mas nós quase não prestamos atenção a isso. Estamos todos ocupados com as coisas exteriores, aparentes... (*Ri-se.*) A solidão é a liberdade... Agora, todos os dias me alegro por ser livre. Telefona, não telefona, vem, não vem? Deixa-me, não me deixa? Não quero saber! Não é problema meu! Mas não... não receio a solidão... Tenho medo... De que é que eu tenho medo? De ir ao dentista... (*Inesperadamente, perde a compostura, chora.*) As pessoas mentem sempre, quando falam de amor... e de dinheiro... mentem sempre e de diferentes maneiras. Eu não quero mentir... Não quero! (*Acalma-se.*) Desculpe... Bem, desculpe... Há muito que não recordava...

O que se passou? A história de sempre... Eu queria ter um filho dele, engravidei... Talvez ele se tenha assustado? Os homens são cobardes! Um sem-abrigo ou um oligarca, não há qualquer diferença. Vão para a guerra, fazem a revolução, mas no amor são traidores. A mulher é mais forte: « Para um cavalo na corrida, entra numa isba incendiada.» E segundo as leis de género... « Os cavalos não param de correr. E as isbas continuam a arder.» « Um homem nunca passa dos catorze anos.» Este foi o primeiro conselho razoável que a minha mãe me deu. Lembro-me de que... foi assim... Dei-lhe essa notícia antes

de partir em serviço, enviaram-me ao Donbass. Eu gostava das viagens de serviço, gostava do cheiro das estações ferroviárias e dos aeroportos. Era interessante, ao regressar, contar-lhe a ele, discutirmos juntos. Agora compreendo que ele não só me revelava o mundo, me surpreendia e me levava às lojas estonteantes, me enchia de presentes, mas também me ensinava a pensar. Não é que se atribuísse a si mesmo essa tarefa, isso acontecia naturalmente. Olhava para ele, ouvia-o. Mesmo quando eu pensava que ficaríamos juntos, não tencionava refugiar-me para sempre atrás das costas largas de alguém e pavonear-me despreocupadamente. Desfrutar! Tinha o meu próprio plano de vida. Gostava do meu trabalho, fazia carreira muito depressa. Viajava muito... E desta vez... Voei para uma aldeia de mineiros – uma história pavorosa, mas, pode-se dizer, típica para aquele tempo: durante uma festa, recompensaram os mineiros de vanguarda com gravadores de som, e à noite uma família inteira foi assassinada. Não levaram nada, para além do gravador. Um *Panasonic* de plástico! Uma caixa! Em Moscovo, carros de luxo, supermercados, e para lá da periferia, um gravador era uma maravilha. Os «capitalistas» locais, com os quais sonhava o chefe de redação, andavam pelas ruas rodeados de uma comitiva com armas automáticas. Iam à casa de banho com os guarda-costas. Mas havia casinos e mais casinos por todo o lado. E até um pequeno restaurante privado. Eram ainda aqueles anos noventa... Esses anos... sim esses anos... Estive lá três dias. Quando voltei, encontrámo-nos. A princípio ele ficou contente – íamos ter um filho, muito em breve! Ele tinha dois rapazes. Queria uma menina. Mas as palavras... as palavras não significam nada, as pessoas escondem-se atrás das palavras, protegem-se com elas. Os olhos! Os olhos dele... mostravam medo: tinha que decidir alguma coisa, mudar a sua vida. Aqui é que estava o embaraço... a falha. Ah! Há homens que saem logo, partem com as suas malas, onde metem as meias e as camisas ainda húmidas... E há outros, como ele... que se põem com fitas... «O que é que tu queres? Diz o que queres fazer?», perguntava-me ele. «Uma palavra tua, e eu divorcio-me. É só dizeres.» Eu olhava para ele...

Olhava para ele e arrefeciam-me as pontas dos dedos, já começava a compreender que não seria feliz com ele. Jovem e tola... Se fosse agora, eu perseguia-o como quem persegue um lobo na caça, sou capaz de ser predadora e pantera. Um fio de aço! Nesse tempo limitava-me a sofrer. O sofrimento é uma dança, há nele gestos, e choros, e resignação. Como num bailado... Mas há um segredo, um segredo simples – ser infeliz é desagradável, é humilhante... Eu estava no hospital mais uma vez para não perder o bebé. Telefonei-lhe de manhã,

para que me fosse buscar, davam-me alta à hora do almoço e ele respondeu-me com voz ensonada: « Não posso. Hoje não posso.» E não voltou a ligar. Nesse dia partiu com os filhos para Itália, para esquiar. Dia 31 de dezembro... No dia seguinte, era o Ano Novo. Chamei um táxi... A cidade estava coberta de neve, eu caminhava por cima de um monte de neve a segurar a arriga. Sozinha. Mentira! Íamos as duas, já éramos duas. Com a minha filha... a minha filhinha... Minha! Adorada! Já a amava mais do que tudo no mundo! Amava-o a ele? Como naquele conto: viveram felizes durante muito tempo e morreram no mesmo dia. Sofria, mas não estava a morrer: « Não posso viver sem ele. Sem ele morro.» Por certo ainda não encontrei um homem assim... a quem essas palavras se apliquem... Não, não! Mas aprendi a perder, não tenho medo de perder... (*Olha pela janela.*) Desde esse tempo nunca mais tive grandes histórias... Houve pequenos romances... O sexo para mim é fácil, mas isso não é a mesma coisa, é diferente. Não gosto do cheiro dos homens, não do cheiro do amor, mas do cheiro dos homens. Numa casa de banho, sinto sempre se esteve ali um homem... mesmo que ele use o mais dispendioso perfume e fume cigarros caros... Fico apavorada quando penso no esforço que é preciso para termos outra pessoa ao nosso lado. É um trabalho duro! Esquecer-se, renunciar a si mesma, libertar-se de si mesma. No amor não há liberdade. Mesmo que encontremos o nosso ideal, ele não terá a água-de-colónia certa, gostará de carne frita e rirá das nossas saladinhas, deixará as meias e as calças por onde calha. E será sempre necessário sofrer. Sofrer?! Por amor... por causa dessa composição... Não quero voltar a fazer esse trabalho, é mais fácil contar apenas comigo. Com os homens é melhor manter relações de amizade ou de trabalho. Até raramente me apetece seduzir, tenho preguiça de envergar essa máscara, entrar nesse jogo. O salão de beleza, a manicura francesa, a ginástica italiana. A maquilhagem. Pinturas de guerra... Meu Deus! Meu Deus! As raparigas de toda a Rússia só sonham ir para Moscovo! Para Moscovo! Estão lá príncipes ricos à espera delas! Sonham que eles as transformarão de cinderelas em princesas. Os contos de fadas! Os milagres! Já passei por tudo isso... Compreendo as cinderelas, mas tenho pena delas. Não há paraíso sem inferno. Que haja só paraíso... isso não acontece... Mas elas ainda não sabem... estão na ignorância...

Há sete anos que estamos separados... Ele telefona-me, telefona sempre à noite, não sei porquê. As coisas correm-lhe mal, perdeu muito dinheiro... diz que é infeliz... Tinha uma namorada jovem, agora tem outra. Propõe que nos encontremos... Para quê? (*Silêncio.*) Durante muito tempo senti a falta dele, apagava a luz e ficava horas no escuro. Perdia-me no tempo... (*Silêncio.*)

Depois... depois houve apenas alguns pequenos romances... Mas eu... Nunca me posso apaixonar por um homem sem dinheiro, da zona dos dormitórios da periferia. De um gueto de pré-fabricados, de Harlem. Detesto as pessoas que cresceram na miséria, com uma mentalidade de «pobres», dão tanta importância ao dinheiro que não se pode confiar nelas. Não gosto dos pobres, dos humilhados e ofendidos. Todos esses Bachmátchkin e Opiskin... heróis da grande literatura russa... Não confio neles! O quê? Há qualquer coisa em mim que não está bem? Não combino com o formato? Espere... Ninguém sabe como este mundo está organizado... Um homem agrada-me não pelo dinheiro, ou não só pelo dinheiro. Gosto de toda a figura de um homem bem-sucedido: a maneira como anda, como conduz o carro, como fala, como faz a corte – tudo nele é diferente. Tudo! É esses que eu escolho... Por isso... (*Silêncio.*) Ele telefoname... é infeliz... O que é que ele ainda não viu e não pode comprar? Ele... e os amigos dele... Já ganharam dinheiro. Muito dinheiro. Fortunas loucas! Mas com todo o seu dinheiro não podem comprar a felicidade, o amor. O amor a sério. Um estudante pobre tem-no, e eles não. Veja só que injustiça! Mas eles acham que podem tudo: voam nos seus aviões privados para qualquer país para ver um jogo de futebol, para Nova Iorque à estreia de um espetáculo musical. Tudo isso está ao seu alcance! Levar para a cama a modelo mais bonita, levar um avião cheio delas a Courchevel! Na escola todos lemos Gorki, sabemos o que são as farras dos mercadores – quebrar os espelhos, enfiar as ventas no caviar preto... dar banho às raparigas em champanhe... Mas fartaram-se de tudo, aborrecem-se. As agências turísticas de Moscovo propõem distrações especiais para esses clientes. Por exemplo, dois dias na prisão. Assim vem escrito na publicidade: «Quer ser Khodorkovski durante dois dias?» Num carro da Polícia com grades levam-nos para a cidade de Vladímir, para a prisão central, a mais terrível prisão, vestem-lhes roupas de presidiário, empurram-nos pelo pátio com os cães e espancam-nos com um bastão de borracha. Autêntico! Fecham-nos, como sardinhas em lata, numa cela suja e fedorenta, com uma selha para as necessidades. E eles ficam felizes. Experimentam novas sensações! Por três mil a cinco mil dólares ainda se pode brincar aos sem-abrigo: os interessados recebem roupas adequadas, são maquilhados e largados nas ruas de Moscovo, onde pedem esmola. É verdade que na esquina mais próxima os guarda-costas estão de vigia – os deles e os da empresa turística. Há propostas ainda mais radicais, para toda a família: a mulher faz de prostituta, o marido de chulo. Sei de uma história... Uma vez, quem arranjou mais clientes foi a mulher do mais rico confeiteiro de Moscovo, mulher de aspeto modesto e inteiramente soviético. E o

marido estava feliz! Há divertimentos de que não se fala nos anúncios turísticos... É tudo completamente secreto... Pode-se organizar uma caça noturna ao homem. Dão a um infeliz sem-abrigo mil dólares: aqui estão elas, as «verdinhas», são tuas! O pobre nunca na sua vida viu tanto dinheiro! Em contrapartida, tens de trabalhar como presa de caça. Se escapares, é o destino; se te abaterem, azar teu, não recebes. Tudo feito com honestidade! Pode-se arranjar uma rapariga por uma noite... Dar livre curso às fantasias, de uma maneira que o marquês de Sade nem sonhava! Sangue, lágrimas e esperma! A isto chama-se felicidade... A felicidade à russa – ir parar à prisão por dois dias, para depois sair de lá e compreender a vida boa que se tem. Excelente! Comprar não apenas um carro, uma casa, um iate, uma cadeira de deputado... mas também uma vida humana... Ser por momentos, se não um deus, ao menos um ídolo... um super-homem! Pois sim... E pronto! Todos nascidos na URSS, ainda vêm todos de lá. E que ingénuo... que ingénuo era o mundo... sonhavam fazer um homem bom... Prometeram: « Com mão de ferro, levaremos a humanidade à felicidade...» Ao paraíso terrestre.

Tive uma conversa com a minha mãe... Quer despedir-se da escola: « Emprego-me num vestiário. Ou como porteira.» Ela fala às crianças dos livros de Soljenítsin... dos heróis e dos justos... Os olhos dela cintilam, mas os das crianças não. A mamã estava acostumada a que antes os olhos das crianças cintilassem, mas as crianças de hoje respondem-lhe: « Até achamos interessante saber como vocês viviam, mas nós não queremos viver assim. Não sonhamos com grandes feitos heroicos, queremos viver normalmente.» Leem as *Almas Mortas* de Gógol. A história de um patife... Foi assim que nos ensinaram na escola... Mas hoje são outras as crianças que estão na aula: « Porque é que ele é um patife? Tchitchikov é como Mavrodi, construiu uma pirâmide a partir de nada. É uma estupenda ideia de negócio!» Para eles, Tchitchikov é um herói positivo... (*Silêncio.*) A minha filha não será educada pela minha mãe... Não deixo. A dar-lhe ouvidos, uma criança só devia ver desenhos animados soviéticos, porque eles são « humanos ». Mas quando terminam os desenhos animados, saímos para a rua, para um mundo completamente diferente. « Ainda bem que já sou velha », confessou a mamã. « Posso ficar em casa. Na minha fortaleza.» Mas antes queria sempre ser nova: fazia máscaras com sumo de tomate, lavava os cabelos com camomila...

Quando era nova, eu gostava de mudar o destino, de provocá-lo. Agora já não, basta. A minha filha está a crescer, penso no futuro dela. E isso custa dinheiro! Quero ganhar eu mesma esse dinheiro. Não quero pedir, nem aceitar

de ninguém. Não quero! Saí do jornal para uma agência de publicidade – onde pagam mais. Pagam bom dinheiro. As pessoas querem viver com beleza, e isso é o mais importante que hoje nos acontece. E atinge toda a gente. Basta ligar a televisão: nos comícios reúnem-se... talvez alguns milhares de pessoas, mas há milhões a comprar as bonitas loiças sanitárias italianas. Toda a gente está a transformar e reparar o apartamento, a casa. As pessoas viajam. Nunca antes tinha sido assim na Rússia. Fazemos publicidade não apenas de artigos, mas também do consumo. Criamos novas necessidades – como dar beleza à vida! Dirigimos o tempo... A publicidade é o espelho da Revolução Russa... A minha vida está cheia até mais não. Não tenciono casar-me. Tenho amigos, todos eles são ricos. Um deles «engordou» com o petróleo, outro com matérias-primas minerais... Encontramo-nos para conversar. Sempre num restaurante caro: átrio de mármore, móveis antigos, quadros caros nas paredes... porteiros com as maneiras dos latifundiários russos... Gosto de me encontrar em ambientes bonitos. O meu melhor amigo também vive sozinho e não se quer casar, gosta de estar sozinho no seu palacete de três pisos: «Dormir com alguém à noite, mas viver sozinho.» De dia tem a cabeça cheia das cotações dos metais não ferrosos na Bolsa de Londres. Cobre, chumbo, níquel... Anda com três telemóveis nas mãos, que tocam a cada trinta segundos. Trabalha treze a quinze horas por dia. Sem folgas e sem férias. A felicidade? O que é a felicidade? O mundo mudou... Agora, os solitários são os bem-sucedidos, as pessoas felizes, e não os fracos e os falhados. Têm tudo: dinheiro, uma carreira. A solidão é uma escolha. Eu quero fazer o meu caminho. Sou uma caçadora, não uma presa resignada. Eu é que escolho. A solidão é muito parecida com a felicidade... Isto soa como uma revelação, não é? (*Silêncio.*) Até nem era a si, mas a mim mesma que eu queria contar tudo isto...

O desejo de os matar a todos,
e o horror de o ter desejado

Ksénia Zolotova, estudante, 22 anos

Ao nosso primeiro encontro veio a mãe dela. Confessou: «A Ksiucha não quis vir comigo. E também me queria dissuadir a mim: “Mãe, quem é que precisa de nós? Eles só querem os nossos sentimentos, as nossas palavras, mas de nós não precisam, porque não viveram isto.”» Estava muito emocionada: ora se levantava para sair: «Eu procuro não pensar nisto. É doloroso repetir»; ora começava a contar e não conseguia parar, mas a maior parte do tempo estava calada. Como podia eu reconfortá-la? Por um lado, pedia-lhe: «Não se inquiete, acalme-se», mas, por outro, queria que ela recordasse aquele dia estranho: 6 de fevereiro de 2004 – o ataque terrorista em Moscovo, na linha do metro de Zamoskvorétskaia, entre as estações Avtozavódskaja e Pavelétskaia. Em consequência da explosão morreram trinta e nove pessoas e cento e vinte e duas foram hospitalizadas.

Ando e volto a andar em torno dos círculos da dor. Não consigo despegar. Na dor há tudo – as trevas e o triunfo, por vezes acredito que a dor é uma ponte entre as pessoas, uma ligação oculta, e outras vezes penso, desesperada, que ela é um abismo. Desse encontro de duas horas ficaram no bloco de notas alguns parágrafos:

... é tão humilhante ser vítima... É simplesmente uma vergonha. Em geral não quero falar disto com ninguém, quero ser como toda a gente, mas afinal estou sozinha. Posso começar a chorar em qualquer parte. Por vezes vou a andar, a falar sozinha e a chorar. Um homem desconhecido disse-me: «Porque choras? Tão bonita, e a chorar.» Em primeiro lugar, a beleza nunca na vida me ajudou, e em segundo lugar, sinto essa beleza como uma traição – ela não corresponde ao

que tenho no meu íntimo...

... Temos duas filhas, a Ksénia e a Dacha. Vivíamos modestamente, mas visitávamos muito os museus, íamos ao teatro, líamos muito. Quando as meninas eram pequenas, o pai inventava histórias para elas. Queríamos protegê-las da rudeza da vida. Eu achava que a arte as salvaria. Mas não salvou...

... No nosso prédio vive uma velhinha só, que vai à igreja. Uma vez deteve-me, e eu pensei que se ia mostrar compadecida, mas ela falou-me com maldade: «Pense bem, porque é que isso lhe aconteceu a si? Às suas filhas?» Porque me dirigiu ela estas palavras? Arrependeu-se, penso que depois se arrependeu... Eu nunca enganei ninguém, não traí ninguém. Tive apenas dois abortos, são esses os meus dois pecados... Eu sei... Na rua dou muitas vezes esmola, ainda que pouca, dou o que posso. No inverno dou comida aos pássaros...

Na vez seguinte já vieram as duas, a mãe e a filha.

A mãe

Será possível que para algumas pessoas eles sejam heróis? Têm um ideal, sentem-se felizes, pensam que ao morrer vão para o Paraíso. E não têm medo da morte. Não sei nada acerca deles: «Foi feito o retrato robô do presumível terrorista...» e mais nada. Para eles, nós somos alvos, ninguém lhes explicou que a minha filha não era nenhum alvo, que tem uma mãe que não pode viver sem ela, que há um rapaz que está apaixonado por ela. Pois pode-se matar assim uma pessoa que é amada? Acho isso um duplo crime. Que vão para a guerra, para as montanhas, e disparem lá uns contra os outros, mas porquê contra mim? Contra a minha filha? Matam-nos no meio de uma vida pacífica... (*Silêncio.*) Agora tenho medo de mim mesma, dos meus pensamentos... Por vezes apetece-me matá-los a todos, e depois fico horrorizada por ter desejado isso.

Em tempos gostei do metro de Moscovo. O mais bonito do mundo! É um museu! (*Silêncio.*) Depois da explosão... Eu via como as pessoas entravam no metro de mãos dadas. O medo demorou muito a atenuar-se... Era horrível sair para a cidade, a minha tensão subia logo. No metro, observávamos os passageiros com ar suspeito. No trabalho só se falava disso. «Senhor, o que é que se passa connosco?» Eu estava no cais, e ao meu lado uma mulher nova com um carrinho de bebé; tinha os cabelos negros, os olhos negros, não era russa. Não sei de que nacionalidade seria. Chechena? Osseta? Não me contive e espreitei para o carrinho: estaria ali uma criança? Não estaria ali outra coisa qualquer? Fiquei

perturbada ao pensar que iríamos na mesma carruagem: « Não », pensei, « deixá-la ir, eu espero pelo comboio seguinte. » Um homem aproximou-se de mim: « Porque é que espreitou para o carrinho? » Eu disse-lhe a verdade. « Portanto, você também espreitou. »

... Vi uma infeliz rapariga enrolada numa bola. Era a minha Ksénia. Porque é que ela está aqui sozinha? Sem nós? Não, isto é impossível, não pode ser verdade. Sangue na almofada... « Ksénia! Ksiuchka! » Ela não me ouve. Enfiou um gorro qualquer na cabeça para que eu não visse e não me assustasse. A minha menina! Sonhava vir a ser pediatra, e agora não ouve; era a mais bonita da sua aula... E agora... a carinha dela... porquê? Qualquer coisa viscosa, peganhenta, me envolve, a consciência fica simplesmente dividida em pedacinhos. As minhas pernas não querem mover-se, moles. Arrastam-me para fora da enfermaria, o médico ralha comigo: « Domine-se, ou não a deixaremos visitá-la. » Consigo dominar-me, volto para a enfermaria... Ela olha não para mim, mas para o lado, como se não me reconhecesse. Tem nos olhos a expressão de um animal que sofre, um olhar insuportável de ver. É quase impossível continuar a viver. Agora ela escondeu esse olhar, pôs uma couraça, mas conserva tudo isso algures no seu íntimo. Tudo isso está impresso nela. Está sempre lá, onde nós não estávamos...

Um serviço inteiro do hospital cheio de raparigas assim... tal como iam todas na carruagem, assim estavam ali deitadas... Muitos estudantes, alunos... Eu pensava que todas as mães saíam à rua. Todas as mães, com os seus filhos. Seríamos milhares. Agora sei que a minha menina já só conta para mim, só para a sua casa, só para nós. As pessoas ouvem... compadecem-se... mas não sofrem! Não sofrem!

Voltei do hospital para casa e deitei-me, sem quaisquer sensações. A Dachenka estava ao meu lado, tirou um dia. Acariciava-me a cabeça, como a uma criança. O pai não gritou. Não entrou em pânico, teve um enfarte. Estávamos num inferno... Uma vez mais, porquê? Toda a vida dei bons livros a ler às minhas filhas, ensinava-lhes que o bem é mais forte do que o mal, que o bem vence sempre. Mas a vida é diferente dos livros. A oração de uma mãe pode trazer o filho do fundo do mar? Mentira! Eu sou uma traidora, não fui capaz de as defender como na infância, e elas confiavam em mim. Se o meu amor as protegesse, elas seriam inatingíveis para todas as desgraças, para todas as desilusões.

Uma operação... mais outra operação... Três operações! E Ksiucha começou a ouvir de um ouvido... os dedinhos já se moviam... Vivíamos na fronteira entre a vida e a morte, entre a fé num milagre e a injustiça, e eu,

embora seja enfermeira, compreendi que sei muito pouco sobre a morte. Já a vi muitas vezes, ela passava ao meu lado. Colocar uma perfusão, tomar o pulso... Toda a gente pensa que as pessoas que trabalham em medicina sabem mais da morte do que as outras. Nada disso. Tínhamos lá um médico, um especialista em anatomia patológica, que já está reformado. « O que é a morte? » , perguntou-me ele. (*Silêncio.*) A minha vida de antes tornou-se um ponto branco... Só me lembrava de Ksénia... Nas mais pequenas variantes – como em pequenina era corajosa, divertida, não tinha medo dos cães grandes e queria que fosse sempre verão. Como os seus olhos cintilavam quando ela chegou a casa e nos disse que tinha entrado para o Instituto de Medicina. Sem subornos nem lições particulares. Nós não podíamos pagar, para a nossa família isso era impossível. Como, um ou dois dias antes do atentado terrorista, ela pegou num jornal velho e leu: se lhe acontecer alguma situação de emergência no metro, deve fazer isto... e mais isto... Já não me lembro o quê concretamente, mas eram instruções. E quando tudo aconteceu, antes de perder os sentidos, a Ksiucha lembrou-se desse artigo. E nessa manhã foi assim... Ela tinha acabado de ir buscar as botas ao sapateiro, já havia vestido o casaco, começou a calçar as botas, e não conseguia... « Mamã, posso calçar as tuas botas? » « Leva-as. » Eu e ela calçamos o mesmo número. O meu coração de mãe não pressentiu nada... Não a podia reter... Antes disso eu tinha visto em sonhos umas grandes estrelas, uma constelação qualquer. Não me surgiu nenhuma inquietação... É culpa minha, estou esmagada por essa culpa...

Se me autorizassem, eu teria passado as noites no hospital, seria uma mãe para todas. Alguém soluçava na escada... Seria necessário abraçar alguém, ficar sentada ao lado de alguém. Uma rapariguinha de Perm chorava, porque a mãe estava longe. Outra tinha uma perna esmagada... Uma perna é a coisa mais preciosa! A coisa mais preciosa é a perna de um filho! Quem é que me censura por isto?

Nos primeiros dias escreviam muito nos jornais sobre o ataque terrorista, mostravam reportagens na televisão. Quando a Ksiucha viu a sua fotografia impressa, deitou o jornal fora...

A filha

... Há muitas coisas de que não me lembro... Não as tenho na memória! Não quero! (*A mãe abraça-a. Acalma-a.*)

... Debaixo do chão é tudo mais horrível. Agora trago sempre uma lanterna na malinha...

... Não se ouviam choros, nem gritos. Estava tudo em silêncio. Todos estavam

deitados num único monte... não, não era assustador... Depois começaram a mexer-se. Em dado momento ocorreu-me que era preciso sair dali, que havia ali produtos químicos e que estavam a arder. Ainda procurei a minha mochila, onde tinha as minhas notas das aulas, o porta-moedas... Estava em estado de choque... não sentia dores...

... Uma voz feminina chamava: «Serioja! Serioja!» O Serioja não respondia... Algumas pessoas ficaram sentadas na carruagem em posições bizarras. Um homem estava pendurado numa viga, como uma minhoca. Eu tinha medo de olhar para aquele lado... Andava, mas cambaleava... Por todos os lados se ouvia: «Socorro! Socorro!» À minha frente alguém se movia como um sonâmbulo, devagar, ora para a frente, ora para trás. Toda a gente passava à nossa frente.

... Em cima, duas raparigas correram para mim, amarraram-me um trapo qualquer na testa. Tinha muito frio, sem saber porquê. Deram-me uma cadeirinha, sentei-me. Via-as pedirem aos passageiros cintos e gravatas, com que faziam garrotes nas feridas. Uma funcionária de serviço na estação gritava ao telefone: «O que é que quer? As pessoas saem do túnel e morrem aqui mesmo, sobem para o cais e morrem...» (*Silêncio.*) Porque é que nos atormenta? Tenho pena da mamã. (*Silêncio.*) Já todos estão habituados a isto. Ligam o televisor, ouvem, e depois vão beber café...

A mãe

Eu cresci numa época profundamente soviética. O mais soviética possível. Nasci na URSS. Quanto à nova Rússia, ainda não a compreendo. Não sou capaz de dizer o que é pior: o que temos agora, ou a história do PCUS? Tenho na cabeça o modelo soviético, essa matriz, e metade da minha vida decorreu no socialismo. Isso está arreigado em mim. Não há como arrancá-lo. E não sei se quero separar-me disso. Naquele tempo vivia-se mal, mas agora é assustador. De manhã saímos a correr, nós para o trabalho, as meninas para as aulas, e todo o dia telefonamos uns aos outros: «Como estás? A que horas vais para casa? Em que transporte?» À noite reunimo-nos todos em casa, e só então eu começo a sentir algum alívio, ou pelo menos uma trégua. Tenho medo de tudo. Tremo. As minhas filhas ralham-me: «Tu exageras tudo, mamã...» Sou uma pessoa normal, mas preciso desta defesa, deste invólucro – a minha casa. Fiquei muito cedo sem pai, e é talvez por isso que sou tão vulnerável, tanto mais que o meu pai me amava muito. (*Silêncio.*) Ele esteve na guerra, por duas vezes ficou dentro de um tanque em chamas... passou toda a guerra ileso. Voltou para casa...

mataram-no. Junto ao portão.

Estudei pelos livros soviéticos, ensinavam-nos coisas totalmente diferentes. Só para comparação... Nesses livros escrevia-se sobre os primeiros terroristas russos que eles eram heróis. Mártires. Sofia Peróvskaja, Kibaltchik... Morreram pelo povo, por uma causa sagrada. Lançaram a bomba contra o czar. Esses jovens eram, em muitos casos, de origem nobre, de boas famílias... Porque é que nos surpreendemos que existam hoje pessoas assim? (*Silêncio.*) Nas aulas de História, quando dávamos a Grande Guerra Patriótica, o nosso professor falava da proeza da guerrilheira bielorrussa Elena Mazanik, que matou o Kube, administrador nazi na Bielorrússia, fixando uma bomba na cama onde ele dormia com a mulher grávida. E no quarto vizinho, do outro lado da parede, estavam os filhos pequenos... Estaline condecorou-a pessoalmente com a Estrela de Heroína. Até ao fim da sua vida ela percorria as escolas e nas «aulas de coragem» recordava a sua proeza. Nem o professor... ninguém... ninguém nos dizia que do outro lado da parede dormiam crianças pequenas... Nem que Mazanikera a ama dessas crianças... (*Silêncio.*) Depois da guerra, as pessoas de consciência tinham vergonha de recordar aquilo que fora necessário fazer durante a guerra. O meu pai sofria com isso...

Na estação Avtozavódskaia um rapaz fez-se explodir. Um rapaz checheno. Ficámos a saber pelos pais que ele lia muito. Que gostava de Tolstoi. Tinha crescido na guerra: bombardeamentos, disparos de artilharia... viu morrer os seus primos – e aos catorze anos fugiu para a montanha, para se juntar a Khattab. Queria vingar-se. Era certamente um rapaz puro, com um coração ardente... Riam-se dele: « Ah! Ah! Ah!... pobre parvinho... » Mas ele aprendeu a disparar melhor do que todos e a lançar granadas. A mãe encontrou-o e arrastou-o de volta para a aldeia, queria que ele terminasse a escola e se tornasse ladrilhador. Mas um ano depois ele voltou a desaparecer nas montanhas. Ensinaram-lhe a lidar com explosivos e ele veio para Moscovo... (*Silêncio.*) Se matasse por dinheiro, tudo se compreenderia, mas não era por dinheiro que ele matava. Aquele rapazinho era capaz de se lançar para debaixo de um tanque ou de fazer explodir uma maternidade...

Quem sou eu? Nós somos parte da multidão... estamos sempre na multidão... A nossa vida é corriqueira, insignificante, mesmo que nos esforcemos por viver. Amamos, sofremos. Mas isso não interessa a ninguém, não se escrevem livros sobre nós. A multidão... a massa. Nunca ninguém me fez perguntas sobre a minha vida, por isso sou tão faladora consigo. « Mãe, não mostres a tua alma », dizem-me as minhas filhas. Estão sempre a ensinar-me. Os jovens vivem num

mundo mais duro do que era o mundo soviético... (*Silêncio.*) Temos a sensação de que a vida já não é para nós, não é para pessoas como nós, que está noutra lugar. Algures... Qualquer coisa acontece, mas não connosco... Não entro nas lojas caras, tenho vergonha: há seguranças que me olham com desprezo, porque visto roupas compradas no mercado, nas lojas chinesas. Ando de metro, com um medo de morte, mas ando. Os ricos não andam de metro. O metro é para os pobres, não é para toda a gente. Apareceram de novo os príncipes, os boiardos e o povo tributável. Até já me esqueci da última vez que entrei num café, há muito que está fora das minhas possibilidades. E o teatro é já um luxo, quando eu em tempos não perdia uma estreia. É pena... Vivemos uma espécie de vida cinzenta. Por não sermos admitidos nesse mundo novo. O meu marido traz livros da biblioteca, sacos cheios deles, e é a única coisa que continua ao nosso alcance. Também podemos dar uma volta pela velha Moscovo, pelos nossos lugares preferidos: Iakimanka, Kitai-gorod, Varvarka. É a nossa couraça, agora cada um enverga a sua. (*Silêncio.*) Ensinaram-nos... Marx escreveu: «O capital é o roubo.» E eu estou de acordo com ele.

Conheci o amor... Sinto sempre se uma pessoa amou ou não, e tenho uma ligação intuitiva com as pessoas que amaram. Sem palavras. Lembrei-me agora do meu primeiro marido... Se o amava? Amava. Muito? Loucamente. Eu tinha vinte anos e a cabeça cheia de sonhos. Vivíamos com a velha mãe dele, uma mulher bonita, que tinha ciúmes de mim: «Tu és tão bonita como eu quando era nova.» As flores que ele me oferecia, ela levava-as para o seu quarto. Mais tarde compreendi-a, é possível que só agora, quando sei como amo as minhas filhas, eu tenha compreendido a estreita ligação que pode haver com um filho. Um psicólogo quer convencer-me: «Esse amor pelas filhas é hipertrofiado. Não se pode amar assim.» O meu amor é normal... É amor! É a minha vida... minha... minha... Ninguém conhece a receita... (*Silêncio.*) O meu marido amava-me, mas ele tinha a sua filosofia: não se pode viver toda a vida com uma mulher, é preciso conhecer outras. Eu pensava muito... chorava... Quando pude, deixei-o ir. Fiquei sozinha com a pequena Ksénia. O meu segundo marido... Era para mim como um irmão, sempre sonhei ter um irmão mais velho. Fiquei desorientada. Não sabia como iríamos viver, quando ele me propôs casamento. Para gerar filhos é preciso que haja em casa o cheiro do amor. Levou-nos, a mim e à Ksénia, para sua casa: «Vamos experimentar. Se não gostares, trago-vos de volta.» Mas entendemo-nos bem. Há diferentes espécies de amor: há o amor louco, mas há também o amor parecido com a amizade. Com uma união amistosa. Gosto de pensar assim, porque o meu marido é muito bom homem. E

não me importa de não ter vivido entre sedas...

Nasceu-me a Dachenka... Nunca nos separávamos das crianças, no verão íamos juntos para o campo, para casa da avó, na região de Kaluga. Havia lá um pequeno rio, um prado e uma floresta. A avó fazia tortas de ginja, de que ainda hoje as minhas filhas se lembram. Nunca fomos para o mar, esse era o nosso sonho. Como se sabe, com o trabalho honesto não se ganha muito dinheiro: eu era enfermeira, o meu marido era um colaborador científico no Instituto de Radiologia. Mas as meninas sabiam que nós as amávamos.

Muitas pessoas enaltecem a *perestroika*... Todos tinham esperança em qualquer coisa. Eu não tenho nenhum motivo para gostar de Gorbatchov. Lembro-me das conversas na sala dos médicos: «Acaba-se o socialismo, e o que vai haver depois dele?» «Acaba-se o mau socialismo, e haverá bom socialismo.» Tínhamos esperança... líamos os jornais... Em breve o meu marido perdeu o emprego, o instituto foi encerrado. Um mar de desempregados, todos com formação superior. Apareceram os quiosques, depois os supermercados, onde havia de tudo, como nos contos, e não havia com que comprar. Eu entrava e saía. Comprava duas maçãs e uma laranja, quando as crianças estavam doentes. Como resignar-se a uma coisa destas? Como aceitar que agora passe a ser assim? Como? Estava na bicha para a caixa. E à minha frente um homem com um carrinho, onde havia ananases, bananas... Uma ofensa ao amor-próprio. As pessoas estão hoje todas cansadas disso. Deus nos livre de nascer na URSS e viver na Rússia. (*Silêncio.*) Nenhum dos meus sonhos se cumpriu na vida...

(Quando a filha sai para a outra sala, ela fala-me a meia-voz.)

Quantos anos? Passaram-se três anos desde o ataque terrorista... não, mais... O meu segredo... Nem consigo imaginar estar com o meu marido na cama e que a mão dele me toque. Durante estes anos, eu e o meu marido não temos tido quaisquer relações, sou esposa e não sou, ele tenta convencer-me: «Vais sentir-te melhor.» Uma amiga que sabe de tudo também não me compreende: «Tu és estonteante, *sexy*... Olha-te ao espelho, vê como és bonita. Que cabelos...» Tenho estes cabelos assim de nascença, mas já me esqueci da minha beleza. Quando uma pessoa se afoga, fica toda impregnada de água; assim estou eu, toda impregnada de sofrimento. Como se tivesse separado o corpo e restasse apenas a alma...

A filha

... Jaziam ali, mortos, e nos bolsos os telemóveis tocavam sem parar...

Ninguém se decidia a aproximar-se e atender.

... Estava uma rapariga sentada no chão, toda ensanguentada, e um rapaz oferecia-lhe chocolate...

... O meu blusão não ardeu, mas ficou completamente derretido. Uma médica olhou para mim e disse logo: «Deite-se na maca.» Eu ainda resisti. «Eu levanto-me sozinha e vou até à ambulância»; mas ela até gritou comigo: «Deite-se!» No carro perdi os sentidos, voltei a mim na reanimação...

... Porque é que eu fico calada? Eu andava com um rapaz, nós até... ele ofereceu-me um anel... E contei-lhe o que me tinha acontecido... Talvez não haja qualquer ligação, mas separámo-nos. Isso ficou-me gravado, compreendi que não devia entrar em revelações. Sofremos uma explosão, sobrevivemos, ficamos ainda mais vulneráveis, mais frágeis. Ficamos com um estigma. E eu não quero que esse estigma seja visível em mim...

... A mamã gosta de teatro, por vezes consegue arranjar uns bilhetes baratos: «Ksiucha, vamos ao teatro.» Eu recuso-me, ela vai com o papá. O teatro já não tem efeito em mim...

A mãe

Uma pessoa não sabe porque é que isso lhe aconteceu precisamente a ela, e então quer ser como toda a gente. Ocultar-se. Não é possível desligar-se de repente de tudo isso...

Aquele rapazinho suicida... e outros... Desceram das montanhas e vieram para o meio de nós. «Vocês não veem como nos matam. Então vamos experimentar fazer isso em vossa casa.» (*Silêncio.*)

Eu penso... Quero lembrar-me de quando era feliz. É preciso recordar... Fui feliz apenas uma vez na vida, quando as meninas eram pequeninas...

Tocaram à porta. Eram amigos de Ksénia... Sentei-os na cozinha. Ficou-me esse hábito da minha mãe: a primeira coisa a fazer a um visitante é dar-lhe de comer. Durante algum tempo os jovens deixaram de falar de política, mas agora voltam a falar. Começaram a discutir sobre Pútín... «Pútín é um clone de Estaline...» «Vai ser por muito tempo...» «É uma merda para todo o país...» «É o gás, é o petróleo...» Uma pergunta: quem fez de Estaline um Estaline? O problema da culpa...

Deve-se julgar apenas aqueles que fuzilaram, torturaram, ou também os que escreveram denúncias...

Os que retiraram aos pais os filhos dos «inimigos do povo» e os puseram no orfanato...

Os condutores que transportaram os prisioneiros...

A mulher da limpeza que lavava o chão depois das torturas...

O diretor dos caminhos de ferro que enviava para o Norte vagões de gado carregados de presos políticos...

Os alfaiates que talhavam as peliças dos guardas de campo. Os médicos que lhes tratavam dos dentes e lhes faziam cardiogramas, para que fizessem melhor o seu serviço...

Aqueles que ficavam calados, quando outros nas reuniões gritavam: « Para cães, morte de cães!»

De Estaline passaram à Chechénia... E outra vez a mesma coisa. Aquele que mata, que comete atentados, é culpado, sim, mas aqueles que fabricam bombas e balas nas fábricas, que fazem os uniformes militares, que ensinam os soldados a disparar... os que lhes dão condecorações... Esses também são culpados? (*Silêncio.*) Eu queria proteger Ksénia, levá-la para longe dessas conversas. Ela estava sentada com os olhos arregalados de horror. Olhava para mim... (*Volta-se para a filha.*) Ksiúchenka, eu não tenho culpa, e o papá também não tem culpa, ele agora ensina matemática. Eu sou enfermeira. Trouxeram para o hospital os nossos oficiais feridos na Chechénia. Nós tratámo-los e depois, é claro, eles voltaram para lá. Para a guerra. Poucos eram os que queriam voltar, muitos confessavam abertamente: « Não queremos combater.» Eu sou enfermeira, trato-os a todos...

Há comprimidos contra a dor de dentes, a dor de cabeça, mas contra a minha dor não há. Um psicólogo estabeleceu-me um esquema: de manhã, em jejum, beber meio copo de hipericão, vinte gotas de infusão de pilriteiro, trinta gotas de peónia... Indicações para o dia inteiro. Bebi tudo isso. E fui consultar um chinês qualquer... Não serviu de nada... (*Silêncio.*) Os afazeres do dia a dia distraem-me, por isso não enlouqueço. A rotina trata-me: lavar a roupa, passar a ferro, costurar...

No pátio do nosso prédio há uma velha tília... Um dia, deve ter sido uns dois anos depois, senti que a tília estava florida. Um aroma... Até aí não sentia as coisas tão intensamente... não daquela maneira... As cores e os sons eram amortecidos... (*Silêncio.*)

No hospital fiz amizade com uma mulher que viajava não na segunda carruagem, como a Ksiucha, mas na terceira. Já andava a trabalhar, e parecia que tinha ultrapassado tudo. Mas aconteceu qualquer coisa, e ela quis atirar-se da varanda, saltou pela janela. Os pais puseram grades em todas as janelas, viviam como numa jaula. Envenenou-se com gás... O marido deixou-a... Não sei onde

ela está agora. Alguém a viu uma vez na estação Auvtozavódskaia. Caminhava pela plataforma e gritava: « Agarra-se três punhados de terra com a mão direita e atira-se sobre o caixão... Agarra-se... atira-se.» Gritou até que os enfermeiros a foram buscar...

Eu pensava que era Ksénia quem me tinha contado isto... Ao lado dela ia um homem em pé. Tão perto que ela até queria fazer-lhe uma observação. Não teve tempo. Depois verificou-se que ele a protegeu, muitos fragmentos de metal que vinham na direção de Ksiuchka apanharam-no a ele. Não se sabe se ele estará vivo. Lembro-me muitas vezes dele... Como se ele estivesse simplesmente diante dos meus olhos... Mas a Ksiuchka não se lembra... Onde fui eu buscar isto? Por certo inventei. Mas em todo o caso alguém me salvou...

Conheço um remédio... É preciso que a Ksiuchka seja feliz. Só a felicidade a pode curar. É preciso qualquer coisa... Fomos ao concerto de Alla Pugatchova, de quem todos lá em casa gostamos. Eu queria ir ter com ela ou fazer-lhe chegar um bilhete: « Cante para a minha menina. Diga que é só para ela.» Para que ela se sentisse como uma princesa... para a fazer subir muito alto... Ela viu o inferno e é preciso que veja o paraíso. Que o mundo recupere o equilíbrio para ela. As minhas ilusões... os sonhos... (*Silêncio.*) Não pude fazer nada com o meu amor. A quem posso escrever uma carta? A quem pedir? Vocês que ganharam dinheiro com o petróleo checheno, com os empréstimos russos, deixem-me enviá-la para qualquer parte. Que possa sentar-se debaixo de uma palmeira, ver uma tartaruga, para que esqueça o inferno. Ela tem sempre o inferno nos olhos. Não tem luz, não vejo a luz nos olhos dela.

Passei a ir à igreja... Se tenho fé? Não sei. Mas tenho vontade de falar com alguém. Uma vez o padre fez um sermão em que disse que num grande sofrimento uma pessoa ou se aproxima de Deus, ou se afasta, e se se afasta de Deus, não se pode censurá-la, porque isso é devido à indignação e ao sofrimento. Tudo isto é sobre mim.

Olho para as pessoas de lado, e não sinto nenhuma ligação com elas... Olho-as como se eu não fosse uma pessoa... Você é escritora, compreende-me: as palavras pouco têm em comum com o que se passa no nosso íntimo; eu dantes raramente me preocupava com aquilo que tenho dentro de mim. Agora é como se vivesse nas galerias das minas... Sofro, penso... ando constantemente a revirar qualquer coisa dentro de mim... « Mamã, não mostres a tua alma.» Não, queridas filhas, não quero que os meus sentimentos, as minhas lágrimas desapareçam assim simplesmente. Sem deixar vestígios, marcas. Isso é o que mais me preocupa. Tudo aquilo por que passei não é coisa que se queira deixar

apenas aos filhos. Quero transmitir isso a outra pessoa, para que fique em alguma parte, e cada qual possa colher.

O 3 de setembro é o dia da memória das vítimas do terrorismo. Moscovo está de luto. Há muitos inválidos nas ruas, mulheres jovens com lenços pretos. Há velas acesas: na Solianka, na praça em frente do Centro Teatral na Dubrovka, ao lado das estações do metro Park Kulturi, Lubianka, Avotzavódakaia, Rijskaia...

Também estou nessa multidão. Faço perguntas, oiço. Como vivemos nós com isto?

Houve ataques terroristas nos anos de 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2006, 2010, 2011.

– Eu ia para o trabalho; a carruagem ia superlotada, como sempre. Não ouvi a explosão, mas de repente, por qualquer razão, tudo foi iluminado por uma luz alaranjada e o meu corpo ficou entorpecido, queria mover o braço e não consegui. Pensei que tinha tido um AVC, e perdi os sentidos... E, quando voltei a mim, vi que algumas pessoas me pisavam, passavam por cima de mim como se eu estivesse morta. Receei que me esmagassem e ergui os braços. Alguém me levantou. Sangue e carne foi a cena que me surgiu...

– O meu filho tem quatro anos. Como lhe hei de dizer que o pai morreu? Ele não compreende o que é a morte. Receio que pense que o papá nos abandonou. Por enquanto o papá está em viagem de trabalho...

– Lembro-me muitas vezes... Ao lado do hospital havia bichas imensas de pessoas que queriam dar sangue, e com laranjas em sacos de rede. Suplicavam às extenuadas ajudantes de enfermagem: «Leve esta fruta e dê-a a uma pessoa qualquer. Diga-nos que outras coisas são necessárias.»

– Umás colegas do trabalho vieram visitar-me, o chefe emprestou-lhes o carro. Mas eu não queria ver ninguém...

– É preciso uma guerra para que apareçam seres humanos. O meu avô dizia que só na guerra encontrou seres humanos. Agora há pouca bondade.

– Duas mulheres desconhecidas abraçaram-se e choravam ao lado da escada rolante, com as caras ensanguentadas, e eu não percebia que aquilo era sangue, pensava que era a maquilhagem a desfazer-se com as lágrimas. À noite voltei a ver tudo aquilo na televisão e só então percebi. No local não tinha compreendido, olhava para o sangue e não acreditava.

– A princípio pensamos que podemos descer para o metro, entrar numa carruagem corajosamente, mas depois de passar uma ou duas estações saímos,

com suores frios. É especialmente horrível quando o comboio para alguns minutos no túnel entre as estações. Cada minuto é uma eternidade, o coração oscila por um fio...

– Em cada caucasiano vemos um terrorista.

– O que é que acha: os soldados russos não cometeram crimes na Chechénia? Eu tenho um irmão que serviu lá... Contava cada coisa sobre o glorioso Exército russo... Mantinham os homens chechenos em fossas, como animais, e exigiam aos familiares que pagassem resgates. Torturavam... saqueavam... Agora o meu irmão entrega-se à bebida.

– Vendeu-se aos Americanos? É um provocador! Quem foi que transformou a Chechénia num gueto para os russos? Despediam os russos do emprego, tiravam-lhes os apartamentos, os carros. Os que não entregavam eram mortos. As raparigas russas eram violadas só por serem russas.

– Odeio os Chechenos! Se não fôssemos nós, os Russos, ainda hoje eles estariam nas montanhas, nas cavernas. Também odeio os jornalistas que são a favor dos Chechenos! Liberais! (*Um olhar cheio de ódio na minha direção. Eu estava a gravar a conversa.*)

– Houve algum julgamento de soldados russos por matarem soldados alemães durante a guerra? E matavam-nos de todas as maneiras. Os guerrilheiros cortavam os polícias aos bocados... Oçam o que dizem os veteranos...

– Durante a Primeira Guerra da Chechénia, no tempo de Eltsin, mostravam tudo honestamente pela televisão. Víamos como as mulheres chechenas choravam. Como as mães russas andavam pelas aldeias à procura dos filhos desaparecidos. Ninguém as molestava. Um ódio como este de agora não existia ainda, nem neles, nem em nós.

– Dantes era a Chechénia que ardia, agora é todo o Cáucaso do Norte. Constroem mesquitas por todo o lado.

– A geopolítica chegou às nossas casas. A Rússia está a desmoronar-se... Em breve restará do Império apenas o principado de Moscovo...

– Odeio-os!

– A quem?

– A todos!

– O meu filho ainda esteve vivo durante sete horas, enfiaram-no num saco de plástico e colocaram-no num autocarro com os cadáveres... Trouxeram-nos um caixão oficial com duas coroas de flores. O caixão era de um aglomerado qualquer, como cartão, quando o levantaram desfez-se aos bocados. As coroas

eram pobres, lastimáveis... Fomos nós que comprámos tudo. O Estado está-nas tintas para nós, os simples mortais, pois eu pago-lhe na mesma moeda – quero ir-me embora deste país f... Eu e o meu marido metemos os documentos para emigrar para o Canadá.

– Dantes era Estaline que matava, agora são os bandidos. Isto é a liberdade?

– Eu tenho cabelos negros e olhos negros... Mas sou russa, ortodoxa. Entrei no metro com uma amiga, a Polícia fez-nos parar e chamaram-me de parte: « Tire o casaco. Mostre os documentos.» Não prestaram nenhuma atenção à minha amiga, que é loura. A minha mãe diz-me: « Pinta o cabelo.» Mas eu tenho vergonha.

– O russo apoia-se em três muletas: « talvez », « logo se vê », e « de qualquer maneira ». Nos primeiros tempos todos tremiam de medo, e ao fim de um mês reparei num embulho suspeito debaixo de um banco do metro e mal consegui convencer o funcionário da estação a telefonar à Polícia.

– No aeroporto de Domodíedovo, depois do atentado terrorista, os filhos da mãe dos taxistas elevaram os preços. Até às nuvens! Ganham dinheiro com tudo. Era arrancá-los dos táxis e afocinhá-los no capô!

– Uns estavam estendidos em poças de sangue e outros fotografavam-nos com os telemóveis. Aos estalidos. Ali mesmo punham as fotografias no Google. Falta-lhes picante, a esses vermes de escritório.

– Hoje eles, amanhã nós. E todos se calam, toda a gente está de acordo.

– Procuramos, como podemos, ajudar os defuntos com as nossas orações. Pedir a misericórdia de Deus...

Ali mesmo, num palco improvisado, alunos de uma escola dão um concerto. Foram trazidos em autocarros. Aproximo-me mais.

– Acho interessante o Bin Laden... a Al-Qaeda: o projeto global...

– Pois eu sou pelo terror individual. Pontual. Por exemplo, contra os polícias, os funcionários...

– O terror é mau ou é bom?

– Agora é bom.

– Bolas, estou farto de estar de pé. Quando é que nos deixam ir embora?

– Uma anedota gira... Terroristas que andam a visitar curiosidades em Itália. Chegam à Torre de Pisa. Riem-se: « Amadores!»

– O terrorismo é um negócio...

Sacrifícios, como nos tempos antigos...

Mainstream...

Um exercício de aquecimento antes da revolução...

Qualquer coisa pessoal...

Uma velha com uma gadanha
e uma rapariga bonita

*Aleksandr Laskovitch,
soldado, empresário, emigrante, 21-30 anos*

A MORTE É PARECIDA COM O AMOR

Quando eu era pequeno, havia uma árvore no meu pátio... Um velho bordo... Eu falava com ele, era o meu amigo. Quando o meu avô morreu, chorei durante muito tempo. Berrei um dia inteiro. Tinha cinco anos e compreendi que também morreria e que todos morreriam. Fiquei apavorado: morriam todos antes de mim, e eu ficava sozinho. Cruel solidão. A minha mãe tinha pena de mim, mas o meu pai veio ter comigo e disse: «Limpa as lágrimas. Tu és um homem. E os homens não choram.» Eu ainda não sabia quem era. Nunca gostei de ser menino, não gostava de brincar «às guerras». Mas ninguém me perguntava... todos escolhiam sem me ouvir... A minha mãe sonhava com uma menina, o meu pai, como sempre, queria que ela abortasse.

A primeira vez que me quis enforcar, tinha sete anos... Por causa de uma bacia chinesa... A minha mãe fez compota numa pequena bacia chinesa e deixou-a em cima de um banquinho; eu e o meu irmão corríamos atrás do nosso gato, o gato saltou como uma sombra por cima da bacia, mas nós não saltámos... A minha mãe era nova, o meu pai andava em exercícios militares. No chão ficou uma poça de compota... A minha mãe amaldiçoou a vida de mulher de um oficial e ter de viver na casa do diabo... na Sacalina... onde no inverno a neve se acumulava até aos dez metros, e no verão havia bardana da altura dela. Pegou no cinto do papá e expulsou-nos para a rua. «Mamã, está a chover, e no celeiro há formigas que mordem.» «Andar! Andar! Fora!» O meu irmão correu para

casa dos vizinhos, e eu decidi, de maneira muito séria, enforçar-me. Entrei no celeiro, procurei uma corda dentro de um cesto. « Amanhã de manhã vêm cá e eu estou pendurado: bem feito, seus cães!» E de repente a *Muska* aparece à porta... Miau-miau... « Querida *Muska*! Vieste consolar-me.» Abracei-a, encostei-a a mim e assim ficámos sentados até de manhã.

O meu pai... O que era o meu pai? Lia o jornal e fumava. Era subcomandante político de uma esquadrilha de aviões. Mudávamo-nos de uma aldeia militar para outra, vivíamos em residências coletivas. Longas barracas de tijolo, iguais por toda a parte. Todas cheiravam a graxa para sapatos e a água-de-colónia barata *Chipre*. O meu pai também tinha sempre esse cheiro. Eu tinha oito anos, o meu irmão nove. O meu pai voltava do serviço. O cinturão rangia, rangiam as botas de couro. Nesse momento eu e o meu irmão queríamos tornar-nos invisíveis, desaparecer da vista dele! O papá ia buscar à prateleira a *História de Um Verdadeiro Homem* de Boris Polevoi, que em nossa casa era o « padrenosso ». « O que aconteceu a seguir? », começava ele a perguntar ao meu irmão. « O avião caiu. E Aleksei Meressiev rastejou... Ferido. Comeu um ouriço-cacheiro... caiu numa vala... » « Numa vala, que vala? » « Na cratera de uma bomba de cinco toneladas », sussurrei eu. « O quê? Isso foi ontem. » Estremecemos os dois com a voz de comando do papá. « Portanto, hoje não leram? » Na cena seguinte: corremos à volta da mesa, nós com as calças caídas, o papá com o cinto. (Pausa.) Fomos todos educados com o cinema, não é verdade? O mundo em imagens... Não foi com os livros, mas com os filmes que nós crescemos. E com a música... Os livros que o meu pai levava para casa ainda hoje me causam alergia. Sobe-me a temperatura, quando vejo na estante de alguém o livro *História de Um Verdadeiro Homem* ou *A Jovem Guarda*. Oh! O meu pai sonhava atirar-nos para debaixo de um tanque... Queria que nos tornássemos depressa adultos e pedíssemos para ir como voluntários para a guerra. Eram precisos heróis! Só na guerra se criam heróis, e se algum de nós ficasse sem pernas como Aleksei Meressiev, ele ficaria feliz. A sua vida não teria sido em vão... Tudo estaria excelente! Teria êxito na vida! E ele... acho que ele próprio executaria a sentença, com as suas mãos, se eu quebrasse o juramento, se tremesse no combate. Um Tarass Bulba! « Fui eu que te dei a vida, e sou eu que te mato. » O meu pai era possuído por uma ideia, não era um ser humano. Deve-se amar a Pátria sem reservas. Incondicionalmente! Ouvi isto durante toda a minha infância. A vida foi-nos dada apenas para defender a Pátria... Mas eu não conseguia de maneira nenhuma programar-me para a guerra, para a disposição canina de tapar com o meu corpo um buraco numa barragem e

atirar-me de bruços sobre uma mina. Não gostava da morte. Na Sacalina, durante o verão, há tantas joaninhas como areia. Eu esmagava-as, como todos. Até que uma vez me assustei. Porque tinha eu espalhado à minha volta tantos pequenos cadáveres vermelhos? A *Muska* teve gatinhos prematuros... Eu alimentava-os, cuidava deles. A mamã apareceu: «Então, estão mortos?» E eles morreram depois das palavras dela. Nada de choros! «Os homens não choram.» O papá ofereceu-nos bonés militares, e aos domingos fazia-nos ouvir discos com canções militares. Eu e o meu irmão ficávamos sentados a ouvir e pela face do papá deslizava uma «escassa lágrima viril». Quando estava bêbedo, contava-nos sempre uma mesma história: como os inimigos cercaram o «herói», e ele disparou até à última bala, e a última meteu-a no seu próprio coração... Neste ponto o meu pai caía sempre como no cinema e batia sempre com o pé no tamborete, que também caía. Isto era cómico. O meu pai ficava sóbrio e zangava-se: «Não há nada de cómico quando um herói morre.»

Eu não queria morrer... Em criança, é horrível pensar na morte... «Um homem deve estar pronto.» «O dever sagrado para com a Pátria»... «O quê? Tu não queres aprender a desmontar e voltar a montar uma *Kalashnikov*?» Para o meu pai isso não era possível. Uma vergonha! Oh! Que vontade que eu tinha de deitar os meus dentes de leite às botas do meu pai, morder e bater. Porque é que ele me bateu, com o traseiro nu, em frente de Vitka, a nossa vizinha?! E ainda por cima me chamava «menina»... Mas eu não nasci para a dança da morte. Tenho o pé curvado, clássico... queria dançar *ballet*. O meu pai servia uma grande ideia. Era como se todos eles tivessem sofrido uma trepanação, orgulhavam-se de viver sem ceroulas, mas com uma espingarda... (*Pausa.*) Nós crescemos... já crescemos há muito tempo... Pobre papá! Durante esse tempo a vida mudou de género... Onde dantes representavam a tragédia otimista, representam agora uma comédia e um filme de sucesso. Rasteja, rasteja, vai trincando as pinhas... Percebe de quem se trata? Aleksei Meressiev. O herói preferido do meu pai... «Na cave as crianças brincam à Gestapo / torturam barbaramente o canalizador Potapov...» Isto é tudo o que resta da ideia do papá... E o próprio papá? É um homem já velho, nada preparado para a velhice. Devia alegrar-se com cada momento, olhar o céu, as árvores. Ou jogar xadrez, ou colecionar selos... ou caixas de fósforos... Passa o tempo sentado em frente da televisão: as sessões do Parlamento, a esquerda, a direita, os comícios, as manifestações com bandeiras vermelhas. O papá está lá! É a favor dos comunistas. Reunimo-nos para jantar... «Nós vivemos uma grande época!», lança-me o primeiro ataque e fica à espera da resposta. O meu pai necessita da luta, de outro modo a vida perde o sentido. Só

nas barricadas e com a bandeira! Estávamos a ver televisão: um robô japonês retirava da areia minas enferrujadas... uma... depois outra... Triunfo da ciência e da técnica! Da razão humana! Na verdade, o papá lastima que aquela não seja uma técnica nossa. Mas de súbito... Inesperadamente, quase no fim da reportagem, diante dos nossos olhos o robô comete um erro e rebenta juntamente com a mina. Como se costuma dizer, se vires um sapador correr, corre atrás dele. O robô não tinha esse programa. O papá ficou perplexo: «Mandar assim ao ar tecnologia importada? O que se passa, não temos homens que cheguem?» Tem a sua própria atitude para com a morte. Viveu toda a vida a desempenhar qualquer tarefa do Partido e do Governo. Uma vida valia menos do que um pedaço de metal.

Na Sacalina... Morávamos perto de um cemitério. Eu ouvia música fúnebre quase todos os dias: caixão amarelo – morreu alguém na aldeia; se ia coberto com um pano vermelho – foi um piloto que morreu. Os caixões vermelhos eram mais numerosos. Depois de cada caixão vermelho o papá trazia para casa uma cassete de gravador... Vinham alguns pilotos... Em cima da mesa fumegavam cigarros mordidos, cintilavam os copos de vodca embaciados. A cassete girava: «Daqui é o avião tal... O motor parou...» «Passe ao segundo motor.» «Esse também falhou.» «Tente arrancar o motor esquerdo.» «Não liga...» «O direito...» «Também não...» «Ejete-se!» «O *cockpit* não abre... Puta da mãe! A-a-ah!... I-i-ih!...» Durante muito tempo imaginei a morte como uma queda de uma altitude inimaginável: A-a-ah!... I-i-ih!... Uma vez, um dos jovens pilotos perguntou-me: «O que é que tu, miúdo, sabes da morte?» Fiquei surpreendido. Parecia-me que o sabia desde sempre. Enterraram um rapazinho da nossa classe... acendeu uma fogueira e deitou para lá umas balas... Deu-se uma explosão! E ali estava no caixão como se estivesse a fingir; todos olhavam para ele, inacessível a toda a gente... Eu não conseguia desviar os olhos... como se sempre tivesse sabido, como se tivesse nascido com esse conhecimento. Talvez eu já tenha morrido alguma vez? Ou a mamã, quando eu ainda estava no ventre dela, estivesse à janela a ver passar os caixões para o cemitério: caixão vermelho, caixão amarelo... Sentia-me fascinado pela morte, durante o dia pensava nela dezenas de vezes. Pensava muitas vezes. A morte cheirava a pontas de cigarro, a anchovas meio comidas e a vodca. Não é necessariamente uma velha sem dentes com uma gadanha, mas talvez uma rapariga bonita? E eu hei de vê-la.

Aos dezoito anos... queremos tudo: mulheres, vinho, viagens... Enigmas, segredos. Eu imaginava para mim uma vida diferente. E nesse momento somos

apanhados... Fosca-se... Ainda hoje me apetece evaporar-me, desaparecer, para que não me encontrassem em parte nenhuma. Não deixar quaisquer rastros. Ia para qualquer lado, como guarda-florestal, como um sem-abrigo, sem eira nem beira. Tenho continuamente o mesmo sonho: convocam-me outra vez para o Exército, confundiram os documentos, e tenho de ir novamente para a tropa. Grito, resisto: « Eu já fiz a tropa, seus animais! Larguem-me!» Enlouqueço! Um sonho horrível... (Pausa.) Eu não queria ser rapaz... Não queria ser soldado, a guerra não me interessava. O papá dizia: « Deves, finalmente, tornar-te homem. Se não as raparigas pensam que és impotente. O Exército é a escola da vida.» Há que ir aprender a matar... Na minha imaginação, isso tinha o seguinte aspeto: rufar de tambores, filas de soldados, instrumentos muito bem-feitos para matar, o silvo do chumbo quente e... cabeças rebentadas, olhos vazados, extremidades decepadas... gritos e gemidos dos feridos... E gritos dos vencedores... daqueles que sabem matar melhor... Matar! Matar! Com uma flecha, com uma bala, um morteiro ou uma bomba nuclear, mas em todo o caso matar... matar outra pessoa... Eu não queria. E sabia que no Exército outros homens fariam de mim um homem. Ou matavam-me, ou eu matava alguém. O meu irmão partiu com a cabeça cheia de ideias cor-de-rosa, de romantismo, mas depois de cumprir o serviço voltou como um homem assustado. Todas as manhãs lhe davam pontapés na cara. Ele dormia na tarimba de baixo, os mais antigos dormiam nas tarimbas de cima. Um ano inteiro a levar com o calcanhar na cara! Depois disto, experimenta continuar a ser o mesmo que eras. E quando despem um homem até ficar todo nu, o que é que se pode inventar? Tudo... Por exemplo, chupar o próprio membro, e todos se rirão. Aquele que não se rir, também será obrigado a chupar... E limpar a latrina dos soldados com a escova de dentes ou com a lâmina de barbear? « Tem de ficar a brilhar como os tomates de um gato.» Fosca-se. Há o tipo de pessoas que não podem ser carne humana, e há outro tipo, os que estão dispostos a ser apenas carne. Panquecas humanas. Compreendi que tinha de mobilizar toda a minha raiva para sobreviver. Inscrevi-me na Secção Desportiva Hata-Ioga, Karaté. Aprendi a bater, na cara, entre as pernas. Como quebrar uma vértebra... Acendia um fósforo, punha-o na palma da mão e esperava que ele ardesse até ao fim. É claro que não suportava... Chorava. Lembro-me... lembro-me... (Pausa.) Andava um dragão pela floresta e encontrou um urso. « Urso », disse o dragão. « Tenho o jantar às oito horas. Vem a minha casa que eu como-te. » E segue o seu caminho. Vem uma raposa a correr. « Raposa », diz o dragão. « Tenho o pequeno-almoço às oito da manhã. Vem a minha casa que eu como-te. » E segue o seu caminho. Vem uma lebre

aos saltos. « Para, lebre », diz o dragão. « Tenho o almoço às duas horas. Vem, para eu te comer. » « Tenho uma pergunta », disse a lebre, levantando uma pata. « Diz lá. » « Posso não ir? » « Podes. Eu risco-te da lista. » Mas poucos são capazes de fazer esta pergunta... Aaaah!

Ao partir para o Exército... Em casa, durante dois dias tudo eram cozinhados, fritos e assados. Compraram duas caixas de vodka. Reuniram-se todos os parentes. O meu pai foi o primeiro a erguer o copo: « Não me envergonhes, meu filho! » E começou... Fosca-se! O refrão conhecido: « superar os testes » ... « suportar com honra » ... « dar provas de coragem » ... De manhã, em frente do comissariado militar, harmónica, canções e vodka em copinhos de plástico. Mas eu não bebo... « Estás doente, ou quê? » Antes de partir para a estação, inspeção às bagagens pessoais. Obrigaram-nos a retirar tudo dos sacos, tiraram-nos as facas, os garfos e a comida. Em casa tinham-nos dado algum dinheiro... Escondíamo-lo nas meias ou nas cuecas. Futuros defensores da Pátria... Meteram-nos em autocarros. As raparigas agitam as mãos, as mães choram. E lá vamos! Uma carruagem cheia de homens. Não me lembro de uma única cara. Raparam-nos o cabelo « à máquina zero », vestiram-nos umas roupas velhas esburacadas. Parecíamos presidiários. Vozes: « Quarenta comprimidos... Tentativa de suicídio... Dispensa do serviço. É preciso ser parvo para continuar inteligente... » « Bate-me! Anda! Bem posso ser um merdas, estou-me nas tintas. Em contrapartida, fico em casa a comer as miúdas, e tu vais com a espingarda brincar às guerras. » « Eh, rapazes, trocamos os ténis pelas botas e vamos defender a Pátria. » « Os que têm massa no bolso não vão para o Exército. » Viajámos três dias. Todo o caminho beberam. Mas eu não bebo... « Coradinho! O que vais tu fazer no Exército? » Roupa de cama eram as meias e o que tínhamos vestido. À noite descalçavam-se as botas... Fosca-se. Que cheiro! Cem homens descalçavam-se... Uns não mudavam de meias dois, outros três dias... Dava vontade de um homem se enforcar ou meter uma bala na cabeça. Íamos às casas de banho três vezes por dia, com os oficiais. Quem quisesse mais, tinha de aguentar. Casa de banho fechada. Nunca se sabe... acabados de sair de casa... Mesmo assim, durante a noite um conseguiu enforcar-se... Fosca-se!

O homem pode ser programado... Ele próprio o deseja. Um-dois! Um-dois! Passo certo! No Exército marcha-se e corre-se muito. Corre-se depressa e até muito longe. Se não consegues, rasteja! Centenas de homens jovens juntos? São animais! Uma alcateia de lobos novos! Na prisão e no Exército vive-se por uma mesma lei. Sem limites. Primeiro mandamento: nunca ajudar os fracos. Nos fracos, bate-se! Os fracos vão para o refugio... Segundo mandamento: não há

amigos, é cada um por si. À noite há alguns que grunhem, que coaxam, que chamam pela mamã, que se peidam... Mas a regra é a mesma para todos: «Deixas-te dominar ou dominas.» Tão simples como dois mais dois. E para que li eu tantos livros? Eu acreditava em Tchêkhov... Foi ele que escreveu que o homem deve espremer de si o escravo até à última gota, e tudo nele será excelente: a alma, e as roupas, e os pensamentos. Mas acontece ao contrário! Ao contrário! Por vezes o homem quer ser escravo, gosta disso. Espremem o homem do homem até à última gota. No primeiro dia, o sargento explica-te que és um cretino, que és uma besta. Uma ordem: «Deitar! Levantar!» Todos se levantaram, menos um. «Deitar! Levantar!» Continua deitado. O sargento ficou amarelo, depois violáceo: «Que estás a fazer?» «Vaidade das vaidades...» «O que é que te deu?» «O Senhor ensinou: “Não matarás, nem te encolerizarás...”» O sargento manda-o ao comandante do regimento, este manda-o ao representante do KGB. Abriram um processo: é um batista. Como foi ele parar ao Exército?! Isolaram-no de todos os outros, depois mandaram-no para qualquer parte. Era extremamente perigoso! Não queria brincar às guerras...

A formação do jovem recruta: marchar porque é bonito, aprender de cor o regulamento, desmontar e voltar a montar uma *Kalashnikov* de olhos fechados... debaixo de água... Deus não existe! O sargento é o deus, o czar e o chefe militar. O sargento Valerian: «Até os peixes podem ser treinados. Perceberam?» «A canção na formatura deve ser berrada de maneira a fazer tremer até os músculos do cu.» «Quanto mais vocês se enterrarem no chão, menos vos matarão.» Um folclore! Pesadelo número um: as botas de couro artificial... Só há pouco tempo mudaram o calçado do Exército russo – deram-lhes sapatos. Eu ainda fiz a tropa de botas. Para que o couro artificial brilhasse era preciso untá-lo com graxa e esfregar com um trapo de lã. A corrida de corta-mato eram dez quilómetros com as botas de couro artificial. Com um calor de trinta graus. Um inferno! Pesadelo número dois: as meias... Eram de dois tipos: as de inverno e as de verão. O Exército russo foi o último a renunciar a este tipo de meias... no século XXI... Por causa delas fiquei muitas vezes com os pés em sangue. Enrolam-se a partir da ponta do pé, obrigatoriamente para o exterior e não para o interior. Estamos na formatura. «Soldado... porque é que coxeia? Não há botas apertadas, o que há é pés errados.» Toda a gente fala numa linguagem ordinária, com palavrões, não para insultar, mas falam todos assim. Desde o coronel ao soldado. Não ouvi outra maneira de falar.

Cartilha de recruta: o soldado é um animal capaz de fazer tudo... O Exército

é uma prisão cuja pena é cumprida segundo a Constituição... Mamã, tenho medo! O jovem soldado é um « novato », um « animal », um « verme ». « Eh, animal, vai-me buscar chá. » « Eh... engraxa-me as botas... » Eh! Eh! « Ah, tu, bardamerda, és orgulhoso. » E começam as repressões... De noite, quatro seguram-nos, e dois espancam-nos... Têm uma técnica elaborada para bater sem deixar nódoas negras. Sem marcas. Por exemplo, com uma toalha molhada... com colheres... Uma vez apanhei tantas que durante dois dias não consegui falar. No hospital, o único remédio para todos os males é o mercurocromo. Quando se fartam de bater, « barbeiam » com uma toalha seca ou com um isqueiro, e se também já estão fartos disto, fazem-nos comer merda, lixo. « Com as mãos! Pega com as mãos! » Animais! Podem obrigar a correr ou a dançar nu na caserna... O jovem soldado não tem quaisquer direitos... O papá: « O Exército soviético é o melhor do mundo... »

E... chega um momento... em que surge uma pequena ideia, uma ideiazinha vil: eu lavo-lhes as cuecas, as meias, depois serei eu o animal, e outros me lavarão as cuecas. Em casa eu pensava que era muito branquinho e limpinho. Ninguém me poderia quebrar nem matar o meu pequeno « eu ». Isso foi « antes » ... (Pausa.) Andava sempre com fome, em especial de coisas doces. No Exército todos roubam, em vez dos setenta gramas devidos, o soldado recebe trinta. Uma vez estivemos uma semana inteira sem sêmola, porque alguém na estação roubou um vagão de cereais. Eu sonhava com panificações... queques com passas de uva... Tornei-me um mestre a descascar batatas. Um virtuoso! Sou capaz de descascar três baldes de batatas numa hora. Aos soldados não se fornecem batatas de tamanho padrão, como na quinta. Estamos sentados no meio de cascas... Porcaria! Entra o sargento na cozinha, fardado, e diz ao soldado: « Tens três baldes de batatas para descascar! » O soldado: « Já voamos para o cosmos há tanto tempo, e ainda não inventámos uma máquina de descascar batatas! » O sargento: « No Exército, soldado... temos tudo. Até uma máquina de descascar batatas... que és tu. Do último modelo. » O refeitório dos soldados é um campo de prodígios... Durante dois anos: papas de cereais, couve fermentada e macarrão, sopa de carne mantida nos depósitos militares para o caso de guerra. Quando tempo ali estive? Cinco ou dez anos... Tudo temperado com uma mistura gordurosa de grandes latas de cinco litros, cor de laranja. No Ano Novo misturavam ao macarrão leite condensado... um mimo! O sargento Valerian: « Os biscoitos, podem comê-los em casa e oferecê-los às vossas putas... » Pelo regulamento, o soldado não tem direito nem a garfo, nem a colher de chá. Uma colher, mais nada. De casa mandaram a alguém umas colheres de

chá. Fosca-se! Com que prazer nos sentávamos a mexer o chá nos copos. Supremo prazer civil! Tratado como um porco, e de repente tens uma colher de chá na mão. Fosca-se! Tenho algures um lar... Entrou o capitão de serviço... Viu: «O quê? O que vem a ser isto? Quem vos autorizou? Desfaçam-se imediatamente dessa porcaria!» Quais colherinhas! O soldado não é uma pessoa. E aquele objeto... um instrumento... uma arma mortífera... *(Pausa.)* Passagem à peluda. Éramos vinte... Levaram-nos num camião à estação ferroviária e descarregaram-nos: «Bem, adeus! Adeus, rapazes! Boa sorte na vida civil.» Ficámos ali parados. Passou-se meia hora, e nós parados. Passou-se uma hora... Parados! Olhamos em volta. Esperamos uma ordem. Alguém devia dar-nos uma voz de comando: «Depressa! À bilheteira levantar os bilhetes!» A ordem não vinha. Não me lembro quanto tempo passou até que nós compreendêssemos que não haveria ordem nenhuma. Tínhamos de decidir nós mesmos. Fosca-se! Em dois anos amoleceram-nos o cérebro...

Quis suicidar-me umas cinco vezes... Mas como? Enforcar-me? Fica-se pendurado, cheio de merda, com a língua de fora... Ninguém no-la voltará a empurrar para a boca... Como aquele rapaz no comboio, quando nos levavam para o regimento. E os nossos vão-nos injuriar... Saltar da torre de vigia, fica carne picada! Pegar na espingarda e meter uma bala na cabeça... Rebenta como uma melancia. Em todo o caso tenho pena da minha mãe. O comandante pediu: «Só não se suicidem a tiro. É mais fácil dar baixa dos homens que das balas.» A vida do soldado é mais barata que uma arma de serviço. Uma carta de uma rapariga significa muito na tropa. As mãos tremem-nos. Não se pode conservar as cartas. As mesas de cabeceira são revistadas: «As vossas mulheres serão nossas. E vocês ainda têm que servir, como uma chaleira de cobre. Levem os vossos papeluchos para a retrete.» Tínhamos direito a uma navalha de barba, uma caneta e um bloco de notas. Sentados na sanita, lemos a carta pela última vez: «Amo-te... Beijos...» Éramos defensores da Pátria! Uma carta do meu pai: «Há guerra na Chechénia... Tu compreendes-me!» O papá esperava em casa um herói... Mas no nosso regimento havia um cabo que tinha estado no Afeganistão como voluntário. A guerra tivera fortíssimas consequências na cabeça dele. Não contava nada, só nos chateava com anedotas «afegãs». Fosca-se! Todos se riam às gargalhadas. Um soldado carrega às costas o seu amigo gravemente ferido, a esvaír-se em sangue. A morrer. Pede-lhe: «Mata-me! Já não posso mais!» «Não tenho balas. Acabaram-se.» «Compra.» «Onde é que eu as vou comprar? Só há montanhas à volta, não há ninguém.» «Compra-mas a mim.» *(Ri-se.)* «Camarada oficial, porque é que pediu para vir para o

Afeganistão?» « Quero ser major.» « E general?» « Não, general não serei, o general tem um filho.» *(Pausa.)* Para a Chechênia ninguém se ofereceu. Não me lembro de nenhum voluntário... O meu pai visitava-me nos meus sonhos: « Fizeste um juramento?» Estava por baixo de uma bandeira vermelha: « Juro solenemente observar... cumprir rigorosamente... defender corajosamente... E, se infringir este juramento solene, que me apliquem um castigo severo... o ódio e o desprezo geral... » No sonho eu fugia para qualquer parte e ele fazia pontaria contra mim... visava-me...

Estamos no posto de guarda com uma arma nas mãos. E com um único pensamento: « Daqui por um segundo ou dois, estou livre. » Não se vê ninguém. « Já não me apanham, seus filhos da mãe! » Ninguém... ninguém! Para encontrar a razão, é preciso começar no tempo em que a mamã queria uma menina, e o papá, como sempre, queria um aborto. O sargento disse que tu és um saco de merda... um buraco no espaço... *(Pausa.)* Os oficiais eram de vários tipos: um deles, um intelectual que bebia bastante, falava inglês, mas no geral eram todos uns bêbedos. Embebedavam-se até à alucinação... Eram capazes de fazer levantar toda a caserna à noite e obrigar os soldados a correr pela parada até caírem de cansaço. Aos oficiais, chamávamos-lhes chacaís. Um chagal mau... um chagal bom... *(Pausa.)* Quem é que vai agora contar que dez homens violentavam um...? *(Um riso escarninho.)* Isto não é brincadeira, nem é literatura... *(Pausa.)* Levavam-nos num camião basculante, como gado, à datcha do comandante. Carregávamos lajes de betão... *(Um riso escarninho.)* Tambor! Toca o hino da União Soviética!

Eu nunca quis ser um herói. Detesto os heróis! Um herói deve matar muito... ou ter uma morte bonita... Deves matar o inimigo a todo o custo: primeiro usas a panóplia de armas e, quando já não há balas nem granadas, agarra uma faca, a baioneta, a coroa, uma pá de sapador. Rasga-o nem que seja com os dentes. O sargento Valerian: « Aprende a trabalhar com uma faca. A mão é uma coisa muito boa, é melhor não cortá-la, mas perfurá-la... Com uma torção... Assim... assim... Controla a mão, passa-lha para trás... não te distraias com movimentos complicados... Excelente! Excelente! Agora tira a faca ao inimigo... Isso... isso... Já o mataste. Bravo! Mataste-o! Grita: “Morre, cão!” Porque é que estás calado?» *(Interrompe-se.)* Estão sempre a martelar: uma arma é um objeto bonito... disparar é coisa verdadeiramente de homem... Ensinavam-nos a matar em animais, traziam-nos especialmente cães e gatos vadios para que depois não nos tremesse a mão à vista do sangue humano. Carniceiros! Eu não suportava... à noite chorava... *(Pausa.)* Na infância brincávamos aos samurais. Um samurai

devia morrer à japonesa, não tinha o direito de cair com a cara no chão, nem de gritar. Eu gritava sempre... Os outros rapazes não gostavam de brincar comigo... (Pausa.) O sargento Valerian: «Lembrem-se... a espingarda automática funciona assim: um, dois, três... e já não existes...» E vão lá todos vocês... Um, dois...

A morte é parecida com o amor. No último instante, é a escuridão... umas convulsões horríveis e feias... Da morte não se pode voltar, mas do amor voltamos. E podemos recordar como foi... Já alguma vez esteve a afogar-se? Eu estive... Quanto mais resistimos, menos forças temos. Devemos resignar-nos e ir até ao fundo. E então... Se queremos viver, atravessamos a abóbada da água e voltamos à superfície. Mas primeiro devemos ir ao fundo.

E lá? Lá não há nenhuma luz ao fundo do túnel... E não vi anjos nenhuns. Só o meu pai sentado junto a um caixão vermelho. O caixão estava vazio.

Alguns anos depois voltei à cidade de N. (não digo o nome da cidade a pedido do meu herói). Falámos pelo telefone e encontrámo-nos. Ele estava apaixonado, estava feliz e falava de amor. Nem me lembrei logo de ligar o gravador para não perder aquele momento de transformação da vida, da simples vida, em literatura, de que ando sempre à espreita e escuto em todas as conversas, privadas ou públicas, mas por vezes perco a vigilância, e o «trecho de literatura» pode surgir em qualquer parte, até no lugar mais inesperado. Como desta vez. Queríamos sentar-nos um pouco e beber um café, mas a vida propôs um desenvolvimento inesperado. Aqui está aquilo que consegui registar...

SABEMOS MUITO POUCO SOBRE O AMOR

Encontrei o amor... e compreendo-o... Até então pensava que o amor eram dois parvos com um acesso de febre. Que era simplesmente um delírio... Sabemos muito pouco sobre o amor. E se esticar este fio... A guerra e o amor é como se saíssem da mesma fogueira, ou seja, é o mesmo tecido, o mesmo pano. Um homem com uma arma ou aquele que trepou ao Elbrus, que lutou até à vitória, construiu o paraíso socialista – é tudo a mesma história, o mesmo magneto e a mesma eletricidade. Compreende? É qualquer coisa que o homem não pode conseguir, que não pode comprar ou ganhar na lotaria... Mas o homem sabe que essa qualquer coisa existe, e quer-a... E não sabe como procurar. Nem onde. É quase um nascimento... Começa com um choque... (Pausa.) Mas talvez

não seja necessário decifrar mistérios? Isso não a assusta?

Primeiro dia...

Fui a casa de um conhecido meu, ele tinha lá um grupo de gente; estava a despir o sobretudo à entrada e tive de deixar passar alguém que ia para a cozinha. Voltei-me: ela! Tive como que um breve curto-circuito, como se tivessem desligado a luz em toda a casa. E pronto, é tudo. Habitualmente não me faltam as palavras, mas ali limitei-me a sentar-me e a ficar sentado, nem sequer a via, ou seja, não é que não olhasse para ela, mas durante muito tempo olhava através dela, como nos filmes de Tarkovski: despejam água de um jarro, a água cai ao lado da chávena e depois, devagar, gira ao mesmo tempo que a taça. Demora mais tempo a contar do que a acontecer. Um relâmpago! Naquele dia fiquei a saber qualquer coisa que fez com que tudo o resto deixasse de ter importância, e nem procurei saber porquê... E para quê? Aconteceu, e pronto. E muito sólido. Estava acompanhada do namorado, percebi que o casamento seria para breve, mas a mim tanto se me dava. Voltei para casa e já não ia sozinho, ia com ela, ela já se tinha instalado no meu íntimo. O amor começa... De repente tudo tem outra cor, há mais vozes, mais sons... Não há qualquer possibilidade de compreender isto... (*Pausa.*) Conto-lhe as coisas de maneira aproximada...

Na manhã seguinte acordei a pensar que precisava de a encontrar. Não sabia o nome dela, nem a morada, nem o telefone, mas já havia acontecido, já qualquer coisa de fundamental na vida se tinha passado comigo. Uma pessoa que chega. Era como se me tivesse esquecido de alguma coisa... e de repente me lembrasse... Compreende o que quero dizer? Não? Não podemos extrair daqui nenhuma fórmula... será tudo sintético... Estamos habituados à ideia de que o futuro nos está oculto, e aquilo que já aconteceu pode-se explicar. Aconteceu ou não aconteceu... para mim é uma questão... Talvez não tivesse acontecido nada? Apenas um filme que correu e se acabou... Conheço alguns momentos assim na minha vida, que parece não terem acontecido. Mas aconteceram. Por exemplo, estive apaixonado algumas vezes... pensei que estava apaixonado... Ficaram muitas fotografias. Mas tudo desapareceu da memória, apagou-se. Há coisas que não se apagam, que devemos guardar connosco. Mas o resto... Uma pessoa pode recordar-se de tudo o que lhe aconteceu?

Segundo dia...

Comprei uma rosa. Praticamente não tinha dinheiro, mas fui ao mercado e comprei a maior rosa que lá encontrei. E também... Como explicar? Aproximou-se de mim uma cigana: «Deixa, meu querido, que te leia a sina. Vejo nos teus olhos...» Fugi. Porquê? Eu próprio já sabia que o mistério estava

atrás da porta. O mistério, o segredo, o véu... Da primeira vez enganei-me no apartamento. Veio abrir um homem com uma camisola a cair dos ombros e já um pouco bebido, viu-me com a rosa e ficou pasmado. «Bolas!» Subi ao andar de cima... Uma velha um pouco bizarra, com um gorro de malha, espreitou por cima da corrente: «Lena, é para ti.» Mais tarde tocava para nós ao piano, falava-nos de teatro. Era uma velha atriz. Em casa havia um grande gato preto, um tirano doméstico, que por qualquer razão antipatizou logo comigo, e eu procurava agradar-lhe... Um grande gato preto... No decurso de um mistério, parece que nós estamos ausentes. Está a perceber o que eu digo? Não é preciso ser cosmonauta, oligarca ou herói, podemos ser felizes, sentir tudo num vulgar apartamento de duas assoalhadas, de cinquenta e oito metros quadrados, com a sanita na casa de banho, entre velhos móveis soviéticos. Meia-noite, duas da madrugada... Eu tinha de sair, mas não compreendia por que motivo devia ir-me embora daquela casa. Na verdade parecia mais uma recordação... procuro as palavras... Como se recordasse, como se durante muito tempo não tivesse compreendido, e de repente recordava. Liguei-me. Qualquer coisa deste género... imagino que seja isto o que sente um homem que durante muitos anos esteve encerrado numa cela. O mundo revela-se-lhe com uma infinidade de pormenores. De contornos. Ou seja, um mistério pode ser tocado como uma coisa material, como uma jarra, por exemplo; para se compreender alguma coisa é preciso que seja doloroso. E como compreender, se não doer? É preciso que seja doloroso, doloroso....

... A primeira vez que me explicaram alguma coisa sobre a mulher tinha eu sete anos. Os amigos que mo explicaram tinham a mesma idade. Lembro-me da alegria deles, por saberem coisas que eu não sabia, «e agora vamos-te explicar». E começaram a fazer desenhos na areia com pauzinhos...

... Aos dezassete anos senti que a mulher era qualquer coisa de diferente, não através dos livros, mas através da pele; senti perto de mim algo infinitamente diferente, uma diferença enorme, e fiquei perturbado com essa diferença. Havia qualquer coisa escondida ali, no interior, naquele recipiente que era a mulher, inacessível para mim...

... Imagine uma caserna de soldados... Um domingo. Sem quaisquer ocupações. Duzentos matulões com a respiração suspensa, sentados a ver a ginástica aeróbica: no ecrã, raparigas com roupas muito justas... Os homens estão sentados como as estátuas da ilha de Páscoa. Se o televisor se avariasse, podiam matar o culpado. Compreende? Tudo isto é sobre o amor...

Terceiro dia...

Levantas-te de manhã, e não é preciso ir a correr para lado nenhum, recordas-te de que ela existe, de que a encontraste. A tristeza abandona-te... Já não estás sozinho... De repente descobres o teu corpo... as mãos, os lábios... descobres para lá da janela o céu e as árvores, tudo muito perto, muito perto, tudo de repente se aproximou de ti. Isto só acontece nos sonhos... *(Pausa.)* Por um anúncio num jornal da tarde encontrámos um apartamento inconcebível num bairro inconcebível. Nas novas construções na periferia da cidade. Aos fins de semana há homens no pátio de manhã à noite, a gritar palavrões, a jogar ao dominó ou às cartas por uma garrafa de vodka. Ao fim de um ano nasceu-nos uma filha... *(Pausa.)* Agora falo-lhe da morte... Ontem toda a cidade enterrou um dos meus colegas de classe – tenente da Polícia... O caixão foi trazido da Chechénia e nem sequer o abriram, não o mostraram à mãe. O que é que trouxeram ali? Um salva de tiros e tudo isso. Glória aos heróis! Eu estive lá. E o meu pai esteve comigo... Os olhos do meu pai brilhavam... Compreende o que estou a dizer? O homem não está preparado para a felicidade, está preparado para a guerra, para o frio e para o granizo. Nunca encontrei pessoas felizes, ninguém, além da minha filha de três meses... Os Russos não se preparam para a felicidade. *(Pausa.)* Todas as pessoas normais levam os filhos para o estrangeiro. Muitos dos meus amigos foram-se embora... telefonam-me de Israel, do Canadá... Dantes nunca pensei em partir. Partir... partir... Esse pensamento surgiu-me quando a minha filha nasceu. Quero defender aqueles que amo. O meu pai não me perdoa isso. Eu sei.

CONVERSA DE RUSSOS EM CHICAGO

Voltámos a encontrar-nos uma vez mais, em Chicago. A família já se adaptou um pouco ao novo lugar. Juntou-se um grupo de russos. Mesa russa e conversa russa, em que se volta às eternas questões russas. A «Que fazer?» e «Quem tem a culpa?» acrescentou-se outra questão: «Partir ou não partir?»

– Parti porque fiquei com medo... No nosso país, qualquer revolução termina com todos a roubarem-se uns aos outros à socapa e a dar no focinho dos judeus. Em Moscovo decorria uma autêntica guerra, todos os dias matavam alguém, à noite não se podia sair à rua sem um cão de combate. Arranjei de propósito um *bull terrier*...

– Assim que Gorbatchov abriu a jaula, nós pusemo-nos a andar. O que deixei

lá? Um apartamento merdoso de duas assoalhadas. Mais vale ser mulher de limpeza com um bom salário do que médica com um salário de sem-abrigo. Todos crescemos na URSS; na escola recolhíamos ferro-velho e gostávamos da canção *O Dia da Vitória*. Fomos educados com belos contos acerca da justiça, com os desenhos animados soviéticos, em que tudo está definido com nitidez: aqui está o bem, ali está o mal. Um mundo justo. O meu avô morreu em Estalinegrado pela Pátria soviética, pelo comunismo. E eu queria viver num país normal. Ter em casa cortinas, e almofadas, que o marido chegasse a casa e vestisse o roupão. A alma russa está pouco desenvolvida em mim, não sou muito disso. Partii para os Estados Unidos. Como morangos no inverno, há salame aos montes e não representa nenhum símbolo...

– Nos anos noventa tudo era fabuloso e alegre... Olhávamos pela janela, havia uma manifestação em cada esquina. Mas depressa se acabaram as fábulas e as alegrias. Queriam um mercado livre, aí o têm! Eu e o meu marido somos engenheiros, metade do nosso país eram engenheiros. Não fizeram cerimónias connosco: « Vai tudo para o monturo.» Mas fomos nós que fizemos a *perestroika*, que enterrámos o comunismo. E ninguém queria saber de nós. É melhor nem lembrar... A minha pequenina pedia comida, e não tínhamos nada em casa. Por toda a cidade havia anúncios afixados: compro... vendo... « Compro um quilo de comida» – não de carne, nem de peixe, mas de qualquer comida. Ficávamos contentes com um quilo de batatas, no mercado vendiam bagaço, como no tempo da guerra. Dispararam sobre o marido de uma vizinha, um parlamentar. Ficou ali durante meio dia, coberto com jornais, numa poça de sangue. Ligávamos o televisor: ali mataram um banqueiro, acolá um homem de negócios... No fim, um qualquer bando de ladrões levou a melhor sobre os outros. Não tarda, o povo avançará contra a Rubliovka⁵⁰. Com machados nas mãos...

– Não irão saquear a Rubliovka, mas atacar as caixas de cartão nos mercados onde vivem os trabalhadores imigrantes. Começarão a matar os tajiques, os moldavos...

– Eu quero que vão todos para o c...! Que rebentem todos. Vou viver para mim...

– Decidi partir quando Gorbatchov regressou de Foros e disse que não renunciaríamos ao socialismo. Nesse caso, não contem comigo! Não quero viver no socialismo! Era uma vida enfadonha. Desde criança já sabíamos que íamos ser outubristas, pioneiros, membros do Komsomol. Primeiro ordenado sessenta rublos, depois oitenta, e para o fim da vida, cento e vinte... (*Ri-se.*) Na escola, a

diretora de turma ameaçava: «Se vocês ouvirem a Rádio Liberdade, nunca serão membros do Komsomol. E se os nossos inimigos souberem disso?» O mais ridículo é que também ela vive agora em Israel...

– Em tempos também eu ardia por um ideal, não era uma simples pequeno-burguesa. Acumulam-se as lágrimas... O GKTP! Os tanques no centro de Moscovo era uma coisa assustadora. Os meus pais vieram da datcha para comprar algumas provisões, para o caso de uma guerra civil. Aquele bando! Aquela Junta! Eles pensavam que bastava pôr os tanques na rua e já não era preciso fazer mais nada. Que as pessoas só queriam uma coisa – que houvesse comida, e aceitariam tudo. O povo saiu à rua... o país acordou... Foi apenas um momento, um segundo... Um germe qualquer... (*Ri-se.*) A minha mãe é uma pessoa frívola, que não raciocina sobre coisa nenhuma. Absolutamente distante da política, funciona segundo o princípio: a vida passa, é preciso apanhar agora tudo o que se puder. É uma mulher nova e bonita. Até ela foi para diante da Casa Branca, de guarda-chuva em riste...

– Ah! Ah! Ah!... Em vez da liberdade deram-nos vales de privatização. Dividiram assim o grande país: o petróleo, o gás... Não sei como dizer... A um deram o biscoito, a outros o buraco do biscoito. Os vales deviam ser convertidos em ações de empresas, mas poucos sabiam como fazer. No socialismo não nos ensinaram a ganhar dinheiro. O meu pai trouxe para casa uns prospectos publicitários: «Imobiliária de Moscovo», «Petróleo-Almaz-Invest», «Níquel de Norilsk» ... Discutiu com a minha mãe na cozinha, e acabaram por vender tudo a um tipo qualquer no metro. Compraram-me um blusão de cabedal à última moda. Foi o que daí resultou. Foi com esse blusão que cheguei à América...

– Nós ainda os temos em casa. Daqui por trinta anos vendemo-los a um museu qualquer...

– Vocês nem imaginam como odeio aquele país... Odeio o desfile da Vitória! Fazem-me náuseas aqueles prédios cinzentos de painéis pré-fabricados, com as suas varandas cheias de boiões de tomates e pepinos de conserva... e os móveis velhos...

– Começou a guerra na Chechénia... Dentro de um ano o meu filho tinha de ir para o Exército. Os mineiros famintos chegaram a Moscovo e batiam com os capacetes no chão, na Praça Vermelha. Ao lado do Kremlin. Não se conseguia perceber para onde resvalaria tudo aquilo. Há pessoas notáveis, pessoas de grande valor, mas não se consegue viver. Partimos pelos filhos, servimos de pista de descolagem para eles. Mas eles cresceram e agora estão horrivelmente longe de nós...

– A-a-ah!... Como é que se diz isto em russo? Esqueço-me... A emigração é uma coisa normal, agora os Russos já podem viver onde quiserem, onde lhes interessa. Uns vão de Irkutsk para Moscovo, outros de Moscovo vão para Londres. Todo o mundo se transformou num caravançarai...

– Um verdadeiro patriota só pode desejar à Rússia a ocupação. Que alguém a ocupasse...

– Trabalhei algum tempo no estrangeiro e voltei para Moscovo... Lutavam em mim dois sentimentos: queria viver num mundo conhecido, em que pudesse, como no meu apartamento, encontrar qualquer livro na prateleira, mesmo de olhos fechados, e ao mesmo tempo tinha o desejo de voar para um mundo infinito. Vou ou fico? Não havia maneira de me decidir. Isto foi em 1995... Como agora me lembro, ia eu pela Rua Gorki e à minha frente duas mulheres falavam em voz muito alta... e eu não percebia o que elas diziam... Mas elas falavam russo. Fiquei parva! Assim... um pasmo... Umas palavras novas, e principalmente a entoação. Muito dialeto do Sul. E uma expressão diferente nos rostos... Estive ausente apenas alguns anos, e já era como uma estrangeira. O tempo passava muito depressa. Voava. Moscovo estava suja, qual brilho da capital! Havia montes de lixo por toda a parte. O lixo da liberdade: latas de cerveja, embalagens de cores vivas, cascas de laranja... Toda a gente a comer bananas. Agora já não é assim. Fartaram-se. Compreendi que a cidade que eu dantes tanto amava, e onde me sentia bem e confortável, essa cidade já não existia. Os verdadeiros moscovitas, horrorizados, ficavam em casa ou iam-se embora. A velha Moscovo desaparecera. Chegara uma nova população. Deu-me vontade de fazer logo as malas e fugir. Nem mesmo nos dias do golpe de agosto senti tanto horror. Nessa altura eu andava num arrebatamento! Eu e uma amiga minha, no velho *Jiguli*, transportávamos para a Casa Branca panfletos, imprimíamos-os no nosso instituto, onde tínhamos uma fotocopiadora. Andávamos para lá e para cá ao lado dos tanques e lembro-me de ficar surpreendida ao ver remendos na blindagem. Remendos quadrados, fixados com parafusos... Todos aqueles anos em que estive ausente, os meus amigos viveram-nos numa completa euforia: a revolução realizara-se! O comunismo caiu! Todos estavam confiantes em que tudo se comporia, porque na Rússia havia muitas pessoas instruídas. Era um país rico. Mas o México também é um país rico... Não se compra a democracia com petróleo e gás, nem se pode importar, como as bananas ou os chocolates suíços. Nem se proclama por um decreto do Presidente... São necessárias pessoas livres, e não as havia. E continua a não haver. Na Europa há duzentos anos que cuidam da democracia como quem cuida

da relva. Em casa, a minha mãe chorava: « Tu dizes que Estaline era mau, mas com ele nós vencemos. E tu queres trair a Pátria.» Um velho amigo meu veio visitar-nos. Bebemos chá na cozinha: « O que vai acontecer? Nada de bom acontecerá, enquanto não fuzilarmos todos os comunas.» Mais sangue? Alguns dias depois entreguei os documentos para sair do país...

– Divorciei-me do meu marido... Reclamei uma pensão de alimentos, mas ele não pagava. A minha filha entrou para o Instituto Comercial, o dinheiro não chegava. Uma amiga minha conhecia um americano que estava a iniciar o seu negócio na Rússia. Precisava de uma secretária, mas não queria uma modelo com pernas até ao pescoço, queria uma pessoa em quem confiar. A minha amiga recomendou-me. Ele interessava-se muito pela nossa vida, havia muita coisa que não compreendia. « Porque é que todos os vossos homens de negócios usam sapatos de verniz? » « E o que significa “untar as mãos”? » Perguntas deste género. Mas ele tinha grandes planos: a Rússia é um mercado imenso! Arruinaram-no de uma maneira banal. Por um meio simples. Para ele, a palavra tinha um grande significado – diziam-lhe uma coisa, ele acreditava. Perdeu muito dinheiro e decidiu voltar para casa. Antes de partir convidou-me para um restaurante; pensei que estávamos a despedir-nos, e pronto. Mas ele ergueu a taça: « Vamos beber, sabes a quê? Aqui não ganhei dinheiro, mas encontrei uma boa esposa russa. » Há já sete anos que estamos juntos...

– Dantes vivíamos em Brooklyn... Há lojas russas por todo o lado e ouve-se falar russo. Na América pode-se dar à luz com uma parteira russa, estudar numa escola russa, trabalhar para um patrão russo, ir à confissão a um sacerdote russo... Nas lojas há salame *Elsin*, *Estaline*, *Mikoian*... e toucinho enrolado em chocolate... Há velhos sentados nos bancos a jogar ao dominó e às cartas. Têm discussões intermináveis sobre Gorbatchov e Eltsin. Há estalinistas e anti-estalinistas. Passamos perto de um banco e ouvimos: « Estaline é preciso? » « Sim, é preciso. » Mas eu em pequenina já sabia tudo sobre Estaline. Tinha cinco anos... Eu e a minha mãe estávamos na paragem do autocarro, segundo agora entendo, perto do edifício do KGB. Eu ora fazia uma birra, ora chorava muito alto. « Não chores », pedia a mamã, « se não os homens maus ouvem-te, aqueles que levaram o avô e muitas outras pessoas boas. » E começou a falar-me do meu avô... A mamã precisava de falar com alguém... Quando Estaline morreu, no jardim infantil mandaram-nos a todos sentar e chorar. Só eu não chorei. O meu avô voltou do campo de trabalhos e ajoelhou-se em frente da minha avó, que tinha passado todo o tempo a procurar soltá-lo...

– Agora na América apareceram muitos jovens russos que usam camisolas

com o retrato de Estaline. Desenham a foice e o martelo nas capotas dos seus carros. Odeiam os negros...

– Nós somos de Kharkov... De lá, a América parecia-nos o paraíso. O país da felicidade. A minha primeira impressão quando chegámos foi a de que nós construíamos o comunismo, mas os Americanos já o tinham construído. Uma rapariga nossa conhecida levou-nos aos saldos – eu e o meu marido só tínhamos um par de calças de ganga cada um, era preciso comprar roupa. Vejo uma saia a três dólares, calças de ganga a cinco... Uns preços irrisórios! O cheiro das pizzas... do bom café... À noite, abrimos uma garrafa de *Martini* e fumámos *Marlboro*. Realizou-se o sonho! Mas tivemos de começar tudo a partir do zero, aos quarenta anos. Aqui descemos de repente dois ou três degraus, uma pessoa tem de se esquecer de que é encenador ou atriz, ou que concluiu a Universidade de Moscovo... A princípio empreguei-me como auxiliar num hospital; despejava os bacias, lavava o chão. Não aguentei. Depois andei a passear os cães de dois velhotes. Trabalhei como caixa num supermercado... Chegou o Nove de Maio, a minha festa preferida. O meu pai chegou até Berlim. Falei disso à caixeira chefe, que me disse: «Nós vencemos, mas vocês, os Russos, também estiveram bem. Ajudaram-nos.» É isso que lhes ensinam nas escolas. Por pouco não caí da cadeira abaixo! O que é que eles sabem da Rússia? Que os Russos bebem vodka por copos grandes e que têm muita neve...

– Fomos à procura de salame, mas o salame não é tão barato como pensávamos...

– A Rússia está a perder os cérebros e a receber braços... Trabalhadores imigrados... A minha mãe escreve-me que o porteiro do prédio é um tadjique que já trouxe toda a família para Moscovo. Agora trabalham todos para ele, que é o patrão. Comanda. A mulher anda constantemente grávida. Nas suas festas matam um carneiro mesmo no pátio, diante das janelas dos moscovitas. E grelham ali as suas espetadas.

– Eu sou uma pessoa racional. Todos esses sentimentalismos acerca da língua dos avós é só emocional. Proibi a mim mesmo ler livros russos, ver a Internet russa. Quero extirpar de mim tudo o que é russo. Deixar de ser russo...

– O meu marido tinha muita vontade de partir... Trouxemos connosco dez caixas com livros russos, para que os filhos não esqueçam a língua materna. Na alfândega, em Moscovo, abriram as caixas todas à procura de livros antigos, mas nós só tínhamos Púchkin, Gógol... Os funcionários da alfândega riram-se muito... Ainda hoje ligo a rádio Maiake oiço canções russas...

– Rússia, minha Rússia... Petersburgo adorada! Quero tanto voltar! Vou

começar a chorar... Viva o comunismo! Para casa! Até as batatas aqui têm um sabor que é uma porcaria. E o chocolate russo é simplesmente delicioso!

– E continua a gostar das senhas de racionamento para comprar cuecas? Eu lembro-me das aulas e exames de comunismo científico...

– As bétulas russas... as bétulas, depois...

– O filho da minha irmã fala inglês muito bem. Trabalha em computadores. Viveu um ano na América e voltou para casa. Diz que na Rússia a vida é agora mais interessante...

– Eu também digo... Muitos também já lá vivem bem: emprego, casa, carro, têm tudo. Mas mesmo assim têm medo e querem partir. Podem confiscar-lhes o negócio, metê-los na prisão sem qualquer motivo... estropiá-los à noite à entrada de casa... Ninguém vive segundo a lei. Nem os de cima, nem os de baixo...

– A Rússia com Abrámovitch e Deripaska... Com Lujkov... Mas isso é a Rússia? Aquele navio vai ao fundo...

– Rapaziada, deve-se viver em Goa... E ganhar dinheiro na Rússia...

Saio para a varanda. Aqui fuma-se e continua-se com a mesma conversa: são os espertos ou são os parvos que hoje abandonam a Rússia? A princípio não percebi, quando à mesa alguém começou a cantar As Noites de Moscovo, a nossa canção soviética preferida:

*Nem um sussurro se ouve no jardim,
Tudo aqui parou até de manhã.
Se vocês soubessem o que são para mim
Estas queridas noites de Moscovo...*

Quando volto para a sala, já estão todos a cantar. E eu também.

Uma desgraça alheia que Deus colocou à nossa porta

Ravchan, trabalhador imigrado, 27 anos.

*Gavkhar Djuraeva, dirigente do Centro «A Migração e a Lei» junto da Fundação
Tajiquistão em Moscovo*

« Um homem sem pátria é um rouxinol sem o seu jardim. »

Sei muita coisa sobre a morte. Um dia ainda fico louca devido ao que sei...

O corpo é uma taça para o espírito. A sua casa. Segundo o costume muçulmano, o corpo deve ser enterrado o mais depressa possível, de preferência no mesmo dia, assim que Alá lhe levou a alma. Em casa do defunto, penduram num prego um bocado de pano branco, que ali fica suspenso quarenta dias. À noite, a alma vem voando e poisa naquele farrapo. A ouvir as vozes dos familiares. Alegra-se. E depois parte.

Ravchan... lembro-me dele muito bem... É uma história habitual... Durante seis meses não lhe pagaram o salário; ele tinha deixado no Pamir quatro filhos, e o pai muito doente. Foi ao escritório da construtora pedir um adiantamento, e recusaram-lho. Foi a última gota. Saiu para o patamar e cortou a garganta. Telefonaram-me... Eu fui à morgue... Um rosto de uma beleza impressionante... Impossível de esquecer. O rosto dele... Reuniram dinheiro. Para mim, ainda hoje é um mistério como funciona esse mecanismo interior: ninguém tem um cêntimo, mas se uma pessoa morreu, reúnem instantaneamente a soma necessária, dão o último que têm, para que ele seja enterrado na sua terra natal. Para que não fique em terra estrangeira. Dão até a última nota de cem rublos que têm no bolso. Se disseres que tens de voltar para a terra, não te dão; se disseres que tens uma criança doente, não te dão; mas para a morte, toma lá. Trouxeram e colocaram em cima da minha mesa um saco de plástico com essas notas de cem rublos amarradas. E eu fui com elas à

bilheteira da Aeroflot. Ao diretor. A alma voa sozinha para casa, mas enviar um caixão de avião é muito caro.

(Agarra uns papéis em cima da mesa, e lê.)

... Os policiais entraram no apartamento onde viviam os imigrantes, a mulher grávida com o marido, e começaram a espancá-lo diante dos olhos da mulher porque não tinha autorização de residência. A mulher teve uma hemorragia, morreu ela e morreu o filho por nascer...

Nos arredores de Moscovo desapareceram três pessoas, dois irmãos e uma irmã. Os parentes vieram do Tajiquistão ter connosco a pedir ajuda. Telefonámos à fábrica de panificação onde eles trabalhavam. Da primeira vez responderam-nos: « Não conhecemos essas pessoas.» Da segunda vez foi o próprio dono que veio ao telefone: « Sim, trabalhavam aqui uns tajiques. Paguei-lhes três meses de salário e eles foram-se embora nesse mesmo dia. Não sei para onde.» Recorremos então à Polícia. Encontraram os três mortos com uma pá e enterrados na floresta. O dono da panificadora começou a telefonar para a fundação e a ameaçar: « Tenho o meu pessoal, também vos enterro a vocês.»

... Dois jovens tajiques foram de ambulância de uma construção para o hospital... Passaram a noite inteira numa sala de espera fria, sem que ninguém se ocupasse deles. Os médicos não ocultavam os seus sentimentos: « O que é que vocês vieram para cá fazer, seus cus negros?»

Durante a noite, Forças Especiais retiraram de uma cave quinze varredores tajiques, deitaram-nos na neve e espancaram-nos. Corriam por cima deles com as botas cardadas. Um rapaz de quinze anos morreu...

... Uma mãe recebeu o corpo do filho morto enviado da Rússia. Sem os órgãos internos... No mercado negro de Moscovo pode-se comprar tudo o que há numa pessoa: os rins, os pulmões, o fígado, os olhos, as válvulas cardíacas, a pele...

São meus irmãos e minhas irmãs... Eu também nasci no Pamir, sou montanhesa. Ali, a terra vale o seu peso em ouro, o trigo não se mede aos sacos, mas com as barretinas. Por todo o lado são montanhas gigantescas ao pé das quais qualquer maravilha criada pelo homem parece infantil. Um brinquedo. Ali vive-se com os pés no chão e a cabeça nas nuvens. Estamos tão alto que até parece que não estamos neste mundo. O mar é uma coisa completamente diferente; o mar atrai-nos, mas as montanhas dão uma impressão de defesa, protegem-nos. São as segundas paredes da casa. Os Tajiques não são guerreiros, quando o inimigo entrava na sua terra, eles subiam para as montanhas... *(Silêncio.)* A minha canção tajique preferida é uma canção que é um lamento

sobre a terra natal abandonada. Sempre que a oiço, fico a chorar... A coisa mais horrível para um tadjique é abandonar a sua Pátria. Viver longe dela. Um homem sem pátria é um rouxinol sem o seu jardim. Há muitos anos que vivo em Moscovo, mas estou sempre rodeada das coisas que tinha em casa: se vejo montanhas numa revista, retiro a fotografia e penduro-a na parede, e as fotografias em que há damasqueiros em flor, e algodão branco... Sonho muitas vezes que ando na colheita do algodão... Agarro uma cápsula, tem os extremos muito aguçados, e no interior está uma bolinha branca quase sem peso, é preciso retirá-la de maneira a não arranhar as mãos. De manhã acordo cansada... Nos mercados moscovitas procuro maçãs tadjiques, que são as mais doces, uvas tadjiques, mais doces que o açúcar refinado. Na infância, sonhava que algum dia havia de ver a floresta russa, os cogumelos... Que havia de viajar e ver essas pessoas. Essa é a segunda metade da minha alma: a isba, o fogão russo, os pastéis de carne. (*Silêncio.*) Falo-lhe da nossa vida... E dos meus irmãos... Para vocês, eles são todos iguais: morenos, sujos, hostis. De um mundo incompreensível. Uma desgraça alheia que Deus colocou à entrada da vossa casa. Mas eles não têm a sensação de ter vindo para junto de pessoas estranhas, porque os pais deles viviam na URSS e Moscovo era para todos a capital. E mesmo agora, aqui dão-lhes trabalho e um teto. No Oriente diz-se: « Não cuspas no poço de onde tiras a água.» Na escola todos os rapazes tadjiques sonham vir trabalhar para a Rússia... Pedem dinheiro emprestado a toda a aldeia para comprar o bilhete. Na fronteira, os funcionários russos da alfândega perguntam-lhes: « Quem vais visitar? » E eles respondem: « Nina... » Para eles, todas as mulheres russas se chamam Nina... Na escola já não ensinam a língua russa. Cada um deles leva consigo um pequeno tapete para a oração...

(Conversamos na fundação. Há apenas umas poucas salinhas. Os telefones não se calam.)

Ontem salvei uma rapariguinha... Ela arranjou maneira de me telefonar diretamente do carro, quando os polícias a levavam para a floresta; telefonou e sussurrou: « Agarraram-me na rua, estão a levar-me para fora da cidade. Estão todos bêbedos. » Disse-me a matrícula do carro... Devido à bebedeira esqueceram-se de revistá-la e tirar-lhe o telemóvel. A rapariga acabava de chegar de Duchambé... uma rapariga bonita... Eu sou uma mulher oriental, quando era ainda pequena a minha avó e a minha mãe já me ensinavam como lidar com os homens. « Não se vence o fogo com o fogo, mas apenas com a sabedoria », dizia a minha avó. Telefonei para a esquadra da Polícia: « Ouve, meu querido, passa-se qualquer coisa estranha: os vossos rapazes levaram para

onde não deviam uma rapariguinha nossa, e estão embriagados. Telefonem-lhes, antes que eles façam algum disparate. Nós sabemos a matrícula do carro.» No outro lado da linha, uma torrente de imprecações: «Esses metecos, esses macacos negros, que ainda ontem desceram das árvores, para que diabo perdem vocês tempo com eles?» «Meu querido, tu ouve-me, eu também sou uma macaca negra... Eu sou a tua mãe...» Silêncio! Do outro lado está também uma pessoa... Conto sempre com isso... Palavra atrás de palavra, começámos a conversar. Quinze minutos depois o carro voltou... Trouxeram a rapariga... Podiam violentá-la, matá-la. Mais de uma vez recolhi na floresta raparigas dessas aos bocados... Sabe quem sou eu? Trabalho como alquimista... Na nossa fundação social não há dinheiro, não temos poder, há apenas boas pessoas. Os nossos colaboradores. Ajudamos, salvamos os indefesos. O resultado pretendido obtém-se a partir de nada: dos nervos, da intuição, de palavras tão simples como «meu caro», «meu bonzinho», «eu sabia que tu eras um verdadeiro homem, que ajudavas por certo uma mulher». «Rapazes», digo eu a todos os sádicos de dragonas, «eu confio em vocês. Acredito que vocês são pessoas.» Tive uma longa conversa com um general da Polícia... Não era um idiota, nem um tarimbeiro, tinha ar de homem instruído. «Sabe», disse-lhe eu, «tem a trabalhar consigo um autêntico agente da Gestapo. Um mestre da tortura, toda a gente tem medo dele. Os sem-abrigo e os trabalhadores imigrantes que lhe caem nas mãos ficam inválidos.» Eu pensava que ele ficaria horrorizado ou se assustaria, que defenderia a honra da farda. Mas ele olhou para mim com um sorriso: «Diga-me o apelido dele. Que tipo excelente. Vamos promovê-lo e condecorá-lo. Precisamos de proteger esses quadros. Vou-lhe atribuir um prémio.» Fiquei muda. E ele continuou: «Digo-lhe com franqueza... Nós criamos de propósito para vocês condições tão insuportáveis para que se vão depressa embora. Em Moscovo há dois milhões de trabalhadores imigrantes, a cidade não consegue absorver um tão grande número de pessoas que de repente nos caíam em cima da cabeça. Vocês são demasiado numerosos.» (*Silêncio.*)

Moscovo é bonita... Percorremos Moscovo as duas, e você não parava de se maravilhar: «Que bonita se tornou Moscovo! Isto é já uma capital europeia!» Mas eu não sinto essa beleza. Olho para os novos edifícios e recordo: aqui morreram dois tajiques, caíram dos andaimes... e ali afogaram um no cimento... Lembro-me dos ridículos salários que lhes pagaram por um trabalho duro. Todos ganham com eles: os funcionários do Estado, os polícias, os funcionários municipais... Um porteiro tajique assina no registo em como recebe trinta mil rublos, e pagam-lhe sete mil. Ficam com o resto e dividem-no entre si

os vários chefes... e os chefes dos chefes... As leis não funcionam, em vez das leis vigoram o dinheiro e a força. As pessoas simples são a coisa mais indefesa que há, até um animal na floresta está melhor protegido do que elas. Aqui é a floresta que protege o animal, no nosso país são as montanhas... (*Silêncio*.) Vivi a maior parte da minha vida no socialismo, agora recorro como idealizávamos o homem; eu nesse tempo pensava bem dos homens. Em Duchambé trabalhava na Academia das Ciências. Ocupava-me da História da Arte. Pensava que os livros... aquilo que o homem escreveu acerca de si mesmo, era verdade... Não, isso é uma parte insignificante da verdade... Há muito que já não sou idealista, agora sei demasiado... Há uma rapariga que vem muitas vezes ter comigo, é doente... Uma nossa violinista muito conhecida. Porque é que ela enlouqueceu? Talvez porque lhe disseram: « Você toca violino, mas para quê? Fala duas línguas, para quê? O seu trabalho é limpar, varrer. Vocês aqui são escravos.» Esta rapariga já não toca violino. Esqueceu tudo.

Também costumava vir aqui um jovem... Os políciares apanharam-no algures nos arredores de Moscovo, tiraram-lhe o dinheiro, mas o dinheiro era pouco. Ficaram furiosos. Levaram-no para o bosque, espancaram-no. Era inverno, fazia muito frio. Despiram-no, deixaram-no em cuecas... Ah! Ah! Ah!... Rasgaram-lhe todos os documentos... E ele contou-me tudo isto. Pergunto-lhe: « Como é que te salvaste? » « Pensei que ia morrer, corri descalço pela neve. E de repente, como num conto, vi uma pequena isba. Bati à janela, apareceu um velhote. Esse velhote deu-me uma pele de carneiro para eu me aquecer, serviu-me chá e compota. Deu-me roupa. No dia seguinte levou-me a uma grande aldeia e descobriu um camião que me trouxe para Moscovo.»

Esse velho... também é a Rússia...

Chamaram-na da sala ao lado: «Gavkhar Kandilovna, estão à sua procura.» Esperei que ela voltasse. Sobrava-me tempo, e lembrei-me daquilo que tinha ouvido em apartamentos moscovitas.

NOS APARTAMENTOS MOSCOVITAS

– Caíram aqui em massa... É a boa alma russa...

– O povo russo não é nada bondoso. Isso é um erro profundo. « É compassivo, sentimental, mas não bondoso. Quando alguém matou um cão e mostrou isso num vídeo, toda a Internet se levantou. Estavam dispostos a organizar um linchamento. Mas quando no mercado morreram queimados dezassete

trabalhadores imigrantes – o patrão tinha-os fechado à chave para a noite num vagão metálico juntamente com a mercadoria – só os defensores dos direitos humanos se manifestaram por eles. Aqueles que pela natureza da sua atividade devem defender toda a gente. Mas o sentimento geral era o seguinte: esses morreram, outros virão. Não têm cara, não têm língua... são estrangeiros...

– São escravos. Escravos modernos. Tudo o que possuem é o c... e as sapatinhas. Na Pátria deles ainda estão pior do que na mais pútrida das caves moscovitas.

– Um urso veio parar a Moscovo e passou aqui o inverno. Alimentava-se de trabalhadores imigrantes. Quem é que os conta... Ah! Ah! Ah!...

– Antes da queda da URSS, vivíamos como uma única família... era assim que nos ensinavam nas aulas de Política. Nesse tempo eles eram «hóspedes da capital», e agora são «metecos», «cus-negros». O meu avô contava-me que tinha combatido com usbeques em Estalinegrado. Acreditavam que eram irmãos para sempre!

– Vocês surpreendem-me... Foram eles que se separaram. Quiseram a liberdade. Já se esqueceram? Lembrem-se de como nos anos noventa eles matavam russos. Roubavam, violentavam. Expulsavam-nos de todos os lados. A meio da noite, batiam à porta... Invadiam a casa, uns com uma faca, outros com uma espingarda automática: «Desapareçam da nossa terra, canalha russa!» Cinco minutos para fazer as bagagens... E transporte gratuito até à estação mais próxima. As pessoas fugiam dos apartamentos de chinelos... Foi assim que aconteceu...

– Lembramo-nos da humilhação dos nossos irmãos e irmãs! Morte aos metecos! O Michka russo é difícil de acordar, mas se ele se levantar, vai correr muito sangue.

– Os do Cáucaso já levaram com a coroa no focinho. Quem se segue agora?

– Odeio os cabeças-rapadas! A única coisa que são capazes de fazer é espancar até à morte, com um taco de beisebol ou com um martelo, um varredor tajique que nunca lhes fez mal nenhum. Nas manifestações berram: «A Rússia para os Russos, Moscovo para os Moscovitas.» A minha mãe é ucraniana, o meu pai é moldavo, a minha avó materna é russa. E eu quem sou? Segundo que princípio querem limpar a Rússia dos não russos?

– Três tajiques substituem um camião basculante. Ah! Ah! Ah!...

– Pois eu tenho saudades de Duchambé. Cresci lá. Aprendi *farsi*, a língua dos poetas.

– Se eu tivesse coragem de andar pela cidade com um cartaz a dizer « Gosto dos Tajiques» ? Partiam-me a cara num instante.

– Ao nosso lado há uma construção. Os cus-negros farejam como ratos. Por causa deles, à tarde dá medo entrar numa loja. São capazes de matar por um telemóvel barato...

– A mim já me roubaram duas vezes: uns russos, e na entrada do meu prédio quase me mataram, também russos. Já não suporto esse povo portador de Deus.

– E você queria que a sua filha se casasse com um trabalhador imigrante?

– É a minha cidade natal. A minha capital. E eles vieram para cá com a sua *sharia*. Pelo Kurban Bayrami matam carneiros debaixo das minhas janelas. E porque é que não o fazem na Praça Vermelha? Os gritos dos pobres animais, o sangue a esguichar... Uma pessoa sai para cidade: por todo o lado há poças de sangue no asfalto... Vou com a criança: « Mamã, o que é isto?» Nesse dia a cidade fica « negra» . Já não é a nossa cidade. Saem às centenas de milhares das caves... Os polícias passam rente às paredes, com medo...

– Eu tenho um amigo tajique, chamado Said. É bonito como um deus! Na sua terra era médico, aqui trabalha na construção. Estou loucamente apaixonada por ele. O que hei de fazer? Quando nos encontramos, passeamos pelos parques e vamos para qualquer lado fora da cidade, para não me encontrar com nenhum dos meus conhecidos. Tenho medo dos meus pais. O meu pai avisou-me: « Se te vejo com um escurinho, mato-vos aos dois.» Quem é o meu pai? É um músico... terminou o Conservatório...

– Se um « negro» sai com uma rapariga... das nossas! Esses tipos devem ser castrados.

– Porque é que os odeiam? Por causa dos olhos castanhos, da forma do nariz. Odeiam-nos simplesmente. No nosso país, toda a gente detesta forçosamente alguém: os vizinhos, os polícias, os oligarcas... os estúpidos ianques... Seja quem for! Há muito ódio no ar... não se pode tocar numa pessoa...

«A revolta popular que eu vi assustou-me para o resto da vida...»

Hora do almoço. Eu e Gavkhar tomamos chá por canecas tajiques, e continuamos a conversa.

Qualquer dia enlouqueço devido àquilo que recordo...

Ano de 1992... Em vez da liberdade que todos esperávamos, começou a guerra civil. Os do Kuliab matavam os do Pamir, os do Pamir matavam os do Kuliab... Os de Karateguin, os de Guissar, os de Garm – todos se dividiam. Nas paredes dos prédios havia cartazes: « Russos, fora do Tajiquistão!» « Comunistas,

vão-se embora para a vossa Moscovo!» Aquela não era já a minha querida Duchambé... Pelas ruas da cidade andavam multidões com barras de ferro e pedras nas mãos. Pessoas totalmente pacíficas e tranquilas transformavam-se em assassinos. Ainda na véspera eram diferentes, tomavam tranquilamente chá na *tchaikana*, e hoje andam armados de ferros e rasgam o ventre às mulheres... Saqueiam as lojas e os quiosques. Fui ao bazar... Havia chapéus e vestidos pendurados nas acácias, no chão jaziam cadáveres, tudo a oito: pessoas, animais... (*Silêncio.*) Lembro-me... Estava uma manhã bonita. Durante alguns momentos esqueci-me da guerra. Pareceu-me que tudo iria ser como antes. Lá estava a macieira florida, e o damasqueiro... Não havia nenhuma guerra. Abri a janela e vi logo uma multidão escura. Caminhavam em silêncio. De repente, um deles voltou-se e os nossos olhares cruzaram-se... via-se que era um pobre qualquer, e o olhar daquele rapaz dizia: «Agora posso entrar na tua bonita casa e fazer tudo o que me apetece, chegou a minha hora...» Foi o que me disseram os olhos dele... fiquei apavorada... Afastei-me da janela, fechei os cortinados, um, dois, corri e fechei todas as fechaduras da porta e escondi-me no quarto mais afastado. Havia arrebatamento nos olhos dele. Tenho medo de me lembrar disto... (*Chora.*)

Vi que no pátio estavam a matar um rapaz russo. Ninguém saiu, todos fecharam as janelas. Precipitei-me para a rua em roupão de banho: «Deixem-no! Já o mataram!» O rapaz jazia, imóvel... Foram-se embora. Mas daí a pouco voltaram e puseram-se a bater-lhe de novo, uns rapazinhos como ele. Rapazinhos... eram rapazinhos... Telefonei à Polícia. Os polícias olharam, viram quem eles espancavam e foram-se embora. (*Silêncio.*) Há pouco tempo, em Moscovo, num grupo, ouvi alguém dizer: «Gosto de Duchambé! Era uma cidade muito interessante! Tenho saudades dessa cidade.» Fiquei imensamente grata a esse homem russo! Nada nos salvará a não ser o amor. Alá não escuta aqueles que lhe rezem por mal. Alá ensina: «Não deves abrir uma porta que depois não fechas...» (*Pausa.*) Mataram um amigo nosso... Era um poeta. Os Tajiques gostam de versos, em todas as casas há livros de versos, nem que seja apenas um ou dois; no nosso país o poeta é sagrado. Não se lhe pode tocar. Mataram-no! Antes de o matarem, quebraram-lhe os braços... porque ele escrevia... Algum tempo depois mataram outro amigo... Não tinha uma única nódoa negra, o corpo limpo, bateram-lhe na boca... Porque ele falava... Era primavera. Fazia tanto sol, e calor, e as pessoas matavam-se umas às outras... Apetecia fugir para as montanhas.

Toda a gente partia para qualquer lado. Salvavam-se. Tínhamos alguns

amigos que viviam na América, em São Francisco. Telefonámo-lhes e propuseram-nos que fôssemos juntar-nos a eles. Tinham alugado um pequeno apartamento. É tão bonito! O oceano Índico... Onde quer que vamos, vê-se o oceano por toda a parte. Eu passava dias inteiros sentada à beira-mar e chorava, não conseguia evitar. Vinha de uma guerra em que as pessoas se matavam por um pacote de leite... Passou um velhote à beira-mar, com as calças arregaçadas, uma camisola de cor viva. Parou ao meu lado: «Que é que te aconteceu?» «Há guerra na minha Pátria. Os irmãos matam-se uns aos outros.» «Fica aqui.» Dizia que o oceano e a beleza curam... Consolou-me durante muito tempo. Mas eu chorava. Só tinha uma reação às boas palavras – corriam-me as lágrimas a fio, as boas palavras faziam-me chorar ainda mais do que em casa os disparos. Do que o sangue.

Mas não consegui viver na América. Só queria ir para Duchambé, e se era perigoso voltar para casa, queria ficar o mais perto possível de casa. Mudei-me para Moscovo... Sou hóspede em casa de uma poeta. Oiço uma resmungue constante: «Gorbatchov é uma tagarela...», «Eltsin é um bêbedo... O povo é uma carneirada...». Quantas vezes a ouvi dizer isto? Milhares de vezes! A dona da casa quer pegar no meu prato para o lavar, mas eu não deixo – posso comer tudo no mesmo prato. O peixe, e a sobremesa. Cheguei da guerra... Um outro escritor tinha o frigorífico cheio de queijo e de salame – os Tajiques já se esqueceram do que isso é; e de novo escuto durante todo o serão a inevitável resmungue: «O poder é mau... os democratas parecem os comunistas... o capitalismo russo é canibal...» E ninguém faz nada. Estão todos à espera de uma revolução de um momento para o outro. Não gosto dos desencantados da cozinha. Não pertenco a essa companhia. A revolta popular que eu vi assustou-me para o resto da vida, sei o que é essa liberdade em mãos inexperientes. As tagarelices terminam sempre em sangue. A guerra é um lobo que pode entrar em nossa casa... (*Silêncio.*)

Viu aquelas cenas na Internet? A mim derrubaram-me completamente. Estive de cama uma semana... Aquelas imagens... Matavam e filmavam. Tinham um guião, distribuíam os papéis... Como no cinema a sério. Agora precisam de espectadores. E nós vemos... eles obrigaram-nos a ver... Vai um rapaz pela rua, um dos nossos, um tajique... Chamam-no, ele aproxima-se, derrubam-no. Espancam-no com tacos de beisebol, a princípio ele revira-se no chão, depois fica parado. Amarram-no e metem-no na bagageira de um carro. Na floresta atam-no a uma árvore. Vê-se que aquele que filma procura o ângulo, para que seja um bom filme. E cortam a cabeça ao rapaz. De onde veio isto?

Cortar as cabeças é um ritual oriental... Não é russo. Ele é certamente da Chechênia. Lembro-me... Durante um ano matavam simplesmente com chaves de parafusos, depois apareceram os tridentes, e depois os tubos e os martelos... A morte vinha sempre de um instrumento contundente. Agora há uma nova moda... (*Silêncio.*) Desta vez os assassinos foram descobertos. Vão ser julgados. São todos filhos de boas famílias. Hoje matam tajiques, amanhã matarão os ricos ou aqueles que rezam a um deus diferente. A guerra é um lobo... E já está aí...

NAS CAVES MOSCOVITAS

Escolhemos um prédio – construção estalinista no centro de Moscovo. Estes prédios foram erguidos no tempo de Estaline para a elite bolchevique, por isso lhes chamam «estalinistas» e são ainda hoje muito apreciados. Estilo Império estalinista: molduras nas fachadas, baixos-relevos, colunas, tetos de três a quatro metros de altura. Os descendentes dos antigos líderes empobreceram, aqui vivem agora os «novos russos». No pátio estão estacionados Bentleys e Ferraris. No piso térreo brilham as luzes das montras de lojas caras.

Em cima, uma vida, debaixo do chão, outra. Acompanhada por um jornalista conhecido descemos à cave... Andamos muito tempo aos ziguezagues por entre canos enferrujados e paredes cobertas de mofo; de vez em quando o caminho é-nos obstruído por portas de ferro pintadas, com cadeados e selos, mas é tudo uma ficção. Uma pancadinha codificada e entramos. A cave está cheia de vida. Um longo corredor iluminado: de ambos os lados há quartos – paredes de contraplacado, cortinas multicores em vez de portas. As caves moscovitas estão divididas entre tajiques e usbeques. Aqui estamos entre tajiques. Em cada sala há entre dezassete e vinte pessoas. Uma comuna. Alguém reconheceu o «guia» – não é a primeira vez que ele aqui vem – e convida-nos a entrar. Entramos na sala: à entrada há um monte de sapatos, carrinhos de bebé. A um canto um fogão, uma bilha de gás, e ao lado mesas e cadeiras trazidas da lixeira mais próxima. Todo o restante espaço é ocupado por camas artesanais sobrepostas.

É hora do jantar. Um dez pessoas estão já sentadas à mesa. Apresentamo-nos: Amir, Khurchid, Ali... Os mais velhos estudaram nas escolas soviéticas, falam russo sem sotaque. Os jovens não sabem russo. Limitam-se a sorrir.

Estão contentes por terem convidados.

– Daqui a pouco vamos comer qualquer coisa. (*Amir, que no passado foi*

professor, convida-nos a sentar à mesa. É aqui o mais velho.) Provem o plov tajique. É saboroso, minha rica mãe! Com os Tajiques é assim: se encontrares uma pessoa perto da tua casa, deves convidá-la e oferecer-lhe uma tigelinha de chá.

Não posso ligar o gravador, eles têm medo. Puxo a caneta. Nisto sou ajudada pelo respeito camponês pela pessoa que escreve. Alguns vieram das suas aldeias, outros desceram das montanhas. E vieram logo cair numa metrópole gigantesca.

– Moscovo é bom, há muito trabalho. Mas a vida, de um modo geral, é horrível. Se ando sozinho pela rua, mesmo de dia, não olho os jovens nos olhos – são capazes de me matar. É preciso rezar todos os dias... No comboio, três aproximaram-se de mim... Eu voltava do trabalho. «Que é que tu fazes aqui?» «Vou para casa.» «Onde é a tua casa? Quem te chamou para cá?» Começaram a bater-me. Batiam-me e gritavam: «A Rússia é para os Russos! Viva a Rússia!» «Rapazes, porquê isto? Alá vê tudo.» «O teu Alá aqui não te vê. Nós temos o nosso Deus.» Bateram-me nos dentes... quebraram-me uma costela... A carruagem ia cheia de gente, e só uma rapariga interveio: «Deixem-no! Ele não vos fez nada.» «Que é que queres? Batemos num cu-negro.»

– Mataram o Rachid... Deram-lhe trinta facadas. Diz-me tu, porquê trinta facadas?

– Tudo é a vontade de Alá... Um pobre, até em cima do camelo é mordido por um cão.

– O meu pai estudou em Moscovo. Hoje chora pela URSS de dia e de noite. Sonhava que eu também estudaria em Moscovo. Mas a mim toda a gente aqui me bate, os polícias, os patrões... Vivo numa cave, como um gato.

– Eu não tenho pena da URSS... O tio Kólia, nosso vizinho... era um russo... Gritava com a minha mãe quando ela lhe respondia em tajique: «Fala uma língua normal. A terra é vossa, mas o poder é nosso.» A minha mãe chorava.

– Hoje tive um sonho: ia pela nossa rua, e os vizinhos faziam-me vénias: «*Salam aleikum*» ... «*Salam aleikum*» ... Nas nossas aldeias só ficaram as mulheres, os velhos e as crianças.

– No nosso país, o meu ordenado era cinco dólares por mês... Mulher e três filhos... Nas aldeias as pessoas passam anos sem verem açúcar...

– Não estive na Praça Vermelha. Não vi Lenine. É só trabalho, trabalho! A pá, a picareta, a padiola. Todo o dia escorro água, como uma melancia.

– Paguei a um major pelos documentos: «Que Alá te dê saúde. Que homem

tão bom!» Mas os documentos eram falsos. Meteram-me numa cela, uma «jaula de macacos». Davam-me pontapés, davam-me pauladas.

– Sem documentos, uma pessoa não existe...

– Um homem sem pátria é como um cão sem dono... Qualquer um o pode agredir. Os polícias fazem-nos parar dez vezes por dia: «Mostra os documentos.» Temos alguns documentos, outros não. Se não damos dinheiro, batem-nos.

– Quem somos nós? Trabalhadores da construção, carregadores, porteiros, varredores, lavadores de loiça... Aqui não trabalhamos como gestores...

– A minha mãe está contente, porque eu lhe mando dinheiro. Arranjou-me uma rapariga bonita, que eu ainda não vi. Foi a mamã que a escolheu. Quando voltar, caso-me.

– Trabalhei todo o verão para um ricaço nos arredores de Moscovo, e no fim não me pagaram: «Desanda! Desanda! Dei-te de comer.»

– Quem possui cem carneiros tem razão. Tem sempre razão.

– Um amigo meu também pediu ao patrão o dinheiro pelo trabalho. Depois a Polícia andou muito tempo à procura dele. Desenterraram-no na floresta... A mãe dele recebeu o caixão enviado da Rússia...

– Se nos perseguem... Quem é que vai construir Moscovo? Varrer os pátios? Os Russos nunca trabalharão pelo dinheiro que nos pagam a nós.

– Fecho os olhos e vejo: o canal de irrigação corre, o algodão floresce, as flores de um cor-de-rosa tenro, como um jardim.

– E sabes que no nosso país houve uma grande guerra? Depois da queda da URSS começaram logo aos tiros... Só vivia bem quem possuía uma espingarda automática. Eu andava na escola... Todos os dias via dois ou três cadáveres. A minha mãe não me quis deixar ir à escola. Eu ficava em casa e lia Omar Khaiam. No nosso país todos leem Khaiam. Tu conhece-lo? Se conheces, és minha irmã.

– Matavam os infieis...

– Alá é que decidirá quem é fiel e quem é infiel. Ele é que decidirá.

– Eu era pequeno... Não disparava. A minha mãe contava que antes da guerra viviam assim: num mesmo casamento falavam em tajiقة, usbeque e russo. Quem queria rezava, quem não queria não rezava. Diz-me, irmã, porque é que as pessoas apreenderam tão depressa a matar-se umas às outras? Na escola todos leram Khaiam. E Púchkin.

– O povo é uma caravana de camelos empurrados a chicote...

– Estou a aprender russo... Oiça: «um rapariga bonito, pan, dinheiro... um chefe mau...»

– Há cinco anos que estou em Moscovo e nunca ninguém me deu os bons-dias. Os russos precisam dos « negros» para poderem sentir-se « brancos» , olhar alguém de cima para baixo.

– Assim como todas as noites terminam em dia, todas as penas também têm um fim.

– As nossas raparigas têm mais brilho. Não é por acaso que as comparam com as romãs...

– Tudo está na vontade de Alá...

Subimos da cave. Agora olho para Moscovo com outros olhos – a sua beleza parece-me fria e inquietante. Moscovo, a ti tanto te importa que gostem de ti ou não.

A cadela da vida e cem gramas
de areia fina num vaso branco

Tamara Sukhovei, empregada de mesa, 29 anos

A vida é uma cadela! É isto que eu te digo... Ela não nos dá quaisquer presentes. Nunca vi nada de bom nem de belo na minha vida. Não me lembro... Nem que me matem, não me lembro de nada! Já me envenenei, e já tentei enforcar-me. Já fiz três tentativas de suicídio... Agora cortei as veias... (*Mostra o braço entapado.*) Aqui... neste lugar... Salvaram-me, e estive uma semana a dormir. Só dormia, dormia. O meu organismo é assim... Veio uma psiquiatra ver-me... Da mesma maneira que tu agora, ela pediu-me: «Fala, fala...» Contar o quê? A morte não me assusta. Em vão vieste cá e estás aí sentada. Em vão! (*Volta-se para a parede e cala-se. Eu preparo-me para sair, mas ela detém-me.*) Está bem, ouve... É tudo verdade...

... Quando era ainda pequena... Um dia voltei da escola, deitei-me e de manhã não me conseguia levantar da cama. Levaram-me a um médico, não encontrou nada. Então procuraram uma curandeira, uma curiosa. Deram-nos um endereço... A curandeira deitou as cartas e disse à minha mãe: «Ao chegar a casa, descosa a almofada em que a sua filha dorme. Encontrará lá um pedaço de gravata e uns ossos de galinha. Pendure a gravata numa cruz à beira do caminho e dê os ossos a um cão preto. A sua filha há de levantar-se e começar a andar. Lançaram-lhe um feitiço.»

Nunca vi nada de bom nem de belo na minha vida... E isto das veias não foi nada, simplesmente cansei-me de lutar... Desde pequena vivi assim, no frigorífico só havia vodca. Na nossa aldeia todos bebem a partir dos doze anos. A boa vodca é cara, por isso bebem a que destilam em casa, bebem água-de-colónia, e detergente de lavar vidros, e acetona. Fazem vodca de graxa, de cola.

Homens jovens morrem por causa da vodca; é claro, envenenam-se. Lembrome de um vizinho que se embebedava e disparava chumbo contra as macieiras. Ameaçava toda a gente em casa com a espingarda... E o meu avô também bebeu até ser velho. Aos setenta anos era capaz de beber duas garrafas numa tarde. Gabava-se disso. Voltou da guerra com medalhas. Um herói! Durante muito tempo andava com o capote militar, bebia, divertia-se, festejava. E a minha avó trabalhava. E o meu avô era um herói... Dava tarefas de morte à minha avó, eu arrastava-me de joelhos diante dele para que não lhe fizesse mal. Ele corria atrás de nós com o machado... Passávamos a noite em casa dos vizinhos. No celeiro. Matou o cão à machadada. Depois dele passei a odiar todos os homens. Queria viver sozinha.

Vim para a cidade... Tinha medo de tudo: dos carros, das pessoas. Mas toda a gente vem para a cidade, e eu também vim. A minha irmã mais velha vivia aqui, acolheu-me: « Vais para uma escola e tiras o curso de empregada de mesa. És bonita, arranjas um marido militar. Um piloto aviador...» Sim... um aviador... O meu primeiro marido era pequeno e coxo. As minhas amigas queriam dissuadir-me: « Para que é que o queres? Tantos belos rapazes que te cortejam! » Mas eu sempre gostei dos filmes sobre a guerra, sobre as mulheres que esperam os seus maridos vindos da frente, voltem eles como voltarem – sem pernas, sem braços, mas vivos. A minha avó contava-me: na nossa aldeia trouxeram um sem pernas. De maneira que a mulher andava com ele nos braços pelo pátio. E ele bebia e fazia trinta por uma linha. Quando ele caía numa vala, ela ia buscá-lo, lavava-o numa tina e metia-o na cama limpa. Eu pensava que isso é que era amor... Não compreendo o que é o amor... Tive pena dele, acarinhava-o. Tivemos três filhos, depois ele começou a beber, e ameaçava-me com uma faca. Não me deixava dormir na cama... eu deitava-me no chão... Formou-se em mim um reflexo, como no cão de Pavlov: quando o marido estava em casa, eu e os filhos saíamos de casa. Recordar tudo isso faz-me chorar... Ou então dá-me vontade de mandar tudo prò caralho! Na minha vida não houve nada de belo, a não ser no cinema. Na televisão. Ou seja, ficar sentada com alguém e sonhar... alegrar-me...

Quando já estava grávida do meu segundo, recebi um telegrama da aldeia: « Vem ao funeral. Tua mãe. » Antes disso, uma cigana disse-me na estação: « Tens pela frente uma longa viagem. Enterras o teu pai e chorarás durante muito tempo. » Não acreditei. O meu pai era saudável, tranquilo. A minha mãe embebedava-se, começava a beber logo pela manhã, e ele é que ordenhava a vaca, cozia as batatas, fazia tudo sozinho. Ele amava-a muito, ela enfeitava-o,

sabia alguma coisa, um elixir qualquer. Cheguei a casa... sentei-me diante do caixão, a chorar. A filha de uma vizinha disse-me ao ouvido: «Foi ela que o matou com um ferro, e disse-me para eu ficar calada. Prometeu comprar-me chocolates...» Fiquei fora de mim, horrorizada, com náuseas. Quando toda a gente saiu e eu fiquei sozinha em casa, despi o meu pai e procurei nódoas negras no corpo. Não havia nódoas, só na cabeça tinha uma grande escoriação. Mostrei-a à minha mãe, ela respondeu-me que ele tinha feito aquilo a cortar lenha, um pau que saltou e lhe bateu na cabeça. Passei toda a noite a chorar... estava sentada e sentia que ele me queria dizer alguma coisa... Mas a minha mãe não se afastava, esteve sóbria toda a noite e não me deixou sozinha. De manhã vi uma lágrima de sangue que deslizava debaixo da pálpebra do meu pai. Uma... depois outra... As lágrimas corriam como se ele estivesse vivo... Horrível! Era no inverno. No cemitério, a cova foi aberta com uma picareta, aqueceram a terra – acenderam na cova uma fogueira de lenha de bétula e pneus de automóvel. Os coveiros pediram uma caixa de vodca. Assim que enterraram o meu pai, a minha mãe embebedou-se, estava muito alegre. E eu chorava... Ainda hoje choro por causa de tudo isso... A minha própria mãe... que me deu à luz... Devia ser a pessoa mais querida... Assim que eu parti, ela vendeu a casa, deitou fogo ao celeiro para receber o seguro, e foi ter comigo à cidade. Ali arranjou outro homem... Encontrou-o depressa. Ele pôs na rua o filho e a nora e registou o apartamento no nome dela. Ela atraía os homens, sabia alguma coisa... fazia bruxarias... (*Embalava o braço ferido, como uma criança.*) E o meu perseguia-me com um martelo, por duas vezes me partiu a cabeça. Com uma garrafa de vodca e dois pepinos nas algibeiras, desaparecia. Para onde ia ele? As crianças com fome... Só comíamos batatas, e nos dias de festa batatas com leite ou com anchovas. E eu que experimentasse dizer alguma coisa quando ele voltava: atirava-me um copo à cara, uma cadeira contra a parede... À noite saltava para cima de mim, como um animal... Nunca houve nada de bom na minha vida, nem a mais pequena coisa. Chegava ao trabalho espancada, chorosa, e tinha de sorrir, cumprimentar. O diretor do restaurante chamou-me ao gabinete: «Não preciso aqui das tuas lágrimas. Há dois anos que tenho a minha mulher paralisada.» E meteu-me as mãos por baixo da saia...

A minha mãe não chegou a viver nem dois anos com o meu padraсто... Telefonou-me: «Vem cá... Ajuda-me a tratar do funeral. Levamo-lo para o crematório.» Com o susto, por pouco não perdi os sentidos. Mas recompus-me, era preciso ir. Na minha cabeça havia só um pensamento: e se foi ela que o matou? Matou-o para ficar com o apartamento dele, beber, folgar. Hem? Agora

está com pressa de levá-lo para o crematório. Queimá-lo, enquanto os filhos dele não chegam... o filho mais velho é major, vem da Alemanha... fica apenas um punhado de cinza... Cem gramas de areia fina num vaso branco... Devido a todos estes abalos deixei de ter menstruação, durante dois anos nunca me apareceram as regras. Quando começaram de novo, pedi aos médicos: « Tire-me todas essas coisas de mulher, façam-me uma operação, não quero ser mulher! Não quero ser amante! Nem esposa, nem mãe!» A minha mãe... que me deu à luz... Eu queria amá-la... Em pequena, pedia-lhe: « Mamã, dá-me um beijo.» Mas ela estava sempre bêbeda... O meu pai saía para o trabalho, e a casa enchia-se de homens bêbedos. Um deles arrastou-me para a cama... Eu tinha onze anos... Quando disse à minha mãe, ela limitou-se a gritar comigo. Bebia... bebia... Toda a vida bebeu e se divertiu. E de repente, tem de morrer! Não queria. Não queria morrer nem por nada. Tinha cinquenta e nove anos: tiraram-lhe um seio, mês e meio depois tiraram-lhe o outro. Mas ela tinha um amante novo, arranjou um amante mais novo que ela quinze anos. « Levem-me a uma curandeira, salvem-me! », gritava. Estava cada vez pior. O jovem cuidava dela, tirava-lhe a arrastadeira, lavava-a. Ela não fazia tenção de morrer... « Mas se eu morrer », dizia, « deixo-lhe tudo a ele. O apartamento e a televisão. » Quería magoar-nos, a mim e à minha irmã... Era má... E gostava de viver. Levámo-la à curandeira, tirámo-la do carro em braços. A curandeira benzeu-se, deitou as cartas: « Ora esta! », e levantou-se da mesa. « Saiam! Eu não a trato... » A minha mãe gritou-nos: « Vão-se embora. Quero ficar sozinha... » E a curandeira: « Deixem-se estar! » Não nos deixou sair... Olhava para as cartas: « Não a trato. Ela já enterrou mais de um e, quando adoeceu, foi à igreja e pôs duas velas... » « Era pela saúde das minhas filhas... » E a curandeira: « Foi pela alma delas que as puseste... Pediste a morte das tuas filhas. Pensavas que, se as entregasses a Deus, tu própria ficarias viva. » Depois destas palavras, nunca mais fiquei sozinha com a minha mãe. Tinha medo. Sabia que era fraca e que ela me venceria... Levava a minha filha mais velha comigo e a minha mãe enfurecia-se quando a menina pedia de comer: ela estava a morrer, e havia alguém que comia, alguém que continuaria a viver. Cortou com uma tesoura o cobertor novo da cama, a toalha da mesa, para que ninguém os aproveitasse depois dela. Partia os pratos, tudo o que podia quebrava, despedaçava. Não se conseguia levá-la até à casa de banho, fazia de propósito no chão, na cama... para que eu limpasse... Vingava-se porque nós íamos continuar a viver. Porque andávamos e falávamos. Odiava toda a gente! Quando um pássaro voava diante da janela, também o mataria se pudesse. Estávamos na primavera... O apartamento era no rés do

chão... Cheirava intensamente a lilases... Ela respirava aquele cheiro, não se fartava de o respirar. «Traz-me um ramo de lilases do pátio», pediu-me. Eu trouxe-lho... Ela agarrou-o com as mãos e num minuto o ramo murchou, as folhas ficaram encarquilhadas. Então ela disse-me: «Deixa-me segurar na tua mão...» Mas aquela curandeira tinha-me prevenido que uma pessoa que fez muito mal demora imenso tempo a morrer, com muito sofrimento. É preciso levantar o teto, ou retirar todas as janelas da casa, de outro modo a alma não se vai embora, não lhe sai do corpo. E em caso nenhum se lhe pode dar a mão – a doença transmite-se. «Para que queres a minha mão?» Ficou calada, dissimulou. Aproximava-se já do fim... Mas ela não nos dizia nem indicava onde estavam as roupas com que queria ser enterrada. Nem onde tinha o dinheiro para o funeral. Tinha medo de que à noite ela nos asfixiasse com as almofadas, a mim e à minha filha. Era capaz disso... Eu fechava os olhos, mas espreitava. Como é que a alma a vai deixar? Como é ela... essa alma? Será uma luz ou uma nuvem? As pessoas dizem e escrevem toda a espécie de coisas, mas nunca ninguém viu essa alma. Uma manhã fui a correr à loja e pedi a uma vizinha que ficasse um pouco com ela. A vizinha pegou-lhe na mão e então ela morreu. No último momento gritou qualquer coisa incompreensível. Chamou por alguém... Chamou alguém pelo nome... Mas quem? A vizinha não se lembrava. Um nome desconhecido. Fui eu que a lavei e vesti, sem quaisquer sentimentos, como uma coisa. Como uma panela. Não sentia nada, os sentimentos tinham desaparecido. Tudo isto é verdade... Apareceram umas amigas dela, roubaram o telefone... Vieram todos os parentes, e a nossa irmã do meio veio da aldeia. A mãe jazia... Ela abria-lhe os olhos. «Porque estás a mexer na mãe morta?» «Lembras-te do que ela nos fez sofrer quando éramos pequenas? Gostava de nos fazer chorar. Odeio-a.»

Reuniram-se os parentes e começaram a injuriar-se... Puseram-se a partilhar as coisas logo nessa noite, ainda ela jazia no caixão. Embrulhavam o televisor, a máquina de costura... tiraram da morta os brincos de ouro... Procuraram o dinheiro – não o acharam. Eu estava sentada a chorar. Até senti pena dela. No dia seguinte cremaram-na... Decidimos mandar a urna para a aldeia e sepultá-la ao lado do meu pai, embora ela não quisesse. Havia dado instruções para que não a enterrassem junto do meu pai. Tinha medo. O outro mundo existe ou não? Quem sabe se não iria encontrar-se com o meu pai... *(Interrompe-se.)* Agora tenho poucas lágrimas... Até me espanta como tudo se me tornou indiferente. A morte e a vida. As pessoas más, e as pessoas boas. Estou-me nas tintas... Quando o destino não gosta de nós, não temos salvação.

Não podemos evitar aquilo que está destinado. A minha irmã mais velha, em casa de quem eu vivia, casou-se segunda vez e partiu para o Cazaquistão. Eu gostava muito dela... tive um pressentimento... O meu coração dizia-me que ela não devia casar-se com ele – por qualquer razão, não gostei do segundo marido dela. « Ele é bom. Tenho pena dele.» Aos dezoito anos foi parar à prisão, por causa de um jovem morto numa briga de bêbedos. Apanhou cinco anos, voltou ao fim de três. Começou a visitar a nossa casa, trazia presentes. A mãe dele encontrou-se com a minha irmã e procurou convencê-la. Suplicou-lhe. Dizia-lhe: « Um homem precisa sempre de uma ama. Uma boa esposa é um pouco como uma mãe para o marido. Um homem sozinho torna-se um lobo... até é capaz de comer do chão... » A minha irmã acreditou! É compassiva, como eu: « Eu faço dele um homem.» No funeral passei toda a noite com eles junto ao caixão da minha mãe. Ele era amável com a minha irmã, carinhoso, eu até tive inveja. Dez dias depois recebo um telegrama: « Tia Toma, venha. A mamã morreu. Ânia.» Foi a filha dela, de onze anos, que nos mandou o telegrama. Acabávamos de fechar um caixão, e já outro estava à espera... (*Chora.*) Ele, com a bebedeira, teve uma crise de ciúmes. Espezinhou-a, e espetou-lhe um garfo. Violou-a depois de morta... Estava bêbedo, ou tinha fumado alguma coisa... não sei... De manhã no trabalho disse que a mulher morrera, deram-lhe dinheiro para o funeral. Ele deu o dinheiro à filha e foi-se entregar à Polícia. A menina vive agora comigo. Não quer estudar, tem qualquer coisa na cabeça, não fixa nada na memória. É medrosa... tem medo de sair de casa... E ele... Deram-lhe dez anos de prisão, ainda vai voltar para a filha. É o pai!

Divorciei-me do meu primeiro marido e pensava que nunca mais nenhum homem entraria em minha casa. Não permitia! Estava farta de chorar, de andar sempre cheia de nódoas negras. A Polícia? Chamamo-los uma vez e eles vêm, mas na vez seguinte dizem: « Isso são questões de família.» No andar por cima de nós... no nosso prédio... O marido matou a mulher, e então eles vieram nos carros com as luzes de emergência, lavraram um auto, e levaram-no algemado. Ele andou dez anos a humilhá-la... (*Bate no peito.*) Não gosto dos homens. Tenho medo deles. Eu mesma não compreendo como me casei segunda vez. Ele voltou do Afeganistão, com um traumatismo, foi ferido duas vezes. Num desembarque! Ainda hoje não despe a camisola. Vivia com a mãe dele no prédio em frente, tínhamos o pátio em comum. Ele saía a sentava-se com o acordeão, ou ligava o gravador. Eram canções afegãs, lamentosas... Eu pensava muitas vezes na guerra... estava sempre com medo daquele maldito cogumelo... atómico... Agradava-me ver os jovens, o noivo e a noiva, depois do registo, irem junto da

Chama Eterna com flores. Gostava disso! Era uma coisa solene! Uma vez sentei-me ao lado dele no banco: «O que é a guerra?» «A guerra é quando temos vontade de viver.» Senti pena dele. Nunca teve pai, a mãe era inválida desde criança. Se tivesse pai, talvez não o tivessem mandado para o Afeganistão. O pai teria feito esforços, teria pago subornos, como outros. Mas ele e a mãe... Fui ao apartamento deles: uma cama e cadeiras, uma medalha afegã pendurada na parede. Tive pena dele e não pensei em mim. Começámos a viver juntos. Veio para minha casa com uma toalha e uma colher. Trouxe a sua medalha. E o acordeão.

Eu pensava para comigo... fantasiava que ele era um herói... um defensor... Eu própria lhe pus uma coroa na cabeça e convencia as crianças de que ele era um rei. Vivíamos com um herói! Ele cumpriu o seu dever de soldado, sofreu muito. Eu havia de reconfortá-lo... salvá-lo... Uma madre Teresa! Não sou pessoa muito crente, simplesmente peço: «Senhor, perdoa-nos.» O amor é uma ferida... Começamos por ter pena... se amamos, temos pena... É a primeira coisa... Ele «corria» a dormir: as pernas não se moviam, mas os músculos estavam em movimento, como os de uma pessoa que corre. Por vezes corria toda a noite. E gritava: «*Duchari! Duchari!*» (quer dizer «espíritos», os *mujahedins* afegãos). Chamava o comandante, os amigos: «Contorna pelo flanco!», «Atirem granadas!», «Faz uma cortina de fumo...». Uma vez quase me matou quando me pus a acordá-lo: «Kólia! Kólia! Acorda!» Na verdade... até comecei a amá-lo... Aprendi muitas palavras afegãs: *zindan*, *botchata*, *duval*... *barbukhaika*... «*Khudo Khafez!*», «Adeus, Afeganistão!» Vivemos bem durante um ano. Isto é verdade! Se havia dinheiro, ele trazia guisado, o seu prato preferido desde o Afeganistão. Quando iam para as montanhas, levavam guisado e vodca. Ensinou-nos os primeiros socorros, quais as ervas que são comestíveis e como apanhar animais. A tartaruga, dizia ele, é adocicada. «E disparaste contra pessoas?» «Ali não há escolha: ou tu, ou ele.» Desculpava-lhe tudo pelos seus sofrimentos... Fui eu própria que pus esta carga às minhas costas...

E agora... Os amigos dele trazem-no a meio da noite e deixam-no ao pé da porta. Sem o relógio, sem a camisa... ali fica deitado, nu até à cintura... Os vizinhos tocam: «Leva-o para casa, Tamara! Com este frio, vai entregar a alma.» Arrasto-o para casa. Chora, berra, rebola-se pelo chão. Não consegue manter-se em nenhum trabalho: foi segurança, vigilante... Ora está a beber, ora está de ressaca. Vendeu tudo o que tínhamos para a bebida... Nunca se sabe se haverá em casa alguma coisa para comer ou não. Ou faz disparates, ou fica

sentado em frente da televisão. Os vizinhos têm um hóspede, um arménio... Este disse qualquer coisa de que o meu não gostou, e ficou estendido no chão a sangrar, com os dentes partidos e o nariz esborrachado. Não gosta de orientais. Tenho medo de ir ao mercado com ele, porque lá só há vendedores usbeques e azerbaijanos. Qualquer coisinha... ele tem só uma frase: « Para cada cu há uma cavilha em parafuso.» Com ele baixam os preços, não insistem. « Ah!... afegão... doido... Diabo!» Bate nas crianças. O pequeno gosta dele, ia ter com ele, mas ele abafou-o com uma almofada. De modo que agora, quando ele abre a porta, o pequeno corre depressa para a sua cama e fecha os olhos como se dormisse, para que não lhe bata, ou esconde todas as almofadas debaixo do divã. Eu só posso chorar... ou... (*Mostra o braço entrapado.*) No Dia do Paraquedista... reúnem-se os amigos... todos de camisola às riscas, como ele... Embedam-se até cair! E sujam-me tudo na casa de banho. Têm um problema qualquer na cabeça... A mania das grandezas: « Nós estivemos na guerra! Somos duros!» O primeiro brinde: « O mundo inteiro é uma merda, são todos uns enrabados, e o Sol é uma lamparina fodida.» E é assim até de manhã: « pelos mortos », « pelos vivos », « pelas medalhas », « que rebentem todos! ». Não conseguiram organizar a vida... Não lhe sei dizer se é por causa da vodca ou se é por causa da guerra. São ferozes como lobos! Odeiam caucasianos e judeus. Odeiam judeus porque mataram Cristo e arruinaram a causa de Lenine. Sentem-se tristes em casa: acordar, lavar-se, comer. É uma chatice! Eram capazes de ir agora mesmo para a Chechénia. Bastava que os chamassem! Brincar aos heróis! Ficou-lhes um agravo qualquer, um agravo contra toda a gente: contra os políticos, contra os generais, contra aqueles que não estiveram lá. Em especial contra esses... em primeiro lugar... Muitos deles não têm qualquer especialidade, assim como o meu também não tem. Têm todos a mesma especialidade: andar armados com uma pistola. Dizem que bebem devido ao agravo... Ai! Ai! Lá já bebiam, e não escondem: « Sem os cem gramas de vodca o soldado russo não vive até à vitória. » « Se deixarem um russo no deserto, duas horas depois estará bêbedo, mas é incapaz de encontrar água. » Bebiam álcool metílico, óleo dos travões... Por parvoíce, por bebedeira, rebentavam... Voltaram para casa: uns enforcaram-se, outros foram mortos em brigas, um foi espancado de tal maneira que ficou inválido... outro ainda enlouqueceu, internaram-no num manicómio... Isto são as coisas que eu sei. Só o c... sabe mais... Os capitalistas... bem, esses novos russos... contratam-nos, pagam-lhes para que os ajudem a cobrar dívidas. Disparam com facilidade, não têm pena de ninguém. Vão lá agora ter pena de um fedelho de vinte anos que

possei uma dinheirama louca, quando eles têm apenas medalhas. Malária, hepatite... Se ninguém teve pena deles... Têm vontade de disparar... Não escrevas isto... Tenho medo... Eles não estão com muitas conversas: encostamos logo à parede! Querem ir para a Chechénia, porque lá têm liberdade, e porque lá os Russos são atacados... e sonham trazer de lá peiças para as esposas. E anéis de ouro. O meu também queria ir, mas não aceitam alcoólicos. Não faltam aí homens saudáveis. Todos os dias oiço a mesma coisa: «Dá-me dinheiro.» «Não dou.» «Anda cá, cadela!» E bate-me. Depois senta-se e chora. Pendura-se ao meu pescoço: «Não me abandones!» Durante muito tempo tive pena dele... (*Chora.*)

Maldita piedade... Já não me deixo vencer por ela... Não insistas na piedade! Come o teu vomitado com a tua colher. Amanha-te! Perdoa-me, Senhor, se realmente existes. Perdoa-me!

Regresso à noite do trabalho... Oiço a voz dele. Está a ensinar o meu filho. Eu já sei tudo aquilo de cor: «*Stop!* Fixa bem: atiras uma granada pela janela, uma cambalhota para aqui, para o chão. E outra para detrás de uma coluna...» E um chorrilho de palavrões! «Quatro segundos e já estás nos degraus, arrombas a porta com um pé, passas a automática para a esquerda. O primeiro cai... O segundo entra a correr... O terceiro cobre-o... *Stop! Stop!*» *Stop...* (*Grita.*) Fico apavorada. Como salvar o meu filho? Corro para as minhas amigas... Uma: «Precisas de ir à igreja. Reza.» Outra levou-me a uma vidente... Aonde mais posso ir? Não tenho mais ninguém. A vidente era uma velha como Matusalém. Disse-me que voltasse no dia seguinte e lhe levasse uma garrafa de vodca. Caminhou pelo apartamento com aquela garrafa, murmurava qualquer coisa por cima da garrafa, passava-lhe as mãos por cima e devolveu-me: «A vodca está enfeitiçada. Deixa-o beber um copinho dois dias seguidos, e no terceiro dia ele já não quer.» E é verdade, durante um mês não bebeu. Depois voltou: de noite, bêbedo, revolvía-se no seu próprio ranho, batia com as panelas na cozinha, para que lhe desse de comer... Descobri outra vidente... Esta adivinhava pelas cartas, despejava chumbo derretido numa chávena com água. Ensinou-me coisas simples, com sal, com um punhado de areia. Não deu resultado! A vodca e a guerra não têm cura... (*Abana o braço doente.*) Oh, estou tão cansada! Não tenho pena de ninguém... nem dos filhos, nem de mim... Não chamo a minha mãe, mas ela visita-me nos sonhos. Nova, alegre. Está sempre nova e a rir-se. Enxoto-a... Às vezes sonho com a minha irmã, séria, pergunta-me sempre a mesma coisa: «Achas que te podes desligar, como uma lâmpada?» (*Interrompe-se.*)

É tudo verdade... Não vi nada de bonito na vida. E já não verei. Ontem ele apareceu-me no hospital: «Vendi o tapete. As crianças têm fome.» O meu tapete preferido. A única coisa boa que havia em casa... que ficara... Juntei dinheiro durante um ano. Aos copeques. Queria tanto aquele tapete... vietnamita... E ele vendeu-o para a bebida. Algumas raparigas do meu trabalho vieram ter comigo: «Ai, Tomka, volta depressa para casa. Ele fartou-se do pequeno, bate-lhe. E a mais velha (a irmã) já tem doze anos... Tu bem sabes... com a bebedeira...»

À noite estou deitada e não durmo. Depois pareço cair num buraco, voo para qualquer parte. E nunca sei como vou acordar de manhã. Tenho pensamentos horríveis...

(À despedida, abraçou-me inesperadamente.)

Lembra-te de mim...

Um ano mais tarde fez mais uma tentativa de suicídio. Concretizada, desta vez. O marido, como fiquei a saber, em breve arranjou outra mulher. Telefonei-lhe. «Tenho pena dele», disse ela. «Não o amo, mas tenho pena dele. O mal é que ele começou outra vez a beber, mas prometeu que deixava.»

Adivinham o que eu ouvi a seguir?

Os mortos não têm nojo de nada,
e a poeira é silenciosa

Oléssia Nikoláeva, segundo-sargento da Polícia, 28 anos

DO RELATO DA MÃE

Vou acabar por morrer não tarda, por causa das minhas histórias... Porque é que eu conto isto? Você não me pode ajudar. Mas está bem, escreva, publique... As pessoas boas leem e choram, e as más... as principais... não lerão. Para quê?

Já contei isto muitas vezes...

Dia 23 de novembro de 2006...

Transmitiram pela televisão... Os vizinhos já sabiam. A cidade falava...

Eu e a Nastenka, a minha neta, estávamos em casa. O televisor não funcionava, há muito que estava estragado, de velho. Estávamos à espera: «Oléssia vai regressar e compramos um televisor novo.» Começámos a fazer limpezas. Lavámos a roupa. Por qualquer razão estávamos muito alegres nesse dia, não parávamos de nos rir. Chegou a minha mãe... a avó de Oléssia... da cidade: «Ai, meninas. Vocês estão tão alegres. Vejam lá, não aconteça que tenham de chorar.» Caiu-me o coração aos pés... Como está a Oléssia? Ainda ontem lhe telefonámos, era dia de festa – o Dia da Polícia: deram-lhe uma medalha «Por serviços distintos no Ministério do Interior». Demos-lhe os parabéns. «Gosto tanto de vocês», disse ela. «Quero ver depressa a nossa terra.» Metade da minha pensão foi gasta em telefonemas: oiço a voz dela e parece que vivo mais dois ou três dias. Até ao próximo telefonema... «Mamã, não chores», tranquilizava-me ela. «Eu ando com uma arma, mas não disparo. Por um lado, há guerra, por outro, a situação é tranquila. De manhã ouvi um mulá cantar, é uma oração deles. As montanhas aqui são vivas e não mortas –

mesmo até ao cimo há ervas e árvores.» De outra vez: «Mãe, a terra chechena está embebida em petróleo. Cava-se em qualquer horta, é petróleo por todo o lado.»

Porque é que os mandaram para lá? Não foram lutar pela Pátria, mas pelos poços de petróleo. Uma gota de petróleo vale agora tanto como uma gota de sangue...

Apareceu-me uma vizinha... Uma hora depois, outra... «O que é que lhes deu para virem aqui?», pensei. Apareciam sem motivo. Ficavam um bocadinho e iam-se embora. Mas já tinham transmitido várias vezes pela televisão...

Não soubemos nada até à manhã seguinte, quando o meu filho telefonou: «Mãe, vais estar em casa?» «O que é que tu queres? Vou sair para ir às compras.» «Espera por mim. Eu vou aí, quando mandares a Nastia para a escola.» «Ela vai ficar em casa. Está com tosse.» «Se ela não tem febre, manda-a para a escola.» Caiu-me o coração, fiquei toda a tremer. Um ataque de tremura. Quando a Nastenka saiu, fui para a varanda. Vi que o meu filho não vinha sozinho, mas com a minha nora. Já não pude esperar, mais dois minutos e explodia! Saí para o patamar da escada e gritei para baixo: «O que aconteceu à Oléssia?» Devo ter gritado de tal maneira... com uma voz tão profunda... que eles também me responderam aos gritos: «Mãe! Mãe!» Saíram do elevador e ficaram parados. Nem uma palavra. «Ela está no hospital?» «Não.» Tudo começou a girar diante dos meus olhos. Depois... pouco me lembro, e mal... Juntaram-se muitas pessoas, vindas não sei de onde... Todos os vizinhos abriram as portas, levantaram-me do chão de cimento, falavam comigo. Eu arrastava-me pelo chão e agarrava-lhes as pernas, beijava-lhes os sapatos. «Boa gente... meus queridos... ela não podia deixar a Nastenka... que era o sol dela... a luz da sua vida... Meus queridos...» Batia com a testa no chão. Nos primeiros momentos não acreditamos, agarramo-nos ao ar. Não morreu, mas volta mutilada. Sem pernas... cega... Não importa, a Nástia e eu trataremos dela. O principal é que esteja viva! Queria perguntar a alguém... implorar de joelhos...

Muita gente, muita gente... a casa estava cheia de pessoas desconhecidas... Enchem-me de remédios, estou deitada; acordo, chamam outra vez a ambulância. Há guerra em minha casa... Mas as outras pessoas têm a sua vida. Ninguém compreende a dor alheia, permita Deus compreender a própria. Uh!... Todos pensavam que eu estava a dormir, mas eu ouvia-os...

– Eu tenho dois filhos. Ainda andam na escola. Estou a juntar dinheiro para os livrar da tropa...

– O nosso povo é paciente, isso é verdade. O homem é carne para canhão...

a guerra é um trabalho...

– As obras em casa levaram-nos até o último cêntimo. Ainda bem que conseguimos comprar os azulejos italianos ao preço antigo. Pusemos janelas de plástico e uma porta blindada...

– Mas os filhos crescem... Enquanto são pequenos, é uma alegria...

– Lá há guerra, e aqui há guerra... Todos os dias há disparos, explosões. Vamos no autocarro assustados, no metro temos medo de entrar...

– O filho de um vizinho meu estava desempregado. Metia-se na bebida. Alistou-se como mercenário e um ano depois voltou da Chechénia com uma mala cheia de dinheiro: comprou um carro, uma peiça e um anel de ouro para a mulher. Foi com a família para o Egito... Agora, quem não tem dinheiro não vale nada. Mas onde é que se pode ganhá-lo?

– Roubam tudo... despedaçam a Rússia... O grande bolo!

Esta é uma guerra sórdida! Estava longe... muito longe... E veio entrar na minha casa. Eu tinha dado à Oléssia uma pequena cruz... Não a protegeu. (*Chora.*)

Trouxeram-na dois dias depois... Tudo a escorrer... o caixão estava encharcado... Limpámo-lo com lençóis. As autoridades mandaram enterrá-la depressa... o mais depressa possível... «Não abram. Ali dentro só há gelatina...» Mas nós abrimos. Continuávamos à espera de que fosse um engano. Pela televisão noticiaram: «Oléssia Nikoláevna... vinte e um anos...» A idade estava errada. E se de repente fosse outra Oléssia? Não a nossa? «Ali dentro só há gelatina...» Deram-nos uma certidão: «... ferimento intencional, disparo da arma de serviço no lado direito da cabeça...». Para que queria eu o papel? Eu queria vê-la, tocar-lhe. Acariciá-la com as minhas mãos. Quando abriram, a cara esta como viva, bonita... com um pequeno buraco do lado esquerdo... Tão pequeno... à medida para caber um lápis. Outra mentira, como com a idade, o orifício era do lado esquerdo, e escreveram que era do direito. Foi para a Chechénia com um batalhão da Polícia de Riazan, mas ajudaram-nos no funeral só da esquadra onde ela servia. Os colegas. E todos eles diziam a uma voz: «Qual suicídio? Isto não foi suicídio, mas um disparo a dois ou três metros...» Disparo?! E as autoridades tinham pressa. Ajudavam, pressionavam. Trouxeram-na a altas horas da noite, e logo na manhã do dia seguinte, às doze horas, já a enterravam. No cemitério... U-u-uh!... Eu estava com tanta força... uma pessoa não pode ter uma força assim... Quando pregavam a tampa do caixão, eu impedia-os, era capaz de roer os pregos com os dentes. Os chefes não apareceram no cemitério. Todos nos rejeitaram... o Estado em primeiro lugar... Na igreja não quiseram

celebrar a cerimónia religiosa: era uma pecadora... Deus não aceita uma alma tão enredada, de suicida... Mas como é isso? O que é isso? Eu agora vou à igreja... acendo uma vela... Uma vez fui ter com o sacerdote: «Então Deus só gosta das almas perfeitas? Se assim é, para que serve Ele então?» Disse-lhe tudo... Já contei isto muitas vezes... (*Silêncio.*) O nosso padre é jovem... Chorou: «Como é que ainda está viva e não está num manicómio? Que Deus a receba no Reino dos Céus!» Rezou pela minha filha... Mas as pessoas diziam toda a espécie de coisas: que ela se suicidou por causa de um homem. Por estar bêbeda. Toda a gente sabe que eles lá bebem como esponjas. Tanto os homens como as mulheres. Grande desgraça a minha...

Quando ela estava a preparar a mala, a mim só me apetecia rasgar e espezinhar tudo. Mordia as mãos; se ao menos houvesse alguém que mas prendesse. Não conseguia dormir. Doíam-me os ossos, tinha convulsões por todo o corpo. Não dormia... e tinha uns sonhos estranhos... O gelo eterno, o eterno inverno. Tudo de uma cor azul-prateada... Ela e Nástia caminhavam sobre a água e não conseguiam chegar à margem. Tudo era água... Eu via a Nastenka, mas Oléssia depressa desaparecia da vista... E não havia maneira de aparecer... E assustei-me, no sonho: «Oleska! Oleska!», chamei. Ela apareceu. Não em vida, mas como um retrato... uma fotografia... e com uma nódoa negra do lado esquerdo. Mesmo no lugar onde a bala entrou... (*Silêncio.*) Ainda ela estava a preparar a mala... «Mamã, vou-me embora. Já preenchi todos os papéis.» «Mas tu educas sozinha uma criança. Eles não têm o direito de te enviar.» «Mamã, se eu não for, despedem-me. Sabes que no nosso país o voluntariado é obrigatório. Mas não chores... Lá já não há guerra, estão a construir. Eu vou fazer guarda. Vou para ganhar dinheiro, como os outros.» Outras raparigas da Polícia já tinham ido e tudo havia corrido normalmente. «Levo-te ao Egitó, vamos ver as pirâmides» – era o sonho dela. Queria dar uma alegria à mãe. Vivíamos pobremente... a contar os cêntimos... Saímos à rua, por todo o lado há anúncios: compra um carro... contrai um crédito... Compra! Em qualquer loja, no meio da sala há um balcão, por vezes dois, para tratar dos créditos. Há sempre uma bicha diante desses balcões. As pessoas cansaram-se da pobreza, todos querem viver. Mas eu por vezes não sabia o que lhes dar de comer, até as batatas se acabavam. E o macarrão. O dinheiro não chegava para um bilhete do *trolleybus*. Depois de acabar o Instituto Técnico, ela entrou no Instituto Pedagógico para psicóloga, estudou durante um ano, mas não havia dinheiro para pagar. Teve de sair. A minha mãe tem uma pensão de cem dólares, e eu também, cem dólares. Lá no topo, eles bombeiam petróleo e gás... mas os dólares não

correm para nós, correm para os bolsos deles. As pessoas simples como nós andam pelas lojas e limitam-se a olhar, como quem anda pelos museus. Mas pela rádio, como uma espécie de sabotagem feita de propósito para irritar as pessoas, dizem-nos que devemos gostar dos ricos. Os ricos é que nos salvarão! Criam empregos... E mostram-nos como eles passam as férias, o que comem... Casas com piscina... O seu próprio jardineiro, o seu cozinheiro... Como antigamente os latifundiários... no tempo do czar... Vemos à noite a televisão: que horror... e vamos para a cama. Dantes muitas pessoas votavam por Iavliniski e por Nemtsov... Eu era uma ativista, ia a todas as eleições. Era uma patriota! Gostava de Nemtsov por ser jovem e bonito. Depois toda a gente viu que os democratas também querem viver bem. Esqueceram-se de nós. O homem é pó... um grão de poeira... O povo voltou-se outra vez para os comunistas... Com eles ninguém tinha milhões, todos tinham um pouco, e chegava para todos. Toda a gente se sentia como seres humanos. Eu era como toda a gente.

Eu sou soviética, e a minha mãe é soviética. Construímos o socialismo e o comunismo. Educávamos as crianças: fazer comércio era vergonha e a felicidade não estava no dinheiro. «Sê honesto e dá a tua vida pela Pátria» – é o que temos de mais valioso. Toda a vida me orgulhei de ser uma soviética, e agora parece que é vergonha, parece que somos pessoas inferiores. Havia os ideais do comunismo, agora há os ideais do capitalismo: «Não poupes ninguém, pois ninguém te poupará.» «Mãe», dizia Oléssia, «tu vives num país que já não existe há muito. Não me podes ajudar em nada.» O que é que fizeram de nós? O que nos aconteceu... (*Interrompe-se.*) Queria dizer-lhe tantas coisas! Mas o que é o mais importante? Depois da morte de Oléssia... encontrei o caderno escolar dela com uma redação. «O que é a vida?» «Traço para mim um ideal de pessoa...», escrevia ela. «O objetivo da vida é aquilo que nos obriga a elevar-nos...» Fui eu que lhe ensinei isto... (*Solução.*) Foi para a guerra... ela que era incapaz de matar um rato... Nada se passou como devia, mas não sei como se passou. Escondem de mim... (*Grita.*) A minha menina morreu sem deixar rasto. Isto não pode ser! Durante a Grande Guerra Patriótica, a minha mãe tinha doze anos, evacuaram-nos para a Sibéria. Eram crianças... trabalharam lá numa fábrica até dezasseis horas por dia... como os adultos. Por uma senha para o refeitório, onde davam uma tigela de macarrão e um bocado de pão. O pãozinho! Fabricavam obuses para a frente. Morriam ao lado dos seus tornos, porque eram ainda pequenos. Ela compreendia porque é que então as pessoas se matavam umas às outras, mas não compreende porque é que se matam agora. Ninguém compreende. Esta guerra é sórdida! Argun... Gudermes...

Khankala⁵¹... Quando oiço isto, desligo o televisor...

Tenho nas mãos a certidão de óbito: « ... ferimento intencional... disparo da arma de serviço... ». E a Nastenka ficou... a Nastenka, de nove anos... Agora sou avó e mãe. Doente, toda retalhada pelos cirurgiões. Fizeram-me três operações, não tenho saúde, nenhuma saúde, e como havia de a ter? Cresci na região de Khabarovsk Taiga e mais taiga. Vivíamos em barracas. Laranjas e bananas só as víamos em imagens. Comíamos macarrão... Leite em pó e macarrão. De longe em longe, carne enlatada... A minha mãe foi trabalhar para o Extremo Oriente depois da guerra, quando a juventude era chamada a desbravar o Norte. Convocavam, como se fosse para a frente da guerra. Só os pobres como nós iam para as grandes construções. Aqueles que não tinham eira nem beira. « Atrás da bruma e do cheiro da taiga » – isto é das canções... dos livros... mas nós ficávamos inchados da fome. A fome obrigava-nos a cometer proezas. Assim que cresci um pouco, também eu fui para a construção... Estive com a minha mãe na construção do BAM. Tenho uma medalha « Pela construção da via-férrea Baikal-Amur » e uma pasta cheia de diplomas. (*Silêncio.*) No inverno, o frio chegava aos cinquenta graus abaixo de zero, a terra gelava até um metro de profundidade. Colinas brancas. Tão brancas debaixo da neve que mesmo com bom tempo já não se viam. Não se distinguiam. Eu gostava dessas colinas, de todo o coração. Uma pessoa tem uma Pátria grande e uma Pátria pequena. Pois aquela era a minha Pátria pequena. As paredes das barracas eram finas, a casa de banho era na rua... Mas a juventude! Acreditávamos no futuro, sempre acreditámos... E era verdade que a vida melhorava de ano para ano: a princípio ninguém tinha televisor, ninguém! E de repente apareceram os televisores. Vivíamos em barracas... E de repente começaram a dar-nos apartamentos independentes. Prometeram-nos: « a atual geração de soviéticos viverá no comunismo ». Sou eu... eu viverei no comunismo?! (*Ri-se.*) Inscrevi-me no Departamento de Cursos por Correspondência de um instituto, estudei Economia. Não era preciso pagar a instrução, como agora. Quem é que me ensinaria? Estou grata por isso ao poder soviético. Trabalhei no Departamento Financeiro do Comité Executivo Distrital. Comprei uma peiça de carneiro... um belo lenço de lã... no inverno enrolava-me, só ficava com o nariz de fora. Andava pelos *kolkhozes* a inspecionar a criação de martas, de raposas, de *visions*. Já não vivíamos mal. E também comprei uma peiça para a minha mãe... E de repente decretaram o capitalismo... Prometeram que os comunistas sairiam e que toda a gente ficaria bem. O nosso povo é desconfiado. Foi ensinado pela desgraça. As pessoas

correram logo a comprar sal e fósforos. «*Perestroika*» soava como «guerra». Diante dos nossos olhos começaram a pilhar os *kolkhozes*... as fábricas... e depois compraram-nos por alguns copeques. Tudo o que nós construímos durante a vida inteira foi vendido por tuta e meia. Deram vales de privatização ao povo... enganaram-no... Tenho agora esses vales no aparador. A certidão de Oléssia e esses papéis... Isto é capitalismo, ou é o quê? Fartei-me de ver capitalistas russos, nem todos eram russos, havia armênios e ucranianos. Obtiveram grandes créditos do Estado e não repuseram o dinheiro. Os olhos dessa gente cintilavam. Como os dos presidiários. Um brilho muito característico, que eu conheço bem. Lá havia campos de trabalho e arame farpado por todo o lado. Quem desbravou o Norte? Os presidiários e nós, os pobres. O proletariado. Mas na altura não pensávamos assim de nós próprios...

A minha mãe decidiu... A única saída era voltar para Riazan. Para o lugar onde nascemos. Já disparavam por baixo das nossas janelas – estavam a partilhar a URSS. Abocanhavam... dilaceravam... Os bandidos tornavam-se os senhores, e os inteligentes eram os imbecis. Nós construímos tudo e entregámos tudo a esses bandidos... Não é assim? Partimos de mãos vazias, apenas com os nossos trastes domésticos. E deixámos para eles as fábricas... as minas... A viagem de comboio durou duas semanas; levámos connosco o frigorífico, os livros, os móveis... a máquina de picar carne... essas coisas... Durante duas semanas olhei pela janela: a terra russa não tem fim, nem limites. A mãe Rússia é demasiado «grande e rica» para que nela se estabeleça a ordem. Isto foi em 1994... Já no tempo de Eltsin... O que nos esperava na nossa terra? Na nossa terra os professores trabalhavam nas tendas dos azerbaijanos no mercado para ganhar a vida, vendiam fruta, *pelmeni*. Em Moscovo, desde a estação até ao Kremlin tudo era um mercado. Apareceram imediatamente os mendigos, vindos não se sabe de onde. E nós éramos todos soviéticos! Soviéticos! Durante muito tempo todos sentiam vergonha. Desconforto.

... No mercado da cidade conversei com um checheno... Há quinze anos que têm guerra na terra deles e refugiam-se aqui. Espalham-se pela Rússia... por vários cantos... E parece que estão em guerra... que a Rússia os combate... numa «operação especial»... Que guerra vem a ser esta? O checheno era jovem: «Eu, mãezinha, não estou em guerra. A minha mulher é russa.» Ouí uma história, posso contar-lhe... Uma rapariga chechena apaixonou-se por um aviador russo. Um belo rapaz. Por acordo mútuo, combinaram que ele a raptava aos pais. Levou-a para a Rússia e casaram-se. Tudo como deve ser. Nasceu-lhes um menino. Mas ela não parava de chorar, com pena dos pais. E escreveram-

lhes uma carta: «perdoem-nos... nós amamo-nos...» E enviaram cumprimentos da mãe russa. E durante todos estes anos, os irmãos dessa chechena procuraram-na para a matar, porque tinha desonrado a família ao casar-se com um russo, e ainda por cima um russo que havia bombardeado e matado chechenos. Pelo endereço no envelope, depressa a encontraram... Um irmão matou-a, e outro veio depois para a levar para casa. (*Silêncio.*) Essa guerra imunda... essa desgraça... entrou na minha casa. Agora reúno e leio tudo o que posso sobre a Chechénia. Faço perguntas... Queria ir lá, e que lá me matassem. (*Chora.*) Ficaria feliz. Seria a minha felicidade de mãe. Conheço um mulher... não encontraram sequer um sapato do filho dela, um obus caiu-lhe mesmo em cima. « Eu ficava feliz », confessou-me ela, « se ele repousasse na sua terra natal. Nem que fosse um pedacinho dele... ». Isso já seria uma felicidade para ela... « Mãezinha, tu tens um filho? », perguntou aquele checheno. « Tenho um filho, mas uma filha minha morreu na Chechénia. » « Eu gostava de vos perguntar, aos Russos, que guerra é esta? Vocês matam-nos, aleijam-nos, e depois curam-nos nos vossos hospitais. Bombardeiam e roubam as nossas casas, depois reconstróem-nas. Tentam convencer-nos de que a Rússia é a nossa casa, mas eu todos os dias, por causa da minha cara de checheno, tenho que subornar os polícias para que não me matem à pancada. Para que não me roubem. Eu digo-lhes que não vim para cá matar ninguém nem lhes quero fazer explodir as casas. Podiam ter-me morto em Grozni... mas também me podem matar aqui... »

Enquanto o meu coração bater... (*Com desespero.*) Hei de procurar. Quero saber como morreu a minha filha. Não acredito em ninguém.

(Abre a porta do aparador, onde, ao lado dos copos de cristal, estão documentos e fotografias. Retira-os e espalha-os em cima da mesa.)

A minha filha era bonita... Na escola era chefe de turma. Gostava de andar de patins. Era uma aluna média, normal... Na décima classe apaixonou-se pelo Romka... Eu era contra, é claro, ele era sete anos mais velho do que ela. « Mamã, se isto é amor? » Era um amor louco, ele não lhe telefonava, então era ela que lhe telefonava... « Porque é que lhe ligas? » « Mamã, se isto é amor? » Só pensava nele, esquecia-se da mãe. Casaram-se no dia a seguir ao baile de fim de curso. Tiveram logo a criança. O Romka bebia, metia-se em zaragatas, e ela chorava. Eu odiava-o. Viveram assim durante um ano. Com os ciúmes, rasgava as roupas bonitas que ela tinha. Puxava-lhe os cabelos e batia-lhe com a cabeça na parede. Ela suportou, suportou... não me dava ouvidos, até que um dia, não sei como, acabou por fugir dele. E para onde? Para casa da mãe... « Mamã, salva-

me!» E ele veio viver para nossa casa. Uma noite acordei, ouvi soluçar. Abri a porta da casa de banho, ele estava a ameaçá-la com uma faca... Deitei a mão à faca, até me cortei. De outra vez arranhou uma pistola, de gás, acho eu, não uma pistola verdadeira. Eu puxava Oléssia para mim, e ele brandia a pistola: «Agora vais-te calar!» Ela chorou. Chorou, até que se separaram. Eu pu-lo na rua... (Silêncio.) Passaram-se... nem chegou a seis meses... Ela voltou do trabalho e disse-me: «O Romka casou-se.» «Como é que tu sabes?» «Ele veio-me trazer de carro.» «E então?» «Nada.» Voltou a casar-se depressa. Mas para ela era um amor de infância. Inesquecível. (Tira uma folha da pilha de documentos.) O médico-legista escreveu: «disparo... no lado direito da cabeça», mas o buraco era do lado esquerdo. Um buraquinho... Talvez ele não a tenha visto morta? Ordenaram-lhe que escrevesse assim, pagaram-lhe bem.

Eu tinha esperança... Esperava que o destacamento dela voltasse para lhes fazer perguntas... reconstituir a cena. O buraco do lado esquerdo, mas escreveram que era do lado direito. Preciso de saber... Já é inverno, há neve. Eu em tempos gostava da neve. E a minha Oléssia também gostava, ia buscar os patins, oleava-os. Isto foi em tempos... há muito tempo. É doloroso, muito doloroso para mim... Olho pela janela: as pessoas preparam-se para o Natal, levam presentes, brinquedos. Levam pinheiros. E eu tenho o rádio na cozinha permanentemente ligado. Oiço a nossa rádio. As notícias locais. Espero. Por fim, há uma comunicação: «Os polícias de Riazan voltaram da sua missão de serviço na Chechénia», «os nossos compatriotas cumpriram com honra o seu dever de soldados», «não nos envergonharam»... Foram solenemente recebidos na estação, com banda de música e flores. Entregaram-lhes condecorações e presentes valiosos. A uns um televisor, a outros relógios de pulso... Uns heróis... Os heróis voltaram! Sobre Oléssia, nem uma palavra, ninguém se lembrou dela... Eu esperava, com o rádio colado ao ouvido... Tinham de recordá-la! Começou um anúncio... publicidade a um detergente para a roupa... (Chora.) A minha menina desapareceu sem deixar rasto. Isto não pode ser! Olesska... Ela foi a primeira... o primeiro caixão «checheno» na nossa cidade... Um mês depois trouxeram mais dois – um polícia já de certa idade, outro ainda muito novo. O povo despediu-se deles no teatro... no Teatro Municipal Essénin. Com guarda de honra, coroas de flores da comunidade, do presidente da Câmara... Discursos. Enterraram-nos no talhão dos heróis, onde jazem os rapazes «afegãos»... e agora os «chechenos»... No nosso cemitério há dois talhões – o dos heróis e outro, a que as pessoas chamam o «talhão dos bandidos». Os bandidos guerreiam entre si, matam-se. A *perestroika* é um ajuste de contas. Os

bandidos têm os melhores lugares no cemitério. Caixões de acaju incrustados de ouro, geleiras eletrônicas. E não têm simples pedras tumulares, mas verdadeiros túmulos à sua glória. As pedras tumulares dos heróis são pagas pelo Estado. Lápides de soldados, simples memoriais. E não todos. Aos mercenários são recusadas. Sei de uma mãe que foi ao Centro de Recrutamento, e recusaram-lhe: « O teu filho combateu por dinheiro.» A minha Oléssia... está separada de todos, é uma simples suicida... (*Não consegue falar.*) A nossa Nastenka... concederam-lhe uma pensão de mil e quinhentos rublos pela mãe – cinquenta dólares por mês. Onde está a justiça? A equidade? A pensão é pequena, porque a mãe dela não foi uma heroína! Mas se a mãe dela tivesse morto alguém, se tivesse feito explodir com uma granada... Mas a mãe matou-se a si mesma, não matou mais ninguém... Não é uma heroína! Como explicar isto a uma criança? O que é que eu lhe digo? Num jornal escreveram umas supostas palavras de Oléssia: « A minha filha não se envergonhará de mim...» Nos primeiros dias depois do funeral... Nastenka estava como que alheada de tudo, como se não existisse ou não soubesse onde estava. Ninguém conseguia decidir-se... Fui eu que lhe disse: « Olesska... a tua mamã, já não existe...» Ela era como se não me ouvisse. Eu chorava, mas ela não chorava. E depois... eu lembrava qualquer coisa de Oléssia... e ela era como se não ouvisse. Continuou assim por muito tempo, eu até já começava a zangar-me. Levei-a a um psicólogo. Disseram-me: « É uma criança normal, mas está fortemente abalada.» Também fomos ter com o pai dela. Perguntei-lhe: « Tu levas a menina?» « Para onde é que eu a levo?» Ele já tinha outra família, outra criança. « Nesse caso renuncia a ela.» « Como é isso? E se eu precisar de alguma coisa na velhice? De um pouco de dinheiro...» É este o pai... Não temos nenhuma ajuda dele. Só os amigos de Oléssia nos visitam... No aniversário de Nastenka reúnem e trazem-nos algum dinheiro. Compraram-lhe um computador. Os amigos lembram-se.

Durante muito tempo esperei algum telefonema. O destacamento voltou – o comandante e os colegas com quem ela esteve lá. Haviam de telefonar, por certo! O telefone estava mudo... Comecei a procurar os nomes, os números de telefone. O comandante do destacamento chamava-se Klimkin... Li o apelido dele num jornal. Todos os jornais escreviam sobre eles, sobre os heróis russos, os bravos de Riazan. Num dos jornais havia até um pequeno artigo dele, em que agradecia ao destacamento pelo bom serviço. Cumpriram o seu dever com honra... Com honra... Telefonei para o posto da Polícia onde ele trabalha: « Ligue-me, por favor, ao major Klimkin.» « Quem quer falar com ele?» « Liudmila Vassilievna Nikoláeva... a mãe de Oléssia Nikoláeva...» « Ele não

está no gabinete... Está ocupado... Está fora, em serviço...» Era o comandante, tinha obrigação de vir ele próprio ter com a mãe e contar o que havia acontecido. Confortar. Agradecer. É assim que eu penso... (*Chora.*) Choro, mas as minhas lágrimas são de raiva... Eu não queria que a Oléssia fosse para lá, pedi-lhe que não fosse, mas a minha mãe dizia: «Deixa-a lá ir, se é preciso.» Se é preciso! Agora odeio esta palavra! Já não sou a mesma... Porque havia eu de amar a Pátria? Prometeram-nos que a democracia seria quando todos estivessem bem. Que haveria justiça em toda a parte. Honestidade. Tudo mentiras... O homem é pó... um grão de poeira... A única coisa é que agora há abundância nas lojas. Serve-te! Serve-te! No tempo do socialismo não era assim. É claro, eu sou uma simples mulher soviética... Já ninguém me ouve, porque não tenho dinheiro. Se tivesse dinheiro, a conversa seria outra. Eles teriam medo de mim... os chefes... Agora é o dinheiro que governa...

Quando Oléssia se ia embora... estava muito contente: «Vou com a Kormtchaia.» Eram as duas mulheres no destacamento. Olga Kormtchaia... Eu vi-a na estação, quando nos despedíamos. «Esta é a minha mãe», disse Oléssia. Houve um momento, nas despedidas... Talvez eu dê agora demasiada importância a isso, depois de tudo o que aconteceu. Os autocarros iam já partir... Tocaram o hino, toda a gente chorou. Eu estava num lado e corri para o outro, Oléssia gritou-me qualquer coisa através da janela e eu percebi que eles iam dar a volta. Atravessei para a ver uma vez mais. Acenar-lhe com a mão. Mas eles seguiram em frente e eu não voltei a vê-la. Apertou-se-me o coração. A asa da mala dela arrancou-se no último momento... Mas talvez eu esteja agora a exagerar... Minha querida... (*Chora.*) Conseguí nas informações o número de telefone da Kormtchaia... Telefonei-lhe: «Eu sou a mãe de Oléssia... Gostava de me encontrar consigo.» Ela ficou muito tempo calada, e depois, com ar contrariado, e até num tom zangado: «Eu já passei por tanta coisa... Quando é que todos vocês me deixam em paz!» Desligou. Telefonei segunda vez: «Peço-lhe! Eu preciso de saber... Suplico-lhe!» «Parem de me atormentar!» Telefonei uma vez mais, certamente um mês depois... Foi a mãe dela que atendeu o telefone: «A minha filha não está. Foi para a Chechénia.» Outra vez! Para a Chechénia?! Compreende, mesmo na guerra há pessoas que se conseguem governar bem. Aquelas que têm sorte... O homem não pensa na morte, morrer hoje é horrível, mas morrer no futuro não importa. Todos eles receberam sessenta mil rublos por aqueles seis meses. Chegava para comprar um automóvel usado. E continuavam a receber o salário. Antes de partir, Oléssia comprou a crédito uma máquina de lavar roupa... um telemóvel... «Quando

voltar, pago», dizia. Agora temos nós de pagar. Com que dinheiro? Vêm as faturas... vão-se acumulando... A Nastenka anda com uns ténis velhos que já lhe estão apertados, volta da escola a chorar porque lhe doem os dedos dos pés. Eu e a minha mãe poupamos, poupamos nas nossas reformas, andamos sempre a contar o dinheiro e no fim do mês não fica nada. E não se pode recorrer a um morto...

Estavam dois homens com ela no último momento... Duas testemunhas. Num posto de controlo... o KPP... uma guarita de dois metros por dois e meio. Estavam os três no turno da noite. O primeiro: « Ela chegou », contou-me ele ao telefone, « conversámos um pouco, dois ou três minutos... » E ele parece que se afastou, por uma qualquer necessidade, ou porque alguém o chamou. Ouviu um estalido através da porta, a princípio nem pensou que fosse um disparo. Voltou, ela estava estendida no chão. A disposição? Como estava o humor dela? Andava de bom humor... normal... « Olá! » « Olá! Sorriámos. Ih! Ih!... Ah! Ah!... » A segunda testemunha... Também telefonei a este, para o trabalho... não compareceu a um encontro pessoal e não me deixaram ir vê-lo... Ele estava ao lado quando ela disparou, mas parece que nesse instante se tinha virado. Nesse segundo... Numa guarita, dois metros por dois e meio, e ele não viu nada. Acredita? Eu implorei-lhes: « Digam-me... eu preciso de saber... » Não vou com isto a mais lado nenhum. Juro! Fugiam de mim como do fogo. Ordenaram-lhes que se calassem. Para defender os galões. Taparam-lhes as bocas com dólares... (*Soluça.*) Desde o princípio, quando ela entrou para a Polícia, eu não gostei. A minha Oléssia, polícia? Não me agradava! Não me agradava de maneira nenhuma... Há aqui tantas coisas... Ela tinha instrução, a escola técnica e um ano de instituto. Durante muito tempo não conseguia encontrar trabalho. E na Polícia aceitaram-na logo. Fiquei assustada... A Polícia é negócio... é uma máfia... As pessoas têm medo dos polícias, em cada família há alguém que já teve problemas com a Polícia. Na nossa Polícia torturam e mutilam. As pessoas têm tanto medo deles como dos bandidos. Deus nos livre! Nos jornais chamam-lhes « lobisomens fardados » ... Aqui violentaram, ali mataram... No tempo soviético não havia disto... O que é que diz? E se havia não se falava muito... não se escrevia... E nós sentiamo-nos protegidos. (*Fica pensativa.*) Metade dos polícias estiveram na guerra. Ou no Afeganistão, ou na Chechénia. Mataram. Estão psicologicamente afetados. Combateram lá também contra a população civil. Agora as guerras são assim: os soldados combatem entre si, e também com os civis. Com as pessoas comuns. Para eles são todos inimigos: homens, mulheres, crianças. E também aqui, se matam uma pessoa, surpreendem-se por terem de

dar explicações. Na Chechénia não era preciso explicar... «Mamã», dizia Oléssia, a discutir comigo, «não tens razão. Tudo depende da pessoa. Uma rapariga polícia é bonito. A camisa azul, as dragonas.»

Na última noite vieram uns amigos despedir-se... Agora lembro-me... agora lembro-me de tudo. Passaram toda a noite a conversar...

– A Rússia é um grande país, não é um tubo de gás com uma torneira...

– Não temos a Crimeia... entregaram-na... A Chechénia combate... O Tartaristão agita-se... Eu quero viver num grande país. Os nossos *MIG* irão até Riga...

– A Rússia bate com as ventas na mesa! E os bandidos chechenos são heróis... Direitos humanos?! E lá: entram em casa dos russos com espingardas automáticas: «Ou te matamos ou te vais embora.» O bom checheno é aquele que primeiro diz: «Vai-te embora!», e depois mata; o mau mata logo. Maleta, estação, Rússia. Há inscrições nas paliçadas: «Não comprem os apartamentos da Macha, eles serão nossos de qualquer maneira», «Russos, não se vão embora, nós precisamos de escravos».

– Dois soldados e um oficial russos foram feitos prisioneiros pelos Chechenos. Aos soldados cortaram-lhes as cabeças e libertaram o oficial: «Vai-te embora e enlouquece.» Vi isto em cassetes... Cortam as orelhas, cortam os dedos... Mantêm os russos nas caves, como escravos. São animais!

– Eu vou para lá! Preciso de dinheiro para me casar. Quero casar-me. A miúda é bonita... não vai esperar muito tempo...

– Tenho um amigo... fizemos a tropa juntos. Ele vivia em Grozni e tinha um vizinho checheno. Um belo dia, o checheno disse-lhe: «Vai-te embora, peço-te!» «Porquê?» «Porque nós e vocês daqui a pouco vamos matar-nos uns aos outros.» Deixaram lá um apartamento de três assoalhadas, agora vivem em Sarátov numa residência coletiva. Não os deixaram trazer nada. «Que a Rússia vos compre tudo novo», gritaram-lhe. «Isto aqui é nosso!»

– A Rússia caiu de joelhos, mas ainda não está vencida. Nós somos patriotas russos! Devemos cumprir o nosso dever para com a Pátria! Uma anedota: camaradas soldados e oficiais, se vocês se portarem bem na Chechénia, a Pátria manda-vos «de férias» para a Jugoslávia. Para a Europa... a... da tua mãe!

O meu filho suportou, suportou e depois não resistiu. Começou a protestar: «Mamã, não vais conseguir nada com isso, a não ser algum ataque do coração.» Mandou-me para uma casa de repouso. À força, por assim dizer, depois de uma cena. Na casa de repouso fiz amizade com uma boa mulher, cuja filha tinha morrido nova, de aborto, e chorávamos juntas. Ficámos amigas. Há pouco tempo

telefonei-lhe – tinha morrido. Adormeceu e morreu no sono. Eu sei que ela morreu de mágoa... Porque é que eu não morro? Seria feliz se morresse, mas não morro (*Chora.*) Quando voltei da casa de repouso, as primeiras palavras da minha mãe foram: « Minha filha, ainda te metem na prisão. Não te perdoam por queres saber a verdade.» O que tinha acontecido... Assim que eu parti, telefonaram-lhe da Polícia: « dentro de vinte e quatro horas compareça em tal gabinete... A não comparência implica multa... quinze dias de prisão...» A minha mãe é uma pessoa assustada, no nosso país toda a gente está assustada. Encontre-me uma pessoa idosa que não esteja assustada. Mas não foi só isso... Vieram interrogar os nossos vizinhos: que pessoas éramos nós, qual o nosso comportamento... Procuraram saber sobre Oléssia: alguém a tinha visto bêbeda? Ou se tomava drogas... Exigiram à policlínica as nossas fichas médicas. Verificaram se tinha havido consultas de psiquiatria. Fiquei indignada. E cheia de raiva! Peguei no telefone, telefonei à Polícia: « Quem ameaçou a minha mãe? Uma pessoa com mais de oitenta anos... Por que motivo a convocaram?» O resultado foi que um dia depois me enviaram uma notificação: « No gabinete tal... E o nome do juiz...» A minha mãe ficou em lágrimas: « Metem-te na prisão.» Eu já não tenho medo de nada. O diabo que os leve! Era preciso que o Estaline se levantasse da sepultura. Peço-lhe que se levante da sepultura! É a minha oração... Ele devia ter prendido e fuzilado mais dos nossos pequenos chefes. Foram poucos! Não tenho pena deles. Quero vê-los chorar! (*Chora.*) Fui àquele gabinete... o apelido era Fédin... Disparei logo da porta: « O que é que querem de mim? Trouxeram a minha filha num caixão encharcado... Isso não lhes chega?» « Você, mulher ignorante, não compreende com quem está a lidar. Aqui somos nós que fazemos perguntas...» A princípio ele estava sozinho... depois chamou o comandante de Oléssia... o Klimkin... Finalmente também eu o vi! Entrou... E eu voltei-me para ele: « Quem matou a minha filha? Diga-me a verdade...» « A sua filha era uma parva... Uma louca!» Ai, não posso! Não posso... Fez-se todo vermelho... Gritou, bateu com os pés. Ai! Provocavam-me... Procuravam conseguir que eu me pusesse a berrar e a arranhar como uma gata. Isso provaria que eu era louca e que a minha filha era louca. O que pretendiam era fechar-me a boca...

Enquanto o meu coração bater... vou procurar a verdade... Não tenho medo de ninguém! Já não sou nenhuma rodilha, não sou nenhum inseto. Trouxeram-me a minha filha num caixão encharcado...

... Um dia ia eu no comboio suburbano, sentou-se um homem à minha frente: « Então, mãezinha, aqui vamos? Deixe-me apresentar...» Apresentou-se:

« Antigo oficial, antigo empresário individual, antigo membro do Partido Lábloko. Agora, desempregado.» Eu, seja quem for que me pergunte alguma coisa, falo sempre do mesmo: « A minha filha morreu na Chechénia... segundo-sargento da Polícia...» Ele pediu-me: « Conta-me lá...» Eu já contei isto muitas vezes... (Silêncio.) Ele ouviu-me e depois pôs-se a contar a sua história...

– Eu também estive lá. Voltei e não consigo organizar aqui a minha vida. Não me consigo inserir nestes quadros. Não me dão trabalho: « Ah... da Chechénia?» Tenho medo das outras pessoas... fazem-me náuseas... Mas quando encontro alguém que combateu na Chechénia, é como um irmão...

« ... Estava um velho checheno a olhar para nós: éramos um camião cheio de desmobilizados. O velho olhava e pensava: “Rapazes russos normais, mas ainda há pouco andavam com espingardas automáticas, metralhadoras... eram atiradores...” Nós tínhamos blusões novos, calças de ganga. Como os comprámos? Com o dinheiro que ganhámos lá. Que trabalho era o nosso? A guerra... Atiradores... E havia lá crianças e mulheres bonitas. Mas tirem a arma a um soldado, vistam-no com as roupas civis... e é já um tratorista, um motorista de autocarro, um estudante...

« ... Vivíamos atrás do arame farpado... com torres de vigia e campos de minas à nossa volta. Um pequeno mundo muito fechado. Uma zona. Não podíamos sair – matavam-nos. “Morte aos ocupantes!” Todos bebíamos, embebedávamo-nos até sermos como animais. Todos os dias víamos casas destruídas, roubavam as coisas, matavam as pessoas. E então, de repente, somos tomados por uma espécie de euforia! E tudo se alarga... tudo aquilo que podes fazer... Podemos permitir-nos muitas coisas... Somos animais bêbedos e temos armas nas mãos. E na cabeça... um espermatozoide...

« ... É um trabalho de carrasco... Morríamos pela máfia, que nem sequer nos pagava. Que nos enganava. Mas eu, não era aqui, não era na rua que matava pessoas, era na guerra. Vi uma rapariguinha russa violada por esses chacais. Queimavam-lhe os seios com um cigarro, para que ela gritasse com mais força...

« ... Trouxe dinheiro... Bebi vodca com os meus amigos, comprei um Mercedes usado...

(*Ela já não limpa as lágrimas.*) Aqui está onde a minha Oléssia esteve... Onde ela foi parar... Essa guerra asquerosa... estava algures muito longe... e agora está em minha casa. Há dois anos... Bato a todas as portas, vou a diversas instâncias. Escrevo à Procuradoria Distrital, à Procuradoria Regional... Ao procurador-geral... (*Indica uma pilha de cartas.*) Recebo respostas formais...

Um monte delas! « Sobre o caso da morte da sua filha, informamos... » E todos mentem: morreu a 13 de novembro, quando na verdade foi a 11, grupo sanguíneo A, quando na realidade era AB, ora estava fardada, ora estava vestida à civil. Um orifício na têmpora esquerda, e eles escrevem na direita... Fiz um pedido ao nosso deputado na Duma, eu elegi-o, votei nele. Acreditava nos nossos dirigentes! Consegui uma audiência com ele. Estava no rés do chão da Duma e fiquei de olhos arregalados! Vejo uma joalheria: anéis de ouro com diamantes, ovos pascais de ouro e de prata... e pendentos... Em toda a minha vida não ganhei dinheiro que chegasse para pagar o mais pequeno anel com diamante. Um anel... Os nossos deputados... deputados do povo... de onde lhes vem tanto dinheiro? Eu tenho uma pasta com diplomas e certificados por uma vida de trabalho honesto... e a minha mãe outros tantos... E eles têm ações da Gazprom... Nós temos papéis, e eles têm dinheiro. (*Silêncio irado.*) Também lá fui em vão... foi em vão que lá chorei... Tragam o Estaline de volta... O povo espera um Estaline! Levaram-me a filha, e trouxeram um caixão. Trouxeram-me um caixão encharcado... E ninguém quer falar com a mãe... (*Chora.*) Agora até eu posso trabalhar na Polícia... Exame da ocorrência, auto do crime. Se fosse suicídio, ficava sangue na pistola... pólvora nas mãos... Agora sei tudo... Não gosto das notícias da televisão. É só mentiras! Mas as séries policiais... os assassínios... bem, tudo isso... não os perco. De manhã, por vezes, não me consigo levantar, não sinto as pernas nem os braços, apetece-me ficar deitada... Mas lembro-me da Oléssia... Levanto-me e lá vou...

Aos poucos, fui reunindo... uma palavrinha aqui, outra ali... Alguém que, com a bebedeira, falou, eles eram lá setenta pessoas, alguém segredou aos seus conhecidos. A nossa cidade é pequena... não é como Moscovo... Hoje já tenho uma ideia do quadro... do que lá aconteceu... Eles organizaram uma grandiosa bebedeira para comemorar o Dia da Polícia. Beberam até cair e a coisa degenerou em orgia. Se Oléssia tivesse ido com os seus colegas... da sua secção, mas eram todos desconhecidos... Era um destacamento misto, de várias origens. Calhou ficar com os polícias de trânsito. Os polícias de trânsito são uns reis, andam com os bolsos cheios de dinheiro. Estão nas estradas com as armas e cobram tributos. Toda a gente lhes paga. É um emprego dourado! Os rapazes gostam de se divertir... Matar, embebedar-se e fornicar – os três prazeres da guerra. Embebedaram-se até sentir arame farpado nos olhos... enfureceram-se... Parece que violaram todas as raparigas que lá estavam. As suas colegas. Mas a Oléssia ou não se entregou, ou ameaçou-os: « Mando-os prender a todos. » E não a deixaram partir.

Fala-se ainda de outra coisa... Eles estavam no posto onde controlavam os veículos que passavam. Ali todos se agitam e se esforçam para ganhar dinheiro, por quaisquer meios. Alguém quer passar contrabando, não direi o quê nem de onde, não mentirei. Droga ou... Mas eles tinham tudo combinado. E pago. Era um carro *Niva*... todos se lembram de um *Niva* qualquer... Mas Oléssia opôs-se... por qualquer razão não deixou passar esse carro... E dispararam contra ela. Barrava o caminho a uma grande soma de dinheiro, incomodava alguém. Parece que havia uma alta patente envolvida no caso...

A minha mãe sonhou com um carro *Niva*... Fui consultar uma vidente... pus esta fotografia em cima da mesa... (*Mostra a fotografia.*) «Vejo um *Niva* qualquer», disse ela...

... Conversei com uma mulher... uma enfermeira. Não sei como ela era antes de ir para a Chechênia, talvez fosse alegre. Mas agora é feroz como eu, feroz. Agora há muitas pessoas furiosas, calam-se, mas estão furiosas. Todos esperavam ganhar alguma coisa com a nova vida, mas poucos foram os que ganharam, poucos tiraram um bilhete premiado... Ninguém estava preparado para cair no fundo. As pessoas agora vivem furiosas, muitos estão furiosos. (*Silêncio.*) É possível que também Oléssia tivesse voltado diferente... desconhecida... (*Silêncio.*) Esta mulher foi franca comigo...

– Fui para lá por romantismo! Durante muito tempo todos troçavam de mim. Mas para ser sincera, saí de casa devido a um amor infeliz. A mim tanto se me dava que fosse um checheno a matar-me ou que eu morresse de tristeza.

«... Quem não está acostumado a lidar com cadáveres, pensa que eles são silenciosos. Que não produzem qualquer som. Mas há sempre alguns sons. O ar que sai, um osso que estala. Um leve ruído. É de enlouquecer...

«... Não vi lá nenhum homem que não bebesse e não disparasse. Embedam-se e disparam para onde calha. Porquê? Ninguém responde.

«... Ele era cirurgião... Eu pensava que havia amor entre nós. Antes de regressarmos, ele declarou-me: “Não me telefones nem me escrevas. Se lá na terra eu me quiser divertir, será com uma mulher bonita, com a qual não sinta vergonha de aparecer diante dos olhos da minha mulher.” Não sou nenhuma beldade. Mas eu e ele chegávamos a estar três dias seguidos na sala de operações. É um sentimento tão forte... mais forte do que o amor...

«... Agora tenho medo dos homens... Aqueles que voltaram da guerra não os posso suportar... São uns cabrões! Todos uns cabrões! Quando me preparava para voltar para casa... queria trazer comigo isto, e mais aquilo... O gravador de som, o tapete... “Pois eu”, disse o chefe do hospital, “deixo tudo aqui. Não quero

levar a guerra para casa.” Não foi com as coisas que trouxemos a guerra, trouxemo-la na alma...

Entregaram-me as coisas de Oléssia: um casaco curto, uma saia... Os brincos de ouro, a correntezinha. No bolso do casaco havia avelãs e dois pequenos chocolates. Pelos vistos, guardava-os para o Natal, e queria mandá-los para casa através de alguém. É doloroso, muito doloroso...

Bem, você vai escrever a verdade... Mas quem é que se assusta com isso? O poder agora é inacessível... Tudo o que nos resta é uma arma e a greve. Deitarmo-nos nos carris do comboio. Mas não há um dirigente... há muito que as pessoas se teriam levantado... Não há um Pugatchov! Se me derem uma arma, eu sei em quem disparar... (*Aponta para o jornal.*) Leu? Há viagens turísticas à Chechénia. Levam os turistas em helicópteros militares e mostram Grozni destruída, as aldeias queimadas. Ali, a guerra e a construção decorrem em simultâneo. Disparam e constroem. E mostram. Nós ainda choramos, mas já alguém faz negócio com as nossas lágrimas. Com o nosso medo. Como com o petróleo.

Alguns dias depois voltámos a encontrar-nos.

Dantes eu compreendia a nossa vida... a maneira como vivíamos... Mas agora não compreendo... não...

51 Localidades da Chechénia. (*N. do T.*)

As trevas do mal e
«outra vida que podemos construir a partir desta»

Elena Razduieva, operária, 37 anos

Durante muito tempo não consegui encontrar um «guia», um contador, ou interlocutor – nem sequer sei como chamar àqueles que me ajudam a viajar pelo mundo dos homens. Pela nossa vida. Todos se recusavam: «Isso é caso para um psiquiatra», «Devido às suas fantasias doentias a mãe abandonou os três filhos – isso é assunto para o tribunal e não para um escritor». «E Medeia?», perguntei. «Medeia que matou os seus próprios filhos por amor?» «Isso é um mito, e aqui são pessoas reais.» Mas a realidade não é um gueto para o artista. É também um mundo livre.

Depois soube que já tinha sido rodado um filme sobre a minha heroína, Sofrimentos (Estúdio Fichka-Film). Encontrei-me com a realizadora do filme, Irina Vassilieva. Conversámos, passámos a cassete com o filme, voltámos a conversar.

DO RELATO DA REALIZADORA IRINA VASSÍLIEVA

Contaram-me... e não gostei dessa história, fiquei assustada. Persuadiam-me de que seria um filme estupendo sobre o amor, que era preciso começar a filmar imediatamente. É uma história muito russa! Uma mulher com marido e três filhos apaixonou-se por um presidiário, ainda por cima condenado a prisão perpétua, julgado por um homicídio particularmente atroz, e por causa dele abandonou tudo – o marido, os filhos, a casa. Mas qualquer coisa me retinha...

Na Rússia, desde tempos imemoriais, as pessoas gostam dos condenados a

trabalhos forçados – eles são pecadores, mas são também mártires. Necessitam de ser animados e reconfortados. Há uma cultura de piedade que se conserva cuidadosamente nas aldeias e nas pequenas cidades. Vivem aí mulheres simples, não têm Internet, mas utilizam o correio. À maneira antiga. Os mujiques bebem, brigam, e elas ficam em casa à noite e escrevem cartas umas às outras. Nesses envelopes há toda a espécie de histórias ingênuas e de tolices – um qualquer feito de vestuário, uma receita culinária, e no final há forçosamente endereços de presidiários. Uma tem um irmão na prisão, falou-lhe dos camaradas, outra é um vizinho ou um colega de escola. Transmitem pelo rádio, de boca a boca. Roubou, fez asneiras, foi parar à prisão – saiu e depois voltou. A história do costume! Nas aldeias, ao que ouvimos, metade dos homens já estiveram ou ainda estão na prisão. E nós somos cristãos, devemos ajudar os infelizes. Há mulheres que se casam com esses presidiários reincidentes e mesmo assassinos. Eu não tenho a arrogância de lhe explicar a si o que isso é... É complexo... Mas os homens têm faro para essas raparigas. A maioria das vezes são mulheres com um destino falhado, que não se realizaram. Solitárias. E de repente tornam-se necessárias, tutelam alguém. Um dos meios para mudar alguma coisa na sua vida. Uma espécie de remédio...

No fim de contas, sempre fomos rodar o filme. Eu quis contar que na nossa época pragmática há pessoas que vivem segundo outra lógica. E como elas estão indefesas... Falamos muito do nosso povo. Uns idealizam-no, e outros consideram-no como gado. Como «soviético». Mas na realidade, não o conhecemos. Há um abismo entre nós... Eu filmo sempre uma história, e em qualquer história há de tudo. Há sempre as duas coisas mais importantes: o amor e a morte.

Isto passa-se na região de Kaluga, numa aldeia remota... Viajamos para lá... Olho pela janela: tudo é aqui ilimitado – os campos, a floresta, o céu. Nos outeiros branquejam as igrejas. Força e tranquilidade. Qualquer coisa muito antiga. Rolamos, rolamos... Da estrada principal virámos para uma vulgar estrada secundária... Oh! As estradas russas – são um exclusivo, nem todos os tanques conseguiriam passar. Duas ou três covas a cada três metros, ainda é uma estrada boa. E de ambos os lados, aldeias... Isbas tortas, inclinadas, pelas ruas vagueiam galinhas e cães. Desde manhã já há bicha ao lado de uma loja ainda fechada. Tudo tão conhecido que provoca um nó na garganta... No centro, lá continua como antes a estátua de Lenine... (*Silêncio.*) Houve um tempo... já custa a acreditar que ele existiu e que nós também éramos assim... Quando Gorbatchov chegou ao poder, todos corremos, aturdidos de alegria. Vivíamos de

sonhos, de ilusões. Aliviávamos a alma nas cozinhas. Queríamos uma nova Rússia... Ao fim de vinte anos compreendemos. De onde viria ela? Essa Rússia não existia e não existe. Alguém observou acertadamente que na Rússia tudo pode mudar em cinco anos, e em duzentos não mudar nada. Espaços imensos e ao mesmo tempo uma psicologia de escravos... Não se pode refazer a Rússia nas cozinhas de Moscovo. Restabeleceram o escudo dos czares, mas o hino continuou a ser o de Estaline. Moscovo é russa... capitalista... Mas a Rússia manteve-se tal como era, soviética. Ali ninguém viu os democratas, e se os vissem davam cabo deles. A maioria quer a sua ração de comida e um chefe. A vodka barata (falsificada) corre em abundância... (*Ri-se.*) Sinto que nós as duas somos da geração « da cozinha » ... Começávamos a falar de amor, e cinco minutos depois discutíamos como reorganizar a Rússia. Mas a Rússia não quer saber de nós, ela vive a sua vida...

Um mujique bêbedo mostrou-nos onde vivia a nossa heroína. Ela saiu da isba... Gostei logo dela. De olhos muito azuis, airosa. Pode-se mesmo dizer bonita. Uma beldade russa! Uma mulher como aquela brilhará tanto numa pobre isba como num luxuoso apartamento de Moscovo. E, imagine, está noiva de um qualquer assassino, que ainda não vimos, condenado a prisão perpétua e que sofre de tuberculose. Ouviu-nos dizer ao que íamos, riu-se. « Isso é a minha telenovela. » Eu caminhava e ia pensando em como dizer-lhe que a íamos filmar. Talvez ela tivesse medo da câmara? Mas ela diz-me: « Eu sou tão parva que conto a minha história ao primeiro que aparece. Uns choram, outros amaldiçoam-me. Se quiser, também lhe conto a si... » E conta...

O amor

Eu não fazia tenções de me casar, mas pensava nisso, é claro. Tinha dezoito anos. Ele! Ele! Como seria ele? Uma vez tive um sonho: caminhava pelo prado em direção ao rio que passa aqui atrás da aldeia, e de repente aparece diante de mim um rapaz alto e bonito. Pegou-me na mão e disse: « Tu és a minha noiva. A minha noiva diante de Deus. » Acordei e pensei: « Não me posso esquecer dele... da cara dele... » E ficou-me na memória, como uma espécie de programa. Passou-se um ano... dois anos... e não encontrei um rapaz como aquele. Mas o Liocha, que era sapateiro, cortejava-me. Propunha-me casamento. Eu respondia-lhe honestamente que não o amava, mas que amava e esperava aquele rapaz que tinha visto no sonho. Um dia hei de encontrá-lo, não é possível que nunca o encontre, é simplesmente impossível que não o encontre. O Liocha ria-se... e o meu pai e a minha mãe também se riam... Procuravam

convencer-me a casar, que o amor viria depois.

Porque é que sorri? Todos se riam de mim, eu sei... Se vivermos segundo o nosso coração, somos anormais. Se dizemos a verdade, não acreditam; mas quando mentimos, então está bem! Um dia passou por mim um rapaz meu conhecido, estava eu na horta a cavar: « Ah, Pétia, ouve, há pouco tempo sonhei contigo.» « Oh, não me digas nada! Isso é que não!» Fugiu de mim como da peste. Eu não sou como as outras, eles afastam-se de mim... Não quero agradar a ninguém, não ligo aos trapos e não me pinto. Não sei namoriscar. Só sei conversar. Em tempos quis ir para um mosteiro, mas depois achei que se pode ser monja mesmo fora do mosteiro. Até em casa. É uma maneira de viver.

Casei-me. Meu Deus, que bondoso que é o Liocha, tão forte, agarrava no aticador e dobrava-o. E passei a amá-lo muito! Dei-lhe um filho. Depois do parto aconteceu-me qualquer coisa, talvez uma depressão pós-parto. Os homens causavam-me repulsa. Tenho um filho, para que preciso ainda de um marido? Podia falar com ele, lavar-lhe a roupa, cozinhar para ele, fazer-lhe a cama, mas não podia estar com ele... como homem... Gritava! Debatia-me com crises de histeria! Atormentámo-nos assim durante dois anos, e depois eu fui-me embora, peguei na criança e abalei. Mas não tinha para onde ir. A minha mãe e o meu pai já haviam morrido. A minha irmã está no Kamchatka... Eu tinha um amigo, o Iura, que gostava de mim já desde a escola, mas nunca me declarou o seu amor. Eu sou grande, alta, e ele é pequeno, muito mais baixo do que eu. Ele levava as vacas a pastar e lia livros. Sabia toda a espécie de histórias, resolvia muito depressa as palavras-cruzadas. Fui ter com ele: « Iura, tu e eu somos amigos. Posso viver algum tempo em tua casa? Fico em tua casa, mas tu não te chegues a mim. Por favor, não me toques.» E ele disse: « Está bem.»

Vivemos assim durante algum tempo... e eu pensei: « Ele ama-me, comporta-se tão bem comigo, não exige nada – porque é que atormento o homem?» Fui com ele ao registo. Ele queria que nos casássemos pela Igreja, mas então eu confessei-lhe que à igreja não podia ir... contei-lhe o meu sonho e que esperava o meu grande amor... Iura também se riu de mim: « És como uma criança. Acreditas em milagres. Mas ninguém te amará como eu.» Dei-lhe dois filhos. Vivi com ele quinze anos e durante esses quinze anos andávamos de mãos dadas. As pessoas espantavam-se... Muitos vivem sem amor, só veem amor na televisão. Mas o que é uma pessoa sem amor? É como uma flor sem água...

Entre nós há este costume... As raparigas e as mulheres novas escrevem cartas para a prisão. Todas as minhas amigas e eu também... desde a escola escrevíamos... Escrevi centenas dessas cartas e recebi centenas de respostas. E

desta vez... Tudo se passou como sempre... O carteiro gritou: « Lena, uma carta para ti.» Fui a correr... Recebi a carta. Carimbo da prisão, endereço codificado. De repente o meu coração começa a bater com muita força. Bastou-me ver a caligrafia, que já me era familiar – com a emoção nem conseguia ler. Eu sou uma sonhadora, mas também compreendo a realidade. Não era a primeira carta daquelas que eu recebia... O texto é simples: « Minha irmã, obrigado pelas boas palavras... é claro que tu não és minha irmã, mas é como se fosses... » Escrevia-lhe nessa mesma noite: « Envia-me uma fotografia, quero ver a tua cara. »

Veio a resposta e a fotografia. Olho: é aquele rapaz... aquele mesmo que tinha visto no sonho... O meu amor. Esperei por ele vinte anos. Não podia explicar nada a ninguém – era como um conto de fadas. Disse imediatamente ao meu marido. « Encontrei o meu amor. » Ele chorou, pediu, tentou convencer-me: « Temos três filhos, é preciso criá-los. » Eu também chorei: « Iura, eu sei que tu és boa pessoa, contigo as crianças não se perdem. » Os vizinhos... as minhas amigas... a minha irmã... Todos me condenaram. Agora estou completamente sozinha.

Fui à estação comprar o bilhete... Ao meu lado estava uma mulher, conversámos. Ela perguntou-me: « Aonde vais? » « Ver o meu marido. » (Ele ainda não era meu marido, mas eu sabia que havia de ser.) « E onde está o teu marido? » « Na prisão. » « O que é que ele fez? » « Matou uma pessoa. » « Ah!... Apanhou muito tempo? » « Para toda a vida. » « Ah!... Pobre de ti... » « Não tenha pena de mim. Eu amo... »

Toda a gente deve ser amada por alguém. O amor é... Eu digo-lhe o que é o amor... Ele sofre de tuberculose, na prisão todos sofrem de tuberculose. Devido à má alimentação e à tristeza. Disseram-me que era preciso gordura de cão. Andei pela aldeia a perguntar. Encontrei. Depois soube que a gordura de texugo era melhor, comprei-a na farmácia. É carota! Ele também precisava de cigarros, e de carne... Fui trabalhar para a fábrica de panificação, o salário era melhor do que na quinta. Um trabalho pesado. Os velhos fornos aquecem tanto que nós despiamos tudo, andávamos só em cuecas e sutã. Arrastávamos sacos de cinquenta quilos de farinha, padiolas com cem quilos de pão. Escrevia-lhe todos os dias.

CONTINUAÇÃO DO RELATO DE IRINA VASSÍLIEVA

Ela é assim... Uma pessoa impulsiva, impetuosa... Toda ela ferve por dentro,

quer tudo imediatamente. Sempre excessiva, desmedida. Os vizinhos contaram-me... Passaram pela aldeia uns refugiados tadjiques, com muitas crianças. Esfomeados, esfarrapados, e ela levou-lhes de casa tudo o que podia: cobertores, almofadas... colheres... « Temos demasiadas coisas em casa e essas pessoas não têm nada.» Mas na sua isba tinha apenas uma mesa e algumas cadeiras... Uma miséria, pode-se dizer. Alimentam-se da horta – batatas, curgetes. Bebem leite. « Não faz mal », dizia para tranquilizar o marido e os filhos. « No outono os veraneantes vão-se embora, deixam-nos alguma coisa.»

No verão vêm para ali os moscovitas. Os lugares são magníficos, há muitos pintores, artistas, todas as casas abandonadas foram recuperadas. Quando os veraneantes se vão embora, tudo é aproveitado, incluindo os sacos de plástico. A aldeia é pobre, há só mulheres velhas e bêbedos... Houve ainda outro caso... Uma amiga dela teve uma criança, e não possuía frigorífico. A Lena deu-lhe o seu: « Os meus filhos já são crescidos, e ela tem um bebé.» E pronto! Leva lá tudo! Uma pessoa não possui nada, e afinal pode dar muitas coisas. Este é o tipo de russo... aquele russo sobre o qual Dostoievski escreveu que era tão generoso como a terra russa. O socialismo não o modificou, o capitalismo não o modificará. Nem a riqueza, nem a pobreza. Instalaram-se uns mujiques ao lado da loja, fizeram uma vaquinha para três. A que é que bebem? O brinde: « Sebastopol é uma cidade russa! Sebastopol será nossa!» Orgulham-se de que um russo seja capaz de beber um litro de vodca sem ficar a cair de bêbedo. Sobre Estaline lembram-se apenas de que no tempo dele foram vencedores...

Eu queria filmar tudo isto... Mas continha-me a mim própria. Receava ser levada tão longe que depois já não conseguisse sair... Cada destino é uma história hollywoodesca! Tema para um filme. Por exemplo, a amiga dela, Ira... antiga professora de Matemática, abandonou a escola devido ao salário miserável. Tem três filhos, que lhe pediam: « Mãezinha, vamos à fábrica de panificação, respirar o cheiro do pão.» Iam à noite para que ninguém os visse. Agora Ira trabalha na fábrica, como Lena, e está contente porque os filhos podem ao menos comer pão à vontade. Roubam... Lá toda a gente rouba e só graças a isso sobrevivem. A vida é monstruosa, inumana, mas a alma está viva. Havia de ouvir de que é que essas mulheres falam... Nem acreditaria! Falam de amor. Pode-se viver sem pão, mas sem amor é impossível... seria o fim... Ira lia as cartas que Lena recebia do seu presidiário, e ela própria se entusiasmou. Descobriu na prisão mais próxima um carteirista qualquer. Em breve ele sairia em liberdade... Em seguida a história desenvolveu-se segundo as leis da tragédia... Juras de amor até à sepultura. Casamento. E depressa esse Tólia... ou Tolian... começou a beber.

Ira já tinha três filhos, dele teve ainda mais dois. Ele provoca desordens, persegue-a pela aldeia, mas de manhã fica sóbrio, pede-lhe perdão. Arrepende-se. Ira... também ela é uma beldade! Inteligente! Mas de qualquer maneira os nossos homens são assim feitos – os reis das bestas...

Mas agora devo falar-lhe de Iura... É o marido de Lena... Na aldeia chamam-lhe «o vaqueiro leitor», porque pastoreia as vacas e lê. Vi em casa dele muitos livros de filósofos russos. Com ele pode-se falar de Gorbatchov, de Nikolai Fiódorov, da *perestroika* e da imortalidade do homem... Os outros homens bebem, ele lê. Iura é um sonhador... Contemplativo por natureza... Lena orgulha-se por ele resolver as palavras-cruzadas num instante. Mas Iuri é de pequena estatura... Na infância, crescia muito... Quando tinha seis anos, a mãe levou-o a Moscovo, onde lhe deram uma qualquer injeção na coluna vertebral, e ele parou de crescer – com um metro e cinquenta. Na verdade é um homem bonito. Mas ao lado da mulher, é um anão. No filme procurámos que o espectador não desse por isso, eu pedia, implorava ao operador: «Por amor de Deus, inventa qualquer coisa!» Não se podia dar às pessoas uma solução tão simples – ela abandonou o anão por um belo super-homem. Uma mulher vulgar! Mas Iura... é um homem sábio, sabe que a felicidade tem muitas cores. Estava de acordo em que Lena estivesse ao seu lado em quaisquer condições, mesmo não sendo sua mulher, mas apenas amiga. A quem recorre ela com as cartas que chegam do centro de detenção? A ele... Leem-nas juntos... O coração de Iura sangra, mas ele ouve... O amor suporta muito, durante muito tempo... o amor não é invejoso... não se lamenta e não pensa no mal... É claro que nem tudo é assim tão bonito como eu estou agora a contar... A vida deles não é toda cor-de-rosa... O Iura quis suicidar-se... partir ao acaso para qualquer parte... Havia cenas reais de sangue e de carne. Mas Iura ama-a...

A contemplação

Sempre a amei... Desde a escola. Ela casou-se e foi para a cidade. Mas eu amava-a.

Foi uma manhã... Eu e a minha mãe estávamos sentados à mesa, a beber chá. Vi pela janela: a Lena com o bebé nos braços. E disse à minha mãe: «Mamã, chegou a minha Lena. Acho que ela veio ter comigo para sempre.» Desde esse dia tornei-me alegre e feliz, e até... bonito... Quando nos casámos, fiquei no sétimo céu da felicidade. Beijava a aliança de casamento, que perdi logo no dia seguinte. Era espantoso como ela assentava bem no dedo, mas ao trabalhar, tirei a luva, e quando a fui pôr de novo reparei que não tinha a aliança

– procurei-a e não a achei. A Lena andava sempre com a sua aliança, estava-lhe um pouco larga, mas ela nunca a perdeu, até que a tirou...

Íamos juntos para todo o lado... Era assim que vivíamos! Gostávamos de ir os dois à fonte, eu levava os baldes, e ela ia ao meu lado. «Deixa-me zumbir um pouco aos teus ouvidos.» E contava-me qualquer coisa... Não tínhamos muito dinheiro, mas o dinheiro é dinheiro, e a felicidade é a felicidade. Assim que chegava a primavera, a casa estava sempre cheia de flores. A princípio era só eu que as trazia, mas depois as crianças cresceram, e trazíamos as flores juntos. Todos adoravam a mamã. A minha mãe era alegre. Tocava piano (tinha estudado na Escola de Música). Cantava. Inventava histórias. Durante algum tempo tivemos um televisor, que nos foi oferecido. Os miúdos ficavam pregados ao ecrã, era impossível arrancá-los, e tornaram-se um pouco agressivos, como que distantes. Então ela encheu-o de água. Como um aquário. O televisor ficou estragado. «Meninos, é melhor irem olhar para as flores e para as árvores. Conversarem com o papá e a mamã.» Os nossos filhos não levaram a mal, porque foi a mãe que disse...

O divórcio... O juiz perguntou: «Porque é que se divorciam?» «Maneiras diferentes de ver a vida.» «O seu marido bebe? Bate-lhe?» «Não bebe nem me bate. E em geral o meu marido é uma pessoa excelente.» «Então porque é que se divorciam?» «Não há amor.» «Motivo injustificado.» Deram-nos um ano de reflexão, para que meditássemos...

Os homens riam-se de mim. Aconselhavam-me a expulsá-la de casa, a interná-la num hospital psiquiátrico... De que é que ela tinha falta? Isso acontece com qualquer pessoa. A nostalgia, como a peste, ataca toda a gente. Vai uma pessoa no comboio, olha pela janela, e sente nostalgia. Beleza a toda a volta, não se consegue desviar os olhos, mas as lágrimas correm e não sabemos o que fazer. Sim, é a nostalgia russa... Mesmo que a pessoa pareça ter tudo, ainda assim qualquer coisa lhe falta. E vivem assim. Parecem suportar tudo. Mas ela dizia: «Iura, tu és muito bom, és o meu melhor amigo. Mas ele passou metade da vida na prisão, e eu preciso dele. Amo-o. Se não me libertares, eu morro. Farei tudo como deve ser, mas estarei morta.» O destino prega-nos cada partida...

Deixou-nos e foi-se embora. As crianças ficaram tristes, choraram durante muito tempo, em especial o mais pequeno, o nosso Matvei... Estavam sempre à espera da mãe e ainda esperam. E eu também espero. Escreveu-nos: «Principalmente, não vendam o piano.» A única coisa de valor em nossa casa, que lhe ficou dos pais. O adorado piano... À noite sentávamo-nos todos, e ela tocava... Pois eu seria capaz de o vender por dinheiro? E ela não me pode excluir

do seu destino, deixando lá um espaço vazio, isso é impossível. Vivemos juntos quinze anos, temos filhos. Ela é boa mulher, mas é diferente. Como se não fosse deste mundo... É leve... muito leve... E eu sou uma pessoa terrena. Sou daqueles... que têm os pés na terra...

O jornal local escreveu sobre nós. Depois chamaram-nos a Moscovo, à televisão. E lá foi assim. Estamos sentados, como num palco, e na sala há espectadores. Depois há uma discussão. E todos injuriaram a Lena, em especial as mulheres: «Maníaca! Tarada sexual!» Estavam prontas a lapidá-la. «Isso é uma patologia, isto está mal.» A mim fizeram-me perguntas... Um assalto atrás do outro... «É uma cadela lasciva, que o abandonou a si e aos filhos, ela não vale o seu dedo mínimo. Você é um anjo. Faça-lhe uma vénia até ao chão em nome de todas as mulheres russas...» Eu quis responder... comecei... Mas disseram-me: «O seu tempo acabou...» Comecei a chorar. Todos acharam que as minhas lágrimas eram de indignação, de raiva. Mas eu chorava porque eles, tão inteligentes, cultos, vivem na capital e não percebem nada.

Esperarei por ela o tempo que for preciso. O tempo que ela quiser... Não me posso imaginar ao lado de outra mulher. Mas por vezes... Sinto de repente o desejo...

CONVERSAS NA ALDEIA

– A Lena é um anjo...

– Dantes, mulheres como essa fechavam-nas numa despensa ou mantinham-nas com a rédea curta...

– Se ela fugisse para um ricoço, tudo se compreendia. A vida dos ricos é mais interessante. Mas quais podem ser as relações com um bandido? E ainda por cima em prisão perpétua. Duas visitas por ano, e pronto. É todo o amor.

– Natureza romântica. Deixá-la andar.

– Isso está no nosso sangue: ter pena dos infelizes. Dos assassinos e dos vadios. Mata uma pessoa, mas tem uns olhos de criança. E têm pena dele.

– Em geral não confio nos homens, e nos presidiários ainda menos. A vida na prisão é enfadonha, e então distraem-se com isso. Passam a papel químico: «Minha pombinha, sonho contigo, luz da minha vida...» Uma qualquer parva acredita e trata de salvá-lo. Arrasta encomendas em baús impossíveis de carregar, envia-lhe dinheiro. E espera. Ele sai em liberdade, vai ter com ela – comeu, bebeu, sacou-lhe dinheiro – e um belo dia evapora-se. *Ciao! Ciao!*

– Meninas, isso é um amor como nos filmes!

– Casou-se com um assassino e abandonou um bom marido. E depois tem filhos... três rapazinhos... Comprar simplesmente o bilhete e ir para o fim do mundo. Onde vai ela buscar o dinheiro? Está sempre a tirar o bocado da boca dos filhos. Entra numa loja e tem um problema. Comprar-lhes um pãozinho ou não comprar?

– Uma mulher deve submeter-se ao marido... Eles seguem juntos para Cristo. Mas assim... sem mais nem menos, porquê? Se não for com esse objetivo, para quê então?

– « Sem mim », disse o Senhor, « vocês não podem criar. » E ela tenta criar a partir da sua própria mente. Isso é orgulho. Onde não há humildade, há sempre uma outra força qualquer. O diabo favorece isso.

– Ela deve entrar para um convento, procurar o caminho da salvação. A pessoa encontra a salvação no sofrimento. Deve-se mesmo procurar o sofrimento...

CONTINUAÇÃO DA CONVERSA COM IRA VASSÍLIEVA

Também eu lhe perguntei: « Lena, tu compreendes que terás apenas dois encontros por ano? » « E que importa? Para mim chega. Estarei com ele em pensamento. Nos sentimentos. »

Para ir vê-lo, tem que viajar para muito longe, no Norte. Para a ilha do Fogo. No século XIV, alguns discípulos de Sergui Radonejski foram colonizar as florestas do Norte. Abrindo caminho entre os bosques, avistaram um lago, e no meio do lago umas línguas de fogo. Era o espírito que assim lhes aparecia. Transportaram terra em barcos até àquele lugar... criaram uma ilha e construíram nela um mosteiro. As paredes têm um metro e meio de grossura. Nesse antigo mosteiro há agora uma prisão para os piores assassinos. Para os condenados à morte. Nas portas de cada cela há um quadro com a indicação dos crimes cometidos pelo criminoso: « Matou à facada Ânía, de seis anos... Nástia, de doze anos... » Lemos, e ficamos horrorizados, mas ao entrar somos cumprimentados por um homem que parece absolutamente normal. Pede cigarros, e nós damos. « O que se passa lá fora? Aqui nem sequer sabemos que tempo faz. » Vivem dentro da pedra. Em redor há florestas e pântanos. Nunca ninguém se evadiu dali...

A primeira vez que Lena lá foi, nem pensava na hipótese de lhe poderem

recusar a visita. Bateu a um guiché onde se entregam os documentos, e ninguém quis nem ouvi-la: « Vem ali o diretor da prisão. Fale com ele.» Ela correu para o diretor: « Permita-me uma visita.» « Com quem?» « Com Volódia Podbutski.» « Não sabe que aqui se encontram criminosos especialmente perigosos? Têm um regime muito severo: duas visitas por ano de três dias, e três visitas curtas, de duas horas. Admitimos apenas os parentes mais próximos: mãe, mulher, irmã. E você o que lhe é?» « Eu amo-o.» « Bem, está tudo claro, esta só para o manicômio.» O diretor ia-se afastar, mas ela segurou-o por um botão: « Compreende, eu amo-o.» « Mas é uma pessoa absolutamente estranha a ele.» « Então deixe-me ao menos vê-lo.» « Pois nunca o viu?» Já todos estavam a achar cómico, e os guardas aproximaram-se. Quem seria aquela parva? Ah! Ah! ... E ela vá de lhe contar o sonho que tivera aos dezoito anos, vá de falar do marido e dos três filhos, e que toda a vida tinha amado aquele homem. A sua sinceridade e candura podiam derrubar qualquer muro. Ao pé dela, uma pessoa fica com a consciência de que alguma coisa não está certa na sua vida regular, de que é rude e lhe falta sensibilidade de ouvido. O diretor da prisão já não era um homem novo, e no seu trabalho... já tinha visto de tudo... Colocou-se no lugar dela: « Como veio de tão longe. Dou-lhe um encontro de seis horas, mas na presença de um guarda.» « Nem que sejam dois guardas! De qualquer maneira não verei mais ninguém além dele...»

Tudo o que há nela de excessivo, de desmedido, derramou-o sobre aquele Volódia: « Nem imaginas que feliz que eu estou... Esperei por ti toda a vida, e enfim estamos juntos.» O outro, naturalmente, não estava preparado para isto. Já era visitado por uma qualquer batista, com a qual tinha uma ligação. Nesse caso, tudo era claro: uma mulher nova, com um destino falhado. Precisa de um homem, do carimbo no passaporte em como é casada. Mas aqui há uma energia tão grande, um tal arrebatamento! Qualquer um se assusta quando o querem agarrar desta maneira. O cérebro dele ficou desnortado... « Peço-te », diz Lena, « deixa-me casar contigo. Para que me deixem visitar-te e eu te possa ver. Não preciso de mais nada.» « Mas se tu já és casada?» « Eu divorcio-me. Só te amo a ti.» Trazia consigo um saco com as cartas dele, cheias de desenhos de helicópteros e de flores. Não podia separar-se delas nem por um minuto. Era o apogeu da sua felicidade, porque toda a sua vida sempre quisera o absoluto, e o absoluto só pode existir sob a forma de escrita, só no papel pode haver realização plena. Isso não existe na terra, nem na cama. Aí não se encontra o absoluto. Tudo o que se relaciona com as outras pessoas, a família, os filhos, é um compromisso...

Era como se alguém a impelisse... Que força era aquela? Qual a natureza daquele sonho?

... Também nós estivemos na ilha do Fogo. Para isso foram necessários muitos papéis e muitas autorizações com carimbos redondos. Muitos telefonemas. Chegámos... Mas Volódia recebeu-nos com duas pedras nas mãos: « Para quê este espetáculo? » Tinha vivido muitos anos na solidão, desabituará-se das pessoas. Tornou-se desconfiado, não confiava em ninguém. Felizmente a Lena estava connosco, e pegou-lhe na mão: « Volódenka. » E ele tornou-se dócil. Juntas conseguimos convencê-lo, ou talvez ele próprio tenha pensado, é um homem inteligente: em casos excepcionais, ao fim de vinte e cinco anos há uma amnistia; se fizerem um filme ele será uma celebridade local, isso pode ajudá-lo depois... Todos querem viver... não gostam de falar da morte...

Foi por aí que começámos...

Deus

Estive no isolamento à espera de ser fuzilado. Pensei muito... Mas quem é que nos pode ajudar entre quatro paredes? O tempo não existia, era uma espécie de abstração. Sentia um enorme vazio... E uma vez saiu-me: « Senhor, se Tu existes, ajuda-me! Não me abandones! Não peço milagres, ajuda-me a compreender tudo o que me aconteceu. » Cai de joelhos. Rezei. O Senhor não deixa esperar muito tempo aqueles que se voltam para Ele...

Leia o meu processo – matei um homem. Eu tinha dezassete anos. Havia terminado a escola, escrevia versos. Queria ir estudar para Moscovo, para ser poeta. Vivia com a minha mãe, em casa não havia dinheiro, tinha de trabalhar para pagar os estudos. Empreguei-me numa oficina de automóveis. À noite havia bailes na aldeia... Apaixonei-me por uma rapariga bonita. Estava completamente caído por ela. Voltávamos do baile... era de inverno... havia neve... Já as árvores de Natal brilhavam nas janelas, estava quase a chegar o Ano Novo. Eu não estava bêbedo. Íamos a conversar. Ah! Ah!... Ih! Ih!... E ela pergunta-me: « Tu amas-me mesmo a sério? » « Amo-te mais do que à vida. » « E o que é que és capaz de fazer por mim? » « Sou capaz de me matar. » « Matares-te a ti, claro. Mas és capaz de matar por mim a primeira pessoa que encontrases? » Eu não sabia se aquilo era uma brincadeira ou se me tinha saído uma tipa infame... Já nem me lembro dela, até me esqueci da cara; não me escreveu uma única vez para a prisão. « És capaz de matar? » Dizia isto e ria-se. E eu era um herói! Tinha que dar provas do meu amor! Arranquei uma estaca

de uma vedação... Era de noite, estava escuro. Fiquei à espera. Ela também esperava. Durante muito tempo não passou ninguém, mas por fim apareceu um homem que vinha na nossa direção. E eu agredi-o na cabeça. Zás! Bati-lhe uma vez, outra vez... Ele caiu. Ainda continuei a bater-lhe com a estaca quando ele estava caído... Era o professor da nossa escola...

Primeiro condenaram-me à morte... Seis meses depois, substituíram o fuzilamento por prisão perpétua. A minha mãe renegou-me. A minha irmã escreveu-me durante algum tempo, depois deixou de escrever. Estou sozinho há muito tempo... Passei já dezassete anos fechado à chave nesta cela. Dezassete anos! Tomemos uma árvore ou um animal qualquer – eles não têm a noção do tempo. Deus pensa por eles. Assim sou eu... Dormia, comia, faziam-me sair para o passeio... Só vemos o céu através das grades. Na cela há uma cama, um banquinho, uma caneca, uma colher... Os outros vivem das suas recordações... Mas eu o que hei de recordar? Não me aconteceu nada, nem tive tempo para viver. Olho para trás e é um escuro constante, só por vezes brilha algures uma lâmpada. As mais das vezes vejo a minha mãe... ora está junto ao fogão, ora à janela da cozinha... Para além disso, é a escuridão completa...

Comecei a ler a Bíblia... não conseguia parar... Todo eu tremia. Falava com Ele: «Porque é que Tu me castigaste desta maneira?» O homem agradece ao Senhor as alegrias. Mas quando está em desgraça, brada: «Porquê?» Não procura compreender o sentido da opressão que lhe foi movida. Confiar a sua vida a Ele...

E de repente chego a Lena... Chego aqui e disse: «Amo-te.» O mundo abriu-se à minha frente... Podia imaginar tudo... Uma família, filhos... Da completa escuridão sai para a luz mais brilhante... estava rodeado de luz... É verdade que a situação é anormal: ela tem um marido, três filhos, e declara o seu amor a um homem desconhecido, escreve-lhe cartas. Se eu estivesse no lugar do marido... O que faria! «Tu és alguma santa?» «Não há amor sem sacrifício. Que amor seria esse?» Eu não sabia... Como podia eu saber que havia mulheres assim? Como, na prisão? Existem pessoas, e existe gente má e pronto. Mas de repente apareceu-me uma pessoa, por causa da qual à noite não consigo pregar olho... Chega aqui – e chora, e ri-se. E está sempre bonita.

Depressa nos casámos. Depois decidimos casar-nos pela Igreja... na prisão há uma pequena capela... Quem sabe se de repente o anjo da guarda não olhará para o nosso lado...

Antes de me encontrar com a Lena, eu odiava todas as mulheres e pensava que o amor era apenas uma questão de hormonas. O desejo do corpo... Mas ela

não tem medo dessa palavra, e usa-a muitas vezes: « Amo-te! Amo-te!» Eu na altura ficava ali sentado, imóvel. E tudo isto... como dizer... Não estou habituado à felicidade. Por vezes acredito nela. Quero acreditar que isto é verdade, que me podem amar, que a diferença entre mim e as outras pessoas está apenas em que elas se consideram boas, mas o homem não se conhece a si mesmo, se conhecesse, assustava-se. Alguma vez eu pensei que era capaz... Que me podia transformar numa fera... Nunca! Achava que era boa pessoa. A minha mãe guarda algures os cadernos com os meus versos, se não os queimou. Outras vezes... Tenho medo... Vivi sozinho demasiado tempo, fiquei atolado nesta condição. A vida normal está muito longe de mim, tornei-me mau e selvagem... De que tenho medo? Tenho medo de que a nossa história seja cinema, e eu não preciso de cinema. Talvez eu esteja apenas a começar a viver... Queríamos uma criança... Ela engravidou, e abortou. Deus fez-me lembrar dos meus pecados...

É horrível... Tão horrível que eu ora me quero matar, ora... « Tenho medo de ti» , diz ela. E não se vai embora... Aí tem o cinema! Aí tem...

CONVERSAS NA PRISÃO

– Delírio! Delírio! Essa mulher precisa de um psicólogo...

– Sobre mulheres como essa, eu só tinha lido nos livros... acerca das mulheres dos dezembristas... Era literatura! Mas na vida real... Lena é a única pessoa assim que encontrei na vida. Naturalmente, a princípio não acreditei: « É talvez uma anormal?» Mas depois qualquer coisa em mim sofreu uma reviravolta. Também Jesus era considerado louco. Ela é mais normal do que todas as normais!

– Uma vez passei toda a noite sem dormir por causa dela. Lembrei-me de que também eu tive uma mulher que me amava muito...

– Esta é a cruz dela. Tomou a sua cruz e carrega-a. Uma verdadeira mulher russa!

– Eu conheço o Volódia... O noivo! É um degenerado como eu! Receio por ela. Não é pessoa para se casar e pronto, acabou-se, agora vive para aí como quiseres; vai tentar ser uma esposa. E o que é que ele lhe pode dar? Aqui não temos a possibilidade de dar nada. Todos temos crimes na consciência. A nossa única possibilidade é não aceitar nada, nenhuns sacrifícios. Todo o sentido da nossa vida está em não aceitar nada. E se aceitamos, estamos outra vez a roubar alguém...

– Mas ela é uma pessoa feliz. E não tem medo de ser feliz.

– Pois na Bíblia... não se diz que Deus é bondade, nem justiça... Diz-se que é amor...

– Até o padre... Chega, estende-me a mão entre as grades e retira-a o mais depressa que pode; ele não repara nisso, mas eu vejo. Compreende-se, tenho as mãos manchadas de sangue... Mas ela tornou-se mulher de um assassino, confiou nele, quer partilhar tudo com ele. E agora cada um de nós pensa: « Quer dizer que nem tudo está acabado.» Se eu não soubesse da existência dela, seria muito mais difícil para mim estar aqui.

– Qual o futuro que os espera? Eu não dava nem um centimo a uma vidente para que o adivinhasse...

– Os monstros! Que milagres pode haver? A vida não é um navio branco com velas brancas. É um monte de merda enrolado em chocolate.

– Aquilo que ela procura, o que ela quer, nenhuma pessoa na Terra lhe dará, só Deus.

Fizeram-lhes o casamento religioso na prisão. Tudo aconteceu como Lena imaginara: o brilho das velas, as alianças de ouro... O coro a cantar: «Isaiás rejubila...»

Sacerdote: Tu, Vladimir, queres, de livre e firme vontade, receber como esposa esta Elena, que aqui vês à tua frente?

Noivo: Quero sim, padre.

Sacerdote: Não te prometeste a outra noiva?

Noivo: Não me prometi, padre.

Sacerdote: Tu, Elena, queres, de livre e firme vontade, receber como esposo este Vladimir, que aqui vês à tua frente?

Noiva: Quero sim, padre.

Sacerdote: Não te prometeste a outro noivo?

Noiva: Não me prometi, padre.

« Senhor, tem piedade... »

IRINA VASSÍLIEVA, UM ANO DEPOIS

O nosso filme foi transmitido pela televisão... Recebemos cartas dos espectadores. Fiquei contente, mas... qualquer coisa não está bem neste mundo

em que vivemos. Como naquela anedota: no nosso país as pessoas são boas, mas o povo é mau. Lembro-me: « Eu sou a favor da pena de morte, da utilização dos restos humanos.» « Monstros como esse seu herói, super-homem assassino, deviam ser esquartejados em público, na Praça Vermelha, e nos intervalos transmitir anúncios de *Snickers*.» « Devem experimentar nos órgãos deles... novos medicamentos e químicos...» Se consultarmos o dicionário de Dalh, vemos que a palavra russa *dobrotá* (bondade) vem da palavra *dobrovat*, viver na abundância, ter bens... quando há estabilidade e dignidade... E nós não temos nada disso. O mal não vem de Deus. Palavras de Santo António: « Deus não é culpado do mal. Ele deu ao homem a inteligência, a capacidade para distinguir entre o bem e o mal...» Na verdade, houve também cartas excelentes, como esta: « Depois do seu filme passei a acreditar no amor. Parece que afinal Deus sempre existe...»

O documentário são intrigas... e armadilhas... Para mim, o género documental tem aquilo a que eu chamaria um defeito congénito: o filme está feito, mas a vida continua. Os meus heróis não são inventados, são pessoas vivas, reais, e não dependem de mim – da minha vontade, das minhas conceções, nem do meu profissionalismo; a minha presença na vida deles é acidental e provisória. Não sou tão livre como eles. Se eu pudesse... passaria a vida inteira a filmar uma pessoa. Ou uma família. Dia após dia. Levam ali uma criança pela mão... vão para a datcha... tomam chá e conversam, hoje sobre uma coisa, amanhã sobre outra... zangaram-se... compraram jornais... o carro avariou-se... terminou o verão... alguém chora... Nós presenciamos tudo isso, mas muita coisa acontece na nossa ausência. Sem nós. Captar um momento ou seguir um qualquer lapso de tempo, para mim é pouco. Pouco! Não posso... não sou capaz de me separar... Faço amizade com os meus heróis, escrevo-lhes, telefono-lhes. Encontro-me com eles. Continuo ainda durante muito tempo a « filmar » material, diante dos meus olhos desfilam novas imagens. « Rodo » assim dezenas de filmes.

Um desses filmes é sobre Lena Razduiéva. Tenho um caderno com notas, uma espécie de argumento do filme que não existirá...

... Ela sofre por aquilo que faz, mas não pode deixar de o fazer.

... Passaram-se alguns anos antes de ela se decidir a ler o processo dele. Mas não se assustou: « Isto não altera nada, eu amo-o mesmo assim. Agora sou mulher dele perante Deus. Matou um homem porque nesse tempo eu não estava ao lado dele. Devo pegar-lhe pela mão e retirá-lo dali...»

... Ali mesmo, na ilha do Fogo, está preso um antigo procurador distrital que, juntamente com um irmão, matou duas mulheres à machadada – uma

contabilista e uma caixeira. Está a escrever um livro sobre si mesmo. Nem sai para os passeios, não quer perder tempo. Roubaram uma quantia insignificante de dinheiro. Porquê? Não sabe... Ou o serralheiro que matou a mulher e os dois filhos... Nunca antes tivera na mão mais que uma chave de parafusos, e agora as paredes da prisão estão cheias dos quadros dele. Cada um deles carrega os seus próprios demónios, quer exprimir-se. O assassinio é um mistério tão grande para os carrascos como para as vítimas...

... Uma conversa ali ouvida... «Pensas que Deus existe?» «Se Ele existe, então a morte não é o fim de tudo. E eu não queria nada que Ele existisse.»

... O que é isso, o amor? O Volódia é alto e belo, e o Iúra é um anão... Ela confessou-me que, como homem, Iúra a satisfazia mais... Mas ela tem um dever... O marido é assim, aconteceu-lhe uma desgraça. É preciso segurá-lo pela mão...

... Nos primeiros tempos, ela vivia na aldeia com os filhos, e ia visitá-lo duas vezes por ano. Ele começou a exigir que ela deixasse toda a gente e fosse para o pé dele: «Tu enganas-me, sinto que me enganas.» «Volódenka, como posso eu abandonar os meus filhos? O Matvei é muito pequeno, ainda precisa de mim fisicamente.» «Tu és cristã... Deves submeter-te, obedecer ao teu marido.» Pôs um lenço preto na cabeça e vive perto da prisão. Não há trabalho, mas o padre da igreja local deu-lhe abrigo. Ela faz as limpezas. «E o Volódia está aqui ao lado... Sinto... sinto que ele está aqui ao lado... “Não tenhas medo, eu estou contigo...”», escreve-lhe. Há sete anos que ela lhe escreve todos os dias.

... Assim que se casaram, Volódia começou a exigir que ela escrevesse para todas as instâncias: ele, como pai de três filhos, precisava de cuidar das crianças. Era a sua hipótese de sair em liberdade. Mas Lena é uma mulher íntegra... Sentava-se para escrever e não conseguia: «Ele matou uma pessoa. Não há maior pecado.» Então ele arma grandes escândalos. Precisa de outra mulher. Mais rica e com relações. Está farto daquela santa...

... Entrou na prisão aos dezoito anos... Nesse tempo ainda havia a União Soviética e a vida soviética. Havia o socialismo. Não faz ideia de que país é este agora. Se sair da prisão, vai cair nesta nova vida! Será para ele um forte golpe – sem profissão, rejeitado pela família. E está cheio de raiva. Uma vez, na prisão, discutiu com um colega e por pouco não lhe cortou a garganta à dentada. Lena compreende que precisa de o levar para qualquer lado, longe das pessoas. Sonha que possam ir trabalhar para uma empresa florestal. Viver na floresta. Como ela diz, no meio das árvores e dos animais mudos...

... Disse-me mais de uma vez: «Os olhos dele tornaram-se tão frios, tão

vazios. Ainda um dia me mata. Sei com que olhos ele me matará.» Mas ela é atraída para lá, esse abismo atrai-a. Porquê? Pois não terei eu mesma notado em mim essas manifestações? A escuridão atrai.

... Da última vez em que nos encontrámos, ouvi-a dizer: « Não quero viver! Não posso mais!» Estava como que em coma, mais morta do que viva...

Decidimos ir juntas ver Lena. Mas ela de repente desapareceu. Não dá sinal. Circulam rumores de que vive num eremitério distante. Com drogados, doentes de sida... Muitos deles fazem voto de silêncio.

A coragem e o que vem depois

Tânia Kulechova, estudante, 21 anos

CRÓNICA DOS ACONTECIMENTOS

A 19 de dezembro de 2010 realizaram-se na Bielorrússia eleições presidenciais. Ninguém esperava eleições honestas, o resultado era conhecido de antemão: o vencedor seria o presidente Lukachenko, que governa o país há já dezasseis anos. Na imprensa mundial ridicularizam-no: «ditador da batata», «buldogue mundial», mas ele mantém o seu povo refém. É o último ditador da Europa... Não oculta as suas simpatias por Hitler, o qual também durante muito tempo não foi tomado a sério e a quem chamavam «o pequeno cabo», e «o cabo da Boémia».

À tarde, dezenas de milhares de pessoas saíram para Praça de Outubro (a praça principal de Minsk), em protesto contra a fraude das eleições. Os manifestantes exigiam a anulação dos resultados publicados e a realização de novas eleições, sem Lukachenko. A ação pacífica de protesto foi brutalmente reprimida pelas Forças Especiais. Nas florestas perto de Minsk estavam estacionadas tropas em posição de combate...

Foram detidos no total setecentos manifestantes, entre eles sete ex-candidatos a presidente, que estavam ainda abrangidos pela imunidade...

Depois das eleições, os serviços especiais trabalhavam dia e noite. Começaram as repressões políticas por todo o país: prisões, interrogatórios, buscas em apartamentos, nas redações dos jornais da oposição e nos escritórios das organizações de defesa dos direitos do homem, apreensão de computadores e de outro material. Muitos dos que se encontram na prisão de Okrestino e nas celas do KGB arriscam-se a penas de quatro a quinze anos de prisão por «organização

de desordens públicas» e «tentativa de golpe de Estado» – como o poder bielorrusso qualifica hoje a participação numa ação pacífica de protesto. Receando as perseguições e o reforço da ditadura, centenas de pessoas fogem do país...

*Dos jornais,
dezembro de 2010 – março de 2011.*

CRÓNICA DOS SENTIMENTOS

«Íamos alegres, sem levar as coisas muito a sério.»

Não direi o meu apelido, mas o da minha avó. Tenho medo... é claro... Toda a gente está à espera de heróis, mas eu não sou uma heroína. Não estava preparada para isto. Na prisão só pensava na minha mãe, que ela sofre do coração. O que lhe irá acontecer? Se nós vencêssemos, escreveriam sobre nós nos manuais de História... Mas, e as lágrimas dos nossos familiares? Os seus sofrimentos? As ideias são uma coisa poderosa, terrível, são uma força não material, não se pode pesar. Não têm peso... é outra matéria... Qualquer coisa se torna mais importante do que a nossa mãe. É preciso escolher, e não estamos preparados... Agora sei o que é entrar no nosso quarto depois de a polícia política ter revolido as nossas coisas, os livros... ter lido o nosso diário... (*Silêncio.*) Hoje, quando me preparava para vir ter consigo, a minha mãe telefonou-me. Disse-lhe que me ia encontrar com uma escritora conhecida, e ela começou a chorar: « Tu cala-te. Não contes nada.» Sou apoiada por pessoas desconhecidas, e os parentes, os próximos, não me apoiam. Mas eles gostam de mim...

Na noite antes do comício reunimo-nos numa residência estudantil e discutimos. Sobre a vida e sobre quem iria ao comício e quem não iria. Quer que conte? De que é que falámos? Foi mais ou menos assim...

– Tu vais?

– Não vou. Expulsam-me do instituto e mobilizam-me para o Exército. Fujo com a espingarda automática.

– E eu, se for expulsa, o meu pai casa-me imediatamente.

– Chega de conversa, é tempo de fazer alguma coisa. Se todos tiverem medo...

– Queres que eu seja um « Che » Guevara? (Isto já são palavras do meu ex-namorado, também lhe falarei dele.)

– Um sorvo de liberdade...

– Eu vou, porque estou farto de viver em ditadura. Mantêm-nos como animais sem cérebro.

– Mas eu não sou nenhum herói. Quero estudar, ler livros.

– Tu sabes o que se diz dos soviéticos: raivosos como cães, mas calados como peixes.

– Eu sou uma pessoa insignificante, não tenho qualquer poder. Nunca vou votar.

– Eu sou um revolucionário... vou... A revolução é fixe!

– Que ideais revolucionários são os teus? O capitalismo como novo futuro radioso? Viva a Revolução Latino-Americana!

– Quando eu tinha dezasseis anos, condenava os meus pais porque estavam sempre com medo por causa da carreira do meu pai. Eu pensava: « Eles são uns apáticos, mas nós somos uns radicais!» Nós saímos à rua, fazemos ouvir a nossa voz! Mas agora sou tão conformista como eles. Um autêntico conformista. Segundo a teoria de Darwin, não são os mais fortes que sobrevivem, mas os mais capazes para se adaptarem ao meio ambiente. São os medíocres que sobrevivem e perpetuam a espécie.

– Ir lá é ser parvo, não ir é ainda pior.

– Quem é que vos disse, seus carneiros brancos, que a revolução é o progresso? Eu sou pela evolução.

– Para mim, « brancos» ou « vermelhos» é o mesmo. Estou-me nas tintas!

– Eu sou revolucionário...

– Isso é inútil! Chegam os carros militares com os rapazes de cabeças rapadas, apanhas umas bastonadas na cabeça, e pronto. O poder deve ser férreo.

– Ele que vá para o c... esse camarada Mauser. Eu não prometi a ninguém ser revolucionário. Quero terminar o instituto e entrar nos negócios.

– Disparates!

– O medo é uma doença...

*

Íamos alegres, sem levar as coisas muito a sério. Muitos riam-se, cantavam canções. Todos gostavam muito uns dos outros. Iam de ânimo muito excitado. Alguns levavam cartazes, outros levavam guitarras. Os amigos telefonavam-nos dos telemóveis e informavam-nos do que se escrevia na Internet. Estávamos informados... Foi assim que soubemos que o centro da cidade estava cheio de carros militares com soldados e polícias. Que havia tropas a avançar para a cidade... Acreditávamos nisso, e ao mesmo tempo não acreditávamos; o estado

de espírito oscilava, mas não havia medo. De repente o medo desapareceu. Em primeiro lugar, porque era muita gente... Dezenas de milhares de pessoas! As pessoas mais diversas. Nunca tínhamos juntado tanta gente. Eu não me lembro... E em segundo lugar, estávamos em nossa casa. Afinal de contas, esta é a nossa cidade. Este é o nosso país. Na Constituição estão inscritos os nossos direitos: liberdade de reunião, de comícios, manifestações, desfiles... Liberdade de palavra... Existem leis! Éramos a primeira geração não assustada. Não espancada. Não fuzilada. E se nos metessem na prisão durante quinze dias? Grande coisa! Haveria assunto para escrever nos blogues. As autoridades que não pensem que nós somos um rebanho que vai cegamente atrás do pastor! Que temos um televisor no lugar do cérebro. Em todo o caso eu levava comigo uma caneca, porque já sabia que na cela da prisão há uma caneca para dez pessoas. Meti também na mochila uma camisola quente e duas maçãs. Avançávamos e tirávamos fotografias para termos recordações daquele dia. Havia pessoas com máscaras natalícias, com ridículas orelhas de lebre que se iluminavam... Brinquedos chineses. Era quase Natal... Estava a nevar... Era tudo tão bonito! Não vi nem um único bêbedo. Se alguém aparecia com uma lata de cerveja, tiravam-lha logo e despejavam-na. No telhado de uma casa apareceu um homem: «Um *sniper!* Um *sniper!*» Todos se alegraram. Faziam-lhe gestos: «Anda lá! Salta para aqui!» Era o máximo. Eu dantes era completamente apática em relação à política, nunca pensei que aqueles sentimentos existiam e que eu pudesse partilhá-los. Só a ouvir música me sentia assim. A música para mim é tudo, é uma coisa insubstituível. Era extraordinariamente interessante. Ao meu lado ia uma mulher... Porque é que eu não lhe perguntei o nome? Você podia escrever sobre ela. Eu estava ocupada com outras coisas – à volta havia alegria, era tudo novo para mim. Essa mulher ia com o filho, que pelo aspeto devia ter uns doze anos. Um coronel da Polícia avistou-a, criticou-a pelo altifalante, quase a injuriando, dizendo-lhe que era má mãe, que era louca. E toda a gente começou aplaudi-la, a ela e ao filho. Foi espontâneo, ninguém combinou nada. Isto é importante... é importante saber... Porque nós sempre tivemos vergonha. Os Ucrânicos tiveram Maidan, os Georgianos a Revolução das Rosas. E, de nós, riem-se. Minsk é uma capital comunista, a última ditadura da Europa. Agora vivo com outro sentimento: nós saímos à rua, não tivemos medo. Isso é o principal... é o mais importante... E ali estávamos: nós e eles. Aqui um povo, ali outro. Isto tinha um ar estranho... Uns com cartazes e retratos, os outros em posição de combate e com equipamento completo, com escudos e bastões. Eram uns tipos espadaúdos, uns belos rapazes. Como iam eles começar a

bater na gente? A espancar-me a mim? Tipos da minha idade, meus admiradores. É um facto! Entre eles havia rapazes meus conhecidos, da minha aldeia, e estavam por certo ali. Muitos vieram da nossa aldeia e servem na Polícia: Kolka Latuchka, Alik Kasnatchéiev... Rapazes normais. Iguais a nós, mas com galões. E iriam atacar-nos? Não conseguia acreditar... Ríamo-nos, gracejávamos com eles. Tentávamos conquistá-los: «Então, rapazes, vão combater o povo?» E a neve continuava a cair. E de repente... Bem, parecia uma parada... Soaram vozes de comando: «Caregar! Cerrar fileiras!» O cérebro não se liga imediatamente à realidade... porque uma coisa assim não podia acontecer... «Carregar...» Em dado momento fez-se silêncio. E logo se ouviu o estrépito dos escudos... um estrépito ritmado... Eles avançaram... Avançavam em filas e batiam com os bastões nos escudos, como os caçadores que perseguem um animal. A presa. Avançavam, avançavam. Eu nunca tinha visto uma tão grande quantidade de militares, a não ser na televisão. Mais tarde fiquei a saber por uns rapazes da minha aldeia... Ensinam-lhes: «O mais terrível é se vocês veem os manifestantes como pessoas.» Treinam-nos como cães. (*Silêncio.*) Gritos... choros... Gritos: «Batem! Batem!» Eu vi como eles batiam. Sabe, eles batiam com entusiasmo, com satisfação. Lembro-me de que batiam com satisfação... como se estivessem no treino... O guincho de uma rapariga: «O que estás a fazer, monstro!» Uma voz muito, muito alta. Quebrou-se. Era tão horrível que em dado momento fechei os olhos. Eu tinha um blusão branco, um gorro branco. Estava toda de branco.

«De focinho na neve, cadela!»

Uma carrinha celular... Um veículo que é um portento. Foi a primeira vez que vi. É uma camioneta especial para o transporte de presos, totalmente revestida de aço. «De focinho na neve, cadela! Um movimento, e mato-te!» Eu estava deitada no asfalto... Não estou sozinha, todos os nossos estão ali... um vazio na cabeça... sem pensamentos... A única sensação real é a sensação de frio. A pontapé e à bastonada fazem-nos levantar e metem-nos no veículo. Quem apanha mais são os rapazes, a quem procuram bater entre as pernas: «Dá-lhe nos tomates, nos tomates!», «Bate-lhe nos ossos!», «Mija-lhes para cima!» . Espancavam e iam filosofando: «Que se foda a vossa revolução!», «Por quantos dólares vendeste a Pátria, bandalho?» . A carrinha celular, dois metros por cinco, está prevista para vinte pessoas, disseram-nos alguns entendidos, mas nós éramos ali mais de cinquenta. Os cardíacos e asmáticos tinham que se aguentar! «Não olhar pelas janelas! Cabeças baixas!» E palavrões...

palavrões... Por nossa causa, «parvalhões mal acabados», que «se venderam aos Americanos», eles não iam conseguir ver o futebol. Foram mantidos todo o dia fechados nos carros. Debaixo da lona. Urinavam em sacos de plástico e em preservativos. Saíram de lá esfomeados e raivosos. Talvez não fossem em si mesmos más pessoas, mas trabalham como carrascos. Rapazes de aspeto normal, pequenos parafusos do sistema. Bater ou não bater, não são eles que decidem... mas são eles que batem... Primeiro batem, e depois pensam, ou talvez nem pensem. (*Silêncio.*) Rolámos durante muito tempo, ora em frente, ora dávamos meia-volta. Para onde? Completo mistério. Quando abriram as portas, à pergunta: «Para onde nos levam?», responderam: «Para Kuropati.» (Lugar onde foram enterradas as vítimas das repressões estalinistas.) Têm estes gracejos sádicos. Transportaram-nos durante muito tempo pela cidade, porque todas as prisões estavam cheias. Passámos a noite na carrinha celular. Na rua estavam vinte graus negativos, e nós dentro de uma caixa metálica. (*Silêncio.*) Mas eu não quero odiar ninguém. Não estou preparada para isso.

Durante a noite, a guarda foi rendida várias vezes. Não me lembro das caras, de uniforme eles são todos iguais. Mas um deles... Eu reconhecia-o imediatamente se o visse na rua, e reconhecia-o pelos olhos. Não era velho nem novo, era um homem normal. Sem nada que o distinguisse. O que fazia ele? Abria as portas da carrinha e mantinha-as abertas durante muito tempo, gostava de nos ver começar a tremer de frio. Estávamos todos de blusão de pele artificial, e botas baratas. Ele olhava para nós e sorria. Não tinha nenhuma ordem para o fazer, fazia aquilo por sua conta. Por sua própria iniciativa. Um outro polícia deu-me um *Snickers*: «Toma lá. E o que foste tu fazer àquela praça?» Diz-se que para compreender isto é preciso ler Soljenítsin. Quando eu andava na escola, levei da biblioteca o *Arquipélago Gulag*, mas na altura não o consegui ler. É um livro volumoso e enfadonho. Li umas cinquenta páginas e abandonei-o... Era uma coisa tão distante como a Guerra de Troia. Estaline é um tema gasto. Eu e os meus amigos pouco nos interessávamos por ele...

A primeira coisa que nos acontece na prisão... Esvaziam as coisas da nossa malinha em cima de uma mesa. A sensação? É como se nos despissem... E também nos despem em sentido literal: «Despir as cuecas! Abrir as pernas à largura dos ombros! Agachar!» O que procuravam eles no meu ânus? Falavam connosco como com os presidiários. «Cara para a parede! Olhar para o chão!» Ordenavam sempre que olhássemos para o chão. Detestavam que os olhássemos nos olhos: «Cara para a parede! Já disse, cara para a parede!» Andávamos sempre em fila... Mesmo para ir à casa de banho levavam-nos em fila:

« Formar em coluna de costas uns para os outros.» Para suportar tudo isto, criei uma barreira. Aqui somos nós, ali são eles. O interrogatório, o juiz de instrução, as declarações... No interrogatório: « Deves escrever: “Reconheço inteiramente a minha culpa.”» « E de que é que eu sou culpada?» « O quê, não compreendes? Participaste em desordens de massa...» «Era ação de protesto pacífica.» Começa a pressão: « Vais ser expulsa do instituto, a tua mãe vai ser despedida do trabalho. Como pode ela trabalhar como professora, se tem uma filha assim?» A mamã! Eu pensava continuamente na minha mãe... Eles compreenderam isso, e cada pergunta começava com as palavras: « A tua mãe chora », « A tua mãe está no hospital ». E de novo: « Diz os nomes... Quem ia ao teu lado? Quem distribuía os panfletos? Assina... diz nomes...» Prometiam que ninguém ficaria a saber e que me mandavam logo para casa. Era preciso optar... « Não assino coisa nenhuma.» Mas de noite chorava. A minha mãe estava no hospital... (*Silêncio.*) É fácil trair por amor da mãe... Não sei se suportaria mais um mês. Eles riam-se: « E então, Zoia Kosmodemiánskaia?» Eram jovens, alegres. (*Silêncio.*) Eu tinha medo... Eu e eles vamos às mesmas lojas, frequentamos os mesmos cafés, tomamos o mesmo metro. Sempre juntos por toda a parte. Na vida corrente não há uma fronteira nítida entre « nós » e « eles ». Como reconhecê-los? (*Silêncio.*) Dantes eu vivia num mundo benévolo, que já não existe e não voltará a existir.

Um mês inteiro numa cela... Durante esse tempo não vi um espelho uma única vez. Eu tinha um espelho pequenino, mas desapareceu-me da mala depois da busca. E o porta-moedas com o dinheiro também desapareceu. Estava sempre com sede. Uma sede insuportável! Só davam de beber à hora da refeição, e no restante tempo: « Bebam da retrete.» E riam-se às gargalhadas. Eles próprios bebiam *Fanta*. Parecia-me que nunca haveria de matar a sede. Quando saísse em liberdade, ia encher o frigorífico de garrafas de água mineral. Todos nós cheirávamos mal... não havia onde nos lavássemos... Alguém tinha um frasquinho de perfume, passávamo-lo de mão em mão e cheirávamo-lo. Algures, os nossos amigos escreviam dissertações, iam à biblioteca, prestavam provas. Não sei porquê, pensava em todas as ninharias... No vestido novo, que não vestira uma única vez... (*Ri-se.*) Fiquei a saber que podemos sentir alegria por coisas tão insignificantes como açúcar ou um bocadinho de sabão. Numa cela para cinco pessoas – trinta e dois metros quadrados – éramos dezassete. Foi preciso aprender a viver em dois metros. À noite era particularmente difícil, não se podia respirar. Demorávamos muito a adormecer. Conversávamos. Nos primeiros dias sobre política, e depois apenas sobre o amor.

CONVERSAS NA CELA

«Nem quero pensar que eles fazem isto de livre vontade...»

– Tudo se passa segundo o mesmo guião... Tudo gira em círculo. O povo é um rebanho. Um rebanho de antílopes. E o poder é uma leoa. Uma leoa que escolhe no rebanho a sua vítima e a mata. Os restantes vão mastigando a erva, olhando de lado para a leoa, que escolhe mais uma presa, e todos respiram de alívio quando a leoa abate a presa: « Não fui eu! Não fui eu! Posso continuar a viver.»

– Eu gostava da revolução no museu... Dava-me uma disposição romântica. Brincava aos contos de fadas. Ninguém me chamou, fui por mim mesma à praça. Era interessante ver como se faz a revolução. Por causa disso apanhei umas bastonadas na cabeça e nos rins. Foi a juventude que saiu à rua, era a « revolução dos filhos », como agora se diz. Mas os nossos pais ficaram em casa. Ficaram sentados nas cozinhas a falar de nós, de termos ido para lá. Preocupavam-se. Eles têm medo, mas nós não temos recordações soviéticas. Sobre os comunistas só lemos nos livros, não tínhamos medo. Em Minsk vivem dois milhões de pessoas, e quantos éramos os que saímos à rua? Trinta mil... E aqueles que nos viam passar eram mais: estavam nas varandas, faziam-nos sinais dos carros, encorajavam-nos: « Vá lá, rapaziada! Força!» São sempre mais os que ficam sentados com uma lata de cerveja em frente do televisor. E pronto... Enquanto na rua estivermos só nós, os intelectuais românticos, isto não é uma revolução...

– Pensa que é com base no medo que tudo se aguenta? Com base na Polícia e nos bastões? Engana-se. O carrasco e a vítima podem entender-se. Isso ficou-nos dos tempos do comunismo. Existe um consentimento tácito. Um contrato. Um grande ajuste. As pessoas compreendem tudo, mas calam-se. Por isso querem receber um salário decente, comprar nem que seja um *Audi* usado e passar férias na Turquia. Experimentem falar-lhes de democracia, de direitos humanos... Isso é chinês! Aqueles que viveram nos tempos soviéticos começam logo a lembrar-se: « Os nossos filhos pensavam que as bananas nasciam em Moscovo. Mas vejam agora... Cem espécies de salame! Que mais liberdade precisam.» Muitos ainda hoje querem a União Soviética, mas com salame à farta.

– Eu estava lá por acaso... Fui à praça com uns amigos, queria divertir-me entre os cartazes e os balões. E para falar francamente... gostei de um rapaz que lá estava. Na verdade, sou uma espectadora sem opinião. Nunca penso na

política. Estou farta dessa luta entre o bem e o mal...

– Levaram-nos para uma barraca qualquer. À noite ficámos de pé, virados para a parede. De manhã: « Todos de joelhos!» Estávamos de joelhos, uma voz de comando: « Levantar! Mãos no ar!» Ora com as mãos atrás da cabeça, ora acocorados. Ora apoiados num só pé... Porque faziam eles isto? Para quê? Se lhes perguntarem, não respondem. Foram autorizados... sentiram o poder... As raparigas sentiam-se mal, caíam desmaiadas. Da primeira vez que me levaram a interrogatório, eu ri-me na cara do juiz de instrução, até que ele disse: « Minha menina, não tarda vou-te foder em todos os buracos que tens e depois meto-te numa cela com os de direito comum.» Eu não li Soljenítsin, e acho que o juiz também não. Mas ambos sabíamos tudo...

– O meu juiz de instrução era um homem culto, fez a mesma universidade que eu. Verificou-se que gostávamos dos mesmos livros: Akínin, Umberto Eco... « Como é que tu me vieste cair em cima da cabeça? Eu ocupava-me de corrupção. Isso é comigo! Com os corruptos é tudo claro. Mas com vocês...» Faz o seu trabalho contra vontade, com vergonha, mas faz. E há milhares como ele: funcionários, investigadores, juízes. Uns espancam, outros mentem nos jornais, outros ainda prendem, proferem sentenças. É preciso pouco para pôr a máquina estalinista a funcionar.

– Na nossa família conserva-se um velho caderno. Nele escreveu o meu avô, para os filhos e os netos, a história da sua vida. Contou como viveu os tempos de Estaline. Meteram-no na prisão e torturaram-no: punham-lhe uma máscara antigás e cortavam-lhe o oxigénio. Despiam-no e enfiavam-lhe um varão de ferro ou um puxador de porta no ânus... Eu andava na décima classe quando a minha mãe me deu esse caderno: « Já és crescida. Tens de saber isto.» Mas eu não compreendia – para quê?

– Se voltarem os campos de trabalho correcional, não faltarão os carcereiros. Haverá carcereiros em abundância! Lembro-me muito bem de uma coisa... Olhava para os olhos dele, era um tipo normal, mas espumava pela boca. Moviam-se como que a dormir, em transe. Espancavam à direita e à esquerda. Um homem caiu, cobriram-no com um escudo e dançaram em cima dele. Uns latagões... de dois metros de altura... Com oitenta ou cem quilos cada um; alimentam-nos até terem o peso de lutadores. Os rapazes dos serviços especiais são uns tipos particulares... como os *opritchniki* de Ivan, o *Terrível*... Nem quero pensar que eles fazem isto de livre vontade, não quero pensar isso. Com todas as minhas forças. Têm de comer bem. Um rapazola... tem no seu ativo apenas a escola e a tropa, e ganha mais do que um professor universitário. Depois... Será

como sempre... Forçosamente... Depois dirão que cumpriam ordens, não sabiam de nada, não decidiam nada. Já hoje encontram mil justificações. «E quem é que há de alimentar a minha família?» «Fiz um juramento.» «Eu não podia sair da fileira, mesmo que quisesse.» Pode-se fazer isso com qualquer homem. Com muitos, em todo o caso...

– Eu tenho só vinte anos. Como continuar a viver? Acho que se sair para a cidade terei medo de levantar os olhos...

«Vocês têm uma revolução, mas nós temos o poder soviético.»

Soltaram-nos durante a noite. Toda a gente nos esperava em frente da prisão: os jornalistas, os nossos amigos, mas levaram-nos numa carrinha celular e desembarcaram-nos nos arredores da cidade. A mim deixaram-me algures em Chabani. Junto a umas pedras quaisquer, ao lado de uma construção. Era realmente medonho. Fiquei ali, confusa, e depois comecei a andar em direção às luzes. Não tinha dinheiro e o meu telemóvel estava descarregado havia muito. No porta-moedas tinha apenas um recibo, deram-nos a todos um recibo de pagamento da nossa manutenção na prisão. Era o equivalente à minha bolsa de um mês... Até nem sei... Eu e a minha mãe mal conseguíamos fazer com que o dinheiro nos chegasse até ao fim do mês. O meu pai morreu quando eu tinha doze anos e andava na sexta classe. O meu padrasto gasta todo o seu salário na bebida. É um alcoólico. Estragou-nos a vida, a minha e da minha mãe, e eu odeio-o. Ando sempre à procura de ganhar algum dinheiro: distribuo toda a espécie de publicidade pelas caixas de correio, no verão ando com um tabuleiro a vender fruta ou gelados. Ia caminhando a pensar nisto... Havia alguns cães a correr e não via uma única pessoa... Fiquei contente quando um táxi parou ao meu lado. Dei-lhe a direção da residência estudantil, mas disse-lhe: «Não tenho dinheiro.» O taxista pareceu adivinhar logo: «A-a-ah, dezembroista! (fomos presos em dezembro). Entra. Já apanhei uma assim e levei-a a casa. Mas porque é que vos soltam de noite?» De caminho ia-me ensinando. «Tudo isso é um disparate! Um disparate! Em noventa e um estava a estudar em Moscovo e também corria para as manifestações. Éramos mais do que vocês. Vencemos. Sonhávamos que cada um de nós ia criar uma empresa e enriquecer. E qual foi o resultado? No tempo dos comunistas eu trabalhava como engenheiro, e agora ando ao volante. Corremos com uns canalhas, vieram logo outros. Pretos, cinzentos ou cor de laranja são todos iguais. No nosso país o poder corrompe qualquer pessoa. Eu sou realista. Só acredito em mim e na minha família. Enquanto mais uns idiotas organizam mais uma revolução, eu vou pondo dinheiro

de parte. Este mês preciso de ganhar para comprar blusões para as minhas filhas, e para o mês que vem serão umas botas para a minha mulher. Tu és uma miúda bonita. Arranja um rapaz bom e casa-te.» Chegámos à cidade. Música. Risos. Os parzinhos beijam-se. A cidade vivia como se nós não existíssemos.

Estava ansiosa por falar com o meu namorado. Não conseguia esperar. Estávamos juntos havia já três anos, fazíamos planos. (*Silêncio.*) Ele prometeu-me que iria ao comício, mas não foi. Eu esperava explicações. Apareceu como se nada fosse. Veio a correr. As raparigas deixaram-nos sozinhos no quarto. Quais explicações?! Ridículo! Eu afinal sou « simplesmente uma parva », « um claro espécime », « uma revolucionária ingénuua ». Ele tinha-me avisado, eu esqueci-me? Explicou-me que não era racional ferver por coisas que não podemos influenciar. Há quem tenha essa posição, de viver para os outros, mas isso não era a posição dele, não queria morrer nas barricadas. Não era essa a sua vocação. Para ele, o objetivo principal era a carreira. Queria muito dinheiro. Uma casa com piscina. Deve-se viver com alegria. Hoje há tantas oportunidades... nem sabemos para onde nos virar... Pode-se viajar pelo mundo, há cruzeiros formidáveis, mas custam caro; pode-se comprar até um palácio, mas custa caro; pode-se encomendar no restaurante sopa de tartaruga... Mas há que pagar por tudo isso. Dinheiro! Dinheiro! Como nos ensinava o meu professor de Física: « Caros estudantes! Lembrem-se de que o dinheiro resolve tudo, até as equações diferenciais. » A dura verdade da vida. (*Silêncio.*) Então e os ideais? Quer dizer que nada disso existe? Pode dizer-me alguma coisa? Você, que escreve livros... (*Silêncio.*) Numa reunião geral expulsaram-me do instituto. Todos levantaram a mão a aprovar, menos o meu velho professor, o meu preferido. Nesse mesmo dia levaram-no do instituto numa ambulância. Na residência as minhas amigas reconfortavam-me, quando ninguém estava a ver: « Tu não te ofendas, o reitor ameaçou que nos expulsava, se... » A-a-ah! Heroínas!

Comprei um bilhete para voltar para casa. Quando estou na cidade sinto saudades da minha aldeia. Na verdade não sei de que aldeia tenho saudades, certamente é da minha aldeia « da infância ». Dessa aldeia onde o meu pai me levava consigo para retirar da colmeia os favos carregados de mel. Primeiro fumigava as colmeias, para que as abelhas voassem e não nos picassem. Em pequena, eu pensava que as abelhas eram passarinhos... (*Silêncio.*) Se gosto da aldeia, agora? As pessoas vivem ali como antes, ano após ano. Cavam as batatas nas hortas, de joelhos na terra. Destilam vodca. À noite não se encontra um homem sóbrio, bebem todos os dias. Votam por Lukachenko e lamentam a União

Soviética. No autocarro um vizinho nosso sentou-se ao meu lado. Bêbedo. Falou de política: « Eu mesmo partia as ventas a todos esses monstros dos democratas. Deram-lhes poucas. Palavra de honra! É preciso fuzilá-los. A mim não me tremia a mão. A América é que paga tudo isso... Hillary Clinton... Mas nós somos um povo rijo. Sobrevivemos à *perestroika*, havemos de sobreviver à revolução. Ouvi um homem inteligente dizer que a revolução foi coisa dos judeus.» Todo o autocarro o apoiava: « Não seria pior do que agora. Ligamos a televisão e por toda a parte é bombas e tiros.»

Cheguei a casa, abri a porta. A mamã estava na cozinha a limpar bolbos de dalias; tinham gelado e apodrecido na cave, porque são sensíveis. Dão-se mal com o frio. Pus-me a ajudá-la, como na infância. « O que é que se passa com vocês lá na capital? » Foi a primeira pergunta da mamã. « Na televisão mostraram um mar de gente, todos a gritar contra o poder. Santo Deus! Que medo! Aqui estávamos com medo que começasse uma guerra: alguns têm filhos nas Forças Especiais, outros têm filhos estudantes que saíram para a praça e gritavam. Nos jornais escrevem que são terroristas e bandidos. A nossa gente acredita nos jornais. Vocês têm lá uma revolução, mas nós temos o poder soviético.» Em casa cheirava a valeriana.

Fiquei a saber notícias da aldeia... Iuka Chved, um agricultor, vieram buscá-lo à noite num carro, dois homens à civil, como os que em 1937 vieram buscar o meu avô. Revolveram a casa toda, levaram o computador. Despediram uma enfermeira, Ânia H., porque tinha ido ao comício e se inscreveu num partido da oposição. Tem um filho pequeno. Um mujique bêbedo agrediu-a: « Opositora! » E as mães dos rapazes que servem na Polícia gabam-se de que os filhos receberam um aumento nos prémios. E trouxeram-lhes presentes. (*Silêncio.*) Dividiram o povo em duas partes... Fui a um baile no clube, e em toda a noite ninguém me convidou para dançar. Porque... sou uma terrorista... Tinham medo de mim...

Encontrámo-nos por acaso um ano depois no comboio Moscovo-Minsk. Já todos dormiam há muito, e nós conversávamos.

« ... pode tornar-se vermelha. »

Estou a estudar em Moscovo. Vou aos comícios de Moscovo com os amigos. É formidável! Gosto das caras das pessoas que vejo lá. Lembro-me de caras como aquelas entre nós, quando saímos para a praça principal de Minsk. Não reconheci a minha cidade, não reconheci as pessoas. Eram outras pessoas. Tenho

saudades de casa, muitas saudades.

Tomo o comboio para a Bielorrússia e nunca consigo adormecer. Vou meio a dormir... meio acordada... Ora me parece que estou na prisão, ora na residência estudantil. Ora... Recordo tudo... As vozes dos homens e das mulheres...

– Obrigavam-nos a ficar com os pés acima da cabeça...

– Puseram-me uma folha de papel nos rins, para não deixar marcas, e batiam-me com uma garrafa de plástico, cheia de água...

– Enfiava-me um saco de plástico ou uma máscara antigás na cabeça. Depois... como compreende, ao fim de dois minutos eu perdia os sentidos... E ele tinha em casa a mulher e os filhos. Era bom marido. Bom pai...

– Batem, batem, batem, batem... com as botas, com os sapatos, com os ténis...

– Pensas que lhes ensinam apenas a saltar de paraquedas, ou a descer por um cabo pendurado num helicóptero? Ensinam-lhes pelo mesmo manual que no tempo de Estaline...

– Na escola diziam-nos: «Leiam Búnin, Tolstoi, esses livros salvam as pessoas.» A quem se pode perguntar: porque é que isso não se transmite, e o puxador da porta no ânus, ou o saco de plástico na cabeça se transmite?

– Se lhes aumentarem o ordenado duas e três vezes... receio que eles comecem a disparar...

– No Exército compreendi que gosto de armas. Sou filho de um professor, cresci no meio de livros. Quero ter uma pistola. É uma coisa bonita! Ao longo dos séculos adaptaram-na bem à mão. É agradável segurá-la. Gostaria de adquiri-la, de limpá-la. Oleá-la. Gosto desse cheiro.

– Que te parece, vai haver revolução?

– Cor de laranja é a cor da urina de cão na neve. Mas pode tornar-se vermelha...

– E lá íamos...

Comentários de uma pequeno-burguesa

Recordar o quê? Vivo como toda a gente. Houve a *perestroika*... Gorbatchov... A mulher dos correios abriu a cancela: «Ouviste, já não há comunistas.» «Como é isso?» «Encerraram o Partido.» Ninguém disparou, nada. Agora dizem que havia uma grande potência e que se perdeu tudo. Mas o que foi que eu perdi? Continuo a viver como antes, numa casinha sem quaisquer comodidades – sem água, sem canalizações, sem gás. Trabalhei honestamente toda a vida. Lavrava, lavrava, acostumei-me a lavar. E sempre recebia uns copeques. Continuo a comer como antes, macarrão e batatas. A peliça que trago é soviética. Aqui há neve!

A melhor recordação que tenho é de quando me casei. Havia amor. Lembro-me de que quando regressávamos do registo os lilases estavam em flor. Os lilases em flor! E, imagine, os rouxinóis cantavam lá dentro... É assim que me lembro... Vivemos muito bem alguns anos, tivemos uma menina... Mas depois o Vadik começou a beber e a vodka deu cabo dele. Um homem novo, quarenta e dois anos. E assim vivo sozinha. A minha filha já é crescida, casou-se e foi-se embora. No inverno ficamos cobertos de neve, toda a aldeia debaixo de neve – as casas, os carros. Por vezes os autocarros estão semanas sem circular. O que há lá pela capital? Daqui até Moscovo são mil quilómetros. Vemos na televisão a vida moscovita, como no cinema. Conheço Pútín e Alla Pugatchova... dos outros não conheço mais ninguém... Comícios, manifestações... E nós aqui vivemos como vivíamos. No socialismo, e no capitalismo. Para nós, «brancos» ou «vermelhos», é tudo a mesma coisa. Precisamos de esperar até à primavera. Para semear as batatas... (*Longo silêncio.*) Tenho sessenta anos... Não vou à igreja, mas é preciso conversar com alguém. Falar de outras coisas... Falar de que não há vontade de envelhecer e teremos pena de morrer. Já viu os lilases que eu tenho? Quando saio à noite, resplandecem. Fico parada, a olhar. Vamos arranjar um ramo para si...

«O socialismo acabou, mas nós ficámos»

Conversa conduzida por Natália Igrunova

O ciclo de livros sobre a Grande Utopia e o homem por ela criado foi concebido por Svetlana Aleksievitch há quase trinta anos. Como recordam alguns amigos estudantes, ela pediu emprestados cinco mil rublos (muito dinheiro para aquele tempo) a Vassili Bikov, Ianka Bril e Aleksei Adámovitch, tirou umas férias criativas na revista onde trabalhava, comprou um gravador de cassetes (nesse tempo não havia outros) e viajou pelas cidades e aldeias da União Soviética para registar as memórias das mulheres que estiveram na frente da guerra. Assim nasceu o livro cujo título se tornou idiomático: *A Guerra não Tem Cara de Mulher*. Desde então escreveu: *As Últimas Testemunhas*, *Os Rapazes de Zinco*, *A Oração de Chernobil*. Svetlana Aleksievitch tornou-se uma escritora conhecida, recebeu prestigiosos prémios literários russos, europeus e americanos. E o país que tentou levar a Utopia à prática já não existe. Este novo livro, *O Fim do Homem Soviético*, que encerra o « quinteto » , é a despedida de uma época.

Há já vinte anos que eu e Svetlana mantemos um diálogo sobre os livros dela e sobre a maneira como o mundo muda e como nós mudamos.

Natália Igrunova: Com este teu livro tocas no nervo central da atual polémica mundial. Passaram-se mais de vinte anos desde o fim da URSS, e a sociedade russa continua a dividir-se por essa fratura: « pró » ou « contra ». As discussões mais acerbas nos *talk-shows* e nos meios de comunicação em geral, são as novas iniciativas legislativas dos deputados da Duma – se se deve ou não retirar Lenine do mausoléu, sobre Estaline, a reavaliação dos acontecimentos da Grande Guerra Patriótica, sobre o papel de Gorbatchov e de Eltsin, e como se deve apresentar a nova e novíssima História nos manuais escolares.

Svetlana Aleksievitch: Isso é devido ao medo. O medo perante a nova

realidade que se nos abriu, para a qual não estamos preparados e diante da qual somos impotentes. E por isso a melhor defesa, segundo nos parece, é criar pequenos cubos não do passado, mas dos nossos mitos. Fomos lançados da nossa própria história para o tempo comum. A princípio parecia-nos que seria fácil inserir-nos nesse mundo. A consciência das massas tinha esperanças: teremos as mesmas montras, os mesmos armazéns. Os intelectuais pensavam que assim, de passagem, ficariam ao nível da elite mundial. Mas verificou-se que nada era assim tão fácil. Que esse é um enorme trabalho, que exige pessoas livres, que nós não éramos, e pensamento livre, que não tínhamos. E não caminhámos para o mundo, antes nos afastámos dele.

N. I.: Recentemente foi publicado um inquérito «de esquerda» acerca da atitude para com os líderes do país. A melhor atitude é para com Bréjnev (56%), Lenine (55%), Estaline (50%). Em relação a Gorbatchov e Eltsin a atitude é negativa (respetivamente 66% e 64%).

S. A.: A desilusão com o que aconteceu é enorme. Isto quer dizer que as elites não fizeram o seu trabalho.

N. I.: Neste livro, um dos teus heróis diz: «Ainda não percebemos nada do nosso mundo recente, mas vivemos num mundo novo. Toda uma civilização para o monturo.» Talvez o problema esteja em que nós não tentamos compreender o que aconteceu, mas apenas avaliar se foi bom ou mau? Os teus livros, ao darem voz às pessoas mais variadas, descrevem o nosso tempo.

S. A.: Eu descrevo não a ideia como tal, mas a tragédia metafísica da vida das pessoas, que foi apanhada entre essas mós. Não julgo ninguém. Essa ideia utópica devorou as pessoas melhores e as mais bonitas, que se lançaram na nova vida acreditando que iam fazer a humanidade feliz, que construiriam essa vida corretamente, como devia ser. Ainda encontrei pessoas dessas. Embora nunca, desde há já milhares de anos, se tenha conseguido nada de bom sobre as ruínas, e tenha sido sempre necessário dispor-se a um trabalho lento, demorado.

N. I.: O problema está então na ideia ou na sua aplicação e nos «executores»?

S. A.: Deve-se falar também da responsabilidade da ideia. Estou convencida: não é preciso matar as pessoas, mas lutar contra as ideias. Vivi durante muito tempo na Europa – em parte nenhuma os escritores, as pessoas do teatro, os artistas se encerram nas suas altas esferas ou em jogos glamorosos. Há uma constante discussão sobre aquilo que se passa na sociedade. Em especial na sociedade alemã, que na presente situação é a mais parecida com a nossa. Ali compreenderam claramente que é preciso temer a natureza humana: a fera

colossal foi morta, mas os pequenos monstros que dominam o homem revelaram-se ainda mais horríveis do que esse grande monstro. E nem a literatura, nem os intelectuais têm prática da luta contra esses pequenos monstros humanos.

N. I.: Como avalias esses setenta anos da nossa história – que experiência foi essa? O que é o comunismo, o socialismo? No teu livro falas de « vírus », de « infeção ». Foi uma espécie de « doença » de massas, ou um ideal luminoso, inatingível, ou talvez outra coisa ainda?

S. A.: No momento presente esse é, certamente, um ideal inatingível. A humanidade está a caminho de uma justiça universal, mas algures numa perspetiva distante.

N. I.: A maioria das pessoas « simples » considera tudo o que aconteceu com a União Soviética uma enorme injustiça.

S. A.: Aquilo que aconteceu na Rússia é de facto uma enorme injustiça. Nos últimos tempos percorri dezenas de cidades russas, interroguei centenas de pessoas. Não negam a crueldade de Estaline, nem as repressões, mas dizem que o poder soviético era justo para com as pessoas simples, que uma pessoa que tivesse dinheiro não era tão impudente como os « capitalistas » de hoje, não havia tanta corrupção. Para a geração mais velha, o principal foi a perda do homem bondoso, com uma vida comum, de igualdade, sob a tutela do Estado. Muitas pessoas da minha geração, em especial os intelectuais, continuam a ser excluídas da vida, lançadas na pobreza. Os jovens são mais fortes, muitos conseguiram arranjar-se. Mas isto é nas grandes cidades; na província o problema dos jovens não está resolvido, eles sofrem principalmente com o facto de que na prática o ensino passou a ser pago. Daí o estado de espírito, em especial entre os jovens, de que é preciso começar tudo do princípio.

Se na altura tivéssemos escolhido o caminho da social-democracia, talvez tudo se tivesse passado de maneira diferente. Mas vá-se lá agora adivinhar. Nos anos noventa deu-se um golpe muito forte, pelo qual não esperávamos. A intelectualidade achava: nós sabemos o que queremos, chamámos tempos novos. Queríamos mudanças. Mas as pessoas queriam simplesmente uma vida melhor. A propósito, os meus heróis respondem de modo muito mais interessante a essas questões.

Não estou preparada para julgar como politóloga ou como economista. Queria simplesmente organizar todo esse caos. A sociedade desintegrou-se, atomizou-se, uma grande quantidade de ideias trabalham neste espaço. A minha tarefa era escolher as principais direções das correntes energéticas da vida e dar-

lhes uma forma literária, fazer isso com arte. Queria que cada qual gritasse a sua verdade. Deixei falar toda a gente: os carrascos e as vítimas. Estamos habituados a sentir-nos uma sociedade de vítimas. Mas a mim sempre me interessou porque é que os carrascos estão calados? Porque é que o bem e o mal se igualaram?

N. I.: Achas que a nossa sociedade está assim mesmo polarizada: carrascos e vítimas?

S. A.: A divisão é naturalmente muito mais complexa. Nas «vozes da rua» há agora um tema segundo o qual nós crescemos entre carrascos e vítimas e vimos como tudo se misturava e como isso é perigoso. As mudanças exigiam clareza e uma outra conceção, e inesperadamente isso não existia. Tudo aluiu, tudo estava como que em rudimentos, em esboços, em excelentes sonhos, só que antes sonhavam nas cozinhas e agora sonhavam nas praças. Começaram a agir indivíduos concretos, que se puseram a dividir este imenso país. Dividir, serrar e tirar.

N. I.: Um dos teus heróis diz: «O socialismo morria diante dos nossos olhos. E chegaram esses rapazes de ferro.» Vê lá como se cruzaram de maneira surpreendente as duas imagens: os teus «rapazes de zinco» soviéticos, enviados para o Afeganistão e que ali morreram, e esses «rapazes de ferro» – esses «irmãos» impiedosos dos anos noventa pós-soviéticos – dispostos aos assassinios por encomenda, pelo dinheiro... Faça-te a pergunta do teu próprio livro: «Pois será já preciso falar do socialismo? A quem? Todos ainda são testemunhas.»

S. A.: Uns viveram nesse país a maior parte das suas vidas, outros ouviram na infância e recordam, aprenderam com as pessoas que viveram no socialismo. O socialismo está ainda em todos nós, por toda a parte, tudo está ainda saturado dele.

N. I.: Segundo os inquéritos, uma grande parte da juventude, incluindo os que nasceram depois da URSS, lamentam o seu desmoronamento. Receio enganar-me, mas lembro-me de que Marieta Tchudakova formulou isso com muito rigor: será assim enquanto não morrerem as avós russas que contam a sua vida aos netos.

S. A.: Eu não seria tão brutal para com as avós, elas não estão assim tão erradas. Muitas lamentam aquilo que perderam. A dignidade, antes de mais nada. Essa dignidade da pessoa simples. Não acho que se deva restabelecer tudo tal como era, mas o aspeto daquilo que resultou não me agrada a mim, tal como não agrada a muitos dos meus heróis. Os sonhos não se cumpriram.

N. I.: E qual era o teu objetivo ao conceberes um ciclo de livros sobre a Utopia? Como escolhias os pontos dolorosos, controversos? E em geral como se

elaboraram esse género e essa construção interior – confissões monológicas, que sobressaíam de uma polifonia unânime e cobriam o coro?

S. A.: Escrevi esta enciclopédia «vermelha» durante mais de trinta anos. Tudo começou num encontro com Aless Adámovitch. Procurei o meu género durante muito tempo – para escrever da mesma maneira que o meu ouvido ouve. E quando li o livro *Sou de Uma Aldeia de Fogo*, compreendi que isso era possível. Sempre me atormentou que a verdade não caiba num coração, numa mente. Que ela fosse como que fragmentada, que fosse muitas verdades e estivesse dispersa pelo mundo. Como juntar isso? E de repente vi que isso era possível de juntar. Assim nasceu o livro *A Guerra não Tem Cara de Mulher*. Mas a guerra, por qualquer razão, está sempre no centro da nossa vida. Nesse tempo, nos anos oitenta, não publicaram o livro – havia um tabu: só se podia elogiar essas pessoas, desde o generalíssimo até aos soldados rasos, e as suas ações; caso contrário, eram só eufemismos. E a literatura de guerra, tu sabes isso tão bem como eu, perfurava pouco a pouco esse muro, tentando contar a guerra com outra linguagem. Mas bem vêes como as coisas são: conseguimos algo, mas os mesmos estereótipos e medos continuam ainda hoje, e não apenas entre os políticos, lá nas altas esferas. Todas essas acusações mútuas de deturpação da verdade sobre a guerra surgem porque a sociedade receia a verdade sobre si mesma, receia o trabalho interior. Se tivéssemos um futuro consciente, se soubéssemos com exatidão aquilo que queremos, se realmente construíssemos uma nova sociedade, avançaríamos para o mundo descoberto, não teríamos tanto medo do nosso passado.

N. I.: Mas há alguém à nossa espera nesse mundo descoberto? Dá a sensação de que pelo menos a Europa começa a «capsular».

S. A.: Ninguém está à nossa espera em parte nenhuma. Mas existe algum espaço intelectual e político, uma lógica de desenvolvimento, uma orientação comum, fora o mundo islâmico, sobre o qual é complexo dizer alguma coisa, e nós devíamos seguir para aí, dirigir para aí o nosso potencial, as nossas possibilidades. Novas pessoas estão a crescer, viajam e veem o mundo, falam muitas línguas, são mais abertas, mais móveis, poderiam construir esse novo tempo. Mas ninguém os reclama. Os ascensores sociais não funcionam. E o que significam dez ou quinze anos na vida de uma pessoa intelectual, quando está inativa, não é solicitada, está paralisada na sua principal especialidade... Ao chegar a Minsk ao fim de dez anos, fiquei espantada com a quantidade de amigos que tinham morrido. Eles morreram porque lhes roubaram o tempo. Congelaram-nos no passado. A princípio roubaram-lhes o Tempo em geral, e

depois o seu tempo pessoal.

N. I.: Lembras-te de que uma velhota qualquer te disse: « O socialismo acabou, mas nós ficámos.» E além disso, os que não são solicitados são aqueles que estavam habituados a ter alguma importância na sociedade.

S. A.: É claro. Isso alimentava a energia. Mas assim as pessoas aprofundavam-se simplesmente no vazio. A segunda parte do meu livro chama-se precisamente « O Encanto do Vazio ». Procuraram fazer-nos crer que o principal nesta vida era a posse e o *glamour*. Mas, graças a Deus, muitos depressa compreenderam que isso era uma coisa oca, um vazio, que atrás disso não há nada.

N. I.: E o vazio tem de se encher com alguma coisa.

S. A.: Todos gritam que é preciso uma ideia nacional, mas só se lembram de velharias. Surgiram novas possibilidades para o indivíduo particular. Um dos meus heróis confessa: quando caiu a Cortina de Ferro, pensámos que toda a gente começaria a ler Soljenitsin, mas as pessoas correram a comer toda a espécie de coisas que nunca tinham provado, a viajar para os lugares que só podiam ver na televisão...

N. I.: Pelo país fora, encontras certamente nos comboios algumas pessoas que não desanimam, ativas, bem-sucedidas, com uma atitude positiva, que em todo o caso são bastante numerosas na geração intermédia e na jovem geração. Não pensaste em incluir essas histórias no livro?

S. A.: Acabaria por ser jornalismo puro, « o exemplo positivo ». Neste livro percorri o mais doloroso e mostrei o que está por detrás de tudo isso.

N. I.: Disseste mais de uma vez que nós somos pessoas da desgraça e do sofrimento. Talvez enquanto pensarmos assim de nós próprios nada mude?

S. A.: Não sei o que vai acontecer. Mas que somos pessoas da desgraça e do sofrimento é a cultura russa profunda e antiga. Vai pelo campo e fala em qualquer cabana. De que é que te falarão? Só da desgraça.

Tudo depende da orientação que se dá às pessoas. A nossa orientação é no sentido de que devemos ou sacrificar-nos em nome de alguma coisa, como no passado recente, ou, como agora, viver um dia, sobreviver como se puder. Mas a orientação deve ser, no meu entender, humana: para a compreensão do motivo por que percorremos esse caminho... Isto é muito mais complexo do que a carga negativa e positiva. Não temos uma cultura de felicidade, de uma vida alegre. Uma cultura do amor. O próximo livro que vou escrever será sobre o amor: contos do amor de centenas de pessoas. Não consigo encontrar nos escritores russos contos sobre o amor feliz, tudo termina ou com a morte, ou em nada, só muito raramente pelo casamento. Nós não tivemos essa vida, de onde havia de

vir essa literatura, esse cinema? O sofrimento, a luta e a guerra – tal é a experiência da nossa vida e da nossa arte.

Não tenho respostas fáceis para as tuas perguntas. Eu mesma fiquei paralisada perante essa multiplicidade, essa polifonia da vida, tenho a sensação de que nós não dirigimos essa torrente – para onde nos leva ela? A sensação de que – isto em Averintsev está muito bem – construímos as pontes sobre os rios da ignorância, mas elas mudaram o leito dos rios. O futuro tornou-se absolutamente imprevisível, como nós dissemos numa das nossas últimas entrevistas. Nós estamos aqui a ferver sobre os nossos problemas, mas a humanidade, o mundo mudou tanto que, em minha opinião, estamos todos completamente pasmados perante esta multiplicidade da vida que de repente se nos revelou.

Achei que a minha tarefa era fazer perguntas.

N. I.: Este livro torna evidente que hoje as pessoas já falam de outra maneira, e em grande parte de outras coisas, do que há trinta ou mesmo vinte anos.

S. A.: Falam com mais franqueza dos seus sentimentos, da sua atitude perante o mundo, abarcam os acontecimentos com muito maior amplitude. Desapareceu o cânone segundo o qual era costume relatar. Quando escrevi *A Guerra não Tem Cara de Mulher*, era o cânone da guerra. Mas já com o livro sobre Chernobil a situação era inteiramente nova, não havia cânone, e a pessoa era forçada a decidir por si mesma o quê e como havia de contar. Assim é também agora, no trabalho sobre o livro *O Fim do Homem Soviético*.

N. I.: A propósito, de onde, porquê esse título sobre o tempo⁵²?

S. A.: Porque todas as ideias, as palavras, tudo é em segunda mão, como que do passado, usado. Ninguém sabe como devia ser, mas ajudam-nos, e todos usufruem daquilo que souberam em tempos, que foi vivido por alguém, uma experiência anterior. Por enquanto, infelizmente, o tempo é em segunda mão. Mas começamos a recuperar os sentidos e a sentir-nos no mundo. Ninguém quer viver para sempre nas ruínas, queremos construir alguma coisa com esses fragmentos.

N. I.: A questão é: construir o quê, e porquê precisamente isso? Eu não achava que essa sensação de que dez pessoas dizem mal desse infeliz salame, símbolo do bem-estar capitalista, pelo qual renunciaram às ideias, e, em consequência, ao país. A imagem é poderosa – antes de mais por força da simplicidade das pretensões.

S. A.: Neste país houve outra experiência. Em tempos, Chalámov dizia que a experiência do campo de trabalhos só é necessária no campo de trabalhos. Nós acabámos por ficar precisamente numa situação como essa.

N. I.: Muitas gerações apoiaram-se na literatura, nos clássicos russos. Agora essa experiência também deixa de funcionar, desaparece, a leitura deixa de ser o principal parâmetro do nível cultural de uma pessoa – e esta é uma mudança qualitativa. Em tua opinião, pode-se considerar culta uma pessoa que não lê?

S. A.: Uma pessoa do nosso círculo responderá que é impossível. Mas o conteúdo do conceito de alta cultura também pode ser muito diferente. Uma vez testemunhei esta cena: o anfitrião, um moscovita, homem muito conhecido que se dedicava ao estudo do cosmos, alma da companhia durante todo o serão, despejava exemplos da literatura clássica russa, recitava versos de cor, e um dos convidados, um seu colega ocidental, aproximou-se dele e perguntou: «Aprendeu de propósito os versos de memória?» Era também um cientista mundialmente conhecido. Isto foi o que mais espantou no Ocidente – não é obrigatório o diapasão das humanidades. Há acuidade profissional, mas não há amplitude.

N. I.: Talvez a culpa seja dos próprios escritores, que nos anos noventa deixaram de falar dos problemas que preocupam as pessoas? Tu leste ultimamente alguma coisa de que dirias: «Ah! Isto não se pode perder!»?

S.A.: Li muitas coisas de Olga Sedákova. Em tempos tão sombrios como este, necessitamos muito de pregadores, e a presença dela na sociedade contemporânea é para mim como um farol.

N. I.: Falas de tempo sombrio. Nos anos oitenta, durante a *perestroika*, Likhatchov profetizou: o século vinte trouxe uma horrível experiência de totalitarismo e uma experiência de vanguarda nos conhecimentos científicos, mas o novo século será um século de cultura.

S. A.: Penso que no nosso país não será assim, como no século vinte não conseguimos viver pelas leis do século dezanove. Será outra coisa qualquer.

N. I.: A síntese de literatura documental e literatura de ficção que tu em tempos descobriste para ti tornou-se hoje literalmente numa tendência. Floresce o género do romance documental, surgem livros autobiográficos sob nomes falsos, ou, pelo contrário, uma pessoa escreve sob o seu próprio nome e como se fossem memórias, mas isso é apenas uma «máscara», uma imitação, e podem encontrar-se ali pessoas reais e personagens inventadas, ou personagens literárias que discutem a história de pessoas realmente existentes...

S. A.: Isso são tentativas de abordagem da realidade.

N. I.: Sem dúvida. E numa situação em que a pessoa confia no documento e no facto, e não na sua interpretação.

S. A.: No documento e no facto havia muito mais segredos e surpresas do que

nós pensávamos. Achávamos que o documento era uma coisa simples, linear, nua, mas ele também é iluminado pelo tempo, pelo indivíduo. Hoje são muito mais amplas as fronteiras da relação com o documento. Dantes arrumavam-nos constantemente: nisto não se pode tocar, não entres ali... Uma coisa sempre me surpreendeu: porque é que não se pode escrever sobre aquilo que é pessoal, recôndito, dos meus heróis?... É preciso simplesmente protegê-los bem.

N. I.: Svetlana, em que é que se distinguia a recepção dos teus livros no nosso país e no Ocidente?

S. A.: Já se publicaram cento e vinte e cinco edições dos meus livros em várias línguas. O interesse por este país, por esta ideia, é imenso, e, pelos vistos, eu consegui encontrar a forma que melhor permite relatá-los, revelá-los. A questão não está em que isto seja, como já alguém disse, uma coleção de horrores: leiam-se os livros acerca do que aconteceu no Ruanda; no mercado ocidental existem muitos livros sobre tais horrores da vida contemporânea, que os meus, comparados, são contos infantis. Há ainda outra razão para que os meus livros tenham sido bem acolhidos imediatamente. Por exemplo, *Os Rapazes de Zinco*, em França – através do meu livro sobre o Afeganistão começaram a falar da Guerra da Argélia. *A Oração de Chernobil* teve em França uma tiragem de trezentos ou quatrocentos mil exemplares, deu origem a dezenas de espetáculos. Isto está relacionado não apenas com o facto de haver no território deles muitas centrais atómicas – há qualquer coisa na nossa conceção do mundo, na nossa maneira de entender o amor, do sacrifício por amor em circunstâncias extremas, que eles sentiram como próximo e compreenderam.

N. I.: E no Japão, depois de Fukushima?

S. A.: Depois de Fukushima reeditaram *A Oração de Chernobil*. Na ilha de Hokkaido há uma central atómica, chamada «Tamara». Lembro-me de que cheguei lá quando o livro saiu pela primeira vez, olhei pela janela – achei-a tão bonita como uma qualquer construção extraterrestre, cósmica. E no encontro com os leitores, os trabalhadores dessa central estavam absolutamente convencidos de que uma avaria assim só podia acontecer aos russos desorganizados, mas que para eles tal coisa era completamente impossível, tinham tudo controlado. E eis que de repente um tremor de terra apenas um grau mais forte do que o previsto para a segurança antissísmica, e pronto, de todo esse progresso só ficou lixo... Depois do Onze de Setembro, os americanos começaram a ler mais *A Oração de Chernobil* e *Os Rapazes de Zinco*. Cada vez mais somos levados a pensar que não temos poder sobre este mundo, ao contrário do que nos parecia, que existem outras leis, outras forças...

N. I.: E porque é que não concluíste afinal o livro sobre o amor, no qual trabalhaste tantos anos? Acho que sem esse livro este ciclo do homem soviético está incompleto. Porque isto foi num tempo de tantos arrebatamentos românticos, de amor radioso...

S. A.: Não, este ciclo está concluído por hoje. É composto por cinco livros: *A Guerra não Tem Cara de Mulher*, *As Últimas Testemunhas*, *Os Rapazes de Zinco*, *A Oração de Chernobil* e *O Fim do Homem Soviético*. Um ciclo «vermelho». E pronto. E os livros sobre o amor, sobre a velhice e a morte serão livros completamente diferentes. Serão escritos por outra pessoa, um pouco diferente.

N. I.: Que pessoa?

S. A.: Por enquanto não sei. Mas outra. Uma pessoa que agora se maravilha mais com a vida do que antes. Dantes interessavam-me mais as ideias gerais e os elementos não controlados pelo homem: a guerra, Chernobil. Hoje interessa-me antes de mais aquilo que acontece no espaço da alma solitária de uma pessoa. Acho que o mundo se desloca para aí.

52 O título original, traduzido à letra, é «Um Tempo em Segunda Mão». (*N. do T*)